

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

NATHALIA TEIXEIRA LARREA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DO ESTADO DE
MATO GROSSO DO SUL:
Três caricaturas e muitas histórias

Campo Grande - MS

2016

NATHALIA TEIXEIRA LARREA

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DO ESTADO DE
MATO GROSSO DO SUL:**

Três caricaturas e muitas histórias

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Mestrado em Educação
Matemática da Universidade Federal do
Mato Grosso do Sul, como requisito parcial
para a obtenção título de Mestre em
Educação Matemática.**

Orientador(a): Luzia Aparecida de Souza

Campo Grande - MS

2016

NATHALIA TEIXEIRA LARREA

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DO ESTADO DE
MATO GROSSO DO SUL:**

Três caricaturas e muitas histórias

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Guedes Cury
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dra. Luzia Aparecida de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, 22 de fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela minha vida e por todas as conquistas adquiridas.

A minha querida orientadora, Luzia Aparecida de Souza, mais uma vez, por todo o conhecimento adquirido no decorrer da pesquisa, pela persistência, confiança, apoio, paciência e amizade de todos esses anos. Por acreditar em mim e no meu trabalho. Por ser um exemplo de pessoa que terei em minha vida.

A banca examinadora, Professor Dr. Thiago Pedro Pinto e Professor Dr. Fernando Guedes Cury, pelas valiosas contribuições e orientações.

Aos membros do grupo de pesquisa HEMEP: Carla, Thiago, Viviane, Marcos, Carlos, Ana Carolina, Natalia, Ana Maria, Ana Cláudia, Renata e Maycon, pelas contribuições e apoio.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática por toda aprendizagem adquirida.

Aos meus amigos do Mestrado: Natalia, Cristiane, Nickson e Luana por todos os momentos de estudos, alegria e conversas vivenciados durante o Mestrado que guardarei como uma linda lembrança.

E em especial, aos meus pais, Pedro e Conceição, por tudo que fizeram por mim e pelo que sou hoje.

Ao Bruno pelo amor, amizade, incentivo e por tudo que conquistamos juntos.

A CAPES pelo apoio financeiro.

Obrigada a todos!

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia... E, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (Fernando Teixeira de Andrade)

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender o processo de criação e atuação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática do estado de Mato Grosso do Sul (SBEM-MS), em seus movimentos de (des)articulação com a formação/prática de professores de Matemática. Para isso, o posicionamento historiográfico adotado refere-se ao estudo do homem no tempo vivendo em comunidade e entende-se por História o diálogo entre o passado e o presente em que o historiador, estando no presente, faz questionamentos para a construção de um passado. Esta pesquisa é de caráter qualitativo e tem como metodologia a História Oral que objetiva a construção intencional de fontes historiográficas mediante situações de entrevista. Para constituir o cenário de criação e atuação dessa sociedade, essa investigação se baseou em relatos de pessoas que vivenciaram esse processo, juntamente com fontes documentais escritas disponíveis em acervos pessoais e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. As análises realizadas resultaram do movimento desta pesquisadora em observar as diferentes histórias sobre a constituição da SBEM-MS, a partir dos registros escritos e orais mobilizados na pesquisa, dando forma a três histórias singulares desta sociedade elaboradas com inspiração na ideia de caricaturas: uma SBEM-MS ativa e organizada que evidencia as diversas ações e parcerias da Sociedade ao longo de todos esses anos, uma SBEM-MS estruturada a partir do seu valor e de práticas simbólicas evidenciando uma Sociedade sustentada pela força contida em seu nome, mas que, efetivamente, não promovia diversas e contínuas ações e uma SBEM-MS possível que tenta mostrar pontos de avanços, parada e, muitas vezes, retrocessos devido a questões políticas ou burocráticas envolvendo a Sociedade. Com esses três exercícios aliados às outras narrativas disponibilizadas no trabalho, essa pesquisa cumpre um compromisso de discutir a importância da multiplicidade de histórias existentes sobre determinada nomenclatura à medida que evidencia a cada um desses exercícios os perigos de uma única história. Este estudo pretende contribuir para a compreensão de como a SBEM-MS vem sendo pensada/efetivada no estado e de como esta tem mobilizado discussões em torno da formação de professores e contribuído para a articulação de uma comunidade de educadores matemáticos no estado.

Palavras-chave: Formação de Professores de Matemática. História da Educação Matemática. História Oral. SBEM-MS.

ABSTRACT

This research aims to understand the process of creation and performance of the Brazilian Society of Mathematics Education in Mato Grosso do Sul State (SBEM-MS) in their movements of (dis)connection with the Mathematics teachers' formation/ practice. For this, the historiographical position adopted refers to the study of man in time living in a community and the term History dialogues between the past and the present in which the historian, being in the present, makes inquiries to the construction of a past. This research is qualitative in nature and it has used the Oral History methodology that aims the intentional construction of historiographical sources by interviewing situations. To build the scene of creation and performance of this society, this research will be based on reports from people who have experienced this process, along with written documentary sources available in personal collections and the Graduate Program in Mathematics Education. The analyzes resulted from the movement of this researcher to observe the different stories about the creation of SBEM-MS, from the written and oral records mobilized in research, forming three unique stories of this society created with inspiration on the idea of caricatures: A SBEM-MS active and organized that shows the diverse actions and partnership of this society through these years, a structured SBEM-MS, from its value and symbolic practices showing a sustained society by force contained in his name, but that, indeed, it has not carried out diverse and continuous actions and a possible SBEM-MS that tries to show points of advances, stop and often setback due to political or bureaucratic matters involving the Company. With these three exercises coupled with the other narratives available in this work, this research fulfills a commitment to discuss the importance of multiplicity of stories about specific nomenclature to the extent that the evidence each such year the danger of a single story. This study aims to contribute to the understanding of how the issue of teachers' formation is being handled by that society and how the relationship of a community of mathematics educators in the state is.

Key-words: Mathematics Teacher Education. History of Mathematics Education. Oral History. SBEM-MS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Professores Eronídes (à esquerda), Luiz Carlos (à direita em cima) e José Luiz direita embaixo) em preparação para os minicursos.	21
Figura 2 - Carta aos sócios convidando para a Jornada de Matemática	60
Figura 3 - Convite aos sócios para a Reativação da SBEM-MS	62
Figura 4 - Esboço do Boletim Informativo da SBEM-MS	64
Figura 5 - Auxílio aos participantes do encontro estadual	71
Figura 6 - Boletim Informativo sobre o II EREM	72
Figura 7 - Ofício encaminhado aos sócios para a colaboração com o Regimento Interno	74
Figura 8 - Parcerias realizadas com outras instituições	75
Figura 9 - Luiz Carlos (à esquerda), José Luiz (no meio) e Eronídes Bíscola (à direita)	80
Figura 10 - Ângela Cecília Quarentei Gardiman.....	122
Figura 11 - Iraci Cazzolato Arnaldi	138
Figura 12- Ivonete Melo de Carvalho.....	153
Figura 13 - Marilena Bittar	173
Figura 14 - Irio Valdir Kichow	189
Figura 15 – João Ricardo Viola dos Santos.....	205

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Professores entrevistados na pesquisa.....	39
Quadro 2 - Composição das diretorias da SBEM-MS eleitas ao longo do tempo.....	51
Quadro 3 - Ofícios	73
Quadro 4 - Relatórios dos Fóruns de Licenciatura em Matemática	76
Quadro 5 – Membros que participam e/ou participaram da SBEM-MS	232
Quadro 6 – Professores que participam e/ou participaram da SBEM-MS	242
Quadro 7 - Professores que participam e/ou participaram da SBEM-MS.....	251

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A CRIAÇÃO DA SBEM NACIONAL E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS REGIONAIS	16
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	25
3.1 Historiografia e Narrativa.....	25
3.2 História Oral: teorização, procedimentos e o caminhar metodológico	34
4 DOCUMENTOS ESCRITOS E LEITURAS.....	49
4.1 Sociedade Brasileira de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul	49
5 NARRATIVAS	80
5.1 O ensino de Matemática em Mato Grosso do Sul, ou o desbravar da Educação Matemática em Mato Grosso do Sul, ou a criação e desenvolvimento da SBEM-MS.....	80
5.2 A Ângela da SBEM-MS e a SBEM-MS da Ângela.....	122
5.3 O ensino da Matemática e a instauração de uma sociedade participativa na Educação Matemática.....	138
5.4 Uma perspectiva geral sobre a SBEM-MS.....	153
5.5 Funções e disfunções da SBEM-MS	173
5.6 SBEM-MS: ações para um (re)começar.....	189
5.7 Uma SBEM-MS na perspectiva de continuidade: o feito e o por fazer	205
6 ANÁLISES	228
6.1 Caricatura 1 - SBEM-MS: Retratos de uma Sociedade atuante no estado.....	230
6.2 Caricatura 2 - O (não) poder simbólico da SBEM-MS	239
6.3 Caricatura 3 - Do que é possível ser/fazer: uma SBEM-MS.....	249
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	257
REFERÊNCIAS	262
APÊNDICES	266
APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA INDIVIDUAL	266
APÊNDICE B: ROTEIRO DA ENTREVISTA EM GRUPO	269
APÊNDICE C: MAPEAMENTO DOS DOCUMENTOS SOBRE A SBEM NACIONAL E SBEM-MS.....	271

APÊNDICE D: CARTA DE CESSÃO	296
APÊNDICE E: TEXTUALIZAÇÃO EM GRUPO – 1ª PARTE.....	305
APÊNDICE F: TEXTUALIZAÇÃO EM GRUPO – 2ª PARTE	355

1 INTRODUÇÃO

O interesse em trabalhar na área de formação de professores emerge num contexto de participação no projeto de extensão, durante a graduação, intitulado “Parcerias em torno da formação e atuação do professor de Matemática”, sob coordenação da Professora Dra. Luzia Aparecida de Souza, no ano de 2011, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Esse projeto oferecia oficinas ministradas por doutores, mestres e mestrandos na área de Educação Matemática, propiciando um espaço para os professores da Educação Básica discutirem e compartilharem seus conhecimentos e suas dúvidas com relação à disciplina de Matemática e aprenderem novas metodologias para o ensino e aprendizagem dos alunos.

No último ano da graduação, tive o primeiro contato com a produção de uma pesquisa científica, a monografia, na qual tentei vincular essa primeira experiência com os professores pela qual havia me interessado. Nessa pesquisa busquei compreender algumas articulações que os professores supervisores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Matemática Presencial da UFMS mostram com relação às discussões feitas nesse projeto, do qual participei. Para ter um embasamento maior na área que estava pesquisando, comecei a participar das reuniões do grupo IC-HEMEP (Grupo de Iniciação Científica História da Educação Matemática em Pesquisa), que é vinculado ao HEMEP e que tem por objetivo constituir um cenário da formação de professores que ensinam Matemática do estado de Mato Grosso do Sul.

Ao conhecer o projeto mais amplo desse grupo, qual seja investigar a formação de professores e as práticas de Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul, me coloquei em aproximação com a ideia de investigar o processo de estruturação e atuação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM nesse estado.

A ideia de criação da referida sociedade aconteceu em 1987, durante o I Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) e efetivou-se em 1988, na segunda edição deste evento. Sabemos que as pesquisas na área da Educação Matemática já eram desenvolvidas antes da criação da SBEM-MS e o principal intuito, na época, para essa formalização/institucionalização foi fortificar esse pequeno grupo de pesquisadores e professores e criar um espaço para as discussões que permeavam o ensino da Matemática.

Em Mato Grosso do Sul, alguns professores do antigo Departamento¹ de Matemática da UFMS começam a questionar o ensino e a aprendizagem Matemática trabalhando com formação de professores no interior do estado e buscam na Educação Matemática fundamentos para os obstáculos enfrentados na sala de aula. Essa preocupação por parte desses professores bem como suas experiências ao longo da docência, subsidiaram a criação de um grupo interessado na constituição desse espaço de discussões no estado.

Considerando a SBEM e a articulação de sua proposta inicial com a busca por um diálogo constante com professores de Matemática do país e considerando, mais especificamente, sua relevância em uma região com ainda poucos educadores matemáticos cujo trabalho necessitava de uma maior articulação e projeção, o objetivo dessa pesquisa é compreender o processo de criação e atuação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul (SBEM-MS) em seus movimentos de (des)articulação com a formação/prática de professores de Matemática. Para isso, buscamos atingir três objetivos específicos, quais sejam:

- Compreender as condições que visaram à constituição de uma Sociedade Brasileira em Educação Matemática e a necessidade de formação de diretorias regionais;
- Compreender o processo da formação da SBEM no estado de Mato Grosso do Sul e suas atividades desenvolvidas;
- Analisar as propostas e as atividades desenvolvidas na SBEM-MS em suas possíveis articulações com a formação e a atuação de professores de Matemática do estado.

A análise do movimento de constituição e de atuação da SBEM-MS em sua relação com o possível diálogo com uma perspectiva de formação de professores de Matemática busca articular distintos, mas próximos, interesses: o dessa autora em continuar a investigar as ações formativas de professores de Matemática, o do grupo HEMEP em mapear movimentos de formação de professores que ensinam Matemática em Mato Grosso do Sul e o de ambos em compreender as ações da SBEM-MS tão pouco representadas nos estudos de caráter nacional.

A escassez de pesquisas sobre o tema abordado, tanto regionalmente como nacionalmente, nos revela a pouca importância que essa sociedade tem frente à sua proposta de

¹¹ Atual Instituto de Matemática.

desenvolvimento na área da Educação Matemática bem como no incentivo de outras pesquisas que circundam esse espaço. Nessa perspectiva, essa pesquisa poderá permitir uma compreensão sobre a representatividade e organização de educadores matemáticos no estado e sobre como a questão de formação de professores acaba sendo central ou marginal, dependendo das urgências da sociedade naquele momento e de compreender como esse grupo de educadores matemáticos se articula dentro do estado.

No segundo capítulo desta pesquisa buscou-se construir um cenário da formação da SBEM nacionalmente, evidenciando algumas angústias dos professores que buscavam um lugar para discutir e conhecer as pesquisas que estavam sendo realizadas na época e os principais objetivos que a sociedade buscava atingir e as mudanças destas, ocorridas com o passar do tempo. Desse cenário mais geral, focamos o olhar para Mato Grosso do Sul e estabelecemos um ponto inicial para a nossa pesquisa ao discorrer sobre o início das atividades na área da Educação Matemática, com os cursos de formação continuada no interior do estado. Entrelaçado a isso, articulamos essa pesquisa com algumas outras que se aproximam do tema abordado retratando a SBEM Nacional e outras regionais.

No terceiro capítulo discorreremos sobre os pressupostos teóricos e metodológicos adotados nesta investigação. Apresentamos nossos entendimentos sobre Historiografia e Narrativa para fundamentar nosso trabalho juntamente com uma argumentação sobre nossas escolhas e procedimentos, apresentando as possibilidades e limitações de cada caminho escolhido. Mobilizamos a História Oral para a criação intencional de fontes historiográficas mediante situações de entrevistas que serão tomadas como versões históricas sobre a constituição da SBEM-MS.

O quarto capítulo nos traz a composição de uma SBEM-MS observada por meio dos documentos encontrados no Programa da Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da UFMS e de outros disponibilizados por participantes da Sociedade em diferentes períodos. Com uma análise mais descritiva, caracterizamos alguns documentos como as atas de algumas reuniões, relatórios de eventos, correspondências, documentos diversos sobre os encontros regionais, entre outros.

O quinto capítulo é composto pelas narrativas dos professores que participaram da SBEM-MS e que se mobilizaram a fim de estruturar e desenvolver a Educação Matemática no estado.

O sexto capítulo, por sua vez, nos traz algumas percepções sobre os registros escritos e os orais que compuseram essa pesquisa e o movimento investigativo realizado por esta autora que nos levou ao delinear de uma estruturação de análise. Trata-se da constituição de três histórias singulares sobre a SBEM-MS que emergiram do olhar desta pesquisadora: uma primeira SBEM-MS ativa e compromissada com o desenvolvimento da Educação Matemática no Estado; uma segunda SBEM-MS vista como meramente simbólica em que suas força e representatividade encontram-se apenas no nome dessa entidade e de quem a representa; e uma terceira SBEM-MS organizada e constituída com aquilo que era/é possível de ser realizado com as condições reais que ela possui. Ao compará-los, os textos ora se aproximam ora se distanciam, desconstruindo uma imagem pré-estabelecida da SBEM. Nesta pesquisa, o termo desconstruir assume a perspectiva não de destruir e sim de evidenciar os processos de constituição que estão implícitos, seria um “desmontar” de discurso com o intuito de compreender seu processo de montagem evidenciando linhas de força presente nas narrativas (Cf. COSTA, 2002, p.140). Esses textos analíticos foram elaborados sob a perspectiva de caricaturar as principais características da Sociedade, evidenciando e, por vezes, exagerando, suas principais atribuições e realizações ao longo do tempo.

Nas “Considerações Finais” explicitamos algumas compreensões sobre como o processo investigativo de constituição da SBEM-MS, por meio da ideia de construção de múltiplas histórias, mostrou-se fundamental para interligar teoria e prática e para a formação desta pesquisadora.

2 A CRIAÇÃO DA SBEM NACIONAL E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS REGIONAIS

A nossa história sobre a formação Sociedade Brasileira de Educação Matemática nos levou a novembro de 1985 quando aconteceu, em Guadalajara no México, a VI Conferência Interamericana de Educação Matemática (CIAEM²). Esse evento contou com a participação de cerca de 180 pessoas, de 24 países, em que se percebeu a representatividade da Educação Matemática Brasileira com onze participantes no evento.

Nessa conferência emergiu a necessidade de se conhecer o que se estava produzindo com relação a essa área, pois muitos desses pesquisadores brasileiros não se conheciam (PEREIRA, 2005; MUNIZ, 2013). Assim, Ubiratan D’Ambrósio³ teve a ideia de marcar um jantar para que pudesse conhecer mais dos seus colegas pesquisadores brasileiros e discutir as pesquisas que estavam sendo realizadas, sendo proposta e aceita a criação de uma Sociedade Brasileira da Educação Matemática. O comprometimento com essa criação foi firmado em carta assinada pelos presentes. Pereira (2005) descreveu, em sua tese de Doutorado em Educação Matemática, o movimento democrático de criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, centrado no período compreendido entre 1985 e 1988. Em sua pesquisa, há uma fotocópia da carta de compromisso dos participantes do jantar e nela ficam evidenciados os nomes de Antônio José Lopes (Bigode), Esther Pillar Grossi, Anna Franchi, Vânia Maria Pereira dos Santos, Ubiratan D’Ambrósio, Terezinha Nunes Carraher, Lucília Bechara Sanchez, Eduardo Sebastiani, Circe Silva, Neivaldo (Pará), Luis Carlos Guimarães. Segue abaixo, os dizeres da carta.

Carta de Guadalajara

Nós, abaixo assinados, brasileiros reunidos na 6ª Conferência Interamericana de Educação Matemática, em Guadalajara, Jalisco, México, de 23 a 27 de novembro de 1985, considerando: que o número de brasileiros aqui reunidos e a diversidade de cidades representadas demonstram a existência de uma quantidade significativa de pessoas de diferentes formações acadêmicas ocupadas com a Educação Matemática no Brasil que uma parte importante dos trabalhos aqui apresentados constitui uma

² O CIAEM objetiva fortalecer o sentimento de solidariedade e união entre as pessoas pertencentes dessa região, por meio da participação de tendências distintas de pensamento e promotoras de diversas posições na construção da Educação Matemática.

³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Bandeirante de São Paulo/UNIBAN.

contribuição da comunidade científica e educacional brasileira para a 6ª CIAEM; - que muitos dos brasileiros aqui reunidos encontram-se pela primeira vez para uma discussão e análise conjunta de suas ideias, nos dirigirmos aos colegas brasileiros que se ocupam de Educação Matemática para propor a criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, com o objetivo de estimular e coordenar o intercâmbio de estudos e atividades realizadas no Brasil na área de Educação Matemática.

Motiva-nos a força da experiência aqui vivida caracterizada pela oportunidade de conhecer e refletir sobre muitos trabalhos científicos que se reforçam e se completam no confronto e na discussão.

A efetiva organização da Sociedade Brasileira sobre Educação Matemática poderá se fazer no Encontro Nacional que sugerimos para os dias 8, 9 e 10 de agosto de 1986 em local a ser determinado. (PEREIRA, 2005, p.20-21)

Sendo a carta redigida e assinada por todos os presentes, o próximo passo foi o “recrutamento” de voluntários para a organização de um evento, assim que voltassem ao Brasil. Bigode, que na época ainda estava na graduação, assumiu essa responsabilidade gerando certa desconfiança dos demais, pois estava no início de sua carreira. Contudo, com o retorno ao Brasil, outras prioridades foram se destacando para esses professores e a ideia da criação dessa sociedade acabou sendo deixada de lado.

O encontro com educadores matemáticos nesta conferência no México e o compromisso firmado de constituir um grupo a fim de discutir as ideias que estavam sendo pensadas e desenvolvidas sobre a Educação Matemática, é o primeiro evento - apontado por Muniz (2013), da sondada sociedade.

Neste cenário em que se firmava a estruturação de uma comunidade preocupada em discutir temas relacionados à Educação Matemática, já haviam trabalhos sendo desenvolvidos nesta área por educadores matemáticos brasileiros, mesmo que em um movimento recente e sem uma organização e representação coletivas. Esses trabalhos se apoiavam em grupos autônomos de pesquisas de diversas regiões do país, sendo a base constituinte da SBEM, em que se destacam (MUNIZ, 2013):

- GEEM (Grupo de Estudos do Ensino da Matemática): considerado o primeiro grupo de Educação Matemática do país, que iniciou seus trabalhos em 1961 sob coordenação do Professor Osvaldo Sangiorgi. Este grupo promovia reuniões, produzia livros e oferecia cursos para professores de Matemática para integrá-los às ideias da Matemática Moderna.

- GEEMPA (Grupo de Estudos do Ensino de Matemática de Porto Alegre, atual Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação): criado no ano de 1970, com cerca de 50 professores participantes, tinha como objetivo melhorar o ensino da Matemática. Eram oferecidos boletins informativos, publicações, palestras, cursos de formação continuada, entre outros.
- GEMEG (Grupo de Estudos de Matemática do Estado de Guanabara): criado em 1970 no Rio de Janeiro, sob coordenação do Professor Arago Backx. Devido a alguns problemas financeiros, o grupo não conseguiu desenvolver as atividades que propunham. A partir da experiência do GEMEG, um grupo de 32 professores se reuniu e criou o GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática), em 1976, que visava à melhoria do ensino e aprendizagem da Matemática.
- SAPO (Serviço Ativador de Pedagogia e Orientação): criado nos anos 1970, em Rio Claro, pelo Professor Mario Tourasse Teixeira. O grupo tinha como objetivo coordenar e estimular esforços para uma mudança no ensino, propagando novas ideias e métodos de ensino.
- NEDEM (Núcleo de Estudos e Difusão do Ensino da Matemática): fundado em 1962, em Curitiba, pelo Professor Osny Antônio Dacól. Tinha como seus objetivos divulgar o Movimento da Matemática Moderna, preparando os professores para essa nova forma de ensino da Matemática no Brasil atuando, primeiramente, no curso ginasial e, depois, no curso primário.

Com a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática na Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Rio Claro, Ubiratan D'Ambrósio realizou em sua residência um encontro com alguns dos onze participantes do CIAEM e outras pessoas que apoiavam a ideia de criação de uma sociedade. Assim, surgiu efetivamente a ideia de estruturação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Outro momento interessante nesse processo foi a formação de um movimento denominado Pró-SBEM, no período de 1985 a 1988, que teve seu início no encontro de Guadalajara, no México, e terminou no II Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), em Maringá, Paraná.

Um ano antes, em 6 de fevereiro de 1987, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi realizado o I Encontro Nacional de Educação Matemática (I ENEM). Nos Anais desse evento, Ubiratan D’Ambrósio relatou que:

A primeira coisa era atrair a comunidade, não podia ser uma Sociedade formada por poucos. Tinha que ser nacional e representativa. E como nós faríamos aquilo? Daí surgiu a ideia de reunir educadores matemáticos de vários lugares em um congresso. E o que seria esse congresso? Seria um congresso brasileiro de Educação Matemática e daí apareceu uma pessoa decisiva, a professora Tânia Campos, da PUC de São Paulo, que ofereceu o espaço para isso. E nós fizemos o que seria “o zero-ésimo” Encontro Nacional de Educação Matemática, em São Paulo, em 1987. A partir daí, deflagrou-se o processo de criação da SBEM. (MUNIZ, 2013, p. 40)

Na plenária final desse encontro foi definida uma Comissão Central, que juntamente com as Comissões Regionais, se organizaram coletivamente para elaborar o Estatuto da SBEM (Sociedade Brasileira de Educação Matemática), tendo o prazo de um ano para sua homologação juntamente com a fundação da sociedade no II ENEM, em Maringá. Essa atividade coletiva marca a propagação organizada do movimento Pró-SBEM.

Devido à dimensão do território brasileiro e à ideia de colaboração entre os participantes desse movimento, cada estado ajudou a elaborar o Estatuto apontando pontos fundamentais para cada região. Desse modo, alguns se voltaram mais para a preocupação com os professores atuantes na Educação Básica e outros aos professores do Ensino Superior. Nesse projeto, foram realizadas cerca de 50 reuniões regionais, em que participaram 1200 pessoas, buscando elaborar conjuntamente e democraticamente o estatuto dessa Sociedade.

O estado de Mato Grosso do Sul participou com a divulgação dos objetivos da SBEM, no Departamento de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e com os professores dos Centros Universitários das cidades de Dourados, Corumbá, Três Lagoas e Aquidauana. Mobilizaram, também, a imprensa estadual para a divulgação da formação da Sociedade.

O II ENEM foi realizado no período de 24 a 29 de janeiro de 1988, na cidade de Maringá, Paraná. O Estatuto da SBEM foi, então, aprovado nesse evento, contando com a participação de cerca de 600 pessoas que se mobilizaram para a elaboração do Estatuto. No dia 27 aconteceu a Assembleia Geral da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), para discutir o Estatuto e para a indicação da Primeira Diretoria Nacional Executiva (DNE).

Na Ata de Fundação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática⁴ consta que:

[...] o Professor Ubiratan D'Ambrósio, manifestou-se em nome da Comissão Internacional de Instrução Matemática (ICMI) e do Comitê Interamericano de Educação Matemática (CIAEM), congratulando-se com a SBEM pelo preenchimento de uma lacuna há muito sentida no cenário nacional. Cumprimentou todo [sic] os que trabalharam desde a VI (Sexta) Conferência Interamericana de Educação Matemática (CIAEM) em Guadalajara - México em novembro de 1.985 (hum mil novecentos e oitenta e cinco) quando se firmou a intenção de fundação da Sociedade. Em seguida se dirigiu particularmente àqueles que dedicaram esforço físico e emocional para que a Sociedade se concretizasse. Parabenizou enfim a Educação Matemática do Brasil confirmando: “Estamos Fundados”. (p.3)

Também encontramos neste documento a presença de três educadores matemáticos do estado de Mato Grosso do Sul: Luiz Carlos Pais, José Luiz Magalhães de Freitas e Eronídes de Jesus Bíscola.

Foi realizado, recentemente, um estudo sobre a SBEM Nacional (MUNIZ, 2013), sendo estruturado a partir de nove entrevistas com os presidentes da SBEM durante os 25 anos desta Sociedade. Esse livro abordou a trajetória de todos os educadores matemáticos que assumiram a frente dessa Sociedade, destacando o interesse na área da Matemática, a formação inicial, os cursos de Pós-Graduação, a abertura do primeiro Mestrado em Educação Matemática no Brasil, as dificuldades de cada gestão e a perspectiva da SBEM para os próximos 25 anos.

A ideia de que a SBEM está ancorada na preocupação com o desenvolvimento de uma Educação Matemática junto aos professores de Matemática está presente nas propostas de trabalho de Nilza Eigenheer Bertoni, Maria Salett Biembengut, Célia Maria Carolino Pires e Cristiano Alberto Muniz. Muniz (2013) destaca que:

A missão de origem da SBEM, que é estar voltada para os professores, ficou muitas vezes em segundo plano durante as primeiras gestões. Nos períodos seguintes à fundação da SBEM houve um fortalecimento da comunidade científica, uma estruturação mais institucional e orgânica da comunidade de pesquisadores e educadores matemáticos, com vistas a um reconhecimento em nível nacional e internacional da própria Educação Matemática como área de conhecimento, para só depois chegar à questão da escola. (MUNIZ, 2013, p. 279).

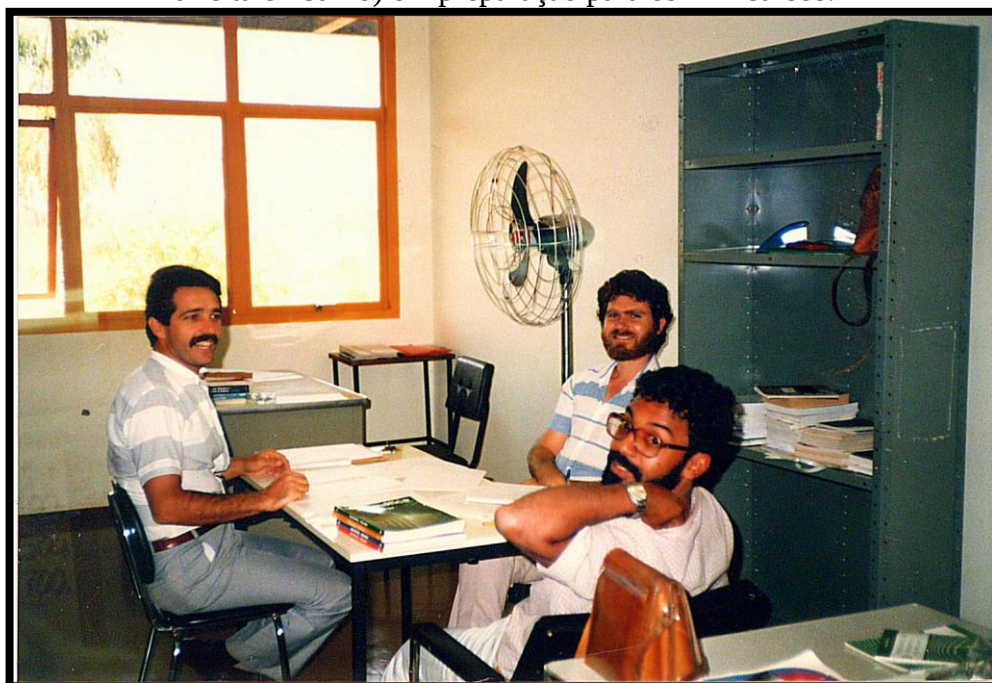
Articulando essas duas pesquisas, pode-se dizer que nesses trabalhos pouco foi falado sobre a participação da SBEM-MS. Na pesquisa de Muniz (2013) constamos que, apesar da

⁴ Disponível em: < <http://www.sbembrasil.org.br/files/atafundacao.pdf> >. Acesso em: 26 de outubro de 2014.

questão da formação de professores não estar presente em todas as propostas de gestão da SBEM, elas aparecem nos discursos dos presidentes de se fazer uma Matemática mais voltada para a sala de aula, integrando os professores nas discussões que estavam sendo realizadas na Educação Matemática.

Voltando nosso olhar para a constituição da SBEM no estado de Mato Grosso do Sul, nos deparamos, inicialmente, com o trabalho com cursos de formação continuada para professores da Educação Básica oferecidos pelos Professores José Luiz Magalhães de Freitas, Luiz Carlos Pais e Eronídes de Jesus Bíscola, do então Departamento de Matemática da UFMS. Essas formações estavam voltadas para conteúdos específicos da Matemática, contudo, percebendo a necessidade desses professores, o foco desses cursos voltou-se para a articulação entre os conteúdos matemáticos de sala de aula e metodologias de ensino. Assim, começa o interesse desses três professores em buscar na Educação Matemática fundamentos para tratar dessa necessidade existente no ensino da Matemática.

Figura 1 - Professores Eronídes (à esquerda), Luiz Carlos (à direita em cima) e José Luiz (à direita embaixo) em preparação para os minicursos.



Fonte: Acervo pessoal do Professor Luiz Carlos Pais.

O trabalho nessa área levou à participação dos Professores José Luiz, Luiz Carlos e Eronídes ao I ENEM, em 1987, realizado na PUC-SP, em que puderam trocar experiências e compreender um pouco mais sobre o trabalho que estavam realizando aqui no estado. Deste modo, Freitas, Pais e Bittar (2008), destacam que:

A importância de participação nesse evento, muito mais do que uma visão produtivista imediata, foi o aprofundamento das convicções subjacentes ao movimento emergente da Educação Matemática e o compromisso de organizar no estado do Mato Grosso do Sul o que poderia vir a ser um núcleo inicial para a futura implantação da sonhada sociedade. (FREITAS; PAIS; BITTAR, 2008, p. 15-16).

Após esse encontro, foi decidido fundar a Regional de Mato Grosso do Sul, tendo como tema de sua primeira reunião, realizada no dia 06 de maio de 1988, a eleição da comissão provisória da Diretoria da Unidade de Federação-MS (DUF-MS) da SBEM, em que o Professor Renato Gomes Nogueira assumiu o cargo de Secretário Geral. Essa comissão eleita objetivou a congregação de profissionais da área de Educação Matemática e afins para fomentar o desenvolvimento desse campo e elaborar o regimento interno da SBEM-MS.

A ideia inicial de fundação desta sociedade era que ela fosse uma federação, composta por Diretorias das Unidades Federativas que seriam fortes suficientes para constituir uma SBEM Nacional (que seria uma entidade meramente simbólica) no sentido de centralizar as discussões em termo de Educação Matemática. Assim, as próprias regionais se organizariam a fim de estruturar uma administração nacional. Contudo essa proposta acabou não se desenvolvendo e a própria Diretoria Nacional foi quem passou a cuidar dos assuntos das Regionais. Neste viés, algumas mudanças foram realizadas em termos de organização e nomenclatura, sendo regularizada em 1998, realizadas a fim de estruturar essa sociedade, tais como:

1) à mudança de denominação do cargo de Secretário Geral para Presidente; 2) à duração do mandato da DNE⁵ de dois para três anos; 3) a ampliação do número de membros da DNE, pela inclusão de um Vice-Presidente e de um 3º Secretário, com vistas a aliviar a sobrecarga de tarefas que recaem sobre aqueles que ocupam os cargos de Presidente e de 1º Secretário; 4) a adoção da designação Diretoria Regional (DR) em substituição a de Diretoria de Unidades da Federação (DUF), passando as SBEMs regionais serem dirigidas por Diretorias Regionais; 5) a

⁵ Diretoria Nacional Executiva.

aprovação da nova repartição da arrecadação das anuidades dos sócios passando de 40% a 50% para a DNE e de 60% para 50% para as DRs. (MUNIZ, 2013, p. 193).

Outra questão apontada foi quanto à reorganização da Sociedade e a reaproximação com as diretorias regionais tendo em vista que elas estavam isoladas por falta de informações sobre seus diretores. Também houve a ativação o Conselho Nacional Deliberativo (CND), em que participavam de sua composição membros das diretorias regionais, tendo as reuniões presenciais e realizadas duas vezes por ano com a participação efetiva nas ações que eram implantadas pela Diretoria Nacional Executiva (DNE) e nas decisões que eram tomadas (MUNIZ, 2013).

Ao realizar uma busca de pesquisas que retratassem de alguma outra SBEM Regional, foram encontradas apenas duas pesquisas, ainda em andamento, no II ENAPHEM (2014), realizado em Bauru - SP, dos estados do Rio Grande do Norte e do Pará, o que mostra a mobilização recente dessa temática

Souza e Gutierre (2014) apresentam uma pesquisa de Iniciação Científica realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo como objetivo investigar o processo de criação da Sociedade Brasileira do Rio Grande do Norte e sua relação com os Encontros Nacionais de Educação Matemática (ENEMs), no período de 1985 a 2003. São mobilizados para as pesquisas documentos escritos como atas, anais de eventos, ementas de criação da SBEM e também narrativas de professores que assumiram a diretoria dessa sociedade regional no ano de 2004.

Chaquiam (2014) descreve a constituição do movimento a favor da consolidação da Educação Matemática no estado do Pará. São relatados os caminhos percorridos para a formação de um grupo de educadores matemáticos a fim de assumir a diretoria regional da SBEM-PA. Foram várias as tentativas de estruturação deste grupo, até que em 2004 efetivou-se a criação dessa sociedade no estado. Juntamente com a história de criação da SBEM-PA foram descritos os Encontros Paraenses de Educação Matemática (EPAEMs) e sua importância em articular em um evento estadual, as pesquisas que estavam sendo realizadas em Educação Matemática nas diferentes instituições de ensino do estado.

Esse cenário de escassas pesquisas sobre a SBEM e mais especificamente sobre a regional de Mato Grosso do Sul, e de diferentes perspectivas de formação no cenário nacional,

nos aponta para a relevância dessa investigação para se pensar na necessidade de criação dessa Sociedade na época bem como suas propostas de ações efetivadas e a (des)articulação com o professor de Matemática.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Esta pesquisa inscreve-se no campo da História da Educação Matemática e buscou compreender a constituição e atuação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul em seus movimentos de (des)articulação com a formação de professores de Matemática.

Neste capítulo, tentamos expor nossas compreensões sobre as teorias e a metodologia que embasam nossa pesquisa, por meio das leituras realizadas individualmente e no grupo de pesquisa (HEMEP), juntamente com o nosso percurso durante a investigação, articulando-os a fim de tornar explícitas nossas escolhas e procedimentos adotados.

3.1 Historiografia e Narrativa

Para Souza e Garnica (2011) existe uma diferenciação entre História e Historiografia. A História está relacionada aos sucessivos acontecimentos ao longo do tempo, ao fluxo da vida e a Historiografia está direcionada ao estudo dos registros e as narrativas produzidas para a compreensão de características desses fluxos. Embora reconheçamos a diferenciação entre esses dois termos, nesta pesquisa, mobilizamos a palavra História no sentido de Historiografia.

A História é concebida por muitas pessoas, pelo senso comum, como sendo a ciência que estuda o passado. Parece óbvia essa definição, considerando nossa experiência escolar com a área que, na maioria das vezes, ao falarmos sobre a História nos remetemos a datas e pessoas que tiveram seus feitos passados marcados no tempo (na história da humanidade), acreditando que só estes são merecedores de tal destaque, e do caráter de ser histórico. Faz parte desse processo de escolarização, inclusive, a educação de um olhar que não problematiza o porquê disso ter sido assim. Durante o mestrado, nos colocamos a exercitar outro olhar e, para tanto, nos ancoramos, inicialmente, na perspectiva de Bloch (2001) que defende o pressuposto de que o foco de estudo da História não é o passado e sim os homens, no plural, no tempo por fazer referência à relatividade e diversidade de acontecimentos vistos/construídos por diferentes olhares ao longo do tempo. Deste modo, entendemos História como sendo o estudo dos homens, no tempo, vivendo em comunidade. Bloch (2001) afirma que a História deve ser tomada como

uma ciência em que há um diálogo entre presente e passado, em que o historiador ao fazer questionamentos sobre um passado, o faz no presente, pois são percepções e provocações do agora que o desestabilizam e o instigam em busca de respostas.

A relação entre passado, presente e futuro modifica-se de acordo com as percepções que são estabelecidas caracterizando o regime de historicidade de determinada época. Baseando-nos no exemplo dado por Garnica, Fernandes e Silva (2011) sobre as escavações dos fósseis encontrados nas antigas cidades romanas Pompéia e Herculano, tentaremos explicitar como entendemos essa relação atualmente. O vulcão Vesúvio entrou em erupção durante a noite, encobrindo toda a cidade de cinzas. Ao estudarem esse acontecimento, arqueólogos tentaram recuperar a cidade, entretanto em meio aos procedimentos padrão de escavação, foram encontrados não mais objetos, mas vazios. Vários desses vazios sumiam sem outros indícios quando se dava continuidade aos procedimentos de escavação, até que foram problematizados e, a partir disso, considerada a necessidade de criação de outros procedimentos para dar forma aos vazios percebidos. O preenchimento com material plástico ou gesso líquido passou a compor a rotina de escavação e tornaram possível a identificação do que hoje são reconhecidas como múmias. Ao relacionarmos esse exemplo com o nosso atual regime de historicidade, temos que o trabalho do historiador passa pela construção de presenças, mas também de ausências cuja problematização pode levar a uma regulação metodológica na direção de buscar por procedimentos que auxiliem na presentificação dessas ausências. Tanto o processo de construção de ausências, quanto de regulação metodológica e de problematização de presenças ou ausências é feito no presente, na direção de um passado a ser criado. A partir desse pressuposto, “o passado é uma ausência, o passado é uma inexistência que nos assombra, o passado é uma criação do presente, ou de outro modo, o passado é o que dele se diz no presente”. (GARNICA; FERNANDES, SILVA, 2011, p. 227).

Nesta perspectiva, não acreditamos na existência de A história verdadeira ou ainda em uma versão mais próxima desta. A partir da singularidade de cada pesquisador, do olhar que o faz reconhecer um registro como fonte e da maneira como este a interroga são construídas versões ou histórias (seguindo certos procedimentos e com rigor científico) sobre um determinado tema. Muitas vezes, essas versões podem não concordar com outras existentes, mas o que se preza nessas construções não são as verdades colocadas em jogo, o que acaba por

trazer sempre uma preocupação com as inverdades, e sim o modo plausível com que os argumentos e as fundamentações foram articulados (SOUZA; GARNICA, 2011).

Albuquerque Júnior (2007), ao tratar a História como arte de inventar o passado, afirma que “[...] o termo invenção remete para uma abordagem do evento histórico que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo da produção histórica” (p. 20). Deste modo, entende-se que a História não pode ser reconstruída ou recriada (partindo do pressuposto que não existe uma história verdadeira) e sim inventada a partir de indícios deixados por outros homens em outros tempos e do olhar singular de cada pesquisador.

A concepção de tempo vem arraigada a essa ciência, sendo peça fundamental para sua compreensão. Segundo Delgado (2003), por mais que o consideramos abstrato na medida que não podemos senti-lo, temos em mente que sua constituição se dá a partir de vivências concretas dos indivíduos. É por meio dele que são trazidas marcas de historicidade dos feitos humanos e construídos olhares diversos sobre os acontecimentos, sendo influenciados por questões do momento em que vivem. Marc Bloch (2001), sobre isso, afirma que as pessoas parecem muito mais com seu tempo do que com seus pais. A temporalidade, na História, passa a ter duas faces contraditórias: é específica e múltipla ao mesmo tempo. É específica se pensarmos nas singularidades das experiências humanas e múltipla ao olharmos as vivências compartilhadas. Ambas colaboram para a construção de uma versão histórica atravessada por vários olhares.

O tempo passa a ser o entrelace de acontecimentos sucessivos que vai constituindo a História. Para Bosi (1992), essa sucessão faz com que esses marcos sejam substituídos por outros e que este último se ausenta com o surgimento de outro e assim por diante. Essa sequência traz a concepção do tempo irreversível na medida que ele não se torna mais alcançável. Não podemos voltar ao passado e reviver aqueles acontecimentos que nos marcaram (segundo Larrosa (2002), as experiências são irre recuperáveis), mas utilizamos um artifício que nos traz essa sensação: nossas lembranças. Os sentimentos despertados dentro do sujeito ao lembrar-se desses momentos, faz com que ele sinta que é possível voltar no tempo tendo a ideia de reversibilidade causada pela produção de um estado de simultaneidade entre passado e presente, possibilitado pela memória. Contudo, essas lembranças não ficam intactas como guardadas em caixas em nossas cabeças, elas transformam-se com o passar do tempo,

agregando novas experiências tanto individuais quanto coletivas correlacionando-as, atribuindo novos significados para os acontecimentos e, assim, novas histórias são contadas. Essas transformações ocorrem, pois já não são mais as mesmas as informações de que dispomos e já não é mais o mesmo aquele que dispõe de informações.

Essa questão traz reflexões sobre os sentimentos e emoções despertadas pelas lembranças, muitas vezes, involuntárias. Agarrando-se a essa tentativa de presentificar o passado, certos momentos nos trazem a saudade que, em um ato desesperado, nos leva a busca por cristalizá-los e imortalizá-los para fugir do esquecimento. Albuquerque Júnior (2006) faz uma articulação entre esse sentimento e sua relação com o tempo e as práticas historiográficas, na medida que a história e a saudade se aproximam na tarefa de tornar presente o que passou.

[...] Saudade e História falam das sombras do tempo que se apoderam das coisas e dos homens e as fazem inexistir, deslocam o foco de luz do presente para buscar, entre as brumas do passado, a silhueta, apagada pelo tempo, de um ser nacional ou pessoal que se desviou de seu caminho, que se perdeu nas trevas dos tempos (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 7).

Registros escritos, imagéticos, orais, enfim, qualquer marca de um vivido pode se tornar um disparador para a memória e iniciar um processo de construção de uma lembrança que é sempre articulada pelas perspectivas do presente. Acreditamos, então, que as fontes não são, sozinhas, um exercício historiográfico, mas participam de um à medida que respondem (quando possível) às questões que lhe são feitas pelo pesquisador.

Nesse sentido, consideramos fontes historiográficas todo aquele registro que, frente a uma pergunta, tem a potencialidade de dizer algo sobre o tema em estudo, ou seja, uma fonte o é em perspectiva e pode ser reconhecida como tal por um pesquisador (professor, diretor, aluno, entre outros) e por outro não. Aqui, de modo particular, consideramos fotografias, atas de reuniões, cadernos de registros, desenhos, entrevistas, livros, panfletos, rascunhos de discursos, comprovantes de pagamento, entre outros. Esses documentos ou vestígios que foram produzidos no passado tinham certa intencionalidade de mostrar aquilo que julgavam ser importante na época em que foram elaborados, sendo omitidos, muitas vezes, detalhes que não convinham e/ou não podiam estar explícitos em um documento, ou seja, esses registros não são neutros. Dessa forma, devemos vislumbrar as potencialidades e as possibilidades de articulação dessas fontes para melhor compreensão do tema em estudo.

Cabe ao historiador, portanto, contar uma história baseando-se nesses vestígios deixados em um tempo passado, a partir dos problemas do presente, que “termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 62-63).

Na década de 1970, a virada hermenêutica ocasionou uma inversão de olhares com relação à percepção do mundo e das experiências humanas: tudo passou a ser visto como textos. A partir daí a procura por métodos de leituras e ferramentas que auxiliassem na compreensão desses textos passou a ganhar uma notória importância.

Para Albuquerque Júnior (2011), o mundo e, conseqüentemente, o homem narrado só poderiam existir em estado de palavra,

Pois o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra sua própria vida. Quando faz memória ou autobiografia, o sujeito da narrativa não é o mesmo personagem contado. Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito em que corre tinta nas veias. O historiador que pretende estar falando do sujeito de carne e osso, falará na verdade do sujeito de papel e tinta que chega até ele mediante suas distintas formas de representação, embora estas formas de representação permitam a ele, pelo menos, garantir que o seu personagem realmente fez parte do passado. (p. 254).

Nesse viés, o historiador dará uma nova vida ao narrador na medida que o descreve como um sujeito de tinta e papel, referindo-se ao sujeito de carne e osso. O pacto de leitura estabelecido implicitamente faz com que o leitor desse texto imagine estar diante do próprio narrador, mas trata-se de um sujeito narrado que aquela narrativa permite constituir. Albuquerque Júnior (2007; 2011) faz uma análise entre a aproximação da História e da Literatura, na medida que as narrativas de um passado passam a ser tomadas como uma fonte que remete a uma noção de temporalidade. Deste modo, os historiadores descobrem os usos atribuídos às palavras e as histórias (que eram tidas como verdadeiras e que descreviam exatamente um ocorrido) passam a ser vistas como narrativas em perspectivas e circunstanciais.

Só após esse despertar os historiadores passaram a interrogar a escrita da História, como escrevê-la e a função das narrativas como uma ferramenta capaz de construir o tempo vivido. Dessa forma, eles incorporam às suas práticas preocupações com as questões linguísticas no campo da historiografia. O autor ainda discute que a História e a Literatura são tidas como

campos de estudo (e produção) muito próximos e que ambas só existem em estado de palavras. Apesar de terem objetivos diferentes e sigam modos diferenciados quanto à sua produção, “tanto a História quanto a Literatura são formas de construir narrativamente os tempos, os espaços, os eventos, os sujeitos, os personagens” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.252).

Nessa perspectiva, Cury e Silva (2015) apontam algumas aproximações entre História, Literatura e Ficção com as ideias do historiador Hayden White. Os autores destacam que no período da virada hermenêutica emerge a perspectiva de que só poderíamos estudar o passado a partir dos registros deixados (intencionalmente) e que as interpretações desses registros dependiam do olhar de cada pesquisador, ou seja, a partir de um registro poderiam ser formadas várias interpretações. Assim, “não existe no passado uma realidade para desvelar, mas sim um sentido que é ‘inventado’ pelos historiadores” (CURY; SILVA, 2015, p.156). Segundo estes autores, Hayden White aproxima os textos históricos e literários afirmando que não há como saber qual deles é mais realista.

White enfrentou várias críticas ao defender seu posicionamento sobre a aproximação da História e da Literatura, argumentando que a História não poderia ser considerada uma ciência pura, pois suas histórias dependem das interpretações (que são singulares) realizadas pelos pesquisadores. Nessa direção, os conteúdos (inventados ou descobertos) mobilizados nas narrativas históricas dão forma a um discurso ficcional e elas tenderiam mais à literatura do que à ciência. (CURY; SILVA, 2015)

Ainda sobre a perspectiva dos autores, White afirma que a principal distinção entre os relatos históricos e os relatos ficcionais são os conteúdos, uma vez que

[...] o conteúdo dos relatos históricos refere-se a acontecimentos reais, coisas que ocorreram e, porque pesquisados pelos historiadores, trata-se de um conteúdo descoberto. No entanto, na passagem do estudo dos documentos para a composição do discurso narrativo escrito, o historiador necessariamente emprega as mesmas estratégias da figuração linguística utilizadas pelos escritores imaginativos e, nesse sentido, o conteúdo do relato histórico é caracterizado como invenção. (CURY; SILVA, 2015, p. 158-159).

Reconhecidas as aproximações e distanciamentos entre História e Literatura, voltamos nosso olhar para falar sobre o ato de contar histórias que é inerente ao ser humano. Mais especificamente, narrar é contar histórias.

Segundo Galvão (2005) ao narrar as situações vividas, elas se tornam tão intensas que, na medida que o narrador externaliza essas experiências, elas são refletidas, aprofundando suas significações e trazendo novos sentidos para si.

Em um sentido mais amplo, Bolívar (2002) traz que só podemos entender as atividades humanas por intermédio das histórias e que essas histórias nos fazem ter uma percepção da “realidade” que vivemos e de como interagimos socialmente. Assim, “contar as próprias vivências e ‘ler’ (no sentido de ‘interpretar’) esses fatos e ações à luz das histórias que os atores narram converte-se em uma característica peculiar de investigação⁶” (BOLIVAR, 2002, p.3). Neste viés, segundo Bolívar (2002), as narrativas tomam um papel além daquele conhecido como forma de expor as experiências pessoais e assumem a perspectiva de articular essas experiências com a constituição da realidade e do meio em que o sujeito está inserido.

Ao narrar uma experiência, o sujeito está a construí-la na direção de um interlocutor e, nesse processo, um eu narrativo é inventado. (BOLIVAR, 2002). Em aproximação com as ideias de Bolívar (2002), Bruner (2014) aponta que a narrativa seria uma forma de constituir o mundo a nossa volta, ou seja, a nossa realidade. Destaca que não existe um “eu” pronto para ser narrado em palavras. O que existe são construções de vários sujeitos (vários “eus” constituídos a partir de vários outros) que se alteram dependendo da situação a ser narrada auxiliada pelas lembranças do passado.

A construção de uma narrativa implica ao narrador a escolha de um ponto inicial para sua história. Esse ponto de partida é uma escolha, pois não há um princípio, um marco concreto em que uma história se inicia. Como aponta Cury (2007), em sua dissertação de mestrado sobre a formação de professores no estado de Goiás, sempre haverá um antes.

Eu, que conto esta história, poderia começar a contar por onde quisesse. Houve um tempo em que o Brasil sequer existia (e o Brasil precisou existir para que Goiás existisse); mas houve um tempo antes disso em que sequer a raça humana existia (e foi preciso existir a raça humana para que existissem colonizadores, guerras, bandeiras... para que o Brasil fosse “descoberto” e, afinal, Goiás existisse). Sempre há um antes e, portanto, para que se conte uma história, é preciso fixarmos um início a partir do qual todo o antes ficará apenas implícito, surgindo na história quando e se necessário. (CURY, 2007, p.155)

⁶ “Contar las propias vivencias y “ler” (em el sentido de “interpretar”) dichos hechos y acciones, a la luz de las historias que los actores narran, se convierte em una perspectiva peculiar de investigación”.

Para Bruner (2014), além dessa questão do narrador não ter um ponto inicial para suas histórias existe o fato delas se acumularem com o decorrer do tempo e se atualizar, “porque nossas autoconstruções precisam se adequar a novas circunstâncias, novos amigos, novos empreendimentos. As próprias memórias tornam-se vítimas de novas autoconstruções” (BRUNER, 2014, p. 75).

A partir desse olhar de contínuas transformações do sujeito, Rabelo (2011) destaca que a narrativa de si não representa mais o narrador que está no presente devido às mudanças ocorridas entre esse espaço de tempo e as novas construções sobre sua maneira de pensar e interagir socialmente. Neste sentido, o narrador constrói a si mesmo e uma outra temporalidade, assim como ele nesta outra temporalidade. Segundo essa autora, ao narrar, o depoente formaliza uma história no sentido de contar suas interpretações e significações sobre aquele episódio (com o julgamento realizado no presente) e não o que realmente aconteceu.

Colocamo-nos a pensar, então, sobre a importância do esquecimento no ato de narrar ou melhor, fazendo o caminho oposto, imaginemos o caso de Funes, o Memorioso, personagem do conto de Jorge Luis Borges. Ireneo Funes era um jovem de dezenove anos que, após um acidente, perdeu a capacidade de esquecer, fazendo com que sua memória se tornasse um “depósito de lixos” (BORGES, 2000).

[...] Perturbava-lhe que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quatro (visto de frente). Sua própria face no espelho, suas próprias mãos, surpreendiam-no cada vez. Comenta Swift que o imperador de Lilliput discernia o movimento do ponteiro dos minutos; Funes discernia continuamente os avanços tranquilos da corrupção, das cáries, da fadiga. Notava os progressos da morte, da umidade. Era o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intolerantemente preciso. (BORGES, 2000, p.545)

Para Funes o tempo da história seria o tempo do ocorrido, tamanha a riqueza de detalhes que ele se lembrava, pois a mais insignificante das informações, para ele, era tão importante quanto qualquer outra. Uma memória sem esquecimentos seria, portanto, um entrave no exercício da narração, pois narrar é fiar, tecer, construir articulações entre o observado e as intenções de dizer. O esquecimento faz-se necessário e não se apresenta aqui como uma falha, mas como um movimento necessário à produção de conhecimento.

As narrativas, como fontes para a História Oral, são constituídas mediante situações de oralidade, por meio das entrevistas. Essas fontes historiográficas produzidas são um meio de se construir o passado e, conseqüentemente, compreender o presente em que vivemos. De tempos passados temos acesso unicamente a marcas, fontes que permitem, a cada tempo, um exercício de construção histórica e mesmo a identificação desses registros com indícios historiográficos é uma construção do presente. Para Alberti (2004), a linguagem passa a ser essencial na produção das narrativas, na medida que o narrador impõe certa ordem e sentido para aquela história contada. Assim, é posto que:

Em situações desse tipo (como em inúmeras outras) a linguagem não traduz conhecimentos e ideias pré-existentes. Ao contrário: conhecimentos e ideias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa: por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades. (ALBERTI, 2004, p. 79).

O depoente, então, ao lembrar-se de vivências em um recorte temporal estabelecido, transforma esse e outros elementos (como lembranças, imagens, emoções, etc.) em uma forma organizada e que tenha certo sentido para quem a escuta, em linguagem. A articulação de experiências como relato é fundamental para que haja compreensão da história que se quer narrar. O pesquisador, que nesse momento passa a ser o intérprete (RABELO, 2011), deve atentar-se aos usos das palavras estabelecidas pelo depoente para que se produza significados na direção do que o interlocutor falou.

Para Silva e Souza (2007), “através delas [das narrativas] torna-se também possível observarmos os distintos significados atribuídos a determinados acontecimentos socialmente vividos” (p. 142). Para essas autoras, baseadas em Lins (1999), o pesquisador não só interpreta, mas participa da construção da narrativa. Nós só falamos algo em direção a alguém (mesmo que seja imaginário) e a forma de narrar e o que contar depende e sofre influências de quem estiver a nossa frente. Histórias tanto podem ser ocultadas quanto podem fluir para uma direção intencional ao pensarmos para quem as narramos e qual a finalidade dessa narração.

A relação entre quem narra e quem ouve se estabelece na medida que o narrador, ao contar uma história (momento que ele se reconhece nas narrativas) a direciona a certo alguém (ouvinte), tomando um posicionamento frente ao outro, e o outro, por sua vez, demonstra por meio de gestos e sinais que está interessado em ouvir. Trata-se de uma escuta atenta de modo

que as categorias pelas quais o narrador escolhe falar não sejam ocultadas ou inibidas pelos interesses, declarados no roteiro, do pesquisador. Deste modo, como aponta Galvão (2005), “o contar obriga a pensar e a procurar essas explicações que, como ela refere, são mais importantes para si do que para o ouvinte, mas é o fato de ter um ouvinte que as desencadeia” (p. 341).

O trabalho com História Oral é feito buscando sempre uma articulação entre fontes de diversas naturezas. Nesse viés, como aponta Garnica (2014), as narrativas orais “registradas em momentos de entrevista, são as matérias-primas por excelência de todo um processo hermenêutico que, entretanto, não dispensa narrativas outras, como, por exemplo, as escritas” (GARNICA, 2014, p.58). Deste modo, documentos escritos, imagéticos e orais articulam-se no exercício de diferentes olhares sobre a questão investigada.

Cada narrativa produzida a partir desta pesquisa (incluindo as três construídas pela pesquisadora) são tomadas como produções legítimas, verdades singulares sobre a temática “Sociedade Brasileira de Educação Matemática do estado de Mato Grosso do Sul”, e, deste modo, contribuem para uma “interminável e contínua construção de uma História da Educação Matemática que não se fez ou faz toda” (CURY; SOUZA, SILVA, 2014, p. 14).

3.2 História Oral: teorização, procedimentos e o caminhar metodológico

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”
(Paulo Freire)

Essa pesquisa tem caráter qualitativo, pois se apoia em um modo particular de produzir conhecimento que não se dá a priori, mas a partir do tratamento e produção de fontes da pesquisa (GOLDENBERG, 2003). A pesquisa qualitativa, assumindo a impossibilidade de ser objetiva, propõe que o pesquisador busque um olhar atento à sua subjetividade, explicitando suas escolhas, posturas e o lugar de onde se fala.

Na pesquisa qualitativa em Educação Matemática (GARNICA, 2001), e de uma maneira geral, é necessário que o pesquisador tenha um direcionamento da sua investigação, sabendo argumentar pela importância do seu trabalho e pelo caminho a ser percorrido. Nessa perspectiva, a construção de uma história possível sobre o movimento de constituição da

SBEM-MS articulado com as práticas formativas dos professores de Matemática se mostra significativo – no cenário da Educação Matemática e no grupo de pesquisa HEMEP – se considerarmos os poucos documentos existentes que retratam esse assunto e se considerarmos o exercício fundamental de pensar a regulação das práticas historicamente construídas em torno dessa nomenclatura.

Cabe ao pesquisador, na abordagem qualitativa de pesquisa, articular o tempo, o esforço, a capacidade de compreensão e a ousadia, de modo a buscar pela maturidade necessária para o aprofundamento dessa abordagem. Alguns autores têm apontado como um primeiro exercício dessa maturação do pesquisador a opção pela pesquisa qualitativa e a decorrente defesa de sua visão sobre aquilo que o cerca, de seus argumentos e de sua responsabilidade pelos resultados obtidos.

Ao realizarmos uma pesquisa na área de Educação Matemática, não podemos considerá-la como o agrupamento de objetos de estudos da Educação com a Matemática e sim entendê-la como uma área que visa a compreensão da Matemática por meio de situações de ensino e aprendizagem. Souza e Garnica (2011) destacam alguns temas que pesquisadores que trabalham com a Educação Matemática se dispõem a investigar, sendo eles:

O estudo de currículos, a formação de professores, a criação e análises de situações didáticas, as potencialidades metodológicas da modelagem matemática, a História da Matemática, a resolução de problemas, a informática e as outras mídias como recursos para o ensino da matemática, a filosofia da matemática e da educação matemática, o estudo das relações entre matemáticos e educadores matemáticos, da matemática do professor de matemática, a psicologia da aprendizagem, a história da educação matemática, a alfabetização em matemática, a linguagem, a etnomatemática, as concepções de professores, alunos e familiares, o estudo das tendências de pesquisa em cada uma dessas temáticas, das metodologias de pesquisa criadas/efetivadas na área, dentre outros temas. (SOUZA; GARNICA, 2011, p. 13)

Devemos salientar uma distinção entre três linhas de pesquisa que julgamos ser necessária para compreender o campo no qual essa pesquisa está inserida. Segundo Miguel (2014) existem três tipos de aproximações que envolvem a Matemática, a Educação e os estudos historiográficos: a História *da* Matemática, a História *na* Educação Matemática e a História *da* Educação Matemática.

A História da Matemática mobiliza a Matemática como área para a investigação histórica, na medida que ela visa a investigar e compreender os feitos matemáticos no decorrer

do tempo, mostrando seu potencial como uma ciência exata. A História *na* Educação Matemática tem por objetivo mobilizar a História como uma metodologia para o ensino da Matemática, utilizando-a como um recurso pedagógico, possibilitando que os alunos aprendam conceitos matemáticos relacionando-os com a importância da criação deste na sua época.

A História *da* Educação Matemática visa a compreender os feitos da Educação Matemática ao longo do tempo. Ao realizar pesquisas sobre a História da Educação Matemática, realizamos um diálogo entre História, Educação, Matemática e Educação Matemática e isto, também, propicia a aproximação com outras áreas de conhecimento. A História da Educação Matemática tem como objetivo compreender as mudanças (ou manutenções) das práticas de ensino e aprendizagem da Matemática ao longo do tempo e os motivos que as culminaram, entender como a sociedade organizava-se com o propósito de avançar os estudos em Matemática tanto produzindo, como utilizando e compartilhando com os demais e como as práticas mobilizadas no passado podem contribuir para avaliar as práticas atuais, analisando se ela tem essa potencialidade (SOUZA; GARNICA, 2011).

Nessa perspectiva de construir uma pesquisa na área da Educação Matemática com o caráter qualitativo, utilizamos a metodologia da História Oral que tem como principal objetivo a criação intencional de fontes historiográficas mediante situações de entrevistas.

Para Garnica, Fernandes e Silva (2011), a utilização da História Oral em pesquisas na área da Educação Matemática visa a compreender as potencialidades da memória e da oralidade. Assim, a História Oral é entendida como,

[...] uma metodologia cuja função é criar fontes historiográficas (que podem ser exploradas por instrumentais analíticos distintos por quaisquer pessoas que venham a interagir com elas) e estudá-las, permitindo que a subjetividade transite pelos domínios da Ciência. (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 232).

Ao se falar sobre metodologia de pesquisa, entendemos que ela não é somente um conjunto de procedimentos que devem ser cumpridos e/ou um caminho pré-estabelecido que devam ser percorridos no processo da pesquisa. Ao afirmar que a História Oral é uma metodologia de pesquisa, além de alguns procedimentos específicos, devemos justificar nossas escolhas fundamentando-as com teorias que nos darão suporte durante toda a pesquisa, expondo ao leitor as possibilidades e limites de tal escolha.

A escolha da História Oral como metodologia não garante que o pesquisador irá realizar um trabalho historiográfico, apesar de assumir a perspectiva de que há a intenção de se criar fontes historiográficas e que essas novas fontes podem colaborar com outras pesquisas a serem desenvolvidas em algum momento, estando disponíveis como “fontes históricas em potencial” (GARNICA; FERNANDES, SILVA, 2011, p. 237). Dessa forma, são mobilizados conceitos historiográficos que fundamentem procedimentos e cuidados éticos na produção desse registro histórico. Martins-Salandim (2012) descreve a produção intencional de uma nova fonte de pesquisa como sendo uma diferenciação entre as entrevistas em História Oral e as demais entrevistas realizadas nas pesquisas qualitativas.

A metodologia História Oral envolve alguns procedimentos específicos como a seleção dos depoentes, a elaboração de um roteiro a partir de uma questão geradora, a gravação da entrevista, a transcrição, textualização e a Carta de Cessão.

Para a seleção dos nossos possíveis interlocutores, começamos nosso trabalho com a análise do material sobre a SBEM-MS disponível no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da UFMS e que foi cedido pela Professora Marilena Bittar. Com esse estudo elaboramos uma lista com os nomes dos membros das oito diretorias da sociedade e suscitamos alguns questionamentos que auxiliaram na elaboração do roteiro da entrevista.

Em uma conversa inicial com o Professor José Luiz Magalhães de Freitas, este disponibilizou o contato dos professores que compuseram/compõem a diretoria da SBEM-MS presentes na lista. Em um primeiro mapeamento de documentos sobre a Sociedade, entramos em contato com os diretores, vice-diretores e secretários de todos os mandatos via e-mail. Percebemos, com as devolutivas dos e-mails, que a maioria dos professores que assumiram o cargo de diretor/secretário(a) geral lembravam mais da participação na sociedade e tinham alguma informação sobre os documentos e/ou tinham posse de alguns deles, como os Professores Marilena Bittar, João Ricardo Viola dos Santos, Irio Valdir Kichow. Também colaboraram para esse mapeamento os Professores Luiz Carlos Pais, Carla Regina Mariano da Silva, Adriana Barbosa Oliveira, Vanilda Alves da Silva e José Wilson dos Santos. Sendo assim, optamos por escolher somente representantes desses cargos de cada diretoria para a entrevista individual.

Em uma análise dos documentos que retratavam um movimento anterior ao da criação da SBEM-MS, que possivelmente teria alguma relação com a criação da sociedade no estado, encontramos os nomes de três professores do antigo Departamento de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, José Luiz Magalhães de Freitas, Luiz Carlos Pais e Eronídes de Jesus Bíscola, que deram início a um movimento de estudo de metodologias diferenciadas para serem trabalhadas com os professores da Educação Básica.

Ao observar esses dois movimentos, em que o primeiro retratava ações sobre a Educação Matemática anterior ao surgimento da sociedade e outro com este grupo já estabelecido, optamos por realizar as entrevistas de duas formas: uma entrevista em grupo e seis entrevistas individuais. Segundo Gaskell (2002) as entrevistas são consideradas interações sociais por meio do diálogo, em que as ideias e os significados são trocados pelos participantes. Na entrevista em grupo, o objetivo é estimular os participantes a falarem e provocar reações a partir da fala do outro. Diferentemente do que propõe Gaskell (2002), não acreditamos que a entrevista em grupo é considerada uma interação social mais autêntica se comparada com a entrevista individual, em ambas há interação, limitações e possibilidades diferentes, singulares. As ideias e significações que são postas na entrevista feita em grupo, tornam-se características do grupo criando, deste modo, uma identidade compartilhada. Neste ambiente, a presença do outro (que se tem certa familiaridade) faz com que os participantes considerem os argumentos postos pelos outros em suas respostas, comentando as suas experiências e as dos outros. O autor também cita três características centrais das entrevistas em grupo, sendo elas:

“1. Uma sinergia emerge da interação social. Em outras palavras, o grupo é mais do que a soma de suas partes; 2. É possível observar o processo do grupo, a dinâmica da atitude e da mudança de opinião e a liderança de opinião; 3. Em um grupo pode existir um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois” (GASKELL, 2002, p. 76).

Apoiamo-nos na perspectiva de que, para esta pesquisa, a entrevista em grupo possibilitará um novo olhar sobre nosso objeto, na medida que novas questões e novos acontecimentos podem emergir com mais riqueza de detalhes a partir das falas dos participantes, além de nos dar a percepção sobre suas reações a partir dos enfrentamentos daquela época. Já as entrevistas individuais vão nos auxiliar na compreensão sobre o trabalho

desenvolvido nas gestões desta sociedade bem como as atividades propostas em articulação com a formação de professores do estado. Assim, os entrevistados dessa investigação foram:

Quadro 1- Professores entrevistados na pesquisa

Entrevistado	Data de nascimento	Local da entrevista	Período na gestão da Sociedade	Data da entrevista
Ângela Cecília Quarentei Gardiman	19/05/1956	Itu – SP	Novembro de 1990 a Novembro de 1993	13/12/2014
Iraci Cazzolato Arnaldi	05/07/1951	Campo Grande – MS	Novembro de 1993 a Março de 1996	18/10/2014
Ivonete Melo de Carvalho	08/04/1964	Campo Grande – MS	Março de 1996 a ...	26/10/2014
Marilena Bittar	16/10/1961	Campo Grande-MS	Novembro de 2001 a Novembro 2007	22/10/2014
Irio Valdir Kichow	01/06/1967	Dourados - MS	Novembro de 2010 a Agosto de 2012	02/12/2014
João Ricardo Viola dos Santos	01/07/1983	Campo Grande – MS	Agosto de 2012 a Setembro de 2015	11/02/2015
(a) José Luiz Magalhães de Freitas	11/01/1954	Campo Grande - MS	(a) Primeiro Secretário (Diretoria 1993 a 1995), Primeiro Tesoureiro (Diretoria 1996), Comissão Eleitoral (Diretoria 2001 a 2004) e Primeiro Secretário (Diretoria 2004 a 2007)	07/04/2015 11/04/2015
(b) Luiz Carlos Pais	06/04/1955		(b) Primeiro Secretário (Diretoria de 2001 a 2004) e Segundo Secretário (Diretoria 2007).	
(c) Eronídes de Jesus Bíscola	06/08/1948			

			(c)Segundo Tesoureiro (Diretoria Provisória – 1988 a 1990).	
--	--	--	---	--

Fonte: Registros da pesquisa.

Das oito diretorias (incluindo a Diretoria Provisória e as duas gestões com o mesmo diretor) que a SBEM-MS teve, tínhamos um contato direto com a Professora Marilena Bittar, Professor José Luiz Magalhães de Freitas e com o Professor João Ricardo Viola dos Santos, por serem professores do Programa de Pós-Graduação ao qual esta autora está vinculada. Nos contatos que o Professor José Luiz havia passado, constava o telefone do Professor Eronídes, o e-mail dos professores Luiz Carlos, Irio e Iraci e o local de trabalho das Professoras Ângela Cecília e Ivonete. Posteriormente, o Professor José Luiz, por ser marido da Professora Iraci, passou o telefone residencial pelo qual entramos em contato com ela.

No contato inicial com todos os professores, apresentamos nosso objetivo de pesquisa e frisamos o interesse em compreender as ações realizadas por ela e as significações produzidas em torno da SBEM-MS. Dúvidas quanto ao foco de investigação, entretanto, foram registradas por alguns depoentes no início de suas entrevistas assinalando para a importância de esclarecimentos maiores por parte desta pesquisadora.

As datas, o horário e o local da entrevista foram marcados pelos próprios professores, segundo suas disponibilidades. Apenas os que residiam fora de Campo Grande, no caso dos Professores Irio e Ângela, combinamos um melhor dia para termos essa conversa, tendo em vista o deslocamento para a viagem. O local da entrevista variou entre o local de trabalho e a residência dos entrevistados. Para a realização da entrevista em grupo, consideramos a data e horário indicados pelo Professor Eronídes, por este ser de fora de Campo Grande e, a partir daí, negociamos com os Professores José Luiz e Luiz Carlos. Durante o primeiro encontro, já foi agendado, com todos, o segundo.

A elaboração do roteiro de pesquisa visou abordar questões da criação da SBEM-MS no estado de Mato Grosso do Sul e um primeiro movimento de ações relacionadas à Educação Matemática neste mesmo estado. Dessa forma, foram elaborados dois roteiros: um para os

entrevistados que foram diretores dessa sociedade desde sua criação até o atual – que abordava temas sobre o período de gestão, as ações realizadas durante o mandato, sobre os recursos que eram disponibilizados, a relação com o professor da Educação Básica e o papel dessa sociedade no estado - e um segundo para uma entrevista em grupo em que constavam, além das questões daquele primeiro roteiro individual, outras mais direcionadas a um movimento anterior ao da criação da SBEM-MS – com questões referentes aos cursos de formação continuada oferecidos para professores da Educação Básica, a criação da SBEM-MS, as referências utilizadas para a aplicação dessas metodologias diferenciadas, entre outras. Algumas alterações foram realizadas no roteiro da entrevista em grupo após o primeiro encontro a fim de colocar questões mais pontuais.

Também foram levados para as entrevistas individuais alguns documentos encontrados que datavam do período de gestão do depoente. Esses documentos poderiam despertar outras lembranças além daquelas referidas no roteiro, sendo um espaço para que os professores discorressem sobre assuntos como as dificuldades encontradas, as parcerias realizadas, as reuniões e até mesmo o repasse feito pela SBEM nacional na época de sua participação na sociedade.

Segundo Goldenberg (2003), a realização da entrevista pode gerar algumas limitações e dificuldades como, por exemplo, o depoente ficar constrangido ao ter seu depoimento gravado e filmado. No primeiro contato e antes de começar a entrevista, avisamos que ela seria gravada em áudio e vídeo, não tendo nenhuma restrição por parte dos depoentes. Nenhum professor pediu previamente o roteiro da entrevista, antes de começarmos perguntei se eles desejavam olhar as perguntas. Apenas os professores Iraci, Ângela, José Luiz, Luiz Carlos e Eronídes olharam rapidamente as questões, mas não ficaram presos a elas. Também foi descrito o procedimento que iria ser realizado com a gravação – os momentos de transcrição e textualização – e reforçado que a textualização seria devolvida para correção e complementação de modo que nada fosse publicado sem a sua autorização.

Essas entrevistas nos fizeram refletir sobre esse momento de diálogo entre o pesquisador e o depoente. Segundo Martins-Salandim (2012)

Uma entrevista pode ser um momento para denúncias, para reflexão, para análise de situações vivenciadas, para a rememoração saudosista, para a purgação, para a

homenagem, para a expressão de ressentimentos, etc. A entrevista não é um momento de mera narração descritiva de episódios. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.54).

Tivemos em nossas entrevistas momentos de emoção estimulados pelas lembranças da época de trabalhos prestados a essa sociedade. Outras vezes as lembranças das dificuldades enfrentadas para manter a sociedade ativa trouxeram sentimentos de angústia e tristeza como, por exemplo, o falecimento dos quatro professores em 2007, a maioria deles que havia recém assumido a diretoria⁷.

Apesar do roteiro de entrevista dessa pesquisa estruturar-se sobre a temática da SBEM-MS e os depoentes estarem cientes sobre tal propósito, é importante salientar que esse roteiro é apenas um guia para o pesquisador ou uma forma dele se orientar no momento de diálogo. O depoente, ao ser convidado para ceder uma entrevista, faz uma seleção, estabelece uma ordem e conexões sobre suas experiências que julga ser importante para a compreensão de sua vida e sua relação com o tema proposto, subvertendo, por vezes, as questões propostas no roteiro. Dessa forma, o tom vital da narrativa é guiado pelo depoente, a partir das relações com a temática e com o que acha interessante falar.

Alguns cuidados técnicos foram tomados na realização das entrevistas: a checagem prévia dos gravadores, como seu funcionamento e uso de pilhas novas, realizada em todas as entrevistas, a colocação de uma toalha pequena sob o gravador para que os ruídos sobre a mesa não afetassem a gravação e deixando-o o mais próximo possível do entrevistado. Como a entrevista também foi filmada, posicionamos a filmadora de frente ao depoente a fim de captar seus gestos e movimentos, sendo um recurso a mais que pode colaborar com esta e outras pesquisas. Escolher um local calmo, com a mínima interferência de terceiros e sem correntes de ar também auxiliou na qualidade da gravação. Contudo, alguns áudios saíram um pouco prejudicados com o ruído do ar-condicionado, fator de conforto aos depoentes e à pesquisadora.

⁷ No dia 7 de março de 2008, ocorreu um grave acidente de trânsito na BR-163, entre o distrito de Anhanduí e o município de Nova Alvorada do Sul, em que faleceram quatro educadores matemáticos: Chateaubriand Nunes Amâncio, Ivonélia Crescêncio da Purificação, Renato Gomes Nogueira e Ronaldo Marcos Martins. Eles eram docentes na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e foram para Campo Grande para participar do Seminário Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Os professores Chateaubriand, Ivonélia e Renato, haviam assumido a diretoria da SBEM-MS em novembro de 2007, mas não chegaram a registrar a chapa.

Na entrevista em grupo, realizada em dois encontros, contamos com o auxílio do mestrando Maycon Douglas Ferreira e da doutoranda Ana Carolina Siqueira Ribas dos Reis que se dispuseram a colaborar com a parte técnica da entrevista (gravação e filmagem).

A transcrição do áudio (ou degravação) é o momento em que passamos para o papel (ou tentamos escrever) tudo o que foi dito no momento da entrevista, apontando todas as marcas da oralidade como pausas, interrupções, vícios de linguagem.

A partir da transcrição elaboramos outro texto, chamado de textualização. Este primeiro texto produzido passa por uma “limpeza” tornando o texto mais fluente e reduzindo ao máximo as marcas da oralidade. Este texto pode ser reestruturado mudando-se a sequência do depoimento (cronologicamente ou agrupando os assuntos semelhantes) de acordo com o entendimento do pesquisador. Existem alguns modelos de textualização que são mobilizados dependendo da escolha do autor como, por exemplo, aqueles que preservam integralmente as perguntas e as respostas; ou aqueles que mantêm apenas as principais questões, articulando as respostas; ou aqueles em que as questões se fundem com as respostas gerando um texto mais fluente, dando origem a uma narrativa em primeira pessoa. Assim, nesta pesquisa, as textualizações foram estruturadas de acordo com esse último estilo – misturando-se as perguntas com as respostas – pois entendemos que a fluência do texto, o torna mais compreensível.

O trabalho textualização da entrevista em grupo foi realizado de modo diferenciado se comparado com as entrevistas individuais. No caso das entrevistas individuais, optamos pela organização da textualização como um relato em primeira pessoa e no caso da entrevista em grupo, por uma estruturação em forma de diálogo em que são explicitadas, em alguns momentos, as questões orientadoras, mantendo a fala dos professores participantes que ora permearam as temáticas da pesquisa ora discorreram sobre assuntos aleatórios emergentes desse diálogo. Devido à entrevista em grupo ser realizada em duas etapas, decidimos, para esta dissertação, agrupá-las e fazer alguns recortes que privilegiassem discussões entorno da SBEM-MS por conta da extensão dos dois documentos (totalizando 110 páginas). Por conta do grupo

HEMEP, com a construção e divulgação das narrativas produzidas nas pesquisas, informamos que estas entrevistas, em versão completa, estarão disponíveis no site⁸ do grupo.

A textualização coloca-se como um exercício analítico em que novas ordenações de ideias são possíveis a partir da leitura do pesquisador, sendo que cabe ao depoente validar ou não essas interpretações.

Esses três documentos produzidos (gravação, transcrição e textualização) são devolvidos para o depoente para sua verificação. Neste momento de negociação, o entrevistado verifica se aquele texto produzido pelo pesquisador condiz com o que quis dizer na entrevista, podendo reestruturar os sentidos das frases, adicionar novas argumentações e também excluir aquelas que julgasse pertinente. Aqui há um cuidado ético de somente publicar o que for autorizado pelo depoente no final do processo de negociação entre ele e o pesquisador. Finalizada essa negociação, é assinada, no final, uma Carta de Cessão autorizando esta e outros pesquisadores a utilizarem os documentos.

O processo de negociação com os depoentes foi realizado via e-mail e restringiu-se em algumas correções na textualização e esclarecimentos de dúvidas que ficaram pendentes, não havendo mudanças muito significativas no corpo do texto. As Cartas de Cessões foram devidamente assinadas e encaminhadas por e-mail ou entregues diretamente a esta pesquisadora.

A aproximação do tema desta pesquisa com a análise inicial dos documentos disponibilizados referentes à SBEM-MS bem como as leituras que foram realizadas, fez com que esta pesquisadora passasse a constituir uma história dessa sociedade.

Ancorados na perspectiva teórica citada anteriormente de que não existe uma história verdadeira e/ou única e sim versões históricas ou histórias (podendo convergir ou não) que são constituídas legitimamente de modo plausível (SOUZA; GARNICA, 2011), identificamos nos documentos e nas narrativas dos diretores/secretários geral, a partir de uma leitura atenta, uma multiplicidade de histórias sobre a nomenclatura SBEM-MS: há momentos em que essas histórias se aproximam e articulam-se de modo a mostrar uma sociedade e, outros, por vezes em um mesmo documento, que esses discursos são opostos construindo outra perspectiva.

⁸ www.hemep.org

As múltiplas narrativas sobre determinado acontecimento são possíveis a partir dos olhares particulares que cada indivíduo lança sobre a temática. Essa diversidade se mostra no modo como construímos a realidade, sendo influenciado por nossas concepções, crenças e valores estabelecidos pelo grupo social ao qual pertencemos. Deste modo, cada indivíduo constitui um filtro interpretativo singular e, por isso, diferentemente das outras pessoas (GALVÃO, 2005). Assim, “vamos construindo um percurso individual feito de cruzamentos de histórias que vivemos ou de que ouvimos contar” (GALVÃO, 2005, p. 328).

Para Souza (2013), “narrar o mundo é construí-lo temporal e espacialmente, é trabalhar com/em estado de palavra” (p. 264). Segundo a autora, a narrativa tem, como um dos seus papéis, a construção de histórias de um acontecimento sob várias perspectivas e, conseqüentemente, tende para uma diversidade de fontes sobre uma mesma temática. Desse modo, todo objeto ou circunstância é constituído em múltiplas versões dependendo dos indivíduos que se propõem a narrá-las e de sua localização espaço temporal, requerendo uma harmonia entre as singularidades existentes. Assim,

Admitir essas singularidades, a ação criativa e construtiva da narrativa, as experiências pessoais como fontes de pesquisa traz um cuidado importante: a lembrança constante de que toda experiência narrada está inscrita em um contexto social e político. Esse cuidado é fundamental para que as pesquisas envolvendo narrativas as apresentem e avancem em termos de análise, não se restringindo a criar espaços para divulgação de práticas dos entrevistados. Em outras palavras, a singularidade das narrativas não deve impedir um estudo contextualizado, pois esse não precisa ser feito em busca de padrões e generalizações. (SOUZA, 2014, p. 246).

Em sua tese de doutorado, Silva (2006) reforça a existência de múltiplas identidades de uma instituição ao realizar uma pesquisa que objetiva a criação de várias identidades do Centro de Educação Matemática (CEM), sendo esta entendida:

[...] como processos de *produção de significados* – ou *invenções*, estas vistas como o avesso de “origem”, de “expressões do real” – para atores pessoais, coletivos ou coisas, que se constituem em meio a *discursos* com base em um atributo cultural [...]. Nesse sentido, para uma determinada pessoa, ou um ator coletivo, ou uma coisa, pode haver *identidades* múltiplas. (p. 4).

Nesse viés, o movimento analítico adotado nessa pesquisa, em respeito às marcas identificadas nos documentos criados/mobilizados nesta investigação, está articulado na

direção de multiplicidades de histórias, alertando para o que a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, chama de “o perigo de uma única história”. Em um vídeo⁹ disponibilizado na internet de um evento da *Technology, Entertainment and Design* (TED), Chimamanda discorre sobre o perigo de conhecer uma única história de um povo ou de um lugar e, assim, ao repetir-se muitas vezes essa história, contribuir para que aquele povo ou lugar seja visto de um mesmo modo e acabe, socialmente, se tornando aquilo.

Tentamos estruturar, a partir das principais características que perpassavam as narrativas (produzidas por meio das entrevistas) e dos documentos escritos, os discursos que identificamos como sendo mais fortes naqueles documentos, emergindo, assim, três discursos sobre a Sociedade. Nesse viés, realizamos três exercícios analíticos de modo a construir histórias, pensadas como únicas, sobre a SBEM-MS e evidenciar o poder que cada uma tem de desconstruir a ideia que temos sobre essa Sociedade, reforçando nosso argumento favorável a um convívio de diferentes histórias, diferentes perspectivas. Nossas análises foram estruturadas a partir de textos sobre a SBEM-MS inspirados em caricaturas como forma de destacar e, em certos momentos, exagerar suas principais características enxergadas por nós.

Por vezes, “as mesmas” informações são implantadas servindo a discursos diferentes em cada um desses exercícios analíticos como, por exemplo, o quadro “Membros que participam e/ou participaram da SBEM-MS” mobilizado nos três textos, mas em cada um deles reforçando (na forma de negrito) características diferentes que apoiam discursos diferentes.

O termo desconstruir, mobilizado nesta pesquisa, não está sendo empregado no sentido de uma narrativa destruir a outra e sim na tentativa de evidenciar os processos que constituem uma narrativa tomada como verdadeira por determinado grupo. Assim, “desconstruir, neste caso, significa uma estratégia de desmontar para poder mostrar as etapas seguidas da montagem” (COSTA, 2002, p. 140). Em nosso caso específico, esse processo tornou evidentes diferentes relações de poder e linhas de pensamento articuladas em uma narrativa e que esta pesquisa buscou evidenciar ao aproximá-las na constituição de três outros discursos narrativos que, em seu formato (quase que de uma caricatura), apresente ao leitor as linhas por nós identificadas.

⁹ Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story#t-44727>. Acesso em: 30/06/2015.

A escolha dos títulos, realizada por nós, foi pensada de modo diferente do que comumente é feito nas narrativas produzidas com História Oral na Educação Matemática: colocando o nome dos depoentes como título. Dessa forma, também se constitui como parte do exercício analítico desta pesquisa. Essa escolha partiu, primeiramente, da direção que essa pesquisa seguia e a maneira que optamos por discuti-la – a problematização das histórias únicas – e, neste viés, decidimos escolher títulos que resumissem as histórias e tentassem evidenciar as características que se apresentavam mais fortes em cada narrativa, buscando, com isso, o tom que cada história tomaria.

O primeiro texto refere-se a uma SBEM-MS ativa, organizada e que se mobiliza em torno de ações a fim de proporcionar um espaço para discussões sobre a Educação Matemática articulando professores do Ensino Superior, da Educação Básica e alunos da Licenciatura em Matemática.

O segundo texto retrata uma SBEM-MS estruturada em torno de seu valor simbólico e com sua existência relacionada ao status adquirido por ter uma representação no estado de um movimento nacional. Desse modo, os professores que compunham a diretoria o faziam por dois principais motivos: primeiro, para não perder a representatividade local e, conseqüentemente, ficar de fora de uma discussão nacional; segundo, para conseguir uma projeção nacional que a SBEM-MS proporcionava aos representantes, uma vez que financiava a participação desses em eventos nacionais. Nesse sentido, evidencia-se a intenção de fortificar o nome das diretorias colocando como membros professores que se destacavam em outros movimentos, mesmo que não houvesse participação efetiva na sociedade.

A palavra *símbolo* significa, segundo o dicionário¹⁰, uma figura ou imagem que representa à vista o que é puramente abstrato. Nesta pesquisa, nos aproximamos dessa definição, mas destacamos certas sutilezas para clarear o que estamos entendendo como símbolo.

A utilização da palavra *simbólica* é mobilizada para caracterizar a Sociedade na medida que seu nome passa a ser suficientemente forte para garantir sua permanência, sendo as ações quase que desnecessárias, ou podendo ser estas realizadas por outras entidades. O símbolo

¹⁰ **Símbolo.** In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa Online. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/s%C3%ADmbolo>>. Acesso em: 11 de jan. 2016.

“SBEM” trazia ao estado uma marca importante e a garantia, de certo modo, um vínculo com o restante do país. O espaço nacionalmente conquistado com a existência dessa regional marca também a existência de um grupo, uma educação matemática em Mato Grosso do Sul, mas não necessariamente qual grupo que implementa quais ações, não necessariamente qual educação matemática.

Associamos também o termo com a representatividade de pessoas influentes no meio acadêmico, pois bastava utilizar seu nome na composição da diretoria e isso já trazia certa força para a chapa, mesmo que a participação deste não fosse efetiva. Apenas com a representação desse símbolo (o nome) a diretoria já ganhava vistas e credibilidade.

O termo é, assim, vinculado com a intenção de evidenciar uma força presente em um campo intelectual e abstrato carregado em certos nomes em que, por meio de seu uso, garantem certos ganhos não-materiais (como prestígio, relevância, oportunidades, etc.). Este também é o significado que utilizamos quando mobilizamos a expressão “valor simbólico”.

Enfim, percebemos que a característica de ser simbólico está presente nos três exercícios historiográficos que fizemos nesta pesquisa, mas que aquele que denominamos como simbólico representa o sentido mais declaratório de que o nome bastaria (tanto da SBEM-MS quanto de um membro) para dar força para o movimento.

O terceiro texto construído é sobre uma SBEM-MS possível na medida que a sociedade representa o estado de Mato Grosso do Sul, articula-se com as demais instituições de ensino, de um modo e em um tempo possíveis, para a constituição de um grupo que, muitas vezes, mostrava-se preocupado com as dificuldades existentes da Matemática de sala de aula e interessado nas discussões sobre a Educação Matemática.

A nossa intenção de criar textos independentes foi para que, no conjunto, estes pudessem problematizar a ideia de uma história única. Assim, ao ler a primeira história teremos uma versão (exagerada do modo como propomos acima) sobre o que é/pode ser a SBEM-MS e ao ler as outras narrativas teremos outras ideias sobre aquela Sociedade que ora se complementam ora se distanciam, fazendo com que o leitor questione aquela versão tida como única e/ou verdadeira. E é por meio dessa problematização que emitimos um alerta para se conhecer essa multiplicidade de versões existentes sob uma mesma nomenclatura.

4 DOCUMENTOS ESCRITOS E LEITURAS

Neste capítulo, apresentamos um olhar acerca dos documentos que foram disponibilizados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS e outros cedidos por alguns professores que participaram da SBEM-MS. Os materiais encontrados sobre a referida sociedade foram: alguns registros sobre os **Encontros Regionais de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul, Atas** (1988 a 1990; 1993; 1996; 2001; 2010; 2011), **Boletins Informativos-MS** (esboço 1996/1997; 1997; 2002; 2004; 2005; 2007; 2011; 2012), **Correspondências enviadas** (1990 a 1992; 1994 a 1995; 2001), **Relação de sócios, Regimentos da SBEM-MS** (s/d; 2001 e 2010), **Relatório Financeiro da SBEM-MS** e uma pasta com as **Correspondências recebidas**.

A partir desses documentos, discutimos algumas questões sobre as ações que eram/são desenvolvidas pela sociedade no estado de Mato Grosso do Sul. Pretendemos elaborar um acervo digital para que esses documentos fiquem à disposição de outros pesquisadores para futuras investigações e contribuir com um dos projetos do grupo HEMEP que visa a produção e divulgação de fontes historiográficas.

4.1 Sociedade Brasileira de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul

A história da SBEM-MS parece não começar em 1988 logo após a criação da SBEM Nacional. O estado já contava com professores de Matemática que passaram a preocupar-se com questões relativas à Educação Matemática e buscavam o intercâmbio com outras instituições para uma melhoria no avanço do ensino da Matemática, bem como em pesquisa nessa área.

A SBEM-MS articula suas propostas, como é comum, em um **regimento**. Deste, foram encontradas, até o momento, três versões: a primeira sem data, a segunda de 2001 e a terceira de 2010. Ressaltam-se algumas diferenças entre elas como, por exemplo, a mudança da denominação de Secretaria Executiva (SE) para Diretoria Regional (DR), a composição de membros da diretoria, a ampliação do mandato passando de dois para três anos, a inclusão dos

meios eletrônicos (como o site) para a divulgação da SBEM-MS, entre outras. Em todas a SBEM-MS se apresenta como responsável por:

- Representar a SBEM no estado de Mato Grosso do Sul;
- Realizar o Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM);
- Realizar ações (cursos, palestras) em parceria com outras instituições ou por iniciativa própria;
- Divulgar regionalmente e nacionalmente as ações promovidas pela regional;
- Publicar o Boletim Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática;
- Estimular a organização de grupos vinculados à SBEM-MS.

Ao analisar os objetivos da SBEM-MS, percebemos que as ações propostas estão relacionadas com questões mais pontuais, voltando-se para realizações de eventos e publicações de informativos. Comparando os objetivos dessa regional com os da SBEM Nacional¹¹, evidencia-se que a proposta desta sociedade nacionalmente envolve ações com sentido mais amplo, buscando desenvolver a área da Educação Matemática bem como atuar juntamente com instituições políticas para o avanço e melhoria do ensino de Matemática.

Uma primeira questão que se põe, emerge na comparação entre os objetivos da SBEM-MS e o que era divulgado como motivação para novas associações. Ao referir-se aos sócios da SBEM-MS, encontramos na circular nº 02/91, alguns benefícios que os associados recebem ao filiar-se à SBEM-MS.

Campo Grande, 12 de dezembro de 1991.

Para: Associados/MS.

Assunto: Encaminhamento e solicitação

¹¹ São objetivos da SBEM Nacional, Art 4º. I- Promover o desenvolvimento da área de Educação Matemática e sua implementação da prática educativa; II- Atuar, em caráter complementar às atividades do Estado, junto aos órgãos governamentais na formulação, implementação e avaliação de políticas nacionais de educação e, em especial, as relacionadas à Educação Matemática; III- Atuar como centro de debates sobre a produção na área de Educação Matemática, propiciando o desenvolvimento de análise crítica dessa produção; IV- Orientar e atuar na obtenção de recursos para o desenvolvimento da área de Educação Matemática; V- Promover o desenvolvimento de pesquisas na área de Educação Matemática; VI- Promover estudos e ações focados na formação de professores na área de Educação Matemática; VII- Promover e divulgar estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção de conhecimentos técnicos e científicos referentes às atividades ligadas à Educação Matemática, nos termos do que dispõe a Lei Federal nº. 9.790, de 23 de março de 1999; VIII- Congregar todas as pessoas que se dispõem a trabalhar pelos objetivos anteriores.

Estamos encaminhando através desta, o folder, a ficha de inscrição e caderno de programação do 4º ENEM, que se realizará no período de 26 de janeiro à 01 de fevereiro na cidade de Blumenau, em Santa Catarina.

Aproveitando esta circular, solicitamos aos associados que ainda não acertaram as anuidades, que o façam tão breve o possam, pois: - receberão bimestralmente o Boletim Informativo da DNE, com as notícias recentes sobre encontros no Brasil e exterior, resenhas de trabalhos, artigos, textos e pesquisas recentes sobre Educação Matemática; - também receberão a revista publicada pela SBEM – TEMAS E DEBATES; - na participação em encontros promovidos pela SBEM, os associados que estão quites, gozam de desconto no ato da inscrição. (REGISTRO DA CIRCULAR nº 02/91).

Percebe-se que, nesta chamada de novos sócios e/ou a permanência dos antigos, em nenhum momento se faz presente algum dos objetivos propostos como função da SBEM pela própria SBEM-MS. Voltando o olhar para as propostas encontradas nos regimentos da sociedade não há, na busca e/ou permanência dos sócios, a menção à preocupação da sociedade com a formação de um grupo articulado com o propósito de discutir e desenvolver a área da Educação Matemática. Os benefícios adquiridos com a filiação mostram-se todos individuais e até materiais, quando a proposta da SBEM-MS é com relação à representação de uma comunidade de professores, não aparecendo isso com sendo um ganho.

Nesse viés, percebemos um aparente desacordo entre os argumentos repassados para uma filiação e as propostas assumidas pelas diferentes diretorias da SBEM-MS tanto nos regimentos da própria sociedade quanto nas propostas de cada chapa que concorreu à diretoria em diferentes períodos.

A SBEM-MS teve, até o momento, oito diretorias formadas por professores, por vezes, da Educação Básica, membros de secretarias estadual e municipal, mas, em sua maioria, sempre docentes de universidades. Os registros sobre a Sociedade nos possibilitaram a reconstituição da composição de algumas diretorias bem como de suas propostas de trabalho.

Quadro 2 - Composição das diretorias da SBEM-MS eleitas ao longo do tempo¹²

Diretoria	Membros
	<i>Secretário Geral:</i> Renato Gomes Nogueira (UFMS) <i>Primeira Secretária:</i> Denize Silva Oliveira

¹² Indicamos com (*) as chapas que foram as únicas a se inscreverem para concorrer à diretoria da SBEM-MS apontadas nos registros encontrados. Sobre as outras chapas, encontramos apenas registros sobre a sua formação sem mais informações.

Diretoria Provisória - Maio de 1988 a Novembro de 1990	<i>Segunda Secretária:</i> Oracilda Alves Palma <i>Primeira Tesoureira:</i> Iara Augusta da Silva <i>Segundo Tesoureiro:</i> Eronídes de Jesus Bíscola (UFMS - INMA ¹³)
Propostas	
- Congregar profissionais da área de Educação Matemática ou áreas afins para promover o desenvolvimento da Educação Matemática. - Elaborar o regimento interno.	
Novembro de 1990 a Novembro de 1993	<i>Secretária Geral:</i> Ângela Cecília Quarentei Gardiman (CESUP) <i>Primeiro Secretário:</i> Celso Cardoso (UFMS - INMA) <i>Segundo Secretário:</i> José Felice <i>Primeira Tesoureira:</i> Polônia Albino Maia (SED-MS) <i>Segundo Tesoureiro:</i> Renato Gomes Nogueira
Propostas	
<i>Não encontradas.</i>	
Novembro de 1993 a Março de 1996 (*)	<i>Secretária Geral:</i> Iraci Cazzolato Arnaldi (UNIDERP) <i>Primeira Secretária:</i> Heloísa Laura de Queiroz Gonçalves da Costa (UFMS - INMA) <i>Segundo Secretário:</i> José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS - INMA) <i>Primeira Tesoureira:</i> Maria das Graças Bruno Marietto <i>Segunda Tesoureira:</i> Ângela Cecília Quarentei Gardiman (CESUP) <i>Conselho Editorial:</i> Antônio Sales (Laboratório de Educação REME), Ivonete Melo de Carvalho (Colégio Dom Bosco e Rede Estadual), Dalva Coelho Joussele (Rede Estadual), Ana Paula Stockler Bojikian (Rede Estadual e UFMS), Sibelis Aparecida Tibaldi França (CESUP, SEIC, UFMS), Maria Helena Junqueira Caldeira (UCDB). <i>Conselho Consultivo:</i> Maria das Graças Bruno Marietto (CESUP, UFMS, UCDB) e Ângela Cecília Quarentei Gardiman (CESUP).
Propostas	
<i>Não encontradas.</i>	

¹³ Faremos esta referência para os professores que trabalharam/trabalham no Instituto de Matemática da UFMS (INMA), antigo Departamento de Matemática.

Março de 1996 a ...¹⁴ (*)	<i>Secretária Geral:</i> Ivonete Melo de Carvalho (UNIDERP) <i>Primeira Secretária:</i> Ivanilde Herrero Fernandes Saad (UCDB) <i>Segundo Secretário:</i> Edmir Ribeiro Terra (UFGD) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS - INMA) <i>Segunda Tesoureira:</i> Polônia Albino Maia (SED-MS) <i>Conselho Editorial:</i> Antônio Sales (Laboratório de Educação REME), Ivonete Melo de Carvalho (Colégio Dom Bosco e Rede Estadual), Dalva Coelho Joussele (Rede Estadual), Ana Paula Stockler Bojikian (Rede Estadual e UFMS), Sibelis Aparecida Tibaldi França (CESUP, SEIC, UFMS), Maria Helena Junqueira Caldeira (UCDB). <i>Conselho Consultivo:</i> Maria das Graças Bruno Marietto (CESUP, UFMS, UCDB) e Ângela Cecília Quarentei Gardiman (CESUP).
Propostas	
- Organizar o VI EDUMAT¹⁵; - Confeccionar o Boletim Informativo.	
Novembro de 2001 a Outubro de 2004 (*)	<i>Diretora:</i> Marilena Bittar (UFMS - INMA) <i>Vice-Diretora:</i> Ivanilde Herrero Fernandes Saad (UCDB) <i>Primeiro Secretário:</i> Luiz Carlos Pais (UFMS - INMA) <i>Segundo Secretário:</i> Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa (UFMS - INMA) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> Antônio Sales (SEMED/UNIDERP) <i>Segundo Tesoureiro:</i> Waldemar Gonçalves Barbosa (SED/MS) <i>Primeiro Suplente:</i> Roberto Winters Steil (MAPPE), Polônia Albino Maia (SED - MS) <i>Comissão Eleitoral:</i> Celso Cardoso (UFMS - INMA), Giorgia Kopcak (UFMS), Iraci Cazzolato Arnaldi (UNIDERP), José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS - INMA).
Propostas	
- Revitalizar a SBEM-MS;	

¹⁴ Não encontramos referências que nos levem a uma data do término desta diretoria, apenas indícios que ela foi se diluindo ao longo do tempo ao ponto de não haver no estado nenhuma representação efetiva da SBEM-MS. Ao analisar os documentos que conclamam os sócios para a votação de uma nova diretoria da Sociedade, em 2001, percebemos que ela acontece não para a substituição da anterior e sim por causa da ausência de representantes.

¹⁵ Encontro de Educação Matemática. Em 2001, este encontro passou a denominar Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM).

- Angariar novos sócios
- Recadastrar sócios antigos;
- Colocar em dia os pagamentos dos sócios;
- Organizar a SBEM-MS quanto a sua estrutura administrativa e fiscal;
- Trabalhar para a comunidade dos Encontros Estaduais de Educação Matemática – ESEM;
- Trabalhar junto à equipe de organização do VIII ENEM (julho de 2004 em Recife-PE);
- Promover, por iniciativa própria ou com entidades afins, cursos, palestras e outras atividades relacionadas com a Educação Matemática;
- Trabalhar junto com a Diretoria Nacional, na definição e execução de políticas educacionais da SBEM em âmbito nacional;
- Incentivar a criação dos núcleos setoriais da SBEM-MS em cidades polos de Mato Grosso do Sul;
- Revitalizar as comissões: editorial e cultural responsáveis pelas futuras publicações e divulgação dos trabalhos da SBEM-MS;
- Socializar informações sobre a Educação Matemática no Brasil e no Estado por meio de informativos.

Outubro de 2004 a Novembro 2007	<i>Diretora:</i> Marilena Bittar (UFMS - INMA) <i>Vice-Diretora:</i> Vera Fátima Corsino de Almeida (UNIGRAN) <i>Primeiro Secretário:</i> José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS - INMA) <i>Segunda Secretária:</i> Iraci Cazzolato Arnaldi (UNIDERP) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> Antônio Sales (UNIDERP) <i>Segunda Tesoureira:</i> Ellen Fedrigo <i>Primeiro Suplente:</i> José Felice (UEMS – Nova Andradina) <i>Segundo Suplente:</i> Paulo César Brandão <i>Comissão Editorial:</i> Giorgia Kopcak, Helena Leme (UEMS), Lusival Pereira dos Santos (SED-MS) e Maura Cristina Condolo Marques (UFMS – INMA).
Propostas	
<i>Não encontradas.</i>	
	<i>Diretor:</i> Chateaubriand Nunes Amâncio (UFGD) <i>Vice-Diretora:</i> Ivonélia Crescêncio da Purificação (UFGD) <i>Primeira Secretária:</i> Silvia Regina Vieira da Silva (UFMS-Paranaíba) <i>Segundo Secretário:</i> Luiz Carlos Pais (UFMS - INMA) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> Juciani Alves de Oliveira Camacho (SED-Dourados) <i>Segundo Tesoureiro:</i> Irio Valdir Kichow (UFGD)

Novembro de 2007 a ... ¹⁶	<i>Primeiro Suplente:</i> Vanilda Alves da Silva (UNIGRAN) <i>Segundo Suplente:</i> Dejahyr Lopes Junior (UCDB) Comissão Editorial: Antônio Sales (UEMS-Nova Andradina), Renato Gomes Nogueira (UFGD), Helena Leme (UEMS-Dourados), José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS - INMA)
Propostas	
- Garantir o processo de vitalização da SBEM-MS; - Angariar novos sócios; - Recadastrar sócios antigos; - Colocar em dia os pagamentos dos sócios; - Trabalhar para a continuidade dos Encontros Estaduais de Educação Matemática – ESEM; - Trabalhar junto à equipe de organização do X ENEM (julho de 2010 em Salvador-BA); - Promover, por iniciativa própria ou com entidades afins, cursos, palestras e outras atividades relacionadas com a Educação Matemática; - Trabalhar junto com a Diretoria Nacional, na definição e execução de políticas educacionais da SBEM em âmbito nacional; - Incentivar a criação dos núcleos setoriais da SBEM-MS em cidades polos de Mato Grosso do Sul; - Socializar informações sobre a Educação Matemática no Brasil e no Estado por meio de informativos eletrônicos; - Criar uma home page da SBEM-MS que possibilite a interatividade por meio do uso de ferramentas como fórum, lista de discussão, chat aos sócios.	
Novembro de 2010 a Agosto de 2012 (*)	<i>Diretor:</i> Irio Valdir Kichow (UFGD) <i>Vice-Diretor:</i> Márcio Antônio Da Silva (UFMS - INMA) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> Antônio Sales (UEMS – Nova Andradina) <i>Segunda Tesoureira:</i> Maria Aparecida Mendes De Oliveira (UFGD) <i>Primeira Secretária:</i> Vera Fátima Corsino de Almeida (Unigran) <i>Segunda Secretária:</i> Vanilda Alves Da Silva (UFMS– Ponta Porã) <i>Conselheiros Editoriais:</i> Marcelo Salles Batarce, Patrícia Sândalo Pereira (UFMS – INMA), Neusa Maria Marques De Souza, Anelisa Kisielewski Esteves.
Propostas	
- Garantir o processo de revitalização da SBEM-MS; - Angariar novos sócios	

¹⁶ Esta diretoria teve o mandato interrompido devido ao acidente com os professores que compunham a chapa em 2008.

- Recadastrar sócios antigos;
- Colocar em dia os pagamentos dos sócios;
- Trabalhar para a continuidade dos Encontros Estaduais de Educação Matemática – ESEM;
- Trabalhar junto à equipe de organização do XI ENEM;
- Promover, por iniciativa própria ou com entidades afins, cursos, palestras e outras atividades relacionadas com a Educação Matemática;
- Trabalhar junto com a Diretoria Nacional, na definição e execução de políticas educacionais da SBEM em âmbito nacional;
- Incentivar a criação dos núcleos setoriais da SBEM-MS em cidades polos de Mato Grosso do Sul;
- Socializar informações sobre a Educação Matemática no Brasil e no Estado por meio de informativos eletrônicos;
- Criar uma *home page* da SBEM-MS que possibilite a interatividade por meio do uso de ferramentas como fórum, lista de discussão, chat aos sócios.

Agosto de 2012 a Setembro de 2015 ¹⁷	<i>Diretor:</i> João Ricardo Viola dos Santos (UFMS - INMA) <i>Vice-Diretor:</i> Jader Otávio Dalto (UFMS - Aquidauana) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> Antônio Sales (UEMS/Nova Andradina) <i>Segundo Tesoureiro:</i> José Wilson dos Santos (UEMS/Nova Andradina) <i>Primeiro Secretário:</i> Adriana Barbosa Oliveira (UFMS - INMA) <i>Segundo Secretário:</i> Carla Regina Mariano da Silva (UFMS - INMA) <i>Conselho Editorial:</i> Anderson Martins Corrêa (IFMS - Aquidauana), Maysa Ferreira da Silva (Secretaria de Educação-MS), Márcio Antônio da Silva (UFMS - INMA), Renata Viviane Raffa Rodrigues (UFGD).
--	---

Propostas

- Site da SBEM-MS;
- Parceria com Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID);
- Parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS;
- Parceria com as Secretarias de Educação (Estadual e Municipal);
- Realização dos Fóruns Estaduais de Licenciatura em Matemática (Campo Grande – 2013);
- Encontro Estadual de Educação Matemática – ESEM;
- Boletim Eletrônico – SBEM-MS;
- Jornadas de Educação Matemática – JEM;
- Jornadas Locais de Educação Matemática – JEMs-Locais;

¹⁷ Registros apontam que em 2015 esta chapa estava totalmente alterada, sem maiores informações sobre essa nova constituição.

- Angariar novos sócios; - Trabalhar em conjunto com a diretoria nacional; - Estabelecer parcerias com outras sociedades científicas do estado; - Estabelecer um diálogo com a Secretaria Estadual de Educação como algumas Secretarias Municipais; - Divulgar as ações relacionadas à área de Educação Matemática.	
Setembro de 2015 a 2018	<i>Diretor:</i> João Ricardo Viola dos Santos (UFMS - INMA) <i>Vice-Diretor:</i> Thiago Pedro Pinto (UFMS - INMA) <i>Primeiro Tesoureiro:</i> Aparecida Santana de Souza Chiari (UFMS - INMA) <i>Segundo Tesoureiro:</i> Claudia Carreira da Rosa (UFMS- Ponta Porã) <i>Primeiro Secretário:</i> Deise Maria Xavier de Barros Souza (SEMED - Campo Grande) <i>Segundo Secretário:</i> Irene Coelho (UEMS - Cassilândia) <i>Conselho Editorial:</i> Késia Caroline Ramires Neves (UFMS – Ponta Porã), Adriano Fonseca Melo (SEMED – Campo Grande), Edilene Simões Costa dos Santos (UFMS – INMA), Thiago Donda Rodrigues (UFMS – Paranaíba)
Propostas	
- Elaborar uma plataforma de suporte para o professor; - Realizar parcerias com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS, com o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Matemática da UEMS e as Secretarias de Educação (Estadual e Municipais); - Realizar os Fóruns Estaduais de Licenciatura em Matemática (Campo Grande – 2016); - Encontro Estadual de Educação Matemática (2017); - Boletim Eletrônico – SBEM-MS; - Constituição de uma Diretoria Ampliada; - Projeto de Pesquisa: Quem é o professor de Matemática de Mato Grosso do Sul; - Escolas de Educação Matemática em MS; - Jornada de Educação Matemática.	

Fonte: Registros da pesquisa.

Percebe-se uma regularidade no encerramento e início de cada gestão, sendo que essa troca de diretoria acontece durante o Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM). No final de cada gestão (geralmente de três anos) é realizada a eleição da próxima durante a Assembleia Geral do ESEM. O protocolo encontrado prevê que a chapa que tem

interesse em assumir a diretoria deve enviar uma proposta de trabalho em até um mês antes do encontro. Na assembleia, os sócios votam e a nova diretoria assume a SBEM-MS. No histórico de eleição encontrado em documentos escritos não houve chapas concorrentes em alguns períodos e em outros só apareceram informações sobre as chapas que efetivamente assumem o papel da diretoria.

Alguns fatores afetaram, por vezes, essa regularidade identificada. Na gestão de 1993, observamos que a troca de diretoria foi realizada posteriormente ao V ESEM realizado em 1995. Encontramos algumas correspondências destinadas aos sócios para informá-los sobre a realização do evento e, neste, sobre a eleição da nova diretoria regional que acontecia durante a Assembleia Geral. Em uma correspondência do dia 07/11/1995, a secretaria da SBEM-MS convida os sócios para participarem dessa eleição e explicita alguns requisitos necessários para a candidatura dos sócios à direção, quais sejam: “Todas as chapas ficam obrigadas, quando do seu pedido de inscrição, apresentar um programa de trabalho” (Art. 37, parágrafo 2º). “Os candidatos aos cargos eleitos deverão ser sócios quites e se manifestar por escrito sobre sua candidatura” (Art. 41). “Não é permitida a acumulação de cargos eletivos” (Art. 42). “Poderá se candidatar aos cargos eletivos, somente aquele sócio que esteja filiado à SBEM, por um período mínimo de um ano” (Art. 48). Percebe-se que as exigências feitas para a candidatura dos sócios à diretoria são mínimas fazendo com que aumente a quantidade de pessoas aptas a concorrerem à eleição.

Nessa época, olhando as correspondências, fica evidente a ausência de interessados em assumir a diretoria regional, mostrando certa fuga por parte dos filiados em comprometer-se com os deveres relacionados aos cargos. Isso fica claro ao olharmos para a correspondência enviada pela sociedade para os sócios do dia 07/11/1995 conclamando-os para manifestarem interesse e até o dia posterior ao encerramento das inscrições nenhuma chapa havia submetido proposta. A sociedade entra em contato novamente com os sócios prorrogando o período de inscrição até o último dia do evento (02/12/1995) no início da Assembleia Geral. Nesse dia, não foi possível fazer a eleição da nova chapa por falta de quórum, de modo que a votação foi adiada para o dia 16/03/1996, como mostra a ata da Assembleia Geral da SBEM-MS, evidenciando o desinteresse por parte dos associados em participar da diretoria da sociedade e, até mesmo, das eleições.

Percebe-se que eventos são os propulsores das discussões em torno da Educação Matemática e da SBEM-MS, de modo que já tendo acontecido o ESEM e sendo necessária a eleição da nova chapa, a providência foi a organização de outro evento, menor, que cumprisse o papel de congregar pessoas da sociedade. Seriam os eventos pretextos para a SBEM-MS se consolidar? Haveria outros espaços que propiciariam a mobilização de uma comunidade interlocutora?

No caso citado acima, a eleição foi realizada durante a Jornada de Matemática que foi um dia destinado para as atividades da Sociedade. A programação do evento abaixo, nos mostra que no início e no final do encontro foram realizadas atividades voltadas à Educação Matemática como uma forma de angariar participantes e fazer com que eles permanecessem até o final, tendo em vista que o evento ocorreu no período da manhã e da tarde. Percebe-se que as atividades da sociedade foram alocadas entre duas ações (palestra e mesa redonda) para que houvesse uma maior participação dos sócios presentes.

Figura 2 - Carta aos sócios convidando para a Jornada de Matemática

Campo Grande, 27 de Fevereiro de 1996

Prezado (a) Colega,

O objetivo desta é convidá-lo a participar de uma jornada de Matemática (programação abaixo) e do processo de eleição da próxima diretoria da SBEM-MS, os quais ocorrerão no dia 16/03/96 (sábado), no prédio do CESUP, rua Ceará, nº 330. Esclarecemos que não haverá taxas a pagar e que todos os professores de Matemática que estiverem interessados poderão participar.

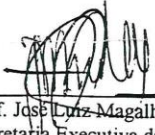
Informamos ainda que a eleição da nova diretoria da SBEM estava prevista para o dia 02/12/95, mas por falta de quorum decidiu-se prorrogar o mandato da atual diretoria até 16/03/96, ocasião em que deverá ocorrer uma jornada de Atividades Matemáticas, bem como a eleição da nova diretoria da SBEM-MS.

Programa da jornada de Matemática do dia 16/03/96

<i>Horário</i>	<i>Atividades</i>
8:00	Abertura
8:05	Palestra: As calculadoras na Educação Matemática Prof. Edmir Ribeiro Terra - CEUD/UFMS
8:45	Intervalo
9:00	Informes sobre a situação da SBEM/MS
9:20	Intervalo para inscrição de chapas
10:00	Eleição da diretoria da SBEM
10:30	Divulgação de projetos (cursos, oficinas, grupos de estudo e outros)
11:30	Intervalo para almoço
13:30	Mesa Redonda: Atividades em Educação Matemática Coordenação Prof. José Luiz Magalhães de Freitas.

Esperando mais uma vez poder contar com sua colaboração nos colocamos a disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,



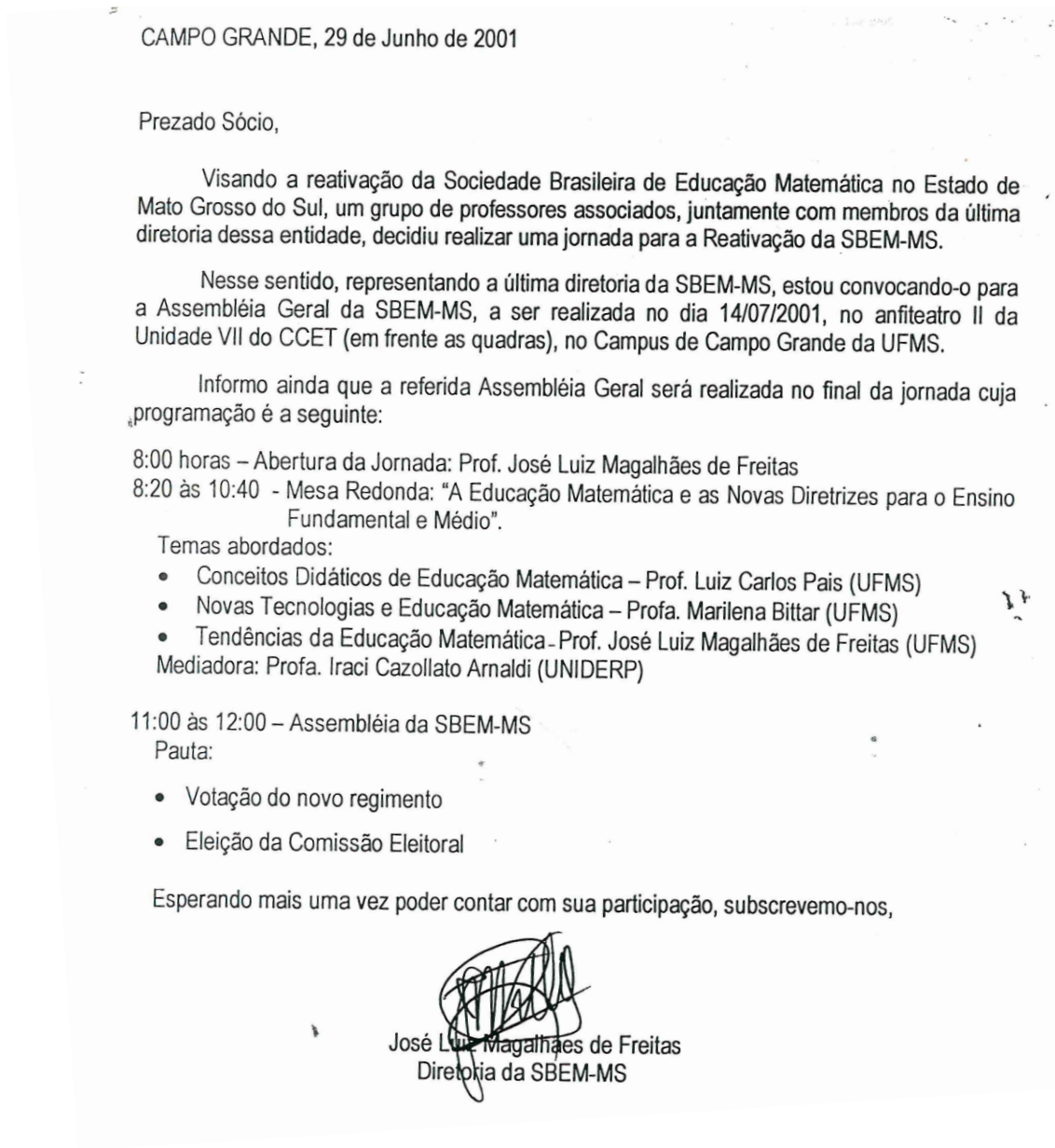
Prof. José Luiz Magalhães de Freitas
Secretaria Executiva da SBEM-MS

Fonte: Registro da pesquisa.

Ao observar a aparente relutância na inscrição de chapas que concorressem à nova direção da SBEM-MS, pode-se inferir sobre a possibilidade de que a chapa que se inscreveu no último dia do ESEM o fez com o intuito de contribuir para sua não desativação, coisa que, na prática, parece ter acontecido quando observamos, nos documentos escritos, a preocupação, em 2001, com a “Reativação” da diretoria.

Os documentos escritos apontam para a ocorrência de um ESEM em 1999 e, posteriormente, em julho de 2001, foi enviada uma correspondência para os sócios pelo Professor José Luiz Magalhaes (como representante da última diretoria), convidando-os para uma jornada para a Reativação da SBEM-MS e para a Assembleia Geral da SBEM-MS. No encontro foi realizada, primeiramente, uma discussão mais geral sobre Educação Matemática e observa-se uma preocupação com a Educação Básica na medida que é proposta a discussão sobre as Diretrizes para o Ensino Fundamental e Médio, evidenciando a tentativa de integração da SBEM-MS com os diferentes níveis de ensino.

Figura 3 - Convite aos sócios para a Reativação da SBEM-MS



Fonte: Registro da pesquisa.

Outro momento difícil pelo qual a SBEM-MS passou, foi na gestão que iniciou em 2007. Em 2008, devido a um acidente automobilístico, faleceram quatro professores, sendo três deles membros da diretoria. Isso provocou uma intensa comoção entre os envolvidos tanto na SBEM-MS quanto na comunidade nacional de educadores matemáticos.

Ao saber da situação da regional de Mato Grosso do Sul, a SBEM Nacional consulta os regimentos e o conselho para formar uma diretoria *pró-tempore*, tendo como diretora a Professora Marilena Bittar. Em 2010, alguns professores tentaram reativar as atividades da SBEM-MS, resultando na diretoria que tinha o Professor Irio como presidente.

Por conta desse movimento de constituição da SBEM-MS, não há um lugar fixo para as atividades da sociedade, somente endereços para contato que, com o desenvolvimento das tecnologias deixou de ser um lugar geográfico assumindo um espaço nos endereços eletrônicos e nas redes sociais. Como ainda existe uma cultura de produção de documentos escritos e, por vezes, de sua manutenção nesse suporte (não havendo necessária digitalização), quando há mudanças de diretoria, todos os pertences e documentos da sociedade são levados para junto do novo diretor/membro da SBEM-MS, dificultando seu acesso e manuseio. Essa é uma das razões que levam essa pesquisadora ao exercício fundamental de digitalização e disponibilização dos documentos resgatados e produzidos por essa pesquisa¹⁸.

Alguns esboços dos **Boletins Informativos da SBEM-MS** referentes aos anos de 1996 e 1997 (e publicado neste último) foram encontrados e traziam informações sobre a importância dessa sociedade, legislação, os membros que compunham a diretoria, informações sobre como tornar-se sócio, endereço para correspondência e uma ficha de inscrição com os valores para cada tipo de titulação¹⁹.

¹⁸ Este projeto do grupo HEMEP visa constituir um acervo físico e online das fontes disponibilizadas e construídas nas pesquisas realizadas pelo grupo sobre a atuação e formação de professores de Matemática no estado de Mato Grosso do Sul. Tal projeto é coordenado pelo Professor Dr. Thiago Pedro Pinto e, segundo o projeto original, possui como objetivos específicos: produzir fontes históricas a partir de entrevistas; receber e organizar materiais históricos referentes à temática em questão; organizar, limpar e digitalizar fontes históricas, prezando pela sua manutenção; disseminar o material produzido e recebido por meio de livros, catálogos e plataforma on-line; e, capacitar pessoal para trabalho com acervo histórico.

¹⁹ Essa titulação referia-se aos acadêmicos, efetivos (1º e 2º graus), efetivos (3º grau) e institucionais.

Figura 4 - Esboço do Boletim Informativo da SBEM-MS²⁰

Boletim
INFORMATIVO - SBEM/97 - No. 1.
(SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - REGIONAL MS)

CARO SÓCIO...

NO ANO DE 1996, MAIS PRECISAMENTE NO MÊS DE MARÇO FOI FORMADA A NOVA DIRETORIA, A PARTIR DA INDICAÇÃO DE ALGUNS SÓCIOS, E DA QUAL UMA ÚNICA CHAPA SE INSCREVEU. APROVADA A DIRETORIA FEZ-SE UM CRONOGRAMA DE ATIVIDADES QUE ENVOLVERIAM TAMBÉM A CONFEÇÃO DE UM INFORMATIVO, QUE AGORA CHEGA A SUAS MÃOS. TIVEMOS UM ANO (1996) BASTANTE DIFÍCIL PARA TODOS, EM TODOS OS SENTIDOS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE À EDUCAÇÃO, INCLUINDO SALÁRIOS E PLANOS DE CARREIRA, TANTO A NÍVEL MUNICIPAL QUANTO ESTADUAL, REFLEXO DAS POLÍTICAS, SENTIDA MAIS NA ÁREA ESTADUAL PELO Nº DE GREVES QUE TIVEMOS SEM FALAR NAS OPERAÇÕES TARTARUGAS E OUTRAS MANIFESTAÇÕES JUSTAS PERANTE A CLASSE TRABALHADORA.

ESPERAMOS ENTÃO QUE ESSE ANO SEJA MAIS PROMISSOR EM TERMOS DE SALÁRIOS, ENCONTROS E DIVULGAÇÕES. FELIZ 1997.

IVANILDA (PRESIDENTE)
EDMIR TERRA (2º SECRETÁRIO)

PROFESSORES ERRAM!

TODO PROFESSOR É ANTES DE TUDO UM SER HUMANO, E PORTANTO PASSÍVEL DE ERROS TAIS COMO: CALCULAR INCORRETAMENTE; ESQUECER UM SINAL; DATA ERRADA NO QUADRO E OUTRAS. SUGIRA AOS ALUNOS QUE OBSERVEM OS ERROS E TERÁ:

- OS ALUNOS SERÃO FORÇADOS A OBSERVAR
- A NOÇÃO DE QUE O ERRO É PERMITIDO E NÃO PRECISA SER ALGO EMBAARAÇOSO.
- OS ALUNOS SÃO ENCORAJADOS A PERCEBER O Nº DE ERROS ATÉ O FIM DO ANO.
- O PROFESSOR NÃO SE TORNAVA MAIS LÍDIO.

MINI-COMPARTE

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
RUA ...

CAMPO GRANDE / MS.

Fonte: Registro da pesquisa.

²⁰ Boletim Informativo – SBEM/97 – Nº1 (Sociedade Brasileira de Educação Matemática – Regional MS). Primeira coluna: Caro sócio... No ano de 1996, mais precisamente no mês de março foi formada a nova diretoria, a partir da indicação de alguns sócios, e da qual uma única chapa se inscreveu. Aprovada a diretoria fez-se um cronograma de atividades que envolveriam também a confecção de um informativo, que agora chega a suas mãos. Tivemos um ano (1996) bastante difícil para todos, em todos os sentidos, principalmente no que se refere a Educação, incluindo salários e planos de carreira, tanto a nível municipal quanto estadual, reflexo das políticas, sentida mais na área estadual pelo número de greves que tivemos sem falar nas operações tartarugas e outras manifestações justas perante a classe trabalhadora. Esperamos então que esse ano seja mais promissor em termos de salários, encontros e divulgações. Feliz 1997. Ivanilda (Presidente) e Edmir Terra (Segundo Secretário). Segunda coluna: Professores erram! Todo professor é antes de tudo um ser humano, e portanto passível de erros, tais como: calcular incorretamente; esquecer um sinal; data errada no quadro e outras. Sugira aos alunos que observem os erros e terá: a) os alunos serão forçados a observar. b) a noção de que o erro é permitido e não precisa

Temos dois esboços do Boletim impresso de 1996 e de 1997 e, a este esboço anteriormente apresentado (1997), é acrescido um pequeno texto sobre os erros cometidos pelos professores em sala de aula, discorrendo que este pode ser um potencializador para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Outros Boletins foram encontrados do ano de 2002, 2004, 2005, 2007, 2011 e 2012 em versão digital, sendo que somente os dois últimos são publicações eletrônicas dos Boletins Informativos.

De um modo geral, a estruturação do Boletim Informativo era composta por seções de apresentação da SBEM-MS bem como a composição da diretoria vigente ou a eleição de uma próxima, alguns informes sobre os eventos que iam ocorrer no estado e no país, endereço e telefones para contato.

Percebe-se uma mudança dessa estrutura nas versões eletrônicas (2011 e 2012), na medida que são colocados textos que levantam discussões sobre a Educação Matemática na sala de aula e resumos dos X e XI ESEM, respectivamente, sendo uma maneira de divulgação para aqueles que não participaram do evento. Destacamos nessas novas versões um espaço para a participação dos professores com relatos de experiências de sala de aula na publicação dos Boletins, tornando-se um espaço de todos os envolvidos na sociedade e não só como meio de informação da diretoria. Também houve um espaço destinado para divulgação de resultados das pesquisas dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Educação Matemática, de modo a contribuir com os professores que ensinam Matemática.

Comparando esses informativos da regional de Mato Grosso do Sul com alguns exemplares dos boletins da SBEM Nacional, referente ao período de 1993-1995, e também de outras regionais, observa-se uma estrutura padrão entre os boletins das regionais com informações sobre a diretoria e informações sobre os próximos eventos. Destaca-se, entre eles, o boletim da SBEM-RJ que apresenta uma estrutura mais elaborada, com as realizações e planos das diretorias, o anteprojeto do regimento da SBEM-RJ, algumas resenhas e agenda de eventos. Essa estrutura assemelha-se com o boletim da SBEM Nacional que apresenta aos sócios uma

ser algo embaraçoso. c) os alunos são encorajados a prever o nº de erros até o fim do ano. d) o professor pode se tornar mais cuidadoso. Mini-artigo. Endereço para correspondência. Rua... Campo Grande/MS.

visão mais ampla das ações realizadas pela sociedade, buscando integrar os professores nas discussões que estão sendo realizadas na área da Educação Matemática.

Documentos como o “*Projeto: Encontros Regionais de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul – 1987/1988*” nos dão informações acerca do destino dado a verba da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) cedido para a realização do referido evento. O orçamento solicitado nesse projeto cobria gastos com materiais de organização, materiais de consumo, assim como itens para o lanche dos participantes e materiais para o serviço de divulgação como, por exemplo, elaboração de fichas de inscrições, programação e faixas. Também há registros de auxílio para os conferencistas bem como o transporte e despesas de estadia destes e para alguns participantes vindos do interior do estado.

Por mais que os encontros regionais sejam apresentados nesses documentos como uma das principais ações da SBEM-MS, a organização desse evento antecede a própria criação da Sociedade. Assim, ela não surge para a promoção desse encontro e sim incorpora esse evento já existente como parte de suas ações, com o intuito de congrega professores de todos os níveis de ensino e graduandos para discutir questões relacionadas à Educação Matemática. Percebe-se que os professores que estavam envolvidos na organização dos encontros é que vão se mobilizar para a criação da SBEM-MS, como o Professor Eronídes de Jesus Bíscola, na época coordenador do curso de Licenciatura em Matemática, que esteve à frente do projeto buscando financiamento, junto a CAPES, para sua execução. Desta forma, percebe-se que o estado tinha um grupo, mesmo que não formalizado, de pessoas que já estavam discutindo questões sobre a Educação Matemática e promovendo ações (como esses encontros citados) com professores de todos os níveis. A sociedade mostra-se como uma consequência dessa articulação de professores.

Entre os documentos encontrados, o registro do I ESEM data de 1988. Esse evento estadual se tornaria a principal atividade realizada pela SBEM-MS. Analisando os documentos, percebemos que houve alterações com relação ao nome do evento em alguns períodos:

- 1988: Encontro Regional do Ensino de Matemática de Mato Grosso do Sul.
- 1989: Encontro Estadual de Ensino de Matemática (EEEM).
- 1990-1999: Encontro de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul (EDUMAT).

- 2001- dias atuais: Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM).

O intuito de promover esses encontros é proporcionar aos professores (da Educação Básica à Pós-Graduação da área ou de áreas afins) e alunos da licenciatura um espaço de diálogo, em que são realizados relatos de experiências, apresentação de minicursos, palestras e apresentação de pesquisas que envolvem a Educação Matemática.

Ao longo do tempo foram buscadas diferentes articulações com professores de diferentes universidades nesses espaços. Abaixo apresentamos aqueles cujos registros conseguimos mapear²¹:

- **I Encontro Regional do Ensino de Matemática de Mato Grosso do Sul**, realizado na UFMS de Campo Grande em maio de 1988.
- **II Encontro Estadual de Ensino de Matemática (EEEM)**, realizado na UFMS de Campo Grande em outubro de 1989.

Organizado por: Renato Gomes Nogueira, Sônia, Ivanildo da Silva Cruz, Edmir Ribeiro Terra e Oracilda Alves de Palma. Este evento buscou interlocução com os professores²²: Francisco Fontanella (UNICAMP), Maria Therezinha de Lima Monteiro (UFMS), Maria Laura Mouzinho Leite (Rio de Janeiro), Ana Maria Sampaio, Eronídes de Jesus Bíscola (UFMS), Ana Cecília F. Pereira.

- **III Encontro de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul (EDUMAT)**, realizado no CDRH²³/Secretária de Saúde/MS em Campo Grande em novembro de 1990.

Organizado por: Ângela Cecília Quarentei Gardiman, Celso Cardoso, José Felício, Polônia Albino Maia, Renato Gomes Nogueira. Este evento buscou interlocução com os professores²⁴: Nilza Eigenheer Bertoni (UnB), Eduardo Sebastiane Ferreira (UNICAMP), Ana

²¹ A digitalização desses documentos foi feita por essa pesquisadora e terá seu resultado disponibilizado nos sites do HEMEP (<http://hemep.blogspot.com.br/>) e da SBEM-MS (<http://www.sbem-ms.com.br/>).

²² Em registro, encontramos alguns possíveis interlocutores que a comissão organizadora ficou de convidar: Nilza Bertoni (UnB); Ernesto Rosa Neto (Mackenzie-SP); Luiz Roberto Dante (UNESP-SP); Luís Márcio Imenes (UNESP-SP); Roberto Ribeiro Baldino (UNESP-SP); Maura Cristina Candolo Marques (UFMS); Celso Cardoso (UFMS); Ivanildo da Silva Cruz (UFMS).

²³ Coordenadoria de Desenvolvimento de Recursos Humanos.

²⁴ Foram encontrados dentre os registros, cartas convidando alguns professores a participarem e/ou ministrarem palestras e/ou minicursos. Entre eles estão: Elias Boaventura, Maura Cristina Candolo Marques (UFMS),

Maria H. Kallef (UFF), Eurípedes Alves da Silva (UNESP-Araraquara), Dulce Satiko Onaga (CEM-SP), Maria Heliete M. C. Moreno (UFMT), José Roberto Zornatto (UFMS-Corumbá).

- **IV Encontro de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul (EDUMAT)**, realizado no Centro de Ensino Superior de Campo Grande (CESUP) em novembro de 1993.

Organizado por: Ângela Cecília Quarentei Gardiman, Heloisa Laura de Queiroz Gonçalves, Iraci Cazzolato Arnaldi, José Luiz Magalhães de Freitas, Maria das Graças Bruno Marietto. Este evento buscou interlocução com os professores: Nilza Eigenheer Bertoni (UnB), Luís Carlos Pais (UFMS), Iraci Cazzolato Arnaldi, Marilena Bittar (UFMS), Ângela Cecília Quarentei Gardiman (CESUP), Antônio Sales (UFMS), Ernesto Rosa Neto (Mackenzie), José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS), Ruy Madsen Barbosa (UNESP).

- **V Encontro de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul (EDUMAT)**, realizado na UFMS de Campo Grande em outubro de 1995.
- **VI Encontro de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul (EDUMAT)**, realizado na UFMS de Campo Grande em outubro de 1999.

Esse evento foi organizado pelo Departamento de Matemática (CCET) da UFMS e contou com a colaboração dos seguintes professores: Nilza Eigenheer Bertoni (UnB-MEC), Franck Bellemain (IMAG-França), Marcelo Henriques de Carvalho (UFMS), José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS), Marilena Bittar (UFMS), Renato Gomes Nogueira (UFMS), Iraci Cazzolato Arnaldi (UNIDERP), Ivanilde Herrero Fernandes Saad (UCDB), Eduardo Sarquis (Ed. Formato/Escola Cooperativa de Ensino de Belo Horizonte).

- **VII Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM)**, realizado na UFMS de Campo Grande em novembro de 2001.

Organizado por: Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa, José Luiz Magalhães de Freitas, Luiz Carlos Pais, Marilena Bittar, Maura Cristina Candolo Marques. Este evento

Aureotilde Monteiro (SED), Gilberto Luiz Alves (FUFMS), Ana Maria Domingues Sampaio (Centro Universitário de Dourados), Laboratório de Currículo da Secretaria Municipal de Educação, Edmir Ribeiro Terra, Oracilda Alves Palma, Denize Silva de Oliveira, Scipione de Pierro Neto, Janan Bolívia Shabib (Centro Universitário de Corumbá), Centro de Informática Educacional e Distribuidora Saraiva.

buscou interlocução com os professores: Wagner Valente (PUC-SP), Antônio José Lopes Bigode (Editora FTD), João Lucas Marques Barbosa (SBM/Fortaleza-CE), José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS), Luiz Carlos Pais (UFMS), Iraci Cazzolato Arnaldi (UNIDERP).

- **VIII Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM)**, realizado na UNIDERP em Campo Grande em outubro de 2004.

Organizado por: Marilena Bittar, Vera Fátima Corsino de Almeida, José Luiz Magalhães de Freitas, Iraci Cazzolato Arnaldi, Antônio Sales, Ellen Fedrigo, José Felice, Paulo César Brandão, Giorgia Kopcak, Helena Leme, Lusival Pereira dos Santos, Maura Cristina Candolo Marques. Este evento buscou interlocução com os professores: Antônio Sales (UNIDERP), Luis Márcio Imenes (Ed. Scipioni), Paulo Figueiredo (SBEM) e Alfredo Salvetti (UFMS)

- **IX Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM)**, realizado na UFMS de Campo Grande em novembro de 2007.

Este evento foi organizado pela diretoria da SBEM-MS vigente na época. Este evento buscou interlocução com os professores: Celi Spadansin (UNICSUL) e Leny Rodrigues Teixeira (UCDB).

- **X Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM)**, realizado na em Dourados em 2011.

Este evento foi organizado por: Marcio Antônio da Silva, José Luiz Magalhães de Freitas, Carla Regina Mariano da Silva, Heiracles Mariano Dias Batista, Marcelo Salles Batarce e Maria Aparecida Silva Cruz. Este evento buscou interlocução com os professores: Antônio Vicente Marafioti Garnica²⁵ (UNESP), Marilena Bittar (UFMS), Ana Maria de Lima Souza (SED) e José Luiz Magalhães de Freitas (UFMS).

- **XI Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM)**, realizado na UEMS de Nova Andradina em 2012.

Este evento foi organizado por: Irio Valdir Kichow, Marcio Antônio da Silva, Vanilda Alves da Silva, Carla Regina Mariano da Silva, Antônio Sales,

²⁵Neste evento é publicada uma síntese da palestra de abertura realizada pelo Professor Antônio Vicente Marafioti Garnica, no Boletim Informativo do ano de 2011.

Maria Aparecida Mendes de Oliveira, Macelo Salles Batarce, Patrícia Sândalo Pereira, Neusa Maria Marques de Souza, Anelisa Kisilewski Esteves. Não encontramos registros que evidencie a participação de professores palestrantes de outras universidades do país até o momento.

- **XII Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM)**²⁶, realizado na UFMS de Campo Grande em setembro de 2015.

Este evento foi organizado por: João Ricardo Viola dos Santos, Thiago Pedro Pinto, Edilene Simões Costa dos Santos, Antônio Sales, Adriana Barbosa Oliveira e José Wilson dos Santos. Buscou-se o diálogo com professores de outras universidades, sendo eles: Antônio José Lopes (Bigode) (UFMG), Maria Laura Magalhães Gomes (UFMG), Vinício de Macedo Santos (USP).

Analisando a composição da comissão organizadora de cada evento, percebemos que em apenas dois deles é a própria diretoria vigente que a organiza. Além disso, evidencia-se que, em grande parte dos eventos, a maioria das pessoas que participam na organização assume algum cargo na diretoria que é eleita no final do mesmo evento. Nesse sentido, parece ser comum que os membros da chapa que concorre à diretoria, comecem a participar da sociedade antes de assumir propriamente a direção, tendo em vista que, em grande parte das eleições, não há chapas concorrentes. Observando certa regularidade em termos de organização dos ESEMs, destaca-se a sexta edição que é organizada pelo Departamento de Matemática da UFMS, tendo a SBEM-MS apenas como colaboradora do evento. Isso evidencia uma ruptura entre o ESEM e a Sociedade na medida que o evento assume o papel como parte integrante daquela comunidade e mesmo que a diretoria vigente não se organize para realiza-lo há uma comunidade ativa, articulada ou não com a SBEM-MS, que o faz.

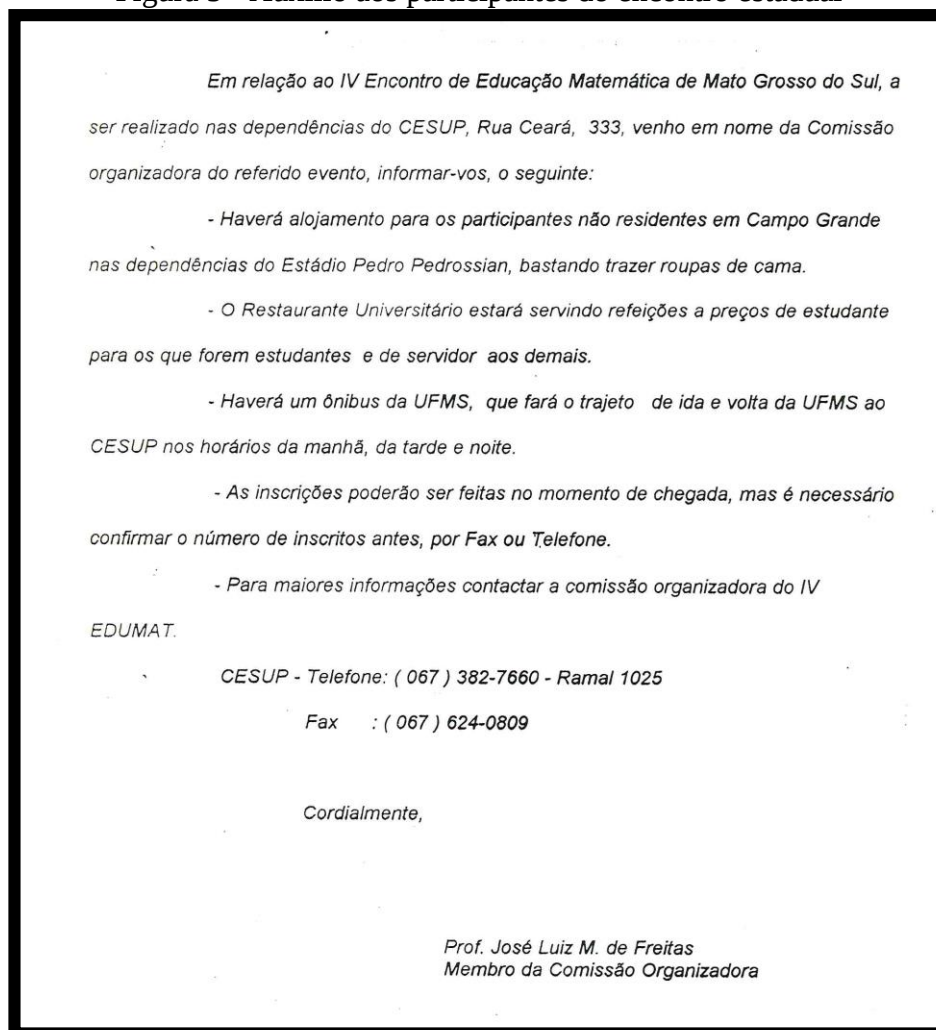
Os interlocutores convidados para os eventos, em sua maioria, são professores de universidades do estado (tanto particulares como públicas), alunos de Pós-Graduação e professores atuantes na Secretaria de Educação (Municipal e Estadual). Também há registros de participação de professores de outros estados como, por exemplo, Brasília, Mato Grosso e

²⁶ Encontro a ser realizado do dia 18 a 20 de Setembro de 2015.

São Paulo, sendo mais frequente a participação de professores desse último. Essa articulação com outras instituições evidencia uma proposta de integração com as discussões que ocorrem nacionalmente em termos de Educação Matemática, colaborando com as pesquisas realizadas no estado e mantendo-o atualizado frente às pesquisas desenvolvidas.

Por dois momentos, em 1990 e 1993, foram encontrados documentos que evidenciam uma preocupação da Comissão Organizadora com a participação de pessoas do interior do estado. A partir de acordos com a UFMS, eram oferecidos alojamento, restaurante com preço reduzido e ônibus para levá-los do alojamento até a instituição que sediava o encontro.

Figura 5 - Auxílio aos participantes do encontro estadual



Fonte: Registro da pesquisa.

Além dos encontros estaduais, a SBEM-MS também se propôs em colaborar com a realização dos **Encontros Regionais de Educação Matemática (EREM)**, sendo o primeiro realizado juntamente com a UNIGRAN²⁷ em setembro de 2002 e o segundo realizado em outubro de 2005, novamente em Dourados.

O Boletim Informativo de 2005 assinala para essa ação da SBEM-MS, bem como para a divulgação das novas vias de comunicação dessa sociedade.

Figura 6 - Boletim Informativo sobre o II EREM



Sociedade Brasileira de Educação Matemática

Regional de Mato Grosso do Sul

Boletim Informativo

número 01/2005

Notícias

A nova diretoria nacional da SBEM foi empossada no ano passado e tem sede na Universidade Federal de Pernambuco. Por problemas financeiros houve atraso na edição da **Educação Matemática em Revista**, que começou a ser enviada aos sócios no mês de agosto. Ainda este ano, outro número da revista será enviado.

Além do envio da Educação Matemática em Revista e de nossa página na Internet (<http://www.sbem.com.br>), a SBEM está viabilizando um novo canal de comunicação com os sócios, o **Boletim Eletrônico** da SBEM nacional. Em princípio, esse Boletim será editado a cada dois meses. Nele constarão informações sobre a nossa Sociedade, principais eventos importantes para a nossa área, notícias gerais sobre acontecimentos que interessem à comunidade de educadores matemáticos, entre outros.

Sua colaboração é importante para o fortalecimento do Boletim. Escreva, envie notícias, coloque suas dúvidas.

Esse Boletim somente será divulgado no site da SBEM e por e-mail, para os sócios que tenham endereço eletrônico cadastrado em nosso banco de dados. Essa escolha se deve à impossibilidade da Sociedade arcar com os custos de impressão e distribuição de um boletim a todos os sócios.

II Encontro Regional de Educação Matemática

Será realizado, nos dias 27, 28 e 29 de outubro de 2005, o II EREM – Encontro Regional de Educação Matemática, uma promoção da SBEM/MS e realização da UNIGRAN-Dourados. O tema do encontro é Tendências em Educação Matemática e terá carga horária de 30 horas. O encontro será realizado na sede da UNIGRAN em Dourados e tem a seguinte programação:

27/10 – 5ª feira
16:00 – Credenciamento
19:00 – Abertura
19:30 – Palestra “A rainha destronada”

28/10 – 6ª feira
8:00 às 10:00 – Mini-curso 1ª parte
10:00 às 11:30 – Mesa redonda
13:00 às 15:00 – Mini-curso 2ª parte
15:00 às 17:00 – Mostra de materiais
19:00 às 21:00 – Mini-curso 1ª parte
21:00 – Atividade cultural

29/10 – Sábado
8:00 às 10:00 – Mini-curso 2ª parte
10:00 às 11:30 – Mostra de trabalhos
13:00 às 16:00 – Apresentação de trabalhos
16:00 às 17:00 – Encerramento

Fonte: Registros da pesquisa.

Alguns **ofícios expedidos** pela SBEM-MS trazem registros para informar os sócios sobre as atividades que estavam sendo realizadas pela diretoria. Desses documentos, constam vinte e quatro do ano de 1990, dois de 1991 e dois de 1993.

²⁷ Universidade da Grande Dourados.

Quadro 3 - Ofícios

	Ano	Números
Ofícios	1990	nº. 02/90 a nº 17/90; nº. 19/90, nº. 22/90; nº. 24/90 a nº 29/90.
	1991	nº. 02/91 e nº. 03/91.
	1993	nº. 01/93 e nº. 03/93

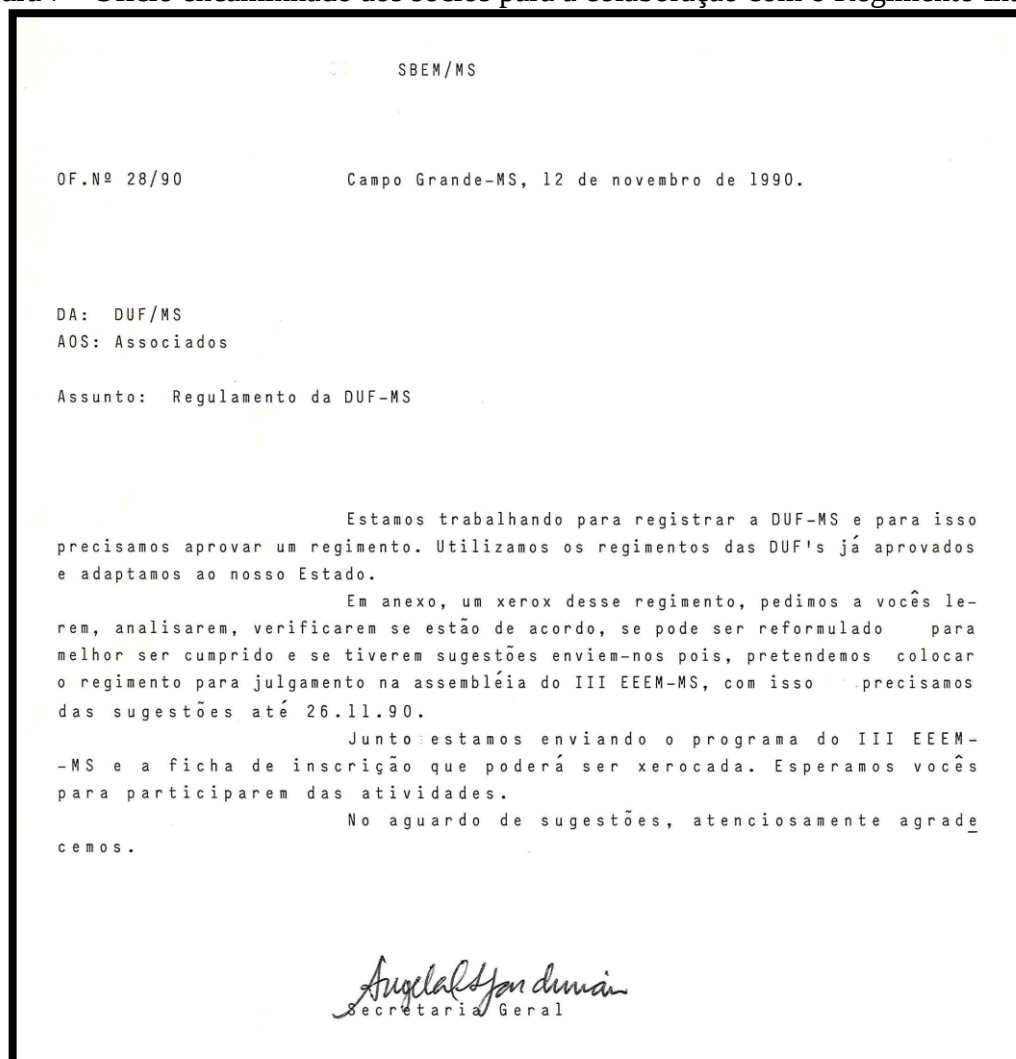
Fonte: Registros da pesquisa.

Esses documentos fazem referências a quatro solicitações de colaboração para a promoção dos eventos estaduais (mais especificamente do III e do IV EEEM-MS), trata-se de convites para participação de professores em minicursos e palestras; comunicação com a SBEM nacional, informando sobre as atividades realizadas; regulamento da diretoria regional; e relatório sobre III EEEM-MS para a SBEM nacional.

Encontramos duas correspondências que retratavam o pedido para o registro da SBEM para o Conselho Nacional de Serviço Social, no ano de 1990. A primeira correspondência foi destinada as regionais, a pedido da SBEM Nacional, pedindo um relatório de atividades da SBEM-MS para ser encaminhado ao conselho. A segunda correspondência faz referência à resposta dada por esse Conselho indeferindo o pedido de registro da SBEM Nacional. No documento, há um trecho do parecer dado relatando que a sociedade não traz benefícios para a comunidade e restringe suas atividades aos sócios. Alguns dados foram expostos esclarecendo que o número de filiados nos eventos realizados totaliza cerca de 20% dos participantes, evidenciando o fato de que a SBEM consegue mobilizar mais pessoas para participarem dos eventos do que apenas os sócios. A carta é finalizada com um pedido de reconsideração do parecer.

Ao analisar esses ofícios percebemos o compromisso da Sociedade em envolver os associados nas atividades que, comumente, são destinadas apenas aos diretores, como as questões burocráticas. Os pedidos de análise, contribuição e sugestão para o Regulamento da SBEM-MS que foi enviado e é apresentado abaixo, nos remete a pensar em um grupo articulado e participativo junto às decisões da regional.

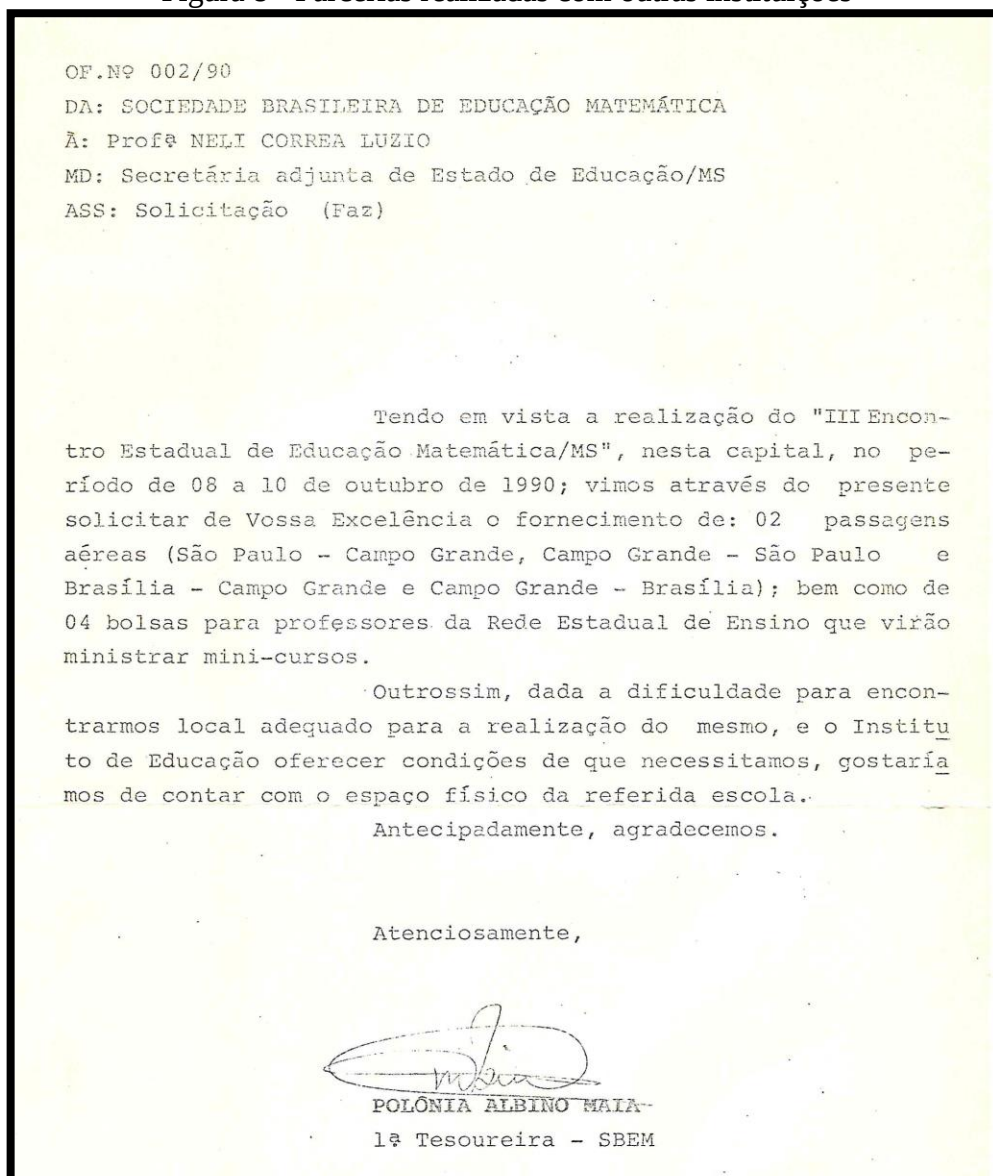
Figura 7 - Ofício encaminhado aos sócios para a colaboração com o Regimento Interno



Fonte: Registro da pesquisa.

A SBEM-MS custeava passagens e hospedagens de professores que ministravam as oficinas ou palestras nos eventos estaduais. Entretanto, esses recursos não eram exclusivamente do repasse feito pela SBEM Nacional (pelo pagamento das anuidades dos associados). Esse repasse é proporcional ao número de associados no estado, que sempre foi baixo. Dessa forma, em algumas correspondências fica evidente o trabalho da diretoria em angariar fundos para a promoção do evento buscando contribuições junto a outras instituições. Um exemplo é a solicitação de parceria com a Secretaria Estadual de Educação.

Figura 8 - Parcerias realizadas com outras instituições



Fonte: Registro da pesquisa.

Há uma pasta em que está parte das **correspondências recebidas** pela sociedade, a maioria tratando de convites para eventos de outras regionais e respostas dos participantes confirmando a presença nos eventos regionais do estado; prestação de contas e informativos da SBEM Nacional.

A SBEM-MS assume, ainda, a promoção do Fórum de Licenciatura em Matemática que, em quatro edições, dedicou-se a discutir:

Quadro 4 - Relatórios dos Fóruns de Licenciatura em Matemática

Edição	Mês/Ano	Temática
I	Agosto de 2002	Resoluções das diretrizes curriculares; o perfil do profissional e identidade do curso; perfil do professor do curso de Licenciatura; pesos e tratamentos dos conteúdos; articulação das disciplinas do curso; uso de resultados de pesquisas em Educação Matemática; e práticas de ensino e estágio supervisionado.
II	Setembro de 2002	Práticas de Ensino e o Estágio Supervisionado
III	Novembro de 2002	Críticas às diretrizes; regulamentação da profissão de matemático e o sentimento de inferioridade por parte dos profissionais formados em Licenciatura em Matemática; grades curriculares para os cursos de Licenciatura; atividades atribuídas ao professor de Matemática (como análise dos conteúdos, atividades em laboratórios de Matemática, elaboração de projetos, entre outros); descontentamento da classe com relação à implementação das diretrizes para o Ensino Médio sem consulta dos próprios professores e até mesmo da SBEM.
IV	Março de 2003	Carta enviada a SED-MS e questões relativas à estruturação do curso.

Fonte: Registros da pesquisa.

Ao observar temáticas discutidas nos fóruns, percebemos que as questões pontuadas nos encontros perpassam o cenário da graduação, discutindo questões sobre um novo pensamento de estruturação do curso, principalmente no que se refere à importância de disciplinas pedagógicas como a Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. A discussão sobre a grade curricular do curso das diversas instituições evidencia a importância de estabelecer certa regularidade na formação dos futuros professores. Neste viés, outras discussões externas afetaram a reunião ao ser discutida a falta de representantes da SBEM-MS na mudança das Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul, mostrando o não reconhecimento da sociedade por outras instituições de ensino como representante de uma comunidade que estuda e pesquisa temas relativos à Educação Matemática.

As **atas das reuniões da SBEM-MS** encontradas indicam a primeira delas como ocorrida em 06 de maio de 1988, na primeira reunião da Diretoria Provisória no I Encontro Regional do Ensino de Matemática de Mato Grosso do Sul. Com uma maior frequência nos dois primeiros anos (três por ano), essas reuniões (as registradas em documentos que conseguimos resgatar) totalizaram quatorze de 1988 a 2011. Considera-se que o advento da internet facilita a comunicação, mas a raridade de atas dos encontros presenciais reafirma os problemas de mobilidade e de mobilização em Mato Grosso do Sul.

A articulação com a Secretaria de Educação Estadual (SED) mostra-se ora mais próxima ora mais distante com o passar do tempo. No início essa aproximação era maior, devido a algumas professoras que eram da SED participarem da diretoria e, dessa forma, facilitarem o intercâmbio entre essas instituições, colaborando com a Sociedade nas ações que eram desenvolvidas. Essa relação parece, por conta disso e muitas vezes, ser da SBEM-MS com pessoas que trabalharam na SED e eram membros da sociedade, pontualmente, e não com a SED de modo mais amplo. Nessa direção, em dezembro de 2002, foi enviada pela SBEM-MS uma carta à Secretaria Estadual de Educação, mostrando a profunda indignação dos membros por não terem sido convidados para participar da reestruturação das Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul. É interessante ressaltar que esta carta segue em nome não somente da SBEM, mas igualmente dos coordenadores de Licenciatura em Matemática do estado e participantes do ESEM. Abaixo, segue um trecho retirado da carta enviada à Secretaria.

Nós, membros da Sociedade Brasileira de Educação Matemática do Estado de Mato Grosso do Sul, juntamente com todos os coordenadores de cursos de Licenciatura em Matemática deste estado e cerca de 600 professores de Matemática que participaram dos nossos dois últimos encontros de Educação Matemática realizados respectivamente em Campo Grande (Novembro de 2001) e Dourados (Setembro de 2002), que acompanhamos as mudanças feitas nas Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul (DEMS), **queremos manifestar nosso estranhamento por não termos sido chamados para participar do processo de discussão e elaboração das referidas diretrizes.**

Temos, em Mato Grosso do Sul, um grupo grande e experiente que tem trabalhado com formação de professores de matemática e tem pesquisado o processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Julgamos que resultados desses trabalhos podem e devem contribuir diretamente com a melhoria desse ensino que tem apresentado baixos índices de rendimento, conforme pode ser comprovado através de avaliações nacionais realizadas nos últimos anos. Por outro lado julgamos sensato que as pessoas que vão participar da execução de qualquer projeto, tenham o direito de opinar durante o seu processo de elaboração, sobretudo numa área tão importante como é a Educação. (BITTAR, 2002, p. 2)

Em resposta, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, refere-se às diversas mudanças de reorganização do Ensino Médio que estavam sendo realizadas desde 1998 e destaca que esse documento apontado pela SBEM-MS se encontrava em fase de elaboração e que estavam abertos para contribuições.

Vale ressaltar que esta Pasta sempre pautou pela participação da comunidade educacional nas grandes discussões, em especial, das Universidades de Mato Grosso do Sul. Lamentamos que, no documento referente às Diretrizes do Ensino Médio, não tenhamos externado nosso convite à participação dos membros da Sociedade Brasileira de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul, cuja colaboração consideramos valiosa para o referido documento. (BITTAR, 2002, p. 2)

A **parte financeira da SBEM-MS**, como de qualquer outra regional, depende do número de associados que ela tem. Os sócios pagam a anuidade diretamente para a SBEM Nacional e ela, por sua vez, repassa uma porcentagem de 50% do total arrecadado para o estado desenvolver suas ações. O número de associados do estado não é, e parece nunca ter sido, muito expressivo, o que acaba restringindo as possibilidades de ação em Mato Grosso do Sul.

Observando os documentos escritos mapeados até o momento²⁸, o ESEM emerge como a principal ou única atividade da SBEM realizada por algumas diretorias. Considerando a pouca verba oriunda das filiações no estado ou mesmo o período em que, por conta da inativação dessa Sociedade essa pouca verba não pôde ser acessada, é significativo apontar que a organização desse evento era sustentada, basicamente, por suas inscrições e, também, pela habitual solicitação, por parte das diretorias, de auxílio para outras instituições e empresas para o financiamento de passagens e hospedagens para os professores que vinham de outros estados.

Se, então, o financiamento externo ou das inscrições eram suficientes para a realização do ESEM, em que as diferentes diretorias dependiam desse repasse da nacional? Mesmo quando o ESEM era a única ou principal ação, isso envolvia outros custos pequenos, mas significativos em termos de renda da SBEM-MS como, por exemplo, a divulgação da própria Sociedade e do evento via correspondências e/ou confecção de faixas, gastos com correios, serviços de

²⁸ No apêndice, apresentamos um quadro com algumas informações sobre os registros disponibilizados sobre a parte financeira da SBEM-MS.

datilografias, fotocópias, resmas de papel e financiava, inclusive, a ida de um membro da diretoria para a participação de outros eventos fora do estado.

Os documentos da SBEM-MS, portanto, apontam para uma sociedade que visa a promover o desenvolvimento da área da Educação Matemática por meio da interação entre os professores de diferentes níveis de atuação nos encontros estaduais (ESEMs) e nos Fóruns de Licenciatura. Essas ações mais permanentes nas diversas gestões mostram-se como um convite para a congregação de novos associados, fazendo com que amplie as possibilidades de ação da sociedade junto aos professores, na medida que a elaboração dessas atividades, muitas vezes, depende de recursos financeiros para serem concretizados. Evidencia-se, assim, que a estruturação de uma SBEM-MS se deu após a organização de um grupo de professores interessados nas discussões realizadas que já mobilizavam ações na área da Educação Matemática.

5 NARRATIVAS²⁹

5.1 O ensino de Matemática em Mato Grosso do Sul, ou o desbravar da Educação Matemática em Mato Grosso do Sul, ou a criação e desenvolvimento da SBEM-MS

Figura 9 - Luiz Carlos (à esquerda), José Luiz (no meio) e Eronídes Bíscola (à direita)



Fonte: Registro da pesquisa.

José Luiz: Meu nome é José Luiz Magalhães de Freitas, nasci dia 11 de janeiro de 1954, em Pindorama, no estado de São Paulo e estou aqui na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 1983. Quando terminei a graduação, eu tinha várias opções de cursos de mestrado, pois naquela época havia uma procura por alunos com potencial para realizar curso de mestrado em Matemática. Havia vários cursos de mestrado no país, dentre eles o da UnB³⁰, o da USP³¹

²⁹ No exercício de elaboração das narrativas tentamos identificar o nome completo e a instituição à qual a pessoa citada pelos entrevistados está vinculada. Quando não foi possível identificar a instituição, está presente somente a indicação do nome completo da pessoa. Quando não há, inclusive, essa identificação é porque o entrevistado não se lembrou e não encontramos outros materiais que permitissem sua identificação.

³⁰ Universidade de Brasília.

³¹ Universidade de São Paulo.

dentre outros e, como o curso de graduação em Matemática de Araraquara (que era um curso bem conceituado e formava poucos alunos), eu me lembro que me ofereceram várias oportunidades e acabei escolhendo esta última instituição. Confesso que durante o curso, tive que enfrentar alguns desafios: casei, tive filhos, também tive algumas dificuldades com a área, porque eu fui para a Geometria imaginando que ela era de um tipo e era outro e então eu comecei a pensar que não conseguiria terminar o mestrado. Eu tinha muita amizade com o professor Ivo³² e a gente discutia muita coisa de Análise e foi quando ele me perguntou por que eu não mudava de área (pois achava que eu tinha mais afinidade com a área de Análise) e fiquei de conversar sobre isso com meu orientador. A gente se dava bem no plano pessoal (tanto que eu até frequentava a casa dele) e eu criei coragem e perguntei ao meu orientador sobre essa possibilidade de troca e ele me autorizou, mas disse que se não desse certo eu poderia voltar. Acabei arrumando outro orientador na área de Análise (em Equações Diferenciais), concluí o Mestrado e acabei vindo trabalhar aqui em Campo Grande. No início, minha intenção era continuar em Análise, mas depois acabei me envolvendo com a área de Educação Matemática, um pouco por influência do professor do Eron³³, que era meu colega de sala. Notei que no Departamento de Matemática ninguém havia trabalhado em sala de aula no Ensino Básico e, como eu tinha certa experiência, ele me convidou para ajudar na disciplina de História da Matemática. Lembro-me que eu e o Eron começamos a ministrar aulas dessa disciplina juntos, mas depois, segundo ele, como eu estava lendo mais, poderia continuar sozinho. Acabei continuando sozinho e assumi também aula de Prática de Ensino (com Estágio Supervisionado), pois naquela época ninguém queria ministrar essas disciplinas, mas depois o professor Luiz³⁴ chegou e se integrou ao grupo. A gente acabou se entusiasmando com a área e começamos a participar de encontros como o (ENEM³⁵), participando ativamente da criação da SBEM. Eu me lembro de que naquele pré-encontro de Educação Matemática realizado na PUC-SP³⁶ (I ENEM), o Eron ministrou um minicurso de Geometria, apresentamos também comunicação sobre nosso trabalho com Prática de Ensino de Matemática sendo muito elogiados e depois

³² Ivo Machado da Costa. Professor da Universidade Federal de São Carlos.

³³ Referindo-se ao Professor Eronídes de Jesus Bíscola.

³⁴ Referindo-se ao Professor Luiz Carlos Pais.

³⁵ Encontro Nacional de Educação Matemática.

³⁶ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

disso nós ficamos entusiasmado em realizar algum curso doutorado nessa área. Houve na época um edital do Subprograma de Ensino de Ciências e Matemática, possibilitando a realização de cursos e vimos que na França havia doutorado nessa área, mas o Luiz Carlos foi mais corajoso e decidiu que ia, em seguida eu acabei indo também e depois foi a Marilena³⁷. Quando voltamos acabamos formando um grupo forte aqui nessa área e começamos a ter produção, projeção nacional, essas coisas. Mas esse começo não foi muito fácil não.

Luiz Carlos: Meu nome é Luiz Carlos Pais, nasci em 6 de abril de 1955, em São Sebastião do Paraíso, sul de Minas Gerais e estou aqui em Mato Grosso do Sul há trinta e um anos. Fui para o estado do Pará em 1976, em uma época difícil, pois havia ainda os resquícios da Guerrilha do Araguaia, no Sul do Pará – é um momento político que eu nunca esqueço e que depois eu voltei a refletir sobre isso. Eu fiz graduação em Matemática na Universidade Federal do Pará e lá mesmo eu comecei a especialização em Matemática no ano de 1979, no contexto da redemocratização do país (no final do período militar). Logo quando eu cheguei ao estado, devido à carência de professores, já entrei como professor colaborador do curso de Matemática desta universidade e entrei no grupo do corpo docente. Em 1979, houve uma greve nacional dos professores docentes no período de três meses – já fazia vinte anos que não havia greve devido à repressão política – e parou tudo na Universidade Federal do Pará que é uma grande universidade, antiga, muito forte e eu participei dessa greve como colaborador. Havia no Brasil mais de três mil colaboradores que ganhavam um salário irrisório para dar aula na universidade (como existe hoje também) e para rachar o movimento, o governo admitiu três mil colaboradores nas federais sem concurso e eu entrei como professor na Universidade Federal do Pará dessa forma, na categoria de Assistente I, uma coisa que foi muito contestada na época. Bom, mas de imediato, fui para o Rio de Janeiro fazer o Mestrado em Matemática Pura (em Equações Diferenciais) e foi muito bom (porque eu tinha feito um curso de Matemática muito bom no Pará), estudei Análise Funcional, Equação Diferencial, Topologia e foi um Mestrado puxado, foi difícil fazer também e tinha alguns problemas com a Matemática, mas tudo bem. Por que eu gostaria de fazer em Educação? No Pará, em 1979, conheci o Luiz Roberto Dante, Ubiratan D’Ambrósio, o Pierre Luci (um francês que trabalhava com Ensino de Ciências no

³⁷Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Brasil, naquela época era Ensino de Ciências e Matemática) e falei para eles que eu queria fazer Mestrado em Educação, mexer com professor. Fui orientado a fazer primeiro a pós-graduação em Matemática para me fortalecer como professor de Matemática, porque se fizesse logo Mestrado em Educação iria sofrer muita discriminação e resistência. Então, foi esse o meu caminho e eu achei que, naquele momento, o conselho foi correto. Casei e retornei para o Pará como professor. Alguns anos depois, prestei um concurso, passei e vim para Mato Grosso do Sul e posteriormente ganhei uma bolsa para fazer o Doutorado em Educação Matemática na França, em Montpellier. Preciso registrar que foi aqui que fui batizado na área de Educação Matemática, graças ao Eron e outros colegas (que tinha na época) que contribuíram também. Falo batizado, porque a gente começou a trabalhar com professores e a lecionar disciplinas nos anos de 1984 a 1988, sendo esses quatro anos de preparo.

Eronídes Bíscola: Meu nome é Eronídes de Jesus Bíscola, nasci no dia 6 de agosto de 1948, sou de Presidente Prudente, estado de São Paulo e estou aqui em Mato Grosso do Sul desde 1972. Um dia desses estava pensando por que razão eu fiz Matemática e por que seria professor e aí fui buscar lá nas lembranças da adolescência. Quando nós mudamos de Presidente Prudente para Alvares Machado (para mexer com padaria lá) tinha um vendedor de linguiça e outras coisas que era professor de Matemática nesta cidade. Então ele já nos conhecia como “*lá da vendinha*” e como ele não tinha muito tempo (pois fazia o curso de Matemática em Presidente Prudente que era muito apertado, por sinal), ele pegou uns quinze teoremas, mais ou menos, e distribuiu para a meninada preparar para demonstrar em sala de aula. Aquilo foi um barato. Eu me debrucei em cima daquilo e fiz o que pude, mas guardei aquele livro. Um dia desses fui ver o tal do livro e acho que foi por ali que comecei a gostar da coisa, daquela brincadeira [risos]. Bom, eu não tinha interesse de vir para Mato Grosso do Sul, na verdade, eu nem conhecia Campo Grande, meu sonho mesmo era terminar a graduação e ir para a Universidade Federal de Goiânia. Ali tinha um professor, com nome de Juarez Milano, que todo finalzinho de ano ia até a universidade dar um curso de Equações Diferenciais justamente para divulgar a universidade dele e levantar ali os alunos que ele achava que poderia ser o futuro professor da Universidade Federal de Goiás, pois, naquela época, ainda se admitia graduado como professor. Então vi esse curso no primeiro e no segundo ano de faculdade e não dava para eu fazer (mas já estava de olho nessa história aí). No terceiro ano, fiz o curso e mostrei para ele a minha

vontade de ir para Goiás, mas aquele era o último ano que a Universidade Federal de Goiás contratava recém-graduado e, como eu estava no terceiro ano ainda e tinha que fazer o quarto, meu sonho terminava ali. Pois bem, terminei a universidade e fui para o Rio de Janeiro, no IMPA³⁸ e ali que eu vi o que é sofrer [risos]. Fui com um colega (que havia estudado comigo na graduação) e ali ele sucumbiu, quis desistir e foi embora. Um dia, fui visitar o apartamento de outro colega (que também era de Presidente Prudente) que estava fazendo o Doutorado e ele me mostrou um monte de livros (ele gostava muito daquilo) e uma farmacinha dizendo que tinha que ter uns tipos de remédios porque senão... [risos]. Então lembrei que meu colega estava certo, não deveria nem ter conhecido aquela farmacinha [risos], mas tudo bem. Passado, mais ou menos, uns quinze dias surgiu uma vaga no apartamento dele e fui morar lá. Passado mais uns quinze dias, ele esteve aqui em Campo Grande vendo a universidade, mas não gostou muito do que viu, porque aqui estava muito no início, não tinha nem curso de Matemática e como ele já estava com o Doutorado, não era o que ele pensava, mas me contou sua história e como eu queria muito ir para Goiás, achou que aqui era bem parecido com lá [risos], então eu decidi vir para cá. Quando eu saí do estado de São Paulo e comecei a andar e nada de chegar a uma cidade e nada de cidade... Quinhentos quilômetros... Eu achava que esse negócio estava esquisito, mas quando eu cheguei à universidade e vi tudo por fazer, pensei que era aqui, realmente, o lugar que eu gostaria de ficar. Vim para cá com a promessa de, mais ou menos, uns dois ou três anos depois sair para fazer o Mestrado, mas isto não foi possível, até porque aí entra o poder político. Era muito difícil você se afastar para fazer pós-graduação e, além de ser difícil, tinha até outro motivo: fazer um Mestrado em Matemática para quê? Se aqui só tinha curso de Engenharia, Medicina, Odontologia, essas coisas todas, então era um problema sério. Como eu era o mais briguento, pensei que se eu saísse naquele momento, não ficaria ninguém brigando aqui pela pós-graduação e tinha o Celso que, matematicamente falando, estava mais preparado para o Mestrado. Então foi o Celso e eu fiquei brigando. Se alguém pesquisar sobre a estruturação e criação dos programas de pós-graduação, vai encontrar meu nome nas presidências, porque eu dava valor a isso, o meu negócio era criar as coisas aqui que pudessem, um dia, gerar esse pessoal que hoje, felizmente, está aí. Tinha uma cláusula que era terrível! Eu tive que sofrer

³⁸ Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada.

aquilo na pele e, quando assumi a coordenadoria pós-graduação, a primeira coisa que eu queria fazer era mexer no contrato e acabar com ele. E acabei, graças a Deus. Arrumamos a situação todinha, o Celso estava terminando o primeiro ano dele e eu fui começar o meu Mestrado. Ele já tinha feito um monte de boas amizades, por conta do quanto ele era brilhante em Matemática, então muita gente já enxergava o Celso e, em seguida, eu cheguei (não com esse brilhantismo), mas jogava uma bola que o Celso não jogava. Eu era representante do conselho departamental da pós-graduação, então uma nova frente diferente. Bom, voltamos para cá...

Luiz Carlos: Eron, desculpe perguntar, mas a repressão política não estava forte nessa época?

Eronides Bíscola: Plena ditadura! Nossa senhora. Aquela UnB, pelo amor de Deus, eu participei de umas coisas lá que nunca mais volto. E ia entrando por aqueles negócios por baixo da UnB, aonde não tinha mais lugar para entrar, era lá que nós nos reuníamos. Falava que quem quisesse nos pegar, pegava mesmo, porque não tinha por onde sair [risos]. Com tanto lugar para fazer reunião, em um lugar aberto que a gente pode correr pelo menos, morrer livre. Mas não, tudo bem. Nós fizemos um monte de contatos ali. Bom, quando nós voltamos, resolvemos fazer os concursos aqui, só entrava professor concursado, com Mestrado e depois tinha que ter Doutorado. E assim começou. Aqueles que nos conheciam começaram a se interessar por esse lugar e aí veio essa turma de Brasília, depois essas pessoas conheciam outros... Mas é interessante que cada um desse pessoal que chegou aqui, veio com um tipo de mentalidade e aí você tem que aprender a conviver com aquele grupo para você encontrar o seu espaço, para ver como que vai somar. Se não soma, divide... A coisa é complicada [risos]. Foi muito bom tudo isso.

Luiz Carlos: Você lembra quando nós fomos a São Paulo, Eron, para a reunião preparatória de criação da SBEM? A Tânia Campos da PUC de São Paulo era uma líder nacional, de importância, e convidou nós três para irmos para lá. Eu não sei se comprou passagem aérea. [...]

Eronides Bíscola: Eu me lembro de algumas coisas, mas eu acho que foi o primeiro ENEM.

Luiz Carlos: O I ENEM, na PUC de São Paulo em 1987, foi importante, porque foi a preparação para a fundação da SBEM que ocorreu no ano seguinte. Eu lembro que participei de uma mesa redonda relatando a experiência de Prática de Ensino e você, Eron, deu um minicurso.

[...]

[Quais as referências que possuíam/buscavam para implementar essas propostas de formação?]

[...]

José Luiz: Aquela ideia do LEMA³⁹ ser um laboratório de ideias, problemas e reflexões, os alunos encamparam aquilo.

Eronídes Bíscola: Esse LEMA foi uma coisa muito interessante. A disposição para eles se reunirem, conversarem, discutirem as propostas.

Luiz Carlos: Vou falar um pouco sobre as referências dos livros que nós estudávamos para ministrar os cursos de formação continuada no interior do estado. Você mesmo, Eron, tinha uns livros didáticos que gostava muito, por exemplo, do Trotta⁴⁰, do Imenes⁴¹, do Scipione⁴², os livros antigos do Castrucci⁴³. Também estudávamos o Caraça⁴⁴, Rey Pastor⁴⁵, Toranzos⁴⁶ (autor do livro “*Matemática Experimental*”), Vicente Zala, a Revista Brasileira de Ensino de Ciências da FUNBEC (Fundação de Ensino em Ciências), tinha o material da CENP⁴⁷ que o Zé trouxe, Didática do Hans Aelbli, a psicologia do Lauro de Oliveira Lima.

[...]

[Existe alguma relação entre essas ações de formação de professores de matemática que vocês implementavam e a formação de um grupo interessado na constituição da SBEM-MS?]

³⁹ Laboratório de Ensino de Matemática.

⁴⁰ Fernando Trotta.

⁴¹ Luiz Márcio Imenes.

⁴² Scipione Di Pierro Netto.

⁴³ Benedicto Castrucci.

⁴⁴ Bento de Jesus Caraça.

⁴⁵ Julio Rey Pastor.

⁴⁶ Fausto Toranzos.

⁴⁷ Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas.

Luiz Carlos: Eu vou me arriscar a falar um pouquinho. Essas ações de formação de professores eram mais voltadas para a parte de Educação Matemática, o que significa formar professor de Matemática? Havia uma forte componente matemática e existia a nossa atuação na graduação: eu dava aula em Prática de Ensino, História, o Eron dava Geometria e outros e a gente constituiu um grupo através daqueles cursos de extensão. Formar a SBEM era obrigatório, não tinha como fugir, porque aquilo estava sendo discutido no Brasil inteiro, então não podíamos ficar sem. Eu não vou formar a SBEM? Era compromisso, o Mato Grosso do Sul não vai estar lá? Então eu vejo, assim, três coisas: os matemáticos que estavam cuidando da formação de professores (curso de Análise, Álgebra, Topologia, isso é uma coisa importante), nós trabalhamos com algumas disciplinas e aí, então, surgiu um subgrupo mais ligado à Educação Matemática.

Eronides Bíscola: Eu acho que você e o Zé têm mais condições de falar sobre isso daí, mas eu vou falar só uma coisinha: você acaba sendo convocado para participar de certa entidade (e isso vem acontecendo em outros lugares), começa a gerar certo grupo para pensar naquilo e aí a coisa surge, é mais ou menos por aí. Com relação em estar trabalhando com pessoas pensando na criação de uma instituição, de uma sociedade ou coisa desse tipo, foram pessoas como Luiz Carlos e o Zé Luiz que tiveram uma atuação muito grande para que isso acontecesse, eu mesmo participei pouco desses trabalhos.

Luiz Carlos: Eu participei um pouquinho em 1987 quando fundou e depois fui para a França, então passei quase quatro anos me preparando e vejo a volta para o Brasil como outro momento. Então eu participei um pouquinho antes em 1986-1987 no preparatório antes da formalização da SBEM (no I ENEM), mas eu lembro que quando eu fui a Maringá, Zé, você foi também. Eu estava com a cabeça na França, estudando francês, pois já sabia que eu ia para lá seis meses depois, estava em outro mundo.

José Luiz: Eu acho que a nossa participação nesses encontros, em nível nacional, foi importante naquele momento de discussão que tinha que criar as representações regionais e como nós já tínhamos certa estrutura (como o grupo do LEMA e outras), principalmente com o Denizalde⁴⁸, foi dentro desse grupo que conseguimos criar a nossa regional. Você, Luiz, ia sair, mas eu também já estava pensando em ir depois, e então como íamos fazer? Observando essa primeira

⁴⁸ Denizalde Jesiél Rodrigues Pereira. Professor no Departamento de Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso.

diretoria, a gente vê o Renato⁴⁹, por exemplo, que estava recém-formado, como primeiro presidente, mas ele tinha capacidade política e estava envolvido com tudo quanto é movimento em nível quase que já nacional mesmo, mas principalmente estadual e local e resolveu assumir esse cargo de presidência da SBEM-MS, já que nenhum outro podia. Então tinha o Renato, a Denize⁵⁰ (de Ponta Porã), tinha várias pessoas e o Eron ficou como segundo tesoureiro, mas nem sei se chegou a participar efetivamente.

Eronides Bíscola: Não, não, não.

Luiz Carlos: Se você me permite falar uma coisa, não é que somos generosos e demos espaço, não é isso. Eu me lembrei do seguinte, quando abriu o Mestrado aqui, tinha dez alunos e tinha uma candidata muito brilhante para fazer o Mestrado em Educação Matemática. Quem é que vai orientá-la? Eu não posso orienta-la, porque se tem um colega que está começando agora e eu quero que ele cresça, é ele quem tem que orientar. Eu tenho que atuar de outra maneira, então eu, nos bastidores, pedi para a nossa colega jovem que estava começando, para ela escolher quem iria orientar e ela escolhe a aluna mais brilhante. É lógico, isso aí é uma coisa natural, porque não é questão de dar espaço e muito deles foram nossos alunos como o Renato, a Ângela⁵¹, a Iraci⁵². Até hoje, eu tenho um grupo cadastrado no CNPq⁵³ e quem coordena esse grupo formalmente no CNPq é um aluno meu, o Enoque⁵⁴, porque eu estou partindo e indo para outras coisas. Você vê o fato do Renato estar aqui na presidência, ele era nosso aluno e muito nos orgulhava disso. A Ângela também foi minha aluna (a primeira aluna do Mestrado), depois a Iraci, a Ivonete⁵⁵ que pegou o caminho da particular, o Edmir⁵⁶, o Sales⁵⁷ que foi o meu primeiro aluno de Doutorado, quer dizer, você vê essa relação aqui. Então, a gente estava mais no bastidor fomentando. Eu vejo assim, Eron (não canso de dizer isso e eu sempre falo por aí), você está lá na retaguarda, não está se aparecendo nos projetos de frente, quer dizer, sem esse

⁴⁹ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁵⁰ Denize Silva Oliveira. Secretária de Educação de Ponta Porã.

⁵¹ Ângela Cecília Quarentei Gardiman. Professora no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

⁵² Iraci Cazzolato Arnaldi. Professora atuante na Secretaria Municipal de Educação (Campo Grande - MS).

⁵³ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁵⁴ Enoque da Silva Reis. Professor do Departamento de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Rondônia (Unir), campus de Ji-Paraná.

⁵⁵ Ivonete Melo de Carvalho. Professora da Universidade Anhanguera UNIDERP.

⁵⁶ Edmir Ribeiro Terra. Professor atuante na Reitoria da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

⁵⁷ Antônio Sales. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

lastro o nosso grupo de pesquisa não tinha decolado. Eu acho que nós tivemos a felicidade de ver os nossos alunos mais brilhantes do curso dirigindo a SBEM e eu vejo isso com certo orgulho, são meus alunos, são vários professores.

José Luiz: Na realidade, a maior parte desse pessoal foi dar aula na UNIDERP⁵⁸, foi nessa época também que a Iraci assumiu a diretoria. Eu estava voltando da França e tinha muita coisa, lembro que fiquei como secretário e a gente legalizou a SBEM, porque ela não tinha nada, nem CNPJ e estava difícil de acertar as contas. Nós participamos de um congresso (II CIBEM⁵⁹) lá em Santa Catarina, em Blumenau, e acabamos adiantando bastante essa parte da regularização da SBEM com a ajuda da Salete⁶⁰ (que era da diretoria nacional) e quando voltamos, a Iraci registrou em cartório. Com essa parte de existir legalmente, ela podia recolher normalmente as anuidades, se bem que nós nunca tivemos muito sócios. Essa foi uma dificuldade nossa de não conseguir fazer uma SBEM com um grande número de sócios, mas ela permaneceu e está aí. Quando a gente olha para trás, vemos que fizemos muitas coisas: mantivemos os encontros estaduais, as discussões que ocorriam em nível nacional e contribuiu bastante, porque estava ligado com essa formação de professores e as tendências em Educação Matemática (como usar a resolução de problemas, a tecnologia, essas coisas), enfim, o pessoal da SBEM, de certa forma, sempre participou. Queira ou não, era a SBEM Nacional que acabava organizando esses encontros e as regionais acabavam tendo que participar de alguma forma e aí esse pessoal que participava mais acabava dando continuidade as próximas diretorias. Um dos momentos de quebra na diretoria foi quando o Chatô⁶¹ tinha assumido e aconteceu o acidente. O Ronaldo⁶² estava com pressa de chegar em casa (porque a mulher dele estava grávida) e saiu antes do encerramento do Seminário de abertura do ano letivo do Mestrado (SESEMAT⁶³) com mais três professores⁶⁴, foi correndo na estrada e quando foi fazer uma ultrapassagem, o carro aquaplanou e acabou batendo em um caminhão que vinha no sentido contrário. Nós estávamos ainda comemorando o sucesso do encontro quando chegou a notícia e isso foi uma coisa

⁵⁸ Universidade para O Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

⁵⁹ Congresso Iberoamericano de Educação Matemática.

⁶⁰ Maria Salete Biembengut.

⁶¹ Chateaubriand Nunes Amâncio. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁶² Ronaldo Marcos Martins. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁶³ Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática.

⁶⁴ Chateaubriand Nunes Amâncio, Ivonélia Crescêncio da Purificação e Renato Gomes Nogueira.

dramática para a gente, porque tinha dois professores que iam ministrar aulas e tinham acabado de discutir as disciplinas que iam ministrar (porque as aulas iam começar na semana seguinte). Neste acidente, faleceu a metade da diretoria praticamente, porque o Chatô era presidente, nem sei se consta o nome dele em algum lugar, acho que nem chegaram a registrar essa nova diretoria.

Luiz Carlos: Com relação à participação nas diretorias, o meu nome aparece uma vez: fui primeiro secretário da diretoria em 2001. A Marilena⁶⁵ era diretora, a vice-diretora a Ivanilde⁶⁶ (que está hoje em Ponta Porã parece), a Heloísa⁶⁷ segunda secretária, o tesoureiro era o Sales, o Waldemar⁶⁸ era o segundo tesoureiro, o Roberto⁶⁹, a Polônia⁷⁰ era primeira suplente, o Celso Cardoso. Acontece o seguinte, nessa época aqui, eu também estava com um cargo nacional, era diretor do GT⁷¹ de Educação Matemática da ANPED⁷² de 2001 a 2003. Esse cargo de diretor era muito importante (nós fundamos esse GT lá) e eu viajava sempre para o Rio de Janeiro, para São Paulo, para preparar as reuniões regionais, então a minha participação na SBEM-MS foi pouca e a Heloísa é quem deve ter me substituído aqui. Chamou-me atenção à questão do incentivo por parte da SBEM para o desenvolvimento de grupos e da área no estado, pois, nessa época, a SBEM foi importante para mim, mas, modéstia à parte, a ocupação do cargo de diretor do GT da ANPED nos colocou em projeção nacional, ou seja, passamos a ser reconhecidos como sendo de Mato Grosso do Sul. Você lembra, Zé, que eu entrei em uma situação, porque havia uma disputa ferrenha por esse cargo que dirigia o GT que coordenava todos os grupos do Brasil entre a PUC de São Paulo e a UNESP⁷³ de Rio Claro. Nessa polêmica, inviabilizaram a candidatura da PUC de São Paulo e da UNESP de Rio Claro e então, na noite anterior, me chamaram para candidatar a esse cargo e nós não tínhamos condições, eu senti isso, mas o Zé

⁶⁵ Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁶⁶ Ivanilde Herrero Fernandes Saad. Professora na Universidade Católica Dom Bosco.

⁶⁷ Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁶⁸ Waldemar Gonçalves Barbosa.

⁶⁹ Roberto Winters Steil.

⁷⁰ Polônia Albino Maia.

⁷¹ Grupo de Trabalho.

⁷² Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

⁷³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

e a Marilena me apoiaram e assumi esse cargo. Então, quer dizer, a SBEM daqui apoiou. Você já estava aqui no Brasil, Zé? Quando você chegou?

José Luiz: Eu cheguei em 2004⁷⁴, no final da sua gestão.

Luiz Carlos: Então, a Marilena pediu esse apoio da SBEM e foi importante para eu fazer esse trabalho, ao ceder a passagem aérea para ir a uma reunião, porque, às vezes, nem sempre tinha dinheiro. Eu lembro que fui ao Rio, fui à Caxambu, fui a Poços de Caldas, fui a São Paulo com recurso da SBEM, quer dizer, esse apoio é importante, não só o hotel, o transporte, é mais do que isso. Você lembra que também estive nesses lugares, Zé? Quando você foi discutir as diretrizes? Você tinha voltado da França?

José Luiz: Não. Para discutir também a criação do GT de Ensino de Ciências e Matemática.

Luiz Carlos: Estou lembrando-me de uma época que você, Zé, e a Marilena foram a Caxambu (se não me falha a memória) onde havia uma grande discussão nacional para a implantação das diretrizes para a formação de professores de Matemática. O Zé tinha participado na Bahia, antes ou depois (não sei a ordem) e vocês foram como membros da SBEM daqui e eu lá dirigindo. Então a SBEM ajudou! Porque tinha um suporte aqui da discussão, das propostas.

José Luiz: Tinha bastante fórum e nós estávamos na frente das discussões.

Luiz Carlos: Agora, as propostas daqui para as diretrizes nacional eram provocadoras, eram calorosas. Então, a colaboração era nesse nível que eu estou falando: passagem aérea, um hotel e o apoio dos colegas! Fiquei nessa coordenação acho que uns três anos e depois fiz outro encontro em Poços de Caldas (que eu participei e coordenei), em que foi o Ubiratan D'Ambrósio, o Miguel⁷⁵, o Garnica⁷⁶. Então essa contribuição da SBEM Regional para a participação na área, eu acho que se deu por esses exemplos que eu citei e, então, justifica, parcialmente, o porquê eu não apareço com tanta evidência nas ações da SBEM-MS e fico um pouco na retaguarda.

José Luiz: Outra questão é que nossa regional nunca teve muitos associados e eles também participavam mais quando havia um encontro, por exemplo, um encontro estadual, mas sempre

⁷⁴ Referindo-se ao período que estava na França fazendo o doutorado.

⁷⁵ Antônio Miguel. Professor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁷⁶ Antônio Vicente Marafioti Garnica. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus de Bauru).

foi difícil angariar sócios. Quase todo mundo que estava envolvido participava mais nas reuniões nacionais. Essa coisa de base, realmente, era difícil.

Luiz Carlos: E ademais também, a sociedade não tinha emplacado, tinha muita dificuldade, se arrastava não é, Zé? Ninguém queria assumir esse cargo de diretoria e a gente não podia estar sempre envolvido. Eu, por exemplo, estava carregado de aula, porque quando eu voltei do Doutorado, fui “punido” com excesso de carga horária [risos], muita aula na graduação, assumi muitos compromissos no Mestrado em Educação⁷⁷, tinha esse cargo nacional na ANPED, tinha as viagens que a gente fazia para o interior e também na SBEM, então não tinha muito tempo para fazer tudo isso.

José Luiz: É, para falar a verdade, tinha que pegar meio a laço para formar diretoria, [risos], pois tinha que participar de tudo. Sem contar que não era fácil conseguir realizar as reuniões, às vezes, tinha conflito com as Secretarias de Educação e em uma dessas reuniões (que eu nem me lembro direito), tivemos que escrever documentos, porque não concordávamos com ela. Por exemplo, não sei se vocês sabem, mas no último concurso para professores da rede estadual houve questões que deveriam ser anuladas, porque estavam erradas e mantiveram gabaritos incorretos. Eu tive que publicar no jornal daqui (o título do artigo que eu publiquei era: “*Erro inaceitável!*”) e fiz um abaixo-assinado com o aval de todos os professores do Instituto de Matemática, por exemplo, a Bete⁷⁸, Jair⁷⁹ (até que já saiu), a Janete⁸⁰, a Marilena, o Márcio⁸¹, Wânia⁸², todos doutores de várias instituições renomadas como IMPA, UNICAMP⁸³, PUC, USP. Muitos professores foram aprovados em cima daqueles erros e o pior é que muitos outros ficaram de fora, sendo que acertaram as questões. Então, esse tipo de briga sempre teve. Só que somos poucos e, digamos assim, a força e a voz da SBEM não é tão grande ao ponto de pesar na decisão, tanto é que a diretoria da SBEM-MS também apoiou o documento e todos os órgãos

⁷⁷ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁷⁸ Elisabete Sousa Freitas. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁷⁹ Jair da Silva. Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁸⁰ Janete de Paula Ferrareze Silva. Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁸¹ Márcio Antônio da Silva. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁸² Wania Cristina de Lucca. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁸³ Universidade Estadual de Campinas.

governamentais, envolvidos com a aplicação do concurso, se fingiram de mortos e ficou assim. Encaminhei o documento para o Ministério Público, mas decidiram arquivar o processo.

[...]

José Luiz: Pessoas ingratas, por quê? Então, contra a força não há argumentos, mas é assim. Se a gente fosse mais...

Luiz Carlos: Fortes, não é, Zé? As instituições, não as pessoas. A própria universidade poderia se posicionar como instituição. Nesse caso, entra uma disputa física: é o Zé Luiz, não é a instituição, porque infelizmente é isso.

José Luiz: As instituições, exatamente. Eu me lembro de que o Henrique Mongelli era pró-reitor e participava do Conselho Estadual de Educação. Eu até enviei o documento para ele e pedi para se posicionar lá no conselho, mas eles optaram por não levar para frente.

[...]

Eronídes Bíscola: Mas é interessante, porque estou por fora disso e sentir a força que esses órgãos têm. Você imagina, mesmo tendo uma SBEM (com representantes e pessoas sérias) já acontece esse tipo de coisa, imagina se não tivesse essas instituições, o que poderia estar acontecendo com tudo isso? Eu vou pegar um ponto: Quem é que nos garante que, um povo que tem esse tipo de comportamento, não esteja até classificando pessoas que não foram aprovadas?

Luiz Carlos: Sim, foi levantada suspeita disso também Eron.

Eronídes Bíscola: É, eu praticamente não participei da SBEM-MS. Veja, nessa época, eu era até presidente da Associação dos Professores da Universidade Federal⁸⁴ e estava engajado com um monte de outras coisas sobre a universidade. Minha posição sempre foi bastante política, então a minha participação na SBEM-MS foi muito, mais muito pequena e mesmo com esse tipo de participação, autorizei meu nome na composição da diretoria provisória. Vou contar coisas mais sérias. Uma vez, quando se criou o Centro Universitário de Rondonópolis, fui consultado a respeito de assinar como professor desse centro, foi a única vez que me recusei e vim arrepender-me agora esses dias. Eu assinei depois para um monte de locais (sem nem conhecer), como professor daquela instituição, para poder criar aquele curso, porque senão não

⁸⁴ Atual ADUFMS (Associação dos Docentes da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

criaria, não têm professores naquele local e por que não assinei esse e depois assinei um monte de outros? Porque em 1973 ou 1974 (mais ou menos), nós deixamos de criar o curso de Matemática (Licenciatura Plena⁸⁵, que era o que a gente queria), mas tinha as Licenciaturas Curtas⁸⁶ e as parceladas⁸⁷. Aqui em Mato Grosso do Sul tinha Centros Universitários nas cidades de Campo Grande, Aquidauana, Corumbá, Dourados e Três Lagoas e eles se fecharam para criar a Licenciatura Curta, mas nós, de Campo Grande, éramos favoráveis à criação do curso desde que se fossem Plenas. Na época, não tinha como criar a Plena, mas nós víamos que a única maneira de criá-la seria testando e brigando contra as Curtas. Então Campo Grande preferiu ficar de fora e os Centros Universitários (como estavam unidos) criaram as Licenciaturas Curtas para as universidades do interior. Então, veja bem, eu vinha com a ideia de não autorizar criar essas coisas que não tinham condições, depois começou a passar pela minha cabeça o seguinte: se nós formos esperar ter gente preparada para criar algum curso aqui, nós não vamos criar nunca! Então vamos começar! Aí pronto! Você abre as portas e solta à boiada. Passamos a aprovar tudo o que era possível e assim começaram a surgir os cursos daqui.

Luiz Carlos: Aí foi fundado o Centro de Paranaíba⁸⁸.

Eronides Bíscola: Olha aí, o Luiz participou dessa realidade. Agora uma coisa interessante para gente colocar é que foram os cursos que nós começamos a fazer de extensão, de atualização, as olimpíadas que foi criando certa consciência dos professores de que eles precisavam participar mais, tendo a ver, talvez, com a criação da SBEM. Por que seria interessante criar uma diretoria aqui? Porque tinha gente achando que faltava alguma coisa e isso dependia de quem tivesse força que poderia ser essa diretoria que não existia. Você pode até ter o órgão, mas e a força dele? Não é tão simples isso.

⁸⁵ É ofertada por universidades, que objetiva a formação de professores para o Ensino Fundamental e Médio.

⁸⁶ As Licenciaturas Curtas habilitavam os professores a ministrarem aulas no Ensino Infantil e Fundamental, tendo a carga horária reduzida ao comparada com a Licenciatura Plena. A Licenciatura Curta surgiu no Brasil, em 1971, com a Lei n. 5.692/71, em uma época que havia poucos professores atuantes. Como uma medida emergencial, criou-se essa modalidade para formação rápida desses professores, para suprir tal carência. Em 1986, o Conselho Federal de Educação, extinguiu esses cursos, passando a ter somente as Licenciaturas Plenas.

⁸⁷ As Licenciaturas Parceladas tinham o objetivo de formar professores (tanto pela Licenciatura Parcelada Curta ou pela Licenciatura Parcelada Plena) devido à carência de profissionais e, também, para minimizar o índice de professores que não eram habilitados e estavam em sala de aula. As aulas eram concentradas principalmente durante o período de férias escolares (manhã e tarde) e no restante do ano eram desenvolvidos estudos e atividades relacionadas aos estágios de docência.

⁸⁸ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba.

Luiz Carlos: Olha Eron, permita-me fazer uma observação, você é muito modesto. O seu nome na diretoria dá uma força importante para esse grupo. Ele tinha uma personalidade, uma presença na universidade política ilibada, o nome do Eron é um lastro, na reunião, ele é o último a falar, mas o que ele falar também, todo mundo fica quieto e é isso. O Renato não, ele era um jovem professor, você não vai falar isso... [risos]. Quer dizer, colocaram-no como segundo tesoureiro, mas não para trabalhar efetivamente, mas para avalizar esse grupo aqui. No fundo, eu estou do lado de fora e respondendo, não respondendo por ele, não! Eu vejo assim, desculpe-me falar isso.

José Luiz: Na verdade, até falaram que ele não precisaria participar, mas se eventualmente precisasse, eles o chamariam.

[risos]

Eronídes Bíscola: Mas é interessante o que o Luiz está colocando, porque nessa época aqui, eu estava quase saindo da presidência da Associação dos Professores e já estava meio chateado, porque quando você participa muito de algumas coisas e vê que as coisas não acontecem, a tendência é se distanciar um pouco. Então eu estava quase em um período depressivo nesse sentido e eu não queria participar de mais nada. Aí veio a “*Revitalização da Universidade*” e eu disse que não ia participar! Bom, eu estava engajado, ainda, nesses cursos de extensão para a pré-escola no interior e tinha um curso em Três Lagoas no mesmo dia do início desse evento na universidade. Estou salvo, estou salvo! Mas três dias antes de ir para Três Lagoas, o Centro estava em cima, dizendo que eu tinha que participar e eu falando que não era possível. Olha só o que o destino fez. Liguei para Três Lagoas e alguém tinha ido me substituir nesse curso (se não foi o Luiz, foi Zé ou não teve). Então, fiquei e falei que não iria participar e iria ficar quieto, mas não aguentei. No primeiro dia, falei umas coisinhas, no segundo dia já estava coordenando o grupo, olha só. Eu não sabia nada daquilo, nada! Eu me arrepio só de pensar! Terceiro dia, fomos para o Glauce Rocha⁸⁹ e eu estava quietinho no meu canto (já tinha sido coordenador no dia anterior) e tinha que escolher um presidente para aquela assembleia e lançaram o nome do Joao Pereira Lopes que foi ex-reitor da universidade. Eu pensei que estava ótimo e que ele ia ser eleito, estava escolhido. Levanta um dos alunos e fala que gostaria de indicar um nome: o

⁸⁹ Teatro Glauce Rocha, localizado no interior da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

meu! E quem estava por traz de tudo isso aí? O Renato e esse povo todo e eu não estava sabendo disso. Eles eram alunos, mas tinham ramificações com os professores. Na hora eu pensei: Estou morto! Eu não sabia nada daquilo, pois participei só dois dias. Colocaram em votação e eu fui escolhido. Do lugar que eu estava até chegar à mesa, fui conversando com os meus guias espirituais (que sabiam de tudo aquilo ali, porque não me colocaria à toa naquela reunião) pensando que eles teriam que comandar a reunião junto comigo, porque eu não conhecia as normas e lá fui eu como presidente. Então, como o Luiz está colocando tinha um lastro por trás de tudo isso aí. Até porque, eu acho, que eles pensavam que eu fosse uma coisa que eu não era, então iam me colocando como representante de tudo.

José Luiz: Tipo um mito, não é Luiz?

Luiz Carlos: É... [risos].

[...]

José Luiz: Lembro que, logo quando cheguei, o Eron era tão organizado que ele tinha um caderninho e se a pessoa tinha falado tal coisa em tal dia, ele ia lá e olhava para ver se era a mesma coisa.

Luiz Carlos: Isso era infernal...

José Luiz: Ele tinha uma análise infalível. Quando ele batia, matava! Porque não tinha mais argumento.

Eronídes Bíscola: Esse era um problema sério.

[risos]

Luiz Carlos: Essa politização perdeu-se. Lembro-me das nossas reuniões com quarenta pessoas, não sei quem (se foi você ou outros) que tinha até estratégia: um senta aqui, o outro senta aqui e o outro senta lá, porque na hora que for bater, não pode vim os tiros para o mesmo lugar. Então quer dizer, até nos debates havia um envolvimento político (em um bom sentido), todos nós queríamos construir uma universidade e esse ideal que era bonito. Não que os outros não tivessem, mas nós tínhamos um projeto de universidade. Eu lembro de que quando cheguei aqui em Campo Grande (sete anos depois de fundar o estado), o Eron já estava aqui muito antes disso e assistiu os conflitos dos últimos momentos da decadência do estado e o florescimento de um novo que foi a criação do estado de Mato Grosso do Sul.

José Luiz: E a criação da nova universidade também, que era estadual, não é?

Luiz Carlos: Sim, justamente, com a Federalização. Então, a participação política dele é importante nesse sentido e aqui na SBEM-MS também tem um pouquinho disso. Seu nome na diretoria tem um peso nacional, dá uma respeitabilidade aos jovens que estão aqui na frente.

Eronídes Bíscola: É interessante falar desses garotos, porque eu, particularmente, não tenho parado para pensar sobre eles, mas na época eles eram uma força muito grande. Muitas coisas acabaram acontecendo e eu acredito que foi por conta dessa meninada que estava fazendo a graduação, que estava com aquela motivação de fazer algo diferente, de criar coisa que nós, talvez, não tivéssemos, ou pensando ou em condições de fazer. Dentro do próprio Departamento de Matemática, nós tivemos problemas sérios quando começamos a pensar nessa formação de professores com um olhar voltado para o professor do nosso estado, porque nós, até então, pensávamos somente para onde iríamos encaminhar os nossos alunos: para fazer Mestrado e depois Doutorado, em outro país ou no IMPA ou na UnB e assim por diante. E assim começamos a olhar para dentro do nosso estado e isso, de certa forma, criou um problema (até pessoal dentro do Departamento) com os afastamentos de algumas pessoas e aquela guerrilha ali dentro, aquela briguinha, aquelas coisas todas. Não foi uma época muito simples, porque trabalhar com o nome da Educação Matemática, na época que nós começamos, era até pejorativo, as pessoas que escolhiam ir para essa área eram vistas como aqueles que não tinham condições de estar na Matemática Pura, mas acredito que esse tipo de coisa estivesse acontecendo também em outros lugares do Brasil.

Luiz Carlos: Havia um preconceito muito grande!

Eronídes Bíscola: Muito grande e aí entram algumas coisas interessantes, como o amor pelo que se faz. Por exemplo, quando eu coloquei meu nome para dar aula de Prática de Ensino, deparei-me com esse problema de que seria visto diferente dali para frente, mas tinha que assumir aquilo, porque eu havia chegado primeiro que todo mundo, trabalhado *barbaridade* para criar esse estudo e na hora “h” de assumir esse *pepino* não vou assumir? Tem que assumir! Então, alguém tinha que ministrar essa disciplina e, felizmente, nós encontramos pessoas como o Luiz Carlos e o Zé Luiz que se juntaram a ideia e aí pronto. Na verdade, quem carregou tudo isso aí (estou observando pelas conversas) foram eles, eu, simplesmente, entrei na frente depois, mas foram eles que comandaram isso.

Luiz Carlos: Um projeto não se faz só, tem que ter apoio.

Eronídes Bíscola: Mas que tivemos problemas, tivemos, dentro do Departamento, por exemplo.

Luiz Carlos: Nossa, tanto! Eu tentei até esquecer... quase tudo [risos]. Não resta mais nenhuma mágoa.

Eronídes Bíscola: De nós três, o que mais retinha essas brigas era o Luiz, ele era quem sofria mais.

Luiz Carlos: É... por causa da questão psicológica.

Eronídes Bíscola: Sofria mais. O Zé, eu não sei como ele era. Não dava para gente conhecer o Zé.

Luiz Carlos: O Zé é baiano, sempre rindo, divertindo, aquele negócio todo. Você não sabe como que é o Zé por dentro.

[...]

[Tinha algum diálogo entre vocês que participavam nessa questão de formação de professores com esse outro grupo que trouxe a SBEM para o estado?]

Luiz Carlos: Ao me lembrar desse pessoal que compôs as primeiras diretorias da SBEM-MS, no fundo, o Renato, o Denizalde, eles eram nossos alunos, mais do que alunos, eles eram amigos. Por exemplo, o Renato (que foi presidente), ficou na minha casa para ela não ficar sozinha quando eu precisei viajar. Então havia muito diálogo entre nós e havia um profundo respeito mútuo por eles, eu vejo assim. Havia muita conversa! Eu me lembro de que eu era muito amigo do Denizalde, a esposa do Renato conversava bastante com a Maria (minha esposa). A Iara⁹⁰ eu não tinha muito contato com ela, acho que...

José Luiz: A Iara era da Secretaria da Educação.

Luiz Carlos: A Ângela foi a minha primeira orientanda do Mestrado, o Felice⁹¹ foi meu orientando no Doutorado. Esse grupo não era separado, não tinha um grupo da SBEM separado de nós.

⁹⁰ Iara Augusta da Silva. Professora aposentada da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul.

⁹¹ José Felice. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

José Luiz: Quando iam fazer os encontros, nós sempre participávamos mesmo não estando nas diretorias, nos encontros estaduais, por exemplo.

Luiz Carlos: Isso era um grupo de amigos todo embolado e não dá para separar, eu vejo assim. A única divisão que eu fazia aqui era com o pessoal do interior, por exemplo, Felice de Nova Andradina e a Denize de Ponta Porã (eu não tinha muito contato, a conhecemos através desses cursos que íamos dar lá).

[...]

[Então, eles tinham o apoio de vocês para a estruturação da SBEM-MS?]

José Luiz: Nós os apoiávamos não só nas ações promovidas pela SBEM-MS, mas tentando oferecer também, por exemplo, cursos (o que pudesse), parcerias com a Secretaria de Educação (que nunca foi muito evidente).

Luiz Carlos: Na realidade, apoiávamos esses garotos, porque nós tínhamos um embate com o Departamento e aí, na triangulação, o Departamento (a parte que não gostava tanto de Educação Matemática), os acadêmicos e nós (cria um triângulo), os alunos jogavam do nosso lado, nos davam o apoio.

[...]

Luiz Carlos: Eu falava que dava veneninho de cobras para os alunos da pós-graduação para eles aprenderem a sair pelos congressos. Nos meus alunos, pode descer o *cacete*! Pode criticar! Tanto é que o Tarcísio de Rio Claro quando ele foi apresentar o trabalho, perguntavam sobre o referencial e eu falava que não iria o defender! [risos]. Quer dizer, me dá orgulho em saber que é um profissional autônomo e que não depende de mim e esses meninos da diretoria também não dependiam. Eram todos jovens que começaram a caminhar com as suas próprias pernas, eram pequenos intelectuais, autônomos, que começaram a viver e responder por seus atos. Então, quer dizer, esse grupo não era manipulado por nós, não havia a mínima chance. Eles se constituíram e fizeram uma época na universidade.

Eronídes Bíscola: E nunca tivemos a intenção.

Luiz Carlos: Jamais! Isso seria não formar o sujeito, seria contra a formação. Quando eu falo que uma das dimensões da formação de professor de Matemática é a questão política, refiro-

me em discutir o que está acontecendo hoje no Brasil, a questão das dormências, por exemplo. Tem que ter certa posição, certa clareza. Então eu acho que esse grupo de acadêmicos que participaram aqui era gente jovem e competente. O meu sonho ao participar da SBEM-MS era colocar o meu nome no cenário nacional, porque eu era presunçoso [risos]. Quando eu me doutorei (eu sou um dos primeiros vinte doutores nesse assunto, pequena vaidade não é Eron?), depois o Zé, a Marilena, a história da SBEM entra por outro caminho. Acho que nesse momento aqui, a gente era mais pé no chão talvez (eu não sei o adjetivo correto), mas depois que eu vou para França pesa muito mais a questão da teoria, as nossas referências teóricas, do que se eu estou vinculado com as massas. Quando eu voltei, em 1991, o que eu queria com esse grupo era realmente participar do cenário nacional, eu não estava muito preocupado com o interior (já tinha estado de 1985 a 1987) e um dos meus raciocínios era o seguinte: como enfrentei sérias resistências aqui (até que sai do Departamento), achava que se eu fosse por fora, ou seja, não contando muito com a universidade, conseguiria essa projeção nacional, quer dizer, quando falassem de Campo Grande, lembrasse-se de mim, do Eron, do Zé Luiz, isso que nós queríamos. Então o que eu queria fazer era participar das discussões brasileiras de um novo tempo da área e quando nós visualizamos a possibilidade de multiplicar as universidades pelo interior do estado (pelo visto, no Brasil inteiro estava acontecendo) e que toda cidade de porte médio começou a ter universidade, nós já percebemos que precisaria ter muitos mestres e doutores para ocupar esses espaços de Matemática, mas nós não íamos formar matemáticos, nós íamos formar educadores matemáticos. Então, surgiu outra intenção e o apoio da SBEM era importante para dar esses cursos no interior, mas muitas vezes voltados para preparar para uma pós-graduação do que para a sala de aula. Essa divisão eu reconheço hoje e se cometemos algum erro no passado foi ter deixado predominar um pouco mais a vaidade e que também não é tão mal, porque eu formei vinte e cinco mestres, quase todos são professores universitários e estão formando gente no interior.

[...]

[Vocês poderiam falar sobre os objetivos que esse primeiro grupo teve quando criou a SBEM? Qual que seria o interesse deles em criar a SBEM aqui no estado?]

Luiz Carlos: Eu vejo, por exemplo, que essa liderança tinha muito a questão de melhorar para o ensino e eles eram muito engajados com a realidade, com a questão do interior. Então, eu acho que da parte do Renato, do Denizalde, eles tinham objetivos bem mais aguerridos com a realidade, eu não consigo separar isso. Nós fomos a um congresso organizado pelo Renato em Corumbá, eu e você, Eron.

José Luiz: Eu também fui nesse congresso.

Luiz Carlos: Então, eu acho que o objetivo deles era, realmente, estar bem mais próximo dos professores do que nós e acho que há um pouco dessa diferença de objetivo.

José Luiz: Aqueles ideais da SBEM de contribuir com ações para a melhoria de ensino de Matemática em todos os níveis sejam para formar grupos de estudos, de pesquisas, de disseminação, dos congressos e materiais, ou seja, contribuir com a melhoria do ensino de Matemática. O Chatô quando assumiu a candidatura à presidência da SBEM, falou que era muito importante essa aproximação e uma de suas metas era articular mesmo essa instituição com as Secretarias de Educação e fazer políticas, já tentamos conseguir alguém da Secretaria de Educação para participar da diretoria da SBEM-MS, mas é aquela história, dentro do possível.

Luiz Carlos: Em 1988, eu e o Zé estávamos em Maringá quando foi fundada a SBEM Nacional. Acho que o Eron não estava.

Eronídes Bíscola: Não.

Luiz Carlos: Oficialmente em cartório, no ano de 1988, em Maringá e a briga lá foi tão calorosa de quase agressão física. Lembro-me do Baldino⁹² defendendo a criação e tinha gente defendendo contra, dizendo que era bobagem alegando a questão da existência da Matemática Pura, mas nós não tínhamos espaço, então achávamos que criando a sociedade aumentaria nosso espaço nos departamentos e nas secretarias, para fazer o nosso trabalho de pesquisa de ensino da Matemática. A criação da SBEM não foi um processo evidente, foi muita briga e muito debate.

José Luiz: Falavam que não era o momento.

⁹² Roberto Ribeiro Baldino.

Luiz Carlos: Não foi fácil conduzir o processo, pois já estávamos discutindo sobre a criação há mais de um ano e que foi votado lá. O nosso grande medo era que na hora de votar na assembleia final prevalecesse os votos pela não criação.

José Luiz: Eu lembro que foi um momento de grande emoção.

Luiz Carlos: Foi uma grande emoção, uma grande briga que se arrastou por alguns dias e também era uma questão política de criar um espaço, pois na Sociedade nós podíamos falar a mesma linguagem, estando junto com os nossos semelhantes. A gente não se sentia bem dentro do ambiente dos matemáticos, porque a nossa proposta não era fazer Matemática Pura e o nosso objetivo tinha também essa extensão política de organizar uma instituição a nível nacional. Agora, desse grupo, mais precisamente, havia esse engajamento político e a proximidade com as massas, eu vejo isso (não sei se eu estou equivocado com a minha leitura). Foi muito importante a criação da SBEM naquele momento, foi uma vitória, mas não sei se com o tempo essa vitória (ou essa importância) se declinou ou se aumentou. Eu participei quinze anos depois de uma avaliação, feita em 2003 em Poços de Caldas, que foi apresentado um balanço de quinze anos da SBEM: O que teve bom ou o que teve ruim? Quais foram os equívocos cometidos?

José Luiz: E agora, estão completando quantos anos?

Luiz Carlos: Daqui dois anos, vai ser trinta anos.

[...]

Luiz Carlos: Ao criar uma sociedade, você cria um sentimento de pertencer a um grupo que é muito importante, por exemplo, eu pertencço ao sindicato, à Sociedade, à igreja.

José Luiz: Existia um movimento nacional e a gente não podia ficar à margem. Então a gente precisava fortalecer esse grupo maior nacionalmente, para conseguirmos nos fortalecer também.

Luiz Carlos: Nós fomos pioneiros, aqui, em criar a SBEM-MS. O Eron foi para a parte de administração (na parte final da sua carreira aqui) e não tinha como estar tão presente, porque o envolvimento na parte administrativa consome muito e nós não podíamos ficar fora desse movimento. Então, naquele momento, era participar e criar esse grupo de pessoas que falavam, mais ou menos, a nossa língua. Eu vejo assim.

[Qual seria a importância da SBEM aqui no estado?]

Luiz Carlos: Vou começar pelo aspecto político, pois acho que ela tem uma relevância social e política, antes de ser educacional e, naquele momento da criação da SBEM, ela tentava responder a SBM⁹³. O poder político da SBM era e é forte até hoje, fortíssimo! Por exemplo, a OBMEP⁹⁴ envolve muito mais dinheiro do que a SBEM recebe dos financiamentos públicos. Então eu acho que a importância da SBEM hoje, acima da importância educacional, de melhorar o ensino da Matemática de maneira mais científica e metodológica é a importância política.

José Luiz: Na definição das políticas da Educação Matemática.

Luiz Carlos: A importância política da SBEM está em penetrar nas massas, porque ela tem uma quantidade de sócios maior do que a SBM que tem um número irrisório de sócios e recebe muito mais verbas do que a SBEM, porque a capilaridade da Sociedade é muito maior, mas a força política é fraca. Então, a sua importância estaria no resgate dessa capilaridade, porque ela está em todos os estados brasileiros e se tiver que acontecer alguma coisa na escola com o professor de Matemática, a SBEM tem um papel muito importante, não é o estado e nem é o município, no sentido de melhorar o ensino da Matemática.

José Luiz: Sim, na implementação dessas políticas, não é?

Luiz Carlos: É, quer dizer, mudar a metodologia, melhorar e incorporar o computador na sala de aula, diversificar a formação dos problemas atuais e isso tem que ser através do professor e para chegar neles a SBEM tem um papel importante. Eu acho que é até mais importante do que as universidades, porque eu questiono se a universidade tem competência para formar professor e isso é inquietante, e essa indagação não sou eu que faço, ela existe por aí. A Sociedade tem essa capacidade de entrar nas comunidades e de mexer com o professor o fazendo sentir que pertencente a uma sociedade (à SBEM) e que tem uma identidade: eu sou sócio da SBEM. Essa questão de pertença é importante e o sentimento criado por estar em um grupo que tem uma proposta também é. Eu até me questiono: Será que a SBEM melhorou o ensino na sala de aula? Eu não sei o quanto que isso melhorou, não consigo medir. Então, eu acho que a importância está no subsídio das políticas públicas também.

[...]

⁹³ Sociedade Brasileira de Matemática.

⁹⁴ Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

José Luiz: É o que você falou, ela teria que assumir que tem mais força do que nós pensamos que aparenta ter. Na verdade, eu fico com aquela impressão que o pessoal fica meio tímido e não assume o que poderia assumir e esse papel, principalmente, na execução, tinha que penetrar mesmo e fazer movimento de massa. Eu acho que a própria SBM percebeu a força da SBEM antes de nós mesmos, tanto que a SBM quer realizar publicações em conjunto, parece que já perceberam que estão olhando só para o conteúdo, estão vendo que isolados não conseguem. [...]

Luiz Carlos: Bom, a importância da SBEM para mim hoje é essa, mas vejo que, infelizmente, nós não temos uma Educação Matemática para todos, pois haverá diferentes Educações Matemática para vários tipos de classe social e essa variação das classes sociais não é só na Educação Matemática, atinge todas as áreas. Eu não sei, acho que essa diversidade a SBEM contempla, assim, eu não posso falar de uma Educação Matemática para o povão e para as elites, não é isso. [...] Essa ideia do PNAIC⁹⁵, do PNLD⁹⁶ de fazer um livro bom, para todo mundo, é um pouco forçada, o país é diferente, existem escolas para rico, para pobre, para miserável, existe escola coberta com lona... [...] O desafio da SBEM hoje é enxergar essa diferença que está aí e fazer uma Educação Matemática... Uma só para todo mundo não vai ter jeito não.

Eronides Bíscola: É interessante saber hoje como a SBEM-MS está atuando. O que ela está fazendo de bom para a Educação, de um modo geral, na sala de aula? Ou se ela ainda está um pouco distante de tudo disso aí. Porque isso leva tempo, mas é muito importante que ela passou a existir e a defender um monte de ideias e de pessoas.

Luiz Carlos: O Zé, quando foi formalizada a SBEM, houve um grande debate nacional sobre o que é Educação Matemática, o que é a área. Hoje, faço uma pergunta meio na contramão, será que ainda há espaço para a SBEM? Quer dizer, ainda faz sentido uma Sociedade Brasileira de Educação Matemática? De uma só? É uma questão que eu reflito um pouco. Se você observar, Eron, eu me afastei um pouco (eu nem sou sócio da SBEM), mas não tenho nada contra ela, nada! Participei do começo e do meio, que foi quando fizemos um balanço da fundação da área da SBEM dentro da ANPED, eu era diretor do grupo e foi encomendado esse trabalho para

⁹⁵ Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa.

⁹⁶ Programa Nacional do Livro Didático.

apresentar no dia do evento em que contratamos três pesquisadores: o Ubiratan D'Ambrósio, o Antônio Miguel (da UNICAMP) e o Vicente Garnica para eles investigarem sobre esse assunto e apresentarem os resultados e que gerou um documento público hoje. A síntese dessa ideia é que ficou claro que, naquele momento, como já havia acontecido em vários outros países, ocorreu à diversificação da sociedade com a criação de várias outras sociedades diferentes. O Ubiratan acha, por exemplo, que uma sociedade apenas é muito ruim e que naturalmente ela se bifurcava em várias outras e que quanto mais tivesse, era melhor, mesmo que elas fossem um pouco antagônicas. Só que dentro da SBEM isso se resolveu parcialmente com a fundação de grupos de trabalhos.

José Luiz: Mas está uma briga.

[...]

Luiz Carlos: Mas a SBEM como está hoje tenho algumas restrições, porque o país é muito desigual, há uma Educação Matemática de tipos diferentes e você compra a melhor que quiser. É como que se fosse uma mesa posta com várias comidas e cada um se serve como pode ou como quiser, eu vejo isso como um panorama geral da Educação Matemática. Por exemplo, os paraenses eles querem fundar uma Sociedade Paraense de Educação Matemática [risos]. [...] Mas por quê? Eu vejo que o movimento não cabe mais dentro da SBEM e nós não somos muito diferentes, por exemplo, o grupo de historiadores não bica muito bem o resto dos outros e então eu acho que, naturalmente, vai criar a sociedade dos pesquisadores da História da Educação Matemática.

José Luiz: Não, mas isso já tem.

Luiz Carlos: É, já tem, mas talvez crie outra sociedade dos algebristas, por exemplo, ou ensino da Álgebra.

[risos]

Luiz Carlos: Mas é interessante falar, ela é irreversível, pelo menos eu acho. Muda a época e as sociedades e as instituições também mudam, até a Igreja Católica muda! [risos]. Quer dizer, muda mais devagar que outras instituições e nós não teríamos uma visão panorâmica do que é hoje, mas eu vejo que não tem mais tanta paixão, como tinha há trinta anos para participar.

[...]

Luiz Carlos: É uma crítica a especificidade, porque, hoje, as pessoas sabem muito mais de menos coisas, então se perde muito. Então eu acho que vão acontecer essas fragmentações nas especialidades, Zé, como aconteceu com a própria Matemática. Dentro da Matemática, teoricamente, é estimado que se tenha milhares de áreas e que certos matemáticos não conseguem conversar entre si, porque a Matemática de um é completamente diferente da Matemática do outro.

[...]

Luiz Carlos: Essa diversificação, eu acho que hoje não saberia se todos querem olhar a mesma coisa ou se todos estão com a mesma preocupação, eu acho que não. Têm muitos interesses dentro da SBEM.

[...]

Luiz Carlos: Eu acho que o momento hoje é mais polêmico mesmo, mas o mérito foi a sociedade ter entrado em todos os estados brasileiros e o número de sócios disparar. É uma grande sociedade hoje, mas os problemas são igualmente grandes.

Eronídes Bíscola: E deve ter gerado uma consciência mais crítica sobre esse ensino que está aí e isso já é um primeiro passo. Primeiro você tem que realmente enxergar que aquilo não está bom e que precisa melhorar (mesmo que você não saiba qual é a solução) e depois trabalhar para ver onde que você vai dirigir seus passos. Agora não é fácil, uma hora o Luiz falou que uma possível solução seria pagar melhor o professor, mas só o dinheiro vai resolver? O que ele tem na cabeça vai mudar, ganhando um salário, dois ou três? Não vai.

[...]

Eronídes Bíscola: Aqui é o seguinte, nós temos três pessoas (nós não chegamos ainda a descobrir como o Zé está): o Luiz já está meio afastando da SBEM e eu afastei há vinte anos [risos]. Isso é natural na vida das pessoas, pegarem rumos diferentes e os rumos que nós pegamos, de certa forma, ajudaram a dar uma contribuição. Hoje, são os rumos que os jovens estão tomando é que vai dar a contribuição para que essas coisas, realmente, um dia cheguem onde muitas pessoas, lá trás, sonharam.

[...]

Luiz Carlos: Eu fiz um balanço aqui e o Zé Luiz, dentro desse canal de comunicação da SBEM, do Mato Grosso do Sul para o cenário nacional, contribuiu muito mais do que eu. Ele participou

(e participa) de projetos nacionais, vou citar alguns (você pode desmentir se eu estiver errado Zé): formulação das Diretrizes Nacionais para a formação de professores de Matemática, participou da relação dos PCN⁹⁷, dos vários PNLD, do PNAIC e outros que, sinceramente, eu estou esquecendo.

José Luiz: Avaliação de cursos.

Luiz Carlos: Avaliação de cursos de Matemática, em nível nacional. Então, de certo modo, o diálogo começou, porque para ele ir lá ao interior de Goiás avaliar o curso de Matemática, não é gratuito e ele foi lá, porque tem um nome nacional que possivelmente foi projetado via SBEM (além do seu próprio esforço), porque outra pessoa mesmo sendo doutor, capacitado e competente, poderia não ser chamado para nenhuma dessas coisas. Não sei se você participou da elaboração da LDB⁹⁸, em 2003? Foi em Brasília e eu participei na plenária de preparação da Lei das Diretrizes Básicas Nacional.

José Luiz: Não, eu tinha ido fazer o pós-Doutorado.

Luiz Carlos: E foi a lei que redirecionou a formação de professores dentro do Brasil. Então, essa contribuição também fluiu no cenário nacional através da organização política da SBEM e o pessoal que coordenava isso. [...] Eu dei a minha contribuição em algum momento, mas não foi tão forte como o Zé Luiz e a Marilena que hoje é outro panorama. Ela participou da diretoria nacional.

José Luiz: E coordena o PNLD.

Luiz Carlos: [...] Por exemplo, os PCN que hoje nós, talvez, não aprovaríamos (pois é outro momento), nós fizemos várias reuniões para ser discutido aqui em Mato Grosso do Sul (em Campo Grande), para levar para Brasília uma proposta de participação. [...] Deu uma contribuição fundamental e isso não era um projeto exclusivo da SBEM, mas se tornou possível a participação através da SBEM e de outras instituições associadas.

José Luiz: Quando você vê o corpo de pessoas que estão na execução dessas políticas, por exemplo, o PNAIC (eu não participei na elaboração) ou o PNLD, quando você olha as pessoas que estão lá e que você conhece, sabe o que elas estão fazendo ou você olha o corpo de parecerista e quem são?

⁹⁷ Parâmetros Curriculares Nacionais.

⁹⁸ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Luiz Carlos: Participantes da SBEM.

José Luiz: De modo geral, os que estão lá avaliando, queira ou não, estão ou estiveram ligados de alguma forma à SBEM.

Luiz Carlos: Você vê que da SBEM pularam para as políticas públicas que é outra questão. O Programa Nacional do Livro Didático é um programa das políticas públicas que eu já participei, o Paulo Figueiredo⁹⁹ (foi diretor), o Pitombeira¹⁰⁰ (que é um pouco mais da SBM), que têm ligação também.

José Luiz: O Pitombeira atua no nosso programa de Educação Matemática como professor visitante.

Eronídes Bíscola: É, o João Bosco Pitombeira, desde a época da SBM, já tinha tendência para a área, porque naqueles encontros, ele apresentava palestras em cima do Ensino da Matemática, essas coisas.

Luiz Carlos: E hoje, as aulas de Matemática são essas: voltada para compreensão da Matemática e para o professor. Ele não está dando aula de Matemática para o matemático e sim para o professor. Acho que é legal isso daí, é uma visão importantíssima.

[...]

Luiz Carlos: Então, a importância da SBEM é que ela é fundamental se tivermos que fazer alguma coisa inovadora, porque não é a universidade que tem competência para fazer essas reformas, porque ela é muito mais conservadora. [...] Mas o que eu vejo dentro da SBEM é que se você olhar o movimento como um todo, ela tem muita coisa sendo feita, muita coisa que é diferente do que eu faço e isso é muito bom! Tem muita Educação Matemática diferente, tem até um grupo dentro da SBEM ou grupos que trabalham com Educação Matemática e não tem quase nenhuma Matemática, isso tem. Eu tenho que falar das coisas novas e que, às vezes, tem que conversar.

⁹⁹ Paulo Figueiredo Lima. Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

¹⁰⁰ João Bosco Pitombeira de Carvalho. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[Havia outro tipo de ação ou atividades, sem ser o Encontro Regional (ESEM¹⁰¹), que eram promovidos pela SBEM-MS?]

Luiz Carlos: Eu não lembro de outras a não ser os Encontros Regionais. Outros eventos regulares, acho que não tinha.

José Luiz: Regulares, não! A gente participava, assim, quando tinha um evento, consultava a SBEM e ela se reunia e dava um auxílio.

Luiz Carlos: Uma palestra esporádica ou outra quando o programa convidava alguém para a banca do Mestrado e aproveitava para dar uma palestra. Lembro-me de que o Saddo¹⁰² que veio aqui (que é da PUC), o Geraldo Perez (de Rio Claro), a Maria Aparecida Bicudo¹⁰³. Mas assim não era uma atividade regular que a SBEM.

[...]

José Luiz: Conversando com o Viola, como presidente da SBEM-MS atual, ele começou a pensar sobre essa dívida que sentimos da pós-graduação em relação à comunidade de professores, ou seja, ele sente um pouco que as nossas dissertações e os nossos trabalhos que são feitos no Programa poderiam ser disseminados. É tipo assim, nós já estamos produzindo muito remédio, tem muita gente doente e como levar esses remédios até eles? Então ele está, de certa forma, estimulando esses cursos com as Jornadas Locais espalhadas por aí, por exemplo. Mas novamente é um problema, porque algumas pessoas, além da atuação na diretoria da SBEM, estão envolvidas em muitas atividades, trabalham em projetos diversos, têm os orientandos, alunos da graduação e da pós-graduação, pois os cursos exigem também. Para participarem das Jornadas, os mestrandos não podem parar suas atividades, então eles pensam as temáticas dos cursos, mais ou menos, com coisas que eles já fizeram ou estão fazendo e até, de certa forma, orientando ex-alunos que já estão por aí a participar. Mas eventos regulares eram mais os encontros mesmo, até porque não tinha gente para trabalhar e é muito difícil preparar um encontro.

¹⁰¹ Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática.

¹⁰² Saddo Ag Almouloud. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

¹⁰³ Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

[...]

Luiz Carlos: E não tinha dinheiro também, tínhamos que pagar do nosso bolso, era uma fraqueza o caixa da SBEM-MS, não é, Zé? [risos]

José Luiz: Na verdade, se pensar nos sócios que realmente contribuíram eram poucos (o que acabava refletindo no dinheiro arrecadado para a regional) e esses desapareciam e você não conseguia fazer com que eles permanecessem.

Luiz Carlos: Em uma época, no estado inteiro, chegou a ter, mais ou menos, cinquenta e poucos sócios.

José Luiz: Já chegou a passar um pouco de cem, mas perdíamos o controle, porque não era a gente que controlava os recursos. Quem recebia era a nacional e eles devolviam uma parte do total arrecadado e a outra parte ficava com eles e essa parte que recebíamos, às vezes, era usada para comprar as passagens para ir a algum congresso ou de alguma reunião da SBEM nacional, por exemplo.

Luiz Carlos: Nós nunca conseguimos colocá-la em todos os municípios. Jamais. [...] Mas tinha gente que participava das principais cidades do estado como Ponta Porã, Dourados, Três Lagoas.

José Luiz: Onde tinha os *campi* da universidade havia uma representação da Sociedade, mas naquelas cidadezinhas pequena, dificilmente, não conseguia chegar. Era difícil trazer algum professor do interior para participar dos eventos aqui para eles se inteirarem sobre o que estava acontecendo. Não me lembro direito do valor do repasse, mas acho que era em torno de 30% e como era pouco, não dava para nada mesmo, então nem fazíamos conta se eram 30 ou 40%.

[...]

José Luiz: Chegou um ponto que a SBEM-MS até tinha dinheiro em caixa, mas não conseguíamos movimentar, porque deu um problema com relação à troca de diretoria anterior e esse uso estava difícil, porque o Sales não podia mais movimentar (mesmo a conta estando no nome dele), aí o dinheiro ficou parado e não podia nem mudar o sistema da conta. Eu conversava com o Sales (tesoureiro da SBEM) sobre isso e ele já não sabia mais o que fazer, porque ninguém conseguia mexer na conta. O dinheiro que tínhamos era o valor arrecadado com as inscrições de evento e, assim, comprávamos a passagem de alguém (porque você não conseguia trazer todo mundo pela universidade), hospedagem em um hotel e conseguíamos

financiar o encontro, mas sempre se gasta mais do que arrecada, não é? E mesmo assim, às vezes, as pessoas vinham com dificuldades e aí dava um jeito de ajudá-las um pouco para participar dos encontros, por exemplo. Essa arrecadação vinda da Nacional era mínima, em geral, a gente tentava se manter com o dinheiro da universidade, porque com o dinheiro da SBEM não dava para financiar muita coisa. Hoje, nem a universidade está ajudando muito.

Eronídes Bíscola: Está sim? Para você ter uma ideia, piorou muito.

José Luiz: Está e eu mesmo, várias vezes, vou com o meu dinheiro, porque se você tem um projeto que prevê verba é muita burocracia para iniciar. Eu, como já estou quase me aposentando, não faço mais projeto com verba, porque para prestar as contas vou ter uma dor de cabeça e já não levo muito jeito para a parte burocrática. Toda vez que eu coordenei esses projetos maiores que tinha muita conta, eu me embaralhava e tinha que ficar refazendo tudo e chegava a perder o sono. É muito detalhe burocrático. É interessante isso também, o tempo que você perde para mexer com essas burocracias é tanto, que agora prefiro ficar pesquisando e fazendo as minhas coisas, porque para o que eu faço, não precisa de tanta verba assim, compro uma ou outra passagem [risos].

Eronídes Bíscola: A prestação de conta é a parte mais complicada que tem nisso daí, porque tudo tem que bater e a gente não acha importante esses detalhezinhos que têm, podia passar por cima de tudo isso daí.

José Luiz: Eu lembro de que uma vez eu coordenei um encontro estadual da SBEM e aí a Secretaria de Educação tinha prometido colaborar, na época (nunca vou esquecer isso), com R\$700,00 e eu cobrava essa ajuda e nada, até que chegou o dia do encontro e eu já tinha considerado que ela não ia mais dar. Aí depois de um tempo, com o relatório do evento pronto (já estava mandando), eles me ligam falando que tinha chegado o dinheiro, nem acreditei, falei que não queria mais e que podia devolver, porque tinha acabado de fechar o relatório. Aí o rapaz da pró-reitoria me implorou para que eu pegasse esse dinheiro, porque ia ser muito complicado devolvê-lo.

Eronídes Bíscola: [risos]. Que é a outra parte burocrática. Como eu faço para devolver?

José Luiz: Para devolver esse dinheiro ia dar muito trabalho. Perguntaram se não tinha jeito de gastar com material ou qualquer outra coisa e acabamos gastando com a impressão de um

caderninho (que tem até hoje) do João Lucas¹⁰⁴, sobre a palestra que ele havia feito durante o Encontro. Não tínhamos nem pensado em imprimir tudo aquilo, mas fizemos para gastar aqueles R\$700,00. Então, eu evitava essas verbas que vinha da SBEM, porque ela não cobria as despesas que a gente teria. [...] Agora, francamente, essa questão financeira da SBEM é muito complicada, uma coisa de pobre, porque o dinheiro que chegava dos sócios aqui não era muito e era quase como se não arrecadasse nada, vamos dizer assim. Não é que a gente precise, porque não era com esse dinheiro que a gente tocava a SBEM, por exemplo, para realizar os encontros, pedíamos ajuda das passagens para a universidade, mas, como não tinha verba para ir bastante gente, então tentávamos, pelo menos, um ir, ou o presidente ou o vice (um ou dois tinha que ter disponibilidade de estar representando e, às vezes, ninguém nem podia ir, por estar sobrecarregado de trabalho).

Eronídes Bíscola: Até porque são atividades em que a pessoa tem que participar.

José Luiz: Você tem que ir e não pode ser como figurante: tem que apresentar relatório, participar das reuniões que têm como, por exemplo, na reunião de diretoria da SBEM, tem que estar defendendo uma posição, argumentando e as reuniões da diretoria não eram muito tranquilas, não. Você chegou a participar Luiz?

Luiz Carlos: Não, eu nunca participei.

José Luiz: Nossa, era tensa.

[...]

[Quais eram a importância e a necessidade de criação das diretorias regionais?]

Luiz Carlos: Das diretorias regionais da SBEM, quais que existem hoje aqui? Existe uma diretoria regional em Dourados, outra em Corumbá?

José Luiz: Isso parece que ficou no plano das intenções, porque essas propostas não conseguiram vingar (pelo menos até onde eu acompanhei). Alguns estados, como Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, por exemplo, algumas regionais internas parece que

¹⁰⁴ João Lucas Marques Barbosa. Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará (UFC).

vingaram. Mas aqui discutiu-se a ideia de montar alguns núcleos nas cidades de Dourados, em Ponta Porã, Corumbá, por exemplo, entre outras, mas não é fácil não.

Luiz Carlos: Agora a importância para criar uma regional aqui em Mato Grosso do Sul, outra no Pará, outra no Amapá, em Roraima é política, porque ela é representativa do Brasil e tem milhares de filiados dando forma para a instituição. Qualquer projeto de reivindicação junto ao governo, ela tem uma abrangência maior, uma capilaridade. [...] Então a importância é penetrar nos interiores.

José Luiz: Se eles virem que tem massa crítica envolvida aí vão atrás. No caso da SBM, acho que eles conseguiram mostrar para o governo que eles sabem Matemática, principalmente o pessoal do IMPA (tanto que um de seus formados ganhou a Medalha Fields) e têm um lastro muito forte nos órgãos governamentais. Talvez por isso que as verbas estão indo mais para a SBM do que para os projetos da SBEM. Agora para os profissionais e pesquisadores envolvidos com ações de formação em Educação Matemática, por exemplo, os ENEMs têm crescido tanto que as diretorias regionais da SBEM ficaram com medo de sediar esse próximo, porque o de Curitiba (o último realizado) passou de cinco mil participantes, sendo que um mês antes do evento, os organizadores encerraram as inscrições, porque não tinham condições para fazer um evento com mais de cinco mil pessoas e aqueles que deixaram para última hora, ficaram de fora.

Luiz Carlos: Isso fortalece a instituição.

José Luiz: E aí ficou mais complicado ainda, porque é difícil encontrar infraestrutura adequada para realizar um evento se vier esse mesmo tanto de gente, ou mais.

Eronídes Bíscola: E qual é o motivo dessa grande procura? O que está acontecendo?

José Luiz: Então, primeiro é toda essa crise do ensino, mas tiveram vários programas do MEC¹⁰⁵ que estimularam a pesquisa (eu não fiz essa análise toda), mas, por exemplo, teve muitos trabalhos do PIBID¹⁰⁶ desenvolvidos nas universidades públicas, os quais desenvolvem trabalhos e querem apresentá-los, bem como relatar experimentações que fizeram. Então, o ENEM é um espaço para relato de experiências e aí eles querem participar e há outros fatores

¹⁰⁵ Ministério da Educação.

¹⁰⁶ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

também, como os programas de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática que estão crescendo.

[...]

Eronídes Bíscola: Mas a SBEM com relação às olimpíadas, ela teve alguma participação?

José Luiz: Não, essas olimpíadas quem participa é a SBM.

[...]

[Vocês viam alguma relação das atividades realizadas pela SBEM-MS e o professor do Ensino Básico?]

Luiz Carlos: Nós chegamos a comprar tábuas, fabricar muitos Geoplanos, aqueles joguinhos do Teorema de Pitágoras, aquelas plaquinhas, os tangrans... [risos], e vários professores do interior começaram a utiliza-los em sala de aula. Não sei se isso deu muito certo, mas nós divulgamos esse tipo de coisa. [...]. Eu cheguei em Rio Verde, Coxim, e tinha professor do estado mexendo com esse material, então eles aprendiam nesses cursos que fazíamos, nos minicursos que dávamos sempre nos ESEMs e acho que alguma influência, nesse nível, houve.

José Luiz: Quando a Iraci coordenou aquele Pró-ciências¹⁰⁷, você também participou, não foi, Luiz?

Luiz Carlos: Como palestrante.

José Luiz: Eu também participei, mas viajando. A Educação Matemática montou uma grande equipe e foi acompanhar o desenvolvimento do projeto nas cidades do interior e os professores também vinham para cá e muitas ideias foram ali divulgadas, por exemplo, no programa Pró-ciências tinha a ideia de trabalhar com problemas, ou seja, usar a perspectiva interdisciplinar trabalhando com problemas, que era o que a gente, de certo modo, já fazia.

Eronídes Bíscola: E um parêntese interessante aí é o seguinte: por que nós que acabamos participando? E por que nós conseguíamos nos infiltrar e participar nisso aí? Eu estava pensando esses dias e lembro-me de que tínhamos o pessoal das Secretarias (formada em Matemática) fazendo os nossos cursos aqui de reciclagem (dentro da universidade) e esse

¹⁰⁷ Programa governamental que objetiva a melhoria do Ensino Médio nas disciplinas de Matemática, Química, Física e Biologia.

pessoal é que acabou divulgando, provavelmente, o Departamento de Matemática lá dentro, a ponto de ele ser convidado a participar e que, para nós, foi muito interessante.

[...]

Luiz Carlos: Talvez a grande dificuldade seja isolar a SBEM das outras coisas, porque o grupo era pequeno, só nós mesmos e, também, tinha o pessoal que estavam naquelas parceladas, então as mesmas pessoas que faziam o curso estavam na SBEM, nos encontros regionais, alguns vieram do Mestrado que também faziam parte da sociedade. [...] Então não tinha um projeto exclusivo da SBEM, havia um entrelaçamento com várias coisas e estou me lembrando dos cursos das parceladas, por exemplo, em que nós fomos a várias cidades para dar capacitação para os professores do interior da Secretaria de Educação. Isso não era da SBEM, mas quando chega lá...

José Luiz: Mas na teoria, a gente no fundo era membro da SBEM também.

Luiz Carlos: Eu lembro de que eu e o Zé fomos em mais de quinze cidades, para dar cursos para a Secretaria de Educação e não era um projeto exclusivo da Sociedade, mas estava lá o pessoal da SBEM, então os projetos se entrelaçavam, mas assim, acho que não se pode analisar isoladamente a SBEM. Eu me lembro de um professor de Ponta Porã que não tinha diploma de professor de Matemática, mas ministrava aulas há quase trinta anos e se habilitou no final da carreira (ele fazia parte de todas as reuniões lá, mas eu não me lembro mais do nome dele). Ou seja, esses projetos que eram desenvolvidos na época como o curso das parceladas, a capacitação financiada pela Secretaria de Educação para atender, o Mestrado, entre outros, tinham a colaboração de pessoas da SBEM, mas não era uma ação exclusiva dela, até porque ela não tinha porte para isso. Então nós formamos uma rede composta por poucas pessoas e nos entrelaçávamos de modo a participar de todos esses projetos.

[...]

Luiz Carlos: Aplicamos cursos tanto para a prefeitura de Campo Grande e para o estado, para o Mestrado, para a licenciatura (com esses projetos), no Curso Normal¹⁰⁸ e a SBEM. Então no fundo era uma série de projetos entrelaçados que não era assim: esse projeto é da SBEM e esse

¹⁰⁸ São instituições que formavam professores das séries iniciais.

não é, mas tinha gente da SBEM unido. Eu acho que é uma maneira de olhar e não falar que é uma coisa isolada.

José Luiz: É! Ela vai somar com ações que já tem, por exemplo, esse PNAIC é um projeto do MEC e é o pessoal que atua na Educação Matemática que está envolvido, não pode dizer que é a Sociedade em si que foi lá, mas eles são da Sociedade e tem o interesse. Mas você vê que isso tudo aqui é gente da SBEM.

Luiz Carlos: Mas nesse olhar vale tudo, nas Diretrizes Nacionais, por exemplo. É isso que eu estou falando, não era um projeto da SBEM, mas tinha gente da SBEM (do grupo) envolvido em um projeto nacional.

José Luiz: Ela não estava oficialmente, mas estava. [...] Não é que o MEC vai à SBEM e pede para indicar tais pessoas, essas pessoas que vão lá participar estão nesse grupo.

Luiz Carlos: [...] Até que ponto a gente tem interesse em dizer que não é da SBEM? Não é um projeto formal da SBEM, mas as ideias estão por trás fomentando e aqui nós funcionamos assim. Não sei se você chegou a mencionar, Zé, o primeiro curso de especialização em Educação Matemática que houve no Departamento e se você foi professor desse curso, antes do Mestrado...

José Luiz: Que a Marilena também participou.

Eronides Bíscola: Eu estive neste curso. A Denize (de Ponta Porã) fez esse curso, o Adaim¹⁰⁹, o Sales...

Luiz Carlos: O Felice também e aquela menina que se doutorou na PUC depois, acho que é Auriluci¹¹⁰ (que virou militar).

José Luiz: E depois ela fez doutorado na PUC-SP, trabalhando com Ensino de Álgebra.

Luiz Carlos: Agora não vou dizer que é um projeto da SBEM, que há uma barreira entre o que é e o que não é. Então, não é um projeto criado pela SBEM, mas as pessoas (em São Paulo, no Rio eu não sei como funcionava) que trabalhavam aqui eram poucas, porque é um estado pequeno e não tinha condição de separar. Então são vários projetos que citamos e que estão envolta da SBEM como: iniciação, a licenciatura, as parceladas, o treinamento da rede da

¹⁰⁹ Sem mais referências.

¹¹⁰ Auriluci de Carvalho Figueiredo.

SEMED, da SED¹¹¹, os eventos particulares, o Mestrado em Educação, o Doutorado em Educação...

[...]

Luiz Carlos: Doutorado e o Mestrado em Educação, a especialização em Educação Matemática no Departamento, chegou até aqui esse curso de Matemática no Mato Grosso do Sul e que depois retrocedeu, porque criaram tantos. Até que ponto você vai dizer que esses cursos não são da SBEM? Não é que ela criou esses cursos, não é isso que eu estou dizendo, mas que ela penetrou nesses cursos.

José Luiz: Na Semana da Matemática, por exemplo, a gente fala isso.

Luiz Carlos: Os minicursos de Matemática de Nova Andradina foi o Sales quem fundou e que antes estava o Felice e, como faziam parte da SBEM, eles levaram essa mensagem para sala de aula dos cursos de licenciatura também. Então, é mais importante ver as relações entre essas instituições do que projetos isolados da SBEM. Não sei, porque se olhar isoladamente tem pouca coisa ou quase nada, fora esses encontros regionais. Eu acho que havia essa relação das atividades com o Professor do Ensino Básico, através desses canais: capacitando-os para receber o diploma do curso de Matemática ou a licenciatura ou fazendo especialização e pegava também a revista da SBEM e trabalhava esses artigos! [...] É difícil avaliar, assim, a qualidade do resultado final, mas com certeza as mensagens que vinha pela SBEM das revistas, das publicações, acabavam permeando, não é, Zé?

José Luiz: É. No começo era só revista, depois começaram a aparecer outras publicações.

[Vocês percebem alguma relação entre a criação da SBEM e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos daqui do estado?]

José Luiz: Eu acho que foi justamente a criação do grupo de educadores que surgiu que permitiu a criação da SBEM, porque ela não teria nascido aqui se não tivesse esse grupo já formado, até porque o desafio da SBEM ainda é penetrar nas massas de professores. De Norte a Sul do Brasil, de modo geral, quem participa mesmo da diretoria são todos de uma elite de

¹¹¹ Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul.

pesquisadores e essa participação ativa dos professores ainda está por acontecer, quer dizer, é uma meta que se espera atingir na medida que criamos mais massa crítica, mas se não tivesse essa comunidade de pessoas interessadas em estudar essas questões, investigar, criar grupo de estudo (que tinha até tempo, interesse e condições) a SBEM não teria nascido, não! Esperar os professores se organizarem para criá-la? Aí não ia! Até porque, digamos, para participar em nível nacional dessas políticas, eles acabariam tendo dificuldades, não é? Quem que ia participar dessas discussões mais amplas?

Luiz Carlos: Eu até vejo isso com um pouco de clareza e acho que não pode ser muito modesto, pelo seguinte, ela foi fundada em 1987 e nós participamos desse movimento nacional. Voltamos do congresso em Maringá para Mato Grosso do Sul e, no segundo semestre, tentamos fundar as primeiras organizações da SBEM-MS.

José Luiz: Antes de sair para o Doutorado, você já queria deixar tudo pronto.

Luiz Carlos: Eu queria sair no ano seguinte para a França e sai um ano depois, em junho de 1988. No primeiro semestre, organizamos tudo e, nesse momento, eu fui para a França. Mas assim, não foi nenhuma glória minha, porque estava lá o Eron dando apoio para eles, o Zé no Departamento...

[...]

José Luiz: Eu fui para a França em 1989 e lembro-me de que a universidade estava em festa, comemorando setecentos anos de existência.

Luiz Carlos: Então, eu acho que a SBEM contribuiu para isso. Quando eu estava participando lá em Maringá da criação nacional, todo mundo já sabia que eu ia para França naquela época. Foi muito bom, porque marcou um período.

[...]

Luiz Carlos: [...] E aí, quer dizer, apesar de todas as dificuldades (que não dá para descrever aqui), fico pensando que, naquele momento, nasce uma nova época, não é, Zé? Uma nova época de pesquisa, de desenvolvimento e então eu acho que para a constituição de um grupo de pesquisa, de área de pesquisa, de desenvolvimento, a SBEM foi importante, sobretudo no momento de euforia da criação. Hoje eu tenho consciência de que a área não nasceu ali (ela foi batizada), mas nasceu muito antes. Então, eu não posso dizer que a SBEM nasceu em 1987, de jeito nenhum! Nasceu no cartório, mas você tem que levar em conta todos os movimentos que

houve na década de sessenta (mesmo na década de cinquenta e seis), os Congressos Brasileiros de Ensino de Matemática (que são quatro). Hoje a gente entende, com muita clareza, que é muita petulância você falar que a SBEM foi criada em oitenta e oito, não é isso! Isso é uma ilusão, é uma questão burocrática, porque, naquele momento, foi possível registrar, em cartório e convergiram as forças. Naquela época, eu não tinha essa visão que eu tenho hoje, pensava que estamos criando uma revolução no país e então quando nós criamos a SBEM no Mato Grosso do Sul, eu acho que nasce uma comunidade de pesquisadores formalizados, uma grife – Educação Matemática – com esse nome, com esse rótulo e aí nós somos educadores matemáticos que pesquisamos e projetamos nessa área, passa a surgir o Mestrado, a especialização nessa área, bate tanto nessa palavra e então nasce a área. Eu acho que não tinha muito apoio, mas era mais um apoio emocional. Não sei se eu falei bobagem, Eron.

Eronídes Bíscola: Não...

Luiz Carlos: Você tinha uma visão politizada e surge a possibilidade de você começar a fazer as coisas, porque você tinha um olhar mais panorâmico da universidade, nós estamos mais na Educação Matemática.

Eronídes Bíscola: Mas eu acho que a linha do Luiz está correta com o momento que nós vivemos. Muitas coisas estavam acontecendo que ajudaram (como ele colocou) a nível nacional, porque tinha muitas preocupações e, talvez, esse movimento não era só aqui e estivesse esparramado pelo Brasil inteiro e que culminou que nesse ano, de 1988, foi possível a criação.

José Luiz: Agora, podia ter passado por esse movimento e não ter ido ninguém daqui, não é?

Eronídes Bíscola: Será?

José Luiz: A porta abriu e o Luiz falou que ia.

Luiz Carlos: Olha, Zé e Eron, sabe de onde que saiu o dinheiro da minha bolsa da CAPES¹¹²? Saiu daquele PREMEN¹¹³ lá atrás que você, Eron, coordenou parte do projeto. Eu acabei vendo uns documentos aqui (que eu tenho até hoje) que a minha bolsa, lá de Brasília, quando foi concedida era com verbas desse Projeto Nacional de Melhoria do Ensino de Ciências Matemática do Brasil, então você vê em termos de políticas públicas (uma coisa que eu não

¹¹² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹¹³ Programa de Expansão e Melhoria do Ensino.

tinha visão) e outra coisa, quando eu voltei, tinha vinte doutores no Brasil com esse nome, na França tinha quatro: o Tadeu, o Méricles¹¹⁴ e a Ana Paula Jam que era a mais nova. Mas eu cheguei a contar quatro que eram da Educação Matemática.

José Luiz: Tinha o Raul¹¹⁵, mas ele era da história. E o Tarcísio Falcão Jorge?

Luiz: Ah sim! De Recife, ele é realmente um cara brilhante. Você o conhece? Ele é um cara que mais conhece (eu falo isso) psicologia da Educação Matemática no Brasil e tem uma cultura, assim, invejável. Ele é meu contemporâneo, ele fez em Paris e eu em Montpellier. Há uma grande diferença, porque de Paris à Montpellier tem 900 km ou 800 km e Montpellier fica ao lado (pertinho) dos espanhóis e dos italianos. Então, quer dizer, Montpellier é latino, não tem nada a ver com o Norte.

[...]

Luiz Carlos: Então, quer dizer, o dinheiro saiu do PREMEN (e não pela SBEM) e eu fui na euforia da criação da Sociedade e envolvido no clima do nascimento de uma área no estado.

[...]

José Luiz: Só um parêntese, o Eron falou que saiu faz tempo da SBEM e o Luiz também, mas eu continuo na SBEM, mas não tenho mais a mínima pretensão de ocupar qualquer cargo, qualquer coisa. Participo mais porque era sócio e gosto, acho que deve ter uma sociedade defendendo, converso, por exemplo, se precisar dar orientação, documentos, essas coisas. Acho que a SBEM, por enquanto, é uma maneira da gente estar organizado.

Luiz Carlos: Não tenho nada contra a SBEM.

[risos]

Eronídes Bíscola: Mas é importante. Eu queria saber mais ou menos como está a luta, porque isso acontece naturalmente com todo mundo e chega um momento que a gente acha que já contribuiu e que é o momento de parar e outros devem dar continuidade.

José Luiz: Olha, converso sempre com o Viola e tento, na medida do possível, ajudar em tudo que puder. Sinto ele gostaria de ver a SBEM popular, a SBEM atuando em projetos junto com as Secretarias de Educação e atuando em projetos de formação continuada para professores, ou seja, envolver os alunos e ex-alunos de Educação Matemática, enfim, mostrar a nossa cara por

¹¹⁴ Méricles Thadeu Moretti. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹¹⁵ Sem mais referências.

aí. Não só nas pesquisas, mas nas ações práticas e que, de certa forma, tem feito algumas coisas como as jornadas, por exemplo. É uma maneira de unir teoria e prática, não adianta a gente ficar só produzindo remédios e não dar para os doentes, acho que é um desafio grande, porque no Brasil, digamos, 99% das SBEMs não conseguem fazer essas coisas e acredito que é um passo largo a ser dado para alcançar a popularização.

Luiz Carlos: Acho que cada um contribuiu com a sua competência: o Eron, com sua competência matemática, com aquela coisa política, de saber falar e orientar; o Zé, com essa calma, acho que contribuiu demais; e eu também contribui da minha maneira e cada um com suas competências, não é Eron, que bom que somos diferentes!

[...]

Entrevista com: José Luiz Magalhães de Freitas

Luiz Carlos Pais

Eronídes de Jesus Bíscola

Local: Residência do Prof. Luiz Carlos Pais, Campo Grande - MS.

Data das entrevistas: 07/04/2015

11/04/2015

5.2 A Ângela da SBEM-MS e a SBEM-MS da Ângela

Figura 10 - Ângela Cecília Quarentei Gardiman



Fonte: Registro da pesquisa.

Meu nome é Ângela Cecília Quarentei Gardiman, nasci em 19 de maio de 1956 no estado de São Paulo. Formei-me na Universidade Católica-PUC¹¹⁶ de Campinas-SP e fui fazer o Mestrado em Matemática na UNICAMP¹¹⁷. Fiz todos os créditos do Mestrado e, nessa ocasião, já tive contato com esse movimento da Educação Matemática que estava começando, em 1979, justamente fazendo a disciplina “Seminários de Educação Matemática” com o Professor Ubiratan D’Ambrósio. Eu não fiz a dissertação de Mestrado em Matemática, porque

¹¹⁶ Pontifícia Universidade Católica.

¹¹⁷ Universidade Estadual de Campinas.

casei e mudei para Dourados¹¹⁸. Fiquei lá por dois anos e retornei, fui morar em Campinas e lá fui fazer o Mestrado em Educação Matemática em Rio Claro, na UNESP¹¹⁹. A preocupação da gente que trabalha na área sempre era voltada para a questão do ensino da Matemática, então eu queria fazer o Mestrado dentro da área de Educação Matemática.

Foi lá que tive a oportunidade de conhecer os professores que estavam iniciando todo esse movimento a respeito de se ter uma organização na sociedade que pudesse discutir a Educação Matemática de uma maneira mais geral, de todo o país. Eu saí de Campinas e fui morar em Campo Grande, de forma que também não terminei a minha dissertação de Mestrado. Em Campo Grande, entrei no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e tive a oportunidade de terminar a dissertação. O meu orientador foi o Professor Dr. Luiz Carlos Pais¹²⁰.

O início da minha carreira docente foi quando estava fazendo a faculdade (aqui mesmo onde eu estou morando agora¹²¹, a minha família é daqui) e foi em uma escola particular de Desenho Técnico e depois, também, como professora do ensino público. Atualmente estou trabalhando como professora docente do CEUNSP¹²², que é um Centro Universitário. Quando eu terminei a faculdade, comecei a trabalhar nesse Centro (que tinha até outro nome) acho que é FAFITU (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio de Itu), que agora é CEUNSP (Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio) e mudou de dono. Trabalho, agora, dando aula de Matemática para os cursos de Engenharia.

Quando eu decidi participar da SBEM-MS, acho que estava trabalhando como técnica da Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul. Desde quando me formei tinha essa preocupação em trabalhar com a questão do ensino da Matemática mesmo. Além de dar aula também, em escola e faculdade particulares.

Com relação à minha experiência na SBEM-MS, tive a oportunidade de participar dos Encontros Nacionais de Educação Matemática. Em 1979, quando fazia o Mestrado na

¹¹⁸ Distante 226, 9 km da capital Campo Grande - MS.

¹¹⁹ Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

¹²⁰ Luiz Carlos Pais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹²¹ Itu-SP.

¹²² Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

UNICAMP e cursava a disciplina de Seminários de Educação Matemática tivemos gente de fora ministrando palestras, por exemplo, na V Conferência Interamericana de Educação Matemática – CIAEM. Assim, podemos perceber que já tinha gente se preocupando com a questão da Educação Matemática. Comecei a participar desses encontros e no que foi em Maringá que eles conseguiram formar a Sociedade, porque antes já vinham tendo esse interesse em discutir, trocar ideias e experiências, para a gente poder crescer nesse sentido. Então em Maringá, que foi em janeiro 1988, eu estava participando de um momento histórico (que a gente pode dizer) da criação, foi emocionante realmente na hora que a gente conseguiu: todo mundo que estava no auditório bateu palma. Então essa preocupação, de participar de um movimento para discutir o ensino da Matemática, levei para Campo Grande para o grupo que trabalhava na Secretaria de Educação do Estado. Nós, técnicas da SED, procurávamos arrumar, assim, um meio de criar também, no Mato Grosso do Sul, a Sociedade, porque cada estado levou o compromisso dessa reunião de Maringá de criar a SBEM nos estados. Quando tive contato com o Professor Renato¹²³, nós pudemos, então, trocar ideias para criar a SBEM-MS. Mas o que precisava? Tivemos orientação nesse encontro para poder criar essa sociedade e, também, tinha que criar um documento. Não podia ser assim: “Ah, então vamos criar!” Não! Então eu, a Professora Iara¹²⁴, a Professora Polônia¹²⁵ que também faziam parte da equipe da Secretaria de Educação, nós decidimos criar. Precisamos, no estado, dessa Sociedade para gente poder discutir.

Uma das funções que eu tinha na Secretaria de Educação era justamente trabalhar com as diretrizes que, naquela época, estavam borbulhando, como a gente ia trabalhar na Matemática, mudar o currículo. Então a gente tinha essa função e queríamos ter a nossa Sociedade Regional para poder ter essa oportunidade de fazer esses encontros. Com um encontro com o Professor Renato (que era da Universidade Federal de Corumbá¹²⁶), a gente conseguiu perceber que havia essa oportunidade, essa abertura de montar a SBEM. Estamos vendo aqui nessa primeira ata (ata nº 1), que foi uma Diretoria Provisória, mas deu para perceber

¹²³ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

¹²⁴ Iara Augusta da Silva. Professora aposentada da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul.

¹²⁵ Polônia Albino Maia.

¹²⁶ Distante 427,7 km da capital Campo Grande - MS.

que a gente tinha essa intenção, justamente, de montar uma equipe para oportunizar esses encontros de uma forma mais regulamentada, trazendo a Universidade Federal para apoiar e também a Secretaria de Educação e as outras faculdades. Estávamos nos juntando para, então, proporcionar esses encontros de Educação Matemática no Mato Grosso do Sul, apesar de que a gente sentiu bastante dificuldade, porque as cidades do Mato Grosso do Sul eram muito distantes, então muitas vezes os participantes até gostariam de vir, mas eles se sentiam um pouco restritos justamente por causa dessa questão de apoio. Então, com essa fusão (juntando a Secretaria de Educação mais a Universidade Federal e as outras), achamos que, talvez, pudéssemos reunir forças para criar a Sociedade no Mato Grosso do Sul e proporcionar alguns encontros. Assim, no começo vimos que até conseguimos alguns encontros, trouxemos gente boa e tudo. Depois deixamos para outros trabalharem também.

Na época como a gente estava com o ensino da Matemática muito complicado, porque era um ensino tecnicista, muito tradicional e a sociedade estava mudando muito, era importante que a gente conseguisse discutir toda essa atividade em termos de pesquisa na Educação Matemática e que essa discussão tivesse frente com as discussões que estavam sendo produzidas nas pesquisas na área da Educação Matemática. Como a gente vai ficar de fora? Sabemos que alguns estados demoraram a criar a SBEM Regional, alguns tiveram mais dificuldades, então a gente falou: “Não, a gente não pode deixar. Vamos acompanhar! Poxa! A gente tem que estar no mesmo nível de discussão, porque o ensino é o mesmo”. Então a relevância dessa sociedade (no país e em Mato Grosso do Sul) é justamente a gente está tendo essa socialização do conhecimento, dessas discussões que vinham sendo feitas, descobertas, do que era melhor. O grupo achou que era realmente necessário que pudesse fazer isso ao mesmo tempo em que os outros estados, por quê? Porque a gente sempre pensa no produto: nossos alunos, na aprendizagem deles. Como que eles vão aprender a Matemática se estamos naquele ensino tradicional que não desenvolve a capacidade dos alunos? Como é que vamos fazer isso de uma forma diferente? Então, essa abertura para gente era muito importante e foi bom porque encontramos outras pessoas que nos apoiaram para poder montar e fazer os encontros.

Nesse encontro que eu tive com o Renato (acho que em um desses seminários), a gente falava a mesma língua, então queríamos a mesma coisa e aí sentamos juntos e ele formou a primeira diretoria dessa Sociedade (mesmo que de uma forma provisória), mas a gente tentou,

para ver se formava direitinho essa Sociedade, para poder criar esse fórum de discussão dentro do Mato Grosso do Sul, criando oportunidade de trazer as várias instâncias que trabalham com a Educação Matemática que é a Secretaria de Educação, a Universidade (pública e privada) e as Escolas de Ensino Fundamental e Médio. Além de trazer também o professor que trabalha nas escolas, porque claro que quando a gente fala em Universidade, estamos falando também dos alunos que estão ali que vão ser os futuros professores e dos professores também que estão em salas de aula, porque tínhamos que mexer com a cabeça deles para que percebessem o que eles estavam fazendo já estava ultrapassado, já tinha muita coisa questionando aquilo, como a gente estava trabalhando em sala de aula e que não estava dando certo, porque os alunos estavam chegando lá na frente e não estava sabendo Matemática. A gente tinha que trabalhar e uma forma que encontramos foi essa de ter uma equipe da Secretaria de Educação unida com a universidade e mais, porque a Secretaria de Educação dava oportunidade da gente trabalhar com os professores, em que mandávamos correspondências pela Secretaria de Educação. Então, tínhamos alguns benefícios e parcerias que foram legais, na época.

A proposta de criação de uma sociedade de Educação Matemática chegou a Mato Grosso do Sul por causa da preocupação de pessoas que trabalham em vários setores e que tinham a mesma preocupação em formar esse grupo que pudesse levar para frente esse fórum de discussão. Mas eu participei bastante no começo e depois acabei me afastando um pouco desse trabalho.

Com relação aos membros que compunham a diretoria, a ideia era unir várias instituições com as quais queríamos conversar. Então, eu era do CESUP¹²⁷ e também da Secretaria de Educação, o Professor Celso¹²⁸, o Professor Renato e a Professora Polônia da UFMS, agora o José Felício não lembro bem dele. Desses, aqueles entre os quais tinha mais contato para trabalhar e fazer as ações, proporcionando e desenvolvendo encontros e coisas assim éramos eu, o Celso, a Polônia e o Renato (apesar do Renato estar lá em Corumbá). Um problema que enfrentávamos era para reunir esses componentes, era muito difícil, como o Renato, por exemplo, que estava em Corumbá.

¹²⁷ Centro de Ensino Superior “Professor Plínio Mendes dos Santos”.

¹²⁸ Celso Cardoso. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

É interessante nesses encontros que nós proporcionamos, encontrarmos vários professores que trabalhavam no estado e que queriam participar, então eles se empenhavam, como a Professora Oracilda¹²⁹. Então teve a participação de professores outros municípios também.

A principal atividade desenvolvida na minha gestão foi o III Encontro Estadual de Educação Matemática, em 1990, e o IV Encontro de Educação Matemática, em 1993, em que estava trabalhando no CESUP e então conseguimos concretizar esses encontros, teve um probleminha de nome, porque era “*III Encontro Estadual de Educação Matemática*”. O terceiro encontro eu participei junto com o Renato, porque foi pela Universidade Federal e foi naquele centro de saúde, apesar de que o Renato era da UFMS de Corumbá (o projeto e o recurso saíram de lá). Nesses encontros, fazíamos grupos de trabalho, tivemos alguns minicursos, a gente conseguiu reunir... agora eu não me lembro da quantidade de participantes do quarto encontro. Teria que buscar no CESUP mesmo, porque o certificado foi de lá e como eles me ajudaram na parte monetária para a realização do evento, então eles devem ter. Para realizar esses eventos, nós elaboramos um projeto que foi encaminhado para o Departamento de Extensão e foi aprovado, se você quiser mais informações sobre a quantidade de participantes, teria que procurar lá. Atrás do folder do evento, consta toda a programação desse encontro, assim como os professores palestrantes que estiveram presentes.

Outra preocupação nossa, na época, era a mudança das Diretrizes de Matemática de Mato Grosso do Sul. A Secretaria de Educação estava proporcionando encontros (vinha muita verba para o projeto de Elaboração das Diretrizes do Ensino Fundamental do estado de Mato Grosso do Sul) nos polos de Mato Grosso do Sul para fazer essa discussão com os professores, então casou com o que estávamos fazendo: discutir junto com os professores para eles colocarem quais eram as dificuldades que estavam sendo enfrentadas e nós também colocaríamos as nossas, para poder mudar um pouquinho.

Tivemos durante dois ou três anos vários encontros com os professores do estado, divididos em polos (diretorias de ensino). Os professores que participavam recebiam uma bolsa para custear as passagens e hospedagens desses encontros promovidos pela Secretaria e a

¹²⁹ Oracilda Alves Palma.

equipe técnica da SED era responsável em preparar os textos e encaminhar as discussões sobre como e o que trabalhar na disciplina de Matemática no Ensino Fundamental. O objetivo era elaborar o documento das Diretrizes de Mato Grosso do Sul de 1992, com ampla participação dos professores da rede. O projeto para elaboração dessas diretrizes foi proposto pelo governo do estado em 1988, desenvolvido entre os anos de 1989 a 1991 e finalizado com o documento em 1992. A equipe técnica da SED consultava os membros da SBEM Nacional, na medida que era o elo entre as discussões na sociedade e os professores da Rede Estadual de ensino. A equipe também participava dos Encontros Nacionais de Educação Matemática, que era custeado pelo estado.

Tinha muito que acreditava que do jeito que o ensino estava era bom e que não precisaria mudar. Aquele ensino linear em que, por exemplo, se você ensinasse a equação do primeiro grau, teria que falar antes disso e disso, ou seja, o aluno não iria aprender se não tivesse visto um conteúdo anterior. Então eles tinham uma ideia muito presa, muito arraiaada na questão do ensino tradicional, no ensino linear e a gente queria trazer outras discussões, fazer um ensino em forma de espiral e fazer um trabalho mais aplicado. Estava difícil. Então, esses encontros foram bons, porque a gente falava: “Vai ter encontro”. Eles ficavam sabendo do encontro nacional, então eu falava para discutirmos aqui também e trazer professores de fora. Eu lembro que nesse terceiro, trouxemos o Professor Sebastiani¹³⁰, a Professora Nilza¹³¹, a Professora Ana Kaleff¹³² (até ela ficou hospedada na minha casa, porque a gente não tinha tanta verba para pagar hotel para todo mundo). E agora nesse outro evento, nós também trouxemos professores interessantes, mas engraçado que eu não me lembro.

Tentamos, na época, elaborar o nosso Estatuto, não sei se continua o mesmo. Na época, pegamos o Estatuto da Nacional e tentamos modificar para a Regional, porque tínhamos que fazer conforme as orientações da Nacional. Houve também a preocupação com a legalização da SBEM-MS, mas para fazer a legalização precisava do Estatuto e de toda documentação.

¹³⁰ Eduardo Sebastiani Ferreira. Professor do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Universidade Estadual de Campinas.

¹³¹ Nilza Eigenheer Bertoni. Professora atuante na área de Educação Matemática.

¹³² Ana Maria Martensen Roland Kaleff. Professora do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal Fluminense.

Para conseguir divulgar as ações da SBEM-MS, usávamos mais as correspondências e no próprio encontro a gente reservava um momento que para falar da SBEM para os participantes (que eram os professores). Utilizávamos a correspondência da Secretaria de Educação e da própria Universidade Federal, para encaminhar a divulgação desses encontros, do que a gente estava fazendo. Mas assim, acho que ficou mesmo com a correspondência de correio. E naquela época também, nós não tínhamos a internet como hoje não! Que dá para divulgar e que todo mundo está sabendo.

Nos eventos, quando íamos montar os minicursos, procurávamos estrutura-los para o Professor do Ensino Básico (que naquela época, era Ensino do Primeiro Grau). Os participantes gostavam muito de cursos que trabalhavam a parte mais prática da Matemática. Então, se você pegasse algum minicurso para falar, eles não queriam! Colocávamos também algumas palestras que faziam algumas discussões e reflexões. Eu lembro que no terceiro encontro (em que veio o Sebastiani), foi falado das pesquisas em Educação Matemática sobre a etnomatemática. Então foi interessante, porque a etnomatemática volta muito para a questão indígena e no Mato Grosso do Sul tem muito essa questão. Então, essa relação das atividades da SBEM-MS com os professores do Ensino Básico, existia justamente quando a gente ia montar os minicursos, procurar as pessoas que pudessem trabalhar com um conteúdo de uma forma diferente, mesmo porque era a nossa função mexer com esses professores (pois estávamos na Secretaria de Educação e a equipe técnica da SED era totalmente engajada na SBEM-MS). Então falávamos:

- Para de ficar só em aula expositiva, vamos trabalhar com outra coisa! Eles participavam bastante nos minicursos, mas agora na sala de aula... Muitas vezes chegava à Secretaria de Educação e a gente falava: Nossa, os professores querem, querem, mas quando chegavam à sala de aula, eles mesmos falavam que não trabalhavam aquilo, que tinham um pouco de dificuldade, porque a escola complicava, punha alguns empecilhos. Outros professores não, trabalhavam com o que viam nos minicursos dos encontros. No final do minicurso, muitas vezes, o professor palestrante reservava um tempo para eles terem oportunidade de participar, pudessem falar de suas experiências. Alguns falavam, tinham experiências interessantes, isso há quase vinte e cinco anos.

O terceiro encontro foi projeto do Centro Universitário de Corumbá, teve o apoio estadual e municipal. Eu lembro que o Secretário Municipal era o Professor Heitor Homero

(depois eu trabalhei com ele lá na Católica) e ele ajudou com passagem e estadia para um palestrante, divulgação e autorização para professores da rede municipal de ensino para participarem do encontro. O quarto encontro foi lá no CESUP, então nós tivemos que fazer o projeto para o CESUP. E eu acho que foi a Professora Heloísa¹³³, que foi a coordenadora do projeto, não sei. Nós criamos no CESUP um núcleo, pois a gente tinha umas horas de atividades para fazer pesquisa e estava formando um grupo bom também lá. Foi quando a gente conheceu a Iraci¹³⁴. Então, com essas horas de pesquisa montamos o quarto encontro.

Geralmente a troca de diretoria ocorria em um encontro, porque os associados estavam lá e normalmente deixávamos um tempo para essa votação. Só que não tinha muitas chapas para ficarmos brigando, tinha que pedir, pelo amor de Deus, para trocar um pouco. Vamos mudar! Porque é um trabalho extra que temos que desenvolver e tem dificuldades externas e dificuldades internas. Então, nós elaboramos um questionário também, foi legal. No final do encontro, os participantes faziam suas anotações. Olha esse trecho da ata do dia 19/11/1993 que diz que *“uma análise estatística e os resultados divulgados para todos os sócios. [...] Aberta a palavra para os participantes colocarem sugestões para nova gestão. A Professora Ivonete colocou a necessidade de popularizar a SBEM, divulgando mais a sociedade, seus objetivos e potencial de ação. Sugeriu que fosse feito um cadastro de todos os professores do Ensino [...] que escolhessem um elemento de cada escola e que divulgasse suas atividades...”*. Nós tínhamos ideias interessantes para fazer essa divulgação, porque a nossa preocupação realmente era levar para os professores, para eles também colocarem o trabalho, as ideias, claro que alguns eram bem fechados.

Com relação à criação das diretorias regionais, na época, eu acreditava que era importante, porque o Brasil é muito grande e a gente só tinha correio e telefone. Hoje em dia está diferente, você tem uma divulgação por outros meios. Então naquela época eu achei que esse seria o caminho e não questionei se seria importante. Fui na maré! - Vamos, porque a gente precisa também ter pessoas que pensem nisso. E pessoas que além de pensar, procurem desenvolver encontros para a gente discutir isso. Eu não questionei se haveria essa necessidade

¹³³ Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹³⁴ Iraci Cazzolato Arnaldi. Professora atuante na Secretaria Municipal de Educação (Campo Grande - MS).

de criação de regionais. Agora é diferente, vem tudo pela internet: o livrinho, a revista. Hoje, eu não sei se haveria tanta necessidade, a não ser para desenvolver ações de encontros.

As pessoas que se reúnem na Sociedade, tem o objetivo de captar recursos da região para poder fazer esses encontros. Isso porque quando uma pessoa se associa, uma parcela dessa anuidade vai para a SBEM Nacional e eles pegam de vários estados e já a Regional recebe uma quantia muito pequena, tendo que captar recursos de outras instituições como uma Universidade Federal, uma prefeitura, uma Secretaria Estadual, uma Secretaria Municipal, para dar oportunidade para aquele professor do interior participar dos encontros. Eu acho (não tenho certeza, precisaria confirmar) que esses professores que vinham de outras cidades recebiam uma bolsa do estado. A gente buscava recurso para que esse professor daquelas cidadezinhas pequenas do interior do Mato Grosso do Sul (que estão até melhores agora, mas há vinte e cinco anos não) como Cassilândia¹³⁵ e Paranaíba¹³⁶ (que são até grandes, mas tem outras menores) viessem nessas discussões. Porque o objetivo da regional era isso: você ter um espaço geográfico que pudesse, com essas parcerias, trazer os professores para a discussão. Também quisemos, na época, juntar a Secretaria com a universidade, porque achávamos que a universidade estava de fora do que acontecia em sala de aula. Não sei como que está agora, porque eu não estou mais lá, mas na época a gente afirmava: Vamos falar a mesma língua, pois a Secretaria de Educação está precisando mexer no currículo e a Universidade Federal forma esses professores, nós temos que falar uma voz só.

As questões externas que afetavam o trabalho desenvolvido pela SBEM-MS, seria reunir os participantes da diretoria, pois muitas vezes eram de cidades diferentes, então eram poucas as reuniões. Questões internas... não sei. Você me perguntando sobre os recursos, eles que eram poucos, porque nós conseguíamos poucos sócios e dávamos uma parte para a Nacional, não me lembro direito, mas acredito que era 40% do valor arrecadado no mês, porque encaminhávamos todo o dinheiro arrecadado com as anuidades dos sócios para SBEM Nacional. Não tínhamos conta em banco, porque a Sociedade não era registrada na época que eu estava à frente das atividades da SBEM-MS.

¹³⁵ Distante 432,7 km da capital Campo Grande - MS.

¹³⁶ Distante 407 km da capital Campo Grande - MS.

Então, não tínhamos muito recurso e íamos, realmente, buscar dinheiro de outros lugares, mas dava para encaminhar a correspondência para os sócios através de malote da SED, porque naquela época não tinha internet, agora tem essa facilidade e não precisa gastar tanto dinheiro para ter essa comunicação. Era pouco mesmo! Quem trabalhava na tesouraria era a Polônia, seria interessante você falar com ela, para esclarecer. Acho que se aposentou pela Secretaria de Educação.

A Secretaria de Educação do estado estava fazendo esses encontros para discutirmos as novas diretrizes do Mato Grosso do Sul e mantermos contato. Nossa, tinha gente que era muito resistente! Nossa, resistente demais! Dificilmente a gente estava sozinha, sempre eram duas técnicas (eu e a Polônia). A Iara também participava, mas ficava com o Primeiro Grau, na época. Então queríamos trazer nomes reconhecidos nacionalmente na área da Educação Matemática para discutir, cientificamente, o ensino da Matemática para que os professores da rede conhecessem novas perspectivas e tendência do ensino da Matemática e refletissem sobre sua prática em sala de aula. Eu dizia: Vamos mudar gente! Chega de ficar nesse tradicionalismo! Vamos mudar! Agora não sei como está lá. Olha, ainda na ata do dia 19/11/1993, *“o Professor Waldemar Guimarães Barbosa perguntou se a SBEM MS não poderia interferir através de estudos e sugestões na estruturação de currículos de Matemática de Primeiro e Segundo Graus...”*, aí a *“Professora Ângela Cecília Q. Gardiman respondeu que oficialmente a SBEM não pode interferir, mas que a conscientização dos professores é um grande passo para iniciar uma revolução”*. Nossa, que palavra forte! Então, era preocupação essa inserção dos professores, depois eu não sei, porque eu fiquei como Segunda Tesoureira, então era só para uma eventual reunião e eu me desliguei mesmo. Não sei como ficou, depois eu não participei mais na diretoria, eu participava do encontro levando meus alunos e professores de Matemática (que estavam iniciando o trabalho de pesquisa que eles fizeram em História da Matemática) para eles apresentarem, mas depois continuei trabalhando na Secretaria de Educação como técnica. Nós, também, desenvolvemos a proposta curricular do Ensino Médio (eu sou uma das autoras da Matemática).

Eu, na verdade, desisti de participar na diretoria, porque nas reuniões (é claro que nas atas a gente não coloca, coloca uma coisa bem mais formal) a gente era muito criticada do que estava fazendo. Algumas pessoas que participavam das reuniões da SBEM-MS (que não eram

da diretoria) colocavam defeito em tudo o que a gente fazia. Tinham a ilusão de que as atividades propostas eram incipientes e não sabiam como as coisas eram complicadas como, por exemplo, os recursos, as correspondências, a documentação, etc. Aí nesse ato, falei: Então tá, se não está bom do jeito que a gente está fazendo, então que outras pessoas assumam. Até aonde eu acredito, até onde eu fui, produzi documento, tive contato e o objetivo que eu me propus a fazer eu fiz, porque eu entrei em contato com os sócios, fizemos o encontro, consegui verba para isso, fizemos discussões. Muitas vezes tinha discussões até... mas isso era bom! Porque dentro do conteúdo, dentro do conhecimento, isso é muito bom! O que não é saudável são discussões que não tem nada a ver com o conhecimento, que não levam a nada. Bom, acho que isso me aborreceu um pouquinho, aí eu saí e nem participei mais também. Mesmo eu estando como membro da diretoria, eu não fui solicitada em nenhum momento para participar, não porque eu não queria. Eu falei para trocar. Falei para Iraci ficar e participei na outra diretoria como membro do Conselho Editorial, mas a gente vai se afastando.

Com relação ao desenvolvimento da Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul, na época a gente tentou criar grupos que discutissem Educação Matemática. Na Secretaria de Educação, tinha os Núcleos de Educação. Então, tinha algumas cidades, por exemplo, Aquidauana¹³⁷ (que pegava várias cidades), lá tinha um núcleo, em Dourados tinha outro e várias outras cidades. Então a gente tentou fomentar essa questão deles estarem se reunindo e discutindo. Não sei dizer se isso foi para frente, não tenho notícias. Como eu participei do terceiro e do quarto encontros, então nesses dois a gente tentou fazer muito isso: buscar, pegar notícias da SBEM e mandar para os sócios. Como eu trabalhava na Secretaria de Educação, eu mandava para os Núcleos. Tinha vez em que havia muitas correspondências para serem enviadas e mandávamos para os municípios também (cerca de oitenta). Mas assim, como eu parei de trabalhar na SBEM-MS, não tenho condições de falar se isso continuou. Eu trabalhava e fazia o meu trabalho dentro de sala de aula, dentro da Secretaria de Educação (que eu ainda fiquei trabalhando acho que até 1996, trabalhei ainda mais uns três anos) e daí eu saí e fiquei só como professora da Universidade Católica¹³⁸. Se realmente teve, eu acho que talvez os professores das universidades que podem estar falando. Tentamos na nossa época, eu acho

¹³⁷ Distante 140,1 km da capital Campo Grande - MS.

¹³⁸ Universidade Católica Dom Bosco.

que todas as sementes que plantamos, sempre vamos colher alguma coisa, mesmo que seja uma flor só. Uma vez encontrei um professor e ele veio conversar comigo (era professora até). – Nossa, eu apliquei aquele material, tão bom! Eu fiquei na Secretaria de Educação, depois a gente não teve tanto contato com os outros professores.

Essa época foi muito forte (pelo menos para mim), porque eu fui aos municípios, tive contato com os professores, nós tentamos fazer as diretrizes... A verba não veio mais, então paramos com essas viagens. E aí fui para a faculdade e na Universidade Católica eu voltei mais para o campo da pesquisa em etnomatemática e então, eu não tive mais contato com os professores, fiquei trabalhando mais com a pesquisa na área da etnia e trabalhando com os alunos da Matemática (fazendo a monografia). Eles iam às escolas, faziam a prática deles e voltavam. Na Universidade Católica eu fiquei no laboratório de ensino (que eu criei o projeto e desenvolvi) o LABINTER, então a gente desenvolveu todo um projeto no Laboratório Interpedagógico das Licenciaturas e eu fiquei mais focada lá.

Percebo que há uma relação entre a criação da SBEM-MS e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos no estado de Mato Grosso do Sul, porque muitas vezes, mexemos com alguns professores que estão mais acomodados. Hoje eu não sei como que está a educação lá no estado, porque tem seis anos que eu vim para cá. Mas vendo os nomes de alguns professores mais antigos, percebemos que eles ainda estão na ativa e fico contente com isso. O Mestrado em Educação quando abriu a oportunidade para a área de Matemática, começou também a ajudar nessa questão. Por que quem veio? Quem que foi meu orientador? Foi o Luiz Carlos Pais e o José Luiz¹³⁹ foi um dos membros da banca. Terminei o meu Mestrado em 1994 e tinha um professor da área de Física que fez parte, o Geraldo Perez, da UNESP. Eu até tinha convidado o Dante¹⁴⁰, mas daí na época ele não podia, daí veio Geraldo Perez. Então, o Mestrado é uma parte da universidade que ajuda muito nessa renovação, em não deixar morrer. A discussão em cima do conhecimento, da mudança, de como trabalhar, então foi muito bom o Mestrado de Educação para Mato Grosso do Sul. Eu acredito!

¹³⁹ José Luiz Magalhães de Freitas. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹⁴⁰ Luiz Roberto Dante. Professor da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro.

Como eu participei desse início, a nossa preocupação estava muito ligada a isso: a fazer essa ponte da universidade juntamente com os professores que trabalhavam na área de formação de professores, com os professores que estavam atuando e com a Secretaria de Educação, porque muitas vezes a Secretaria de Educação era criticada ou critica a universidade, porque ela fica isolada, produzindo conhecimento e não aplicava com os professores. Muitos pensam que a Secretaria de Educação é uma forma burocrática e vem tudo lá de cima. Não é pensado, não busca, não vai chamar a universidade. Então nós, exatamente nesse momento (que era um momento especial em termos da Educação Matemática para o país), poderíamos juntos pensar, buscar ações, buscar dinheiro, parceria com cabeças da Secretaria de Educação, da universidade e dos professores. A gente tentou e acreditava nisso mesmo, de que essa articulação fosse ajudar na atuação dos professores em sala de aula e dos novos professores, por quê? Porque muitas vezes, o professor que está na universidade, ele não tem a total experiência do que acontece em sala de aula e eu falo isso de cátedra, por quê? Porque muitas vezes eu falava para os meus alunos de Matemática para fazerem algo, buscarem algo e quando chegavam da escola contavam o que tinha acontecido, o que o diretor tinha dito e eu não acreditava. Então, muitas vezes a gente não tem uma visão do real, principalmente o professor da universidade. A Secretaria também tem uma visão, muitas vezes, equivocada. Algo que tentamos implementar nessa oportunidade de formação, foi buscar essa comunhão entre as partes envolvidas na Educação Matemática e na formação de professor. Agora, se houve continuidade foi porque valeu.

As coisas na vida da gente vão mudando, são ciclos, a vida muda. Eu voltei para a minha cidade mais por causa da minha família, meus filhos cresceram e queriam vir para o estado de São Paulo, trabalhar aqui, e aí eu retornei. Tudo bem que eu voltei a dar aula na própria faculdade que eu iniciei quando recém-formada, mas é um centro, não é uma universidade. É totalmente diferente de uma universidade pública, porque não tem extensão, é como se fosse só uma universidade: você chega para dar aula e vai embora. Então, deparei-me com alunos com maior dificuldade na Matemática. Eles vêm de onde? Vem do ensino público. Quando a gente começou a discutir esse ensino público? Há trinta anos (vamos supor). E aí? Ainda tem problemas com ensino. Esse problema seria uma tese interessante: esse problema é oriundo de uma modificação de ensino? Ou a estrutura do estado? Bom, não sei! Por que mesmo com toda

essa mudança, toda essa preocupação que a SBEM tem, ainda temos dificuldades no ensino? Claro que temos que pensar que hoje em dia tem toda a informática que modificou o comportamento do nosso aluno.

Outro dado que eu também estou querendo colocar, por causa da minha mudança (a vida muda) é que eu só trabalhava à noite, então resolvi prestar um concurso para o estado, passei e assumi. Tive a oportunidade de escolher uma das melhores escolas aqui de Itu, em um bairro bom e com uma excelente diretora, superexigente. Contudo, o problema é que por mais que a escola seja boa, tenha uma boa direção, os alunos têm muitas dificuldades, tenho alunos do nono ano que não sabem a tabuada. Eu estou trabalhando como professora do Ensino Fundamental, então estou voltando, tive que fazer um pouco de terapia para voltar às raízes do Ensino Fundamental II! Depois de ter trabalhado, de ter feito tudo isso, eu voltei a trabalhar no estado. Muitas vezes eu saio de lá e fico me perguntando: - Tudo que eu fiz, tudo que eu acreditava que poderia mudar, depois de vinte e cinco anos, eu estou vendo gente no nono ano que não sabe quando eu pergunto: 5×4 ? Eu fico pensando, tem uns que eu preciso escrever, fazer a tabuada. Nono ano! Isso aí acontecer no quinto ano ou no sexto ano, tudo bem. Mas não! Não sei como que está em Mato Grosso do Sul, mas aqui... O que originou esse problema? Matemática. Agora os alunos têm que fazer SARESP¹⁴¹ (acho que é só do estado de São Paulo) e tem a Prova Brasil que todos fazem, para avaliar o quanto que eles estão aprendendo. Eu fico pensando e acho que sou fora de órbita, porque eu acho que meus alunos têm que aprender e não dá para você trabalhar diferente. Tudo aquilo que eu acreditava quando eu era recém-formada, fazendo o Mestrado, é difícil aplicar na estrutura do estado. É complicado. Comecei esse ano (2014) e nem estou falando do salário, porque não compensa, é mais por idealismo mesmo. Agora o ano que vem eu quero tentar colocar algumas ações diferentes, um trabalho diferente. Aquilo que eu acreditava antes, de achar que o conhecimento é uma forma do aluno estar construindo, participando de atividades, mas eles... É complicado, é difícil tirar o celular deles. Tem uma lei estadual proibindo, mas é difícil. Então chega ao final da carreira da gente e nos perguntamos: - Poxa vida! O tanto que eu acreditava na mudança! Eu fui para Campo Grande no finalzinho de 1986 e já comecei a trabalhar, então a gente fica meio perdida, não

¹⁴¹ Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

sabe para onde vai. Muito interessante, porque é um desafio. – Será que eu vou conseguir? A direção e a coordenação são pessoas muito boas, mas eles não querem que tirem alunos de sala de aula, então você tem que ficar com aluno sentado lá! É complicado, vamos ver se eu vou conseguir. Então, esse é o depoimento da minha experiência dessa volta à sala de aula. É um desafio muito grande, para mim, ao olhar tudo aquilo que eu acreditava, tudo aquilo que eu fiz... quem teve aula com o Ubiratan, quem teve aula com o Sebastiani, quem teve aula com os doutores, cabeças da Educação Matemática... Mas a gente tem que acreditar em alguma coisa e fazer! Fazer diferença!

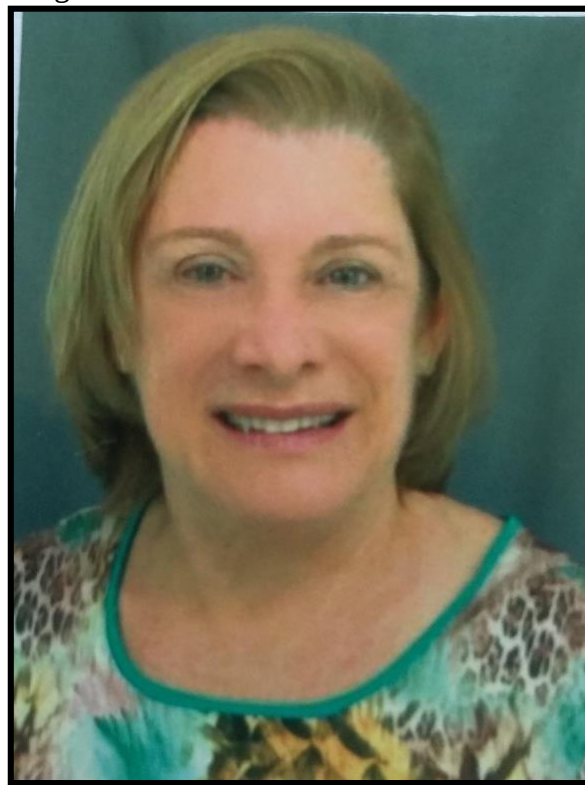
Entrevista com: Ângela Cecília Quarentei Gardiman

Local: Residência da depoente, Itu – SP.

Data da entrevista: 13 de dezembro de 2014.

5.3 O ensino da Matemática e a instauração de uma sociedade participativa na Educação Matemática

Figura 11 - Iraci Cazzolato Arnaldi



Fonte: Acervo pessoal da Professora Iraci Cazzolato Arnaldi.

Meu nome é Iraci Cazzolato Arnaldi. Nasci no dia 5 de julho de 1951, no município de João Ramalho, no interior do estado de São Paulo.

Minha formação básica é bastante diversificada. Comecei, com sete anos, numa escola multisseriada¹⁴², pois morava onde havia nascido, num sítio do município de João Ramalho, morei no mesmo lugar até os onze anos. Quando terminei o terceiro ano, meu pai resolveu mudar para cidade de João Ramalho para que eu pudesse cursar o quarto ano primário. Na época, era importante e até necessário, pelo menos cursar até o quarto ano. Então, mudamos para João Ramalho, cursei o quarto ano, numa escola Estadual. No ano seguinte novamente

¹⁴² São escolas em que um mesmo docente ministra aulas para alunos de diferentes séries e idades em uma mesma sala e momento.

mudamos, para Quatá, também no estado de São Paulo, uma cidade vizinha de João Ramalho, porém um pouco maior. Iniciei a 5ª série ginasial numa Escola Estadual em Quatá, não consegui aprovação numa disciplina, Língua Inglesa, e fui reprovada. A Escola Estadual, naquela época era muito difícil e minha formação foi diferente das crianças da cidade, pois estudei a maior parte dos anos iniciais no sítio, numa sala com alunos do 1º ao 4º ano, todos juntos. Senti muita dificuldade, principalmente com a Língua Inglesa, foi um pouco traumático. No ano seguinte, precisava ajudar meus pais no comércio durante o dia, a solução para continuar o curso ginasial foi o período noturno, no mesmo prédio da escola Estadual, porém nesse período funcionava uma Escola Técnica Municipal, que correspondia ao ensino ginasial. Completei o curso ginasial (hoje Ensino Fundamental) em 1968, em Quatá.

Meu pai sentiu necessidade novamente de se mudar para um centro mais desenvolvido, tanto para o comércio, como para a formação escolar e profissional dos filhos. Mudamos então, no final de 1968 para Santo André - SP, na grande São Paulo. Em Santo André, cursei o Segundo Grau (Ensino Médio de hoje), numa Escola Estadual no período noturno. Havia duas opções: o clássico e o científico. Como sempre me identificava e gostava mais da área de exatas, principalmente da Matemática, minha escolha foi o científico. Antes de prestar o vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática, assim que concluí o segundo grau científico, resolvi cursar mais um ano o Curso Normal¹⁴³, que formava na época professor das séries iniciais (normalista como era conhecido). Foi um curso muito importante, muito bom, em uma Escola Estadual, com excelentes professores que me ensinaram como dar aulas, devo muito a essa época e a esse curso que me formei Professora, antes de iniciar o curso de Licenciatura em Matemática na universidade. Os professores normalistas eram muito valorizados, tinham uma formatura muito pomposa, anel de formatura de professor. Fantástico! Isso foi em 1972 e no final deste mesmo ano, prestei e passei no vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática.

Naquela época, a única universidade pública da Grande São Paulo, era a USP¹⁴⁴. Eu não tinha condições de estudar nessa universidade, porque trabalhava durante o dia e estudava a noite. E “viajar” até a USP toda noite, de Santo André até São Paulo, eu não tinha condições.

¹⁴³ São instituições que formavam professores das séries iniciais.

¹⁴⁴ Universidade de São Paulo.

Então, cursei Licenciatura em Matemática na Universidade de São Caetano do Sul, uma universidade particular hoje, na época era Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. O curso de Licenciatura em Matemática que cursei, era como hoje: muitos teoremas, muita álgebra, muito cálculo, muita Matemática “Pura”, mas nada (apesar de ser um curso de licenciatura) voltado para a licenciatura, ou seja, para formar professor de Matemática. Não vejo muita diferença dos cursos de licenciaturas de hoje. Terminei o curso de Licenciatura em Matemática em 1975, nessa época já trabalhava como professora das séries iniciais (até a 4ª série) numa escola estadual Tenho até uma publicação no Diário Oficial do estado de São Paulo, onde fui nomeada professora substituta das séries iniciais. Isso foi possível depois que terminei o Curso Normal. Toda escola tinha uma professora das séries iniciais que ia todos os dias para a escola, e quando faltava uma das professoras, eu a substituí. Além disso, em 1975, antes de terminar o Curso de Matemática, eu já lecionava eventualmente nos anos finais do Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª série, e Ensino Médio, como substituta. Nessa época eu também trabalhava na indústria de amortecedores, COFAP¹⁴⁵, na área de processamento de dados.

Casei-me, tive meu primeiro filho e passei a trabalhar somente como professora de Matemática, portanto de 1976 até 1989, atuei nos Ensinos Fundamental e Médio do estado São Paulo. Nesse período, também fui aprovada, no concurso público para professor do Estado de São Paulo, participava sempre que possível, de cursos de formação continuada oferecidos pelo Estado, o que foi de muita valia para minha caminhada e cursei também outro curso universitário, Pedagogia. Com isso, de 1985 a 1989, meu trabalho foi na Delegacia de Ensino¹⁴⁶ de Santo André. Trabalhava com a formação continuada de professores de Matemática das séries inicial, final e ensino médio. É claro que, quando saí da universidade, tinha muitas dúvidas, como todo graduado que vai para a sala de aula pela primeira vez, mas isso me angustiava muito e aí “corri atrás”. Uma das pessoas responsáveis por ter aprendido muito foi o Professor Imenes¹⁴⁷, principalmente na área de Geometria. Acabei aprendendo Geometria

¹⁴⁵ Fábrica de amortecedores COFAP.

¹⁴⁶ Por causa do elevado número de alunos da rede estadual, foi necessária a criação de subdivisões da Secretaria de Ensino as chamadas Delegacias de Ensino. Cada uma dessas delegacias atua, hoje com o nome de diretoria, em sua região e coordena praticamente toda a escola (professores, alunos, a parte burocrática e administrativa da escola, etc.), qualquer problema que não é resolvido pela secretaria da escola é direcionado para essa instância.

¹⁴⁷ Luiz Márcio Imenes.

com ele, porque tínhamos, no início da década de 1980 durante o governo de Franco Montoro¹⁴⁸, sistematicamente cursos de formação para professores em todas as áreas.

Particpei também de reuniões e de cursos na CENP¹⁴⁹ para repassar aos professores. Isso me ajudou muito em sala de aula e também para trabalhar com professores. Foi a partir daí que tomei gosto em trabalhar com os professores. Em 1989, trabalhava na Delegacia de Ensino e também como professora em duas escolas particulares: Escolas Degrau e Antares, que eram escolas de elite de Santo André. Em uma delas lecionava Desenho Geométrico, era uma disciplina fantástica em que aprendia junto com os alunos, foi muito gostoso. Havia professores muito bons e você percebe que tem que estudar e aperfeiçoar-se cada vez mais. Aprendi muito com colegas de outras áreas e foi uma época de muito aprendizado também.

Em 1989 aconteceu uma tragédia com minha família, perdi meu marido de uma forma trágica, tínhamos três filhos. Fiquei com medo de continuar morando em Santo André. Meu tio, Firmino Cazzolato, que morava aqui em Campo Grande, me fez o convite para morar em Campo Grande. Na época, era um lugar novo, com menor índice de violência, que talvez eu me adaptasse e que seria um bom lugar para criar meus filhos. Aceitei a proposta e mudei para Campo Grande em julho de 1990. Esse meu tio Firmino (professor e grande educador) me deu muita força e foi para mim uma pessoa muito importante. E quando decidi que viria para cá, meus pais também vieram e assim começamos uma vida nova. Deixei tudo em Santo André, deixei as escolas particulares e pedi exoneração do cargo de professora do Estado de São Paulo, depois de 2 anos afastada, na certeza de que não mais voltaria, meu lugar passou a ser Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Assim começou minha trajetória em Campo Grande, MS, em janeiro de 1990. Prestei concurso público para ministrar aulas no Ensino Médio em Campo Grande e passei. No dia 5 de julho de 1990, assumi o concurso na Escola Joaquim Murtinho. Trabalhar no Joaquim Murtinho foi uma experiência fantástica! Fiquei nessa escola de 1990 a 1996, no começo de 1997 me afastei para fazer o Mestrado na Universidade Federal¹⁵⁰.

¹⁴⁸ André Franco Montoro, governador do Estado de São Paulo, no período de 1983 a 1987.

¹⁴⁹ Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

¹⁵⁰ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Cheguei a Campo Grande com vontade de trabalhar e aprender, vida nova e um céu azul maravilhoso que me encantou. E como tinha três filhos para sustentar, não podia ter preguiça para trabalhar. Lecionava no Joaquim Murtinho à noite e no Colégio Dom Bosco no período matutino e no período vespertino, aulas particulares de Matemática em minha casa. A procura por aulas particulares de Matemática na época era muito grande e assim, trabalhava os três períodos com a Matemática.

No final de 1990, o Estado ofereceu um curso de pós-graduação, em nível de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática, que foi oferecido pela Universidade Federal com convênio do Estado com o Colégio Dom Bosco. Esse curso foi oferecido para professores do Estado de Mato Grosso do Sul, com limite de vagas, rapidamente fiz inscrição e iniciamos o curso. Foi aí que conheci o Professor Luiz Carlos Pais¹⁵¹, a Professora Marilena¹⁵², o Professor Gilberto Alves¹⁵³, a Professora Shirley¹⁵⁴ (da Física), a Professora Umbelina¹⁵⁵ (de Física). Todos eles, que na época lecionavam na Universidade Federal, participaram como professores nesse curso de Especialização. Como sempre tive mais afinidade com a área da Geometria, apesar de não ter tido boa formação inicial e nem na universidade nessa área, meu interesse e minha dedicação sempre foi maior, com estudos e cursos de formação continuada. A escolha do tema de pesquisa de meu grupo, nesse curso, foi da área de Geometria. Descobrimos e aprendemos muitas coisas, durante o curso, com a pesquisa que foi bem orientada pelo Professor Luiz Carlos Pais e com um grupo de professoras de Matemática extremamente comprometido. Foi uma pesquisa grande, porque envolveu uma professora de Ribas do Rio Pardo¹⁵⁶ (com a pesquisa em sua escola de atuação); eu, (com a pesquisa no Colégio Dom Bosco), a Professora Maria José¹⁵⁷ (com a pesquisa numa Escola Estadual de Campo Grande) e ainda fazia parte do grupo uma professora de Corumbá¹⁵⁸, enfim

¹⁵¹ Luiz Carlos Pais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹⁵² Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹⁵³ Gilberto Luiz Alves. Professor da Universidade Anhanguera-UNIDERP.

¹⁵⁴ Shirley Takeco Gobara. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹⁵⁵ Umbelina Giacometti Piubéli. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹⁵⁶ Distante 97,4 km da capital Campo Grande - MS.

¹⁵⁷ Maria José Santana Vieira Gonçalves. Professora do Colégio Militar de Campo Grande.

¹⁵⁸ Distante 427,7 km da capital Campo Grande - MS.

éramos um grupo com cinco ou seis professoras de Matemática de várias cidades do estado de Mato Grosso do Sul. Foi interessante observar que em todas as escolas que nós pesquisamos eram de comunidades diferentes, de locais diferentes, mas as dificuldades eram as mesmas. Então, por exemplo, eles confundiam cubo com tubo. Eu pedia para eles desenharem um cubo e eles desenhavam um tubo, o formato era cilíndrico. Você vê que em lugares totalmente diferentes, escolas particulares e escolas públicas, não havia diferença. Isso só para dar um exemplo de como estava a Geometria naquela época, naquelas escolas.

Depois do término desse curso, no ano de 1992, a UCDB¹⁵⁹ me convidou para dar aulas no curso de Licenciatura em Matemática. Fui convidada também para lecionar no curso de Licenciatura em Matemática, do CESUP, hoje UNIDERP¹⁶⁰, que iniciou em setembro de 1992. Então, eu trabalhava nessa época, no Colégio Dom Bosco, no Joaquim Murtinho, na UCDB e no CESUP. Era uma disciplina em cada curso, logo era possível. Gostei muito de trabalhar na universidade, então tive que optar: ou ficaria na UCDB ou no CESUP (que estava com um plano de tornar aquele Centro de Ensino em universidade). Como CESUP oferecia mais condições, decidi ficar nessa instituição. Na realidade, eu participei do processo de transformação do CESUP para universidade, do crescimento da instituição UNIDERP e isso foi muito bom! Nosso curso foi fantástico! Tive experiências ótimas, com os colegas professores, com os alunos e com o crescimento da instituição. Coordenei esse curso de Matemática durante dez anos na UNIDERP e um curso com sucesso, porque na época que existia o Provão¹⁶¹ (de 1996 até 1999) - que era um exame que avaliava o curso, gerando uma nota - o curso de Licenciatura em Matemática da UNIDERP foi o único do Brasil (das universidades particulares) que teve três “A” consecutivos. No primeiro ano, nós fomos avaliados com a nota “C” e depois três notas “A” consecutivos. Foi um curso muito bom, um período em que a UNIDERP deu um salto muito grande, lembro-me que o Professor José Luiz¹⁶² também coordenava o curso de Matemática da Universidade Federal, eu na UNIDERP.

¹⁵⁹ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

¹⁶⁰ Universidade Anhanguera-UNIDERP: Universidade para O Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

¹⁶¹ O Exame Nacional de Cursos (ENC-Provão) foi uma avaliação aplicada nos formandos, tendo como objetivo avaliar os cursos do Ensino Superior, com relação aos processos de ensino e aprendizagem nos alunos.

¹⁶² José Luiz Magalhães de Freitas. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Nosso trabalho era, praticamente, o mesmo e havia uma competição para ver qual curso seria melhor avaliado.

É claro que, se o CESUP queria se transformar numa universidade, tinha que ter profissionais capacitados. Naquela época era muito difícil fazer Mestrado por aqui, porque existiam poucas opções. Porém, as faculdades para seu crescimento, exigiam dos professores que fizessem o Mestrado ou o Doutorado. Fui então procurar as opções na área de Educação, para fazer curso de Pós-Graduação – Mestrado, na UCDB e na Universidade Federal, participei das duas seleções e optei pela UFMS. A seleção seria no final de 1993, fiz então a inscrição no Mestrado de Educação na Universidade Federal, encontrei o Professor Luiz Carlos que, tendo me orientado na Especialização, solicitei que me orientasse no Mestrado de Educação, na linha de Matemática (que era a linha exigida para os professores de Matemática). Ele falou que não poderia me orientar, pois já havia se comprometido com outros professores, mas que iria me apresentar a uma pessoa que recém havia terminado o Doutorado na França, que poderia me auxiliar e eu concordei. Foi no final de julho de 1993 ou no começo de agosto, que eu conheci o Professor José Luiz. Como ele estava sem orientando, aceitou me orientar, conversamos, fiz o projeto com algumas observações dele e participei da seleção e fui aprovada. No ano de 1994, iniciei o curso de Mestrado na área da Educação da UFMS, mas na linha da Educação Matemática, e com muito orgulho fui a primeira orientanda do Professor José Luiz. Nesse período, eu pedi afastamento do Estado, porque não tinha como conciliar tudo e fiquei só trabalhando no CESUP e cursando o Mestrado.

Minha dedicação à formação de professores começou há muito tempo e aqui em Campo Grande, logo que cheguei. A partir de 1990, e após o Mestrado comecei a ser convidada para fazer cursos de formação continuada para os professores das séries iniciais e finais do ensino fundamental. Realizei cursos de capacitação de Matemática para professores em diversas cidades do Estado, para escolas municipais e estaduais. A década de 1990 foi uma década de muito trabalho e estudos, muito gratificante e de muito crescimento. Foi nessa década que comecei a participar de congressos, encontros e cursos da área de Educação Matemática. Exonerei de meu primeiro concurso do Estado e outro que prestei em 2000, porque não tive mais condições de trabalhar no Estado, meu trabalho foi concentrado apenas na UNIDERP de 1992 a 2009. Foram 17 anos de dedicação ao ensino da Matemática e formação de professores.

No período, de 2003 a 2004 (num total de nove meses), fui com o Professor José Luiz para a França: ele fez o Pós-Doutorado e eu fiz um estágio. Foi mais um período muito bom de aprendizado. Claro que, nesse tempo todo, eu terminei o Mestrado, houve o casamento, a família aumentou, por uma década cuidamos de seis filhos (três meus e três dele) e de muito trabalho, mas foi muito bom e de muito crescimento profissional. Depois que voltei da França, continuei trabalhando na UNIDERP até eles venderem para a Anhanguera. Continuei ainda dois anos, mas não tinha mais condições de ficar, porque tinha mudado toda a estrutura, já não era mais a universidade que nós tínhamos ajudado a construir, a maior preocupação era com o ensino/aprendizagem, com publicações, com pesquisas e tinha todo o apoio dos reitores e, de repente, com a venda, tudo isso foi se modificando e acabando. Então, não tinha mais condições de ficar e em 2009 eles me dispensaram.

No final de 2009 prestei outro concurso público para professora de Matemática, agora na prefeitura de Campo Grande, passei e comecei a trabalhar em 2010. A Professora Cecília¹⁶³ quando soube que eu havia passado no concurso, me fez o convite para trabalhar na Secretaria de Educação do Município, para cuidar dos professores e eu aceitei. E é isso que eu faço até hoje: faço parte da equipe de Matemática que faz formação continuada, para os professores de Matemática, tanto do sexto ao nono quanto das séries iniciais, que é o que eu mais gosto de fazer. Adoro trabalhar com esses professores!

O CESUP, quando iniciou o processo para universidade, facilitava e financiava a participação dos professores em congressos e encontros. Foi nessa época que fui a Salvador no encontro da SBEM Regional. A SBEM daqui eu não conhecia, eu sabia que existia essa Sociedade Nacional, mas nunca tinha participado de nenhum encontro, mas quando eu fui a Salvador, no começo de 1993, financiado pelo CESUP, questioneei o porquê de Campo Grande não ter a nossa SBEM Regional ativa? Quando retornei de viagem, fui procurar essa sociedade e descobri que já existiam alguns professores que participavam desse movimento, na época, era Professora Ângela¹⁶⁴, Celso Cardoso¹⁶⁵, o Professor José Felice¹⁶⁶, a Professora Polônia¹⁶⁷, que

¹⁶³ Maria Cecília Amendola da Motta, Secretária de Estado de Educação.

¹⁶⁴ Ângela Cecília Quarente Gardiman. Professora no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

¹⁶⁵ Celso Cardoso. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹⁶⁶ José Felice. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

¹⁶⁷ Polônia Albino Maia.

trabalhavam no Estado, lembro-me também do Professor Antônio e do Professor Renato¹⁶⁸. Esses professores na época eram sócios da SBEM e tentavam efetivar a SBEM Regional, mas ainda não estava efetivada. Começamos a nos reunir, com a presença do Professor José Luiz e do Professor Luiz Carlos Pais, dois dos fundadores da SBEM Nacional. Decidimos ver como estava a SBEM de Mato Grosso do Sul e foi realizado um encontro, no final de 1993, para montar uma nova diretoria, mesmo porque a que estava à frente tinha o mandato vencido. Eu tomei posse do cargo de Secretária Geral da SBEM Regional de Mato Grosso do Sul e o Professor Pedro¹⁶⁹ e a Professora Teresinha¹⁷⁰, que eram os reitores do CESUP na época, me autorizaram fixar a sede da SBEM regional no CESUP. E foi aí que eu passei atuar como Secretária Geral e tomar conhecimento do que existia e o que precisaria fazer.

Os membros que compunham a chapa eram: primeiro secretário o Professor José Luiz, como segunda secretária a Professora Heloísa¹⁷¹, que era minha colega do CESUP, mas logo ela saiu para trabalhar na Universidade Federal, gostava muito de trabalhar com a gente, tanto é que ela continuou como segunda secretária. Participava também as professoras Maria da Graça¹⁷² e Ângela¹⁷³.

Eu queria abrir uma conta para ter dinheiro para fazer os encontros, movimentar, mas fiquei sabendo que a nossa Regional não tinha essa conta aberta, pois ela não era legalizada e existia informalmente, precisava fazer a documentação. Quando assumi a diretoria, não encontrei nenhum documento e uma das coisas mais importantes é o CNPJ¹⁷⁴, sem ele você não consegue registro de nada. Isto foi uma das coisas que considero mais importantes que nós realizamos: legalização da SBEM Regional de Mato Grosso do Sul. Não foi fácil conseguir esse CNPJ, porque tinha uma série de exigências. Existia o Estatuto da Nacional e o da Regional, sendo que o Estatuto da Regional tem que estar de acordo com as exigências do Estatuto da Nacional. Na época a Professora Salete¹⁷⁵, de Santa Catarina, era a Secretária Geral da SBEM

¹⁶⁸ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

¹⁶⁹ Pedro Chaves dos Santos Filho.

¹⁷⁰ Teresinha de Jesus dos Santos S.

¹⁷¹ Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹⁷² Maria das Graças Bruno Marietto. Professora da Universidade Federal do ABC.

¹⁷³ Pertencia à chapa anterior e trabalhava no CESUP, na época, mas ficou pouco tempo nesta instituição.

¹⁷⁴ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

¹⁷⁵ Maria Salete Biembengut.

nacional. Foi realizado em 1994 um encontro da SBEM em Santa Catarina, em Florianópolis onde participamos. Lembro-me das trocas de e-mails, telefonemas com a Professora Salete, para poder resolver essa situação e, nesse encontro de 1994, ela mostrou-me esse tramite burocrático necessário e foi assim que eu consegui legalizar.

Além dessa questão da legalização dos documentos, nós fizemos dois encontros regionais muito bons. Nós fizemos na UNIDERP, um encontro em que trouxemos os Professores Ávila¹⁷⁶, Ruy Madsen¹⁷⁷, Bigode¹⁷⁸. Procurávamos trazer estes professores que estavam participando do movimento da SBEM, para palestras nos nossos encontros e isso era para todos os professores do estado. Claro, com bastante dificuldade, mas acredito que nós tivemos bons encontros na ocasião, e que aumentou muito o número de participantes. Você vê que a composição da nossa chapa foi diferente das anteriores, tivemos mais pessoas, para adequar à SBEM nacional e poder conseguir legalizar. Acho que na época foi exigido (não tenho muita certeza), mas tivemos que fazer algo que fosse adequado ao Estatuto Nacional.

Em 1996 venceu o meu mandato e passei a diretoria. A partir daí eu participava, mas não tinha mais muito tempo. Como ia defender meu Mestrado em abril de 1997, no final de 1996 eu estava bastante ocupada: estudando, trabalhando e cuidando de filhos. Então, depois disso eu participei muito juntamente com o Professor José Luiz, mas nunca voltei à diretoria. Continuo participando de encontros regionais e Nacionais, apresentando trabalhos e minicursos, sempre que tenho condições.

Acredito que a maior relevância da SBEM no país, é que não existia nenhuma instituição que se preocupasse com a Educação Matemática. Isso tudo é muito novo. A partir de 1988 um grupo de professores, inclusive com a participação do Professor José Luiz e o Professor Luiz Carlos, da UFMS, foram fundadores dessa sociedade que começou a ver o ensino da Matemática de forma diferente, que tinha que ter algo a mais do que a formação simplesmente de um bacharel em Matemática, tinha que cuidar do ensino, da metodologia, porque ninguém tinha pensado nisso antes. Por exemplo, me formei na época da Matemática Moderna, na década de 1960, e era muito diferente, tinha associação de professores, mas não específico da

¹⁷⁶ Geraldo Ávila.

¹⁷⁷ Ruy Madsen Barbosa. Professor do Centro Universitário de Araraquara.

¹⁷⁸ Antônio José Lopes.

Matemática. Então, a SBEM veio para atender os anseios dos professores de Matemática. Acho isso fantástico, porque hoje quando acontecem os encontros nacionais você conversa com professores de Matemática do Brasil, e você vê que as condições são as mesmas, os problemas são os mesmos, as angústias são as mesmas e as alegrias também. Quando você vê que a SBEM está presente na Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, de Norte a Sul do Brasil, a existência de pessoas preocupadas com o ensino da Matemática em todo o Brasil, é muito bom! Depois vem às publicações, a revista (que sempre procura integrar), com a internet a revista eletrônica, ficou tudo mais fácil. Deste modo, a relevância dessa sociedade está no sentido de pensar mais no ensino da Matemática e cuidar dos professores que ensinam Matemática. Hoje eu sinto que eles precisam de muito cuidado, porque não está fácil trabalhar. Os professores das escolas municipais e estaduais estão desanimados e a SBEM pode abrir caminho para eles. Dar conforto, uma direção, mostrar que eles não estão sozinhos.

As propostas e atividades da minha gestão estavam sempre ligadas à realização de um encontro regional que é bastante trabalhoso, porque você tem toda uma estrutura a ser preparada. Nós contávamos sempre com a disponibilidade da universidade e dos graduandos de Matemática que ajudavam na época. Nós tínhamos o Laboratório de Educação Matemática que foi implementado na UNIDERP quando cheguei e isso foi muito bom, pois fizemos muitos cursos para professores nesse espaço. Fizemos alguns convênios com o estado e município para leva-los a participarem dos cursos oferecidos. Não é que o Laboratório de Matemática vai resolver todo o problema que existe, mas é uma forma de trabalhar com questões nas quais você utiliza diversas formas de abordagem, diversas maneiras de apresentar esse conteúdo para o aluno e proporcionar descobertas. E o Laboratório de Matemática seria um local destes que o aluno pode descobrir, pesquisar, mas para isso o professor tem que ser cuidado. Hoje, em algumas escolas municipais, existe um professor de Matemática no Laboratório em cada período. Não são todas as escolas que possuem essa sala, mas naquelas que possuem são montados o Laboratório de Ciências e o de Matemática, que vêm obtendo bons resultados, mas a passos lentos. Contudo, reconheço que os professores e os alunos estão aprendendo com isso.

A divulgação da SBEM-MS acontecia principalmente no período dos encontros regionais, em que nós procurávamos enviar e-mails, elaborávamos cartazes que o alcance era muito maior, pois nem todo mundo tinha acesso ao computador, também fazíamos folders. Foi

disso que nós utilizamos mais. Lembro-me que, quando estava perto de acontecer os encontros, nós delegávamos alguns membros da chapa para ir às escolas, no intervalo, levar os folhetos para divulgação. E depois com a internet foi modificando, mas no início tinha que ser assim. Havia a preocupação de que em todo encontro divulgássemos a SBEM, porque fora disso não tinha outro espaço para fazer. Na minha época, quando acontecia alguma palestra ou algum outro evento, nós colocávamos a SBEM, mesmo que fosse fora de sala de aula, estava lá a banquinha da SBEM divulgando com os folders.

Havia sim uma articulação entre as ações da SBEM-MS e o Professor do Ensino Básico. Inclusive entregávamos e sorteávamos as revistas produzidas. Então tinha sim uma preocupação para que esses professores entrassem na Sociedade para ficar, tomar conhecimento das coisas que iriam acontecer, no sentido de estimular esses professores a estudar.

Com relação às questões internas e externas que afetavam o trabalho da SBEM-MS, não considero que houve essa interferência. Nunca me preocupei com interesses políticos, não! Nós procurávamos fazer o melhor que nós podíamos e sempre tentei fazer o melhor que eu podia, as coisas que eventualmente atrapalhavam, tentávamos resolver como podíamos. Sobre isso, não tenho do que falar.

Os recursos disponibilizados pela Nacional, nós não podíamos receber, pois a SBEM do MS não era legalizada. A Nacional, que na época a Professora Salete secretariava, nos deu todo o apoio para que eu conseguisse legalizar a Regional. Tinha a elaboração de várias atas de reuniões, uma série de documentações: documentos meus, documentos dos demais membros. E não é fácil juntar esses documentos e organizar a parte burocrática. Então, a Salete foi uma das pessoas que atendeu muito bem, e não tenho do que reclamar da Nacional. Essa parte da tesouraria não me preocupava, nós não podíamos nem receber. Parece-me que o que recebia tinha que mandar uma porcentagem para a Nacional. O que nós procurávamos fazer é, com aquele montante que nós tínhamos, fazer o encontro, nós usávamos também para fazer folders, cartazes, comprar café, copos, para fazer palestras, às vezes algum prêmio, era pouco! Então, às vezes, as universidades por exemplo, a UNIDERP é que na época ofereceu passagens para professores palestrantes do primeiro encontro, assim como a UCDB e UFMS. Não tínhamos os valores das anuidades pois os sócios depositavam na conta da SBEM Nacional, que não tinha como repassar para a Regional. Então a Regional, na época, ficava com pouco ou quase nada

de recurso. Então, tínhamos a ajuda das universidades, a Federal trazia as pessoas e contávamos com o trabalho de todo professor que participava e com o dinheiro das inscrições nós comprávamos pequenas coisas. Não tínhamos nem conta no banco, nós só pudemos fazer conta depois que foi legalizada.

Na realidade, não só a Regional, mas a Nacional também, só com a renda das anuidades dos sócios, não acredito que eles consigam se organizar financeiramente. Então, buscamos parcerias com outras instituições para conseguirmos realizar os próximos eventos: parceria com a própria universidade que esta sediando (como o CESUP, a MACE, UFMS), com editoras (Ática, Atual, Saraiva), com a prefeitura, com agências de turismo, com a Secretaria de Educação de Campo Grande, com panificadoras (que forneciam o lanche para os eventos). Então, nós saíamos pedindo a colaboração de todos, como é até hoje! Se tivéssemos, por exemplo, verba federal ou estadual ou municipal para isso, seria diferente. Para ter uma ideia de como era na época, a Professora Nilza¹⁷⁹ veio para nosso encontro, e nem hotel nós tínhamos dinheiro para pagar. Ela ficou na casa de meus pais! Então nós fazíamos assim, como era possível fazer, e foi muito bom. As próprias editoras traziam alguns escritores de livro didático, que vinham para divulgar seus livros, custo algum para nós. Mas hoje é diferente. Nunca ganhei nada para fazer um curso, uma palestra em um encontro da SBEM. Então, essa parte financeira eu nunca me interessei. Eu não vejo e não tenho reclamação nenhuma da Nacional, porque tudo que precisei na época, eles atenderam.

Depois que, em 1988, foi fundada a SBEM Nacional em Maringá e o Professor Luiz Carlos e o Professor José Luiz trouxeram a ideia de sociedade para o estado, houve sempre ações que envolvessem ou, pelo menos, divulgassem a SBEM e ações da Educação Matemática para os professores. Aquele professor que tem essa formação em Educação Matemática, onde vai a leva com ele. Quando comecei a andar por esse Estado e por esse município de Campo Grande (nas escolas), as discussões, palestras e cursos, oferecidos nos encontros da SBEM, é que me impulsionou a fazer isso. Tanto é que aquele livro¹⁸⁰ do Ensino Fundamental, escrito

¹⁷⁹ Nilza Eingenheer Bertoni.

¹⁸⁰ FREITAS, J. L. M.; BITTAR, M. **Fundamentos e Metodologias de Matemática para os ciclos iniciais do Ensino Fundamental**. Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2004.

pelo Professor José Luiz e Professora Marilena¹⁸¹, nasceu de apostilas que eu elaborava junto com o Professor José Luiz, para os cursos que oferecia aos professores. Levava, então, as apostilas com problemas, com situações, envolvendo os eixos da Matemática, o material didático de manipulação que, em 1990 quando eu cheguei aqui, era praticamente novidade (era difícil encontrar professor que trabalhasse com isso). Então, a SBEM veio fortalecer isso. A SBEM veio dar apoio para os professores que atuam no ensino Fundamental e Médio, com o ensino de Matemática. Foi com o Professor Imenes, que também é um dos fundadores da SBEM nacional, que eu aprendi a trabalhar com material didático de manipulação. O ensino de Matemática começou então ser diferenciado também aqui em Campo Grande. Alguns episódios nos marcam como, por exemplo, um dia eu estava em frente do Tribunal Regional do Trabalho, chegou um rapaz bem apresentado, de terno e gravata e disse que tinha sido meu aluno no Colégio Dom Bosco, que hoje era advogado e agradeceu-me por tudo que fizera por ele quando fui sua professora. Ele relatou que, das coisas que mais lembra das aulas de Matemática, foi de uma aula em que levei os alunos, no pátio da escola, debaixo de uma árvore e distribui um monte de caixinhas para ensinar Geometria. São episódios que vão acontecendo onde você percebe que está valendo a pena ou valeu a pena algumas coisas que você fez, ensinando Matemática. Então, eu acredito que se todo professor, sempre procurar fazer o melhor possível, e nesse contexto todo, você vai melhorando, vai aprendendo e o mais gostoso é que você nunca perde o entusiasmo. Às vezes você fica cansado, mas não pode perder o entusiasmo e a vontade de continuar. Eu estou com sessenta e três anos, comecei em 1972 em uma escola estadual como professora normalista, estou com quarenta anos de magistério. São mais de quarenta anos de aprendizado.

Não tenho dúvidas sobre o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos do estado e a criação da SBEM-MS. A partir do momento em que chegou o Professor Luiz Carlos e o Professor José Luiz, que participaram desse início da SBEM e trouxeram para o estado, foram para a França para fazer o Doutorado na área de Educação Matemática, o resultado disso tudo são todos os professores que tem, hoje, pós-graduação nessa área. Então, foi fundamental a SBEM, com esses precursores que trouxeram esse movimento. Hoje, vemos muitos

¹⁸¹ Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

professores ainda começando, sem muito conhecimento, mas você vê gente muito boa trabalhando no município, no estado e que sabe o que está fazendo. Então, a SBEM é responsável pelo ensino da Matemática e deve continuar com isso. Claro que isso se modifica em cada período, com a mudança da política nacional, os interesses do sistema, mas ela tem que estar presente, não tem com ficar sem.

O que eu percebo é que as dificuldades de montar um encontro, uma reunião continua é a mesma coisa. Para você conseguir que os professores participem é muito difícil. Você fazer um seminário, na própria Universidade Federal, é muito difícil, pois poucos ou quase ninguém vai, então continua a mesma coisa. São sempre alguns, um pouco mais entusiasmados, que assumem. Acredito que vão deixando sempre uma sementinha, sempre tem alguém que vai continuar e isso é importante. Mas, as dificuldades dos professores não mudam muito não, durante os meus 43 anos de trabalho com o ensino de Matemática, percebi que a sociedade vai se modificando e junto os problemas das escolas, acredito que sempre teremos dificuldades, como em toda profissão. Acredito nos professores com boa vontade e que acredita na Educação.

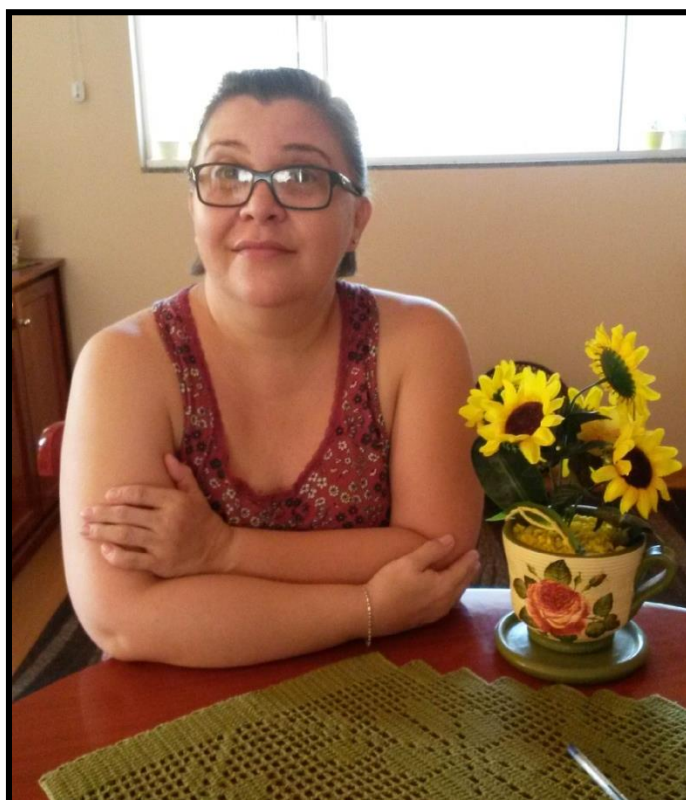
Entrevista com: Iraci Cazzolato Arnaldi.

Local: Residência da depoente, Campo Grande - MS.

Data da entrevista: 18 de outubro de 2014.

5.4 Uma perspectiva geral sobre a SBEM-MS

Figura 12- Ivonete Melo de Carvalho



Fonte: Registro da pesquisa.

Meu nome é Ivonete Melo de Carvalho, nascida aos 08 de abril de 1964, na cidade de Osasco, na Grande São Paulo.

Eu comecei a minha formação universitária na Pontifícia Universidade Católica, na cidade de São Paulo, foi lá que eu comecei a cursar as disciplinas do curso de Matemática, porém havia uma diferença com os demais cursos: nós tínhamos o primeiro e o segundo anos comuns para formação tanto do bacharel em Matemática quanto do licenciado em Matemática. Algumas dificuldades financeiras na família trouxeram-me para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde eu optei de uma vez pela Licenciatura Plena em Matemática, formando-me em 1988. Eu já tinha plena convicção que eu gostaria de ser professora de

Matemática, aliás, toda minha formação escolar foi visando à sala de aula. Eu nasci, cresci, passei pela minha vida escolar todinha querendo, profissionalmente, ser professora e a plena convicção da escolha pela Matemática aconteceu ao longo do segundo ano do Ensino Médio, quando me encantei, especialmente, pela trigonometria.

Os nossos períodos de formação (o meu e o seu, Nathalia) aconteceram em momentos históricos bastante diferentes. A pós-graduação, na minha época, era um refinamento profissional, não era uma exigência de mercado como é hoje. Hoje, não ter pós-graduação, significa ter muitas portas no mercado de trabalho fechadas. Na minha época, ter pós-graduação era um refinamento que poucos alcançavam. Por um desafio, na época, de uma técnica da Secretaria do Estado de Educação em uma discussão dentro da escola (uma boa discussão dentro da escola e não uma briga), fiquei incomodada com os comentários que nós fazíamos no, já extinto, curso de Magistério (Formação de Professores) no Ensino Médio e aquilo me incomodou ao ponto de buscar uma especialização, porque, na verdade, essa colega (de quem hoje eu não me recordo mais do nome), ela tinha razão. Eu sabia muita Matemática! A Universidade Federal proporcionou-me isso, mas Matemática para exercer a pesquisa na Matemática, para continuar os meus estudos dentro da Matemática, mas não para estar em sala de aula ensinando Matemática e, naquele momento, isso me doeu tanto, aquilo me machucou tanto, porque para mim as minhas aulas eram perfeitas, as minhas lousas eram perfeitas, afinal de contas toda a minha aula tinha começo, tinha meio e tinha fim. As minhas lousas haviam demonstrações perfeitas, mas você consegue entender que as minhas aulas eu dava para mim ou eu dava para meus professores. Eu não dava aula para os meus alunos e foi essa colega, que me incomodou tanto com seus comentários, que me fez ter essa percepção. Eu não tinha que dar aula para quem me ensinou a Matemática, eu tinha que dar aula para quem dividia o espaço de sala de aula comigo, e isso, de fato, eu não fazia.

Foi por isso que, em 1992, eu fiz a minha especialização em Metodologia do Ensino de Ciências que, nesse momento, abrangeu quatro frentes: Matemática, Biologia, Física e Química, por alguns professores muitos saudosos da Universidade Federal, entre eles, o Professor José Luiz Magalhães de Freitas, a quem eu dei o nome da minha turma de formatura, não que os outros não sejam merecedores de muito carinho e muito respeito, mas estando dentro do programa na Universidade Federal, você conhece o José Luiz. Ele pegou um carinho... Ele

é o nosso “Maluco Beleza”, ele é aquele que consegue fazer Matemática e ele é aquele que consegue ser professor, ele é aquele que consegue maquinar todos os números, ele é aquele que consegue falar de fractais, ele é aquele que consegue falar de Teoria do Caos, mas ele é aquele que consegue desdobrar-se em minúcias para fazer qualquer criança compreender Estatística, compreender Teoria das Probabilidades, ele é aquele encantador que toca a flauta dos números e faz aquele bando de ratinhos (que somos nós), em qualquer nível de aprendizado, saímos correndo atrás daquela voz doce, falando conosco e é esse o encantamento que eu tenho pelo Professor José Luiz até hoje. Ele falava e nós desligávamos todo mundo em volta. E olha que coisa interessante, eu fui aluna do José Luiz numa época que a gente não tinha *datashow*, que a gente não tinha telefone celular, que a gente não tinha *whatsapp*¹⁸², em que a coisa mais moderna que a gente tinha à nossa disposição era o projetor de transparência (que ele não utilizava!) e não precisava, porque ele nos encantava com o giz colorido na lousa de gesso, tinha toda a capacidade de nos encantar com as peças do Laboratório de Matemática e a sua fala. Então veja, foram essas pessoas: a Professora Shirley¹⁸³, a Professora Maria Bernadete¹⁸⁴, que trabalharam naquele momento na especialização, que produziram o estalar de dedos que foi necessário para que eu compreendesse a diferença entre conhecer, escrever e produzir resultados em Matemática e ensinar a Matemática que tanto me encantava.

Depois disso eu consegui participar de outro momento histórico, muito importante, no estado de Mato Grosso do Sul, que foi o surgimento de outras universidades dentro do estado. Eu vim para cá para ser aluna da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e nesse momento havia o florescimento e a necessidade de criação de novos ambientes de pesquisas. Aqui em Campo Grande estavam sendo criadas e fomentadas a hoje a UNIGRAN¹⁸⁵, na cidade de Dourados¹⁸⁶, que era antiga Socigran¹⁸⁷, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que na época era FUCMAT¹⁸⁸, a hoje Universidade Anhanguera-UNIDERP¹⁸⁹, que na época também

¹⁸² Aplicativo de celular de trocas de mensagens de texto.

¹⁸³ Shirley Takeco Gobara. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹⁸⁴ Sem mais referências.

¹⁸⁵ Centro Universitário da Grande Dourados.

¹⁸⁶ Distante 226,9 km da capital Campo Grande - MS.

¹⁸⁷ Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados.

¹⁸⁸ Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso.

¹⁸⁹ Universidade para O Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

não era Universidade: era um conjunto de faculdades. Todas essas três instituições participaram de um grande esforço, já que dividiram os professores que lá trabalhavam nas diferentes cadeiras oferecidas, trouxeram de fora um grupo de professores, alguns convidados inclusive da Universidade Federal, para que formassem mão-de-obra, no nível do Mestrado, para que pudessem classificar-se junto ao MEC¹⁹⁰ para emancipar para universidades. O CESUP¹⁹¹ (Centro de Ensino Superior) que era onde eu trabalhava, hoje Universidade Anhanguera-UNIDERP, participou de todo esse processo, uma das exigências era o percentual mínimo de mestres e doutores, quem já era mestre foi convidado a participar de Programas de Doutorado fora do estado. Aqui nos idos de 1994 a 1998 nós não tínhamos Programas de Doutorado e também não tínhamos Programas de Mestrado, este último foi trazido até nós por essas três instituições. E eu me encantei, porque, nesse momento, eu tive a oportunidade de fazer o Mestrado em Educação na área de Formação de Professores de Matemática e aí eu descambei para a Educação de uma vez por todas, porque eu descobri que, na verdade, eu não queria fazer pesquisa em Matemática Pura (como algumas pessoas acreditaram lá no passado), na verdade, o que eu queria mesmo, era trabalhar com Educação Matemática que é que eu vejo hoje, que pelo menos dentro do Ensino Fundamental e Médio nós temos muita falta no estado.

O início da minha carreira docente é uma história meio longa, porque eu não brinquei de mamãe quando eu era menininha. Quando eu brincava de boneca na época de criança, as minhas bonecas já eram minhas alunas, assim como eram meus alunos todos os objetos que eu alcançasse e pudesse enfileirar, porque conta a memória familiar que a primeira vez que eu fugi de casa (que foi aos dois anos de idade) foi para ir para escola atrás da minha irmã (que é cinco anos mais velha que eu). E eu tinha esse encantamento pela escola, porque para mim a escola era um lugar cheio de crianças e que a professora tinha aquela coisa deliciosa, que era o giz, e ela podia rabiscar na parede. Essa era a visão que eu tinha da escola aos dois anos de idade. Então a escola para mim era um lugar mágico, porque dentro da minha casa eu só tinha minha irmã mais velha e dentro da escola, olha que coisa deliciosa, eu tinha um monte de crianças para brincar, então esse encantamento, e eu estou te falando da visão de uma pessoa de 50 anos de idade, que a gente tem que ter todo um cuidado para narrar histórias se a gente considera que

¹⁹⁰ Ministério da Educação.

¹⁹¹ Centro de Ensino Superior Professor Plínio Mendes dos Santos.

as crianças hoje em dia têm a informação e todos os outros elementos que circundam a vida, a emoção de ter ido o primeiro dia na escola, a minha primeira professora, o meu primeiro caderno, escrever o meu nome. Ir para escola, para mim, é saber que no meu primeiro dia de aula eu poderia aprender novas coisas, ler os livros do meu pai. Meu pai participava de uma coisa chamada Círculo do Livro e ele era sócio, então todos os meses tinha um livro novo em casa e os seus livros eram muito zelados, porque os livros eram objetos preciosos, ler os livros do meu pai, para mim então, era o máximo! Nossa, já imaginou eu, lendo o livro do meu pai? E mais ainda, há muitos anos atrás, nós éramos diferenciados, porque aluno bom em Matemática era o Ó! Então aqueles que se destacavam em Matemática, e em outras matérias também, iam para o quadro de honra. Passei um dia no Colégio Dom Bosco, que eu dei aula, tenho certeza que lá tem uns quadros com as fotografias dos melhores alunos: os que têm as melhores notas, as melhores médias do ano, eles fotografavam e botavam a carinha do aluno lá. Esses alunos têm até bolsas de estudos, eles melhoraram a história do quadro de honra e dão bolsa agora e a gente aparecia lá. Eu era aluna de quadro de honra, porque eu era melhor aluna de Matemática, então era metida a ser professora. Aí ensinava os colegas da vizinhança, eu era a professorinha, eu levava para escola, eu trazia da escola, eu ajudava a fazer a tarefa, aí me tornei a professora da rua e a profissão me acompanhou. Eu fui escolhida para ela e eu gostei disso. Faz 30 anos que eu sou professora aqui no Mato Grosso do Sul.

Desde que eu cheguei aqui, no dia 1º de março de 1985, eu sou professora, trabalho desde então na rede pública, trabalhei algum tempo com o Ensino Fundamental, isso em 1985 e 1986, a partir de 1987 eu já dava aula no Ensino Médio. Trabalhei com o Ensino Médio até 1993, quando eu fiz exame de seleção e comecei a dar aula em 1994 tanto na UCDB¹⁹² quanto, na época, no CESUP (a UCDB já era UCDB, ela se emancipou primeiro). Trabalhei dois anos na UCDB e, por uma questão de carga horária muito apertada e morar mais próximo da UNIDERP, eu optei por ficar somente com a UNIDERP e com as salas de aula do ensino público. Em 1999, por uma questão de visão política, eu me exonerei do ensino público e prestei concurso, fui trabalhar também no Banco do Brasil. Adorava o serviço do Banco do Brasil, mas meu negócio é mesmo a sala de aula e acabei exonerando-me deste cargo. Durante muito tempo

¹⁹² Universidade Católica Dom Bosco.

eu trabalhei na Universidade e no ensino público e faço isso até hoje. Então são 20 anos dentro da UNIDERP, que hoje, por uma questão de emancipação, é a Universidade Anhanguera-UNIDERP.

Eu sou filha da revolução de 1964. Eu nasci no dia 8 de abril, exatamente uma semana depois do Golpe Militar. E são coisas interessantes a gente olhar a história de fato que nos cerca. Meu pai foi aquartelado¹⁹³, porque os quartéis em São Paulo, na cidade de São Paulo, ficam numa região chamada Quitaúna, que espreme Osasco com a cidade de São Paulo. E uma das coisas que a empresa produzia era aço para suprir o Exército Brasileiro. Então com o Golpe Militar de 1964, meu pai ficou aquartelado, isso fez com que minha mãe antecipasse meu parto (eu acredito que muitas outras crianças devam ter nascido nas mesmas condições), a minha mãe teve uma crise de pressão alta e, 50 anos atrás a medicina muito mais atrasada do que é hoje, acabou que eu nasci. Então, primeiro de tudo, eu sou filha da Revolução de 1964, isso trouxe para mim uma coisa muito boa: uma escola pública muito melhor do que a que existe hoje. Se você for olhar historicamente, eu fiz o meu Ensino Fundamental tutelado pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici. Eu tenho diploma do quarto ano, você tem ideia do que é você ter diploma do quarto ano? Diploma do primário? Eu fui a última turma que fez a prova para entrar no quinto ano, a gente fazia exame de admissão, porque não tinha primeiro ano ginásial (que hoje as pessoas fazem com o nome de sexto ano), que é o primeiro da segunda etapa do Ensino Fundamental, porque não tinha ginásio para todo mundo. Eu fiz exame de seleção para entrar no Ensino Médio, porque também não tinha para todo mundo, meu ginásio já foi o Presidente Ernesto Geisel, que foi o último General Braço de Ferro que o Brasil teve e, veja bem, eu não estou defendendo o generalismo dentro do Brasil, eu estou defendendo a escola de qualidade que eu tive que esses generais ofereceram para as pessoas da minha geração. Mas por conta de toda pressão que foi exercida, eu também fui de uma geração que discutiu muito o que aconteceu nesses anos, porque eu aprendi a ficar calada por medo do AI-5¹⁹⁴, meus

¹⁹³Significa alojado em quartel. Aquartelado. In: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Online. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=aquartelado>>. Acesso em: 05 de dez. 2015.

¹⁹⁴Ato Institucional nº5, AI-5, publicado no dia 13 de dezembro de 1968, durante o governo do General Costa e Silva, foi considerado uma das maiores arbitrariedades do período da Ditadura Militar. O AI-5 dava autoridade ao presidente de cessar as atividades do Congresso Nacional e de outros órgãos legislativo (estaduais ou municipais) por tempo indeterminado, cassar mandatos políticos, suspender os direitos políticos de qualquer cidadão em um

pais tinham medo disso, a gente tinha medo até do que falava dentro de casa, porque se um vizinho ouvisse e a gente fosse mal interpretada, de repente, o pai ou a mãe da gente podia não voltar para casa. Então nós fomos muito repreendidos e meu pai era metalúrgico. Ao mesmo tempo, o sindicalismo foi muito presente na minha vida.

Hoje, especialmente, nesse exato momento, estou aqui te dando uma entrevista e pensando em quem vai ser nosso presidente nos próximos quatro anos e muitas das coisas que eu vi erradas que nos últimos trinta anos, eu ajudei a construir, porque eu estava lá em São Paulo, gestando um partido político em que eu acreditei demais. Então eu participei ativamente, por exemplo, da construção do PT¹⁹⁵ lá em São Paulo, eu acreditava em todo idealismo, eu acreditava que nós pudéssemos modificar o mundo considerando as coisas que nós acreditávamos. Veja bem, eu acreditava que bastava que eu quisesse trazer para os meus alunos a escola que eu tive, que eu conseguiria fazer isso, eu acreditava piamente que aquelas pessoas que dividiam as salas de aula comigo, que são hoje meus colegas dentro das escolas, como técnicos educacionais (entenda técnicos como coordenadores, psicólogos, exercendo outras funções, diretores, vice-diretores), que foram pessoas que levantaram bandeiras ideológicas junto comigo, desejariam uma educação de qualidade, como nós tivemos. E o que temos hoje? Nós temos alunos que saem do Ensino Fundamental deseducados, mal formados, porque são alunos analfabetos funcionais¹⁹⁶, tanto no que diz respeito ao uso e ao domínio da língua quanto ao uso e domínio da Matemática. Os mais antigos, as pessoas com quem eu convivi, por vezes iam para as escolas e saíam no primeiro, no segundo, no terceiro do Ensino Primário, lá no início do Ensino Fundamental e saíam lendo, escrevendo e dominando as operações fundamentais e o cálculo percentual. Hoje os nossos alunos saem do Ensino Fundamental sem saber disso, então era isso que eu carregava comigo, o que eu podia fazer para dar o melhor de mim para meus alunos? O quanto dessa Matemática toda que eu passei quatro anos na Universidade Federal aprendendo, buscando sustentação teórica para dar as melhores explicações.

período de 10 anos, além de punir arbitrariamente aqueles que eram ou aqueles considerados inimigos do regime militar.

¹⁹⁵Partido dos Trabalhadores.

¹⁹⁶São pessoas que sabem ler e escrever textos simples, reconhecem os números, mas não conseguem realizar as operações básicas, não tendo condições de realizar seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional.

Eu conheci a SBEM dentro da PUC¹⁹⁷ de São Paulo, eu já era filiada e quando vim aqui para Universidade Federal, por intermédio do meu grande ídolo, Professor José Luiz que nunca deixou morrer o espírito. Quando eu me associei a SBEM¹⁹⁸ e a SBM¹⁹⁹, quando eu procurei conhecer tantos outros órgãos, inclusive buscando outras informações, outros órgãos de pesquisa, quando a gente busca conhecer, por exemplo, o Instituto de Matemática Pura e Aplicada em São Paulo ou o Instituto de Estatística. Quando a gente vai conhecer outros centros, por exemplo, a Universidade de Campinas, quando a gente vai para o Rio de Janeiro, quando a gente vai até o Maranhão conhecer o Instituto de Pesquisa Espaciais que são núcleos aonde se trabalha a Matemática Pura dentro do país, a gente diz assim: Nossa, eu podia poder dar um pouquinho mais de formação para o meu aluno. Mas a hora que você chega dentro de todo o sistema, você fala: Para que eu estou fazendo isso? As pessoas que dividiram os bancos escolares com você, elas não leem o que você lê, elas não participam de discussões junto com você e olham para você e dizem: Para quê? Para com isso! Para de me incomodar! Deixa-me ficar quieto no meu canto! Eu tenho o livro didático aqui para cumprir! Agora, principalmente nos últimos anos, a gente tem a sala de tecnologia. Eu preciso preparar uma aula para aquela sala de tecnologia! Eu tenho que aprender a usar esse *tablet* aqui, para fazer chamada na sala de aula! Quando me associei a todas essas coisas, leio até hoje diversas publicações, procuro, na maneira do possível, se não participando das diretorias de uma forma mais ativa, procuro não me desligar, porque eu brinco muito com isso, com relação aos meus alunos, inclusive, porque eu dou aula no curso de Formação de Professores na UNIDERP, o dia que eu perder (não é palavra, tá?) o tesão pela sala de aula, me enterra! Porque professor não pode perder essa motivação, ele não é um repetidor de conteúdos, o conteúdo está lá no livro. O professor, ele precisa saber como e o porquê discutir, sob novos pontos de vista, os velhos conteúdos com os alunos. Gente, pelo amor de Deus! Eu imagino o coitadinho do Galileu Galilei, todas as ideias fantásticas que ele teve. Não é para eu discutir com os alunos a ideia do submarino ou do helicóptero, igualzinho ele rabiscou no papel, é para discutir com o aluno a genialidade daquela pessoa, dentro daquelas condições, naquele obscurantismo todo, naquele clima de caça às

¹⁹⁷ Pontifícia Universidade Católica.

¹⁹⁸ Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

¹⁹⁹ Sociedade Brasileira de Matemática.

bruxas horroroso, que o cara vivia. O brilhantismo todo dele à luz de vela! E vela era uma coisa caríssima, então em cada minuto de vela acessa... olha o que esse cara foi capaz de produzir, sem ter ninguém para falar com ele! Hoje a gente cata o telefone celular bota ali do lado e a gente fala com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, desde que a gente estabeleça um padrão de comunicação, não é assim? Não precisa nem falar a mesma língua que o cara não, desde que a gente estabeleça um padrão de comunicação, você pode estar lá na estação orbital fulano de tal e a gente consegue fazer um trabalho juntos. Naquela época para você levar uma carta a 40 km de distância, dependendo das condições climáticas, podia levar uma semana e o cara foi capaz de produzir aquilo. Então eu preciso incentivar o meu aluno hoje, não a ter aquela genialidade (até porque eu nem sei como é que aquilo acontecia né?), mas a se inspirar naquele exemplo e dar um passo além. Para o lado, sei lá, andar um para trás, para ver se, de repente, em conjunto a turma não se movimenta. É para isso que eu acredito em todos esses órgãos e sempre que dá viajo para participar de um congresso, sempre que dá ouço uma teleconferência, procuro ler o máximo do que foi produzido, porque senão a gente não está sequer valorizando o que as outras pessoas estão fazendo, já que euzinha, propriamente dita, faço um trabalho de formiguinha deste tamanhinho de nada e, pior de tudo, não escrevo e não publico.

Sobre minha experiência na SBEM-MS, sem contar nenhuma mentira, dá para observar, exceto nos últimos períodos, uma repetição fantástica de nomes nas diretorias regionais isso porque nós éramos um grupo muito pequeno de pessoas, então ou nós assumíamos todos os cargos ou nós perdíamos o direito a possuímos a representação. Na verdade, nesse período de 1996 a 1998, nós estávamos exatamente em cima da hora, tem um período aqui que não foi elencada a diretoria e eu não saberia te dizer de memória quem foi. Nós estávamos aqui, eu não me lembro exatamente qual foi o evento, mas nós estávamos, assim, em cima da hora, tanto que se você for ver na ata, não vai ter muita gente presente, deveriam ter umas oito ou nove pessoas somente, presentes na reunião. Devia ter, além dessas pessoas aqui que formaram a diretoria²⁰⁰, a Maria Bertonha²⁰¹, a professora, esposa do Professor José Luiz, a Iraci²⁰². Mas isso é remexer

²⁰⁰ Secretária Geral: Ivonete Melo de Carvalho, Primeira Secretária: Ivanilde Saab, Segundo Secretário: Edmir Ribeiro Terra, Primeiro Tesoureiro: José Luiz Magalhães de Freitas e Segunda Tesoureira: Polônia Albino Maia.

²⁰¹ Sem mais referências.

²⁰² Iraci Cazzolato Arnaldi. Professora atuante na Secretaria Municipal de Educação (Campo Grande - MS).

na memória, mas, assim, pouquíssimas pessoas e aí nós resolvemos assumir a diretoria para não perder o direito da representação local e a nossa promessa era de trabalhar, mas esse foi um período muito tumultuado, aonde para não dizer que nós não fizemos nada, nós fizemos muito pouco, porque dessa diretoria eu e a Ivanilde²⁰³ estávamos fazendo nosso Mestrado, em sala de aula, sem licença. O Professor José Luiz, até onde a memória não me falha, estava produzindo a fase final da tese de Doutorado dele, o Edmir²⁰⁴ eu não me lembro, a Polônia²⁰⁵ estava metida com todas as coisas da Secretaria de Estado de Educação, porque ela foi extremamente ativa. Dessa diretoria quem mais fez pela sociedade foi a Polônia, porque como ela representava tudo na Secretaria, estava em todas as cidades, em todos os locais, era ela que divulgava tudo e era um momento, aqui nessa época, em que ainda tínhamos uma internet muito frágil, nós não tínhamos a mobilidade que temos hoje com a internet, não tínhamos ainda a cultura dos grupos de estudo por internet, ainda não tínhamos a cultura do e-mail de grupo, ainda acreditávamos no papel, nós éramos muito dependentes da Diretoria Geral. Eu não me lembro de termos promovido, por exemplo, nenhum encontro em nenhuma das três universidades aqui em Campo Grande, não houve promoção de nenhum evento na UNIGRAN (que já era UNIGRAN, na época). Teve um encontro de Matemática na Universidade Federal no campus em Corumbá²⁰⁶, mas acabou sendo um evento que reuniu pouquíssima gente de fora, pela questão óbvia de falta verba para execução, embora tenha sido, para os participantes, bem válido. Por falta de recursos, não convidou gente de fora, não tinha alojamento, não tinha refeição, a própria Universidade Federal foi que bancou alimentação e passagens para os professores convidados. Então acabou ficando um evento custoso para o campus de Corumbá, os professores de lá, o Professor Renato²⁰⁷ (hoje falecido num acidente muito feio, inclusive num evento que veio participar aqui em Campo Grande), se desdobrou para fazer acontecer, mas foi o único evento de porte. Embora tivéssemos uma tentativa grande aqui em Campo Grande de arrebatar outros professores a participarem, infelizmente não conseguimos, nesse período, nenhuma inscrição de professores, nem de escola pública, nem de escola particular. Algumas inscrições sim, dos acadêmicos da

²⁰³ Ivanilde Herrero Fernandes Saad. Professora na Universidade Católica Dom Bosco.

²⁰⁴ Edmir Ribeiro Terra. Professor atuante na Reitoria da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

²⁰⁵ Polônia Albino Maia.

²⁰⁶ Distante 427,7 km da capital Campo Grande - MS.

²⁰⁷ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

UCDB, da UFMS por conta da Professora Ivanilde, por conta do Professor Edmir e dentro da UNIDERP, porque eu estava lá e a Professora Iraci, que também era coordenadora do curso de Matemática.

Com relação à relevância dessa sociedade para o país eu fico imaginando, você deve ter lido, porque faz parte dos quadros da Universidade Federal, *O homem que calculava*²⁰⁸, você consegue imaginar um professor de Matemática, que não leu esse livro? Eu fico imaginando e por isso que eu acho que o Ensino Fundamental e Médio aqui em Campo Grande tão pobre, eu não posso falar de outros locais sem ter o conhecimento, mas faz tanta falta para os meus colegas lerem um pouquinho do que produz a Sociedade Brasileira de Ensino de Matemática, faz tanta falta para essas pessoas, que estão lá dentro de salas de aulas, abrirem um pouquinho o seu universo, é preciso ampliar esse campo de visão, ir para sala de aula ensinar Matemática não é dizer que logaritmo de um em qualquer base vale zero. Nós, professores, precisamos sentar aqui em volta (pode ser dessa mesa, que é pequeninha mesmo) e um dizer para o outro: - Nath, por favor, o que você acha da gente continuar ensinando logaritmo? É preciso? Não é preciso? Na minha época, foi fundamental. Calculadora científica não era um objeto comercial, o logaritmo era, de fato, o facilitador de conta, será que hoje o logaritmo é tão fundamental para ser aprendido no Ensino Médio? Será que a gente não podia aproveitar esse período de três ou quatro semanas e trabalhar melhor outro conteúdo? Mas pensar nisso de fato, discutir discutido! Eu acho que a SBEM faz bem esse papel, nós podíamos criar ótimas mesas redondas, mas como é que a SBEM pode fazer isso, se na escola onde eu leciono (eu trabalho em uma escola pública, aqui em Campo Grande de manhã), somos quatro professores, desses quatro professores, em termos de idade, eu sou a mais velha, só eu sou associada da SBEM, só eu leio, só eu recebo material pela internet? E não é por falta de eu convidar as outras três pessoas, não adianta associá-los, porque eles não leem. Quando eu conclamo para discutir alguma coisa na hora do planejamento, que deveria ser conjunto, a resposta que eu ouço é: A matriz curricular que a gente recebeu da Secretaria do Estado de Educação, diz que é para fazer. Tudo bem, lá na Secretaria de Estado de Educação têm professores de Matemática, mas o que nos impede, nós que somos da mesma categoria, convidarmos essas pessoas para discussão? Por que a gente não

²⁰⁸ Tahan, M. **O Homem que Calculava**. Rio de Janeiro, Record, 2010. 300 p. 79º ed.

pode melhorar isso? Por que nós precisamos, simplesmente, cumprir? Essa é a importância que eu dou. Eu adoraria poder participar nem que fosse como divulgadora do trabalho (coisa que eu faço de certa maneira), mas que a SBEM fosse ativa dentro das escolas, para que a gente pudesse chacoalhar as pessoas autoproclamadas professoras de Matemática, porque, infelizmente, nem todos são formados na área, para dizer assim: Não basta conhecer Matemática, não basta saber fazer contas, você precisa saber o que está fazendo aqui dentro, você está mexendo com a mentalidade das pessoas, a gente ensina o que a gente é, a gente só explica o que sabe. As pessoas terem a consciência do efeito que têm sobre a formação do jovem daqui para o futuro é tão essencial quanto as condições de higiene pessoais, todos os dias a gente precisa levantar, tomar nosso banho, escovar os dentes, fazer alimentação, isso é SBEM para mim. Não é para ter mais uma carteirinha, não é para ter desconto na hora de comprar livro, é para eu ter consciência do meu papel de educador matemático.

Eu adoraria poder dizer pelo menos uma proposta ou atividade da SBEM-MS no período que participei, mas nessa diretoria, em especial, o nosso único objetivo foi não perder a representação da SBEM no estado de Mato Grosso do Sul, tão frágil era esse momento. Dentro de sala de aula, na época, nós tínhamos um percentual altíssimo de pessoas contratadas fora da área de formação dando aula de Matemática no ensino público. Você não tem ideia do número de alunos dos cursos de Engenharia ocupando a posição de professores de Matemática, você não tem ideia do número de acadêmicos de Medicina dentro das salas de aula, dando aula de Matemática e, vou te dizer, não era só de Matemática não, de Física e de Química também. Então a nossa preocupação, naquele momento, e aí é onde eu digo que a Polônia foi uma heroína, porque ela foi uma das pessoas que brigou pela formação, que a pessoa, mesmo para ser contratada, precisava ter alguma formação na área, não podia ser qualquer acadêmico de qualquer curso, porque infelizmente a legislação ela se reporta a isso, mesmo a 9394, ainda falha nesse sentido. Mas assim, a nossa maior preocupação, naquele momento, era não perder a representatividade, era fazer com que os professores de Matemática observassem a falta que estavam fazendo. Naquele momento, nós não tínhamos outro projeto se não alertar os professores de Matemática a necessidade, a falta que faziam, principalmente, no Ensino Médio, porque, naquela época, nós não chamávamos ainda assim, eram Primeiro e Segundo Grau, porque a legislação mudou em 1996, mas só foi regulamentada em 1998. Eu não sei se por uma

questão de acomodação, os professores formados preferiam o Primeiro Grau, então era uma invasão de gente de todas as outras áreas dando aula no Segundo Grau. Nesse sentido, a nossa preocupação era cutucar as pessoas para estarem no Segundo Grau também, porque senão a gente corria o risco, principalmente nas escolas públicas, do aluno passar três anos estudando função do primeiro grau, aí quando eles fossem para os vestibulares, concursos públicos ou qualquer outro instrumento seletivo, não teriam como competir com os alunos de escolas particulares. Nestas, estavam os poucos professores que enfrentavam o Ensino Médio, todos afiliados ou a SBM ou a SBEM.

Sobre o ESEM que aconteceu em 1999, eu não me lembro de nada. Mas olha, se foi o José Luiz quem fez, eu ponho as minhas duas mãos no fogo para você que o evento ocorreu, porque ele nunca pôs a mão em nada que não tenha dado certo. E ele pode não ter trazido gente de fora, mas as pessoas daqui de dentro, certamente, se mobilizaram. E como na época ele já era casado com a Professora Iraci, certamente, ele mobilizou o pessoal da UNIDERP. Como ele sempre se relacionou muito bem com os padres da Universidade Católica e sempre se relacionou muito bem com a Professora Ivanilde, sempre se relacionou muito bem com a Professora Maria Helena²⁰⁹, e sempre se relacionou muito bem. O marido da terceira pró-reitora acadêmica da UCDB era médico, chefe de cirurgia da Santa Casa, mas ele sempre relacionou muito bem, ele pode ter levado bastante pessoas de lá. O único problema que a gente tinha com os alunos da UNIDERP é que o curso sempre funcionou no período noturno, então, às vezes, por conta dos horários das palestras e oficinas, os alunos da UNIDERP não participavam. Eu não me lembro muito bem, mas houve uma época que foi trazida uma palestrante americana para falar conosco no Teatro de Bolso e eu me diverti muito com aquela educadora americana, porque ela me fez rir muito e foi quanto tive certeza que o meu inglês andava muito bom, porque eu estava acompanhando sem a necessidade do intérprete, pode ser que tenha alguma coisa relacionada com o ESEM e aconteceu de manhã, no Teatro de Bolso.

Tiveram algumas pessoas que vieram depois de mim, mas se engajaram bastante como a Professora Magda Cristina²¹⁰, que foi minha caloura, mas vestiu muito bem a camisa dos

²⁰⁹ Maria Helena Junqueira Caldeira. Professora da Universidade Católica Dom Bosco.

²¹⁰ Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

encontros, o Professor Celso Cardoso²¹¹, outra professora que eu gosto tanto dela, mas o nome fica me fugindo, que foi esposa do Celso Cardoso²¹²... (professora candinha, você já viu, né? Sabe da vida de todo mundo!) e também fizeram coisas muito boas e o mais maluquinho de todos que é o Professor Cápua²¹³, que ainda nessa época, também, não tinha se aposentado e que sempre trazia algumas pessoas fantásticas para falar. Maluco de tudo, mas gente muito boa! Vale a pena conhecer a história do Professor Cápua, porque ele participou conosco de um evento da SBEM na Universidade Federal e largou a Sorbone para trabalhar conosco, por conta de um evento, eu ainda era acadêmica, Antônio de Cápua.

Esse período de desativação, entre 1999 e 2001, foi porque nós não tínhamos sangue novo, nós não tínhamos retroalimentação. Os professores José Luiz e Luiz Carlos²¹⁴ sempre foram defensores, não de diferenciar a formação do matemático e a do professor de Matemática, mas de saber que o professor precisa ter uma postura diferente da do pesquisador. A mesma pessoa pode desejar as duas áreas, mas o professor precisa ter um algo a mais, o pesquisador pode ser o que hoje os meninos chamam de *nerd*, ele pode viver perdido no mundo dele, nas ideias dele, pode ter o grupo dele, o jeito de falar dele. O professor não, ele precisa ser o catalizador e todas essas pessoas que estavam participando dessa diretoria, você vai ver sempre os mesmos nomes, os mesmos nomes, os mesmos nomes. Essas pessoas estavam envolvidas, nesse momento da formação da diretoria de 1996, com a busca dos seus mestrados, dos seus doutorados, participaram também muitos acadêmicos e graduados nesse momento, que estavam buscando suas especializações e todas essas pessoas estavam constituindo família e outras coisas. Nós precisávamos de gás. E cá entre nós, por mais idealistas que nós fossemos, todos nós chegamos uma hora e falamos assim: Estou cansada disso tudo! Quando é que a gente vai conseguir fazer com que todas essas pessoas que estão ao nosso lado acordem? Para que não seja essa mesma coisa todo santo dia! Eu estou aqui falando com você e estou me lembrando da lenda da cigarrinha e da formiga, a gente não pode ser formiga todo santo dia: trabalha,

²¹¹ Celso Cardoso. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²¹² Sônia Regina Di Giacomo. Professora aposentada do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

²¹³ Antônio de Cápua. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²¹⁴ Luiz Carlos Pais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

trabalha, trabalha e trabalha! E a gente não pode ser cigarra todo santo dia: canta, canta, canta e canta! A gente precisa ser cigarra e a gente precisa ser formiga. Isso acontece a mesma coisa quando a gente abraça esse tipo de trabalho, é muito bom a gente ser idealista, mas é muito bom quando a gente olha para o nosso colega de trabalho e vemos que pelo menos ele está nos dando atenção. Se você for ver alguns nomes que estão nesta lista de diretoria, por exemplo, do Renato (falecido Professor Renato) de toda forma ele passou anos trabalhando, mesmo com o nome não estando nas outras gestões, mas nesse momento ele não estava em Campo Grande, ele já estava no interior, em Corumbá, trabalho e depois veio para Dourados. A Denize²¹⁵, ela nunca deixou de participar de uma ou de outra forma. O Professor Eron²¹⁶, meu Deus do céu, ele estava sempre dentro da universidade dando apoio, mas os professores, eles eram chamados ora para isso ora para aquilo. Cursos novos sendo criados, carga horária sendo ampliada e nenhum desses professores, em momento nenhum, eles foram contratados para Universidade Federal para cargas horárias absurdas, embora todos eles fossem dedicação exclusiva, é contratado para 40 horas, mas são 8 horas em sala de aula e para trabalhar com pesquisa e orientação, as outras 32. Essas pessoas estavam todas assoberbadas, porque quando eles foram contratados, foram contratados para o curso de Matemática, mas davam aula para Matemática, para Engenharia Civil, para Engenharia Elétrica, para Química, para Física, para o curso de Administração (que tinha sido recém-criado), para Economia, para Ciências Contábeis, para Ciências da Computação e para todos os outros que vinham sendo agregados. Então, estavam participando todos, todo esse tempo. A Maria da Graça²¹⁷ (que também aparece nessa lista de diretorias) estava implantando os cursos de Matemática, nesse momento, de 1993 a 1995, dentro da Universidade, hoje, Anhanguera- UNIDERP (antes CESUP), em 1993 ela implantou o curso lá, estava junto com as professoras Ivanilde, Maria Helena e uma terceira pessoa que não me lembro nome, transformando o curso que era de Ciências (Formação de Professores de Ciências, que era Matemática e Biologia), no curso de Matemática e no curso de Biologia, transformando em dois cursos diferentes. Quer dizer, a pessoa estava em duas universidades diferentes, criando cursos diferentes, porque a visão da Universidade Católica era a formação

²¹⁵ Denize Silva Oliveira. Secretária de Educação de Ponta Porã.

²¹⁶ Eronides de Jesus Bíscola. Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²¹⁷ Maria das Graças Bruno Marietto. Professora da Universidade Federal do ABC.

humanística, a visão do CESUP era extremamente tecnológica. Agora você imagina criar um curso superior para cada Universidade, na mesma área, com duas formações diferentes e nunca deixou de ser ativa e participativa! Só que naquela época, de 1999 para 2001, ela estava fazendo o Doutorado dela, as pessoas elas não podem anular-se o tempo todo, no sentido de se doar as outras causas e eu posso contar-te a história de diversas outras pessoas aqui, o José Luiz foi fazer o Pós-*Doctor* dele, a Iraci foi junto para fazer a disciplina do Doutorado, ele tinha bolsa em Souborne não podia perder a oportunidade, entre outras pessoas que estão listadas aqui. Então nesse momento que nós ficamos sem diretoria é porque todas essas pessoas que participavam mais ativamente ou não estavam no Brasil (como era o caso da Marilena Bittar, que estava na França fazendo Doutorado) ou todas as pessoas, por um ou por outro motivo, naquele momento, não podiam reassumir, por isso que ficou um período de sombra, em que o José Luiz ficou lá da França respondendo pela SBEM, porque ela tinha como sede a Universidade Federal. Embora ele estivesse com um pé no Brasil e o outro pé na França, ele assumiu a direção apenas para dizer que tinha! E olha que dó, porque se perguntasse, mesmo para os professores de escola particular, que usavam a carteirinha para ter descontos na hora de comprar livros, ninguém queria assumir, mesmo que fosse para fazer uma reunião por ano, mesmo que fosse para mandar as cartinhas para as pessoas dizendo: Está na hora de pagar a anuidade! É uma dó.

Com relação ao desenvolvimento da Educação Matemática aqui no estado de Mato Grosso do Sul, eu acho complicado falar sobre o desenvolvimento de grupos específicos na área da Educação Matemática, porque se você convidou qualquer pessoa, para qualquer grupo é como se fosse uma pandemia. Cada um corre para se esconder atrás da sua rocha preferida. Eu penso assim, a SBEM ela não deixa de cumprir o papel dela, eu não chego a passar mais do que 24 horas sem receber o informe da SBEM, às vezes, falando sobre uma premiação de um colega, um novo artigo, uma nova publicação, às vezes pode ser uma (eu vou chamar de uma coisa tola, não que seja tola) a reedição de um livro notável. Ao longo desse ano eu recebi o comunicado da republicação da Coleção Fundamentos, do Professor Gelson Iezzi. Eu digo que é uma coisa tola, não que eu acho a Coleção Fundamentos tola, muito pelo contrário, mas não seria uma obrigação da diretoria, mas poxa vida avisou-me! Está com uma cara nova, está reeditada, está com desconto, e pode ser que falte algum volume na sua coleção. Então a sociedade está

cumprindo com o papel dela, está me dizendo: Olha, se você é associado, a gente está com uma publicação nova, tem uma edição nova, está tendo uma palestra de não sei quem, não sei aonde. Esses dias mesmo, a nacional estava mandando algumas palestras que estavam acontecendo no Rio de Janeiro, mandam resumos, mandam os anais, poxa vida! Se aqui em Campo Grande, por muitas vezes, a gente não consegue participar de muitas coisas, a gente não precisa estar completamente desligado, eu trabalho os três períodos do dia, não é toda hora que eu consigo estar em contato com as pessoas, mas agorinha mesmo a gente estava falando, nós não estamos mais na Europa no século XV, no século XVI, não precisamos mais de um mensageiro a cavalo para nos trazer a informação, abre-se o e-mail e a informação está ali. Tenho certeza absoluta de que, às vezes, o fato de você ler a experiência diferente de um colega, o jeito que foi abordada a informação ajuda, mas a SBEM não é o único veículo. A SBEM eu acho muito bacana por conta do caráter científico, por conta da publicação, por conta da divulgação, por conta da testagem dos elementos que foram efetivados, do acompanhamento do professor, por conta da submissão aos pares, acho isso muito importante, confere seriedade a tudo o que está sendo executado. Esse caráter acadêmico é importante, principalmente para a gente que teve oportunidade, não desfazendo da especialização, mas nós que tivemos a oportunidade da experiência do Mestrado, sabemos como a comprovação de dados, como a execução cautelosa de um projeto de pesquisa é importante na hora de divulgar resultados, sabemos que um artigo científico não pode ser fruto simplesmente das respostas das nossas ansiedades pessoais. Tudo bem é muito gostoso sabermos que uma curiosidade da gente motivou uma pesquisa, mas não pode ser só isso, precisa ter toda uma cautela na hora de reunir elemento, na hora de produzir um tema e problema, na hora de efetuar os cortes para poder executar a pesquisa, na hora de validar os dados, mas poxa vida! Se o professor não está preparado para ler uma SBEM, lê uma Revista Nova Escola, com as devidas proporções, mas já é uma boa fonte de trabalho. Não é um monte de trabalhos feitos aleatoriamente, se ele não tem condições (e eu não estou dizendo condições financeiras não, porque hoje eu descarto que uma pessoa não tenha R\$12,00 por mês para comprar uma Revista Nova Escola), sempre conversa com as demais pessoas que fazem o trabalho igual ao dele, poxa vida! O trabalho que a revista faz é essencial. Se cada escola assinasse uma revista diária, se associasse a um elemento que tem a força que a SBEM, traria essas coisas para junto dos professores de Matemática, você imagina se a Escola Estadual onde

eu dou aula fizesse uma assinatura anual em nome de seus professores (nós somos seis professores considerando o anexo), se ela fizesse uma assinatura anual ou que usasse a minha, mas promovesse a discussão entre os professores, poxa a vida! A gente não caminharia nem que fosse meio passinho para frente, por ano? Poderíamos não fazer absolutamente nada do que fosse publicado, mas não estaríamos, pelo menos, agitando esse grupo? Não estaríamos criando vapor dentro daquela caldeira, pelo menos? Não estaríamos melhorando, dentro daquele núcleo escolar, o procedimento desses seis professores? Eu não preciso estar com a razão, mas nós não estaríamos sendo agitados? A gente não estaria criando o nosso jeito escolar de trabalhar? É essa a importância! Eu não estou dizendo que tudo o que a SBEM fala tem que ser seguido e, também, não estou desmerecendo, não estou dizendo que deve ser uma receita de antibiótico que precisa ser cumprida à risca e com horários, mas eu estou dizendo que não custa nada a gente tomar como uma leitura agradável, para ser feita em grupo, para ser refletida. Se o grupo leu e refletiu e achou por bem a gente tomar uma referência para descobrir seu próprio eixo, descobrir seu próprio caminho e se não for bom, a gente diz que não foi bom e descarta. Mas o que a gente vai fazer, até que leiamos o próximo? Não é simplesmente virar o rosto e pronto. Dá para fazer algum uso dela, não dá?

Eu não estava aqui no estado no momento da criação da SBEM. Quando eu cheguei, o grupo já estava criado. Sobre a relação entre a criação da SBEM daqui de Mato Grosso do Sul e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos aqui no estado, penso que a Sociedade precisa ser recriada para que isso exista. A gente vai ter que fazer uma SBEM fênix, porque nós estamos com um grupo grande. Corrija-me se eu estiver errada, temos as Universidades Federal e Estadual de Mato Grosso do Sul, UNIGRAN, UNIDERP, UCDB com cursos de licenciaturas e agora, se eu não me engano, nós estamos com uma Universidade a Distância do Paraná (eu não sei se é UNOPAR²¹⁸, que o sinal é distribuído ali na Avenida Mato Grosso, na frente do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora), que tem Licenciatura em Matemática na forma a distância, eles são o polo presencial. Então nós temos seis cursos de licenciaturas no estado, isso significa uma colocação grande de profissionais todos os anos. Então está no momento da SBEM renascer, me diga quando é a eleição, para eu ir lá votar em vocês.

²¹⁸ Universidade Norte do Paraná.

Espero que sua pesquisa não seja um trabalho como tantos outros de Mestrado para ficarem na prateleira, para serem consultados apenas algumas vezes por outros colegas do Mestrado, mas que sirva como alguma outra fonte para o trabalho do professor, o que eu acho essencial. Você pode olhar na sua volta, a minha sala de visita também é a minha sala de estudos. Eu adoro o que eu faço e faz 34 anos que eu sou professora e isso é chão demais! E cada dia que passa eu aprendo alguma coisa nova com relação à educação e eu preciso que essa nova geração de professores que está vindo por aí aprenda, primeiro de tudo, a não ser individualista. Eu temo muito por isso, inclusive por conta de toda essa tecnologia que nos cerca e o que me faz ter mais medo, inclusive por conta da tecnologia, é a rapidez com que as coisas chegam e a rapidez com que as coisas se vão. Os trabalhos que são publicados são essências para que o professor olhe em torno, não fazemos educação sozinhos, a gente precisa do trabalho do nosso colega tanto daquele que veio antes, imediatamente antes (no mês passado, no ano passado, no período passado), como daquele que veio há dez anos antes, quanto daquele que veio no século passado, e a gente precisa ler as informações que os colegas estão produzindo nas outras cidades, nos outros estados, nos outros países.

Esses dias eu li um texto até mal traduzido, tradução da internet, sabe aquele que a gente bate o dedinho lá e diz *translate to*? Eu não sei ao certo de onde é o grupo de pesquisadores, mas eu sei que o carro chefe da pesquisa é a Alemanha, mas estão voltando (no meu ponto de vista é claro) aos bons e velhos hábitos de fazerem as crianças brincar, mas brincar brincando! Não brinquedos de brincar e a criança olhar, porque eles observaram que isso estava fazendo falta para os processos de aprendizado das crianças, ainda é o primeiro esboço do trabalho de pesquisa desse grupo de psicopedagogos. Mas o que eu quero dizer com isso, a SBEM já é uma sociedade de tantos anos, eu conheço há trinta anos. O trabalho deles já é mais antigo que isso e se esses jovens professores continuarem olhando para os trabalhos que são feitos, eu vou dizer com carinho, com esmero, como leem todas as informações que vem pela internet, pelo *whatsaap* e outros aplicativos, eles vão continuar dando esse tratamento de rapidez nas atitudes que tomam em sala de aula e educar não é isso, muito menos educar matematicamente. A educação, ela merece reflexão, ela merece diálogo, ela merece que a gente despenda tempo contemplando o objeto, contemplado um trabalho que foi executado.

Eu espero que esse seu trabalho seja sim, submetido à banca, que você tenha sim os louros da aprovação, isso é muito bom eu já passei por isso, da angústia, da dor de barriga, a gente quer matar o orientador depois, e antes também! E todas essas coisas e quanto mais queremos matar, mais ele é exigente e por isso vamos melhorando o nosso trabalho. Hoje eu tenho essa compreensão, mas eu quero também que ele seja publicado depois e eu quero que todos os mais jovens compreendam que todas essas sociedades, elas são criadas não porque as pessoas precisam criar uma sociedade assim como precisam plantar árvores, mas é porque a gente precisa conhecer a visão dos outros sobre aqueles trabalhos que precisam ser coletivos. Desse ponto de vista, o seu trabalho é muito mais útil que o meu. Espero que você tenha muito sucesso com ele, parabéns pela escolha.

Entrevista com: Ivonete Melo de Carvalho.

Local: Residência da depoente, Campo Grande - MS.

Data da entrevista: 26 de outubro de 2014.

5.5 Funções e disfunções da SBEM-MS

Figura 13 - Marilena Bittar



Fonte: Acervo pessoal da Professora Marilena Bittar.

Meu nome é Marilena Bittar, nasci em 16 de outubro de 1961. Sou de Franca - interior de São Paulo. Até chegar aqui no estado de Mato Grosso do Sul, morei em outros estados como Mato Grosso e Acre, depois vim para cá, ainda adolescente.

Aqui fiz minha graduação em Licenciatura Plena em Matemática, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no campus de Campo Grande, na primeira turma deste curso. Fiz o curso de 1981 a 1984, depois fiz Mestrado em Matemática na UnB²¹⁹ de 1985 a 1987, depois o Doutorado em Educação Matemática, em Didática da Matemática, de 1994 a 1998, e o pós-Doutorado de 2001 a 2002, ambos na França.

O início da minha carreira docente universitária se deu em Ouro Preto. Quando eu estava terminando o Mestrado em Brasília, comecei a procurar emprego, prestei concurso na UFOP²²⁰, passei e trabalhava no Departamento de Matemática, depois fui para a UnB e transferi meu serviço para Campo Grande, MS. Mas antes eu tinha dado aula enquanto fazia graduação, ministrei aulas quase três anos no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Supletivo. Atualmente

²¹⁹Universidade de Brasília.

²²⁰ Universidade Federal de Ouro Preto.

eu trabalho na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Campo Grande, atuando no Instituto de Matemática e estou coordenando o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.

Quando eu vim para Campo Grande, em março de 1991, a minha área (digamos assim) era a Matemática Pura, porque eu fiz meu Mestrado neste campo. Como professora da UnB também fui para essa área, já que estava estudando isso. Mas quando eu cheguei à Mato Grosso do Sul, para trabalhar no Departamento de Matemática, começaram a surgir não é nem oportunidades, eu diria necessidades. Eu sempre atuei em Curso de Licenciatura e também em outros cursos como Engenharia e Computação, mas sempre com disciplinas de Cálculo e Análise, só Matemática, na época eu não dava aula de Prática de Ensino.

A Secretaria de Educação começou a pedir para fazer alguma ação ou curso, e como a gente sabia um pouco de Matemática, fazia. Tinha alguns professores do Departamento que trabalhavam na área de formação de professores, como o Professor José Luiz²²¹ e havia algumas coisas que eram necessárias, o pessoal chamava, precisava. Não tinha formação específica em Educação Matemática, a primeira ação mais institucionalizada que fiz foi um curso de especialização, oferecido (eu não me lembro exatamente), mas acho que tinha alguma parceria com a UCDB²²² (então FUCMAT²²³). Eu fui trabalhar nesse curso, eu e o José Luiz dávamos aula, e foi logo no iníciozinho e lá eu trabalhava um pouco com a Educação Matemática, mas era do senso comum, discutíamos metodologias, mas sem nenhum respaldo teórico, era mais prático mesmo.

Comecei a fazer um pouco dessas ações, trabalhar nesse curso de especialização e algumas outras coisas e eu acho que, naquela época, era um pouco aquele ditado “*Em terra de cego quem tem um olho é rei*”, era mais ou menos assim. A gente estava aqui, sabia um pouco de Matemática e tinha certa “sensibilidade”, digamos assim, para as questões da educação. Por exemplo, a gente estava preocupado em ver alguns resultados melhores. Paralelo a isso, eu tinha uma formação política muito forte. Participei da fundação do PT²²⁴ aqui no estado em 1979-

²²¹ José Luiz Magalhães de Freitas. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²²² Universidade Católica Dom Bosco.

²²³ Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso.

²²⁴ Partido dos Trabalhadores.

1980, e acho que isso, de certa forma, me sensibilizou para a questão da educação, diferente também de alguns que não se sensibilizaram.

Comecei a trabalhar com essas atividades, digamos mais instintivas com Educação Matemática e foi quando eu resolvi sair para fazer o Doutorado. Essa é uma parte importante para entender minha participação na SBEM, porque até então eu não tinha ligação. Quando eu comecei a trabalhar com educação aqui no estado, percebi que se eu fizesse o Doutorado em Matemática eu não teria muito o que fazer aqui em termos de ação, então acabei saindo para o Doutorado em Educação Matemática na França. Quando voltei, a SBEM (que tinha sido bastante movimentada no início) estava parada, mais ou menos desativada, desmobilizada. O Professor José Luiz participava de algumas reuniões do Conselho Nacional²²⁵ (porque tinha algumas reuniões presenciais naquela época) para não perder a representatividade da Regional. Nesse ínterim, eu já conhecia a Professora Tânia²²⁶ (que era a diretora na época) e começamos a articulação. Então foi assim que conheci a Sociedade e foi mais pela Tânia convidando-me pessoalmente para liderar uma chapa da SBEM-MS. Então a SBEM Nacional na verdade, estava tentando reorganizar a SBEM Regional, que é um dos papéis da Diretoria Nacional. Foi assim que eu acabei aceitando; comecei a participar das reuniões e aí fizemos a primeira chapa, de 2001 a 2004 (de três anos). E naquela época, o nosso objetivo principal era reorganizar a SBEM-MS e fazer o oferecimento de cursos, porque sempre foi o nosso desejo de trabalhar com eventos, oferecer cursos para professores e fazer os seminários que sempre tiveram que é o ESEM (Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática). Era basicamente isso.

Nós tínhamos alguns objetivos da chapa elencados, mas o principal era a mobilização dos sócios, que na realidade é um problema que a SBEM tem ainda hoje. A gente tinha sócios no papel, mas não de verdade, ou seja, os sócios não pagavam. No primeiro evento que a diretoria organizou, mandamos os *folders* para todos os sócios que nós tínhamos o endereço, porque a SBEM mantém esse arquivo. Eles me deram esse arquivo e mandei para todos os sócios e a maioria absoluta das correspondências voltaram! Então, um dos primeiros e principais objetivos era revitalizar a SBEM-MS, no sentido de reestruturar os sócios, reconquistá-los e conquistar novos sócios e, também, continuar o Encontro Estadual (ESEM)

²²⁵ Conselho Nacional Deliberativo (CND) da SBEM Nacional.

²²⁶ Tânia Maria Mendonça Campos, presidente da SBEM Nacional no período de 1998 a 2001.

que a gente tinha. Era mais basicamente isso e ajudar a formação continuada aqui. Esses seriam os principais objetivos que a gente tinha.

Uma sociedade que discute Educação Matemática do ponto de vista de buscar uma melhor educação para os cidadãos é fundamental e essa seria, para mim, a relevância da SBEM no país e também aqui em Mato Grosso do Sul. Eu acho que cada sociedade tem que ter seu foco, seu objetivo. E o foco, o objetivo principal da SBEM (em minha opinião) é esse: uma melhor Educação Matemática para seus cidadãos sendo eles crianças, jovens e adultos. Essa seria, para mim, a vocação da SBEM. É claro que para atingir isso há várias questões e uma delas é o desenvolvimento de pesquisa, porque as coisas não andam separadas. Tem que haver pesquisas e uma coisa que eu sempre defendi é que o foco da SBEM não é a pesquisa (em minha opinião), há controvérsias e você provavelmente vai ouvir ou ouviu outras pessoas que falam de outra forma, ou que equilibram as duas coisas. Eu acho que elas são equilibradas, mas se eu tiver que dizer qual é o foco? O foco é que todo cidadão tenha acesso à Matemática e, para isso, você desenvolve pesquisas. As pesquisas têm que andar de par com a prática, em função da prática, em minha opinião. E aí pensando na vocação da SBEM, se eu pegar um estado como Mato Grosso do Sul em que estamos longe dos grandes centros, que é um estado grande, os professores e os alunos são carentes de tudo. Enfim, para mim a principal outra função da SBEM é estar perto dos professores. E é aí que está a dificuldade, porque nosso estado é grande e estar perto seria oferecer trabalhos em conjunto, grupos de estudo com professores, ir às escolas, fazer ações com os alunos, com os professores. Desde que comecei a participar da SBEM (seja a regional, por três gestões sendo uma *pró-tempore*, seja na nacional, por três anos) as discussões são no sentido de a gente ter publicações para professores, ter material palatável para professor, quer dizer eu penso sempre assim: o professor que está em sala de aula e vai dar aula de manhã e à tarde, vai me dar um problema que é o de trabalhar com aqueles alunos que estão estudando e com muita dificuldade, barulho, bagunça, violência e um monte de outras coisas. Então ele quer saber isso: o menino não sabe, não consegue entender tal coisa, bom e aí? Como é que a gente trabalha isso? O que vai fazer? Quais são as opções? Eu não estou desmerecendo a questão da pesquisa pelo professor, de forma alguma, mas eu quero dizer

que o mais importante não é ele estudar Brousseau²²⁷, às vezes ele não quer discutir o autor ou sua teoria (para citar um campo em que eu trabalho). Claro que, em conversa com esses professores, isso vai estar por trás já que são as minhas concepções de educação. Acho que a função da SBEM a vocação dela seria essa, que é difícil. Aqui em Mato Grosso do Sul, por exemplo, como atingir esses professores? Se você pegar a cidade de Cassilândia, por exemplo, que está a quatrocentos quilômetros de Campo Grande, como fazer ações com os professores lá? A gente consegue fazer, às vezes, fazer um evento de três dias, mas o ideal seria que a SBEM estivesse mais perto, então o desafio da SBEM seria pensar como estar perto desses professores, mesmo sem estar perto. Eu acho que esse é o nosso desafio, talvez aproveitar a tecnologia e fazer isso, talvez a produção de material, fazer uma parceria com cursos de pós-graduação, enfim. O nosso grande desafio é esse!

Uma coisa que a gente tinha bastante problema, olhando os membros que compunham a primeira chapa (que foi de 2001 a 2004) e lembrando-me um pouco do que acontecia, a gente, às vezes, tinha que formar a chapa e não tinha quase ninguém que quisesse participar. Então formávamos a chapa, por exemplo, na primeira diretoria que eu participei, buscamos parcerias com outras universidades de modo que não fosse só da federal, o que gerou outra dificuldade em fazer essas parcerias com pessoas que são do interior do estado, porque não conseguíamos nos reunir. Então fizemos nossa primeira chapa, comigo de diretora, a Ivanilde²²⁸ de vice-diretora, o Professor Luiz Carlos Pais²²⁹ de secretário, a Heloísa²³⁰ (que também é do Departamento) de segunda secretária, o Professor Antônio Sales²³¹ de tesoureiro. Lembrando quem trabalhava, de fato, que podia estar o tempo todo a disposição da SBEM-MS, que não podia faltar nas reuniões e atividades, pessoas chaves que sabia que podia contar era eu (que era diretora), o Professor Luiz Carlos Pais (que fazia as atas), o Professor Antônio Sales (que sempre foi um excelente tesoureiro e estava sempre me ajudando muito) e na comissão eleitoral, o José Luiz Magalhães de Freitas que acabava também ajudando na parte da edição, porque nós

²²⁷ Guy Brousseau.

²²⁸ Ivanilde Herrero Fernandes Saad. Professora na Universidade Católica Dom Bosco.

²²⁹ Luiz Carlos Pais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²³⁰ Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²³¹ Antônio Sales. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

não conseguíamos e os outros membros não apareciam. Esse sempre foi um problema nosso, um desafio da chapa na SBEM-MS, acabava se reduzindo a quem: eu, o Professor José Luiz, o Professor Luiz Carlos Pais, o Professor Sales. Depois o Luiz Carlos Pais foi para outro Departamento e ficamos eu e o José Luiz, a gente angariava alguns colegas mais próximos ou algum aluno de pós-graduação para ajudar a fazer o evento ou alguma oficina, porque a gente nunca deixou de fazer o ESEM²³², sempre fizemos, mas a duras penas.

Quando eu olho para a diretoria de 2004 a 2007, é a mesma coisa, por exemplo, a gente trabalhou com a Professora Vera²³³, da UNIGRAN²³⁴, mas acabou tendo o mesmo problema, não conseguíamos nos encontrar, não conseguíamos conversar. Então quem ficava: eu na diretoria, o Professor José Luiz era o primeiro secretário, o tesoureiro era o Sales, então quem trabalhava mais, era a gente. Por exemplo, hoje tem gente que eu olho aqui que não vem mais, não é nem da SBEM, gente que eu nunca mais vi. Então na verdade eu acho que a gente tem um problema de comprometimento, não estou querendo acusar essas pessoas de forma alguma, estou dizendo do envolvimento mesmo. Talvez no meu caso seja mais fácil, porque estou na Educação Matemática, na pós-graduação, não sei se é isso, mas aqui nós temos boas pessoas que são professores, que estão atuando, mas que não são nem sócios. Então ficou complicado, tanto que em 2008 quando foi feita a nova chapa que finalmente eu sairia, fizemos o nosso evento e, logo depois, ocorreu aquela tragédia²³⁵ em que faleceram três pessoas que eram da nova chapa (da diretoria eleita), que não chegaram a conseguir registrar a ata (se não me engano). E aí não tinha como funcionar, a SBEM volta a ficar desativada, até que a SBEM Nacional fez uma reunião da Diretoria Nacional Executiva para discutir a situação de Mato Grosso do Sul, após a tragédia, e colocaram-me novamente como diretora *pró-tempore*, porque me lembro de que, na época, eu achava que não poderia, porque eu já tinha ficado dois mandatos, mas eles consultaram as leis e como eu tinha ficado dois mandatos e saí porque teve uma eleição, então isso não configurava um terceiro mandato, eu era só *pró-tempore*, mas isso caracteriza o fato

²³² Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática.

²³³ Vera Fátima Corsino de Almeida. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados.

²³⁴ Centro Universitário da Grande Dourados.

²³⁵ Grave acidente de trânsito ocorrido no dia 7 de março de 2008, entre as cidades de Campo Grande e Dourados no estado de Mato Grosso do Sul, em que faleceram quatro educadores matemáticos: Chateaubriand Nunes Amâncio, Ivonélia Crescêncio da Purificação, Renato Gomes Nogueira e Ronaldo Marcos Martins.

de faltar gente no estado que pegasse tudo e mesmo assim a gente ainda organizou um evento, mas com muita dificuldade.

Sobre as propostas e atividades, no tempo da minha gestão, o que mais nós conseguimos fazer foi o Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática, com a periodicidade normal, prevista no estatuto, nunca deixamos de fazer. Foi o que mais foi feito, de fato, e reorganizar a parte burocrática, porque quando mudou o CNPJ²³⁶, ficava uma confusão, a SBEM sempre esbarrou nesse problema. Tínhamos que refazer, arrumar a conta, enfim, com muito custo conseguimos organizar essa parte, mas parece que depois (nos últimos anos) teve uma nova mudança na lei e parece que tiveram novamente esse problema. Então eram mais os eventos e também conseguimos fazer o boletim! No boletim nós fazíamos o editorial, escrevíamos, falávamos o que ia ter de evento, mais para comunicar e enviar. Dobrava, punha como sendo da UFMS, ia como carta da UFMS e enviava, e era isso o que a gente tentava fazer! A gente não tinha perna para fazer mais que isso, já era um meio interessante, mas a maioria voltava. Falta de interesse. Por exemplo, olhando essa lista de associados, depois vai ter um arquivo de sócios, vai ter ano que tem um monte de gente que pagou, vai ter ano que não tem ninguém. Você vai olhar quem pagou, você vai encontrar dez, seis. E agora é uma discussão sobre fazer um boletim online. Só que o boletim online, aliás, eu sempre discuti isso, é complicado já que as pessoas não têm acesso! Então fazer uma ação que seja exclusivamente online é complicado. Conseguimos fazer também algumas oficinas, por exemplo, fomos a Dourados²³⁷ e fizemos um evento local em parceria com a Professora Vera da UNIGRAN, algumas coisas pontuais, não foram assim tão importantes, digamos. Nossas pernas eram curtas, já que, no fundo, a gente acabava ficando em três pessoas na diretoria dos dois mandatos. O pessoal de Dourados, inclusive, queria criar um núcleo, porque a SBEM tem essa possibilidade de ter a diretoria regional e depois os núcleos (agora eu não me lembro se chamava núcleo), que são pequenos grupos que representam a SBEM dentro do estado, por exemplo, se não me engano no Rio de Janeiro tem, mas tem que ser uma entidade bem formada, fortalecida, em uma região que demonstra força. Eu lembro de que na época o pessoal de Dourados queria criar

²³⁶ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

²³⁷ Distante 226, 9 km da capital Campo Grande - MS.

um núcleo da SBEM na cidade, isso foi na época de 2004 a 2007. Estava lá o Renato²³⁸ e conversei com ele falando que não tinha como, nós não tínhamos gente para fazer e a Regional não estava fortalecida suficiente para ter uma subseção, então acabei convidando e consegui trazer eles para a Diretoria Regional, mas infelizmente depois aconteceu o acidente. O que mais a gente conseguiu fazer, a duras penas, foi não deixar a SBEM morrer aqui e trazer algumas pessoas a mais para cá, por meio desses eventos e dessas ações que fazíamos.

Para conseguir divulgar as ações da SBEM-MS utilizamos mais os boletins que nós fazíamos, só que a maioria voltava. Também eram divulgadas, no site da SBEM Nacional, as ações que estávamos fazendo, porque naquela época o site da Nacional tinha bem menos coisas que agora. Tanto que a SBEM-MS, apesar de estar aos trancos e barrancos, em termos nacionais era bem vista, porque não deixávamos ela morrer, tiveram outras Regionais que acabaram, porque não conseguiam fazer nada e nós, a duras penas, fazíamos uma oficina, uma ação pequena, no sentido de uma participação em um evento. Se tivesse um evento em Dourados ou Paranaíba²³⁹, por exemplo, nós participávamos. Teve um momento em que nós fizemos oficinas aqui em Campo Grande (se eu não me engano foi na segunda gestão) tentando copiar um pouco da SBEM do Distrito Federal: eles têm um trabalho muito forte com oficinas, se não me engano, mensais e já virou cultural, os professores sabem, entram em contato com a SBEM-DF e tem lá o calendário (desde o início do ano), já é uma coisa bem estruturada. Eu tentei fazer isso, mas acabou que fizemos algumas e não conseguimos mais, porque não tinha gente para fazer, pegávamos alunos para ministrar essas oficinas. Fazíamos a divulgação da SBEM assim e no próprio ESEM, que contava com uma boa participação dos professores de Mato Grosso do Sul, em torno de trezentas pessoas sempre.

A relação da SBEM-MS com o Professor do Ensino Básico é total, porque a SBEM-MS desenvolvia, diferentemente da SBEM Nacional, ações voltadas para o professor, por exemplo, o SIPEM²⁴⁰ que é um evento de pesquisa promovido pela Nacional voltado para a academia. Éramos, basicamente, como fonte de ensino, então a gente trabalhava e as nossas ações eram para os professores, e agora me lembrei de que quando começaram a discutir as Diretrizes

²³⁸ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

²³⁹ Distante 407 km da capital Campo Grande - MS.

²⁴⁰ Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática.

Curriculares para as Licenciaturas em Matemática (que foi no primeiro período, em 2004), nós participamos ativamente dessa discussão. Teve um evento promovido pela SBEM Nacional, em que participei de uma mesa redonda devido à minha atuação aqui, representando a SBEM-MS e, em Campo Grande, nós fizemos várias reuniões, como os Fóruns de Licenciatura para discutir isso. Então a SBEM Nacional promoveu, na época, os Fóruns de Licenciatura, o primeiro e o segundo Fórum Nacional (neste segundo, quem participou foi o José Luiz). Essa ação dos fóruns foi para o professor do Ensino Superior, mas sem ser essa ação, trabalhávamos sempre com o professor da Educação Básica, por exemplo, o ESEM (que já faz tempo que não tem, aliás) sempre foi para o professor ou alunos da graduação, mas nunca teve um espaço para pesquisa, porque ele não era diretamente focado nisso. Então tinha, por exemplo, apresentações, as pessoas falavam, mas era mais como relato de experiência, então o foco do ESEM sempre foi a educação, no sentido de incluir prioritariamente a Educação Básica e os alunos da Licenciatura que queriam participar. Assim, a relação da SBEM-MS com a Educação Básica era fortíssima nesse sentido, mas também era fraca, porque a gente conseguiu fazer pouca coisa mesmo tendo esse setor como foco. Tirando os fóruns que foi uma ação bem legal que fizemos, vieram professores de outras instituições como da UEMS²⁴¹, a Professora Irene²⁴², por exemplo, eu lembro que ela veio participar, os professores de Dourados, os professores da UFMS dos diversos campi que têm, enfim, veio gente de outros locais. Olhando para o Relatório do Fórum das Licenciaturas de 2003, eu me lembro que nós fizemos as discussões nesse período, eu saí para o *pós-doc* como diretora e, da França, fazia as atividades da SBEM. E as discussões que nós tivemos no Fórum foram riquíssimas! Nós fizemos um estudo muito bom sobre as Diretrizes.

Houve um primeiro período de desativação entre 1999 e 2001. Nesse período de 1996 a 1998, eu não consigo te dizer direito, porque eu não estava aqui (estava no Doutorado) e quando eu voltei (no final de 1998) já era essa chapa aqui da Ivonete²⁴³. Sabe, eu olho bem para essa composição da chapa e são pessoas que realmente (fora o Professor José Luiz Magalhães) não são tão comprometidas com a educação. Lembro-me que durante o Doutorado, se não me

²⁴¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

²⁴² Irene Coelho Araújo. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Cassilândia.

²⁴³ Ivonete Melo de Carvalho. Professora da Universidade Anhanguera UNIDERP.

engano em 1997, que foi quando eu conheci a Professora Tânia Campos na França, ela conversou comigo sobre a SBEM, porque ela estava parada, os professores José Luiz e Luiz Carlos Pais que trabalhavam desde o início, estavam meio parados por conta de outros trabalhos. Enfim, lá ela me falou isso e foi quando eu, na verdade, praticamente descobri que a SBEM existia. Nós conversamos e ela falou que quando eu voltasse, era para eu tentar ver alguma coisa. Cheguei no período de desativação, porque não tinha gente para trabalhar. A própria gestão anterior, da Ivonete, não funcionou, eles não fizeram ações, tanto que a Tânia me falou isso.

Quando eu voltei, fomos conversar com o José Luiz e com a Tânia, sobre a SBEM-MS. Foi quando então a SBEM Nacional chamou para a eleição (pois, normalmente, quem chama para a eleição para ter uma nova chapa é a Diretoria que está em vigor, mas como ela estava desativada, foi a Nacional quem assumiu essa ação) e nós fizemos nossa participação. Então nesse período que eu já estava aqui, comecei a participar das reuniões do Conselho Nacional, para ver o que estava acontecendo, mas era mesmo para ficar inteirada, porque nem tinha diretor aqui. Nesse segundo período em que ela ficou desativada, de 2008 a 2009, assumi como *pró-tempore* por conta da morte de três membros da SBEM, mas não conseguimos fazer muita coisa, pois já estávamos com o Mestrado em Educação Matemática, do qual alguns desses membros também faziam parte, assim, além das atividades que já tínhamos, tivemos que assumir também suas orientações e acabamos nos sobrecarregando. Então, nesse período, não tínhamos pernas para fazer nada, o que nós fizemos foi manter a SBEM não morta, então participávamos das reuniões, repassávamos boletins, essas coisas.

Eu acho que a principal questão interna que afetava a SBEM-MS é o fato de você não ter uma equipe que trabalha, pessoas que de fato vistam a camisa e façam, essa é a principal questão. Já as questões externas que influenciam eu acho que são várias, porque você tem a questão de não ter um suporte, por exemplo, uma secretaria. O professor que fica sócio quer um respaldo, quer telefonar, quer saber o que está acontecendo e alguém tem que atender, então você não tem isso. Não tem (aliás, esse é um problema que a Nacional atravessou e muito) pessoas para ajudar, uma instituição que encampe (a UFMS, por exemplo). E uma coisa muito séria (em minha opinião) é o fato de que infelizmente as Secretarias de Educação não compreendem, não valorizam, a participação dos professores em ações que promovemos. Por

exemplo, quando nós fazíamos um seminário, uma oficina ou alguma outra coisa e tentávamos fazer parceria com a Secretaria era muito difícil, não conseguíamos apoio. Teve evento, por exemplo, que cedemos trinta vagas para a Secretaria (que iria pagar trinta inscrições), os trinta professores se inscreveram, vieram e esse dinheiro não chegou! São fatores que pesam. O professor para vir, por exemplo, não consegue uma dispensa da sua escola e quando vem, ele tem que pagar alguém para ficar no seu lugar. Então, como é que o professor consegue participar de uma ação da Sociedade? Considero estes, fatores externos fortíssimos que é a não valorização desse tipo de ação. Temos essa carta que escrevemos para a Secretaria de Educação, mostrando nossa indignação por ela não ter nos chamado para conversar. Bom, se for ter alguma ação que tem um edital, alguma coisa pública, nós vamos atrás, mas às vezes tem coisas que acontecem e não sabemos, não participamos! Mesmo agora, depois que criou o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, muitas vezes não acontece. Por exemplo, a Secretaria de Educação vai fazer alguma ação relacionada a professores, à formação de professores de Matemática ou alguma coisa assim, existe uma Sociedade Brasileira de Educação Matemática Regional-MS, existe um Programa de Pós-Graduação que pode, e deve, trabalhar junto com eles. Então seria natural ter uma conversa, mas isso não acontece. Por isso nós escrevemos aquela carta.

Com relação aos recursos que eram disponibilizados pela SBEM Nacional, na verdade, nesse período da minha gestão, nunca usamos. Tanto que agora quando a nova diretoria assumiu tinha o dinheiro todo em caixa. Nós, praticamente, nunca usamos, porque no início (de 2001 a 2004) a gente não conseguia legalizar a SBEM, então não conseguíamos nem mexer no dinheiro. O Professor Sales ficou muito tempo até conseguir arrumar, organizar tudo. E depois, como as nossas ações eram basicamente fazer os eventos, sempre conseguimos que ele fosse pago com as próprias inscrições. Teve uma vez que a SBM²⁴⁴ pagou gente para vir participar. Os boletins eu conseguia fazer como se fosse aqui da instituição, nós fazíamos, escrevíamos, organizávamos e mandávamos por aqui. Então era tudo muito artesanal e nos recursos nem conseguíamos mexer. Você poderia dizer: - Por que não usou esse recurso, por exemplo, para

²⁴⁴Sociedade Brasileira de Matemática.

ter uma secretaria? Mas para você ter uma secretaria, um secretário, você tem que ter de fato, tem que ter certeza que vai entrar recurso sempre, então a gente não conseguia.

O que a Regional financiava para os sócios é o que, de maneira geral, todas fazem, ou seja, preços mais baratos para participar de algum evento fora ou aqui. Era basicamente isso, não tinha outra coisa, porque não tínhamos recursos, não conseguíamos mexer no dinheiro. E na verdade, se você for procurar (devo ter nos meus arquivos) nós tínhamos, por exemplo, uma lista de “n” sócios, só que pagantes eram poucos, eram vinte. Quando eu ia para alguma reunião de congresso da SBEM (em que tem que ir o Diretor de cada Regional), ela financiava isso, que saía da parcela do repasse da Regional. Naquela época a gente fazia assim, ao invés de tirar da Regional direto, a SBEM Nacional pagava e depois quando ela fosse fazer o repasse para a Regional ela descontava aquele dinheiro. Não me lembro exatamente do valor desse repasse, nem da porcentagem.

Com relação ao desenvolvimento da Educação Matemática aqui no estado de Mato Grosso do Sul, eu acho que não há um incentivo por parte da SBEM Regional com relação ao desenvolvimento de grupos específicos ou ações específicas na área de Educação Matemática. Eu acho que a SBEM não conseguiu fazer isso ainda. Na verdade, eu acho que falta ainda a SBEM discutir qual é o foco e o que fazer? Quais são as principais ações? O que temos é muita coisa para fazer, por exemplo, a formação de grupos que trabalhem em parceria com os professores, uma parceria de fato, coisa que não se consegue. É estranho, porque a gente tem muitas ações com os professores que são nossas como pesquisador. Por exemplo, já trabalhei em escola aos sábados, com os professores, mas como pesquisadora extencionista, não como membro da SBEM.

Eu não vejo alguma relação entre a criação da SBEM Regional e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos aqui no estado. Se eu pensar no grupo de educadores do estado vejo que este se fortaleceu mais, porque nós temos um grupo inicial de pessoas que trabalhavam com a formação. Quando eu cheguei ao Departamento de Matemática, tinha algumas pessoas que faziam ações como os professores Eronídes Bíscola²⁴⁵, José Luiz e Luiz Carlos Pais, que iam ao interior do estado dar cursos de formação continuada, e participaram

²⁴⁵ Eronídes de Jesus Bíscola. Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

da fundação da SBEM. Só que depois disso deu uma desarticulada e o que aconteceu foi que depois que esses professores saíram para o Doutorado e voltaram, esse movimento acabou. Quando voltamos e começamos a trabalhar na Educação Matemática na Pós-Graduação em Educação e depois com a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, isso fortaleceu muito esse movimento e é isso que ainda está fortalecendo. Quer dizer, a SBEM infelizmente ainda não teve impacto (não gosto dessa palavra impacto). É claro que participar de algum evento desperta, mas é complicado, se eu pensar nos educadores matemáticos do estado hoje que têm trabalhado, quando vejo a Educação Matemática no estado evoluindo, eu vejo mais ações, por exemplo, do curso de Licenciatura em Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.

No Departamento de Matemática (atual Instituto de Matemática) da UFMS, há quinze anos, tinha eu e o Professor José Luiz da área da Educação Matemática que atuávamos na Licenciatura e que começávamos a trabalhar nessas novas Diretrizes de 2004 e na mudança dessa estrutura, e criamos um embate muito forte no Departamento, para se atender, pelo menos parcialmente, o que se produzia em termos de Educação Matemática e com isso conseguíamos ter acesso aos alunos por mais tempo, eu acho que isso é que acaba trazendo mais as pessoas para Educação Matemática. Se eu pegar o seu caso, eu acho que é um exemplo, porque você veio mais para Educação Matemática para discutir, para pensar, por conta de ações de professores que você teve contato durante a graduação. Então na época, em 1999, eu criei o GEEMA²⁴⁶ foi o primeiro grupo de estudo de Educação Matemática do estado, o José Luiz participava junto comigo e tinha alguns professores que entraram. Por exemplo, o GEEMA tinha certa influência, porque vejo pessoas que saíram deste grupo e fizeram o Mestrado, o Doutorado e foram criando grupos, a gente já trabalhava na educação e foi articulando até conseguir. Mas eu vejo esse fortalecimento da comunidade de educadores matemáticos mais voltado à Instituição e ao Programa de Pós-Graduação.

O evento que nós fizemos aqui no laboratório, no LAC²⁴⁷, fico até emocionada em lembrar. Os nossos eventos sempre foram muito gostosos, conseguíamos fazer muita coisa, por exemplo, se você olhar para esse evento que fizemos no LAC (eu não me lembro o ano), mas

²⁴⁶ Grupo de Estudos em Educação Matemática.

²⁴⁷ Anfiteatro do Laboratório de Análises Clínicas.

você tem aqui o Anderson²⁴⁸, a Ellen²⁴⁹, que eram alunos da graduação e que depois começaram a trabalhar conosco. Na graduação tinha contato, conseguíamos trazer para o evento e fazer. O Anderson hoje é professor do Instituto Federal, fez Mestrado conosco e está fazendo Doutorado na Educação. Quando nós olhamos, por exemplo, um público desse que enchia o LAC (e lá é grande), aonde foram parar essas pessoas com relação à SBEM? Eu sinto a responsabilidade, o que nós fizemos como entidade? O que a SBEM fez? Porque a gente enchia um anfiteatro desses professores do Departamento que vinham participar dando cursos e oficinas, por exemplo, a Wânia²⁵⁰, o João Carlos²⁵¹, entre outros, mas agora se fazemos um evento quem vai dar oficina, às vezes acaba sendo a gente. É um pouco mais difícil. Atualmente certas coisas parecem que se acirraram e ficaram piores. Nós fazemos uma palestra e trazemos, como agora recentemente, o Professor Pitombeira²⁵² que é um grande matemático para fazer uma fala, mas parece que tem uma cisão grande. Então tem coisas que a gente olha que parece não ter muito a ver com sua pergunta, por exemplo, a SBM, neste evento, pagou a vinda do João Lucas²⁵³. Então, tem algumas pessoas que continuam. A Maria²⁵⁴, a Bárbara²⁵⁵ (da UFMS em Corumbá) que participava dos eventos e só também, depois não voltou mais. -Aonde ela está? O que ela está fazendo com relação à Educação Matemática, a gente não sabe agora.

O José Luiz, Luiz Carlos e a Iraci²⁵⁶ são pessoas que sempre estiveram presentes e se você for fazer um estudo histórico vai ver que tem pessoas que estão em quase tudo, desde que entraram no movimento.

²⁴⁸ Anderson Martins Corrêa. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul.

²⁴⁹ Ellen Fedrigo. Professora de Matemática da Tutores Educação Multidisciplinar, Ensino Fundamental e Médio, Professora da Faculdade Campo Grande (FCG) e Professora de Matemática - Concursos da Sala do Futuro - Acompanhamento Escolar.

²⁵⁰ Wânia Cristina de Lucca. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁵¹ Sem mais referências.

²⁵² João Bosco Pitombeira de Carvalho. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²⁵³ João Lucas Marques Barbosa. Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará.

²⁵⁴ Maria Massae Sakate. Coordenadora do Grupo de Estudos GEST da Superintendência de Políticas da Educação (SUPED) da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul

²⁵⁵ Bárbara Regina Gonçalves da Silva Barros. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus de Corumbá).

²⁵⁶ Iraci Cazzolato Arnaldi. Professora atuante na Secretaria Municipal de Educação (Campo Grande - MS).

Nessa época, tinha uma turma de graduação, eu e a Professora Maura²⁵⁷ trabalhamos com eles durante dois anos sobre o ensino: fizemos prática de ensino, discutimos tecnologia, como usar tecnologia com os alunos, discutimos essas coisas. Essa é uma turma que a maioria está dando aula, o que é uma coisa meio rara, infelizmente, tem muitos alunos que se formam aqui e não dão aula. Esses alunos participavam dos eventos, porque nós (que éramos seus professores e estávamos organizando) chamávamos. Então nós falávamos: - Vocês vão organizar uma oficina! Mas, por exemplo, se a gente fizer um evento, como SESEMAT²⁵⁸, a gente não consegue mais pegar essas pessoas. Onde estão essas pessoas? Como faríamos para voltar às filiações? Tinha muita gente que, às vezes, depois que começou o programa, achava que a SBEM estava relacionada com o programa de Pós-Graduação, mas não tem relação! Tem relação, mas não é uma relação direta. Uma pessoa vem, pode participar da SBEM, fazer um monte de coisa e não estar no Programa.

Outra dificuldade diz respeito à filiação, os professores vinham para o evento (e isso é algo sobre o qual sempre reclamei na Nacional), faziam a ficha, nós pegávamos o cheque da pessoa, mandava tudo para DNE e o que acontecia? Não se controlava isso. Você pode se associar à SBEM no local (do evento, por exemplo) ou você pode entrar na página da SBEM e se associar direto, mas você é um sócio da Regional. Na maior parte das vezes, a SBEM Nacional não conseguia ter controle sobre quem se associava em um evento, às vezes as pessoas não recebiam correspondência, então tinha um problema muito sério organizacional, de ter um sistema informatizado que conseguisse fazer isso. Muita gente depois nos escrevia, porque não constava como sócio, isso era um problema muito sério! A gente sempre tinha esse problema.

Entrevista com: Marilena Bittar.

²⁵⁷ Maura Cristina Candolo Marques. Professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁵⁸ Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática.

*Local: Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS.*

Data da entrevista: 22 de outubro de 2014.

5.6 SBEM-MS: ações para um (re)começar

Figura 14 - Irio Valdir Kichow



Fonte: Registro da pesquisa.

Meu nome é Irio Valdir Kichow, nasci em 1º de junho de 1967, no estado do Paraná. A minha formação universitária (a graduação) é uma coisa bem pitoresca, porque eu comecei em 1986, na UFMS²⁵⁹, em Campo Grande, mas em 1987 me mudei para Rio Claro (SP) e mudei o curso também. Em Rio Claro-SP tive uma perda de disciplinas, não consegui aproveitar todas, pois a estrutura da UNESP²⁶⁰ era bem diferente (com algumas disciplinas semestrais e outras anuais). Fiquei em Rio Claro e quando faltava um ano para terminar a minha graduação, eu parei (por causa de problemas pessoais) e voltei para o estado de Mato Grosso do Sul. Fiquei

²⁵⁹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁶⁰ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

seis meses em Campo Grande e recebi um convite para trabalhar aqui em Dourados²⁶¹, era 1992. Voltei a fazer a graduação e me formei.

Em 2006 descobri que a UFMS estava implantando um Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado na área de Educação Matemática e como sempre quis continuar meus estudos nessa área, fiz o processo de seleção e entrei na primeira turma do Programa. Minhas aulas tiveram início em 2007 e defendi a minha dissertação em 2009.

Desde meu primeiro ano de faculdade na UFMS, eu já atuava como professor. Na época, havia aqui no estado uma carência muito grande de professores de Matemática e era muito comum o pessoal começar o curso de graduação e já arrumar um emprego como professor em escola. O detalhe é que eu comecei e nunca mais parei. Então, tanto em Campo Grande quanto lá em Rio Claro, eu sempre trabalhei como professor. De 1986 até início de 2010, eu trabalhava exclusivamente com a Educação Básica e eu nunca parei de dar aulas. Esses dias até, eu estava olhando a ficha funcional de contribuição como professor para a previdência e vi que eu tenho 23 anos e meio de professor de Educação Básica. Eu era professor concursado do Colégio Militar²⁶² como professor civil, mas em 2010 fiz o concurso para a UFGD²⁶³, passei e estou aqui até hoje.

Eu conheci a SBEM, na verdade, quando ela começou a nascer, porque eu era aluno do curso de graduação em Campo Grande, quando o Luiz Carlos²⁶⁴ e José Luiz²⁶⁵ começaram a falar sobre isso. Se não me engano, foi no ano que eles foram para uma reunião²⁶⁶ no Paraná, mas não acompanhei a sua criação aqui no estado, porque quando ela foi fundada coincidiu com o período em que eu estava morando fora, no final de 1987 ou início de 1988. Depois, em Rio Claro, pela própria característica do Programa de Mestrado que já existia e era reconhecida em escala nacional, a SBEM tinha uma expressão muito grande.

²⁶¹ Distante 226, 9 km da capital Campo Grande - MS.

²⁶² Colégio Militar de Campo Grande.

²⁶³ Universidade Federal da Grande Dourados.

²⁶⁴ Luiz Carlos Pais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁶⁵ José Luiz Magalhães de Freitas. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁶⁶ I Encontro Nacional de Educação Matemática, no ano de 1988, em Maringá, Paraná.

Quando eu comecei a participar da SBEM, era professor da Educação Básica, mas atuar na direção só ocorreu quando eu vim aqui para a universidade. O principal motivo disso é a questão de tempo. A gente acompanhava as atividades da SBEM, mas enquanto professor da Educação Básica, para que se tenha uma renda financeira que lhe permita sobreviver, você acaba se sobrecarregando de horas/aulas. Nossa média de carga horária enquanto professor da Educação Básica (a minha pelo menos) girava em torno de 40 ou 50 horas por semana. Isso não te dá a chance de participar da SBEM de forma mais colaborativa a não ser nos eventos. Eu fiquei um pouco mais tranquilo em relação ao tempo (se é que dá para se dizer assim), na questão de flexibilidade de tempo, quando eu vim para universidade. Então, na universidade eu realmente comecei a visualizar que eu teria mais tempo para contribuir na SBEM.

Havia uma preocupação (nossa no geral) aqui no estado que era a questão de colocar a SBEM novamente em movimento. Na época nós não tínhamos muitos professores que atuavam na SBEM, se observarmos as diretorias que tivemos na SBEM-MS, ela era formada, predominantemente, por professores que são do Ensino Superior. Eu avalio que é em função da questão de flexibilização de tempo, se comparado com o professor da Educação Básica (da rede municipal ou estadual, até mesmo da rede particular). Nessa época, em 2010, nós tínhamos praticamente os mesmos professores que nós tínhamos em 2008 e era um contingente muito pequeno, acho que foi em 2010/2011 que começam a chegar novos professores, principalmente no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática em Campo Grande e isso acaba trazendo mais pessoas para atuar nessa questão da organização e coordenação da SBEM no estado.

A nossa experiência na SBEM foi desafiadora. Nós tínhamos uma composição de nomes para tocar esse projeto que considerava primeiro o Marcelo²⁶⁷ (da UEMS²⁶⁸) que seria o presidente, pois era ele na verdade quem tomou à frente desse movimento de retomada da SBEM no estado. Eu, que estava chegando aqui na UFGD enquanto professor, a Professora Lia

²⁶⁷ Marcelo Salles Batarce. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Visiting Fellow at London South Bank University.

²⁶⁸ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

(Maria Aparecida²⁶⁹), a Professora Vanilda²⁷⁰ de Ponta Porã²⁷¹, o Professor Sales²⁷² da UEMS de Nova Andradina²⁷³ e o Professor Márcio²⁷⁴ da UFMS, nos disponibilizamos para participar da diretoria com a ideia de retomar. Havia um grupo, tanto de alunos quanto os professores, do Programa de Mestrado da UFMS de Campo Grande que incentivava bastante essa questão e o Marcelo começou a articular isso. Nós apresentamos a proposta que era, em síntese, retomar as atividades da SBEM que estavam paradas em função do ocorrido em 2008 com a diretoria eleita. Então começamos a articular o grupo e quando nós fomos inscrever a chapa, eu não sei o que aconteceu, mas o Marcelo declinou da presidência, não queria assumir a diretoria da SBEM-MS. Ele alegou alguns motivos que, na época, não me dei conta, mas disse que tinha um problema no cadastro que estava ainda no Acre. Ele acabou ficando na diretoria trabalhando no Conselho Editorial e eu fiquei na direção. A direção ficou composta por mim, Márcio, Sales (que estava mais a dianteira das atividades), depois tinha a Lia, a Vanilda e outras pessoas que acabaram não se envolvendo tanto, porque essa diretoria tinha uma peculiaridade que era assim: cada membro era de um determinado município. Isso foi ruim para a diretoria, porque a gente não conseguia fazer reuniões para agrupar todo mundo, era sempre parcial.

Uma das coisas que nós tínhamos proposto na chapa era a questão de começar novamente e colocar a SBEM-MS em movimento. Nós tivemos um trabalho muito grande em relação aos aspectos legais da SBEM, porque quando foi feito o registro da ata no cartório, havia um espaço de tempo, entre uma diretoria e outra, de dois anos, pois a diretoria de 2008 não assumiu legalmente. Então a diretoria que finalizou em 2007 não conseguia justificar a passagem para a de 2008, porque as pessoas que compunham a chapa haviam falecido e a de 2008 para a de 2010, muito menos ainda. Então nós tivemos um trabalho que envolveu o uso de assessoria jurídica, em que o Professor Sales tomou a frente. Ele tinha uma pessoa da família (não sei se é filha ou sobrinha) que fez todo esse procedimento legal e fez isso em forma de

²⁶⁹Maria Aparecida Mendes de Oliveira. Professora do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Faculdade Intercultural Indígena- FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados.

²⁷⁰Vanilda Alves da Silva. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Ponta Porã).

²⁷¹ Distante 342,7 km da capital Campo Grande - MS.

²⁷²Antônio Sales. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

²⁷³ Distante 296,8 km da capital Campo Grande - MS.

²⁷⁴Márcio Antônio da Silva. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

doação, porque o pouco dos recursos que eram repassados para a SBEM-MS, ia direto para a conta corrente (que ficava no Banco do Brasil) e ela não podia ser movimentada, porque a diretoria estava com essa documentação irregular. Então, nós levamos acho que um ano ou um ano e pouquinho para conseguir arrumar e movimentar novamente essa conta corrente.

Outra ação que foi feita pela SBEM, foi a realização do ESEM²⁷⁵ aqui em Dourados, em que nós tivemos a abertura feita com a presença do professor lá da UNESP, o Vicente Garnica²⁷⁶. O Marcelo conversou com ele, ele veio e até gostou de vir para Dourados, porque depois de 2008, ele não tinha conseguido mais conversar com a Morgana²⁷⁷ (esposa do Ronaldo²⁷⁸ e professora da UFGD) e eles eram muito amigos. Fizemos esse ESEM em 2011, porque estávamos preocupados com o fato de que pelo calendário original o próximo ESEM aconteceria no mesmo ano que o ENEM²⁷⁹, então achamos que não daria bons resultados e seria uma sobrecarga para quem fosse filiado à SBEM, por isso fizemos a opção de antecipar em um ano o evento. Fizemos uma avaliação interna da diretoria e como nosso propósito era reativar a SBEM que estava com problema e conseguimos alcançar esse objetivo e, além disso, tínhamos uma dificuldade logística, a antecipação do evento fez com que encurtássemos o período de trabalho da diretoria que era para ser de três anos, para dois anos e uns meses. No ESEM, fizemos a assembleia e a nova diretora assumiu no início do ano de 2012. Foi feito também o início de um Boletim Informativo *online* e essa tarefa ficou, em princípio, com o Marcelo que se preocupava mais com a questão do Boletim ou da construção do *site*, não se envolvendo muito com as questões mais operacionais da SBEM. O Márcio ficou, também, como um dos protagonistas da produção desse boletim da SBEM-MS.

Nós tínhamos (eu não me lembro agora de cabeça) a preocupação com a questão de aumentar o número de filiações, com propósito de ampliar a inserção da SBEM junto aos professores da Educação Básica, mas sempre acabávamos não conseguindo êxito. Avaliamos que esse era o ponto fraco da nossa SBEM, ou seja, temos basicamente nos quadros da SBEM

²⁷⁵ Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática.

²⁷⁶ Antônio Vicente Marafioti Garnica. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru.

²⁷⁷ Morgana de Fátima Agostini Martins.

²⁷⁸ Ronaldo Marcos Martins. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados (orientando do Professor Antônio Vicente Marafioti Garnica) e um dos professores que faleceram no acidente ocorrido em 2008.

²⁷⁹ Encontro Nacional de Educação Matemática.

aqui no estado e em nível nacional, uma grande maioria de pessoas que trabalham com pesquisas na área de Educação Matemática (mestrandos, doutorandos, professores de universidades), mas o contingente de professores da Educação Básica que são efetivos da SBEM é muito pequeno. Aqui em Dourados mesmo, nós fizemos campanhas junto às escolas, fizemos ações para filiações e percebemos que o quantitativo de filiações foi muito pequeno e uma das coisas que aconteceram foi que alguns professores que nós filiamos, no processo de renovação de filiações, não retomaram. Então nós tínhamos essa preocupação, principalmente em relação ao Boletim que era produzir o material de fácil acesso, que tratasse de temas e assuntos do cotidiano da sala de aula da Educação Básica, visando exatamente chamar esse professor a participar da SBEM. Conseguimos implementar isso e dar o primeiro passo. Se não me falha a memória, acho que foram lançados dois ou três boletins na gestão, com esse foco de levar um pouco da SBEM para o professor de Matemática que atua na Educação Básica. Então, em resumo, eu poderia dizer assim, as nossas ações foram essas: a recomposição das ações da SBEM que estavam paradas, a regularização da documentação (tanto junto ao cartório, banco, contabilidade, quanto junto à SBEM Nacional) e a questão dessa movimentação de tentar levar a SBEM um pouco mais próximo do professor da Educação Básica e a ferramenta que a gente escolheu para isso foi exatamente esse Boletim *online*. À época nós tínhamos uma página da SBEM-MS (se eu não me engano) hospedada num *site*, em um servidor da UEMS, então conseguimos fazer essa publicação e o ESEM em 2011 em que os professores da Educação Básica participaram bastante.

Uma das grandes discussões que nós tínhamos para a questão da SBEM era exatamente criar um fórum de discussão para o ensino de Matemática e para Educação Matemática. Na época estava muito claro nos nossos cursos de formação, no nosso dia a dia em sala de aula, que o grande problema que tínhamos nas escolas é que o ensino da Matemática não estava conseguindo construir uma identidade enquanto área de conhecimento, a Matemática estava como uma disciplina de castigo ou tortura para o aluno. E a gente discutia isso pontualmente nos cursos de graduação, nos espaços do Laboratório de Educação que tem na graduação, nas escolas... A Matemática que nós ensinávamos estava muito distante daquela Matemática que o aluno realmente queria e precisava aprender. Então o nosso pensamento era que faltava um fórum para promover essa discussão: a questão de didática do ensino, a questão dos aspectos

epistemológicos do ensino da Matemática, ou seja, uma série de fatores que nós entendíamos ser necessários abordar e que nós não tínhamos um espaço apropriado para isso. O que existia muito era a identidade da Matemática escolar enquanto conteúdo matemático ficava restrito a isso. Então, a gente sentia essa falta. Tínhamos um ideal de que esse fórum tivesse um espaço muito grande junto ao professor de Educação Básica. Lembro-me muito bem que, no início, a discussão era sempre essa de que se não conseguíssemos ter uma inserção da Educação Básica, com o professor que está ali no processo inicial da Educação Matemática, a gente não conseguiria mudar essa questão da participação deles nesses fóruns e é presunção nossa querer definir alguma coisa sem a participação efetiva do professor. Eu avalio hoje que esse é o propósito que a SBEM, de escala nacional, não conseguiu alcançar, por algum motivo nós não conseguimos fazer essa inserção na Educação Básica. Então nós temos um fórum hoje que é muito forte e é muito consistente do ponto de vista da discussão na academia, mas que na inserção da Educação Básica, ele chega a ser literalmente um desconhecido. Esse é um desafio que nós não conseguimos superar.

Desde a fundação da SBEM, tanto aqui no estado quanto em escala nacional, a gente entendia que a relevância da SBEM era trazer a discussão sobre o ensino da Educação Matemática para a escola básica também, e a gente acabou percebendo, assim, que ela ficou muito restrita ao círculo acadêmico, com pouca inserção dos professores da Educação Básica, pelo menos isso a gente vê aqui no estado. As poucas pessoas da Educação Básica que acabaram tendo inserção na SBEM e atuaram um pouco mais, são pessoas que estiveram presentes na fundação da SBEM, então são (vamos dizer assim) aquelas pessoas mais históricas ou que depois acabaram migrando para o Ensino Superior, mas fora isso a gente não conseguiu ter essa inserção na Educação Básica, eu acho que esse é o grande desafio da SBEM. Isso tem uma série de implicações, porque a gente percebe olhando a definição das ações (pelo menos eu percebo isso um pouco mais claramente), das políticas públicas de Educação, pensando na Educação Matemática que nós não temos, enquanto Sociedade Brasileira de Educação Matemática, uma representatividade para nos colocarmos perante o gestor do sistema de ensino, quer seja municipal, estadual ou federal, para influenciar na construção de currículos ou na questão de discussão de metodologias, nós não conseguimos essa inserção. A SBEM-MS até tentou isso em alguns momentos, nas gestões anteriores a 2008, e não logrou êxito. Então a SBEM, ela tem

uma relevância muito significativa nos círculos acadêmicos, mas no círculo da Educação Básica ela é muito incipiente ainda.

Com relação à divulgação da SBEM-MS, ela foi feita em ações pontuais. Então nós construímos uma página para divulgar isso e como o grupo não era muito numeroso, nós usávamos nosso espaço de atividades de extensão junto às redes de Educação Básica, para divulgar a SBEM. O Sales fazia isso nas ações coordenadas pela UEMS de Nova Andradina, com todos os eventos da área como a Semana de Matemática, cursos de extensão promovidos pelo curso de Matemática e ele tinha um espaço para fazer essa divulgação da SBEM junto aos professores que participavam desses projetos. Aqui em Dourados participamos eu, o Marcelo e a Professora Renata²⁸⁰ (que já estava aqui em Dourados). Nessa época fizemos um projeto de extensão que depois, na segunda edição, foi contemplado pelo ProExt-MEC²⁸¹, com um fomento externo. Nós também fazíamos a mesma coisa, realizávamos mensalmente reuniões com professores das redes e nessas reuniões a gente fazia a divulgação e a campanha de adesão à SBEM.

Nós tivemos uma situação favorável que foi o fato de conseguirmos alinhar esse projeto de extensão em termos de datas de realização, tanto com a Secretaria Municipal de Educação (na época o Professor Walteir²⁸² era o Secretário de Educação), quanto com os professores da rede estadual, por meio de um colegiado de diretores que existe aqui em Dourados. Nós fomos conversar com esse colegiado e colocamos a proposta dos projetos de extensão e os diretores acabaram nos direcionando no sentido de uniformizar um dia na semana, acho que era o dia de hora/atividade, que fosse comum para a disciplina de Matemática em todas as escolas, foi uma quarta-feira. Então na quarta-feira, em todas as escolas de Dourados (tanto municipal quanto estadual), no período da manhã não havia aulas de Matemática, era dia de hora/atividade. Nós pegávamos uma dessas quartas-feiras ao mês, para desenvolver as atividades do projeto de extensão, e nesse processo de desenvolver o projeto de extensão aqui em Dourados, no caso via UFGD e UEMS, também fazíamos a campanha de divulgação da SBEM. Então nós sempre

²⁸⁰Renata Viviane Raffa Rodrigues. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados.

²⁸¹Programa de Extensão Universitária (ProExt) promovido pela Secretaria de Educação, cujo objetivo é apoiar as instituições públicas de Ensino Superior nas atividades desenvolvidas (programas ou projetos de extensão) que colaboram para a implementação de políticas públicas.

²⁸²Walteir Luiz Betoni.

levávamos o material da SBEM para discutir com os professores e, uma vez ou outra, a gente conseguia convidar um professor de outras universidades para vir fazer palestras, para discutir a questão da Educação Matemática. No último ano (isso já tinha encerrado o meu período de direção, mas o projeto continuou), a gente trouxe professores da UFMS de Campo Grande para fazerem palestras, tivemos também professores da UEL²⁸³, como a Professora Lulu Healy²⁸⁴ que veio de São Paulo para falar sobre a Educação Matemática Inclusiva. Então, esse projeto teve duas edições consecutivas e ele acabou sendo o espaço que nós usávamos também para fazer a divulgação da SBEM, junto aos professores da Educação Básica.

Outro público que nós fazemos a divulgação (e isso é um pouco mais constante) é com os alunos de graduação, tanto da UEMS quanto da UFGD. É um desafio, porque alguns alunos mostram interesse nas discussões que a SBEM promove, mas outros não têm esse interesse. E aqui como nós não temos um curso que dê continuidade ao final da graduação (como é o caso de Campo Grande, com o Mestrado e agora o Doutorado) essa adesão dos acadêmicos das licenciaturas para a SBEM também é muito tímida. Alguns alegam questões financeiras, mas a gente percebe que é uma questão mesmo de conscientização, até porque parte desses alunos tem bolsas, então não teria porque não fazer sua filiação e participar da SBEM.

Eu avalio, pessoalmente, duas coisas que afetavam o trabalho desenvolvido pela SBEM-MS: a primeira é a situação de logística, pois nós tivemos uma diretoria com poucas pessoas que haviam se disponibilizado, na época, vamos dizer assim, de corpo e alma a entrar nesta tarefa que era o Marcelo, o Sales, o Márcio, eu e a Lia. E nós tínhamos outros nomes, como a Vanilda, por exemplo, que também se dispuseram a colaborar, mas que não tinham tanta disponibilidade de tempo. Desses nomes que efetivamente trabalharam, nós tínhamos um problema devido a cada membro estar em um município diferente: o Sales em Nova Andradina, o Márcio em Campo Grande, aqui em Dourados estávamos eu, a Lia e o Marcelo e a Vanilda em Ponta Porã. Então, em um primeiro ponto de vista, podemos dizer que o pessoal de Dourados era privilegiado, porque estávamos em três, mas o que aconteceu foi que a Lia foi convidada a assumir a Coordenação Municipal da FUNAI²⁸⁵ e, com isso, acabou afastando-se

²⁸³ Universidade Estadual de Londrina.

²⁸⁴ Siobhan Victoria Healy. Professora do Programa de Pós-Graduação na Universidade Bandeirante de São Paulo.

²⁸⁵ Fundação Nacional do Índio.

da SBEM, porque foi absorvida quase que integralmente para fazer esse trabalho (que era de sua área, já que trabalha com a Licenciatura Intercultural Indígena). Esse fato deixou aqui em Dourados, só eu e o Marcelo, então quando nós precisávamos nos reunir, acabávamos nos reunindo em Campo Grande. Então esse foi um primeiro motivo.

Eu entrei aqui na UFGD em maio de 2010 e no final do ano, eu acabei assumindo a coordenação do curso de Matemática. Quando começou o período de gestão da diretoria, eu também estava como coordenador do curso de Matemática, então isso me trouxe certa sobrecarga. E tive um desgaste maior ainda, porque o perfil dos docentes do curso de Matemática da UFGD é de pessoas que têm uma oposição muito grande à SBEM, então eu acabei tendo sérios problemas internos dentro do curso, porque até aquele momento, eu era o único na área de Educação dentro da UFGD e com isso percebi boicotes em todos os sentidos, tanto ao meu trabalho como coordenador quanto ao meu trabalho quanto professor. Então, esse foi um segundo grande motivo de dificuldade (pelo menos esse foi pessoal, foi para mim). Tanto é que quando aconteceu o ESEM aqui, eu tive uma situação extremamente constrangedora (eu acho que é a primeira vez que eu falo isso publicamente): nós tínhamos marcado o ESEM e eu havia, mais ou menos, conversado com os professores que, nesse período do ESEM, não teria as aulas do curso de graduação para que os alunos pudessem participar. Como o evento começava suas atividades, com a palestra do Vicente Garnica, à noite, então no período da manhã desse mesmo dia, eu tinha aula em uma turma e a Professora Renata em outra, nós decidimos juntar essas turmas para fazer uma discussão sobre o curso (que forneceu subsídio até para o trabalho do Núcleo Docente Estruturante do curso), para motivar os alunos a participarem do ESEM. Entretanto nós fizemos a reunião, mas os outros professores não desmarcaram suas aulas, marcando, inclusive, atividades avaliativas. Com isso a gente não conseguiu levar, literalmente, quase nenhum aluno do curso para participar do ESEM e isso para mim foi uma coisa extremamente desgastante, porque eu estava como coordenador do curso e também era diretor da SBEM e eu não consegui levar os alunos para participar do evento. Internamente à universidade isso trouxe um desgaste muito grande pela indisposição que tive.

A grande maioria de docentes do curso de graduação em Matemática não é de pessoas que pensam o curso enquanto formação de professores. Nós temos um grupo com três

professores na área de educação: eu, a Renata que entrou no concurso de 2011 (no ano que aconteceu o ESEM) e a Professora Cintia²⁸⁶ que entrou no concurso desse ano (2014). Eu acho que fica muito clara a diferença entre o ensino da Matemática e Educação Matemática, porque eles são partidários à questão do ensino, ou seja, eu preciso preocupar-me com o conteúdo de Matemática que eu vou ensinar, não preciso ficar discutindo a questão metodológica e epistemológica que permeia a Matemática. Precisava que a formação desse contingente de professores que a gente chama de “área dura” (o pessoal que fez pós-graduação no IMPA²⁸⁷ e em outros programas de Matemática Pura) e que não tem uma identidade com a Educação Matemática, promovesse pelo menos um diálogo com os professores da área de Educação, mas nem isso é possível e, conseqüentemente, não conseguimos avançar, talvez por isso que nós tenhamos (desde 1986/1987 quando é fundada a SBEM até hoje) essa pouca inserção na Educação Básica, porque não conseguimos criar uma unidade, no sentido de ir para escola básica discutir educação. Isso é uma pena, no Brasil, a gente ter esse confronto: de um lado o pessoal que se diz da Matemática Pura e do outro o pessoal da Educação. Há um confronto até no sentido de boicote e com isso o sistema todo perde. Então, eu acho que esses foram os dois grandes desafios que eu vi quando eu fui diretor da SBEM-MS. Na questão de logística, nós tínhamos as pessoas que estavam nas funções executivas um em cada cidade e a questão realmente da postura interna dentro dos cursos. Eu sei que o Marcelo também teve sérios problemas com isso, porque na UEMS temos, na área da Educação Matemática, o Marcelo, a Helena²⁸⁸ e a Tida (que é Maria Aparecida²⁸⁹), ao ponto de serem retirados do curso, não tendo aulas no curso de licenciatura. Há uma questão ideológica muito forte que realmente nos atrapalha.

Com relação aos recursos que eram repassados para a Regional, eu não tenho de cabeça qual é o percentual, mas eu acho que era 30 ou 40% e o mecanismo de repasse é assim: o filiado de cada diretoria regional recolhe a sua taxa anual para a SBEM e ela repassa esse percentual para as regionais. Isso tem um impacto nas ações da regional, porque se você não tiver um

²⁸⁶ Cintia Melo dos Santos. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados.

²⁸⁷ Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada.

²⁸⁸ Helena Alessandra Scavazza Leme. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

²⁸⁹ Maria Aparecida Silva Cruz. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

número razoável de filiados, esse volume de recursos acaba não sendo muito grande. Então, sempre foi muito comum (aqui no estado), a gente acabar fazendo as coisas para SBEM sem utilizar o caixa do repasse. A gente desenvolveu alguns projetos de extensão e durante o projeto você desenvolvia ações da SBEM, porque se a gente for fazer tudo da SBEM com os recursos que a gente tem, eles nunca seriam suficientes. Então, sempre foi prática (tanto nossa quanto de diretorias anteriores) tentar fazer as ações da SBEM sem precisar ocupar os recursos que estavam em caixa. No começo, nós sabíamos que a conta existia, mas a gente não conseguia ver saldo, porque não tínhamos legitimidade jurídica para isso. Então, eu acho que a primeira vez que nós precisamos ocupar esse dinheiro foi exatamente quando nós começamos a arrumar a papelada da SBEM, porque você tinha que pagar cartórios, mas nós tiramos o dinheiro do nosso bolso, porque o que estava no banco não podíamos mexer, regularizamos toda a documentação e depois reembolsamos os gastos. Para se ter uma ideia, durante o período em que a SBEM-MS ficou inativa (2008, 2009 e uma parte de 2010), quando nós começamos a mexer com a documentação e de fato tivemos contato sobre as informações da conta, o nosso saldo no banco era de R\$5700,00 ou R\$7500,00. E esse era o resultado dos repasses, então era uma conta que estava lá sem movimentação (acho que há quatro anos) e a única coisa que a gente recebia da Nacional eram esses repasses. O volume de repasses era, na época, muito pequeno. As finanças da regional dependem muito do número de filiados que nós temos na nossa base, por isso que a gente sempre tinha essa preocupação de ter a inserção da SBEM na Educação Básica, primeiramente por uma questão ideológica da própria sociedade e a segunda, que é uma consequência da primeira, para ter um grande grupo de filiados de modo a gerar recursos para a SBEM realizar suas atividades. Parece-me que hoje as coisas caminham ainda mais ou menos assim, a gente constrói os nossos projetos de extensão, às vezes, o projeto de pesquisa e você acaba levando as ações da SBEM nesse bojo.

Com relação ao incentivo por parte da SBEM-MS com relação ao desenvolvimento de ações específicas, na gestão, eu acho que nós tivemos coisas muito pontuais, como a questão do Boletim Informativo e o *site*. Atualmente, a gente teve as chamadas Jornadas Matemáticas que são ações feitas nos municípios em que residem os filiados da SBEM e são eles os responsáveis por essas ações. Isso é uma ação muito interessante, mas carece de certa periodicidade e nós temos um problema que para você conseguir ter acesso ao professor da

Educação Básica, você tem que ter acesso ao gestor. Ou a gente consegue fazer essa discussão em um campo mais institucional ou a gente não consegue chegar ao professor, porque senão fica uma coisa muito artesanal. A gente sai convidando os professores que nós conhecemos e eles acabam indo ao evento, mais por uma questão de solidariedade com quem convida do que por um compromisso profissional e político que ele assume com a causa da Educação Matemática. Eu acho que esse é o segundo ponto que precisa ser construído. Não adianta eu fazer uma atividade como a Jornada da Matemática e o pessoal falar: - Não, eu vou lá porque o Irio me convidou, porque é da UFGD e coisa e tal. Ou então: - Eu vou lá porque o Marcelo me convidou, ele é da UEMS, terá o pessoal do Mestrado em Educação. Eu acho que no fundo você acaba fazendo a Jornada, mas qual é a identidade que as pessoas levam? Ou é a da UEMS/UFGD ou é do Programa de Educação Matemática, não é uma atividade da SBEM. Então o nosso desafio seria esse: fazer uma atividade com a cara da SBEM. Para isso a gente precisa fazer eventos mais ousados. As Jornadas são importantes? São! Mas a gente também precisa fazer os encontros, os seminários e trazer o compromisso para que os gestores liberem esses professores para que participem, não no horário de descanso, porque só quem atuou na Educação Básica sabe o valor desse horário. Ficar em sala de aula de uma escola pública por 40, 50, em alguns casos até 60 horas semanais é desgastante. Então não adianta a gente querer fazer uma atividade para o professor no final de semana, quando eles estão querendo descansar, porque não tem mais condições nem físicas e nem psicológica para estar em um encontro. Ele quer descansar! Ele está arrebitado. O que a gente precisa construir é o compromisso de que na hora que esse professor tem que estar na escola cumprindo suas horas/atividades que esse tempo seja direcionado, também, para que ele possa fazer uma atividade junto à SBEM. Eu acho que isso não é impossível, a gente conseguiu fazer isso aqui em Dourados via projetos de extensão e levar a SBEM junto. Só que para fazer isso, tem que ter peso político junto ao gestor, não adianta você ter uma sociedade só com uma perspectiva puramente acadêmica, mas não ter essa inserção política, porque a gente sempre fica fora da realidade que está na escola básica. A gente discute os aspectos teóricos da evolução e do progresso da Educação Matemática e isso acaba não chegando onde nós queremos que chegue que é a educação básica.

Com certeza há uma relação entre a criação da SBEM-MS e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos aqui no estado. Eu contei agora a pouco aquela história que

eu “apanhei” aqui dentro da UFGD, mas com toda certeza se você perguntar para a Marilena²⁹⁰, para o José Luiz e para o Luiz Carlos, eu acho que eles apanharam bem mais do que eu! Existem muitas pessoas que contribuíram com a criação e a consolidação da Educação Matemática aqui e eu acho que o marco dessa consolidação é a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS, primeiro com o Mestrado agora com o Doutorado. Como eu tive o privilégio de estar na primeira turma, eu sei a luta e o empenho daqueles professores para criar, foi uma coisa extremamente trabalhosa. Eles conseguiram criar isso, porque tinham uma identidade e uma relação muito forte com a SBEM-MS, tanto é que eu vejo assim. Não sei em que escala eu poderia mensurar isso, mas de uma certa forma a SBEM-MS deu uma retaguarda para que essas pessoas pudessem tocar adiante o projeto de consolidação do programa de Mestrado.

Nós tínhamos, à época, um contingente não muito grande de pessoas da Educação Básica que tinham esse anseio de que aqui nós pudéssemos avançar com a questão da Educação Matemática. Os professores que estavam na SBEM, são também os professores que se empenham com a criação desse programa, mas também o que é mais importante, eles conseguem, de uma forma muito interessante, ampliar o espaço para trazer ao estado outros pesquisadores da área de Educação Matemática do Brasil. Se a gente pegar as pessoas que estão hoje no estado de Mato Grosso do Sul atuando com Educação Matemática, elas saem exatamente desse programa que está em Campo Grande. Os professores que estão hoje no programa vieram de outros estados do país como São Paulo e Paraná. Os próprios professores que estão hoje nas universidades vieram de lá, como é o caso da Cintia, nós temos o caso da professora que está lá em Corumbá²⁹¹, eu acho que é Karla²⁹². Nós já tínhamos alguns professores antes da criação desse programa, mas que também atuavam mais na SBEM que trabalhavam também junto com esse grupo de professores, com a Marilena, com a Neuza²⁹³ (lá

²⁹⁰Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁹¹ Distante 427,7 km da capital Campo Grande - MS.

²⁹² Karla Jocelya Nonato. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus do Pantanal.

²⁹³Neuza Maria Marques de Souza. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

de Três Lagoas²⁹⁴), o José Luiz, o Luiz Carlos, na época, o Chateaubriand²⁹⁵ (que tinha vindo para Dourados), a Ivonélia²⁹⁶ (que já estava aqui em Dourados há um ou dois anos), o Renato²⁹⁷, o Ronaldo (chega aqui no estado no início de 2008). As pessoas que eram mais atuantes na SBEM-MS, são aquelas que criam o programa de Mestrado aqui no estado e, hoje, as pessoas mais atuantes na Sociedade são os professores do programa de Pós-Graduação. Podemos observar que as pessoas que estão na direção da SBEM são praticamente as pessoas do Mestrado ou da área da Educação Matemática da UEMS, da UFGD.

Para registro, o desafio da SBEM-MS é arrumar uma maneira mais eficaz de nos inserirmos na Educação Básica. Pelo menos essa é uma visão pessoal minha, eu vejo que temos que trazer o professor que está na escola básica para dentro da SBEM e também para dentro dos programas de pós-graduação. Hoje tenho uma preocupação com isso, porque enquanto eu estive na Educação Básica a nossa grande briga era a ampliação do tempo do professor da escola básica com relação à sua hora/atividade, isto é, aquele espaço de tempo em que você tenta fazer seu planejamento ou alguma outra atividade que não seja diretamente ministrar aulas. Isso tem sido legalizado nos últimos tempos, e está sendo implementado aqui no estado, mas estou percebendo que a gente está implementando um terço de hora/atividade na escola, mas o gestor e o estado em si não sabe o que vai fazer com esse tempo. Temos visto o professor que fica na escola corrigindo prova, e embora seja obrigado a estar na escola, ele não tem uma atividade e cria-se um vazio que a SBEM poderia explorar. Essa discussão da hora/atividade é antiga, mas a gente não conseguiu construir com os gestores (isso vai desde a escala nacional até a municipal) uma forma de estarmos mais próximos desses professores para discutir Educação Matemática. Eu acho que esse é o grande desafio. Nós temos hoje condições de fazer isso, só que não conseguiríamos fazer isso de forma fragmentada, a SBEM ela vai ter que sentar em algum momento com a Secretaria de Educação para discutir uma proposta para se inserir, senão a gente vai ser sempre uma Sociedade Brasileira de Educação Matemática externa à vida do

²⁹⁴ Distante 325,6 km da capital Campo Grande - MS.

²⁹⁵ Chateaubriand Nunes Amâncio. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

²⁹⁶ Ivonélia Crescêncio da Purificação. Foi professora da Universidade Federal da Grande Dourados.

²⁹⁷ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

professor da Educação Básica e eu não sei qual é a vantagem que a gente vai ter para efetivamente mudar os rumos da Educação Matemática.

Outro desafio é tentar quebrar esse ranço que fica entre as pessoas que estão na chamada Matemática Pura e a atuação da Educação Matemática. Eu tenho certeza que o diálogo entre essas duas grandes áreas do conhecimento propiciaria grandes avanços para ambos os lados e é uma coisa muito antagônica, porque 90% ou mais dos cursos de Matemática do país são licenciatura. Nesses cursos de licenciatura, a gente percebe que não se discute Educação Matemática, nós discutimos, com muitas ressalvas, conteúdos matemáticos e escutamos algumas pessoas dizendo coisas do tipo: - Sabe muita Matemática, é bom de Matemática! Mas o que é isso? O que é saber Matemática? E o que é ser bom em Matemática? Acho que temos que refletir um pouco. Nós conseguimos formar um professor que vai para a escola básica mudar realmente a concepção que o aluno tem de Matemática ou vamos formar um professor que vai para escola básica para reproduzir modelos de aulas e de conteúdos que o professor da escola básica desse professor já fazia no passado? Isso é uma coisa preocupante, porque o aluno sai da escola básica hoje e ele não tem a Matemática enquanto uma ferramenta para exercer seu senso crítico. Um exemplo bem simples disso é que as pessoas comprem no crediário hoje com mais voracidade do que se elas fizessem uma poupança, então elas não conseguem comparar coisas relativamente simples! E do meu ponto de vista, isso é falta da Educação no sentido de saber usar a Matemática. Então, esse é um desafio. A gente tem algumas coisas para serem pensadas e analisadas, mas que não dependem de uma pessoa ou de um pequeno grupo, isso depende de um conjunto como um todo. Precisamos estar mais próximos do professor da Educação Básica senão a gente não consegue, de fato, realizar as mudanças e as discussões que a gente tanto quer.

Entrevista com: Irio Valdir Kichow.

Local: Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados – MS.

Data da entrevista: 02 de dezembro de 2014.

5.7 Uma SBEM-MS na perspectiva de continuidade: o feito e o por fazer

Figura 15 – João Ricardo Viola dos Santos



Fonte: Acervo pessoal do Professor João Ricardo Viola dos Santos.

Meu nome é João Ricardo Viola dos Santos, nasci 1º de julho de 1983, na cidade de Lins, interior de São Paulo.

Eu fiz Licenciatura em Matemática na Universidade Estadual de Londrina, entrei lá em 2001. Em 2002 comecei a fazer o bacharelado, mas por conta das atividades de iniciação científica, parei e fiquei só com a licenciatura. Formei-me lá. A Universidade de Londrina tinha uma discussão sobre Educação Matemática mais forte. Em 2002, abre o Programa de Mestrado (minha turma é de 2003-2004) e isso deu uma impulsionada muito grande na licenciatura. Então a gente tinha discussões bacanas, assim, eu posso dizer que meu curso, apesar de ter muitos professores com uma discussão matemática muito forte e da gente sofrer pressão, por exemplo, da Matemática Pura, da Matemática Aplicada, a gente tinha umas discussões bastante fortes em termos de Educação Matemática.

Eu participava de projetos de extensão e isso eu acho que mudou completamente essa minha perspectiva de pensar como professor (que é o que eu desenvolvo hoje com os professores da rede). Então, eu participei do projeto chamado PROMAT²⁹⁸, praticamente os

²⁹⁸ ProMat é um projeto de extensão para professores da rede. Semanalmente os professores se encontram para discutir atividades.

quatro anos da universidade, só no último ano que eu parei um pouco, porque eu comecei a dar aula. Só que a gente não tinha (como tem hoje) várias bolsas de iniciação científica, várias bolsas do PIBID²⁹⁹, isso não tinha na minha época. Então, eu acabei fazendo uma iniciação científica na área de Estatística, no Instituto Agrônomo do Paraná. Foi bem legal também, acho que ajudou bastante nessa minha formação, mas eu creio que não era aquilo que eu queria, queria fazer o Mestrado. Comecei a dar aula, durante o quarto ano da universidade, em uma escola particular pequena, com uma proposta muito legal. A gente tinha várias reuniões com aquele grupo de professores e com a diretora, eles eram bem presentes e eu tinha total liberdade para fazer as coisas que via na universidade, então isso foi muito bacana e essa vivência dando aula enquanto ainda estava na universidade ajudou-me bastante. Fiquei nessa escola um ano e meio e só parei quando eu consegui a bolsa do Mestrado, porque não podíamos trabalhar. Eu vou falar mais resumido, porque a graduação despertou-me para algumas coisas que talvez eu faça hoje, como eu penso, talvez, a SBEM.

Comecei o Mestrado em Londrina e cheguei a enviar os documentos para prestar a seleção na UNESP³⁰⁰ de Rio Claro, mas por questão de afinidade e de gostar de Londrina, nem prestei a prova em Rio Claro, tinha desistido. Entrei no Mestrado com a Regina Buriasco³⁰¹, mas já trabalhava com ela e ela já estava com um projeto de analisar produções escritas. Então o meu Mestrado foi em cima disso, fizemos uma discussão com educação algébrica e com a análise de produção escrita. Comecei a discutir um pouco o papel do contexto e da linguagem na área de avaliação (essa ideia de trabalhar com análise de produção escrita surge nessas avaliações de rendimento). No segundo ano eu fiz o estágio nos Estados Unidos, com a Beatriz D'Ambrósio, que era uma coisa que eu queria muito, desde o meu Ensino Médio. A minha ideia naquela época era fazer o Doutorado fora. Depois de um mês nos Estados Unidos eu vi que eu não queria morar fora. Fiquei três meses e meio (quase quatro meses) e se eu ficasse mais lá eu não voltaria, porque é outra realidade. Foi muito legal, pois amadureci muito quanto aluno, naquela época, de ter esse contexto norte-americano de pesquisa em Educação Matemática. Acho que minha pesquisa deu um salto violento com isso, porque eu tive contato com várias

²⁹⁹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

³⁰⁰ Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

³⁰¹ Regina Luzia Cório de Buriasco. Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

outras teorizações, outros textos, outras discussões que me ajudaram bastante. Foi no segundo ano que eu fui e em Londrina só tem disciplina no primeiro ano, então ajuda bastante, porque já tinha acabado tudo e estava mais tranquilo. Voltei e fui fazer uma disciplina como aluno especial em Rio Claro, então eu fiz no primeiro semestre de 2007 três disciplinas. Minha defesa foi em março e aí queria ir para Rio Claro trabalhar com o Romulo³⁰², queria discutir as coisas que ele falava e pensava, mas não tinha um projeto definido, então comecei a participar do grupo de lá. Mas, assim, uma coisa que eu acho até bacana de destacar é que eu não abandonei Londrina, então até hoje desenvolvo projetos com o pessoal de lá, mas especificamente com a Regina e, de uns tempos para cá, mais com a Pamela³⁰³ que é orientanda dela (que na minha época era aluna da graduação). A Pamela fez iniciação científica, Mestrado e Doutorado com a Regina. Então, essa coisa de você criar um vínculo e não sair é interessante, claro que diminui um pouco em termos de trabalhos, não tem os mesmos projetos, mas eu sempre disse que eu não quero deixar Londrina, primeiro porque eu adoro pra caramba o pessoal, mas também por conta de criar um laço, você ter projetos que impactam mais em termos de relações, de cooperação e de intercâmbio.

Prestei a prova para o Doutorado em Rio Claro, passei e nesse meio termo eu fui dar aula na FECEA³⁰⁴, uma universidade de Apucarana. Então entrei nessa faculdade em setembro e foi uma luta, porque foi bem na época da seleção, teve o teste seletivo da FECEA e a seleção de Rio Claro (que é de uma semana), então eu fui para Londrina e voltei para Rio Claro nesse meio termo para fazer essa prova. Fiquei na FECEA até março de 2008, quando saiu a bolsa do Doutorado. Entrei no Doutorado em 2008, trabalhei com o Romulo com a perspectiva de formação de professores, mais especificamente com a formação Matemática. Meu trabalho era discutir a formação Matemática, entrevistando matemáticos e educadores matemáticos. A gente tinha muito forte a ideia de fazer um Doutorado sanduíche: eu ficaria um ano na Inglaterra trabalhando com a Helena Nardi³⁰⁵ e tinha quase tudo acertado. Mas surgiu a questão dos

³⁰² Romulo Campos Lins. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

³⁰³ Pamela Emanueli Alves Ferreira. Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

³⁰⁴ Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana.

³⁰⁵ Helena Nardi é uma pesquisadora em Educação Matemática da Universidade East Anglia, Reino Unido.

concursos e como a Luzia³⁰⁶ (que era um ano mais velha que eu no Doutorado) e eu éramos da mesma área, não aguentávamos mais viver de bolsa e vivíamos uma insegurança, por conta da mudança de governo (a gente não sabia se o Lula³⁰⁷ ou a Dilma³⁰⁸ iam entrar), de não abrir mais concursos, resolvemos prestar o concurso para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e aí, querendo ou não, essa questão do sanduíche morreu. Cheguei aqui em setembro de 2009 e estava no segundo ano do Doutorado e aí fiquei trabalhando e voltando e foi um *trampo*, assim, violento. Tudo que eu vivi de bom no Mestrado de ter tempo, de me aprofundar muito, de discutir muitas coisas, no Doutorado eu não consegui por conta do trabalho. Então isso também causa certa angústia e também molda e potencializa de maneira mais restritiva o trabalho. Defendi em 2012, e estou aqui como professor da UFMS e, o que considero interessante, trabalhando só com a Educação a Distância (EaD). Só dou aula nos cursos de Educação a Distância e só nos cursos de Licenciatura em Matemática, por conta que temos poucos professores, minha carga horária é toda fechada lá. Em 2013 entrei no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS aqui em Campo Grande e estamos aqui.

Eu conheci a SBEM no meu primeiro ano de graduação (a ideia de SBEM), isso sempre passou pela minha vivência acadêmica, então desde lá eu penso em algumas coisas que é o que a gente faz hoje, digamos assim.

Desde 2002 eu sou sócio da SBEM, mas não foi uma participação contínua. Em geral, o que acontecia é que quando o aluno tinha um congresso para ir e precisava conseguir um desconto, ele se associava. Mas lembro que, em 2002, participei de um congresso em Foz do Iguaçu que é o Encontro Paranaense de Educação Matemática (EPREM) e desde lá eu acho que já tinha essa visão que eu queria trabalhar na SBEM, no sentido de você ter um espaço no qual consegue discutir e propor alguma coisa relacionada ao estado. Então isso veio a mim há algum tempo e nunca tinha participado de nenhuma diretoria, só como aluno. Depois eu fui a outros EPREM's e o primeiro ENEM³⁰⁹ que eu participei foi no Recife, em 2004, estava no último

³⁰⁶ Luzia Aparecida de Souza. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³⁰⁷ Luiz Inácio Lula da Silva.

³⁰⁸ Dilma Rousseff.

³⁰⁹ Encontro Nacional de Educação Matemática.

ano de graduação. A gente chegou ao EBRAPEM³¹⁰ de 2006, tentando alguma relação dele com a SBEM e discutir algumas coisas como algum tipo de comissão EBRAPEM mais permanente e com várias pessoas interligadas, porque era sempre assim: você fazia o EBRAPEM e tinha que sempre criar uma nova comissão para fazer o próximo.

No ESEM³¹¹ de Dourados³¹², em 2011, tinha essa fala de quem iria assumir a SBEM, porque (aqui e em outros lugares) não é uma coisa que traz muitas vantagens acadêmicas, pelo contrário, você tem mais trabalho. Não é uma coisa que todo mundo quer, por exemplo, você não tem duas ou três chapas para concorrer, é mais quem já está ali envolvido com algumas questões. Minha intenção sempre foi me envolver com a SBEM para tentar chegar ao professor e tentar articular ações que já vinha pensando em discutir, porque eu acho que a gente (de modo geral) é muito desarticulado, seja por vaidade, muito trabalho ou por estar longe, cada um discutindo uma coisa. Como contraexemplo, temos a SBM³¹³ e a SBMAC³¹⁴ que fazem mais coisas, porque elas conseguem se articular de uma maneira muito rápida, ágil e eficiente que a SBEM ao longo desse tempo e na minha visão. Na SBEM Nacional também é assim, não têm três chapas para concorrer, era mais do tipo: - Quem quer? Porque sabe o trabalho gigantesco terá e é aquela coisa: as pessoas não vão te elogiar, mas qualquer coisinha que você faça de errado elas não vão perdoar! Tem muito disso.

Eu acho que o foco principal de eu querer participar e trabalhar com a SBEM é chegar ao professor! Eu penso que a SBEM Nacional é uma sociedade acadêmica, ou seja, uma sociedade dos pesquisadores de Educação Matemática que, por diversos motivos, têm se afastado de sala de aula e quando querem falar alguma coisa sobre isso, falam no sentido de dizer: “Olha, eu trabalho aqui em um projeto menor, com pessoas dentro de algum laboratório e proponho alguma coisa em sala de aula”. A gente precisa sentir o cheiro da sala de aula e as pesquisas em Educação Matemática (grande parte delas) está muito longe disso. É muito da imposição e da proposição, é muito assim: eu nunca quero saber quem é o aluno de Bela

³¹⁰ Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática.

³¹¹ Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática.

³¹² Distante 226,9 km da capital Campo Grande - MS.

³¹³ Sociedade Brasileira de Matemática.

³¹⁴ Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional.

Vista³¹⁵. Quem é esse aluno? Como é a vida dele? Ou, como é o professor de Bela Vista? Mas eu tenho uma proposta didática, um jeito de trabalhar com funções e vou lá e entrego para ele. Eu consigo até entender os motivos de se pensar dessa maneira, mas eu acho que é nesse ponto que temos falhado em termos educacionais há muito tempo. A minha intenção com a SBEM é quebrar um pouco disso, o que não quer dizer que a gente resolveu tudo, mas que a gente tem a intenção de buscar e busca implementar pequenas ações, entretanto têm muitas coisas ruins, talvez, porque a distância entre os professores do Ensino Básico e a academia é muito grande. A proposta inicial é estar junto com os professores, promover ações nas quais eles possam circular, porque não estamos em um estado muito grande e estamos com contato muito próximo nas Secretarias. Eu acho que temos que tentar criar espaços nos quais os professores possam desenvolver-se, que eles possam ser ouvidos e que a gente pare de ficar impondo as coisas para eles. Esse é o ponto forte do projeto político da SBEM, que foi o que eu apresentei em Nova Andradina³¹⁶.

Eu decidi participar da SBEM-MS quando nós estávamos em Dourados, acho que o Batarce³¹⁷, o Sales³¹⁸, o Márcio³¹⁹ queriam tentar fazer o ESEM esperar mais um ano ou já fazer em seguida e aí optaram em fazer, porque o Sales e o José Wilson disseram para fazer em Nova Andradina. Já tinha essa conversa de tentar e de quem assumiria, quem seriam as pessoas. Conversei com a Adriana³²⁰, com o Jader³²¹ (que ficou pouco tempo), o José Wilson, a Carla³²², já o Anderson³²³, a Mayza³²⁴, o Márcio e a Renata³²⁵ ficariam no Conselho Editorial, mas não

³¹⁵ Distante 323,8 km da capital Campo Grande - MS.

³¹⁶ Distante 296,8 km da capital Campo Grande - MS.

³¹⁷ Marcelo Salles Batarce. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Visiting Fellow at London South Bank University.

³¹⁸ Antônio Sales. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

³¹⁹ Márcio Antônio da Silva. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³²⁰ Adriana Barbosa Oliveira. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³²¹ Jader Otávio Dalto. Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

³²² Carla Regina Mariano da Silva. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³²³ Anderson Martins Corrêa. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul.

³²⁴ Maysa Ferreira da Silva. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³²⁵ Renata Viviane Raffa Rodrigues. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados.

participaram ativamente. E aí eu disse que toparia encabeçar uma chapa por gosto e por querer, não foi uma coisa assim: - Ah, não tem ninguém, você pega lá! Não! Eu quis. Quis e quero propor alguma ação que fosse além de realizar o evento estadual e o Fórum de educadores matemáticos (que a gente vai realizar esse ano).

Com relação aos membros que compunham a chapa, o Jader é um professor que chegou aqui na UFMS (acho que uns seis meses antes de mim), trabalhou comigo em Londrina, foi “irmãozinho” de orientação e ele estava em Aquidauana³²⁶, então essa era uma ideia legal, porque ele estava em outro lugar fora da capital e, por proximidade, a gente conversou. O Sales é o “*Highlander*”, ele está em todas e sempre gosta, participa e eu acho que ele é uma pessoa que está militando pela Educação Matemática. O José Wilson por estar também em Nova Andradina, então talvez os dois juntos, sendo primeiro e segundo tesoureiros, era mais fácil de conversar. A Adriana e a Carla por estarem aqui, porque a gente pensou que não dava para fazer uma diretoria com cada um em um lugar. A Adriana é da minha sala, a Carla é da sala próxima e a gente se dá bem, a gente tinha conversado, achava que seria legal. A Carla (eu acho que em 2011) entrou no lugar da Vanilda³²⁷ ou da Vera Fátima³²⁸ da diretoria anterior, então como ela já estava envolvida, propomos para ela participar novamente. O Jader foi embora no começo de 2014, foi um impacto, e aí entrou o Thiago³²⁹ que trabalha aqui com a gente e *topou* participar. Depois a Carla também saiu por conta do Doutorado e a gente trouxe o Luiz Kleber³³⁰ que, na época, era da diretoria da Secretaria Municipal e agora ele está como professor novamente. E foi muito legal também, porque ele traz esse movimento mais com os professores. Agora você vê que é uma diretoria totalmente acadêmica, agora o Luiz Kleber está como professor, mas ele era da Diretoria e trabalhava na área de formação, foi o que ajudou bastante. A Maysa, o Márcio, o Anderson e a Renata foram mais para compor o Conselho Editorial, porque precisava. Então, assim, não tem uma efetiva participação. A gente nunca teve assim: O diretor, O vice... Todo mundo faz tudo! Dividimos as tarefas: alguém faz isso, faz aquilo e a

³²⁶ Distante 140,1 km da capital Campo Grande - MS.

³²⁷ Vanilda Alves Da Silva. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³²⁸ Vera Fátima Corsino de Almeida. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN).

³²⁹ Thiago Pedro Pinto. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³³⁰ Luiz Kleber Padilha.

gente vai discutindo. Claro que, muitas vezes, eu tomo a frente das coisas, mas não tem uma hierarquia, não tem um por quê. Não tem uma função a priori para cada um. A gente senta, discute e faz e eu acho muito legal. E outra coisa que eu acho bacana pontuar é que nós nos damos bem! Isso faz completa a diferença. A gente conversa bem, discute bem, trabalha bem, digamos assim. Porque também não dá e eu não consigo imaginar participar de uma diretoria sem ter um mínimo de diálogo para fazer as coisas e até acho que fizemos algumas coisas bacanas.

As reuniões da diretoria, formalmente, nós tivemos umas três. A gente se encontrou em Nova Andradina em 2012, no ESEM e como já era outubro não fizemos nada. No começo de 2013, já começamos com uma ideia que tínhamos proposto em 2012 que é a Jornada da Educação Matemática. Então aqui, eu acho que a gente conversou mais por e-mail, telefone, a Adriana, a Carla e eu escrevemos para o José Wilson e para o Jader. Daí o Jader vem para cá, conversa com a Adriana, Carla e eu. Nunca teve assim uma reunião mais formal em que veio todo mundo. Então a gente sempre conversou mais pontualmente e eu acho até que é uma coisa ruim, porque você não tem uma ata ou uma regularidade de reuniões, mas a gente sempre debateu muito via e-mail e entre o pessoal da diretoria em pares. O Jader vinha para cá, discutíamos isso, isso e isso, aí escreve para o José Wilson e para o Sales. Os dois passavam por aqui.

Em 2013 começaram os Encontros e foi aí que a gente começou a fazer alguma coisa, tivemos um encontro com os professores em que fomos até a Secretaria Estadual de Educação, tentando apresentar a SBEM e fazer algumas coisas em comum. Eles tinham uma demanda de construir um Caderno Pedagógico de Matemática do Ensino Médio e aceitamos essa proposta desde que os professores participassem da construção desse caderno. Então nós fizemos dois encontros, acho que o primeiro encontro foi de quatro dias, com mais de quatrocentos professores aqui em Campo Grande e o segundo encontro acho que foi de três dias, que a gente chamou de Encontro dos Cadernos. E isso foi muito legal, porque a primeira coisa era o seguinte: precisa fazer um caderno pedagógico. Concordamos em fazer, convidaríamos algumas pessoas e faríamos o caderno, tranquilo. Só que a gente propôs o seguinte: o caderno de professor e livro de professor a gente tem de monte, não precisa de mais, agora seria muito legal se os professores participassem da construção desse caderno e, consequentemente, a gente

trabalharia uma formação continuada discutindo algumas ideias. Então surgiu essa ideia e a gente começou com os quatro eixos que foram: Padrões Matemáticos (que foi o grupo do Márcio), História da Matemática (do José³³¹ e Sales), Tecnologias e Educação Matemática (que foi o grupo da Marilena³³² e da Adriana) e Linguagem e Educação Matemática (que foi mais Thiago e eu que encabeçamos essas discussões). Então, o caderno teve quatro eixos e nós construímos esse caderno ao longo desses dois encontros com a participação dos professores. As atividades que estão nesse caderno, muitas delas os professores vivenciaram e as discussões que foram feitas de acordo com que eles esperavam. É claro que teve professor que achou que chegaria aqui e ia propor algumas atividades, mas não foi bem assim. A ideia também era que os professores participassem da escrita, mas acho que só no trabalho do Márcio que eles conseguiram um professor que participou “efetivamente”, não muito, mas ele participou e deu suas sugestões. Nos outros grupos a participação efetiva foi nas discussões das atividades. Isso é muito legal, porque o caderno chega à escola e o cara fala assim: - Oh, eu participei disso aqui! Eu vivi essas atividades mesmo.

Outro ponto que é bacana é que foram quatrocentos professores e dificilmente vou conseguir reunir em um ESEM tanta gente aqui do Mato Grosso do Sul. Você pega muito mestrando, doutorando, professores de universidades, mas quatrocentos professores, não! Então, essa ideia da construção do caderno e desses dois encontros com os professores de Matemática para elaborar em conjunto e oferecer uma formação continuada foi um ponto de destaque muito grande, porque a gente conseguiu uma parceria com a Secretaria Estadual e eles gastaram em média R\$ 40.000,00 ou R\$ 30.000,00 por cada encontro, para trazer os professores do interior, o que para eles não é uma coisa tão grande, agora para nós é enorme, nunca a gente vai ter R\$ 30.000,00 em caixa para “gastar”, digo para trabalhar com o professor. Os professores vieram com diárias, a viagem foi totalmente custeada, não pagaram nada, não cobramos nada de inscrição e a SBEM entrou com a parte do lanche e do material, ajudamos bastante nesse sentido. Então para fazer esse caderno, a gente se reunia por e-mail discutindo bastante.

³³¹José Luiz Magalhães de Freitas. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³³² Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Tivemos algumas reuniões para decidir a temática desses eixos, para discutir como eles seriam. Fizemos reuniões com cada coordenador dos eixos, houve umas três ou quatro reuniões na Secretaria Estadual, em que discutimos, mostramos para eles como seria e agora está lá. Houve a mudança do governo e a gente não sabe como vai ser, era para ser publicado e entregue um para cada professor da rede estadual, seria muito legal. Então, agora a gente não sabe, a ideia que eu tenho é assim: se não conseguir publicar pela secretaria, a gente publica um livro eletrônico, porque está pronto! Elaborar um encontro foi uma coisa mais rápida, porque tinha data, agora o custo e o caderno foi uma coisa que demorou bastante, por conta das atividades. Acho que a gente entregou a última versão em agosto ou setembro de 2014, alguma coisa assim. Então esse é um ponto forte.

Ao longo disso houve as Jornadas da Educação Matemática. O que é a Jornada? Foi uma ideia que eu tinha junto com o pessoal e a gente acreditava que seria *bacana* construir espaços formativos descentralizados. Em geral, se pensa em trazer todo mundo do interior para a capital, mas queríamos quebrar isso e criar espaços de discussão no interior. Temos os polos da EaD³³³ que têm poucas atividades ainda, você tem pouca coisa em Ponta Porã³³⁴, em Bela Vista tem menos ainda. Então a ideia era criar esses espaços formativos nos quais nós e todo o estado pudéssemos trabalhar com os professores e com os alunos de graduação, tínhamos essas duas perspectivas. A I Jornada caminhou bem, tivemos um jogo muito grande e descentralizamos, então teve em Dourados, em Nova Andradina (eu tenho que olhar certinho em quais cidades), Bataguassu³³⁵, São Gabriel³³⁶, Camapuã³³⁷, Costa Rica³³⁸... A gente chegou a ter em média, em cada Jornada, umas oito cidades participantes e a ideia era assim: em uma sexta à noite tinha um painel que é uma conversa com as pessoas (uma coisa mais geral) e no sábado de manhã e à tarde (muitas vezes só no sábado de manhã, alguns lugares só sábado à tarde) fazer uma discussão mais prática com os professores, ainda na perspectiva do “eu levo tudo que me interessa e que eu possa trabalhar com você”. Mas já cria (eu acho) outro jeito de

³³³ Ensino a Distância.

³³⁴ Distante 342,7 km da capital Campo Grande - MS.

³³⁵ Distante 335,6 km da capital Campo Grande - MS.

³³⁶ Distante 142,8 km da capital Campo Grande - MS.

³³⁷ Distante 141,5 km da capital Campo Grande - MS.

³³⁸ Distante 331,9 km da capital Campo Grande - MS.

pensar que é uma descentralização. Então fizemos a I e a II Jornadas em 2013, mas no primeiro semestre de 2014 não fizemos, por conta de que a gente não teve perna, também por causa da copa e por várias outras coisas e daí fizemos a III Jornada no segundo semestre de 2014. A ideia era fazer uma por semestre e na proposta da SBEM tinha as Jornadas Locais que seriam assim: - Ah, a prefeitura quer fazer uma discussão mais pontual. A gente iria lá e faria. Então isso a gente conseguiu fazer e eu acho também que por mais complicado que seja a jornada, no sentido da participação das pessoas, por exemplo, são poucos lugares em que a gente consegue uma participação efetiva dos professores, porque é sexta à noite, sábado de manhã... e os professores querem descansar nesse horário. Eu lembro que a I Jornada foi bem no último dia do último capítulo da novela das nove e por mais engraçado que seja isso, por mais que seja ridículo pensar nisso, não teve uma grande procura, mas mesmo assim a gente conseguiu vinte e sete pessoas, entre alunos e todas as questões. E aí a participação foi caindo, na II Jornada aqui em Campo Grande acho que teve três participantes.

A divulgação dessas Jornadas é feita via Secretaria Municipal. Nós vamos lá e pedimos para que eles anunciem num blog³³⁹ e pelos e-mails dos professores (porque eles têm de todos) mandamos para todo mundo e, também, vamos pedindo para todo mundo conversar com todo mundo, mas não é uma propaganda efetiva e a gente não consegue ter um retorno dos professores mais efetivo também. Eu acho que é por conta dessa ideia de formação na sexta à noite e no sábado de manhã e que não conta na carga horária deles. Mas um ponto *bacana* da Jornada é você fazer um evento com nove cidades, por pouquíssimas pessoas que tenham, são nove cidades do estado e aí também criamos laços com as pessoas de Mato Grosso do Sul que trabalham com Educação Matemática. Por exemplo, em Cassilândia³⁴⁰, a Irene³⁴¹ é uma pessoa muito *bacana*, ela sempre faz lá e dá uma média de trinta participantes e também pela cidade que tem o curso de graduação e alguns professores participam. O plano agora é tentar fazer uma jornada em que a gente inverta o processo, então as Secretarias Municipais vão enviar as demandas e vamos fazer as Jornadas em cima delas. Então, talvez a gente até reduza um pouco o número de cidades, mas vamos tentar inverter. Já é um processo que ocorre (mais ou menos)

³³⁹ Endereço do Blog da Secretaria Municipal de Campo Grande - SEMED

³⁴⁰ Distante 432,7 km da capital Campo Grande - MS.

³⁴¹ Irene Coelho de Araújo. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

de seis em seis meses. Acho que foram essas duas grandes ações que fizemos. Mas o que eu digo sempre para o pessoal é o seguinte: não dá para acreditar que a gente, estando tão distante dos professores, de uma hora para outra vai conseguir uma aproximação. Eu acho que a gente tem caminhado e a ideia é fazer, fazer, fazer e pensar de outra maneira, que é essa ideia que a gente está pensando em criar essa demanda dos professores. Mesmo que for para cinco! Mas pelo menos assim: - Eu quero trabalhar com função! A gente vai lá e trabalha com função.

Com relação ao ESEM, a gente não chegou a fazer ainda, mas eu vou falar como eu vejo. Por exemplo, o ESEM é o encontro estadual em que o foco é o professor da Educação Básica e o aluno da licenciatura, entretanto os ESEM's (de maneira em geral) são muito para mestrandos e doutorandos. Então, em Nova Andradina aconteceu um negócio muito engraçado que a gente ficou discutindo. Então tinha de manhã as discussões acadêmicas, em termos de pós-graduação e, sei lá, apresentação de uma iniciação científica da Luzia, uma orientanda do Márcio e a gente ficou discutindo. Foi *bacana*? Claro que foi! A gente conhece o trabalho, discute, conversa, circula, sempre tem um aluno da graduação do terceiro ou quarto ano que quer fazer o Mestrado, um professor que está participando ali. À tarde teve um espaço em que o professor foi contar sobre a prática de sala de aula dele, então você vê dois mundos totalmente diferentes. Isso eu acho que é complicado e ocorre até no ENEM. Não estive em Curitiba, mas pelo que eu conversei com as pessoas era assim: das quatro mil e quinhentas pessoas, só mil eram sócios da SBEM! Espera aí, tem um negócio estranho. Tinha um monte de minicursos com duas pessoas, uma pessoa, nenhuma pessoa... Lembro-me que na Bahia, algo parecido aconteceu. O que eu acho? Eu acho que a gente está (aí não é só a Educação Matemática) em uma perspectiva de realizar eventos muito voltados para publicação. Você tem um monte de eventos, um monte de coisas e você vai lá, apresenta e vai embora. Então, o que a gente está pensando nesse ESEM: primeiro, oferecer minicursos em que os professores que vão ministrá-los sejam de lugares diferentes, por exemplo, Três Lagoas³⁴², Ponta Porã, Cassilândia, Dourados, Nova Andradina, porque, querendo ou não, se eu chamo um professor de Três Lagoas, por exemplo, ele vai falar para seus alunos e, quem sabe, também para os professores

³⁴² Distante 325,6 km da capital Campo Grande - MS.

que estão dando aula naquela região ou em outras. Então, eu acho que essa é uma perspectiva legal.

Outra perspectiva é uma parceria muito forte com a Secretaria Estadual, por exemplo: - Olha, a gente tem condições de bancar cinquenta professores, então vocês vão trazer mais cem. – Ah, o que eles querem? Um espaço. – Um espaço para quê? Um espaço para que eles possam conversar sobre a sala de aula, para que eles possam experimentar algumas coisas. Ter alguns minicursos sobre questões mais acadêmicas também é importante, mas seria bom misturá-los. Então a perspectiva que a gente vai pensar o ESEM esse ano é uma articulação muito grande com as Secretarias Estaduais e Municipais, com os cursos de licenciatura (os alunos) e com um foco muito forte na prática do professor. Algo sobre o qual a gente já comentou algumas vezes é: - Por que tem que ser um educador matemático doutor quem tem que fazer a palestra de abertura? Por que não pode ser um professor da Educação Básica? E aí, é claro, você está querendo criar outra cultura de espaço formativo. A ideia do ESEM talvez seja essa mesmo de aglutinar as pessoas de fora e aí as Jornadas ficariam mais fortes e poderíamos lançar outros cadernos. Por exemplo, uma coisa que a gente pode tentar agora é fazer um caderno específico para a prefeitura, mas a perspectiva é de tentar mesclar esses dados. Por exemplo, você pode criar um espaço de apresentação de trabalhos que alterne a trabalhos acadêmicos e relatos de sala de aula de professores, misturando as discussões, os pontos de vista.

Outra coisa sobre a qual pensamos é fazer um documento e enviar para as Secretarias, para a Pró-reitoria de Graduação dos cursos de licenciatura, para os coordenadores e tentar fazer com que o ESEM também seja um espaço para que se possa fazer propostas de Políticas Públicas, mesmo que isso não seja, no fim das contas, considerado! Ao menos teremos um espaço de exercício dessas proposições e no qual o professor se sentirá ouvido. Eu acho que o forte do ESEM desse ano é ouvir mais e impor menos, tendo representantes de vários locais e tentando ficar mais próximo dos professores. Os princípios da chapa eram: colaboração no sentido de fazer com que as pessoas conversem; o compartilhamento que é uma coisa que a gente não conseguiu ainda, mas que talvez esse ano a gente possa tentar que é fazer o site³⁴³ da SBEM mais atrativo para os professores. O Thiago teve uma ideia no final do ano passado que

³⁴³ Disponível em: <http://www.sbem-ms.com.br/>

era assim: a gente poderia lançar um boletim a cada mês com atividades, poucas, mas que o professor soubesse que teria ali, todo mês, uma sugestão de trabalho; alguns vídeos sobre tecnologias, discussões sobre história, planos de aulas pequenos. Isso a gente ainda não conseguiu, esse compartilhamento com foco no desenvolvimento profissional dos professores que ensinam Matemática no estado de Mato Grosso do Sul. Seriam esses os três pilares da chapa cujo nome era *Da Universidade à Escola*. Depois posso passar o número de participantes das Jornadas que, por vezes, foi bem pequeno, dois ou três em alguns polos, mas é isso! Temos que encarar.

Outra ideia para o ESEM é criarmos um livro eletrônico (para tentar fechar esse *Da Universidade à Escola*) com capítulos de, no máximo, dez páginas e convidaríamos todas as pessoas que queiram (porque é um livro eletrônico, então pode ter vários volumes) propor, compartilhar atividades para sala de aula de Matemática, desde a Educação Infantil até a Licenciatura em Matemática. Esse livro seria publicado pela SBEM Nacional, teria um corpo de pareceristas e lançariamos no ESEM. É um projeto pequeno? É pequeno, mas não tem nada disso. Também acho que seria *bacana* se conseguíssemos todos os anais dos ESEM's anteriores para colocar na página de um jeito fácil de acessar. Quanto ao livro eletrônico, demanda um tempo, mas são só dez páginas e poderiam ser propostos textos por, por exemplo, alunos de estágio ou colegas de trabalho que tenham feito algo que considerem interessante de compartilhar em sala de aula. A ideia não é publicar (claro que a ideia de publicar é importante, porque as pessoas também têm um ganho com isso) um trabalho inédito, um trabalho inovador, mas compartilhar o que eu já fiz ou que eu gostaria de fazer em sala de aula com os professores de Mato Grosso do Sul. Poderíamos convidar algumas pessoas para escrever sobre algumas temáticas, por exemplo, o Ensino de Geometria. Poderíamos ter um especialista e fazer um texto mostrando algumas coisas nesse sentido. Então, com essa parceria com todas as Licenciaturas em Matemática, com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação, com minicursos voltados a alunos e professores e a possibilidade de lançamento desse livro, fecharíamos a SBEM desse mandato e já proporíamos a organização de uma Jornada para o segundo semestre.

Para conseguir divulgar as ações da SBEM-MS, utilizamos o facebook que criamos agora, o Thiago tem os acessos e é bem visitado, mas não sei por quem, não sei se chega aos

professores. A divulgação das Jornadas, fazíamos por meio de cartazes que eram distribuídos em todos os lugares onde ia ter o evento, e nas Secretarias Municipais e Estaduais de Educação. O site também permite um mínimo de divulgação, assim como uma lista de e-mails. Bom, acho que é isso. Nas Jornadas a gente tinha um vídeo que eu fiz falando delas para ser apresentado em todos os polos, só não fizemos na terceira edição, mas nas outras duas teve. No começo tinha o Boletim que foi uma coisa que a gente não deu conta de continuar (que era uma ideia do Márcio na época). Eu acho que é muito pouco, temos que criar, via os cursos de licenciatura e via os professores, uma diretoria composta por mais gente. Pensamos em criar representantes locais em cada cidade em que houvesse uma Licenciatura em Matemática. Em suas salas teria um *banner* da SBEM.

Considero a relevância da SBEM muito forte no país, até porque as pessoas que começaram isso, por exemplo, o Ubiratan³⁴⁴, o Baldino³⁴⁵ (que é um cara que até hoje está na SBEM, e têm pessoas que o amam e outras que o odeiam), são pessoas que têm uma importância muito grande em termos de discutir Educação Matemática, que é uma discussão que, de um certo ponto de vista, volta-se para o ensino de Matemática. Quer dizer, se você for pegar a grande parte das pessoas que discutem Educação Matemática, o interesse não é só o ensino da Matemática, o interesse é tentar criar outra sociedade, criar outra discussão, educar pela Matemática. Então, eu acho que a relevância histórica é grande, eu não saberia te dizer quais pontos, mas vejo que foi um movimento muito forte que aconteceu fora do país, acho que o Ubiratan, talvez, seja a pessoa que mais contribuiu para a Educação Matemática no Brasil, por conta de suas inúmeras viagens e contatos. Muitas pessoas que assumiram a SBEM ao longo desse tempo, puderam, de certa forma, potencializar uma perspectiva de Educação Matemática via SBEM, por menor que seja. É claro que, frente à quantidade de professores que têm no país, a de associados é muito pequena, eu não sei quantos devem ser, mas, se eu não me engano, o máximo de sócios que já tivemos foi quinze ou dezesseis mil, isso em 2000-2001. É uma quantidade enorme, mas insignificante se a gente considerar o número de professores do país. Acredito que a importância é no simbólico, quer dizer, eu ser filiado a uma sociedade que de certa forma têm princípios, algumas discussões e não que isso seja discutido. Não dá para dizer

³⁴⁴ Ubiratan D'Ambrósio.

³⁴⁵ Roberto Ribeiro Baldino.

assim: - Ah, a SBEM pensa dessa maneira. A SBEM é o monstro maluco! Se a gente pudesse desenhá-la, ela não teria forma alguma, porque se você colocar dez educadores matemáticos, você vai ter onze perspectivas diferentes de Educação Matemática. Mesmo assim estamos aqui, eu falo da SBEM, você está fazendo um trabalho sobre a SBEM, sou associado, vou a congressos, e, por mais difusa e complexa que ela possa ser, é a entidade simbólica da qual eu mais me aproximo. Eu acho que seria diferente, por exemplo, de nos aproximar da SBM pegando o exemplo desse tipo de formação de professores que é o PROFMAT³⁴⁶ hoje. Então, eu acho que tem essa importância e que ela está mais nesse espaço simbólico. Por exemplo, eu acho que o livro didático hoje já mudou pra caramba e, querendo ou não, a SBEM oferece proximidades de trabalho, as discussões que se faziam com os professores já mudaram bastante.

O número de pessoas que trabalham com a Educação Matemática e se dizem da Educação Matemática aumentou de maneira gigantesca, assim como a quantidade de Programas de Pós-Graduação que se dedicam à Educação Matemática. Se fossemos observar, um Programa não tem muito a ver com o outro, falamos em Educação Matemática sem que tenhamos uma mesma ideia do que ela seja, mas muitas coisas nos aproximam, há um símbolo que nos une. Esse é um dos papéis dos Encontros na área: reunir as pessoas para discutir, debater, criar força, criar esse laço coletivo que não é discutido nas licenciaturas (você não tem uma discussão nas licenciaturas de como, por exemplo, é trabalhar em grupo, enquanto na escola isso é necessário para um certo tipo de sobrevivência, isso porque os professores acabam trabalhando isoladamente). Prefiro acreditar que a reunião de pessoas, a identificação com alguns traços comuns, a proposição de atividades e ações que levam esse nome é interessante quando se pensa em um projeto político que eu espero, que eu faço. Eu acho que é nesse sentido.

Eu acho que, historicamente, a SBEM tem pouca relação com o professor da Educação Básica, a não ser nos encontros estaduais e nacionais, que é esse dilema do qual eu falei. Acredito que a SBEM seja encabeçada por professores da Educação Básica somente na Bahia. Por vezes tem um professor que participa, mas não tem uma ação concreta e forte, por causa do pouco tempo disponível. Desde o começo tivemos essa ideia do título da chapa *Da Universidade à Escola*. Eu acho que isso vem muito da minha vivência, da vivência do Jader,

³⁴⁶ Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional.

da Adriana, desse conglomerado de coisas que a gente ficava pensando junto. Eu acho que é pouco ainda, mas já conseguimos dar alguns passos. Uma coisa que eu queria e a gente conseguiu fazer isso, embora não de uma maneira perfeita, legal e esplendida, é que a SBEM não fosse exclusivamente os encontros estaduais e que ela não aparecesse somente nos encontros estaduais ou no Fórum que agora tem, mas que a SBEM tivesse ações quase que semestrais, então eu acho que a gente conseguiu um pouco disso e que ela tivesse um contato muito forte com as Secretarias, porque daí você chega ao professor. Voltando no caderno, por exemplo, nós nunca iríamos conseguir quatrocentos professores em sete ou oito dias. Eu nunca teria condição de imaginar isso (nem em projetos de pesquisa) com tudo pago! O professor não pagou nada, nem a inscrição. Agora a gente tem a mão-de-obra, *poxa* escrevemos esse caderno. A sacada é essa, por exemplo, eu já pensei em tentar (é uma coisa que eu já conversei com o pessoal) algumas parcerias com o privado em busca de patrocínio para atividades amplas como essa. Eu não vejo problema nisso, porque nós não estamos querendo ganhar dinheiro, nós estamos querendo potencializar as atividades. Com R\$2.000,00 a gente consegue fazer coisas *pra encrenca*, podemos pensar em trazer para o ESEM cinco professores de cada microrregião do estado, por exemplo, com tudo pago. Seria legal.

Eu acho que existe uma cultura muito forte da Educação Matemática de dizer aquilo que o professor vai fazer, acho que essa cultura está mudando frente aos grupos que estão se formando e acho que a SBEM acompanha um pouco desse processo. A gente tentou inverter um pouco dessa lógica, em alguns momentos conseguimos e em outros não. Institucionalmente, eu não tenho nenhuma carga horária para a SBEM, se eu for pensar de modo muito prático, a SBEM me traz prejuízo, porque eu tenho menos tempo para me dedicar às atividades de pesquisa, menos tempo para me dedicar às atividades da graduação e extensão. Quanto menos tempo eu tenho para me dedicar a isso, profissionalmente, eu perco. Claro que você tem todo um ganho simbólico, uma visibilidade que é *bacana*. Agora, se você tivesse um projeto de extensão dentro da universidade (que até podemos fazer), um respaldo maior da universidade para você trabalhar com isso seria bem mais interessante. Por exemplo, se a gente tivesse dois professores da Educação Básica que tivessem uma diminuição da carga horária para participar da SBEM, seria outra coisa bastante interessante. Acho que a gente está no caminho de tentar, de ficar mais próximo do professor para entender e de fato ver se podemos ajudar e fazer com

que esses cursos ecoem, façam parte das Políticas Públicas. Por exemplo, a Adriana sempre falava sobre o caderno, sobre já existirem vários livros, sobre não ser uma condição nossa e, tudo bem, aceitarmos fazer sem ganhar nada, mas que quando colocamos a condição de nos encontrarmos com os professores em cursos para pensar os cadernos, ganhamos. Querendo ou não, simbolicamente e até operacionalmente, a gente colocou as vozes dos professores como parte de uma Política Pública. Tomara que esse caderno chegue aos professores, porque vai ser uma decepção muito grande se esse caderno não chegar, mas a gente tem outros meios, como não ganhamos nada e a autoria é nossa, publicamos e mandamos para todo mundo! Podemos tentar na gráfica da UFMS, no sindicato ou na prefeitura, têm vários meios possíveis.

Temos que entender que esse processo é longo e que ele não ocorre de uma hora para outra. A gente acreditava que as Jornadas iam *bombar*, que a parceria com o Programa de Pós-Graduação seria muito forte, pois colocaria mestrandos, professores e alunos de licenciatura para conversar. Embora isso tenha ocorrido, foi em uma escala menor que a esperada, a gente está muito longe, mas está buscando... Eu defendo a continuidade dessas ações, não no sentido de dizer que tudo é mil maravilhas, não é! Têm Jornadas que têm dois participantes, a gente parou de fazer em Campo Grande, porque não tinha participante, mas também já tiveram Jornadas com trinta, trinta e cinco participantes. Em Porto Murtinho³⁴⁷ a primeira vez foi muito legal, teve quarenta pessoas de todas as áreas como geografia, história, porque os cursos nunca chegavam lá e quando você chega com alguma coisa é legal. A própria Secretaria Estadual de Educação estranhou a proposta de uma Jornada em Porto Murtinho (um dos polos da EaD, o que nos permite conseguir uma parceria por lá), pois por só haver três professores de Matemática, nunca conseguiram fazer algo lá. Então você vê que *bacana* essa ideia de descentralizar e criar essas discussões em outros lugares.

Com relação às questões internas e externas que afetam o trabalho desenvolvido na SBEM-MS, em minha opinião, é que ela nunca é uma prioridade. Nossa prioridade é mandar um parecer, o SESEMAT agora, notas que eu tenho que entregar, coisas a preparar... Não ter um tempo dedicado a isso, institucionalmente, é um problema sério. Talvez seja culpa nossa também, por exemplo, podemos propor para a próxima diretoria ou até agora um projeto de

³⁴⁷ Distante 376,1 km da capital Campo Grande - MS.

extensão, na UEMS³⁴⁸ e em todos os lugares, com todas as pessoas representantes e cadastrar o trabalho com a SBEM com esse tema, isso dá um respaldo, ter um projeto de extensão aqui é *bacana*. Então esse é um fator. Lidar com a questão burocrática, para mim, é um negócio muito complicado, agora é que nós estamos conseguindo deixar a conta da SBEM bonitinha. Tirei várias vezes dinheiro do bolso, depois pega, joga para lá, para cá, para fazer a coisa andar! Eu acho que é uma dificuldade nossa e isso interferiu muito para a coisa andar, sempre dá um jeitinho e aí consegue. Eu acho que o segundo ponto é que a gente ainda tem pouca articulação com as outras SBEM's dos outros estados e pouca articulação com a SBEM Nacional. Ano passado a gente recebeu R\$ 1.800,00 da SBEM Nacional. É pouco? Mais ou menos! Com R\$ 1.800,00 eu já consigo fazer algumas coisinhas. Então essa nova diretoria que entrou teve essa proposta, eles estavam colocando em dia as contas e nos ajudaram até burocraticamente, então eu acho que esse seria um ponto positivo.

Hoje a dificuldade tremenda é criar, elaborar estratégias nas quais a gente possa fazer com que a SBEM seja conhecida no estado e seja vista com um espaço simbólico no qual os professores possam ter respaldo. Eu acho que essa é a grande dificuldade e que não conseguimos ainda ter ações mais fortes em termos de propaganda e de aproximação com o professor. Não sei, poderia ter criado algo assim “*Conversando com o professor da Educação de Mato Grosso do Sul*”, e daí fazer algumas entrevistas, não sei. Acho que a gente tem uma dificuldade de gestão da SBEM no sentido de ter pouca gente, sempre muito trabalho e de não ter ganhos reais como, por exemplo, os PAPMEM's³⁴⁹ da SBM. Os professores que participam ganham, inclusive os da universidade. Nós da SBEM, quando vamos fazer o ESEM tiramos do bolso o dinheiro da inscrição, da gasolina... Por exemplo, seria diferente se, ao convidar a Vanilda de Ponta Porã, ou a Irene de Cassilândia para fazer alguma coisa eu falasse que tenho uma ajuda de custo, pequena, sei lá, de R\$ 100,00, seria diferente! Acho que você cria outra dimensão. Então essa é uma dificuldade grande, mas aí também vem outra lógica de pensar educação e eu acho que está ancorado nisso. Então, internamente é uma questão de gestão, as questões burocráticas a gente vai conseguir deixar certinho agora, mas conseguimos driblar as questões de trabalho, de todos inclusive eu, de que a gente às vezes deixa muito de lado, outras

³⁴⁸ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

³⁴⁹ Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio.

vezes não, consegue fazer coisas *bacanas*. Por exemplo, ainda temos pouco envolvimento com as outras SBEM's, por que (uma coisa que a gente já pensou várias vezes, mas nunca fez) eu não posso ter no site da SBEM daqui de Mato Grosso do Sul todos os anais dos "ESEM's" da Bahia? E vice-versa? – Ah, mas o que isso vai trazer? Não sei, mas criaríamos uma relação com esse povo, ainda que de conhecimento e acesso. Não temos pernas para fazer isso e a gente carece de uma organicidade, nesse sentido. Acho que para mim essas são as principais dificuldades.

Os recursos que são mobilizados pela SBEM-MS são os repasses feitos pela nacional e as inscrições dos eventos que fazemos (como a Jornada que dá um dinheirinho e, às vezes, um compensa o outro; e o ESEM que o ano em que arrecadou mais dinheiro foi quando foi realizado em Nova Andradina). Ano passado foi o primeiro em que ocorreu, que eu saiba, o repasse da Nacional, eles entraram em contato, perguntaram se estava tudo certinho e mandaram o dinheiro. Acho que esse ano eles vão continuar fazendo isso, o que é uma coisa muito legal. O que a gente já pensou era, por exemplo, de nesse ano fazer o ESEM e todo mundo ficar sócio da SBEM automaticamente. A gente tem que estudar um pouco mais para ver os prós e os contras, mas seria uma coisa legal, porque depois esse dinheiro volta. Agora eu volto a insistir, precisamos ter mais parceiros, porque se o cara investe na SBEM, depois ele pode deduzir na carga fiscal dele, porque ela tem CNPJ³⁵⁰, tem um site, um facebook. Claro é uma questão profissional, quer dizer, é a ideia do ator, não gosto de tal marca, mas estou vendendo a minha imagem. Se a gente conseguisse uma verba, qualquer quantia, para, por exemplo, publicar um livro para todos os professores da Educação Básica, seria uma coisa muito *bacana*. E em termos de editais, o CNPq³⁵¹, a CAPES³⁵² e a Fundect³⁵³ poderiam, talvez, contribuir para trazer os palestrantes.

Com relação ao desenvolvimento da Educação Matemática aqui no estado de Mato Grosso do Sul, eu acho que não há diretamente um incentivo por parte da SBEM-MS com relação ao desenvolvimento de grupos específicos ou ações específicas. Agora, indiretamente

³⁵⁰ Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

³⁵¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

³⁵² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³⁵³ Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul.

sim, por exemplo, as Jornadas têm uma parceria com o Mestrado, estamos juntos, mas não é todo mundo que participa, porque é voluntário. A proposta com esses encontros é criar grupos locais na perspectiva de muito para muitos, mas não sei isso se efetivou, porque efetivar um grupo de trabalho de professores é muito difícil! Isso porque os caras não têm muito tempo e no tempo que eles têm não querem fazer isso e eu entendo, não acho que eles sejam culpados. Agora todo esse processo, de certa forma, auxilia. Vamos pegar Paranaíba³⁵⁴, não dizemos: – Olha, se vocês quiserem formar um grupo, a gente dá assessoria, mandamos material. Não temos isso. Até seria uma ideia legal, agora como implementar eu não sei. Eu acho que demanda muito tempo que é o nosso principal vilão. Agora todas essas atividades com certeza sim, trazem algumas contribuições.

Eu acho sim que existe uma relação entre a criação da SBEM-MS e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos aqui no estado. Nas Jornadas, por exemplo, nós da diretoria temos muito mais contato com o pessoal de fora. Na II Jornada nós fizemos contato com um professor da Matemática pura de Três Lagoas, um professor bacana pra caramba que trabalha com os professores, Antônio Tamarozzi³⁵⁵. Então eu acho que é a criação desses elos o importante, é discutindo, criando, voltando que se vai constituindo relações de maneira até mesmo invisível, mas as pessoas vão se sentindo incluídas dentro desse processo. Por exemplo, Cassilândia não participou da I Jornada, pois conhecia pouca gente lá, nunca tinha conversado com a Irene, já tinham dez cidades participando e queríamos ir devagar, senão a gente não dava conta. Daí um dia ela me mandou um e-mail e falou: - Olha, a gente está aqui! A gente participaria sim! Eles participaram da segunda, da terceira e eu acho que vão participar de muitas. O que eu acho o pulo do gato (e talvez a gente consiga agora) é criar esses representantes e providenciar uma estrutura para eles, até porque se você for ver nas outras diretorias, é muito junto! O Jader foi embora, mas era do programa, todos os outros aqui estão entrelaçados com o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática: ou fez Mestrado, faz Doutorado ou atua como professor. Por este lado, é um trunfo estarmos em Mato Grosso do Sul que é um estado pequeno em termos de município e de número de professores de Matemática. A gente conseguiria, em uma ação articulada, propor políticas de formação continuada, de formação em

³⁵⁴ Distante 407 km da capital Campo Grande - MS.

³⁵⁵ Antônio Carlos Tamarozzi. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

serviço, de articulação com a pós-graduação, a graduação e o professor da Educação Básica. Por outro lado, é nesse movimento de fazer essas articulações que temos dificuldades, não sabemos o empreendedorismo educacional, mas eu acho que estamos tentando. Uma ação mais sistematizada demandaria um pouco mais de verba, mas quanto aos elos, estes estão acontecendo sim! Tanto com relação às pessoas, como quanto à participação de cidades pequenas em todos esses processos (muitas vezes, até aparece o nome no cartaz que é uma coisa que me chama muita atenção). O espanto do superintendente da Secretaria quanto à ida a Porto Murtinho indica uma perspectiva bacana, de que estamos conseguindo uma formação de muitos para muitos, não de um para muitos. Acho que essa é uma ação legal.

Da nossa diretoria, a gente teve mudanças que acarretaram algumas complicações. Se o Jader não tivesse saído daqui de Campo Grande, por exemplo, eu acho que a gente teria realizado o ESEM em 2013, 2014. As ações que tivemos foram *bacanas* no sentido de quebrar essa ideia de que a SBEM é só para fazer o ESEM ou os encontros estaduais, a gente conseguiu. Tivemos fracassos, eu acho que esse é um ponto muito forte também que eu gostaria de deixar claro. Vamos citar esses fracassos em tudo que for lugar, porque esse é o processo, um processo que vem de outras diretorias (talvez, porque eu não conheço, cheguei aqui em 2009). Acho que a gente está em um momento em que podemos utilizar as tecnologias para que possamos dar um salto grande e ter um contato mais próximo com o professor da Educação Básica, fazer um trabalho em conjunto com ele e fazer com que ele possa ser mais ouvido e que ele possa ter mais voz nas discussões das Políticas Públicas. Eu acho que esse é o papel das SBEM's estaduais: movimentar os estados, os professores e acho que com o Doutorado em Educação Matemática vai fortalecer ainda mais esse processo.

Sempre quis me envolver com a SBEM e quando participei do primeiro EPREM, fiquei muito encantando com as coisas que existiam na área da Educação Matemática, como discussão de políticas. Lembro-me que o Ubiratan fez a palestra de abertura, em 2002, e disse uma coisa que todo mundo assustou: - Daqui a pouco, o celular vai estar presente em sala de aula e o professor vai ter que lidar com isso. Todo mundo se olhou assustado. E está aí!

Penso que a SBEM é uma sociedade que precisa se articular mais, precisamos parar de pensar nas coisas que nos distanciam e pensar mais nas coisas que nos deixam próximos e fazer com que o professor esteja cada vez mais presente em todo esse processo. Então acho que é

isso, as perspectivas são boas: temos a questão do livro que vai sair e que é muito legal, a questão de um site *parrudo* (que tenha muita coisa, talvez esses boletins mensais), desses representantes regionais ou municipais que pudessem participar mais, das parcerias com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação buscando nos aproximar dos governos (independente de quem seja) para pensar em propostas de formação continuada. Não sei, é uma coisa muito complexa, têm muitas variáveis, mas é mais ou menos é isso que a gente está pensando em fazer. Também tem o projeto com o PIBID, de que todos aqueles atuantes no estado fossem divulgados no site da SBEM, vamos ver se a gente consegue. Acho que agora aprendemos muitas coisas, já fizemos um pouco então está na hora de fechar. Vai ser legal, você vai estar nesse processo, participando do ESEM.

Entrevista com: João Ricardo Viola dos Santos

Local: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS.

Data da entrevista: 11 de fevereiro de 2015.

6 ANÁLISES

“[...] Anos mais tarde, pensei nisso [nas histórias únicas] quando deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. Eu tinha 19 anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha ‘música tribal’ e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão. O que me impressionou foi que ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão em relação a mim, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais. [...] Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é ‘nkali’. É um substantivo que livremente se traduz: ‘ser maior do que o outro’. Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do ‘nkali’. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. [...] A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. [...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. [...] Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre qualquer lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.”

(Chimamanda Ngozi Adichie)

A proposta tematizada por nós com os três textos analíticos que seguem foi evidenciar o afastamento da noção de “A” verdade, alertando para os perigos de uma única história como

a escritora Chimamanda Adichie nos propõe. Ela ressalta que esse posicionamento perante uma única versão conhecida de determinado povo e/ou uma mesma nomenclatura pode criar certos estereótipos que passam a representar o todo, como a verdade sobre ele.

Os textos apresentados aqui são fruto do exercício de produzir histórias singulares que dizem de várias “SBEM-MS” com as quais nos deparamos ao longo da pesquisa, tomando como base os documentos escritos e narrativas de pessoas que vivenciaram diferentes momentos dessa Sociedade. Cada uma dessas histórias tem o papel de contrapor ou reforçar a outra dentro dessa perspectiva de multiplicidade. Diferentes histórias convivem e se mostram plausíveis a quem as enuncia, pois são frutos de diferentes experiências.

A análise narrativa de narrativas que realizamos para compor os textos sobre SBEM-MS visou destacar singularidades de cada história contada pelos depoentes sobre tal Sociedade, marcas de diferentes discursos presentes, por vezes, em uma mesma entrevista. Nesse tipo de análise, segundo Cury, Silva e Souza (2014), o pesquisador deve compreender e dar sentido aos significados que emergem das experiências presentes nas narrativas. Nessa perspectiva, a utilização de um exercício próximo ao de elaboração de caricaturas pareceu ser um meio de exprimir esses significados diferentes pela forma com que estruturamos esses textos.

O conceito de caricatura no dicionário³⁵⁶ vem da representação grotesca de pessoas e/ou acontecimentos. Complementando esse conceito, adicionamos: por meio de traços exagerados de características que mais se destacam. A partir dessa perspectiva, a estruturação de algo próximo a uma caricatura vem também da forma como é dita, evidenciando certa estética textual.

A forma como a narrativa é produzida é apontada por Galvão (2005) como uma das propostas de análise narrativa, principalmente de narrativas orais, em que o pesquisador deve atentar-se a como algo está sendo dito, às marcas de oralidade, pois estas carregam significados sobre quem está narrando. Assim, “a análise narrativa pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito. Olha-se para o conteúdo e para a forma, podendo examinar-se o modo figurativo como a linguagem é usada” (GALVÃO, 2005, p. 335).

³⁵⁶ **Caricatura.** In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa Online. Disponível em: < <https://www.priberam.pt/DLPO/caricatura> >. Acesso em: 30 de jan. 2016.

Nesse viés, nossas histórias foram construídas buscando se aproximar da construção de uma caricatura que busca exercitar a nossa crença de que a forma também é conteúdo como aponta Galvão (2005), e o que tentamos explicitar com essas três construções é que um “mesmo discurso”, ou resíduo de enunciação, usado de/em formas diferentes, significam coisas diferentes.

6.1 Caricatura 1 - SBEM-MS: Retratos de uma Sociedade atuante no estado

A importância de se criar uma Sociedade Brasileira de Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul está no fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos no estado que buscava o desenvolvimento e ampliação da área em uma região de, até então, pouca representatividade nacional. A criação da SBEM-MS emergiu das diferentes necessidades e discursos que impulsionaram a articulação de professores a fim de estruturar e efetivar o funcionamento dessa organização.

A principal necessidade destacada por seus dirigentes parte da falta de interlocução entre os professores da Educação Básica e as pesquisas e projetos de ensino e extensão desenvolvidos na área da Educação Matemática fazendo com que uma de suas principais ações seja, justamente, aproximar a universidade das escolas de nível básico. Com essa aproximação, tanto a universidade como a comunidade de professores obteriam ganhos: por um lado, poderia orientar as ações desenvolvidas na universidade e fazer ressoar seus apontamentos e, por outro, poderia contribuir para que as vozes dos professores da Educação Básica transitassem em espaços outros como o da academia. A SBEM-MS realiza parcerias com outras instituições de modo a buscar essa aproximação promovendo eventos e oferecendo cursos de capacitação envolvendo o ensino de Matemática. Mas, esse discurso de aproximação tão presente nas narrativas emerge quando do reconhecimento de um efetivo distanciamento de parte considerável da comunidade de educadores matemáticos em relação às ações da Sociedade, das secretarias de educação e professores da Educação Básica em relação à participação em cursos e eventos ofertados.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a SBEM-MS potencializava as ações de uma comunidade, ainda incipiente, de educadores matemáticos, ela também se mostrava como um

espaço de discussão e produção para aqueles que estavam em busca de interlocução e, também, como um espaço de sensibilização para aqueles que não questionavam suas práticas docentes. Por esse espaço, atravessavam angústias e dúvidas inerentes à profissão, bem como o interesse por novas formas de ensino e a partir disso, a Sociedade torna-se extremamente necessária no Estado por conseguir promover eventos tão produtivos, conseguindo juntar no mesmo espaço profissionais de diferentes níveis de ensino.

Uma vez criada³⁵⁷, para concorrer à diretoria da SBEM-MS, basta que os professores (com mais de um ano de filiação) estruturem uma chapa e escrevam uma proposta de trabalho de acordo com os objetivos da Sociedade. Para a estruturação das diretorias, com relação aos seus membros, era necessária a articulação com outras instituições (tanto na capital como no interior, sejam elas públicas ou privadas) com as quais a SBEM-MS buscava algum intercâmbio. Deste modo, a busca pela constituição de uma diretoria composta por representantes de diversos estabelecimentos e cidades do estado mostra o interesse que a Sociedade tem em descentralizar as discussões e ampliar o alcance de suas ações em Mato Grosso do Sul. Atualmente, por conta de parcerias fomentadas no interior do estado, essa diversidade na composição da chapa não é uma necessidade a priori, embora ainda muito importante, considerando que educadores matemáticos do estado tem se mobilizado junto à Sociedade ainda que não se coloquem como membros oficiais de sua diretoria.

De acordo com os documentos referentes à constituição e posse das novas diretorias, percebe-se que a maioria das chapas foi única e que alguns membros assumiam diferentes cargos em diferentes períodos na SBEM-MS. Essa constante participação por parte de alguns professores nas diretorias ao longo do tempo nos mostra o engajamento e as potencialidades das ações da Sociedade enxergadas por esse grupo que buscou, em certo período de trabalho, disseminar os ideais da SBEM-MS pelo estado reforçando sua importância junto aos professores de todos os níveis de ensino. Essa constância também evidencia um certo fortalecimento da comunidade de Educação Matemática em Mato Grosso do Sul. Esse quadro mais permanente da diretoria alterou-se com as últimas chapas evidenciando a obtenção de

³⁵⁷ Para a criação de uma diretoria regional é necessária uma solicitação ao Conselho Nacional Deliberativo juntamente com a Ata de reunião dos sócios da SBEM (autenticada) visando à criação e uma proposta de Regimento da Diretoria Regional em causa.

novos espaços conquistados pela Sociedade e a consequente congregação de uma nova geração de professores que acreditam e querem dar continuidade a ela e vem, em sua maioria, de outros estados por meio de concurso público.

Com um olhar mais geral sob os membros que participaram da SBEM-MS ao longo do tempo, percebe-se certa ligação entre a maioria deles: uns foram alunos da graduação, outros foram orientandos de professores que estavam à frente da Sociedade, colegas de trabalho, professores, ou seja, evidencia-se uma rede formadora de pessoas constituída pelos professores que incentivaram a criação da Sociedade bem como outras pessoas com que eles tinham uma maior aproximação o que acabava facilitando o diálogo e a propagação da ideia de uma SBEM-MS necessária para o desenvolvimento da Educação Matemática. Deste modo, na tabela abaixo encontra-se destacados os professores que trabalharam/trabalham na UFMS (Campo Grande) e sua relação com outros membros da Sociedade, seja como orientador ou professor (tanto da Licenciatura como da Pós-Graduação).

Quadro 5 – Membros que participam e/ou participaram da SBEM-MS³⁵⁸

Professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
- Eronídes de Jesus Bíscola; - Luiz Carlos Pais (orientador de: Ângela Cecília Quarentei Gardiman, Antônio Salles, Irio Valdir Kichow, Vera Fátima Corsino de Almeida e Lusival Pereira dos Santos); - José Luiz Magalhães de Freitas (orientador de: Iraci Cazzolato Arnaldi, José Felice, Aparecida Santana de Souza Chiari, Vanilda Alves da Silva, Adriano Fonseca Melo, Maria Aparecida Mendes de Oliveira, Dejahyr Lopes Junior e Maysa Ferreira da Silva); - Marilena Bittar (ex-aluna da UFMS e orientadora de Chateaubriand Nunes Amâncio, Ana Paula Stockler Bojikian, Giorgia Kopcak, Adriana Barbosa de Oliveira e Irene Coelho Araújo); - Neusa Maria Marques de Souza (orientadora de Anelisa Kisielewski Esteves e Ellen Fedrigo); - João Ricardo Viola dos Santos; - Márcio Antônio da Silva (orientador de Deise Maria Xavier de Barros Souza e José Wilson dos Santos); - Vanilda Alves da Silva; - Patrícia Sândalo Pereira; - Celso Cardoso; - Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa; - Maura Cristina Condolo Marques;

³⁵⁸ O mesmo quadro será utilizado de modo diferente nos textos que seguem.

- Silvia Regina Vieira da Silva; - Maria das Graças Bruno Marietto (também trabalhava na UCDB e UNIDERP); - Sibelis Aparecida Tibaldi França (ex-aluna da UFMS e trabalhava na UCDB); - Jader Otávio Dalto; - Adriana Barbosa Oliveira; - Carla Regina Mariano da Silva; - Ana Paula Stockler Bojikian (ex-aluna da UFMS e professora da Educação Básica); - Giorgia Kopcak (ex-aluna da UFMS) - Thiago Pedro Pinto; - Aparecida Santana de Souza Chiari; - Claudia Carreira da Rosa; - Késia Caroline Ramires Neves; - Edilene Simões Costa dos Santos; - Thiago Donda Rodrigues.
Professores da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
- Maria Helena Junqueira Caldeira; - Dejahyr Lopes Junior (ex-aluno da UFMS); - Ivanilde Herrero Fernandes Saad.
Professores da Universidade Para o Desenvolvimento da Região do Pantanal (UNIDERP)³⁵⁹
- Ângela Cecilia Quarentei Gardiman (também trabalhou na Secretaria de Educação); - Iraci Cazzolato Arnaldi; - Ivonete Melo de Carvalho (ex-aluna da UFMS e também era professora na UCDB).
Professores do Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN)
- José Felice (também era professor na UEMS); - Vera Fátima Corsino de Almeida (ex-aluna da UFMS)
Professores de Secretarias de Educação (Municipal e/ou Estadual)
- Oracilda Alves Palma³⁶⁰; - Iara Augusta da Silva (ex-aluna da UFMS); - Polônia Albino Maia*; - Lusival Pereira dos Santos; - Denize Silva Oliveira*; - Anelisa Kisielewski Esteves; - Maysa Ferreira da Silva (ex-aluna da UFMS); - Juciani Alves de Oliveira Camacho (ex-aluna da UFMS); - Deise Maria Xavier de Barros Souza; - Adriano Fonseca Melo.
Professores do Educação Básica
- Dalva Coelho Joussele*; - Waldemar Gonçalves Barbosa* (ex-aluno da UFMS); - Ellen Fedrigo (ex-aluna da UFMS);

³⁵⁹ Antigo CESUP (Centro de Ensino Superior “Professor Plínio Mendes dos Santos”)

³⁶⁰ Os nomes que não encontramos mais informações estão indicados por (*).

- Paulo César Brandão*; - Roberto Winters Steil*.
Professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
- Helena Alessandra Scavazza Leme; - Antônio Sales (também foi professor da UNIDERP); - Marcelo Salles Batarce; - José Wilson dos Santos; - Irene Coelho Araújo.
Professores da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
- Maria Aparecida Mendes de Oliveira; - Renata Viviane Raffa Rodrigues; - Irio Valdir Kichow; - Renato Gomes Nogueira (ex-aluno da UFMS e orientador de Maria Aparecida Mendes de Oliveira); - Chateaubriand Nunes Amâncio; - Ivonélia Crescêncio da Purificação; - Edmir Ribeiro Terra (ex-aluno da UFMS).
Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)
- Anderson Martins Corrêa (ex-aluno da UFMS).

Fonte: Registro da pesquisa.

As ações voltadas para a formação de professores não podem (ou não devem) ser um projeto pontual e descontínuo de um grupo pequeno de pessoas, mas uma espécie de programa em que se nota regularidade e que é consolidado por um coletivo mais amplo. Assim, a criação da SBEM-MS potencializou essas ações ao se consolidar como uma instituição reconhecida nacionalmente constituída por uma comunidade de educadores matemáticos responsáveis, também, por investigar a formação docente e propor cursos, eventos e publicações nessa direção. Para isso, foram propostas ações envolvendo as universidades (tanto particulares como as públicas), as Secretarias de Educação (Municipal e Estadual) e as escolas de Educação Básica do estado, como, por exemplo, os Encontros Sul-Mato-Grossenses em Educação Matemática (ESEM) e as Jornadas da Educação Matemática (JEM).

O ESEM é a principal atividade desenvolvida pela SBEM-MS sendo, assim, obrigatória sua realização a cada final do mandato. Apesar de indícios que a ideia de realização deste evento seja anterior à criação da Sociedade, percebemos que ela passa a ser regularizada pela SBEM-MS, tornando-se uma atividade constante em cada diretoria. A partir disso, a organização e

estruturação deste evento passa a ser de responsabilidade da diretoria, estando aberta para colaborações advindas de outras pessoas, sendo elas sócias ou não, principalmente de membros das chapas que concorriam à diretoria naquele ano.

Este encontro promove, além da apresentação de trabalhos científicos, relatos de experiência, minicursos acerca de metodologias de ensino e questões educacionais, bem como palestras e mesas redondas com profissionais da área oriundos deste e de outros estados sobre questões ligadas à formação de professores, ao ensino e à aprendizagem Matemática. Em suas doze edições (1988, 1989, 1990, 1993, 1995, 1999, 2001, 2004, 2007, 2011, 2012 e 2015) este encontro buscou a troca de experiências entre professores e alunos de diferentes níveis de ensino, mas esta ainda tem sido uma luta constante. Por conta desse esforço em criar espaços de comunicação, este evento tem se consolidado como o momento de maior popularização da SBEM-MS ao longo desses anos. Essa popularização deve-se ao fato do grande número de participantes e, conseqüentemente, a quantidade de filiações realizadas neste evento, o que evidencia seu alcance e sua relevância no cenário da Educação Matemática considerado por aqueles que participam. Cabe ressaltar, ainda, o grande marco assumido por este Encontro: é nesse momento que ocorre o encerramento da diretoria vigente e é realizada a eleição e posse da nova diretoria. Neste momento de decisão, todos os presentes são convidados a participar da assembleia final para a discussão e avaliação do encontro como todo. Entretanto, no momento da eleição da nova chapa, somente os associados tem o poder de votação.

Considerando a distância entre as cidades do estado, o engajamento da população com as questões tematizadas pela SBEM (detectado nas diferentes edições do ESEM) e a pequena quantidade de recursos que viabilizaram suas ações, foram pensadas diversas propostas de parcerias que contribuíssem com sua ampliação. Entre essas propostas estão as Jornadas da Educação Matemática (JEM) (2013; 2014) que tem como público alvo os professores da Educação Básica e alunos da Licenciatura em Matemática do interior do estado, evidenciando a preocupação da Sociedade com aqueles que não têm condições de se deslocar para a capital (onde normalmente são realizados os eventos) reafirmando, deste modo, seu discurso de descentralização tomado como base.

Essas Jornadas são realizadas por alunos da Pós-Graduação em Educação Matemática (UFMS) que se disponibilizam a viajar para outras cidades para ministrar os cursos. São dois

dias de atividades, com início na sexta-feira à noite com uma palestra sobre algum tema (à escolha do mestrando) e aberta a discussão para os participantes. No sábado, são realizadas oficinas referentes ao tema da palestra realizada, estas podem ocorrer durante o dia inteiro ou em apenas um período. Entretanto, essa estrutura de uma escolha prévia de conteúdo pelo pós-graduando está sendo pensada pela diretoria vigente até 2015. Essa proposta de Jornada busca atender as demandas dos professores dessas cidades e, a partir delas, elaborar as palestras e minicursos a serem ofertados. Essa outra maneira de pensar os cursos aponta para um cuidado e consequente diferencial da Sociedade, com relação a algumas entidades que se comprometem em promover formações para os professores, de efetivamente conhecer as demandas docentes de professores de Matemática e se colocar como um interlocutor das mesmas, potencializando o diálogo e o envolvimento efetivo nas atividades.

Para além das Jornadas e do ESEM, foram realizadas outras parcerias que objetivaram uma aproximação maior com os professores da Educação Básica. Duas ações que podemos destacar são: uma proposta envolvendo os gestores escolares e professores da Educação Básica e outra com a Secretaria Estadual de Educação. A primeira, juntamente com um projeto de extensão universitária da UFGD³⁶¹, entre os anos de 2010 e 2012, consistiu em uma grande ação conjunta que, primeiramente, contou com a colaboração e compreensão dos gestores escolares sobre a importância dos professores participarem de formações continuadas, conseguindo, desta forma, uma vez por mês, a liberação dos professores de Matemática da cidade de Dourados para discutir questões referentes à Educação Matemática e, também, sobre a atuação, importância e participação nas ações da SBEM-MS.

Uma segunda ação promovida pela Sociedade em parceria com a Secretaria de Educação do Estado foi a produção dos Cadernos Pedagógicos. Para a elaboração desses cadernos, realizada em dois momentos distintos, a SBEM-MS contou com o auxílio dos professores da Educação Básica (público-alvo do Caderno), tanto da capital quanto do interior do estado, sendo estes últimos totalmente custeados pela Secretaria de Educação. Percebe-se aqui que mesmo a SBEM-MS não tendo condições financeiras de promover sozinha uma ação dessa dimensão, ela consegue se articular com outras entidades a fim de cumprir seu objetivo de proporcionar

³⁶¹ Universidade Federal da Grande Dourados.

um espaço de discussão sobre o ensino da Matemática. O trabalho em conjunto para a produção desse material de apoio utilizado em sala de aula evidencia a preocupação da Sociedade em integrar os professores nas decisões a serem tomadas sobre o ensino e aprendizagem dos alunos nas escolas e, também, os colocando em contato com outras metodologias de ensino que são discutidas nas universidades. Por outro lado, a busca e a implementação de parcerias potencializam sua capacidade de ação junto aos professores do estado, além de praticar um espaço junto a organizações responsáveis pelo delineamento de políticas públicas vinculadas à Educação no município de Campo Grande e no estado de Mato Grosso do Sul.

A divulgação da SBEM-MS, desde o início, é realizada pelos membros tendo em vista a sua proposta de expansão. Assim, as primeiras diretorias realizavam a confecção de banners e folders para distribuir entre os meios universitários e nas escolas, além de fazer a divulgação oralmente em outros eventos que participavam. Com o advento da internet, a propagação das ideias da SBEM-MS ficou facilitada, a criação de um site, a distribuição eletrônica do Boletim Informativo e os e-mails possibilitam uma maior interação (e mais rápida) com o público. Além dessa divulgação mais intencional, devemos destacar também aquela feita pelos próprios sócios (de maneira geral) da Sociedade que, como uma rede, vão convidando seus colegas de serviço a participarem.

O site da SBEM Nacional é um espaço virtual encontrado pela diretoria para manter-se junto ao professor que não consegue participar dos eventos promovidos, disponibilizando materiais que podem auxiliar nas dificuldades encontradas no seu cotidiano escolar e, também, atualizá-los com relação aos eventos e atividades regionais, nacionais e internacionais. A simples filiação à SBEM-MS permite aos sócios usufruir de descontos em inscrições de eventos promovidos ou em colaboração com a SBEM. Nessa perspectiva, é muito importante a participação dos professores na Sociedade para que eles se mantenham atualizados frente às pesquisas desenvolvidas na área, sendo, muitas vezes, um estímulo para eles buscarem a continuidade dos estudos em cursos de formação continuada ou de Pós-Graduação, por exemplo, evidenciando uma sociedade fortificada frente aos professores ao promover esse tipo de interação.

O discurso de aproximação da SBEM-MS com a comunidade de professores e alunos de diferentes níveis de ensino se faz presente de inúmeras formas apontando para as ações acima

consideradas e para uma perspectiva ainda incipiente entre as diretorias, mas presente no regimento interno - de criação de Núcleos Seccionais (sub-regionais da SBEM-MS) nas cidades do interior. Para sua instauração em uma cidade do interior é necessária a representação de vinte associados residentes na cidade ou em regiões próximas, sendo que cada município poderá constituir um único Núcleo. Este é administrado por uma equipe composta por um Coordenador Geral e dois Coordenadores Auxiliares, sendo diretamente subordinado à regional. Nesse viés, ao analisarmos as potencialidades desta ação, percebemos que essa possibilidade leva a SBEM-MS a estar mais próxima dos seus associados que residem no interior do estado (discurso esse tão destacado nas narrativas), como uma ação fixa e não eventual como as outras apresentadas, podendo ser outro meio de angariar novos sócios e manter aqueles que já são.

Essas e outras ações vinculadas à SBEM-MS são custeadas, na maioria das vezes, pelos próprios eventos que ela realiza com o montante das inscrições pagas pelos participantes, já que a parte repassada pela SBEM Nacional das anuidades pagas pelos sócios não é suficiente a ponto de dar condições da Sociedade realizar ações diversas e em grandes proporções como tem procurado fazer. Ações que envolvem parcerias com outras entidades como as Secretarias Estadual e Municipal de Educação também colaboram com, por exemplo, o financiamento da vinda de professores do interior do estado para ações da SBEM-MS e, dessa forma, ela vai cumprindo seu papel realizando atividades que envolvam a comunidade de educadores matemáticos e aqueles que se interessem por discutir a temática. Outra forma de incentivo por parte da SBEM-MS seria o auxílio na participação de seus membros da diretoria em eventos de outros estados, muitas vezes, exigida a presença de pelo menos um representante.

Além desse apoio financeiro, a Sociedade também se dispõe a lutar em causas políticas que envolvem a comunidade que ela representa. Como exemplo, temos a mobilização da SBEM-MS ao apoiar professores prejudicados no concurso para professores do estado (em 2013) por causa de respostas do gabarito equivocadas e, também, se colocou contrária à mudança das Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul sem consulta prévia dos professores e da própria Sociedade que representa toda uma comunidade, nos mostrando que sua esfera de atuação pode e deve se ampliar para o contexto das políticas públicas.

Fica evidente, deste modo, que a SBEM-MS fortalece a comunidade de educadores matemáticos do estado, mobilizando professores de diferentes níveis de ensino em frentes

diversificadas de interesse e ação. Percebe-se que ela conseguiu/consegue estabelecer parcerias com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação para a consolidação de projetos específicos e, também, para a participação de professores/funcionários em algumas diretorias da Sociedade colaborando com o trabalho desenvolvido e com a manutenção de um diálogo constante entre universidade e escolas da Educação Básica. A SBEM-MS também colaborou para a comunicação entre professores e pesquisadores, aproximando os primeiros do discurso científico e das pesquisas que abordam a formação e prática profissional de professores de Matemática e colocando os segundos atentos às vozes, interesses e conhecimentos dos docentes atuantes na Educação Básica.

Neste sentido, as ações desenvolvidas pela Sociedade estimulam a discussão e reflexão sobre temas referentes não somente ao ensino da Matemática, mas à Educação Matemática como um todo. A inserção de professores de todos os níveis e de alunos da pós-graduação e graduação, e a participação de várias instituições nas ações desenvolvidas pela regional, possibilitam um intercâmbio das discussões realizadas, tornando-se um espaço de compartilhamento e desenvolvimento profissional. Logo, evidencia-se que a SBEM-MS cumpre seu papel e mostra que sua existência e continuidade no cenário da Educação Matemática é significativa para a comunidade.

6.2 Caricatura 2 - O (não) poder simbólico da SBEM-MS

O movimento nacional de criação de uma sociedade que possibilitasse espaços de discussão entre a comunidade brasileira de educadores matemáticos na década de 1980, fez com que professores de Mato Grosso do Sul se articulassem para a estruturação de um grupo que representasse o estado assim como outros estados buscaram fazer, cada um a seu tempo.

A importância de criação dessa Sociedade está na inscrição do discurso de um grupo de Mato Grosso do Sul no cenário nacional sobre Educação Matemática. O que se pretendia com isso era dar vistas ao grupo que constituía a Sociedade e as ações que este vinha implementando (de modo incipiente ou não, fundamentado ou não) como suas, são do que práticas que já eram efetivadas antes de sua criação, retratando a SBEM como uma vitrine dessas atividades, o que não exclui sua função de potencializar outras ações, agora pensadas e efetivadas conjuntamente.

Observamos nos discursos analisados que a ideia de fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos (discurso presente na intenção de criação da SBEM Nacional) propiciado pela criação da Sociedade aqui no estado é somente uma justificativa para sua instauração e permanência, pois o que se pretendia era apenas evidenciar que o estado tinha condições de constituir este grupo e aproveitar todos os ganhos que a participação proporcionava.

Embora essa função, de “colocar na vitrine” da Sociedade, fosse plausível, no sentido de ganhar trânsito nacional e, com isso, constituir-se e fortalecer-se por entre os diferentes discursos e práticas em Educação Matemática, ela sempre teve dificuldades de implementação no estado, uma vez que não havia uma representação significativa da comunidade de educadores matemáticos para seu fortalecimento e expansão, fato este que só vem se constituindo mais fortemente nos últimos cinco ou seis anos. Diante da dificuldade de encontrar diferentes grupos interessados (ou até mesmo um único) em efetivar uma SBEM-MS, o que acabava acontecendo era o registro de nomes em prol de uma continuidade, da regulação de uma vitrine.

As rupturas causadas na Sociedade pela constante falta de pessoas, o desmembramento (parcial e/ou total) de certas diretorias ou até mesmo pela fatalidade ocorrida no início da gestão de 2007, nos evidencia momentos em que ela passou por constantes (re)inícios, o que acabou dificultando ainda mais o seu desenvolvimento e a promoção das ações para a comunidade, pois a preocupação de seus dirigentes se voltou sempre em reestruturar a Sociedade, propor novas ideias e novas maneiras de trabalho que, barradas por dificuldades antigas, voltou ao que era antes: dependente de outras entidades para desenvolver suas ações obrigatórias.

As irregularidades dos documentos da SBEM-MS exigidos para a movimentação da conta, como o CNPJ, por exemplo, perante a SBEM Nacional e o consequente bloqueio da conta desta Sociedade (por meio da qual é acessado o valor dos repasses) resultaram na dificuldade de funcionamento das diretorias, principalmente nos períodos de 1993 a 1996 e 2010 a 2012, que focaram suas ações para regularizar essa documentação. Entretanto, percebemos que nos demais períodos também houve a necessidade dessa regularização, pois constantemente havia alguma alteração no regulamento vindo da SBEM Nacional que ocasionava mais um processo para regularização da Regional, sendo uma constante reclamação por parte dos diretores, pois essa questão acabava impossibilitando várias ações dessa entidade,

e a saída encontrada foi a realização dos eventos que eram financiados por suas próprias inscrições e/ou colaborações advindas de outras instituições como as Secretarias de Educação, por exemplo. Neste sentido, por vários anos os discursos construídos a partir dessas narrativas estão em volta de um constante (re)início da SBEM-MS na tentativa de regularizá-la para que, assim, conseguissem condições de implementar novas propostas.

A candidatura de alguns membros para compor a chapa por vezes ocorreu apenas para que esta garantisse o número mínimo de participantes necessário para ela não perder a representação regional. Outro ponto que podemos destacar é que todos os estados lutavam para garantir a permanência das ações da Sociedade e no Mato Grosso do Sul não poderiam suspender essas ações por falta de pessoas para compor a diretoria, talvez, por entender que todos passavam por este mesmo movimento. Sendo assim, a participação na SBEM-MS tornou-se, muitas vezes, meramente simbólica, uma vez que se preenchiam as vagas com os nomes de professores que não eram atuantes em seu desenvolvimento, mas que garantiam um número mínimo exigido e/ou um empoderamento de outros nomes, menos conhecidos, vinculados à Sociedade. A representação do estado via SBEM regional é um símbolo e a luta por sua manutenção parece ter sido uma das poucas constantes nesses anos de atuação em Mato Grosso do Sul.

Com uma proposta de buscar a disseminação das ações da SBEM-MS, pessoas ligadas a diferentes municípios (capital e interior) se interessavam em participar da composição das diretorias. Por outro lado, essa distância geográfica entre membros da Sociedade acabou, muitas vezes, por contribuir para tornar a proposta inicialmente perseguida meramente declaratória. As ações, por muito tempo, não foram disseminadas, a representação de regiões do interior não foi, muitas vezes, operacionalizada. É claro que a formação de uma diretoria com pessoas de diversas cidades tornou o trabalho na SBEM-MS mais difícil, pois raramente foi possível reunir todo o grupo para a discussão das atividades a serem realizadas. Assim, apenas um número reduzido de pessoas da diretoria se comprometiam com desenvolver algumas poucas ações para dar sustentabilidade e permanência à Sociedade.

Nesse viés, as atividades desenvolvidas pela regional de Mato Grosso do Sul concentravam-se no trabalho de um pequeno grupo de professores que se mostrava mais engajado nas questões relativas à Educação Matemática, estando presente na maioria das

atividades promovidas pela sociedade ao longo dos anos. Esse grupo mais permanente (se assim podemos caracterizá-lo) era ou foi oriundo principalmente da UFMS e estes professores iam revezando os cargos em diferentes diretorias. Evidencia-se que a maioria das pessoas que participaram da SBEM-MS era aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e foi orientada por esses professores que compunham o grupo mais permanente da sociedade.

Na tabela abaixo destacamos os ex-alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS e aqueles que participaram de duas ou mais diretorias, evidenciando a permanência de certo grupo na composição da diretoria da SBEM-MS. Entre eles destacam-se: Ângela Cecília Quarentei Gardiman, Iraci Cazzolato, Polônia Albino Maia, Renato Gomes Nogueira e Marilena Bittar (considerando o período que ela ficou como diretora *pró-tempore* em 2008) com a participação em três diretorias; José Luiz Magalhães de Freitas com a participação em cinco diretorias; e Antônio Sales com a participação em sete diretorias.

Quadro 6 – Professores que participam e/ou participaram da SBEM-MS³⁶²

Professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
- Eronídes de Jesus Bíscola; - Luiz Carlos Pais (orientador de: Ângela Cecília Quarentei Gardiman, Antônio Salles, Irio Valdir Kichow, Vera Fátima Corsino de Almeida e Lusival Pereira dos Santos); - José Luiz Magalhães de Freitas (orientador de: Iraci Cazzolato Arnaldi, José Felice, Aparecida Santana de Souza Chiari, Vanilda Alves da Silva, Adriano Fonseca Melo, Maria Aparecida Mendes de Oliveira, Dejahyr Lopes Junior e Maysa Ferreira da Silva); - Marilena Bittar (ex-aluna da UFMS e orientadora de Chateaubriand Nunes Amâncio, Ana Paula Stockler Bojikian, Giorgia Kopcak, Adriana Barbosa de Oliveira e Irene Coelho Araújo); - Neusa Maria Marques de Souza (orientadora de Anelisa Kisielewski Esteves e Ellen Fedrigo); - João Ricardo Viola dos Santos; - Márcio Antônio da Silva (orientador de Deise Maria Xavier de Barros Souza e José Wilson dos Santos); - Vanilda Alves da Silva; - Patrícia Sândalo Pereira; - Celso Cardoso; - Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa;

³⁶² Os professores cujos nomes estão em negrito são aqueles que participaram de duas ou mais diretorias.

- Maura Cristina Condolo Marques; - Silvia Regina Vieira da Silva; - Maria das Graças Bruno Marietto (também trabalhava na UCDB e UNIDERP); - Sibelis Aparecida Tibaldi França (também trabalhava na UCDB); - Jader Otávio Dalto; - Adriana Barbosa Oliveira; - Carla Regina Mariano da Silva; - Ana Paula Stockler Bojikian (ex-aluna da UFMS e professora da Educação Básica); - Giorgia Kopcak (ex-aluna da UFMS) - Thiago Pedro Pinto; - Aparecida Santana de Souza Chiari; - Claudia Carreira da Rosa; - Késia Caroline Ramires Neves; - Edilene Simões Costa dos Santos; - Thiago Donda Rodrigues.
Professores da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
- Maria Helena Junqueira Caldeira; - Dejahyr Lopes Junior (ex-aluno da UFMS); - Ivanilde Herrero Fernandes Saad.
Professores da Universidade Para o Desenvolvimento da Região do Pantanal (UNIDERP)³⁶³
- Ângela Cecília Quarentei Gardiman (também trabalha na Secretaria de Educação); - Iraci Cazzolato Arnaldi; - Ivonete Melo de Carvalho (ex-aluna da UFMS e professora na UCDB).
Professores do Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN)
- José Felice (também era professor na UEMS); - Vera Fátima Corsino de Almeida (ex-aluna da UFMS).
Professores da Secretária de Educação (Municipal e/ou Estadual)
- Oracilda Alves Palma³⁶⁴; - Iara Augusta da Silva (ex-aluna da UFMS); - Polônia Albino Maia*; - Lusival Pereira dos Santos; - Denize Silva Oliveira*; - Anelisa Kisielewski Esteves; - Maysa Ferreira da Silva (ex-aluna da UFMS); - Juciani Alves de Oliveira Camacho (ex-aluna da UFMS); - Deise Maria Xavier de Barros Souza; - Adriano Fonseca Melo.
Professores do Educação Básica
- Dalva Coelho Jouseli*; - Waldemar Gonçalves Barbosa* (ex-aluno da UFMS);

³⁶³ Antigo CESUP (Centro de Ensino Superior “Professor Plínio Mendes dos Santos”)

³⁶⁴ Os nomes que não encontramos mais informações estão indicados por (*).

- Ellen Fedrigo (ex-aluna da UFMS); - Paulo César Brandão*; - Roberto Winters Steil*.
Professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
- Helena Alessandra Scavazza Leme; - Antônio Sales (também foi professor da UNIDERP); - Marcelo Salles Batarce; - José Wilson dos Santos; - Irene Coelho Araújo.
Professores da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
- Maria Aparecida Mendes De Oliveira; - Renata Viviane Raffa Rodrigues; - Irio Valdir Kichow; - Renato Gomes Nogueira (ex-aluno da UFMS e orientador de Maria Aparecida Mendes de Oliveira); - Chateaubriand Nunes Amâncio; - Ivonélia Crescêncio da Purificação; - Edmir Ribeiro Terra (ex-aluno da UFMS).
Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)
- Anderson Martins Corrêa (ex-aluno da UFMS).

Fonte: Registro da pesquisa.

A constituição de um grupo com renome nacional ou regional não é suficiente para garantir o desenvolvimento e a articulação com outras instituições, mas sua criação e continuidade, no sentido de dar suporte a professores iniciantes em Educação Matemática. Para dar sustentabilidade e credibilidade à primeira diretoria, o Professor Eronídes de Jesus Bíscola se dispôs a integrar a chapa mesmo sem a intenção de participar da SBEM-MS, pois como era ativo em várias outras frentes, principalmente as políticas, seu vínculo daria vistas ao pequeno grupo composto por professores recém-formados. Logo, podemos inferir que a diretoria seria uma consequência de uma organização já existente no Estado, que se constrói e renova independente da SBEM. Mas, se há essa independência, o que a SBEM representaria e por que essa ideia de representação se mostra tão expressiva ao longo do tempo? A SBEM coloca-se como uma vitrine que acena para a existência de uma comunidade de educadores matemáticos no Estado, essa sim atuante em diferentes direções (oferta de cursos a professores, organização de eventos, publicação de materiais para professores, entre outras).

Percebemos que até mesmo a realização do Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM) se mostrou desvinculado da Sociedade na medida que a própria comunidade de educadores matemáticos se propôs a realizá-lo apenas com a colaboração da SBEM-MS, em 1999. Se considerarmos esse fato e que esse encontro antecede a criação dessa entidade, observamos que a Sociedade apenas o integrou como parte de suas atividades, mas continua a ser de responsabilidade de terceiros.

Essa forma de organização do ESEM reforça a perspectiva encontrada de que são poucos os membros da diretoria que se comprometem e participam ativamente na realização deste evento. São as pessoas interessadas em assumirem a diretoria (pois é no evento que é eleita a nova chapa) ou até mesmo profissionais que compartilham dos mesmos ideais da Educação Matemática, na maioria das vezes, que começam a se inteirar das ações da Sociedade.

Ao olhar o papel da Secretaria de Educação ao longo dos anos, percebe-se que na maioria das vezes em que houve alguma aproximação mais efetiva desta com a Sociedade havia pessoas da Secretaria como membros da SBEM-MS. No início, essa articulação era maior pois havia mais professores que trabalhavam nessa instituição e, com isso, eles ofertavam cursos de formação de professores em nome da Sociedade. Essa parceria era necessária para atender as demandas da Sociedade, uma vez que ela precisava de auxílios tanto de pessoas para a realização das ações quanto de apoio financeiro e políticas de acesso aos professores da Educação Básica, ou seja, as ações “da Sociedade” eram sempre sustentadas por outras instituições que viam certa vantagem em sua realização. Após um tempo, essa parceria acaba se enfraquecendo na medida que as Secretarias usufruíram de sua autonomia e foram compostas por um corpo de profissionais que estão inseridos em uma política de ofertar cursos para professores da Educação Básica, enquanto a SBEM-MS, sem esse apoio, afastou-se por um tempo dessas ações, voltando a elas somente mais recentemente com a elaboração de um Caderno Pedagógico para os professores. Essa ação só foi aceita pela diretoria da SBEM-MS com a condição de que a Secretaria financiasse a vinda dos professores do interior para um trabalho em conjunto.

Devido às poucas pessoas engajadas (como membros de diretoria ou sócios), a Sociedade não conseguia realizar muitas ações, tão pouco diversificadas. Como é obrigatória em todas as gestões a promoção do Encontro Sul-Mato-Grossense em Educação Matemática

(ESEM), que acontece no final de cada período de gestão, a diretoria se organizava para realizá-lo contando, inclusive, com a participação de alguns sócios.

Esse evento é a principal ação realizada pela Sociedade e, em algumas gestões, foi a única, de modo a proporcionar aos sócios e participantes do evento uma vitrine da SBEM-MS. A proposta era que este evento fosse espaço para discussão entre os professores de todos os níveis e alunos da graduação e da pós-graduação de modo a compartilhar experiências, mas o que é apontado nos documentos é que a participação é em sua maioria da comunidade acadêmica. Algumas entrevistas e fichas de filiação durante o Encontro nos apontam que a Sociedade consegue congrega um número muito pequeno de professores da Educação Básica junto à Sociedade. A própria existência e o papel dessa Sociedade ainda são desconhecidos no estado de modo geral.

Por mais que a Sociedade se comprometesse apenas com a realização de um evento em cada gestão, nacionalmente a SBEM-MS era bem vista, pois, ao ser comparada com outras regionais, ela se mostrava mais atuante, visto que algumas delas não conseguiam promover ações de natureza alguma. Nesse viés, o ESEM acaba sustentando e dando vistas para a SBEM-MS como uma comunidade fortificada regionalmente.

As ações promovidas pela sociedade como os ESEMs e as Jornadas da Educação Matemática, por exemplo, colaboram com o desenvolvimento da área, mas de maneira pouco significativa devido à pouca participação dos professores da Educação Básica por causa da carga horária extensa cumprida por eles e, também, por essas atividades serem realizadas, comumente, em seu período de folga.

Na composição da SBEM-MS é notável a presença de discursos que se mostram preocupados com a articulação das ações da SBEM junto a professores da Educação Básica no estado, mas esses discursos vêm acompanhados por várias dificuldades de implementação dessas propostas. Assim, no discurso frente a defesa do trabalho da SBEM-MS é apontada uma preocupação com os professores da Educação Básica, mas efetivamente não há propostas de ações diretas que visam alcançar esse público das diretorias da Sociedade.

A participação nas ações da Sociedade ou apenas compor a diretoria traz consigo alguns interesses de projeção profissional. Indícios dessa perspectiva são evidenciados, por exemplo, no financiamento, por parte da SBEM-MS, da participação de professores da diretoria em

eventos como na ANPED³⁶⁵, o que ocasionou a eleição do presidente do GT de Educação Matemática entre 2001 e 2003, tornando-se um evento significativo para o Estado na medida que ajudava a projetar nacionalmente um educador matemático e seu trabalho desenvolvido em Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, estar inserido em uma sociedade regional propicia certa visibilidade na medida que esta possibilita a participação em outros grupos e eventos de maior projeção.

Alguns indícios nos registros nos mostram que as poucas ações promovidas pela sociedade estão relacionadas com a quantidade insignificativa de verba repassada pela SBEM Nacional (dado o pequeno número de associados que, por sua vez, reforça um discurso de não representação), da quase inexistência de professores dispostos a se envolver com o trabalho na sociedade, bem como por conta da histórica dispersão dos próprios membros que compõem a diretoria, uma vez que esta prioriza, em sua composição, professores de diversas instituições e cidades. No caso dessa dispersão, simbolizada por um discurso de descentralização importante sustentado ao longo de todos esses anos, mas que acaba sendo questionada já que não há uma participação efetiva de todos os membros da diretoria. A insistência, pois, nessa perspectiva pode ser lida como um sinalizador do que tem prevalecido em termos de SBEM-MS: a valorização de um discurso de descentralização, ainda que haja grande dificuldade em efetivá-lo.

A existência dessa SBEM-MS quase que somente simbólica é reforçada quando observamos os argumentos contrários à criação dos Núcleos Seccionais da Sociedade em diferentes cidades do interior. Esses Núcleos consistir-se-iam em pequenas diretorias passíveis de serem estruturadas em cidades com um mínimo de vinte associados à SBEM e teriam como principal potencialidade tornar efetiva a proposta de descentralização acima apontada. Mas, se a comunidade de educadores matemáticos não consegue sustentar essa organização regional (no sentido de não haver número suficiente de professores engajados que trabalhem para a manutenção da SBEM-MS sendo esta mantida quase que exclusivamente por parcerias com outras instituições) como um pequeno núcleo se manteria?

³⁶⁵ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

Apesar de toda a dificuldade que a SBEM-MS possui em termos de organização e elaboração de ações, a filiação ou vínculo como membro de uma diretoria da SBEM traz consigo um sentimento de pertença a um grupo e, nesse sentido, também, ele é simbólico.

Observando os discursos sobre a importância de se criar uma SBEM Regional, temos duas perspectivas: uma primeira, política, ancorada na possibilidade de uma maior difusão dos ideais propostos por esta comunidade no interior do país; e a segunda, geográfica, sob a perspectiva de que com a dificuldade da comunicação na época da criação, ter grupos já estabelecidos nos estados facilitaria a interlocução com a Nacional e, também, ressaltaria os principais anseios daquela região. Esta segunda perspectiva, ao observarmos os dias atuais, com o amplo desenvolvimento da internet não sustentaria a continuidade da SBEM-MS bem como as outras regionais, a não ser para a realização dos eventos, não sendo necessário, mesmo assim, um grupo institucionalizado para tal ação. É claro que se deve considerar a dificuldade de uma organização nacional pensar em ações regionais em todo o país, respeitando suas necessidades e particularidades, mas será que estas vem sendo efetivamente respeitadas e pensadas pelas regionais? Seria esse um de seus objetivos? Observamos que esses objetivos de maior aproximação e apoio para as regionais não estão explícitos no Estatuto da SBEM Nacional, sendo evidenciada a intenção da promoção de ações de modo geral que mobilizem a comunidade de educadores matemáticos como um todo.

A “Sociedade Brasileira de Educação Matemática”, segundo o Estatuto da SBEM Nacional, “é uma associação civil sem fins lucrativos (doravante denominada simplesmente SBEM ou Associação), de direito privado, de âmbito nacional e sem qualquer vinculação político-partidária ou religiosa, com caráter educacional, científico e cultural [...]” (Art. 1º. Estatuto da SBEM Nacional). A partir dessa perspectiva de criação da Sociedade, se a ideia inicial da SBEM-MS era a criação de um espaço para a discussão no estado e interlocução que promovesse o desenvolvimento da Educação Matemática no país, percebe-se hoje, após os históricos analisados, que já há outros espaços mais efetivos de participação ativa desses pesquisadores, com discussões mais específicas em suas áreas de atuação sendo reflexo do fortalecimento dos Grupos de Trabalhos (GT) e, conseqüente, tendência de ruptura.

6.3 Caricatura 3 - Do que é possível ser/fazer: uma SBEM-MS

A Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) emergiu em um contexto de discussões iniciais, no estado de Mato Grosso do Sul, acerca da Educação Matemática, muitas vezes associada somente a perspectivas de aprendizagem e metodologias de ensino. O pequeno número de pessoas trabalhando com essa perspectiva naquele momento (1988) sinalizou para essa organização de Sociedade como necessária à estruturação de um grupo e porá articulação com ideias e movimentos nacionais.

Sua relevância ancora-se na importância dada ao espaço formativo constituído pela Sociedade que envolve professores de todos os níveis de ensino e alunos de graduação, com o propósito de compartilhar experiências, organizar ações e manter-se atualizado frente às pesquisas desenvolvidas na área. Embora esse objetivo seja marcado como relevante nos discursos que atravessam a SBEM-MS, na grande maioria das vezes, ele não se pôs como dominante devido à participação maciça da comunidade acadêmica e à quase inexistente participação dos professores da Educação Básica.

A própria conjuntura estrutural e organizacional da Sociedade (como professores vinculados a diretorias, mas ausentes dos trabalhos da mesma; dispersão geográfica dos membros de uma diretoria; dificuldades burocráticas quanto à legalização da SBEM-MS e liberação da conta bancária a esta vinculada, entre outras) levou algumas diretorias a lutarem, meramente, pela sua existência e pela regularização da sua documentação como sendo, por vezes, a única ou a mais importante ação dentro de um período.

Ao observar a composição das diretorias da SBEM-MS ao longo de sua história, percebemos que sua constituição sempre foi formada por professores universitários das diversas instituições de Ensino Superior, tanto da capital como do interior, mas havendo sempre um discurso de preocupação com uma participação dos professores da Educação Básica. Esta perspectiva de descentralização sempre esteve presente, apesar do mediante fracasso quanto ao engajamento de todos os envolvidos na diretoria indicando que, embora seja um ideal de difícil implementação, esse é um direcionamento que se dá às práticas da SBEM-MS evidenciando a busca por um constante diálogo, o que caracteriza uma marca relevante dessa Sociedade. Embora essa busca seja uma constante no percurso aqui considerado, as estratégias usadas para

implementá-la variam, bem como sua eficácia: projetos em parceria com as Secretarias Estadual e Municipais de Educação, envolvimento de alunos da pós-graduação nas atividades da Sociedade, cursos para professores da Educação Básica, diretoria composta por professores de diferentes regiões do estado, entre outras. Uma mesma ação ineficaz em determinada época ganha novas possibilidades com o advento da internet. As distâncias geográficas aliadas à falta de recursos mantinham distantes aqueles que a diretoria da SBEM-MS buscava aproximar. Hoje são mobilizados outros modos de contato e presença potencialmente interessantes para um efetivo engajamento com as ações da Sociedade.

Além disso, percebemos que as diretorias foram apoiadas em eleição de chapa única, com uma repetição considerável de nomes ao longo do tempo (principalmente no início das atividades da SBEM-MS). Esse cenário evidencia o trabalho com a Sociedade como uma atividade extra, desintegrada das articulações cotidianas dos professores de um modo geral, e, sendo assim, símbolo de “mais trabalho”, ficando a cargo de alguns poucos. A falta de tempo de professores da Educação Básica (devido à grande quantidade de horas-aula e planejamento) e do Ensino Superior (devido ao compromisso com o tripé ensino-pesquisa-extensão das universidades) para esse “trabalho a mais” e o pouco conhecimento acerca das práticas e movimentos da SBEM no Brasil acaba por manter afastados esses profissionais de um maior engajamento e participação. A perspectiva desse “trabalho a mais” se coloca presente considerando que as ações da SBEM, ainda que vinculadas à formação e prática docente e a circulação e discussão de pesquisas, não são construídas como partícipes da profissão. Nessa perspectiva, a repetição de nomes ou a existência de chapas únicas candidatas à SBEM-MS não significam uma falência dessa Sociedade no estado (no sentido de indiferença da comunidade de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul), mas a existência de um perfil e disponibilidade (não somente temporal) para envolvimento com essas questões.

Buscando pelas alterações na permanência, temos que esse quadro de membros permanentes que estavam à frente da Sociedade só começa a mudar com o ingresso de professores (embora a permanência, agora de outros nomes, prossiga), por meio de concurso, em 2009/2010 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e principalmente no Programa Pós-Graduação em Educação Matemática em Campo Grande, trazendo para o estado outras possibilidades de ação em pesquisas na área e potencializando o espaço da SBEM-MS, no

sentido de ampliar o quadro de professores interessados em participar e as propostas de trabalho a implementar.

No quadro abaixo, os professores cujos nomes estão em negrito ingressaram nessas universidades a partir de 2009 e os itens em negrito no item “Professores da Secretária de Educação (Municipal e/ou Estadual) e Professores da Educação Básica” buscam evidenciar a presença/ausência desses professores nos últimos anos nas diretorias da SBEM-MS.

Quadro 7 - Professores que participam e/ou participaram da SBEM-MS

Professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
- Eronídes de Jesus Bíscola; - Luiz Carlos Pais (orientador de: Ângela Cecília Quarentei Gardiman, Antônio Salles, Irio Valdir Kichow, Vera Fátima Corsino de Almeida e Lusival Pereira dos Santos); - José Luiz Magalhães de Freitas (orientador de: Iraci Cazzolato Arnaldi, José Felice, Aparecida Santana de Souza Chiari, Vanilda Alves da Silva, Adriano Fonseca Melo, Maria Aparecida Mendes de Oliveira, Dejahyr Lopes Junior e Maysa Ferreira da Silva); - Marilena Bittar (ex-aluna da UFMS e orientadora de Chateaubriand Nunes Amâncio, Ana Paula Stockler Bojikian, Giorgia Kopcak, Adriana Barbosa de Oliveira e Irene Coelho Araújo); - Neusa Maria Marques de Souza (orientadora de Anelisa Kisielewki Esteves e Ellen Fedrigo); - João Ricardo Viola dos Santos; - Márcio Antônio da Silva (orientador de Deise Maria Xavier de Barros Souza e José Wilson dos Santos); - Vanilda Alves da Silva; - Patrícia Sândalo Pereira; - Celso Cardoso; - Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa; - Maura Cristina Condolo Marques; - Silvia Regina Vieira da Silva; - Maria das Graças Bruno Marietto (também trabalhava na UCDB e UNIDERP); - Sibelis Aparecida Tibaldi França (ex-aluna da UFMS e trabalhava na UCDB); - Jader Otávio Dalto; - Adriana Barbosa Oliveira; - Carla Regina Mariano da Silva; - Ana Paula Stockler Bojikian (ex-aluna da UFMS e professora do Educação Básica); - Giorgia Kopcak (ex-aluna da UFMS); - Thiago Pedro Pinto; - Aparecida Santana de Souza Chiari; - Claudia Carreira da Rosa;

- Késia Caroline Ramires Neves; - Edilene Simões Costa dos Santos; - Thiago Donda Rodrigues.
Professores da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
- Maria Helena Junqueira Caldeira; - Dejahyr Lopes Junior (ex-aluno da UFMS); - Ivanilde Herrero Fernandes Saad.
Professores da Universidade Para o Desenvolvimento da Região do Pantanal (UNIDERP)³⁶⁶
- Ângela Cecília Quarentei Gardiman (também trabalha na Secretaria de Educação); - Iraci Cazzolato Arnaldi; - Ivonete Melo de Carvalho (ex-aluna da UFMS e professora na UCDB).
Professores do Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN)
- José Felice (também era professor na UEMS); - Vera Fátima Corsino de Almeida.
Professores da Secretária de Educação (Municipal e/ou Estadual)
- Oracilda Alves Palma*³⁶⁷ (participou da SBEM-MS no período de 1988-1990); - Iara Augusta da Silva (ex-aluna da UFMS e participou da SBEM-MS no período de 1988-1990); - Polônia Albino Maia* (participou da SBEM-MS nos períodos de 1990-1993, em 1996, 2001-2004); - Lusival Pereira dos Santos (participou da SBEM-MS no período de 2004-2007); - Denize Silva Oliveira* (participou da SBEM-MS no período de 1988-1990); - Anelisa Kisielewki Esteves (participou da SBEM-MS no período de 2010-2012); - Maysa Ferreira da Silva (ex-aluna da UFMS e participou da SBEM-MS no período de 2012-2015); - Juciani Alves de Oliveira Camacho (ex-aluna da UFMS e participou da SBEM-MS em 2007); - Deise Maria Xavier de Barros Souza (participa da diretoria atual 2015-2018); - Adriano Fonseca Melo (participa da diretoria atual 2015-2018).
Professores do Educação Básica
- Dalva Coelho Jouseli* (participou da SBEM-MS no período de 1993-1996 e em 1996); - Waldemar Gonçalves Barbosa (ex-aluno da UFMS e participou da SBEM-MS no período de 2004-2007). - Ellen Fedrigo (ex-aluna da UFMS e participou da SBEM-MS no período de 2004-2007); - Paulo César Brandão* (participou da SBEM-MS no período de 2004-2007); - Roberto Winters Steil* (e participou da SBEM-MS no período de 2001-2004).
Professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
- Helena Alessandra Scavazza Leme;

³⁶⁶ Antigo CESUP (Centro de Ensino Superior “Professor Plínio Mendes dos Santos”)

³⁶⁷ Os nomes que não encontramos mais informações estão indicados por (*).

- Antônio Sales (também foi professor da UNIDERP); - Marcelo Salles Batarce; - José Wilson dos Santos; - Irene Coelho Araújo.
Professores da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
- Maria Aparecida Mendes De Oliveira; - Renata Viviane Raffa Rodrigues; - Irio Valdir Kichow; - Renato Gomes Nogueira (ex-aluno da UFMS e orientador de Maria Aparecida Mendes de Oliveira); - Chateaubriand Nunes Amâncio; - Ivonélia Crescêncio da Purificação; - Edmir Ribeiro Terra (ex-aluno da UFMS).
Professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)
- Anderson Martins Corrêa (ex-aluno da UFMS).

Fonte: Registro da pesquisa.

Quando o foco são as permanências em um movimento de mudança, observa-se que, por mais que a SBEM-MS congregasse pessoas de várias instâncias para compor as diretorias (ainda que percebesse que essa organização não surtia efeito por não ter atuação por parte desses membros afastados), essa diversidade se estrutura sobre uma base comum: os membros das diferentes diretorias foram alunos e/ou orientandos de professores que estavam à frente deste movimento, mantendo a mesma perspectiva de ideias em termos de Educação Matemática propagado por esse grupo. A própria lista de associados é composta por vários nomes de alunos, orientandos de professores envolvidos com a SBEM-MS e/ou professores que de algum modo estão relacionados com eles como, por exemplo, colegas de serviço.

Devido à dificuldade de não conseguir, sozinha, realizar suas ações, a Sociedade sempre contou com diferentes colaborações de instituições do Ensino Superior (particulares e públicas), Secretarias de Educação (Municipal e Estadual), além de outros setores (livrarias, editoras, comércios, etc.) que auxiliam por meio de doações para organização de eventos, custeando professores palestrantes e até mesmo os participantes vindos de outras cidades. Devido a quantidade de filiados que nunca foi tão expressiva (o que acaba influenciando na quantidade de verba repassada pela SBEM Nacional à regional), essas colaborações mostram-se como

necessárias e importantes. Desse modo, não se trata de uma ineficiência, pelo contrário, uma Sociedade parece, também, ser composta de parcerias.

Se considerarmos que a SBEM-MS foi criada em 1988, não é alto o número de ações implantadas ao longo desses anos, nem tampouco diversificadas. O ESEM (Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática) é a ação que pode ser considerada mais estável, pois é tomada como uma ação obrigatória por ser o momento de troca da diretoria. Alguns indícios nos apontam que esses encontros regionais começaram antes da criação da Sociedade, sendo que depois de fundada ela a integrou como parte de suas atividades regulares. Neste sentido, sua realização ficou sob a responsabilidade de seus diretores, mas, em momentos em que estes não se faziam presentes, angariavam outras pessoas para auxiliar na realização do evento sendo, algumas vezes, membros da chapa que concorria à diretoria naquele ano.

Este evento é tido como um meio de aproximação da escola e da universidade sendo um espaço de compartilhamento de experiências entre os participantes e de discussão sobre as pesquisas na área o que possibilita e potencializa o desenvolvimento da Educação Matemática no estado. Entretanto, a participação dos professores da Educação Básica é muito inexpressiva, não se tratando somente de um esforço da Sociedade, mas da efetivação de uma parceria que esta tem buscado com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação.

Uma diversidade maior de ações só é encontrada a partir de 2010, com a regularização da conta bancária da Regional-MS e consequente liberação da verba depositada pela SBEM Nacional. As Jornadas de Educação Matemática (em que, não tendo dinheiro para financiar a vinda dos professores do interior para a capital, a SBEM financiou a ida de professores/pesquisadores para diferentes cidades simultaneamente com parceria da UFMS), os Fóruns de Licenciatura, os Cursos para Professores da Educação Básica de diferentes cidades do estado e a Produção de Cadernos Pedagógicos são exemplos dessas ações que – contínuas ou não, regulares ou não – ocorreram ao longo desses anos. Todas, ao serem relatadas, consideram que seu potencial de alcance no estado um fator importante a ser considerado e como um índice para avaliação da atuação da SBEM de Mato Grosso do Sul. Todas trazem em sua proposta um olhar para o professor de Matemática e para a importância de sua participação em eventos científicos, projetos de extensão, para que os materiais produzidos pelos pesquisadores em Educação Matemática no estado cheguem até o professor e para que este, na

medida do possível, possa também ser autor de materiais como vídeos, textos, sequências didáticas, entre outros. O sentido em que essas ações são propostas também vem sendo pensado, pois até o momento, muito se tem feito na direção da universidade para a Educação Básica e muito pouco na direção contrária. Por mais que as ações não sejam estruturadas nesta perspectiva, há, já, um esforço na constituição de efetiva parceria, sem necessária ou fixa hierarquia. Os cursos realizados para a escrita dos Cadernos Pedagógicos são um exemplo nessa direção: foram cerca de 400 professores cuja vinda do interior para Campo Grande foi financiada pela Secretaria Estadual de Educação de modo que estes pudessem contribuir com as ideias e materiais a integrarem os Cadernos.

É importante ressaltar que todas essas ações dependem de parcerias (com a Universidade, com as Secretarias Estadual e Municipais de Educação, com a comunidade, entre outras) e isso, como afirmado anteriormente, pode ser lido não como um sintoma de impotência, mas como um potencial de parcerias e articulações, visto que nenhuma organização se faz descolada do mundo e de que para que as atividades não continuem a ser pensadas unilateralmente (produzidas na Universidade e aplicadas na Educação Básica), é preciso conquistar um espaço comum.

Percebe-se que, por mais que a Sociedade tente se mostrar como “representante” de uma comunidade, ela não tem “força política” para fazer seus ideais serem ouvidos por órgãos públicos. Durante essa investigação, dois foram os exemplos disso: a tentativa frustrada de reversão de um resultado lançado no gabarito oficial de um concurso para Professores de Matemática na Rede Estadual de Ensino em 2013 e, em 2002, no momento de discussão sobre mudanças nas Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul para a qual não houve divulgação ou convite de participação junto à SBEM-MS. Essas situações indicam, por um lado, o trânsito insuficiente, em cada um desses momentos, da SBEM na comunidade que pensa e delibera acerca da formação e prática profissional do professor de Matemática; e por outro, se considerarmos a mobilização dos membros das diretorias nesses dois casos para se fazer ouvir, fica evidente o tipo de projeção e voz que essa Sociedade vem procurando ao longo de suas gestões. Logo, apenas a criação dessa Sociedade não justifica sua continuidade e desse modo, a SBEM-MS precisa (re)criar-se a todo momento como espaço de interlocução.

A possibilidade de criação de Núcleos nas cidades do interior é considerada como uma disseminação das ações e conquista de parcerias e, embora seja desejada por algumas diretorias, tem sua efetivação adiada devido a não considerar que a Sociedade possui força suficiente para mantê-las. Nesse sentido, cabe perguntar: será o fortalecimento da SBEM-MS necessário à criação desses núcleos, ou será o oposto?

Entre as ações realizadas pela SBEM-MS, a divulgação de suas propostas é de relevante consideração, pois dessa forma é que ela aparece nos meios escolares, acadêmicos e afins. Neste sentido, o ESEM é tomado como uma ação em que a Sociedade efetivamente aparece e ele passa a ser, também, um posto para filiação à Sociedade, fazendo desse evento um angariador de associados.

Ao analisar a relação entre a criação/atuação da SBEM-MS e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos no estado, temos que foi justamente esse grupo já mobilizado e estruturado, apesar dos poucos representantes na época, que deu condições para que a Sociedade fosse criada e desenvolvesse suas ações junto aos professores. Por outro lado, essa Sociedade tem contribuído, ao longo desses anos, para um engajamento desses profissionais para além do ambiente acadêmico. Nessa direção, buscando fugir de uma polaridade, podemos afirmar que essa Sociedade e a comunidade de educadores matemáticos de Mato Grosso do Sul tem se fortalecido mutuamente e, em alguns momentos, quando em situações de não envolvimento, de não parceria, perde essa potencialidade de se fortalecer.

A SBEM-MS é, pois, sendo; por vezes mais atuante, por vezes mais estagnada; ora congregando, ora mais esvaziada; ora mais descrente, ora mais sonhadora, ora mais apática, ora mais ativa; mas o tempo todo, certamente, um pouco de tudo isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi proposto a mim, pesquisar a criação e a atuação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática de Mato Grosso do Sul (SBEM-MS), juntamente com meus anseios de trabalhar com a formação de professores de matemática, delineou-se o objetivo da minha pesquisa, qual seja, compreender o processo de criação e atuação da SBEM-MS em seus movimentos de (des)articulação com a formação/prática de professores de matemática. Aqui, formou-se uma primeira concepção do meu objeto de estudo: iria pesquisar uma sociedade cujo nome se mostrava forte suficiente para sustentar a ideia de que ela seria importante e potencializaria as ações na área da Educação Matemática.

A metodologia mobilizada na pesquisa foi a História Oral na qual, por meio da oralidade, são constituídas fontes historiográficas intencionais. Essas fontes – as narrativas – foram analisadas conjuntamente com os documentos escritos da Sociedade que estavam guardados no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS e outros doados por membros de diretorias (antigas e vigente). Esses documentos mostraram-me uma sociedade atuante, com listas de sócios relativamente grandes, algumas propagandas de eventos realizados no estado, documentos de outras regionais (o que evidenciava algum contato com outros estados), relatórios de prestação de contas, atas, etc. Assim, como um primeiro exercício, registrei essas fontes em um catálogo e as digitalizei como forma de preservar tais documentos da SBEM-MS e auxiliar no projeto do grupo de pesquisa HEMEP de produção e divulgação de documentos históricos. Tais documentos digitalizados serão disponibilizados no site do grupo a fim de auxiliar outras pesquisas e os documentos em papel estarão no acervo do grupo HEMEP.

Como uma primeira revisão bibliográfica, comecei a procurar trabalhos que, de alguma forma, se aproximariam da minha investigação, encontrando apenas um livro sobre a SBEM Nacional (MUNIZ, 2013) e a tese de Pereira (2005) proporcionando-me uma ideia mais geral do que encontraria no caminho, mas, ainda sim, eles acabaram reforçando a minha ideia inicial sobre SBEM-MS.

As fontes historiográficas, como já mencionadas, não dizem nada por si só, apenas respondem aos questionamentos feitos pelo pesquisador. Dessa forma, o exercício de questionar

as nossas verdades nos permite a ampliação dos nossos conhecimentos, conseguindo, dessa forma, visualizar novos direcionamentos. Como o meu olhar já estava enviesado para uma SBEM-MS, os documentos encontrados apenas reafirmaram as perspectivas que tomava como verdadeiras e únicas sobre a Sociedade que constituía.

O referencial teórico adotado enfatiza a existência de múltiplas versões sobre determinado acontecimento que ora podem convergir, ora divergir. Contudo, para mim, essas versões seguiriam certos limites em que as histórias estariam embutidas, afinal, elas estariam falando sobre o mesmo objeto e, como já tinha uma primeira direção da minha pesquisa, essas “outras histórias” não estariam muito longe dessa concepção.

Foi a partir do momento que comecei a entrevistar os diretores da Sociedade que percebi, na prática, o que a Historiografia defendia e o significado de que “a pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas” (GOLDENBERG, 2004, p.13). Podemos considerar que foram nove³⁶⁸ entrevistas, contendo nove perspectivas diferentes sobre a mesma nomenclatura SBEM-MS. Nove histórias sobre o meu objeto de pesquisa que ora se aproximavam ora se contradiziam. E, com certeza, se tivesse mais depoentes e/ou documentos, mais outras histórias teria sobre essa Sociedade. Já as primeiras entrevistas constituíram-se como questionamentos à minha ideia de SBEM-MS e, desse modo, geraram um incômodo profundo em alguém que até aquele momento pensava ser a pesquisa um ato de defesa do tema a ser investigado. Esse incômodo, tematizado nas orientações, proporcionou um outro olhar em que a pesquisa não se afirmaria como um caminho a ser trilhado para reforçar um posicionamento já existente, mas um caminho a ser construído na direção de explicitar posicionamentos e deles procurar se afastar para a construção de algo mais amplo que altere não somente a visão sobre o tema, mas o próprio pesquisador que a exercita.

A partir das fontes mobilizadas para essa pesquisa (orais e escritas) e do exercício investigativo desta pesquisadora, bem como, o referencial teórico adotado, construímos três histórias pensadas como únicas sobre a SBEM-MS no estilo de caricaturas, de modo que cada uma permita a desconstrução da outra. Com esse exercício pretendíamos, também pela forma,

³⁶⁸ Foram realizadas seis entrevistas individuais e uma entrevista em grupo com três depoentes.

evidenciar a existência e importância de múltiplas histórias ao mesmo tempo em que reforçamos nosso discurso sobre os perigos da história única.

A primeira dessas três histórias sobre a temática SBEM-MS trata de uma sociedade ativa e organizada, sendo a diretoria composta por docentes de diversas instituições de ensino, evidenciando descentralização e articulação nas ações da sociedade. Assim, são realizadas várias ações, voltadas principalmente para o professor da Educação Básica e alunos da licenciatura, como os Encontros Regionais (ESEMs) e as Jornadas de Educação Matemática, por exemplo. Aqui, o ESEM é um espaço de compartilhamento de experiências e um espaço para a realização de discussões sobre a Educação Matemática visando o desenvolvimento da área. Nesta SBEM-MS ativa, a preocupação com os professores da Educação Básica perpassa o discurso dos presidentes, evidenciando que esse é um dos principais focos da sociedade e que ações são promovidas para tal fim. Para aqueles professores que não conseguem participar das atividades realizadas pela SBEM, há uma revista (disponibilizada pela SBEM Nacional) em que constam artigos que podem auxiliar em algumas dúvidas referentes à sala de aula. Em torno desta SBEM atuante, efetiva, responsável pelo fortalecimento da comunidade de educadores matemáticos do estado de Mato Grosso do Sul emerge um discurso de continuidade.

A segunda história sobre a SBEM-MS é estruturada em torno de um valor e de práticas simbólicas que, muitas vezes, apoiam-se em um teatro de aparências. Seu valor não está efetivamente nas ações que realiza, mas na manutenção de um regime mínimo para sua existência e continuidade, no valor simbólico que possui nesta/para esta comunidade. Deste modo, a participação na SBEM-MS passa a ter vistas, na medida que ela propicia o ingresso em outras comunidades com maior projeção nacional. Ou seja, a força não se encontra na sociedade regional e sim nos lugares e/ou acessos que ela proporciona. Nessa história, o ESEM passa a ser uma janela expositiva das ações promovidas pela sociedade com o intuito de congrega novos sócios a participarem da SBEM-MS e é uma das poucas atividades realizadas. Em alguns momentos da sociedade, professores assumem a diretoria apenas para não perderem a representatividade frente à SBEM Nacional, pois o estado não poderia ficar de fora desse movimento. Desse modo, os nomes anunciados como membros das chapas da SBEM-MS não indicam, necessariamente, sua participação ou envolvimento, mas, também, ora um nome que completasse o número mínimo de membros a constituir uma chapa, ora um nome cuja

autoridade seria estendida aos outros membros, estes sim envolvidos nas ações da Sociedade. Os discursos que sustentam essa imagem da SBEM-MS advogam pela ideia de que as ações mais significativas comumente atreladas a essa Sociedade não são sua responsabilidade, mas ações que, independente dela, foram/são praticadas por outras comunidades como a Licenciatura em Matemática e a Pós-Graduação em Educação Matemática e, portanto, indicam para uma possível admissão de sua não efetivação e/ou continuidade.

A terceira história é de uma SBEM-MS possível, em que o desejo de representar a SBEM aqui no estado e o desenvolvimento de um espaço para as discussões sobre a Educação Matemática visando à melhoria do ensino, andam lado a lado. A formação das diretorias da SBEM-MS desde sua criação, em sua maioria, era composta por docentes universitários e tentava-se um diálogo com outras instituições de ensino na medida que compunham chapas com profissionais de diversas áreas. Assim, emergia a ideia de uma SBEM-MS descentralizada com diálogo constante com outros agentes inseridos no campo educacional. Entretanto, em alguns períodos, essa formação espontânea foi perdendo força e essa organização acabava se limitando a uma diretoria apenas simbólica da sociedade, sem indícios de uma atuação efetiva no estado. O ESEM é uma das principais atividades realizadas em todas as diretorias, sendo que outras ações da sociedade dependiam dos professores que estavam mais engajados, sendo assim, em alguns períodos houve a execução de outras ações como o Boletim Informativo e as Jornadas da Educação Matemática.

Entendemos que em todas essas histórias a SBEM-MS pode ser tomada como “simbólica”, mas optamos por utilizar este termo quando este parecia ser o principal, senão único, sentido da Sociedade em Mato Grosso do Sul.

Com esses três movimentos propostos nesta pesquisa, entendemos ter conseguido exercitar e discutir com o leitor a ideia da multiplicidade de histórias existentes e do perigo de se acreditar em uma única história.

Esse exercício investigativo colocou a pesquisadora a admitir visões muito diferentes da sua como coerentes considerando a experiência que a tornou possível de ser enunciada. Essa admissão não ocorre no nível (arrogante!) da aceitação, mas da compreensão sobre o estabelecimento de lógicas diferentes pelos participantes de uma ação, de um movimento de desmontagem de discursos para entender a multiplicidade envolvida em uma “única” narrativa.

O caminho construído até aqui foi feito a partir de desestabilizações provocadas pela percepção do diferente, do discurso do outro e do entendimento de que o meu era mais um nesse processo.

Esse momento de investigação é fundamental para a formação e constituição de um pesquisador, mas é apenas uma parte do Mestrado. Os estudos realizados nas disciplinas nos fazem ampliar a visão de que se formar um Mestre em Educação Matemática – como sempre escutamos – é muito além do que escrever e defender sua dissertação. Devemos transitar pelos assuntos que são discutidos nesse campo e nos colocarmos sempre em questionamento sobre nossas certezas, pois só assim conseguiremos adquirir novos conhecimentos e ampliar nossas perspectivas.

Todas essas experiências (proporcionadas pelo Mestrado em geral) proporcionaram-me a reflexão sobre a profissional que quero me tornar (inclusive, a que não quero) e a postura investigativa que devo assumir daqui para frente. É claro que essas foram apenas algumas experiências adquiridas ao longo do Mestrado e que outras mais estão por vir, na expectativa de que me desestabilizem e me ponham em movimento como essas me colocaram.

Desestabilizações são tão importantes quanto incômodas e, por isso, ao reler esse texto, considero um fator importante de minha formação a alteração de termos do início do Mestrado para esse momento: do medo de desestabilizações para a expectativa de que elas continuem a acontecer em minha profissão.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma única história**. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story#t-44727>. Acesso em: 30 de jan. 2016.
- ALBERTI, V. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: _____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 77-90.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). **História e Sensibilidade**. 1ed. Brasília: Paralelo 15, 2006, v., p. 117-139.
- _____. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. In: FLORES, M. B. R.; PIAZZA, M. de F. F. (Org). **História e arte**: movimentos artísticos e correntes intelectuais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. pp. 249-261.
- _____. **História**: a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2007.
- ANDRADE, F. T. **O medo: o maior gigante da alma**. Disponível em:<<http://www.rosangelaliberti.recantodasletras.com.br/blog.php?idb=13394>>. Acesso em: 14 de jan. 2016.
- BITTAR, M. [Carta] 04 dez. 2002, Campo Grande [para] JORGE, E. A., Campo Grande. 3f. Não participação da SBEM-MS na reestruturação das Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOLIVAR, A. B. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. In: **Revista Eletrónica de Investigación Educativa**, vol. 11, n. 1. Barcelona. 2002. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-.html>>. Acesso em: 23 maio 2014.
- BOSI, A. O tempo e os tempos. In. NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 19 - 32.
- BORGES, J. L. **Obras Completas**, (1923-1949). São Paulo: Globo, 2000. v. 1. p. 539-546.

BRUNER, J. **Fabricando histórias**: Direito, literatura e vida. [tradução Fernando Cássio]. Coleção Ideias. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CHAQUIAM, M. EPAEM: elo de integração dos grupos de Educação Matemática do Pará. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática: fontes, temas, metodologias e teorias: a diversidade na escrita da história da educação matemática no Brasil, 2, 2014. Bauru. **Anais**. Bauru: Faculdade de Ciências, 2014. p. 875-886.

COSTA, M. V. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos estudos culturais ao campo do currículo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002, p.133-149.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de matemática em Goiás**. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2007.

CURY, F.G; SILVA, H. da. História, Literatura e Ficção na Educação Matemática: aproximações com as ideias de Hayden White. **Zetetiké** (FE/UNICAMP & FEUFF), v. 23, n. 43, jan/jun 2015, p. 155-178.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A. de ; SILVA, H. da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso) v. 28, p. 910-925, 2014.

D'AMBROSIO, U. Introdução Anais I ENEM. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 1., 1987. São Paulo. **Anais...** Ribeirão Preto: Atual Editora, 1988. 162. Disponível em: <<http://www.sbembrasil.org.br/files/enemI.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

FREIRE, P. **A pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 8ª edição, 1992, p.79.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral e Narrativa**: tempo, memória e identidades. História Oral (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003.

GALVÃO, C. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**, Bauru (SP), v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GARNICA, A. V. M. Cartografias contemporâneas: mapear a formação de professores de matemática. In: GARNICA, A. V. M. (org.). **Cartografias contemporâneas**: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. 1 ed. Curitiba: Appris, 2014. p. 39-66.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 77-97.

GARNICA, A. V. M. Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35-48, 2001.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N. ; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. In: **Bolema**. Rio Claro, SP. v. 25, p. 213-250, 2011.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 64-89.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n.19, p. 20-28.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org). **Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. pp.75-96.

MIGUEL, A. O que dizem os estudos já elaborados sobre a emergência da história da educação matemática no Brasil? In: VALENTE, W. R. (Org.). **História da educação matemática no Brasil: problemáticas de pesquisa, fontes, referências teórico-metodológicas e histórias elaboradas**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014, p. 30-45.

MUNIZ, N. C. **Relatos de memórias: a trajetória de 25 anos da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (1988-2013)**/ Nancy Campos Muniz. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

PAIS, L.C., FREITAS, J.L.M. e BITTAR, M. Participação do estado de Mato Grosso do Sul na história recente da Educação Matemática no Brasil. In: **Perspectivas da educação matemática: revista do Programa de Mestrado em Educação Matemática da UFMS – Campo Grande**, MS: Editora da UFMS, v.1, n.1, p.7-24, jan./jun. 2008.

PEREIRA, D. J. R. **História do movimento democrático que criou a sociedade brasileira de educação matemática – SBEM**. 2005. 274f. Tese - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2005.

RABELO, A. O. **A importância da investigação narrativa na educação**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, p. 171-188, jan.-mar. 2011. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: abr. 2014.

SBEM. **Estatuto**. Disponível em: < <http://www.sbem.com.br/files/estatuto.pdf>>. Acesso em: 02/02/2016.

SBEM. I ENEM. **Anais**. PUC-São Paulo, 1988.

SILVA, H. da. **Centro de Educação Matemática (CEM)**: fragmentos de identidade. 448 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2006.

SILVA, H. da; SOUZA, L. A. de. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 20, n. 28, 2007, p. 139 a 162.

SOUZA, J. C. R. de; GUTIERRE, L. dos S. A História da Sociedade Brasileira de Educação Matemática no Rio Grande do Norte. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**: fontes, temas, metodologias e teorias: a diversidade na escrita da história da educação matemática no Brasil, 2, 2014. Bauru. Anais. Bauru: Faculdade de Ciências, 2014. p. 868-874.

SOUZA, L. A. de. Narrativas na investigação em História da Educação Matemática. **Revista de Educação**, PUC-Campinas, v. 18, p. 259-268, 2013.

SOUZA, L. A. de; GARNICA, A. V. M. **História e Educação Matemática**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2011. p. 9-37.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA INDIVIDUAL

- **Apresentação**

- Nome completo;
- Data de nascimento;
- Estado que nasceu.
- Formação Universitária e Pós-graduação.
- Quando e onde deu o início da carreira docente. Onde trabalha atualmente.

- **Em que ações educacionais você estava envolvido(a) quando de sua decisão de participar da SBEM-MS?**

- **Conte um pouco sobre sua experiência na SBEM-MS e sobre os projetos de sua chapa.**

- Objetivos
- Como conheceu a SBEM? Para você, qual a relevância dessa sociedade no país?
- Como e quando começou a participar dessa sociedade no estado de Mato Grosso do Sul?
- Como a proposta de criação de uma Sociedade de Educação Matemática chegou à Mato Grosso do Sul? (Primeira diretora)
- O que incentivou a criação de uma sociedade em Educação Matemática em um estado com pouca representatividade nesse cenário? (Primeira diretora)
- Membros que compunham a diretoria.

- **Propostas e Atividades da SBEM-MS efetivadas pela diretoria de que participou.**

- Quais e como eram as atividades desenvolvidas pela SBEM-MS no período em que participava?
- Realização dos Encontros Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM);

- Quais ações a SBEM-MS manteve, no período em que vocês participaram, para conseguir divulgar sua atuação?

- Qual a relação das atividades realizadas pela SBEM-MS e o professor do Ensino Básico?

• **Diretoriais regionais: Quais eram a importância e a necessidade de criação das diretorias regionais?** (Primeira diretora)

• **Quais questões internas ou externas afetavam o trabalho desenvolvido pela SBEM-MS?**

- Os recursos disponibilizados pela SBEM Nacional eram suficientes para a manutenção da SBEM-MS?

- Como essa questão influenciava nas atividades desenvolvidas pela regional?

- Qual era o valor de repasse da SBEM Nacional para a regional? Você tem uma estimativa de quantos associados constavam na época?

- Eu encontrei alguns documentos da regional, de diferentes épocas, diferenças nos valores das porcentagens de repasse da SBEM Nacional para a regional e, como eu sei que isso afeta as possibilidades de ação das SBEM juntos a Nacional, eu gostaria de saber se você se lembra dessas porcentagens, com relação à diretoria da qual você participou.

- Encontramos alguns registros do ano de 1991, constando informações que havia algumas SBEMs regionais ainda não legalizadas.

- Como se deu a legalização da SBEM-MS?

- O que significa legalizar a SBEM Regional? (Primeira diretora)

• **O desenvolvimento da Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul: Há um incentivo por parte da SBEM-MS com relação ao desenvolvimento de grupos específicos ou ações específicas na área da Educação Matemática?**

- De que tipos são essas ações?

- Encontramos alguns recibos da SBEM-MS e gostaríamos de saber que tipo de coisas ela financiava? (Ações, passagens para quem vai dar e/ou participar de cursos, alimentação para aquelas que vão para cursos).
- Você percebe alguma relação entre a criação de uma SBEM-MS e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos aqui no Estado?

→ *Terminada a entrevista, serão mostrados alguns documentos referente ao ano em que o(a) entrevistado(a) foi diretor(a), para que ele fale sobre o que lembrar.*

APÊNDICE B: ROTEIRO DA ENTREVISTA EM GRUPO

Primeiro dia de entrevista:

- Apresentação
 - Nome completo;
 - Data de nascimento;
 - Estado que nasceu.
 - Formação Universitária e Pós-graduação.
- Gostaria que cada um comentasse sua chegada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e como era o trabalho com a formação de professores de matemática dentro e fora do curso de licenciatura.
 - O que te incentivou a trabalhar com a formação de professores de matemática?
 - Que referências possuía/buscava para implementar essas propostas de formação?
- Existe alguma relação entre essas ações de formação de professores de matemática que vocês implementavam e a formação de um grupo interessado na constituição da SBEM-MS?
 - Como conheceu a SBEM? Para você, qual a relevância dessa sociedade no país?
 - Como a proposta de criação de uma Sociedade de Educação Matemática chegou à Mato Grosso do Sul?
 - Membros que compunham a diretoria.
- Propostas e Atividades da SBEM-MS da diretoria que cada um participou.
- Diretoriais regionais: Quais eram a importância e a necessidade de criação das diretorias regionais?

Segundo dia de entrevista:

- Comentar sobre o fato do nome aparecer na composição de algumas chapas, mas não ter uma participação mais direta na diretoria.

- Com relação aos cursos de formação continuada oferecidos para os professores do Ensino Básico. Quais referências possuíam/buscavam para implementar essas propostas de formação?
- O grupo que buscou a criação da SBEM-MS é o mesmo que este que pensava nos cursos?
- Que interesse tinha o grupo que criou a SBEM-MS? A SBEM-MS era sinônimo do quê?
- Qual era a importância da SBEM-MS para o estado?
- Para além dos eventos organizados pela SBEM-MS, havia algum outro tipo de ação? Qual?
- Qual é a relação das atividades realizadas pela SBEM-MS e o professor do Ensino Básico?
- Qual era o valor de repasse da SBEM Nacional para a regional? Vocês têm uma estimativa de quantos associados constavam na época? O que era feito com esse dinheiro?
- Vocês percebem alguma relação entre a criação de uma SBEM-MS e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos aqui no estado?

APÊNDICE C: MAPEAMENTO DOS DOCUMENTOS SOBRE A SBEM NACIONAL E SBEM-MS

MATERIAL	PERÍODO	QUANTIDADE	OBSERVAÇÃO
I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (I ENEM)	1987	2 Certificados (Prof.º Luiz Carlos Pais)	- Evento realizado no período de 02 a 06 de fevereiro de 1987, na Faculdade de Ciências Matemáticas e Físicas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
II ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (II ENEM)	1988	2 Certificados (Prof.º Luiz Carlos Pais)	- Evento realizado no período de 24 a 29 de janeiro de 1988, na UEM (Universidade Estadual de Maringá).
IX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (IX ENEM)	2007	4 Certificados (Prof.º Luiz Carlos Pais)	- Evento realizado no período de 18 a 21 de julho de 2007, em Belo Horizonte - MG.
1- PROJETO: ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE MATO GROSSO DO SUL	1987- 1988	1	- Correspondências: I. Detalhamento do orçamento; II. Proposta Orçamentária; III. Autorização do financiamento; IV. Parecer do CA; V. Cronograma de desembolso trimestral; VI. Apresentação da Proposta; VII. Identificação do Proponente.
III ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE MATO GROSSO DO SUL (III EEEM-MS)	1990	1 Panfleto do encontro 2 Banners 1 Projeto do Evento 2 Correspondências 1 Relatório do evento 1 Guia de Palestra	- No projeto do evento consta um breve histórico dos encontros anteriores, a importância do evento, os participantes, a data e o local, organização do evento, apoio requisitado, programação das atividades e orçamento detalhado. - As correspondências referem-se ao pedido para que seja aprovado o projeto de extensão “III Encontro Estadual de Educação Matemática”, convite para o evento e/ou para professores ministrarem oficinas. - Guia de apresentação de palestra da professora Nilza E. Bertoni titulado “Educação Matemática: uma visão histórica e perspectivas”.

IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE MATO GROSSO DO SUL (IV EDUMAT-MS)	1993	7 Correspondências 1 Informativo da comissão organizadora 1 Programação 67 fichas de inscrições 2 Cadernos de resumos 1 Banner 2 Certificados (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Evento realizado nos dias 15 à 19 de Novembro de 1993, no CESUP ³⁶⁹ . - As correspondências se referem a convites para a participação e auxílios para os participantes de outras cidades. - Nas fichas de inscrição contém nome, endereço, CEP, cidade, estado, telefone, categoria em que ministrava as aulas, número do cheque, banco, valor (CR\$), data e assinatura. - No caderno de resumos encontra-se o cronograma das atividades desenvolvidas e o resumo dos oito minicursos.
V ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE MATO GROSSO DO SUL (V EDUMAT-MS)	1995	1 Correspondência 1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- O evento ocorreu no período de 12 a 15 de Setembro de 1995, na UFMS. - As correspondências referem-se a convites para a participação do evento.
	1999	2 Banners 1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- O evento ocorreu no período de 13 a 15 de outubro de 1999, na cidade de Campo Grande.

³⁶⁹ Centro de Ensino Superior Prof.º Plínio Mendes dos Santos.

VI ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE MATO GROSSO DO SUL (VI EDUMAT-MS)		1 Carta de agradecimento pela colaboração no evento (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais) Programação	
VII ENCONTRO SUL-MATO- GROSSENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (VII ESEM-MS)	2001	Projeto do evento Anais do evento Propostas de minicurso Cartaz Discurso final do evento Folder Fotografias do evento Certificados Programação Prestação de contas Lista de participantes Relatório final	- O evento ocorreu nos dias 09 e 10 de novembro de 2001, na UFMS. - Foram encontradas três versões dos anais para correção, uma versão digital e um livro finalizado. - Os anais apresentam marcas de correção e complementação para a versão final deste documento.
		Abertura do evento 3 Fichas de pagamento da inscrição Folder	

VIII ENCONTRO DE SUL-MATO-GROSSENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (VIII ESEM-MS)	2004	9 Fichas de inscrições em branco e uma versão digital Cartaz do evento Cartazes dos minicursos Certificados Propostas dos minicursos Ofícios Programação Ofícios Projeto do evento Lista da Comissão de alunos Listagem dos participantes Tabela de custos Listagem dos participantes do minicurso Listagem de entrega do material 1 trabalho impresso do minicurso	
		Cartaz do encontro Apresentação de abertura	- Evento realizado no período de 26 a 28 de Novembro de 2007, na UFMS.

IX ENCONTRO DE SUL-MATO- GROSSENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (IX ESEM-MS)	2007	Certificados impressos e digitais Folder Programação Oficinas aprovadas.	
X ENCONTRO DE SUL-MATO- GROSSENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (X ESEM-MS)	2011	Boletim Informativo que traz algumas informações.	- Evento realizado no período de 26 a 28 de outubro de 2011 na UFGD.
XI ENCONTRO DE SUL-MATO- GROSSENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (IX ESEM-MS)	2012	Trabalhos de pôsteres Relatos de experiência Trabalhos completos Organização Resumo dos minicursos Sumário Título dos trabalhos	- Evento realizado no período de 26 a 28 de outubro de 2011 na UEMS – Nova Andradina.
I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DO RIO DE JANEIRO	1993	1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Evento realizado no período de 28 a 30 de Julho de 1993, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE			- Evento realizado em Serra Negra- SP em Novembro de 2000.

PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (I SIPEM)	2000	2 Fotos	
III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (III SIPEM)	2006	3 Certificados (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais) 1 CD	- Evento realizado no período de 11 a 14 de outubro de 2006, em Águas de Lindóia, SP. - O CD faz uma apresentação sobre o SIPEM, a comissão organizadora e lista os trabalhos que foram apresentados.
IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (IV SIPEM)	2009	1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Evento realizado no período de 25 a 28 de Outubro de 2009, na Universidade Católica de Brasília (UCB).
	2010	2	- Reunião realizada no dia 13/11/2010 para tratar da eleição da nova chapa para o triênio de 2010/2013, leitura e discussão do novo regimento da SBEM-MS.
		1	- Reunião realizada dia 19/11/2010 para tratar sobre a aprovação da ata da Assembleia Geral da SBM-MS, encontrar os documentos da sociedade que havia ficado com o diretor anterior, a conta da SBEM-MS, a construção da página da internet da SBEM-MS,

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DA SBEM-MS			elaboração de um termo de posse assinado por todos os membros da diretoria eleita e uma homenagem póstuma aos professores que faleceram em 2008.
	2011	2	- Reunião realizada dia 28/11/2010 para tratar sobre a aprovação da Ata da Primeira Reunião Ordinária, relato sobre o histórico das eleições realizadas em 13/11/2010, prestação de contas, organização do fórum estadual, organização do X ESEM e alguns encaminhamentos do Boletim Eletrônico. - Apresenta duas lista de presença da reunião, sendo uma dos associados e outra de não-associados.
ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL ELEITORAL DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO	1996	1	_____
ATA DA TERCEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO NACIONAL DELIBERATIVO – CND	2000	1	_____
ATA DA DÉCIMA PRIMEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DO			

CONSELHO DELIBERATIVO (CND) DA SBEM	2005	1	_____
ATA DA DÉCIMA REUNIÃO DA DIRETORIA NACIONAL EXECUTIVA DA SBEM – DNE	2004	1	_____
BOLETIM DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA	nº05- Agosto de 1993	1	- Esses folhetins foram entregues para divulgação de estudos realizados na área da Educação Matemática.
BOLETIM INFORMATIVO DE OUTRAS SBEMs	SBEM-ES: nº 02 Dezembro/1999	1	_____
	SBEM-RJ: nº01/2000	1	_____
	SBEM-GO: nº04 Março/2007	1	_____
	SBEM-MG: Outubro/2005	1	_____
	1/1996	1	- Esboço de como seria desenvolvido o boletim no ano de 1996.

BOLETIM INFORMATIVO SBEM – MS	1/1997	2 Esboços do boletim e 3 boletins já impressos	- Esboço de como seria desenvolvido o boletim no ano de 1997 e três exemplares do boletim já impresso, sendo que um deles contem correções sobre a filiação.
	1/2001	1	
	1/2002	1	
	1/2005	1	
	Junho/2012	1	Uma impressão do Boletim Informativo eletrônico.
BOLETIM INFORMATIVO ³⁷⁰ SBEM NACIONAL	1/1993	1	
	nº 2 Julho/1993	1	
	nº 21 Fevereiro/1994	1	
	nº 22 Abril/1994	1	
	nº 23 Junho/1994	1	
	nº 18 Agosto-Setembro/1994	1	
	nº19 Outubro-Novembro/1994	1	
	nº 27 Fevereiro/1995	1	
	nº 28 Abril/1995	6	
	nº30 Dezembro/1995	1	
CARTA CONVITE PARA O I FÓRUM SUL-MATO- GROSSENSE DE	2011	1	- A carta faz referência para o I Fórum de Licenciatura do estado que foi realizado em Dourados, no dia 02/04/2011. O encontro objetiva realizar uma primeira

³⁷⁰ O Boletim Informativo Especial é um projeto da Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM, com o objetivo de estreitar a distância das universidades com a realidade que os professores de matemática enfrentam nas escolas de primeiro e segundo graus. (Trecho retirado do boletim de 1993)

LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA			discussão regional para leva-las para o IV Fórum Nacional das Licenciaturas em Matemática.
CARTA ENVIADA À SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO	2002	1	- Carta enviada com o intuito de manifestar o estranhamento pela SBEM-MS não ter participado do processo de discussão e elaboração das Diretrizes Educacionais de Mato Grosso do Sul.
	2003	1	- Em resposta, a Secretaria apontou que lamenta não ter externado o convite para a participação da elaboração do referido documento.
CD COM A RELAÇÃO DOS SÓCIOS DA SBEM-MS	2005	1	_____
CERTIFICADOS	1985	1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Certificado de ministrante das aulas no “Projeto de Melhoria do Ensino de Matemática/1º Grau”, realizado pelo Departamento de Matemática do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, no período de 22 de Maio a 04 de Dezembro de 1985.
	1987	1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Certificado de ministrante do “Curso Educação Matemática”, realizado nos período de 15, 22, 29/08 – 12, 19, 26/09 – 03, 10, 17 e 24/10/1987, na cidade de Campo Grande, MS.
	1987-1988	1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Certificado de coordenação da atividade de extensão “Encontros Regionais de Educação Matemática de MS – 87/88”, realizado pelo Departamento de Matemática

			do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da UFMS, no período de 03 a 06 de Maio de 1988.
	1994	1 Certificado (Prof.º Dr. Luiz Carlos Pais)	- Certificado de participação da atividade de Extensão “Ciclo de Conferencias em Educação Matemática”, executada pelo Departamento de Matemática do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da UFMS, no período de março a dezembro de 1994.
CIRCULAR	1992	2	- Circular informando sobre a eleição e posse da nova diretoria da SBEM Nacional e aviso aos sócios sobre o pagamento das anuidades.
CND VIRTUAL (CNDv): UMA PROPOSTA DE FUNCIONAMENTO	s/d	1	- Por não terem condições financeiras para reunirem a fim de discutir algumas tomadas de decisões, ficou decidido realizar essas reuniões virtualmente.
CÓPIA DO LIVRO ATA	1988 - 2001	1	_____
CORRESPONDÊNCIA AOS SÓCIOS DA SBEM-MS VISANDO A REATIVAÇÃO DA SOCIEDADE	2001 ³⁷¹	1	- Este documento refere-se à reativação da SBEM-MS, convidando os sócios para a Assembleia Geral que foi realizada dia 14/07/2001 na UFMS. Juntamente com o convite, está anexado o regimento da SBEM-MS.
	1990	1	- Relato das atividades.

³⁷¹ Data: 21 de Junho de 2001.

CORRESPONDENCIAS ENVIADAS PELA SBEM-MS	1990	2	- Algumas informações sobre as decisões tomadas no III ENEM, como a nova diretoria da Nacional, reestruturação do estatuto e os próximos eventos.
	1991	1	- Encaminhamento para a inscrição do IV ENEM e cobrança das anuidades atrasadas.
	1992	2	- Informativo sobre a realização do IV ENEM e cobrança das anuidades.
	1994	1	- Refere-se a uma solicitação ao Departamento de Matemática da UFMS para utilização de uma sala para realizar as atividades referentes a SBEM-MS.
	1995	6	- Convite para o processo de eleição da próxima Secretaria Executiva (SE) no dia 07/11/1995.
	1995	3	- Convite para o processo de eleição da SE, visto que a eleição citada anteriormente não houve nenhuma inscrição de chapa, sendo adiada para o dia 02/12/1995.
CORRESPONDENCIAS RECEBIDAS	Todo o período de fundação da SBEM-MS	1 Pasta	- Nessa pasta se encontra todos os documentos recebidos pela sociedade, desde convites para a participação de eventos e prestação de contas, informativos da Nacional.
CRONOGRAMA DO I SEMINÁRIO NACIONAL DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	s/d	1	

DELIBERAÇÕES DO III ENEM	1990	1	- Algumas indicações sobre os cursos de licenciatura em Matemática; Divulgação, por parte da SBEM, de trabalhos que estão relacionados com a Licenciatura; Algumas propostas para a documentação e arquivo; Sugestões para o IV ENEM; Algumas Solicitações aos órgãos governamentais.
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA OS CURSOS DE MATEMÁTICA, BACHARELADO E LICENCIATURA	2002	2	- Destacando: Breve histórico dos cursos, discussão do documento: “diretrizes específicas para os cursos de licenciatura em matemática”, algumas conclusões e encaminhamentos.
DOCUMENTAÇÃO DA CHAPA “REVITALIZANDO A SBEM-MS”	2001	2	- Este documento refere-se a chapa eleita e aos programas a serem desenvolvidos.
ESTATUTO DA SBEM-NACIONAL	1990	3	_____
	1990	4	- Percebemos nesse segundo regimento algumas alterações com relação ao primeiro com relação ao detalhamento e organização dos artigos.
	s/d	1	- Este documento apresenta algumas correções marcadas em caneta. Acredita-se que seja a rescrita dos documentos anteriores.

	2001	2	- Documento mais atualizado, registrado em cartório, com alterações com relação ao último.
E-MAILS	2012	1	- A impressão de alguns e-mails entre os membros da diretoria falando sobre o regimento, o período de inscrição das chapas que querem concorrer à diretoria e a hospedagem do site da SBEM-MS.
FOLDER DA CHAPA “INTERAÇÃO”	2007-2010	1	- Documento traz as informações sobre a chapa eleita, bem como a relação dos membros e as propostas.
INFORMES	1990	2	- Traz algumas informações para os sócios sobre o ENEM, o EEEM e os valores da anuidades para os sócios.
	1988	1	- Reunião realizada no dia 06/05/1988 durante o I Encontro Regional do Ensino de Matemática de Mato Grosso do Sul.
		1	- Reunião realizada no dia 25/06/1988 para tratar dos encaminhamentos das decisões aprovadas no I Encontro de Ensino de Matemática de Mato Grosso do Sul, divulgação da correspondência recebida da DPN ³⁷² da SBEM e formas para a filiação à SBEM, finanças e minuta de regimento para a UF-MS.
		1	- Reunião realizada no dia 27/08/1988 para tratar dos informes, prestação de contas, filiação à UF-MS da SBEM, sugestão do tema do III ENEM.

³⁷² Diretoria Provisória Nacional.

LIVRO DE ATA	1989	1	- Reunião realizada no dia 20/05/1989 para discutirem sobre os informes e os encontros.
		1	- Reunião realizada no dia 06/06/1989 para tratar da organização do II Encontro Estadual de Ensino de Matemática (II EEEM).
		1	- Reunião realizada no dia 12/08/1989 para tratar de acertos referentes à organização do II EEEM.
	1990	1	- Reunião realizada no dia 28/11/1990 durante o III EEEM para tratar da sobre prestações de contas e discussão e aprovação do Estatuto do Regimento da SBEM-MS.
	1993	1	- Reunião realizada no dia 19/11/1993 para tratar da avaliação do IV Encontro de Educação Matemática (IV EDUMAT), eleição e posse da nova diretoria da SBEM-MS.
	1996	1	- Reunião realizada no dia 16/03/1996 para tratar da eleição da nova chapa da SBEM-MS, organização do VI EDUMAT e confecção do boletim informativo. Foram encontrados mais dois documentos avulsos referentes a essa mesma reunião, com anotações não identificadas.
		1	- Reunião realizada no dia 14/07/2001 em que foi realizada uma mesa redonda para a discussão de temas relacionados à Educação Matemática, aprovação do regimento, eleição da Comissão Eleitora. Outro

	2001		documento também foi encontrado dessa mesma reunião, sem identificação.
		1	- Reunião realizada no dia 09/11/2001 para tratar da nova diretoria e a apresentação de suas propostas. Foram encontrados mais dois documentos avulsos referentes a essa mesma reunião, com anotações não identificadas.
MAPEAMENTO DA ENTREGA DA REVISTA	s/d	1	_____
MAPEAMENTO DAS CORRESPONDÊNCIAS ENVIADAS POR ESTADO	2005	1	_____
OFICINA INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE	2004	1	_____
OFÍCIOS	1990	23	- nº 02/90 a nº 17/90; nº 22/90; nº 24/90 a nº 29/90.
	1991	1	nº 03/91.

ORIENTAÇÕES PARA A CRIAÇÃO DE UMA DIRETORIA REGIONAL	s/d	1	_____
ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DOS MINICURSOS DO VII ENEM	2000	1	- São descritas algumas orientações para a realização dos minicursos durante o VII ENEM.
PAUTA DA REUNIÃO DO CND EM BRASILIA	2005	1	_____
REGIMENTO SBEM-MS	s/d: provavelmente refere-se ao período de início dos trabalhos	8	- Alguns desses regimentos apresentam correções feitas em lápis, alterando e/ou excluindo alguns artigos, mudança de alguns termos, por exemplo, de SE para DRE ³⁷³ , complementações de frase, etc.
	2001	2	- É apresentado duas cópias do novo regimento com as devidas alterações realizadas nos outros documentos.
	2010	3	- Percebemos na terceira reformulação do regimento que alguns itens dos artigos foram excluídos e/ou modificados, porém sem nenhum indicativo manuscrito.

³⁷³ Diretoria Regional do Estado.

REGIMENTO DO COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	2003	1	_____
REGIMENTO ELEITORAL (EDITAL)	2001	2	- Este documento apresenta algumas normas e prazos para a realização da Eleição da Diretoria da SBEM-MS, no triênio de 2001-2004.
	2010	1	- Este documento apresenta algumas normas e prazos para a realização da Eleição da Diretoria da SBEM-MS, no triênio de 2010-2013.
RELATO DE ATIVIDADES E BALANÇO FINANCEIRO DA SBEM-MS – PERÍODO 2001/2004	2004	1	- Relata: I. Os encontros realizados (VII ESEM e I IREM ³⁷⁴); II. Carta elaborada mostrando o descontentamento com as Diretrizes Estaduais de Educação para o Ensino Médio; III. Prestação de contas; IV. Proposta da nova chapa para a diretoria.
RELATÓRIO DO GT 1 – PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA	s/d	1	_____

³⁷⁴ Encontro Regional de Educação Matemática.

RELATÓRIO DO GT 2 E GT 3 – FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DE PROFESSORES E EXPERIÊNCIAS CURRICULARES DE 1º E 2º GRAUS	s/d	1	_____
RELATÓRIO DO I FÓRUM DE LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA	2002	1	- Destacando: o perfil do profissional e identidade do curso, perfil do professor do curso de Licenciatura, pesos e tratamentos dos conteúdos, articulação das disciplinas do curso, uso de resultados de pesquisas em Educação Matemática, práticas de ensino e estágio supervisionado.
RELATÓRIO DO III FORÚM DE LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA	2002	1	_____
RELATÓRIO DO IV FORÚM DE LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA	2003	1	_____
REQUERIMENTO DE INSCRIÇÃO DA CHAPA “DIÁLOGO E AÇÃO” À	2010-2013	1	O documento apresenta a composição da chapa que se inscreve para a eleição da nova diretoria, programação

ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA SBEM-MS			de uma Jornada de Educação Matemática realizada no mesmo dia da eleição e as propostas da chapa.
---------------------------------	--	--	--

PRESTAÇÃO DE CONTAS E CADASTRO DOS SÓCIOS DA SBEM-MS			
TIPOS DE DOCUMENTOS		QUANTIDADE	INFORMAÇÕES
CADERNO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS		1	- Este caderno é de 26/06/1988 em que são descritas as atividades que ocorreram na reunião. São especificados os assuntos de finanças (gastos e depósitos) realizados pela Sociedade.
CARTEIRINHAS DE ASSOCIADO		4	- As informações contidas nas carteirinhas são: o nome, o nº do associado, instituição, data de filiação, cidade, estado e as assinaturas do professor filiado e do presidente da SBEM- (MS)
COMPROVANTES DE DEPÓSITOS BANCÁRIOS		31	- Comprovantes de depósitos na conta da SBEM-MS. Em alguns é especificado que se tratam de anuidades.
CORRESPONDENCIA PARA A DNE SOBRE A APRESENTAÇÃO DA NOVA DIRETORIA DA DUF, ACERTO DE ANUIDADE E NOVOS SÓCIOS (fev. 1994)		1	- Nessa correspondência conta a nova diretoria da DUF-MS, acerto das anuidades com 8 filiados, 14 novos sócios. - Neste documento consta que, das anuidades pagas, 40% do valor destinava-se à SBEM Nacional e 60% permaneciam na Regional.
		1	- Documento enviado por SBEM-PUC referente a uma passagem para um evento.

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS PELA SBEM-MS		PARA PAGAMENTOS DE CONTA DE TELEFONE E PASSAGEM
	1	- Documento enviado pela SBEM Nacional com relação à devolução de um cheque.
	1	- Documento enviado pela Tesouraria da DNE comunicando o recebimento de uma correspondência de 09/08/1989.
	1	- Documento enviado pela SBEM Nacional referente à prestação de contas (repassa à regional).
DEMONSTRATIVO DE RESULTADO	3	- Período de 01 de julho a dezembro de 2004. - Consta o valor das receitas (contribuições/revistas), despesas e resultado do período.
	1	- Data: 14 de julho de 1991. - Constam as despesas operacionais, administrativas, receitas diversas e patrimônio associativo.
EXTRATOS BANCÁRIOS	11	- Extratos bancários referentes à conta da SBEM-MS.
	Modelo de 1991: 4 fichas	- Neste documento estão os nomes dos associados, o endereço, bairro, cidade, estado, CEP, telefone, local de trabalho, endereço, formação, duas assinaturas dos sócios proponentes, data e assinatura do filiado.
	Modelo de 1995: 12 fichas	- Neste documento estão os nomes dos associados, o endereço (rua, número, bairro, cidade, estado, CEP), telefone, local de trabalho, endereço, formação, atividade principal (grau de escolaridade que atuava)
		- As fichas de inscrição continham o número do associado, nome, data de nascimento, CPF/CGC,

FICHAS DE FILIAÇÕES DOS ASSOCIADOS ³⁷⁵	Modelo de 2001: 41 sócios	endereço (rua e número), CEP, bairro, cidade, estado, país, telefone, e-mail, fax, formação completa, em formação, atividade profissional principal, instituição, local, data e assinatura do associado. - 9 Fichas de inscrições antes do VII ESEM-MS. - 32 fichas de inscrições durante o VII ESEM-MS.
FICHAS DE INSCRIÇÃO COM O PROJETO “ASSOCIE UM COLEGA”	15	- As informações contidas na ficha são: o nome, endereço (rua e número), CEP, bairro, cidade, estado, país, telefone, escolaridade ³⁷⁶ , atividade desempenhada ³⁷⁷ , sócios efetivos proponentes, local e assinatura do filiado.
INFORMAÇÕES SOBRE OS SÓCIOS	1988 – 1990: 30 sócios	- Neste documento estão os nomes dos associados, o endereço (rua, número, bairro, CEP, cidade, estado) e se estavam em dia com os pagamentos das unidades nesses três anos.
	1988 -1991: 45 sócios	- Neste documento estão os nomes dos associados, o endereço (rua, número, bairro, CEP, cidade, estado), telefone e se estavam em dia com os pagamentos das anuidades nesses quatro anos. - Neste documento há escrito a lápis o nome de mais 4 filiados.
PAGAMENTOS DE ANUIDADES	2002: 159 sócios	-Neste documento está o nome do associado, estado, código, data e valor.

³⁷⁵ Não há indicativos de que o número de fichas encontradas correspondam exatamente, em algum ano, ao número de associados à SBEM-MS.

³⁷⁶ As opções dispostas na ficha de inscrição eram: (i) Graduado em curso superior; (ii) Graduado em magistério ou professor leigo; (iii) Não graduado; e (iv) Pessoa jurídica.

³⁷⁷ As opções dispostas na ficha de inscrição eram: (i) 1ª à 2ª; (ii) 5ª à 8ª; (iii) 2º Grau; (iv) Ensino superior; (v) Pesquisa; (vi) Administração; e (vii) Outros.

	2003: 1 sócio	-Neste documento está o nome do associado, estado, código, data e valor.
RECIBOS DE SERVIÇOS CONTRATADOS E COMPRAS EFETUADAS	_____	- Recibos referente ao pagamento de anuidades, passagens de ônibus, correios, livraria, serviços de datilografia, posto de gasolina, xerox, papelaria, restaurantes, mercado, serviço de painel, recibos da SBEM sobre o repasse para a SBEM-MS,
RELAÇÃO DE FILIADOS DA SBEM-MS	30 sócios	- Nessa relação constam o número de inscrição do associado, nome completo, endereço (rua e número), bairro, cidade, estado, CEP e telefone. - Há duas cópias dessa mesma relação sendo que em uma delas há escrito a lápis o nome de mais 22 nomes que contribuintes.
	98 sócios	- Neste documento estão os nomes dos associados, o endereço (rua e número), cidade, estado, país e CEP
RELAÇÃO DE NOMES DE FILIADOS (SEM IDENTIFICAÇÃO)	1995: 14 sócios	- Neste documento está o nome dos associados, o endereço (rua, número, bairro, CEP, cidade, estado), data da filiação, o valor e o ano do pagamento. - Neste documento não há indicação sobre o que se refere.
	s/d: 377 sócios	- Tabela com nome, endereço (rua e número), bairro, cidade, estado e CEP.
RELAÇÕES DE FILIADOS DA SBEM-MS QUE EFETUARAM PAGAMENTO NA REGIONAL	1995: 18 sócios	- Neste documento está o nome dos associados, o endereço (rua, número, bairro, CEP, cidade, estado), data da filiação, o valor e o ano do pagamento. - Constam duas cópias desse documento.

RELATÓRIO DE SÓCIOS CADASTRADOS	01/01/1980: 49 sócios	- Nessa relação constam o número de inscrição do associado, nome completo, endereço (rua, número, bairro, cidade, estado, cep), data da filiação, data, pagamento (valor e ano).
	11/11/1992: 28 sócios	- Idem. - Relatórios impressos com imperfeições. - Apresenta mais 8 nomes de filiados constando a data de 27/01/1988 em que estão o endereço (rua e número), bairro, cidade, estado e CEP.
	24/03/94: 73 sócios	- Idem.
	28/06/1995: 78 sócios	- Idem.
SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – ASSOCIADOS POR ESTADO	27/06/2000: 118 sócios	- Tabela com nome do estado, nome do sócio, endereço (rua e número), bairro, cidade, CEP, telefone, categoria e e-mail.
TABELAS DE PRESTAÇÃO DE CONTAS	2	- Nesta tabela consta o período (11/03/2004 a dez. 2004) em que estão descritos o número da anuidade, os números de pagantes, o valor arrecadado, saldo devedor, total de anuidades em reais e o cálculo de 50% (sem especificar a que se destina). - O mesmo para o período de jan. 2005 a 05/12/2005 e Jan. 2006 a Set. 2006. - Há outro documento que descreve essa mesma tabela de forma mais organizada.
	1	- Na tabela constam algumas informações sobre os novos filiados, bem como os valores pagos, relação de

TABELAS DE PRESTAÇÃO DE CONTAS (2011)		venda de livros e algumas compras realizadas pela sociedade (pasta, registro de ata, site, fórum e registro do regimento)
ÚLTIMOS PAGAMENTOS EFETUADOS À DNE-SBEM	9	- Ficha escrita com. nome, valor, data, total, DUF/MS 60%, data, número do cheque. - Ficha preenchida pelo 1º Tesoureiro Geraldo Perez.

APÊNDICE D: CARTA DE CESSÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Luiz Carlos Pais, CPF nº 056130782-20, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 16 de set, de 2015.

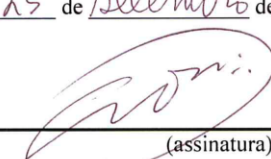

(assinatura)

Nome: Luiz Carlos Pais.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Eronídes de Jesus Bíscola, CPF nº 873 310 518-49, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 25 de setembro de 2015.



(assinatura)

Nome: Eronídes de Jesus Bíscola.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, José Luiz Magalhães de Freitas, CPF nº 746 190 478-72, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 18 de Setembro de 2015.

(assinatura)

Nome: José Luiz Magalhães de Freitas.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Angela Cecília Quarentei Gardiman, CPF nº 984859898-72, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente; portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Itu, dia 23 de agosto de 2015.



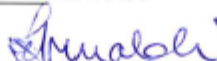
(assinatura)

Nome: Ângela Cecília Quarentei Gardiman.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Iraci Calzzolato Arnaldi, CPF nº 579 323 288-53, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 21 de setembro de 2015.



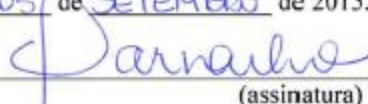
(assinatura)

Nome: Iraci Calzzolato Arnaldi.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Ivonete Melo de Carvalho, CPF nº 054.366.028-19, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 05 de SETEMBRO de 2015.



(assinatura)

Nome: Ivonete Melo de Carvalho.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Marilena Bittar, CPF nº 364 987 691 – 49, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 11 de setembro de 2015.



Nome: Marilena Bittar.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Irio Valdir Kichow, CPF nº 366.145.561-34, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Dourados, dia 07 de agosto de 2015.



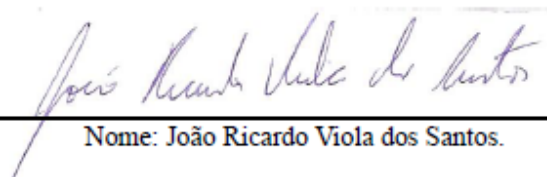
(assinatura)

Nome: Irio Valdir Kichow.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, João Ricardo Viola dos Santos, CPF nº 311432088-03, autorizo o uso da textualização e da gravação da entrevista que concedi a Nathalia Teixeira Larrea para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Educação Matemática da UFMS de Campo Grande. Estou ciente, portanto, que, com a divulgação desse trabalho, a textualização e gravação em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da textualização, em outros textos, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo dessa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Campo Grande, dia 27 de setembro de 2015.



Nome: João Ricardo Viola dos Santos.

APÊNDICE E: TEXTUALIZAÇÃO EM GRUPO – 1ª PARTE

TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA EM GRUPO – 1º parte³⁷⁸

José Luiz: Meu nome é José Luiz Magalhães de Freitas, nasci dia 11 de janeiro de 1954, em Pindorama, no estado de São Paulo e estou aqui na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 1983. Quando terminei a graduação, eu tinha várias opções de cursos de mestrado, pois naquela época havia uma procura por alunos com potencial para realizar curso de mestrado em Matemática. Havia vários cursos de mestrado no país, dentre eles o da UNB³⁷⁹, o da USP³⁸⁰ dentre outros e, como o curso de graduação em Matemática de Araraquara (que era um curso bem conceituado e formava poucos alunos), eu me lembro que me ofereceram várias oportunidades e acabei escolhendo esta última instituição. Confesso que durante o curso, tive que enfrentar alguns desafios: casei, tive filhos, também tive algumas dificuldades com a área, porque eu fui para a Geometria imaginando que ela era de um tipo e era outro e então eu comecei a pensar que não conseguiria terminar o mestrado. Eu tinha muita amizade com o professor Ivo³⁸¹ e a gente discutia muita coisa de Análise e foi quando ele me perguntou por que eu não mudava de área (pois achava que eu tinha mais afinidade com a área de Análise) e fiquei de conversar sobre isso com meu orientador. A gente se dava bem no plano pessoal (tanto que eu até frequentava a casa dele) e eu criei coragem e perguntei ao meu orientador sobre essa possibilidade de troca e ele me autorizou, mas disse que se não desse certo eu poderia voltar. Acabei arrumando outro orientador na área de Análise (em Equações Diferenciais), concluí o Mestrado e acabei vindo trabalhar aqui em Campo Grande. No início, minha intenção era continuar em Análise, mas depois acabei me envolvendo com a área de Educação Matemática, um pouco por influência do professor Eron³⁸², que era meu colega de sala. Notei que no Departamento de Matemática ninguém havia trabalhado em sala de aula no Ensino Básico e,

³⁷⁸ Entrevista realizada dia 07 de abril de 2015.

³⁷⁹ Universidade de Brasília.

³⁸⁰ Universidade de São Paulo.

³⁸¹ Professor Ivo Machado da Costa da Universidade Federal de São Carlos.

³⁸² Eronides de Jesus Bíscola.

como eu tinha certa experiência, ele me convidou para ajudar na disciplina de História da Matemática. Lembro-me que eu e o Eron começamos a ministrar aulas dessa disciplina juntos, mas depois, segundo ele, como eu estava lendo mais, poderia continuar sozinho. Acabei continuando sozinho e assumi também aula de Prática de Ensino (com Estágio Supervisionado), pois naquela época ninguém queria ministrar essas disciplinas, mas depois o professor Luiz Carlos³⁸³ chegou e se integrou ao grupo. A gente acabou se entusiasmando com a área e começamos a participar de encontros como o (ENEM³⁸⁴), participando ativamente da criação da SBEM. Eu me lembro de que naquele pré-encontro de Educação Matemática realizado na PUC/SP (I ENEM), o Eron ministrou um minicurso de Geometria, apresentamos também comunicação sobre nosso trabalho com Prática de Ensino de Matemática sendo muito elogiados e depois disso nós ficamos entusiasmado em realizar algum curso doutorado nessa área. Houve na época um edital do Subprograma de Ensino de Ciências e Matemática, possibilitando a realização de cursos e vimos que na França havia doutorado nessa área, mas o Luiz Carlos foi mais corajoso e decidiu que ia, em seguida eu acabei indo também e depois foi a Marilena³⁸⁵. Quando voltamos acabamos formando um grupo forte aqui nessa área e começamos a ter produção, projeção nacional, essas coisas. Mas esse começo não foi muito fácil não, o Eron que o diga (depois ele fala dessa história). O velho Assis³⁸⁶ que falava que a Teoria dos Conjuntos atravessou o rio, quando ele veio para Mato Grosso do Sul. [risos]

Eronides Bíscola: Eu vou ficar por último, porque não tenho quase nada para falar. Só esses dois aí.

Luiz Carlos: Está bem, mas eu acho que isso é um pouco de presunção sua. Os sábios é que falam pouco... Quem não sabe muito, fala demais.

[risos]

Luiz Carlos: Meu nome é Luiz Carlos Pais, nasci em 6 de abril de 1955, em São Sebastião do Paraíso, sul de Minas Gerais e estou aqui em Mato Grosso do Sul há trinta e um anos. Fui para

³⁸³ Luiz Carlos Pais.

³⁸⁴ Encontro Nacional de Educação Matemática.

³⁸⁵ Marilena Bittar.

³⁸⁶ Antônio Assis de Carvalho.

o estado do Pará em 1976, em uma época difícil, pois havia ainda os resquícios da Guerrilha do Araguaia, no Sul do Pará – é um momento político que eu nunca esqueço e que depois eu voltei a refletir sobre isso. Eu fiz graduação em Matemática na Universidade Federal do Pará e lá mesmo eu comecei a especialização em Matemática no ano de 1979, no contexto da redemocratização do país (no final do período militar). Logo quando eu cheguei ao estado, devido à carência de professores, já entrei como professor colaborador do curso de Matemática desta universidade e entrei no grupo do corpo docente. Em 1979, houve uma greve nacional dos professores docentes no período de três meses – já fazia vinte anos que não havia greve devido à repressão política – e parou tudo na Universidade Federal do Pará que é uma grande universidade, antiga, muito forte e eu participei dessa greve como colaborador. Havia no Brasil mais de três mil colaboradores que ganhavam um salário irrisório para dar aula na universidade (como existe hoje também) e para rachar o movimento, o governo admitiu três mil colaboradores nas federais sem concurso e eu entrei como professor na Universidade Federal do Pará dessa forma, na categoria de Assistente I, uma coisa que foi muito contestada na época. Bom, mas de imediato, fui para o Rio de Janeiro fazer o Mestrado em Matemática Pura (em Equações Diferenciais) e foi muito bom (porque eu tinha feito um curso de Matemática muito bom no Pará), estudei Análise Funcional, Equação Diferencial, Topologia e foi um Mestrado puxado, foi difícil fazer também e tinha alguns problemas com a Matemática, mas tudo bem. Por que eu gostaria de fazer em Educação? No Pará, em 1979, conheci o Luiz Roberto Dante, Ubiratan D’Ambrósio, o Pierre Lucie³⁸⁷ (um francês que trabalhava com Ensino de Ciências no Brasil, naquela época era Ensino de Ciências e Matemática) e falei para eles que eu queria fazer Mestrado em Educação, mexer com professor. Fui orientado a fazer primeiro a pós-graduação em Matemática para me fortalecer como professor de Matemática, porque se fizesse logo Mestrado em Educação iria sofrer muita discriminação e resistência. Então, foi esse o meu caminho e eu achei que, naquele momento, o conselho foi correto. Casei e retornei para o Pará como professor. Alguns anos depois, prestei um concurso, passei e vim para Mato Grosso do Sul e posteriormente ganhei uma bolsa para fazer o Doutorado em Educação Matemática na

³⁸⁷ Matemático e filósofo francês.

França, em Montpellier. Preciso registrar que foi aqui que fui batizado na área de Educação Matemática, graças ao Eron e outros colegas (que tinha na época) que contribuíram também. Falo batizado, porque a gente começou a trabalhar com professores e a lecionar disciplinas nos anos de 1984 a 1988, sendo esses quatro anos de preparo. Depois eu gostaria de retomar nesse assunto, porque acho que foram nesses anos (de 1984 a 1988) que tivemos uma formação muito importante e sobre tudo, por uma coisa, porque nós criamos uma metodologia, inventamos algo novo para trabalhar com professores de Matemática do interior nas capacitações e sem teorizar. Na realidade, na época, nós desenvolvemos uma prática ou um método diversificado de ensinar os conteúdos matemáticos para aqueles professores. Eu lembro que você, Eron, ficava provocando com umas perguntas do tipo: O que era um? O que era unidade? Ora, um é um! [risos] Quer dizer, isso é o que a gente chama, hoje, de epistemologia, então, nós tínhamos os conteúdos (que era uma coisa importante) e aí inventamos métodos de dar aula e organizá-la de modo diferente: levávamos materiais didáticos (dobradura, Tangran³⁸⁸, Geoplano³⁸⁹), algumas coisas ficavam meio esquisitas, até contávamos umas piadas nos curso.

José Luiz: Além desses materiais, tínhamos uma lista de problemas.

Luiz Carlos: É, problemas daqueles curiosos que pareciam ingênuos, mas não eram. Então, tinha essa lista, os materiais concretos, trabalhávamos também com a História da Matemática (que vocês entendiam muito bem) e as demonstrações! No meio da brincadeira, demonstrávamos algumas coisas e isso é o que valoriza a Matemática. Eu lembro que foram mais de trinta cursos em várias cidades do interior do estado como Jateí³⁹⁰, Glória de Dourados³⁹¹, Deodápolis³⁹²... Até prevíamos alguns minutinhos da aula caso algum professor quisesse desabafar sobre as dificuldades da profissão, então reservávamos esse tempo e isso fazia parte da nossa metodologia. Então, nós tínhamos um rol de elementos que hoje daria uma pesquisa de excelente qualidade (sobre essa nossa produção), com uma reflexão teórica sobre

³⁸⁸ Quebra-cabeça chinês formado por cinco triângulos de tamanhos diferentes, um quadrado e um paralelogramo.

³⁸⁹ É constituído por uma placa quadrada de madeira em que são cravados pregos, formando uma malha composta por linhas e colunas com o mesmo espaçamento, sendo de grande auxílio para o ensino de geometria plana.

³⁹⁰ Distante 266,9 km da capital Campo Grande - MS.

³⁹¹ Distante 269,2 km da capital Campo Grande - MS.

³⁹² Distante 252,4 km da capital Campo Grande - MS.

isso, eu acho pelo menos. Eu vejo que nesses quatro anos que estamos falando foi mais do que o Doutorado na França, porque lá eu fui para o outro extremo das teorias, embora eu fizesse várias experiências em colégio francês com criança no interior (como o José Luiz fez). Eu lembro que tinha uma Kombi velha (caindo aos pedaços) que nós íamos para o interior do estado, um dia cheguei a Jateí e como não tinha mais hotel, dormi naquelas baiucas do posto de gasolina aonde dormem um monte de caminhão. Então, isso é o que eu chamo de lastro e tem isso por trás. A gente imaginava uma sala de aula real, com um professor de Matemática ensinando congruência e aí? Como é que isso vai acontecer? Eu tenho orgulho de dizer que os cursos eram um sucesso, Eron, mas depois de muitos fracassos lá atrás, nos primeiros cursos que demos, porque quebramos a cabeça em alguns momentos, pois partimos da velha metodologia de ensinar só conteúdo. A gente começava com teorema tal, enunciado, demonstração, mas está comprovado que isso não funciona e essa é a chamada didática clássica, mas é necessário, porque sem isso não há Educação Matemática. Então esses quatro anos foi um espaço importante para eu adquirir conhecimentos necessários para eu ir para a França fazer Doutorado. Então é uma pós-graduação entre aspas. Quando eu retorno da França, em 1991, aí já é outra história, outro momento. O Eron já estava na administração da universidade como Pró-reitor de Ensino da universidade e ele disse que não vai falar muito, mas ele tem muita coisa para falar, só que ele não vai falar muito, porque...

Eronides Bíscola: Já ando esquecido...

[risos]

Eronides Bíscola: Ele está falando em tom de brincadeira, mas é verdade. Eu participei de uma conversa como essa daqui há um ano atrás e tive que levar o Jair³⁹³ junto, porque eu não lembrava das coisas e aí o Jair me cutucava: - E tal coisa? – Ah tá, então tal coisa...

[risos]

Eronides Bíscola: Meu nome é Eronides de Jesus Bíscola, nasci no dia 6 de agosto de 1948, sou de Presidente Prudente, estado de São Paulo e estou aqui em Mato Grosso do Sul desde 1972. Um dia desses estava pensando por que razão eu fiz Matemática e por que seria professor

³⁹³ Jair Bíscola, irmão do professor Eronides.

e aí fui buscar lá nas lembranças da adolescência. Quando nós mudamos de Presidente Prudente para Alvares Machado (para mexer com padaria lá) tinha um vendedor de linguiça e outras coisas que era professor de Matemática nesta cidade. Então ele já nos conhecia como “*lá da vendinha*” e como ele não tinha muito tempo (pois fazia o curso de Matemática em Presidente Prudente que era muito apertado, por sinal), ele pegou uns quinze teoremas, mais ou menos, e distribuiu para ameninada preparar para demonstrar em sala de aula. Aquilo foi um barato. Eu me debrucei em cima daquilo e fiz o que pude, mas guardei aquele livro. Um dia desses fui ver o tal do livro e acho que foi por ali que comecei a gostar da coisa, daquela brincadeira, [risos]. Bom, eu não tinha interesse de vim para Mato Grosso do Sul, na verdade, eu nem conhecia Campo Grande, meu sonho mesmo era terminar a graduação e ir para a Universidade Federal de Goiânia. Ali tinha um professor, com nome de Juarez Milano, que todo finalzinho de ano ia até a universidade dar um curso de Equações Diferenciais justamente para divulgar a universidade dele e levantar ali os alunos que ele achava que poderia ser o futuro professor da Universidade Federal de Goiás, pois, naquela época, ainda se admitia graduado como professor. Então vi esse curso no primeiro e no segundo ano de faculdade e não dava para eu fazer (mas já estava de olho nessa história aí). No terceiro ano, fiz o curso e mostrei para ele a minha vontade de ir para Goiás, mas aquele era o último ano que a Universidade Federal de Goiás contratava recém-graduado e, como eu estava no terceiro ano ainda e tinha que fazer o quarto, meu sonho terminava ali. Pois bem, terminei a universidade e fui para o Rio de Janeiro, no IMPA³⁹⁴ e ali que eu vi o que é sofrer, [risos]. Fui com um colega (que havia estudado comigo na graduação) e ali ele sucumbiu, quis desistir e foi embora. Um dia, fui visitar o apartamento de outro colega (que também era de Presidente Prudente) que estava fazendo o Doutorado e ele me mostrou um monte de livros (ele gostava muito daquilo) e uma farmacinha dizendo que tinha que ter uns tipos de remédios porque senão... [risos]. Então lembrei que meu colega estava certo, não deveria nem ter conhecido aquela farmacinha, [risos], mas tudo bem. Passado, mais ou menos, uns quinze dias surgiu uma vaga no apartamento dele e fui morar lá. Passado mais uns quinze dias, ele esteve aqui em Campo Grande vendo a universidade, mas não gostou muito

³⁹⁴ Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada.

do que viu, porque aqui estava muito no início, não tinha nem curso de Matemática e como ele já estava com o Doutorado, não era o que ele pensava, mas me contou sua história e como eu queria muito ir para Goiás, achou que aqui era bem parecido com lá, [risos], então eu decidi vim para cá. Quando eu sai do estado de São Paulo e comecei a andar e nada de chegar a uma cidade e nada de cidade... Quinhentos quilômetros... Eu achava que esse negócio estava esquisito, mas quando eu cheguei à universidade e vi tudo por fazer, pensei que era aqui, realmente, o lugar que eu gostaria de ficar. Vim para cá com a promessa de, mais ou menos, uns dois ou três anos depois sair para fazer o Mestrado, mas isto não foi possível, até porque aí entra o poder político. Era muito difícil você se afastar para fazer pós-graduação e, além de ser difícil, tinha até outro motivo: fazer um Mestrado em Matemática para quê? Se aqui só tinha curso de Engenharia, Medicina, Odontologia, essas coisas todas, então era um problema sério.

Luiz Carlos: Eron, você me permite um registro? Acho que para a história é importante. Quando se fala da questão da sua importância nessa capacitação inicial, lembrei-me que pesquisando esses papéis antigos, encontrei seu nome no prefácio da dissertação do Carlos Vinha, físico, em que ele te agradece pelo apoio que você deu (e a outros também) para a liberação dele. Acho que foi a primeira dissertação de mestrado (ou uma das primeiras) feita na UNICAMP de Física aplicada às sementes.

Eronides Bíscola: Relacionada ao milho.

Luiz Carlos: Eu caminho (de vez em quando) e encontro com ele no Parque das Nações Indígenas e falei, um dia desses, que tinha a dissertação e ele disse que nem tinha mais. [risos] Então, estou registrando sua participação na saída do Vinha para fazer o Mestrado em Física e, se ele não foi o primeiro, foi um dos primeiros mestres em Física da Universidade. Nas mesmas condições do grupo pioneiro da Matemática, tem da Física.

Eronides Bíscola: Foi muito bem lembrado, porque na época nós não tínhamos um programa e precisava de alguém que se interessasse por isso. Foi criada uma comissão que eu presidia e tínhamos que ter algumas certezas.

Luiz Carlos: Eu lembro que tinha uma japonesa nessa comissão, quem era? No prefácio dele, também há agradecimento a ela.

Eronides Bíscola: Provavelmente foi a diretora do Centro de Estudos Gerais, na época, Neli Kika Honda, que também se dedicou muito à universidade.

Luiz Carlos: Neli, isso mesmo.

Eronides Bíscola: Isso começou aí. Como nós não tínhamos um programa de capacitação da universidade, então ele foi criado e tive a sorte de ser o presidente da comissão e trabalhar em cima disso para procurar estabelecer algumas garantias para esse programa. Era muito importante, na época, que eu permanecesse aqui naquele ano que estava sendo tudo criado, e por isso eu achava que fosse melhor o Celso³⁹⁵ ir fazer o Mestrado primeiro e no outro ano (em 1976) eu saía para fazer. Esse Mestrado foi muito bom para a minha formação e, de certa forma, me deixava com uma tristeza muito grande, porque era um sofrimento terrível para conseguir ser aprovado (pelo menos com relação à bagagem que eu tinha), mesmo já tendo cinco anos de experiência. Não foi fácil também, porque minha esposa teve um problema de saúde que me balançou um pouco, mas uma coisa muito importante que eu vivenciei é que foi ali que nasceu toda essa vontade de começar a mexer com a Educação Matemática. No retorno do Mestrado, nós pensamos em criar um curso de Matemática aqui que fosse um pouco diferente e felizmente começaram a vir pessoas que pensavam mais ou menos iguais. Foi aí que nós começamos a olhar mais para essa linha da formação, para a Educação em si e, talvez, até levando em conta o sofrimento com relação ao Mestrado (pelo menos da minha parte). Acho até que foi em função desses problemas todos que, quando eu voltei para cá, comecei a repensar o que era realmente aprender e o sentido de você aprender uma coisa com muito sacrifício. E aí, felizmente, tivemos a oportunidade de ter pessoas como o Luiz Carlos, o Zé Luiz que falaram de suas experiências e aceitaram a mudar um pouco o foco, porque viram que realmente podiam fazer coisas mais interessantes. Porque a Matemática, de certa forma, causa um pouco de medo e aí me passava pela cabeça: Medo que vem de onde? Quem põe esse medo é a própria Matemática ou é o professor de Matemática? Se não era a Matemática (que eu achava que era linda), então estivesse no professor de Matemática e, se está nele, qual seria o problema? Será que ele domina mesmo a Matemática? E aí começou todo esse movimento e que felizmente deu muito certo.

³⁹⁵ Celso Vitório Pierezan. Foi reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Luiz Carlos: Já são mais de trinta anos.

Eronides Bíscola: Mas eu acho que, em termos de formação, é muito importante o que o Luiz Carlos disse no início da fala dele: que ele precisava adquirir mais conhecimento, e foi muito importante a observação do Ubiratan que, além do conhecimento, você tem que ter uma experiência do momento. O que o momento permitia? Você vê, embora o interesse fosse um, o momento não permitia muito o crescimento.

Luiz Carlos: Seria pior. Muitas coisas acontecem em função do tempo e a gente sabe que talvez aquele não fosse o momento certo. Às vezes, a vida não te mostra com muita clareza as coisas.

Eronides Bíscola: Isso! Seria pior. Então isso é muito importante.

José Luiz: Planeja até certo ponto. Depois vai um pouco pelas conjecturas que vão aparecendo.

Luiz Carlos: Eron, você foi aluno do Assis, sogro do Guadaim³⁹⁶?

Eronides Bíscola: Fui.

Luiz Carlos: Poderia falar um pouquinho dele? Só um segundinho.

Eronides Bíscola: Veja bem, você tem muitos professores quando faz certo curso (tanto em nível de graduação como em nível de Mestrado) e tem professores que você não tem uma lembrança do quanto ele sabia de Matemática ou do quanto ele era brilhante naquela área. Mas têm outros professores que você se lembra pelo grau de humanismo que ele trazia junto com ele e o professor Assis de Carvalho (lembrado pelo Luiz e que era sogro do Guadaim) era um deles e que abria as portas para os alunos da nossa universidade fazer o Mestrado.

Luiz Carlos: Eron permita-me fazer um registro? A Maria Helena³⁹⁷ e o José Roberto doaram setenta e poucos livros do Assis para mim (porque sou viciado em livros antigos), mas achei de tanta importância que doei para um grupo de pesquisa de abrangência nacional (com autorização da Maria Helena) e que hoje eles estão disponíveis para o Brasil inteiro, em São Paulo. Então, eu queria fazer esse registro, porque eram os livros que o Assis estudava e que hoje estão tudo carimbado com o nome dele disponíveis neste acervo nacional, preservando parte da memória dele.

José Luiz: É uma maneira dele continuar vivo.

³⁹⁶ José Roberto Guadaim.

³⁹⁷ Maria Helena Assis Guadaim.

Luiz Carlos: Porque quando eles foram embora, os livros ficaram em uma chácara e já estavam virando ninho de galinha, [risos]. Então, esses livros foram trazidos para Campo Grande e eu limpei, higienizei e paguei um frete de avião para levar para São Paulo (eram muitos livros, pesou mais de trinta quilos). Peguei um táxi e levei isso para uma instituição presidida pelo Wagner Valente, o GEPEMAT³⁹⁸, que é um grupo de pesquisa de âmbito internacional.

Eronides Bíscola: Foi muito interessante o que você fez ao encaminhar esse material para um local que, realmente, vai ter condições de zelar e até divulgar um pouco mais o trabalho de pessoas como o Antônio Assis de Carvalho. Era ele quem dava as cartas de apresentação para fazer o Mestrado e também as cartas de apresentação para ser contratado como professor da universidade. Eu vim com uma carta dessas para cá (que eu nem tive coragem de ler e ele me deu o envelope aberto), mas quando eu cheguei aqui, até desconfiei que não seria contratado, porque eu vim pensando em fazer algum concurso ou algo do tipo. Quando entreguei o envelope para o diretor, ele abriu, leu e disse-me que estava contratado. Eu pensei na hora que isso aqui era uma fria!

[risos]

Eronides Bíscola: Voltei para o Rio de Janeiro e, mais ou menos, uns vinte dias depois, chegou um telegrama informando que fui contratado e que era para me apresentar na universidade em tantos dias. E o que quê aconteceu? Eu imagino que ele colocou naquela carta coisas que eu não possuía, [risos]. Assim que eu cheguei e comecei a vida aqui na universidade, o nosso grande sonho aqui era criar o Departamento de Matemática e desenvolver alguma coisa que tivesse a ver com a nossa formação, porque não existia, era só Engenharia, Medicina, essas coisas. E aí, nós procuramos trazer professores de Matemática garimpando de todos os lugares do Brasil e assim foram chegando aqueles que têm mais jeito para um lugar mais árido como esse nosso. Para você ver, a década de setenta e oitenta, o que era Campo Grande? Era uma coisa que as pessoas vinham, não gostavam muito não e acaba tudo indo embora, porque estava tudo para ser feito e o que mais me atraía era isso, então era um lugar para se fazer alguma coisa e não você caminhar atrás das pessoas.

³⁹⁸ Grupo de Estudos e Pesquisas em Matemática.

Luiz Carlos: Mas Eron, o fato do estado ter sido criado em setenta e sete, acho que dava um ar de desafio para a gente, porque eu vim para cá sete anos depois, mas mesmo assim tinha esse clima e isso me atraiu também. Um estado novo e com muita coisa para ser feito.

José Luiz: Mas é interessante, eu também vim com esse mesmo espírito. Inclusive em mudar em termos de área, eu pensava que tinha muita gente fazendo isso, mas aqui não, aqui precisava. É interessante.

Eronides Bíscola: Isso foi graças a esse professor, Antônio Assis de Carvalho (sogro do José Roberto Guadain), que foi muito importante para a região de Presidente Prudente e também para os professores que ele esparramou por esse país inteiro para fazer Mestrado e Doutorado. Foi muito bem lembrado citar o professor Antônio Assis de Carvalho, porque ele foi fundamental. Você está vendo que eu preciso ser ajudado... Lembra-se disso, lembra-se daquilo! Senão, não sai.

[risos]

Luiz Carlos: Eu fui ler o Bento de Caraça³⁹⁹, porque você mandou Eron.

José Luiz: Bento de Jesus Caraça.

Eronides Bíscola: Realmente, é uma coisa antiga, mas muito interessante.

Luiz Carlos: Eu estava tentando relembrar algumas coisas ontem à noite, sobre o que iria falar para a Nathalia e vou relembrar isso, porque é importante. Hoje, é lógico, a nossa cabeça está muito poluída com teoria, mas, por exemplo, hoje têm umas teorias que te auxiliam a resolver problemas de forma mais econômica (alguma fórmula ou algoritmo), como é o caso da divisão que tem o método longo (antigo e que se perde muito tempo) e método curto, outro exemplo seria o cálculo da área de um triângulo qualquer e em um segundo você resolve. É lógico que você sempre vai pelo método mais rápido, mas nem sempre você consegue entender o que está fazendo e, além do mais, às vezes, o econômico sai caro! [risos] E no livro do Caraça, tem o Princípio da Economia que vem da Biologia, porque você me incentivou a ler e eu lembro que, naqueles cursos que nós dávamos, você falava que ele era importante. Era como se fosse uma bíblia

³⁹⁹ Bento de Jesus Caraça.

José Luiz: Mas esse livro até hoje é um clássico. O Ori⁴⁰⁰ da USP falava que não podia deixar de lê-lo.

Luiz Carlos: No final, veio em minha cabeça o Princípio da Economia, só estou lembrando um pouco.

Eronides Bíscola: Mas é interessante o Luiz ter se lembrado, porque esse livro acabou me ajudando muito, porque vi que ali tinha muita coisa a ver com as minhas preocupações, por quê? Porque eu era um professor desses que dava para tirar uma foto da minha aula.

Luiz Carlos: É. Giz colorido e tudo.

Eronides Bíscola: E aí eu acabei chegando à conclusão de que aquilo ali não contribuía muito e que seria interessante um quadro bem bagunçado, mas com a cabeça do aluno bem arrumada, [risos]. Então, através do Bento de Jesus Caraça que comecei a pensar em três princípios que começaram a nortear toda a minha cabeça (nem ia me lembrar mais disso, mas você tocou Luiz agora veio na minha cabeça) que era o Princípio da Economia do Pensamento, o Princípio da Extensão e da Compatibilidade Lógica. Esses três princípios...

José Luiz: A Preservação das Leis Formais.

Luiz Carlos: Depois fala que está esquecido, né?

[risos]

Eronides Bíscola: Não, mas estou! Ele falou Caraça e eu nem me lembrava quem era. Mas isso foi fundamental, porque começou a dar um embasamento para aquilo que eu pensava que poderia mudar à minha maneira de trabalhar e então aquele professor com o quadro muito bonito, com uma aula muito bem preparada, poderia transformar-se em uma coisa diferente. Então, foi justamente baseado nesses princípios que eu acabei mudando muita coisa até chegar nesse ponto (eu acho que estou misturando as coisas, mas acho que seria interessante falar), porque quando nós começamos a trabalhar juntos, acho que todos tinham certo receio de trabalhar com dois professores em sala de aula, porque isso metia medo, sabe? O aluno sempre está em uma situação de menos preparado do que a gente (professor), então ele acha que

⁴⁰⁰ Manoel Oriosvaldo de Moura, professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP).

sabemos muito e esse “saber muito” começou a me preocupar. Será que eu sei muito? E fui chegando à conclusão de que eu não sabia quase nada e comecei a pensar que era o aluno que tinha que aparecer em sala de aula e o professor passasse a ser o moderador de tudo aquilo. E assim comecei a colocar mais gente junto, porque estava preparado e não sabia de muita coisa mesmo.

Luiz Carlos: Não tinha mais medo, até porque sempre têm coisas que a gente não compreende. Isso é um método inovador e novo de fazer o aluno participar mais.

Eronides Bíscola: Eu acredito que foi justamente por conta desse tipo de pensamento que nós começamos a trabalhar em conjunto e chegamos a estar (os três) em uma sala, sem constrangimento e sem aquela preocupação de saber o que ia falar e o que os outros iriam pensar. Estava tudo legal e a cabeça estava tranquila, mas para chegar a esse ponto, deu um pouco de trabalho, tive que fazer algumas desobstruções.

José Luiz: Quantas vezes todo mundo ia embora e a gente ficava no Departamento discutindo coisas de Matemática, até pensaram que a gente estava querendo dar algum golpe.

Luiz Carlos: Hoje, toda sexta-feira (das treze as dezessete), estou junto com o Zé ministrando um curso de Didática da Matemática, para a turma do Mestrado. Só se o Zé estiver viajando para não ir ou eu... Mas estando aqui, nós estamos juntos na sala de aula. Essa liberdade de falar e pensar que se eu falar alguma coisa errada o Zé vai me corrigir, é muito bom, porque você acaba aprendendo e acaba desconstruindo aquele modelo de professor como sendo o responsável pela verdade (ou pela suposta verdade). E nós começamos essa participação conjunta há trinta anos e que é um pouco também daqueles PREMEN⁴⁰¹, aqueles projetos que a gente participava com os professores do interior. Você se lembra o que era o PREMEN? Programa de Melhoria do Ensino da Matemática (eu não sei a sigla correta não! É mais ou menos isso). Você coordenou esse projeto e lembro-me que tinha uma sala enorme que nós fazíamos um círculo, tinha umas cinquenta pessoas. O Sales participou, aquela menina de Ponta Porã⁴⁰².

⁴⁰¹ Programa de Expansão e Melhoria do Ensino.

⁴⁰² Distante 342,7 km da capital Campo Grande - MS.

José Luiz: A Denize⁴⁰³.

Luiz Carlos: Denize. Gente do estado inteiro naquele círculo e o Eron presidia o projeto. Aquilo foi muito importante, porque precedeu a minha ida para a França e deu um caráter mais forte, porque eu participei do PREMEN.

José Luiz: Eu lembro que o Vianna⁴⁰⁴ apareceu na nossa sala e falou que estava faltando a área de Matemática, perguntou se a gente queria contribuir e foi aí que o nosso grupo entrou.

Luiz Carlos: Foi lá que criamos coragem para montar os materiais concretos e começamos a pensar nos cursos. São duas coisas: esse projeto e a ida para o interior (naquelas viagens que a gente fazia era outra coisa né Zé?).

José Luiz: É, tinha esse projeto e na Secretaria estava faltando gente de Matemática para ministrar cursos de formação. Eu lembro que na época nós pensávamos como íamos fazer para não ficar de fora e a solução foi um esquema de revezamento, em que um cobria a aula do outro. Então, sempre ia alguém da equipe.

Eronides Bíscola: É bom lembrar que foi um momento interessante esse que eles comentaram, porque nós tínhamos um curso de Matemática e precisávamos incentivar os alunos a se preocuparem um pouco mais com o Ensino de Primeiro e Segundo Graus, por quê? Porque toda a nossa formação e a nossa visão era mais voltada para o Ensino de Terceiro Grau e a gente (querendo ou não) acabava passando esse tipo de pensamento para os alunos, então eles entravam no curso de Matemática pensando em ser professor de universidade. Qual seria a nossa contribuição para com o estado? Na minha cabeça pelo menos, tinha certa dívida e uma das preocupações seria trabalhar com os professores que já estão em sala de aula, aí que deu a sorte de encontrar companheiros dispostos a fazer esse tipo de trabalho. Então os primeiros cursos, realmente, eram voltados para o Terceiro Grau, até porque nós não tínhamos muita habilidade e nem muito conhecimento da realidade desses professores do Primeiro e do Segundo Graus.

Luiz Carlos: Foram mais conteúdo mesmo.

⁴⁰³ Denize Silva Oliveira. Secretária de Educação de Ponta Porã.

⁴⁰⁴ Sem mais referências.

Eronides Bíscola: Mas depois, começaram a surgir novas ideias e novos companheiros para nos auxiliar com esses cursos e então começamos a resistir também ao Departamento, porque existia certa resistência em se fazer esse tipo de trabalho, pois a maior preocupação deles era preparar um bom aluno para fazer Mestrado e Doutorado. Agora, qual status iria trazer para o estado em se preparar um bom aluno para sala de aula? Então, tivemos que enfrentar esse tipo de problema dentro da universidade, mas felizmente encontramos um grupo, naquela época, (vou colocar esse termo, mas não sei se é o correto) de pessoas que vieram de uma realidade mais humilde e que não tinham essas preocupações com o status da coisa e sim a preocupação de servir, ajudar e nesse sentido, então, esses cursos ajudavam muito os professores de Primeiro e Segundo Grau. Lembrei-me de uma história, do meu professor (esse muito bem lembrado pelo Luiz Carlos) Antônio Assis de Carvalho, que eu imitava muito ele, até um dia que eu parei de imitar. Eu era estudante, estava em uma rodinha de alunos e eu imitando o professor Antônio Assis de Carvalho e não é que ele chegou por trás e ficou parado me olhando imita-lo? E aí os caras tinham dois espetáculos: um que eu estava dando e o que ele estava fazendo atrás também. Eu o imitava, porque ele tinha a língua meio presa, então ele falava meio assim (imitando): – Foi com o Eron que a Teoria dos Conjuntos pulou o rio.

[risos]

Eronides Bíscola: E foi muito interessante, porque ele era muito legal com todo mundo e na hora que ele chegou por trás assim (depois que eu terminei aquela brincadeira), ele bateu nas minhas costas e disse: - Você só vive brincando, não é? Nunca mais imito alguém! [risos] Mas seria interessante voltar a falar uma coisinha do Mestrado. Como já disse, sofri muito nessa época, mas foi muito bom, porque aquilo foi uma luz para que eu enxergasse para onde estava indo e que curso estava dando. Aquele quadro muito bonito, bem organizado, não era o correto e foi aí que entrou o tal livro do Bento de Jesus Caraça e que, realmente, a gente tinha que mudar. É melhor um quadro muito feio, mas com a cabeça do aluno bem arrumada, e como que se arruma isso? É ele trabalhando e não eu! Aí eu comecei a pensar certas coisas: Como é você entrar em uma sala de aula sem estar bem preparado? Isso para mim era o fim do mundo! Porque eu tinha que estar sabendo tudo, não tinha que olhar uma citação e dar aquela aula certinha. Aí eu pensei que seria uma grande experiência (foi nesses cursos que o Luiz mencionou) eu entrar

em sala de aula sem preparar o teorema, porque era muito cômodo você pegar um teorema, estudá-lo certinho e tal (demonstrá-lo duas ou três vezes) e depois ir para sala de aula, parecendo que você sabia aquilo antes de nascer. Fui para aula com o negocinho sem preparar, só olhei por cima o teorema e disse que ia tentar, para saber como que é essa situação. Eu molhei toda a roupa de tanto suor e não saiu o teorema, mas aquilo fazia parte, porque eu tinha que sentir que era daquele jeito que o aluno se sentia nas aulas.

Luiz Carlos: Aquilo era realidade.

Eronides Bíscola: Era realidade! Aquilo que estava acontecendo comigo naquele momento, acontecia, em geral, nas provas com todos eles. Quer dizer, então aquilo era uma tortura e aí que isso faz parte dessa aprendizagem que nos levou a outro caminho que foi esse de ser um coordenador de sala de aula, um motivador para que os alunos realmente comesçassem a criar aquilo a partir do que eles sabiam. Mas a gente estava falando dos primeiros cursos que não funcionavam, mas eles foram realmente o pontapé inicial para que a gente pudesse ter coragem de ir para o interior e enfrentar aquelas salas enorme como você colocou Luiz. Uma hora ia um, uma hora ia o outro, outra hora iam os três.

José Luiz: Quando a gente começou a dar o curso e a turma estava meio baixo astral, tinha sobrado poucos alunos, lembra? Lembro também que eles deram um presentinho para nós e um de vocês falou que havia ficado feliz, não tanto pelo presente e sim pelo seu significado. E aí naquela semana, a prefeitura quis dar uma formação para os professores de Matemática e então pensamos se íamos pegar ou não. Eu sugeri que a gente poderia pegar e discutir as coisas mais interessantes que trabalhamos ano, com professores da Secretaria Estadual, então nós escolhemos alguns assuntos que realmente valeria a pena discutir com eles. Na realidade, eles queriam que nós déssemos alguma formação, qualquer coisa para preencher espaço, porque ia ter todas as áreas e só faltava a da Matemática.

Luiz Carlos: A lei exigia isso.

Eronides Bíscola: Olha que interessante, para você ver como as coisas acontecem, a palavra que ele citou “preencher espaço”, não era nem prioridade aquilo, mas para nós foi um caminho maravilhoso.

Luiz Carlos: O nosso laboratório.

Eronides Bíscola: E aí era muito interessante ter os três, porque eu sou muito esquecido e eles dois com boa memória, então eu conseguia.

Luiz Carlos: Nós fomos os pioneiros a levar o Denizalde⁴⁰⁵ para cursos, porque ele era seu monitor Eron, lembra-se?

[risos]

Eronides Bíscola: Ele lembrou do Denizalde, mas eu nem sei aonde ele anda.

José Luiz: O Denizalde está no interior do Mato Grosso (na cidade de Sinop), ele é doutor (aliás foi a primeira tese sobre a SBEM Nacional), coordena grupo, faz pesquisas e é um grande expoente lá da área.

Eronides Bíscola: Eu tive a sorte de ter o Denizalde como aluno e acabou sendo até monitor e nos acompanhou algumas vezes por esse interiorzão, ele era muito divertido, extrovertido e ele declamava poesia muito bem. Um dia, eu fui dar um desses minicursos aí no interior e eu levei o Denizalde. Ele declamou certa poesia e você só via aquela velharada chorando, eram lágrimas escorrendo...

[risos]

José Luiz: Era um artista e o Renato⁴⁰⁶ também, não é?

Eronides Bíscola: É.

Luiz Carlos: Eles tinham uma brincadeira de adivinhar em que a pessoa pensava em um número, eles pediam para fazer algumas contas e no final eles acertavam o número que havia dado, era o maior sucesso em sala de aula e depois explicava a Matemática dela.

Eronides Bíscola: Era um joguinho interessante, porque ele dava a impressão que a pessoa realmente adivinhava, mas não tinha nada de adivinhar, o negócio caía sempre no mesmo lugar, não tinha como errar. [risos] Um dia, eu acho que ele foi para essa atividade de caso pensado e mudou o tipo da brincadeira e não batia mais aonde sabia que dava. Mas foi uma época muito gostosa.

[risos]

⁴⁰⁵ Denizalde Jesiél Rodrigues Pereira. Professor no Departamento de Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso.

⁴⁰⁶ Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Luiz Carlos: Porque é o seguinte, houve uma geração de alunos da qual ele faz parte, o Renato, o Irio⁴⁰⁷, outro que está em Dourados⁴⁰⁸ que é professor universitário...

José Luiz: Ah, o marido da Tida⁴⁰⁹, mas não estou lembrado o nome dele.

Luiz Carlos: Essa geração de alunos (que é importante registrar, Eron) não eram alienados politicamente, independente da bandeira política que eles estavam levantando (eu reflito um pouco sobre isso) e eles eram engajados politicamente, por exemplo, o Renato foi presidente do DCE⁴¹⁰. Então eles tinham um compromisso político importante e queriam fazer coisas, participar e mudar a universidade. Foi essa geração do Denizalde (que hoje é um professor importante em Mato Grosso) que foram nossos primeiros alunos e que despertaram para a área da Educação Matemática. Eles se reuniam no LEMA (Laboratório de Ensino da Matemática) que era um espaço que eles tinham para se reunir e ele é consequência de todo esse movimento. Eu cheguei um pouquinho depois que você e tinha necessidade de escrever a revistinha, porque nós precisávamos fazer o Doutorado e você já tinha as fazendas para cuidar, [risos].

José Luiz: Naquela época, como não tinha internet, o pessoal escrevia cartas pedindo essas revistinhas, mais coisas e tal. Foi em consequência dos nossos cursos que eles nos escreviam e quando juntava aquelas cartas e víamos que o pessoal estava perguntando quase a mesma coisa, o Luiz sugeriu que escrevêssemos uma revistinha com aqueles temas.

[risos]

Luiz Carlos: O Laboratório de Ensino de Matemática tinha em várias cidades, mas como museu e o nosso era diferente Eron – eu acho que massagear o ego é doença, ter a alto estima elevada é uma coisa nociva, mas temos que reconhecer que nós produzimos alguma coisa inovadora –, o LEMA daquela maneira que estava organizado com material didático, com a revista, com vários livros didáticos, nos reunindo para discutir política, para discutir Matemática, fazer curso, escrever a revistinha.

José Luiz: Era um espaço vivo.

⁴⁰⁷ Irio Valdir Kichow. Professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

⁴⁰⁸ Distante 226,9 km da capital Campo Grande - MS.

⁴⁰⁹ Sem mais referências.

⁴¹⁰ Diretório Central das e dos Estudantes da UFMS.

Luiz Carlos: Isso foi uma coisa boa que nós fizemos. Fazendo uma retrospectiva da minha carreira, você foi quem, em grande parte, incentivou isso Eron. Conseguir aquela sala não foi fácil, o espaço físico sempre foi um problema, mas nós conseguimos e depois ameaçaram fechá-la, [risos]. Então o LEMA foi consequência disso: do PREMEN, desses cursos, daquelas reuniões que a gente fazia... Criamos a revistinha do LEMA e depois a Integração como revista de Matemática (que é outro lado importante de registrar), porque tinha os matemáticos batalhando para consolidar ali a Matemática. Então, na parte de formação dos professores é importante registrar isso e que ele era um espaço muito vivo, porque a gente fabricava Tangran, Geoplano e questionando e perguntando em um ambiente gostoso.

José Luiz: Ao lembrar-me da época desses cursos, tenho algumas histórias pitorescas que vou contar. Um dia, nós (eu e o Luiz) íamos para Dourados e como a gente dava aula até tarde aqui na universidade, acabamos saindo à noite, no último ônibus que tinha aquele dia. Lembro-me que a gente chegou lá de madrugada e falei que não dava mais par ir para o hotel, porque faltava pouco tempo para começar o curso (começava cedo e era o dia inteiro). E aí, eu e o Luiz, ficamos lá na rodoviária mesmo preparando os materiais do curso: abrimos as caixas, olhamos o que tinha e o que faltava, conferimos tudo e fizemos algumas coisas.

Eronides Bíscola: Mas é muito interessante essas coisas. Eu me lembro de uma vez que (eu não sei por que eu acabei saindo meio tarde daqui) e tive que parar para dormir antes de chegar ao destino em um hotelzinho na rodovia. Eu entrei naquele hotelzinho (eu não sou enjoado), mas quando eu olhei o travesseiro do hotelzinho... Não deu coragem, não tinha condições de dormir lá! Olha, foi terrível. Mas depois valia a pena, porque você encontrava com aqueles professores e seria como, mais ou menos, você estar com uma jarra cheia de água e o povo morrendo de sede (mas também não tinha muita água não, porque nós não tínhamos muito conhecimento), quer dizer, a procura de conhecimento e de uma explicação para aquelas coisas que foi colocado goela abaixo, por que tal coisa era assim? Por que não é desse jeito? Por que faz assim? Tinha certas coisas que eu também não sabia por que era daquele jeito, mas isso nos ajudou muito e começamos a trabalhar, estudar e aprender mais coisas, porque a gente conhecia (não muito), mas conhecia coisas do Terceiro Grau e dali para baixo era um vazio na minha cabeça, por que aquelas coisas eram daquele jeito? Como que funcionava?

José Luiz: E que problemas levar? Eu me lembro daquele problema do ladrilhamento, que você gostava muito: Com quais polígonos você consegue ladrilhar? Ali você ia discutindo soma de ângulos, puxando e conversando, só aquele problema a gente ficaria a aula inteira. Muitas vezes a gente tentava acelerar um pouquinho para não ficar só nele, porque tinha outras coisas também para comentar de Álgebra, de Geometria, de Aritmética, por exemplo. Eram probleminhas que puxavam para o trabalho com os conteúdos e eles ficavam encantados com aquilo. Gerenciar aquilo era realmente muito gratificante.

Eronides Bíscola: Não sei se essa palavra cabe aqui, mas a pobreza de conhecimento da parte deles era muito maior do que a nossa, aquelas coisas que a gente levava daqui e que eles passavam a compreender era de uma riqueza para eles e para nós aqui também.

José Luiz: Ah é, porque tinha uma fichinha de avaliação no fim que a Secretaria obrigava. O que eles mais reclamavam era que o tempo era curto lembra? O tempo é muito curto, infelizmente.

Eronides Bíscola: Isso. Aumentava mais cursos e nós ficávamos sufocados.

[risos]

Eronides Bíscola: Nós fazíamos os cursos, nessa época, sem deixar de cumprir as nossas obrigações na universidade. Esse era um detalhe e tem mais outros, claro, como o pessoal do departamento que era meio contra a gente.

[risos]

Luiz Carlos: Era uma provocação.

Eronides Bíscola: E tudo isso aí. Mas a sorte é que a gente vem de uma geração de casca grossa. Então, essas coisas não intimidavam a gente.

Luiz Carlos: Igual massa de pão, quando mais sova, melhor fica. Pode bater, bate! Quanto mais você bate a massa, melhor fica.

[risos]

José Luiz: E no nosso Programa, nós também apoiamos bastante esse pessoal. Quando o Luiz teve a ideia de criar a revista do Programa e foi perguntar para outros programas (mais conceituados) o que eles achavam, houve gente que aconselhou ele a parar com aquilo! Falavam que nem eles estavam conseguindo manter a deles e nós íamos conseguir? Então, quando o Luiz

chegou, falou para nós: - Olha, como eles estão falando que não é para criar, acho que nós temos que criar.

Luiz Carlos: Você lembra quando nós fomos em São Paulo, Eron, na reunião preparatória de criação da SBEM?

Eronides Bíscola: E o interessante é que (só um parêntese) eles dois me conhecem muito bem. – Você lembra Eron...? Eu não estou lembrando e estou sendo sincero para você! Ai, vai ele! Vamos ver aonde ele vai chegar com esse negócio aqui. É uma dificuldade, uma realidade.
[risos]

Luiz Carlos: A Tânia Campos da PUC de São Paulo era uma líder nacional, de importância e convidou nós três para irmos para lá. Eu não sei se comprou passagem aérea.

José Luiz: Poderia propor trabalhos, minicursos, mas o tempo era curto.

Luiz Carlos: Mas para o Eron deu tempo!

Eronides Bíscola: Sim, deu tempo porque os dois me pressionaram!

Luiz Carlos: Eu não tinha coragem!

José Luiz: Era para propor, porque ia ter gente do Brasil inteiro.

Eronides Bíscola: Eu me lembro de algumas coisas, mas eu acho que foi o primeiro ENEM.

Luiz Carlos: O I ENEM, na PUC de São Paulo em 1987, foi importante, porque foi a preparação para a fundação da SBEM que ocorreu no ano seguinte. Eu lembro que participei de uma mesa redonda relatando a experiência de Prática de Ensino e você, Eron, deu um minicurso.

Eronides Bíscola: Nós temos muitas coisas para lembrar, como do restaurante né.

Luiz Carlos: Ah... Vocês foram expulsos do hotel, porque deram tanto prejuízo no café da manhã que o cara ficou assustado de tanto que os dois comiam! E aí (eu vou contar outra, porque essa aí é boa e depois a gente volta no ENEM). Na noite anterior, nós fomos na Avenida Paulista (eu, você e o Zé, não sei se você se lembra disso) naqueles restaurantes mais civilizados e fomos jantar. Daí o Eron pediu para o garçom feijão (arroz com feijão) e o garçom: - Não meu senhor, nós não trabalhamos com esse produto, [risos], e ele pediu para o garçom ir falar com o cozinheiro porque era certeza que ele tinha. E não é que o cara trouxe mesmo! Trouxe uma combuquinha de feijão

[risos]

Luiz Carlos: Eu lembro disso, foi nessa viagem do ENEM, porque nós fomos... Eu acho que foi... No I ENEM fomos, em uma noite, fomos passear e aí nós jantamos na Paulista e você pediu feijão. Esse é o item, esse é o detalhe principal. [risos]

José Luiz: Eu lembro do dia em que chegamos, andamos com aquelas malas para tudo quanto é lugar, chegamos a noite no hotel e já tinha servido o jantar lá. E aí, o cara falou: - Olha, tem um cantinho para vocês ficarem ali, mas está tudo empoeirado e até faço um preço mais barato para vocês, se vocês aceitassem ficar. Olhamos, batemos a poeira e como já estávamos acostumados com essas, resolvemos ficar. Mas nós estávamos com muita fome e como não dava mais para sair, fomos dormir, porque no outro dia tomávamos um bom café da manhã (já que era livre) e foi aí que deu problema.

[risos]

Luiz Carlos: Mas voltando a pauta civilizada. Esse simpósio foi muito importante, porque foi a preparação para a fundação da SBEM que ocorreu no ano seguinte.

José Luiz: Não sei, mas me parece que o Elon⁴¹¹ participou, o Imenes⁴¹²... Todo mundo.

Eronides Bíscola: É, quem coordenava era o Bigode⁴¹³. Eu achei engraçado quando cheguei lá, porque, primeiro, eu fiquei surpreso porque havia sido aceito para fazer um minicurso. Nós aqui, do fundão do mundo, dar um minicurso lá em São Paulo? Não está certo não... Foi por conta deles que eu acabei mandando a proposta de minicurso, na última hora. Eu falei: - Que fria, né! Mas está bom, vou me inscrever. Aí eu tinha uma folha que já era fruto desse novo pensamento de uma aula bagunçada, sabe? Eu desenhei um cérebro e comecei: primeira coisa: tem que ser isso; segunda coisa: isso... e fui fazendo desse jeito mesmo! Aquilo chegou no final e eu terminei o raio do curso e mandei essa folha! [risos] Aí o Bigode achou até interessante, quando eu cheguei lá, ele falou assim: - Rapaz, eu vou ser sincero com você, te aceitei porque eu quero ver o que você vai fazer com essa folha aqui. Porque o meu curso inteiro era aquela folha e ela era construída ali na hora, junto com a meninada que estivesse ali, isso ia ser o curso.

⁴¹¹ Elon Lages Lima.

⁴¹² Luiz Márcio Imenes.

⁴¹³ Antônio José Lopes.

[risos]

Eronides Bíscola: O primeiro ia ser o Bigode e o nome dele direito eu nem sei.

José Luiz: Antônio José Lopes. Porque não tinha Bigode no nome, era apelido porque ele tinha bigode. Depois ele colocou bigode no nome e tirou o bigode.

Eronides Bíscola: Mas ele era um cara muito simpático.

José Luiz: E continua, ele escreve livro didático e tudo.

Luiz Carlos: Você, alguma vez, já escreveu uma apostila de Álgebra Linear, Eron?

Eronides Bíscola: Escrevi.

Luiz Carlos: É famosa essa apostila sua.

[risos]

Eronides Bíscola: Mas o interessante é que, quando eu vim para cá, vim com aquela vontade imensa de voltar para fazer o Mestrado. Então, o que a gente queria fazer era alguma coisa de interessante na pós-graduação. Então a gente dava aula, participava de tudo quanto era encontro que tinha na cidade, porque era novidade um professor formado em Matemática, então a gente queria escrever. Era um mundaréu de coisas que a gente fazia e então, na época, acabou saindo uma apostila de Geometria Analítica que é o que o Luiz está citando.

Luiz Carlos: Isso aí é uma obra rara hoje.

Eronides Bíscola: Uma obra rara mesmo, na época da estadual ainda. E se fazia aquilo sem tempo mesmo, porque eram muitas aulas, mas também nós eramos jovem né, igual vocês, dava para fazer muita coisa.

Luiz Carlos: Eu escrevi uma apostilinha sobre Metodologia, foi a primeira produção nossa (minha e do Zé), mas não tenho mais esse texto. A Heloísa⁴¹⁴, outro dia, falou que tem.

José Luiz: Eu devo ter uma cópia. Quando foi aceito para publicar, nós não aceitamos que publicasse, porque eles enrolaram tanto, passaram uns anos, o Luiz fez o Mestrado, Doutorado... Nosso foco já era outro, estávamos em um outro momento.

Luiz Carlos: Você leu o Rey Pastor⁴¹⁵ também ou não? *Metodologia de la Matemática*?

⁴¹⁴ Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴¹⁵ Julio Rey Pastor.

Eronides Bíscola: Alguma coisa.

Luiz Carlos: Porque ele pertence a primeira metade do século XX, mil novecentos e quarenta e poucos. Ele viveu muitos anos na Argentina, era espanhol, eu tenho esse livro (mas está velho, podre, caindo aos pedaços), mas assim eram coisas fantásticas, nós que estudamos algumas teorias hoje, percebemos que esse cara pensava muito. O Fausto Toranzos também! A Elizabete⁴¹⁶ que trouxe do Rio de Janeiro.

José Luiz: Não! Foi eu quem passei para ela uma cópia. Quando eu peguei as aulas de Prática de Ensino, fui até a Celi⁴¹⁷ (que tinha bastante material dessa disciplina) e pedi algumas referências e foi aí que ela me passou o livro do Toranzos e depois eu passei cópia para a Bete. Também tem o Rey Pastor.

Luiz Carlos: Lá na França, o meu orientador era mais da velha guarda, ele valorizava muito esse pessoal da antiga, como o Hans [Freudenthal](#). Então, Eron, eles tinham um pensamento muito avançado, na época, embora hoje seja mais difícil de encontrar esses livros, eles são muito importantes. Meu pensamento surgiu ali, dessas reflexões um pouco mais teóricas, lendo esses autores. Lembro que tinha um livrinho, Zé, acho que é *Matemática Concreta*, lá do Rio Grande do Sul.

José Luiz: Ah... sei, eu tenho ele, é *Matemática Experimental*, do Milton Zaro.

Luiz Carlos: Nós fomos em Santa Cruz do Sul (eu tenho que relembrar isso), os três, no Simpósio Sul-Brasileiro do Ensino de Ciências Matemática (o primeiro desse Simpósio foi em 1983, o segundo em 1984), o Denizalde foi também lá. E era importante a gente participar, para trazer essas novidades para cá... Era assim, estimulante.

José Luiz: É, o que tinha de top aí nós estamos, porque a gente estava ligado.

Luiz Carlos: Em um desses congressos, conhecemos um alemão, o Ingo...

José Luiz: Ingo Steiner.

Luiz Carlos: Ele fazia um curso de recortes e dobraduras, utilizando a Matemática. Pega o papel, dobra e recorta com tesoura.

⁴¹⁶ Elisabete Sousa Freitas. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴¹⁷ Celi Vasques Crepaldi. Professora da Universidade Estadual Paulista de Araraquara.

José Luiz: Nós tiramos muita Matemática dali.

Luiz Carlos: Aí nós trouxemos ele aqui para dar um curso (não sei que ano). Ele chegou e ficou no hotel, mas não acertou o relógio e palestra dele estava marcada para, por exemplo, dez horas e como não aparecia ninguém para levá-lo à faculdade, ele foi a pé, perguntando até chegar.

Eronides Bíscola: Tamanha a responsabilidade.

[risos]

Luiz Carlos: Então essas viagens que nós fizemos foram poucas. Tem essa de São Paulo, essa de Santa Cruz e outras... talvez Maringá, foi importante, porque nós conhecíamos outras pessoas e aí surgiam essas conversas. Isso motivava.

Eronides Bíscola: A gente voltava meio que renovado, louco para fazer um monte de coisas.

Luiz Carlos: Eu fui também nos encontros da Sociedade Brasileira de Matemática Pura e Aplicada e da SBM, em Poços de Caldas, com o Jair Bíscola. Na realidade, Eron, essa querela que existia, hoje, eu vejo isso com mais cautela. No fundo, o pessoal aqui era muito sério na parte da Matemática, eu acho. Quando eu cheguei aqui (eu fiz a conta outro dia) tinha dezoito pessoas e dessas pessoas, doze eram formados em Brasília, como você, o Pierezan, a Márcia⁴¹⁸, entre outros, e vocês eram muito sérios, tinham uma boa Matemática. Então, se não tivesse essa base, talvez o curso de Matemática não tivesse nascido. Por exemplo, nós sabíamos que, naquela época, tinha um curso de Matemática funcionando com base nos conteúdos do Ensino Médio e que os livros adotados eram quase só aquela coleção do Gelson Iezzi, esse era um outro tipo de curso. O nosso curso aqui não! O nosso curso era um curso pesado né? Outro dia, eu estava lembrando do Rubão⁴¹⁹ (o curso de Desenho Geométrico do professor do Rubens) e a gente podia até não concordar com a postura dele, mas ele tinha uma base e um lastro de Matemática nada desprezível. Então eu queria registrar isso que, quando cheguei aqui, eu já havia percebido isso. Tinha esse grupo que mesmo não sendo da Matemática, ou seja, da Educação, eles faziam muito bem feito aquilo que eles faziam. Só que essa base forte matemática que tinha aqui parece que não deu tão certo assim, porque, por exemplo, não existe um Mestrado em Matemática aqui.

⁴¹⁸ Márcia Pinho. Foi professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴¹⁹ Rubens Marques Ferreira Maia. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

José Luiz: Tanto que o Denizalde, depois que formou, falou que devia muito da sua formação àquele grupo sério que tinha em Mato Grosso do Sul, tanto de Matemática quanto de Educação.

Luiz Carlos: Porque se não tivéssemos essa base forte de Matemática, o nosso projeto seria outro, a Educação Matemática não teria nascido com vigor e estaria aí com outra direção que é impossível de raciocinar. Então eu vejo que a gênese do nosso grupo, do nosso movimento, nasceu com o diálogo com esse pessoal (nem sempre fácil), mas importante para essa trajetória.

[O que incentivou vocês a trabalharem com a formação continuada de professores?]

José Luiz: Quando o Eron falou sobre a sensação de termos uma dívida com os professores do estado e a Educação do estado, foi um pouco isso. Quer dizer, como as Licenciaturas eram bastante clássicas, bacharelescas, no sentido de dar uma boa formação Matemática para o aluno e depois complementar com o que desse com a parte pedagógica, para dar condições do graduado para fazer um Mestrado e Doutorado depois, sentia-se essa falta de uma Matemática voltada para a sala de aula. Isso me lembra quando veio uma comissão aqui avaliar o curso (e por acaso eu era coordenador), constituída por dois avaliadores da Matemática Pura e eu era da Educação Matemática, não sei se você lembra Eron. Eu os levei na biblioteca e eles ficaram assustados quando olharam os livros de Análise e viram que eles eram muito manipulados pelos alunos. Então, eu falei que o pessoal daqui estudava, porque os professores cobravam essas coisas, então tem que estudar! E esses livros são muito emprestados, porque os alunos são pobres e não conseguem comprar tudo, não estão aí só para enfeitar a estante, [risos]. Eles ficaram encantados com aquilo, foram olhando outros livros e aquilo mudou a concepção deles com relação ao curso. Então acabou que o curso foi muito bem avaliado não pela parte de Educação Matemática que a gente fazia tanto, mas mais porque eles viram que aqui os alunos também estudavam Matemática.

Luiz Carlos: Tem uma coisa que eu queria registrar que era o seguinte (eu vou colocar um pouquinho de pimenta nesse negócio): a questão é política, mas não política partidária, há, até hoje, uma universidade reacionária que não quer mudar muitas coisas. Então, por exemplo, há um modelo de curso de formação de professores que ainda predomina que quer ver o aluno da graduação o mais longe possível da sala de aula, do Ensino Básico, porque tem que estudar Matemática (só Matemática), para você ser um Matemático (mesmo que o curso não seja bacharelado, sendo um curso de licenciatura). Então é uma questão política de posição e alguém que decida trabalhar com os professores, está um pouco na contramão dessa postura. É lógico que vocês foram muito gentis em falar que tem uma dívida com os professores, está certo! É isso mesmo, mas a gente tinha um compromisso político. Tinha muito professor que vinha com teto quebrado, falando coisa errada e isso para alguns (a elite), quanto mais longe tiver, era melhor. Quer dizer, trabalhar com professor não dá resultado para ninguém, certo? Por quê? O importante era formar mestres e doutores sem nenhuma dúvida. Um país que é cheio de mestres em Matemática e doutores é fantástico! Agora, você não cumprir sua parte básica que é da Educação Matemática para professor, o tributo com os pedagogos, é muito egoísta. Eron, eu detesto as piadinhas com os pedagogos feitas em eventos. Eu sempre falo isso abertamente, porque eu trabalhei quinze anos na pedagogia. Então, hoje existe uma universidade que chamam de Reacionária, porque não quer mudar nada, está ótimo!

José Luiz: Principalmente da pedagogia mesmo, eles não deixam entrar matemáticos lá não.

Luiz Carlos: Justamente. Reacionária dos dois lados! Um que é só Matemática Pura e outro que não quer nada de Matemática. Então por que nós resolvemos trabalhar com professores? É um pouco desse compromisso: o sonho com a universidade e também com os diversos professores, esses professores que foram fazer o PREMEN... professores humildes! Muitos anos depois, Eron, quando você estava na pró-reitoria, (vou registrar isso), eu participei das Parceladas para formar professores que é um remendo. Pouco tempo para formar cento e cinquenta professores no estado, isso está sendo objeto de uma tese em Bauru, da Kátia⁴²⁰. Você, na pró-reitoria, certamente, deixou correr e o projeto aconteceu.

⁴²⁰ Kátia Guerchi Gonzales.

José Luiz: Era o Lino⁴²¹ quem coordenava. Na verdade, era para eles obterem o certificado, para saírem habilitados, porque eles já estavam em sala de aula e, independente de realizarem o curso de formação, eles não iam deixar de atuar como professores de Matemática.

Luiz Carlos: Lembro-me de uma vez que eu estava em Rio Verde⁴²², em um hotelzinho (fuleira) trabalhando nesse projeto e você, Eron, me telefonou fora de hora (em torno de meia noite, onze horas) perguntando-me se tinha desaparecido um carro da universidade que nós estávamos, porque essa era a notícia que estava correndo e que, possivelmente, o carro tinha capotado na estrada e a família estava desesperada. Eu fui à Polícia Federal, na rodoviária, telefonar (isso fora de hora).

José Luiz: Eu não sabia dessa história.

Luiz Carlos: No fundo, Eron, alguém queria azucrinar a nossa vida, não tinha acontecido nada. Eu levei umas duas horas para certificar que não tinha acontecido nada, porque tinha dois carros na estrada: um acho que era para Rio Verde e o outro para Coxim⁴²³. Eu estou dando esse registro, para mostrar a nossa dificuldade, porque tinha gente contra isso aí, que não queria.

Eronides Bíscola: Interessante.

Luiz Carlos: E é importante, talvez hoje esses cursos não façam mais sentido, mas têm as EAD (curso a distância) de Matemática. Então, o que nos levou a trabalhar com professor de Matemática é isso, a realidade do estado, porque não tinha professor quando nós chegamos aqui. Tinha que fazer tudo, havia uma carência muito grande e tinha espaço para isso, então nós partimos para esse lado e outros optaram por trabalhar na Matemática Pura (que é importante também). Eu acho importante registrar isso, porque a gente vai se esquecendo. Você quando foi pró-reitor zelou por isso e eu acho que o projeto fluiu... Nós sabíamos, Eron, que esses projetos tinham algumas coisas que não andavam tão bem, mas o Lino era sempre o empreendedor (até hoje está aí trabalhando), era engajado e nós formamos muita gente, Eron, que certamente isso foi uma contribuição. Hoje quando você vê várias universidades no estado (chegou a ter dezesseis ou dezessete cursos de Matemática no estado de Mato Grosso do Sul) é

⁴²¹ Sem mais referências.

⁴²² Rio Verde de Mato Grosso. Distante 204,4 km da capital Campo Grande - MS.

⁴²³ Distante 254,4 km da capital Campo Grande - MS.

resultado desse trabalho. Agora foi diminuindo, hoje, talvez, não tenha mais que quinze cursos (que é uma crise né), mas quando você chegou aqui não tinha nada.

Eronides Bíscola: Então, são coisas realmente interessantes o que o Luiz está colocando. Quando a gente estava fora da pró-reitoria, a imagem de que se tinha desses cursos aí, não era muito boa (para quem está do lado de fora), até porque você não se dedica a pensar sobre aquilo ali, sobre a realidade daquele pessoal: como que é; se vão ter condições de se aperfeiçoar; a situação salarial deles que é terrível... Quem iria fazer aquele trabalho que eles estavam fazendo? Não ia ter ninguém. Então, você tem que estar dentro do problema: você dentro tem uma visão e você fora, tem outra. Como você estava dizendo, quando eu estava fora eu tinha uma visão diferente disso aí, quando eu entrei lá eu tive que me inteirar das coisas, então comecei a ver que realmente certas comunidades não tinham como receber nenhum tipo de incremento sobre a aprendizagem da Matemática ou em outras áreas (porque aquilo era abrangente e embora eu fosse contra aquele curso), se não fosse através de um curso daquela natureza para aquele momento e para aquele tipo de situação que nós tínhamos, não íamos ter professores formados. Então, nós levamos aquilo até o fim numa boa. Hoje, andando por aí (estava mexendo na pecuária), eu vou em certas cidadezinhas e fico ainda com aquela lente de professor universitário querendo ver as coisas diferentes que tem lá e tal. Aí você fica vendo, quem que iria para um lugar daqueles?

Luiz Carlos: Há vinte anos atrás.

Eronides Bíscola: Nossa! Há vinte anos atrás então... Pelo amor de Deus, em uma época como essa daí. É interessante isso daí, mas pegando esse gancho para falar o seguinte: nem sempre a gente consegue (estando de fora) olhar a coisa como deveria ser vista realmente, no caso, como eu estava na pró-reitoria, passei a ver isso como um problema meu também. Então você tem que enxergar o que tem de bom naquilo e não só as coisas ruins. Você vê o fato que ele colocou, de ter até informações não verdadeiras, para quê? Só para azucrinar. Então, mas veja que coisa interessante, se você pegar uma sociedade como essa nossa, fechada, vamos pegar Campo Grande, capital, e você chegar a ter matemáticos no poder, na reitoria ou nas pró-reitorias, isso é uma coisa quase que inaceitável. Então, esse foi um momento muito complicado de coisa dessa natureza que você está colocando aí.

Luiz Carlos: Mas dá a sensação que a gente fez alguma coisa né? Demos nossa contribuição.

Eronides Bíscola: Eu acho que o pessoal da década de 70 e 80 era um pessoal bastante comprometido, eles tinham objetivos e queriam fazer alguma coisa para a universidade e não extrair da universidade coisas para eles. Então, talvez, isso já esteja um pouco modificado, porque você não vê tantas pessoas com amor àquilo que está fazendo e isso faz uma diferença muito grande. Enquanto você pensava aqui em ser um professor universitário para levar mais conhecimentos a um número maior de pessoas, outros estão pensando o contrário disso, tentando tirar proveito dessa situação, então isso não é uma coisa simples. Você pega o professor, a pessoa que se forma em Matemática, em geral, ele vem de uma classe mais humilde e essa classe tem outra visão do todo, então não é interessante que essa classe ocupe alguns lugares de destaque. Então, a chegada de um grupo de Matemática, no começo, com um pensamento diferente numa reitoria, poderia de certa forma, alterar alguma coisa. Na verdade, depois que eu passei por tudo aquilo, vi que é muito difícil alterar as coisas.

José Luiz: É como se a máquina tivesse uma vida própria né? E você acaba sendo uma peça.

Eronides Bíscola: É, uma peça. Depois que você está lá dentro é que acaba compreendendo que você realmente é uma peça e que não comanda nada. Então você começa a fazer certas concessões, ajeitar daqui, ajeitar dali... e existem certas coisas que (eu não posso falar aqui) eu andei concordando, porque a pessoa sabia que eu não concordaria com aquilo, então acaba te consultando, porque como eu já estava lá dentro, eles precisavam saber como eu via isso daí. Eu acabei até orientando contra alguns princípios meus, porque eu vi que aquilo não andava se não fosse daquele jeito. Não tem saída. Então é complicado isso daí.

Luiz Carlos: É, lógico. Agora é necessário, porque se ninguém se dedicar à administração, se alguém não se dispor a ser o diretor ou coordenador, as coisas não andam, né Eron? Eu nunca tive jeito para esse negócio de administração. Eu vejo isso assim, é uma coisa que tem que ter certa paixão por isso e é preciso que esses líderes que assumirem a administração da universidade tenham coragem. Eu acho, é uma sensação minha, que vários da Matemática se dedicaram à administração e talvez pagaram caro por isso, por que não teve um Mestrado? Por que hoje Maringá tem um cento e cinquenta mestres e doutores em Matemática, se o instituto lá nasceu muito depois do daqui? É porque que a Matemática Pura não se desenvolveu tanto

aqui né? Até hoje não tem um Mestrado aí, tem só o PROFMAT⁴²⁴ mas não é muito aceito. Porque eu acho que muitos matemáticos competentes, dado aquele momento, da década de 70, tiveram que assumir a administração e não dá pra fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Então, eu acho, que o preço que se pagou foi esse, porque se todos os matemáticos tivessem se dedicado à pesquisa, tinha doutorado aqui. Mas é assim, você não muda a história. É importante pensar, fazendo uma análise por década: a primeira década foi das ciências biológicas (um pouquinho mais, um pouquinho menos): Farmácia, Medicina, etc., depois, veio a Engenharia e dois mais dez anos para vem a Licenciatura em Matemática. Mais dez anos para abrir a Pós-Graduação em Educação Matemática e mais outros dez para abrir, agora, o Doutorado em Educação Matemática. Não dava para servir as duas áreas ao mesmo tempo.

Eronides Bíscola: Eu concordo, é difícil fazer as duas coisas. Na época, o Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, era um centro que tinha interesses, por exemplo, na Reitoria. Porque nós tínhamos, nessa parte de exatas, a Engenharia e aí o engenheiro é uma pessoa, de certa forma, com raízes aqui dentro do estado, então era um Centro muito combativo e precisava de gente para estar junto e atuando. Eu diria que, da minha parte, não era fácil e depois você acaba se complicando mais né? Eu me recordo que na época de vocês saírem para fazer o Doutorado, eu também estava naquela situação de sair e eu tive que assumir algumas coisas particulares (o que complica mais ainda) junto com as atividades de docência, como também administrativas, porque era uma carência terrível. Então o tempo que você tem, não dá para fazer as duas coisas, mas que demorou muito tempo para essas realizações, demorou realmente.

Luiz Carlos: Ainda está para ser escrita, Eron, a história do Departamento de Matemática (até tenho anotado algumas coisas para homenageá-los, mas não consegui ir muito longe não). Mas quando você chegou aqui, quem é que dava aula de Matemática para as Engenharias?

Eronides Bíscola: Eram os engenheiros das Forças Armadas.

Luiz Carlos: Você conhece o professor Célio Sarzedas? Ele era da Matemática?

Eronides Bíscola: Sim, de Matemática e era o único que não era militar. Ele veio de São Paulo

Luiz Carlos: E o Hélio Baís, deu aula de Matemática? De Cálculo?

⁴²⁴ Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional.

Eronides Bíscola: Olha, eu acredito que se deu (eu não me recordo) foi em algum curso de verão para acertar alguma situação lá, [risos]. Nós começamos os cursos aqui com alguns engenheiros, até porque não existia professores. Tinha o Célio Sarzetas, tinha eu, depois veio o Celso Pierezan...

Luiz Carlos: O Célio Sarzetas foi aposentado pelo negócio do golpe militar, na época da ditadura ele foi afastado. Eu era coordenador do curso de Matemática e apareceu um senhor idoso lá, devagarzinho, calmo... com um papel na mão dizendo que queria reassumir o posto de professor, [risos].

Eronides Bíscola: O Francisco Fausto Matto Grosso Pereira também. Isso aí aconteceu em uma assembleia e eu estava no dia lá. O governador foi fazer uma conferência (alguma coisa desse tipo) e teve uns professores reunidos, liderados pelo Fausto Matto Grosso Pereira, que não deixaram o governador falar nada. Nisso rolou a cabeça do Fausto, rolou do Célio e de outros tantos... Rapaz, que situação, [risos].

Luiz Carlos: Você estava no dia do incêndio? Que o Pierezan pulou pela janela e quebrou o pé?

Eronides Bíscola: Não. Eu também só sei que despencou lá de cima.

José Luiz: Parece que era lá na cantina que estava pegando fogo.

[risos]

Luiz Carlos: Mas eu estava interessado no professor mesmo. E aquele que deu aula de Francês (que faleceu), Chaves, ele deu aula de Matemática ou não?

Eronides Bíscola: Não, mas ele pertencia ao Departamento de Matemática. Teve uma época que teve umas confusões dentro da universidade e eu sempre defendi a ideia de que o Departamento era para acomodar as pessoas que tínhamos certa afinidade e tática, mas que não poderia deixar os professores soltos sem Departamento. Então, se não tem lugar, não tem problema nenhum, põe na Matemática! Então ali foi o Chaves, foi o Landes (que foi um problema terrível!), Nossa Senhora!

[risos]

José Luiz: O Landes até hoje atua como jornalista né? Toda vez que eu vejo o jornal, acho que é o mesmo... Luiz Landes Pereira.

Eronides Bíscola: Não sei como está o Landes. Ele é polêmico e muito inteligente, mas muito complicado também.

José Luiz: Nas assembleias de professores que eu participei, esse Landes falava muito e acho que ele queria se aparecer né?

Eronides Bíscola: A universidade passou por um momento difícil, mas ele conseguiu se acomodar melhor com os outros professores e foi se ajeitando, mas isso aí também deu trabalho.

Luiz Carlos: Sabe que o nosso amigo Rubão (Rubens) faleceu né? É provável que ele tenha sido o primeiro sul-mato-grossense a ser professor de Matemática na Universidade Federal, porque ele é de Maracaju⁴²⁵ ou Rio Brilhante⁴²⁶ (nessa região) e foi um engenheiro formado em Ouro Preto-MG.

José Luiz: A dar aula de Matemática nas Engenharias.

Luiz Carlos: A hipótese que eu tenho é que ele tenha sido talvez o primeiro, porque o Baís é daqui também, mas o Rubão como engenheiro foi professor de Matemática, dando aula de Cálculo, além de Geometria Diferencial, de Desenho, Geometria Descritiva. Será que ele foi o primeiro sul-mato-grossense a dar aula de Matemática? Você não conhece outro?

Eronides Bíscola: Mas olha, quando eu cheguei aqui (eu cheguei junto com o Célio Sarzedas que é esse que você mencionou que foi cassado na ditadura) só existia engenheiros dando aula de Matemática para os cursos de Engenharia. Então, tinha o Fauze⁴²⁷, o Luiz Carlos Chaide, e padres!

Luiz Carlos: Esse eu não conheço.

José Luiz: O Lauro Bulate também dava aula?

Eronides Bíscola: Já vi! Depois que eu cheguei aqui, veio junto com a turma do Fausto Matto Grosso Pereira. Aí veio de fora: o Lauro, o Celso... Eles são de Curitiba. Mas acredito que a única aula de Matemática que o Rubão deu foi dentro de um processo muito traumático, [risos]. Nossa Senhora, o pessoal queria tira-lo, expulsá-lo, aquele rolo todo e a única solução plausível, não melhor era você deslocar.

⁴²⁵ Distante 158 km da capital Campo Grande - MS.

⁴²⁶ Distante 160,2 km da capital Campo Grande - MS.

⁴²⁷ Fauze Scaff Gattass Filho.

José Luiz: Porque ele estava reprovando muita gente e você era chefe de Departamento né?

Eronides Bíscola: Eu era chefe do Departamento e também fui eu que atribui aquelas aulas de Matemática para ele.

[risos]

Eronides Bíscola: Aí passou aquele burburinho todo e aí ele se acomodou com a situação.

Luiz Carlos: Outro dia Eron, eu fui com a minha esposa (a Maria Sakate ela trabalha na Secretaria de Educação) e teve uma dessas reuniões sociais que eles fazem. Foi em uma pizzeria, de madrugada lá, o pessoal começou a tomar um whisky... Aí um engenheiro (acho que ele tem uns setenta e poucos anos), ele fez Engenharia depois de uma certa idade, foi seu aluno (não me lembro o nome dele) e ele começou a contar que aqui no começo as coisas eram meia pesadas, tinha até gente armada!

[risos]

José Luiz: O Gilberto⁴²⁸ que passou uma situação constrangedora aqui, porque os alunos o ameaçaram de morte. Os alunos eram bravos naquela época, ameaçavam os professores de morte.

Eronides Bíscola: Eu acho que hoje eu vejo como uma provável brincadeira por parte deles, mas naquela época eu levava a sério do ponto de vista de tomar algumas precauções só. Eu costumava estudar muito, naquela época, porque nós não tínhamos condições de dar aula dessas disciplinas da Engenharia sem estudar muito e o curso de graduação não formava a gente para aquilo ali. Tinha um tal de Cálculo III ali que era terrível e era aonde eu dava aula. Então tinha que estudar muito e aprender! Não era questão de só preparar aula, não! E aí a gente ficava até onze horas, meia noite estudando na universidade. E a gente apertava na cobrança! Fazia jus àquele tempo que a gente gastava para aprender e nas aulas tinham uns caras que até tiravam fotos das aulas, porque elas pareciam um quadro pintado mesmo, sabe? Mas era muito esforço mesmo, na época, o pessoal se dedicava bastante. E aí rapaz, por volta de umas onze horas da noite (mais ou menos), eu estava (esse dia foi comigo) sozinho na sala dos professores. Tinha um corredor logo de chegada, ali no CCET (acho que deve ter mudado muito), mas naquela

⁴²⁸ Gilberto Antônio Telallori. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

primeira sala para quem sai para o estacionamento e vai para o CCET, ali era a sala dos professores e eu estava lá preparando a aula para os alunos da Engenharia que a gente apertava bem mesmo! Eles quiseram fazer uma brincadeira, então me pediram para sair para fora da sala para mostrar um negócio. Não saí nada! [risos] Mas também não fiz nada contra eles não. Eles tinham um quadro (devia ter tirado foto) que eles pintaram da sala de aula que tinha muitos alunos de tanto que a gente reprovava, tinha alunos fora da sala (no corredor) assistindo aula e tinha alunos pendurados...

[risos]

Eronides Bíscola: Para você ver que negócio interessante rapaz! Mas tudo isso serviu também para a gente parar para pensar, por exemplo, o Mestrado lá de Brasília teve muitas coisas interessantes além do aperto que eu passei por lá (do desconforto da saúde da minha mulher) e tudo e uma delas foi olhar o quanto a gente apertava aqui. Eu vi que não precisava ser daquela maneira e aí ajudou o seguinte: esse tipo de comportamento nosso seria mais coerente com o curso de Matemática e não para um curso de Engenharia, então tudo isso daí contribuiu para pensar naquele tipo de aula que eu estava dando. Depois me tornei um bagunçado de primeira categoria, eu achava que quanto mais bagunçada estivesse minhas aulas, seria mais atraente para o aluno pensar. Hoje em dia eu estava pensando, uma aula toda arrumadinha, o cara pode até pensar assim: - Ah, depois eu estudo isso aqui. Não...! Se eu não pegar esse troço aqui, agora, eu não pego mais! É só aqui! Então, a cabeça pensando e arrumando. Isso aí foi muito interessante.

[Existe alguma relação entre essas ações de formação de professores de matemática que vocês implementavam e a formação de um grupo interessado na constituição da SBEM-MS?]

Luiz Carlos: eu vou me arriscar a falar um pouquinho. Essas ações de formação de professores eram mais voltadas para a parte de Educação Matemática, o que significa formar professor de Matemática? Havia uma forte componente matemática e existia a nossa atuação na graduação: eu dava aula em Prática de Ensino, História, o Eron dava Geometria e outros e a gente constituiu um grupo através daqueles cursos de extensão. Formar a SBEM era obrigatório, não tinha como fugir, porque aquilo estava sendo discutido no Brasil inteiro, então não podíamos ficar sem. Eu não vou formar a SBEM? Era compromisso, o Mato Grosso do Sul não vai estar lá? Então eu

vejo, assim, três coisas: os matemáticos que estavam cuidando da formação de professores (curso de Análise, Álgebra, Topologia, isso é uma coisa importante), nós trabalhamos com algumas disciplinas e aí, então, surgiu um subgrupo mais ligado à Educação Matemática.

Eronides Bíscola: Eu acho que você e o Zé têm mais condições de falar sobre isso daí. Porque, como já foi dito, o Departamento de Matemática teve uma atuação muito grande na parte administrativa da universidade. Se você pegar aí, os Conselhos que teve, tanto o Conselho Universitário, como Conselho de Ensino e Pesquisa da universidade, dificilmente não vai deixar de encontrar um professor de Matemática participando, inclusive o meu nome, porque sempre participei. Então a atuação de muitos professores da Matemática em certo momento acabou ficando muito mais na administração, mas o Luiz colocou um negócio interessante. Você acaba sendo convocado para participar de certa entidade (e isso vem acontecendo em outros lugares), começa a gerar certo grupo para pensar naquilo e aí a coisa surge, é mais ou menos por aí. Com relação em estar trabalhando com pessoas pensando na criação de uma instituição, de uma sociedade ou coisa desse tipo, foram pessoas como Luiz Carlos e o Zé Luiz que tiveram uma atuação muito grande para que isso acontecesse, eu mesmo participei pouco desses trabalhos.

Luiz Carlos: Eu participei um pouquinho em 1987 quando fundou e depois fui para a França, então passei quase quatro anos me preparando e vejo a volta para o Brasil como outro momento. Então eu participei um pouquinho antes em 1986-1987 no preparatório antes da formalização da SBEM (no I ENEM), mas eu lembro que quando eu fui a Maringá, Zé, você foi também. Eu estava com a cabeça na França, estudando francês, pois já sabia que eu ia para lá seis meses depois, estava em outro mundo.

José Luiz: Eu acho que a nossa participação nesses encontros, em nível nacional, foi importante naquele momento de discussão que tinha que criar as representações regionais e como nós já tínhamos certa estrutura (como o grupo do LEMA e outras), principalmente com o Denizalde, foi dentro desse grupo que conseguimos criar a nossa regional. Você, Luiz, ia sair, mas eu também já estava pensando em ir depois, e então como íamos fazer? Observando essa primeira diretoria, a gente vê o Renato, por exemplo, que estava recém-formado, como primeiro presidente, mas ele tinha capacidade política e estava envolvido com tudo quanto é movimento em nível quase que já nacional mesmo, mas principalmente estadual e local e resolveu assumir

esse cargo de presidência da SBEM-MS, já que nenhum outro podia. Então tinha o Renato, a Denize (de Ponta Porã), tinha várias pessoas e o Eron ficou como segundo tesoureiro, mas nem sei se chegou a participar efetivamente.

Eronides Bíscola: Não, não, não.

Luiz Carlos: Se você me permite falar uma coisa, não é que somos generosos e demos espaço, não é isso. Eu me lembrei do seguinte, quando abriu o Mestrado aqui, tinha dez alunos e tinha uma candidata muito brilhante para fazer o Mestrado em Educação Matemática. Quem é que vai orientá-la? Eu não posso orientá-la, porque se tem um colega que está começando agora e eu quero que ele cresça, é ele quem tem que orientar. Eu tenho que atuar de outra maneira, então eu, nos bastidores, pedi para a nossa colega jovem que estava começando, para ela escolher quem iria orientar e ela escolhe a aluna mais brilhante. É lógico, isso aí é uma coisa natural, porque não é questão de dar espaço e muito deles foram nossos alunos como o Renato, a Ângela⁴²⁹, a Iraci⁴³⁰. Até hoje, eu tenho um grupo cadastrado no CNPq⁴³¹ e quem coordena esse grupo formalmente no CNPq é um aluno meu, o Enoque⁴³², porque eu estou partindo e indo para outras coisas. Você vê o fato do Renato estar aqui na presidência, ele era nosso aluno e muito nos orgulhava disso. A Ângela também foi minha aluna (a primeira aluna do Mestrado), depois a Iraci, a Ivonete⁴³³ que pegou o caminho da particular, o Edmir⁴³⁴, o Sales⁴³⁵ que foi o meu primeiro aluno de doutorado, quer dizer, você vê essa relação aqui. Então, a gente estava mais no bastidor fomentando. Eu vejo assim Eron (não canso de dizer isso e eu sempre falo por aí), você está lá na retaguarda, não está se aparecendo nos projetos de frente, quer dizer, sem esse lastro o nosso grupo de pesquisa não tinha decolado. Eu acho que nós tivemos a felicidade de ver os nossos alunos mais brilhantes do curso dirigindo a SBEM e eu vejo isso com certo orgulho, são meus alunos, são vários professores.

⁴²⁹ Ângela Cecilia Quarentei Gardiman. Professora no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

⁴³⁰ Iraci Cazzolato Arnaldi. Professora atuante na Secretaria Municipal de Educação (Campo Grande - MS).

⁴³¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁴³² Enoque da Silva Reis. Professor do Departamento de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Rondônia (Unir), campus de Ji-Paraná.

⁴³³ Ivonete Melo de Carvalho. Professora da Universidade Anhanguera UNIDERP.

⁴³⁴ Edmir Ribeiro Terra. Professor atuante na Reitoria da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

⁴³⁵ Antônio Sales. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Eronides Bíscola: O Renato era bastante político e o Denizalde uma pessoa atraente e muito simpática.

Luiz Carlos: Sim... simpático. Empatia né? Lembra do Ivanildo⁴³⁶?

Eronides Bíscola: Aonde o Ivanildo está será?

Luiz Carlos: Não tenho notícias dele.

José Luiz: A última vez que soube estava em um estado do Norte, dando aula em universidade, mas como professor colaborador. Mas também, nessa altura, ele já aposentou, porque ele tinha uma idade já (mais ou menos da nossa idade). A primeira profissão dele era marinho né.

Luiz Carlos: Lembra de uma menina que ficou conosco certo tempo e se tornou uma grande repórter da televisão hoje? Ela tem um programa na televisão, foi repórter da Rede Globo, mas hoje ela trabalha com TV independente, faz um programa especial. Mas começou lá na Matemática, [risos]. Esse ziguezague da vida e você acaba indo para outros caminhos né. É interessante isso, porque nem todos foram para a Matemática em si, por exemplo, um dos nossos alunos foi para a Polícia Rodoviária Federal de Dourados, mas me fugiu o nome dele.

Eronides Bíscola: Brasil⁴³⁷?

Luiz Carlos: É! Brasil. Brasil é sobrenome né. O Edmir Terra também, mas ele continua sendo professor. Então você vê que nem todos ficam no ramo da Matemática. Mas na constituição desse grupo da SBEM eu vejo que muitos alunos estão aqui (não só da federal), para você ver que interessante isso. A Iraci, a Ivonete, o Sales, o Felice⁴³⁸, esses foram alunos da federal.

Eronides Bíscola: O engajamento desse pessoal se deu através daqueles cursos. Não é? Em que foram dados cursos de extensão.

Luiz Carlos: Exatamente, quando eles chegaram aqui, mas também tem outra vertente de pessoas de outros estados, não são só nossos ex-alunos, como por exemplo, a Iraci que veio de São Paulo e que é esposa do Zé [risos].

⁴³⁶ Sem mais referências.

⁴³⁷ Luiz Alberto dos Santos Brasil.

⁴³⁸ José Felice. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

José Luiz: Ela chegou em 1990 e eu tinha ido em 1989 para a França. Ela fez uma especialização com você né que, aliás, foi outra coisa que nós oferecemos bastante: cursos de especialização antes de ter Mestrado.

Luiz Carlos: Ela me pediu que a orientasse em sua dissertação, mas estava com uns quinze alunos e não ia dar conta de mais uma [risos]. Então, como vi que ela tinha potencial falei que iria arrumar um orientador que estava voltando da França, que foi o Zé. Orientou tão bem que casou com ela.

[risos]

José Luiz: Pois é, estamos aí até hoje. Mas foi a experiência dela também né, pois ela já tinha trabalhado em sala de aula, com formação de professores na CENP⁴³⁹ em São Paulo, principalmente com professores do Ensino Fundamental e Médio. a maior parte desse pessoal foi dar aula na UNIDERP⁴⁴⁰, foi nessa época também que a Iraci assumiu a diretoria. Eu estava voltando da França e tinha muita coisa, lembro que fiquei como secretário e a gente legalizou a SBEM, porque ela não tinha nada oficial, nem CNPJ e estava difícil de acertar as contas. Nós participamos de um congresso (II CIBEM) lá em Santa Catarina, em Blumenau, e acabamos adiantando bastante essa parte da regularização da SBEM com a ajuda da Salete⁴⁴¹ (que era da diretoria nacional) e quando voltamos, a Iraci registrou em cartório. Com essa parte de existir legalmente, ela podia recolher normalmente as anuidades, se bem que nós nunca tivemos muitos sócios. Essa foi uma dificuldade nossa de não conseguir fazer uma SBEM com um grande número de sócios, mas ela permaneceu e está aí. Quando olhamos para trás, vemos que fizemos muitas coisas: mantivemos os encontros estaduais, as discussões que ocorriam em nível nacional e isso contribuiu bastante, porque estava ligado com essa formação de professores e as tendências em Educação Matemática (como usar a resolução de problemas, a tecnologia, essas coisas), enfim, o pessoal da SBEM, de certa forma, sempre participou. Queira ou não, era a SBEM Nacional que acabava organizando esses encontros e as regionais acabavam tendo que participar de alguma forma e aí esse pessoal que participava mais, acabava dando continuidade

⁴³⁹ Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas.

⁴⁴⁰ Universidade para O Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

⁴⁴¹ Maria Salete Biembengut.

às próximas diretorias. Um dos momentos de quebra na diretoria foi quando o Chatô⁴⁴² tinha assumido e aconteceu o acidente. O Ronaldo⁴⁴³ estava com pressa de chegar em casa (porque a mulher dele estava grávida) e saiu antes do encerramento do Seminário de abertura do ano letivo do Mestrado (SESEMAT⁴⁴⁴) com mais três professores⁴⁴⁵, foi correndo na estrada e quando foi fazer uma ultrapassagem, o carro aquaplanou e acabou batendo em um caminhão que vinha no sentido contrário. Nós estávamos ainda comemorando o sucesso do encontro quando chegou a notícia e isso foi uma coisa dramática para a gente, porque tinha dois professores que iam ministrar aulas e tinham acabado de discutir as disciplinas que iam ministrar (porque as aulas iam começar na semana seguinte). Neste acidente, faleceu a metade da diretoria praticamente, porque o Chatô era presidente, nem sei se consta o nome dele em algum lugar, acho que nem chegaram a registrar essa nova diretoria.

Luiz Carlos: Essas atividades aqui eu vejo que os encontros da SBEM e aqueles congressos que eram feitos em algumas cidades como Dourados, por exemplo, foram consequências do trabalho que estava sendo realizado aqui, dos cursos que fazíamos no interior... Por exemplo, o Paulo Rosa⁴⁴⁶ coordenou um projeto em que nós recebíamos cartas dos professores do interior com dúvidas referente à Matemática e isso acabou gerando um vínculo, fazendo com que eles participassem dos congressos da SBEM. Então, no fundo as atividades da SBEM que eu me lembro são os encontros regionais, não me recordo o nome direito desses encontros, mas acho que é Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática⁴⁴⁷, ESEM. Eu vejo que quem animava esses cursos, parcialmente, eram esses professores que participavam dessas experiências, no sentido de contribuir com essa questão.

José Luiz: Conversando com o Viola⁴⁴⁸, como presidente da SBEM-MS atual, ele começou a pensar sobre essa dívida que sentimos da pós-graduação em relação à comunidade de

⁴⁴² Chateaubriand Nunes Amâncio. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

⁴⁴³ Ronaldo Marcos Martins. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

⁴⁴⁴ Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática.

⁴⁴⁵ Chateaubriand Nunes Amâncio, Ivonélia Crescêncio da Purificação e Renato Gomes Nogueira.

⁴⁴⁶ Paulo Ricardo da Silva Rosa. Professor do Instituto de Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴⁴⁷ Os primeiros encontros eram denominados de Encontro Estadual de Educação Matemática.

⁴⁴⁸ João Ricardo Viola dos Santos. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

professores, ou seja, ele sente um pouco que as nossas dissertações e os nossos trabalhos que são feitos no Programa poderiam ser disseminados. É tipo assim, nós já estamos produzindo muito remédio, tem muita gente doente e como levar esses remédios até eles? Então ele está, de certa forma, estimulando esses cursos com as Jornadas Locais espalhadas por aí, por exemplo. Mas novamente é um problema, porque algumas pessoas, além da atuação na diretoria da SBEM, estão envolvidas em muitas atividades, trabalham em projetos diversos, têm os orientandos, alunos da graduação e da pós, pois os cursos exigem também. Para participarem das Jornadas, os mestrandos não podem parar suas atividades, então eles pensam as temáticas dos cursos, mais ou menos, com coisas que eles já fizeram ou estão fazendo e até, de certa forma, orientando ex-alunos que já estão por aí a participar. Mas eventos regulares eram mais os encontros mesmo, até porque não tinha gente para trabalhar e é muito difícil preparar um encontro.

Luiz Carlos: O Zé, quando foi formalizada a SBEM, houve um grande debate nacional sobre o que é Educação Matemática, o que é a área. Hoje, faço uma pergunta meio na contramão, será que ainda há espaço para a SBEM? Quer dizer, ainda faz sentido uma Sociedade Brasileira de Educação Matemática? De uma só? É uma questão que eu reflito um pouco. Quinze anos depois de fundar a SBEM, em 2003, eu presidi um GT⁴⁴⁹ da ANPED⁴⁵⁰, em Poços de Caldas (sempre foi em Caxambu) e lá foi o Antônio Miguel, o Ubiratan, o Garnica⁴⁵¹ e a questão que colocamos (que foi previamente um trabalho encomendado) é: O que é a Educação Matemática? E sobre a SBEM, a seguinte questão: Para que lado essa coisa vai? Ainda justifica uma SBEM? Qual SBEM? Porque o país é muito diferente Eron, por exemplo, qual é o espaço das pedagogas na SBEM? Não das pedagogas que não querem aprender Matemática (mas eu me recuso em dizer que nenhuma delas quer estudar Matemática). Será que há espaço para discutir questões bem fundamentais como: “um dividido por dois”? Ou seja, há uma diversidade de questões hoje que eu fico sem saber como responder. Mas eu tenho uma coisa na minha cabeça que talvez

⁴⁴⁹ Grupo de Trabalho.

⁴⁵⁰ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

⁴⁵¹ Antônio Vicente Marafioti Garnica. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - campus de Bauru.

precisasse de várias SBEMs ao invés do que uma só. Será que o poder da SBEM não é mais político?

José Luiz: É, mas a gente já nota alguns, digamos, subgrupos, por exemplo, a Sociedade Brasileira de História da Matemática que saiu da SBEM, mas a gente sente que este já se quebrou praticamente em duas: História da Matemática e a História da Educação Matemática. E dentro da História da Educação Matemática também há bastante divergências, ou seja, vai crescendo e isso é normal, surgem mais ideias. Eu acho que, o que o Luiz falou é pertinente, mas talvez é ainda por causa da importância política de estar tendo ações.

Luiz Carlos: Acho que deveria ser igual na França e existir somente a Sociedade dos Professores de Matemática da Escola Pública.

José Luiz: É, mas lá não tem praticamente escolas particulares né Luiz.

Luiz Carlos: Mas no estado, às vezes, tem várias atividades, uma é muito aplicada, uma outra muito teórica, mas dentro da Sociedade de Professores de Matemática, é diferente. Fico pensando hoje que diante dos desafios das diversidades (não que eu estou questionando a SBEM), o que eu estou falando é que as atividades hoje são tão diversas.

[Qual seria a relevância dessa sociedade para o país?]

Luiz Carlos: Vou começar pelo aspecto político, pois acho que ela tem uma relevância social e política, antes de ser educacional e, naquele momento da criação da SBEM, ela tentava responder a SBM. O poder político da SBM era e é forte até hoje, fortíssimo! Por exemplo, a OBMEP⁴⁵² envolve muito mais dinheiro do que a SBEM recebe dos financiamentos públicos. Então eu acho que a importância da SBEM hoje, acima da importância educacional, de melhorar o ensino da Matemática de maneira mais científica e metodológica é a importância política.

José Luiz: Na definição das políticas da Educação Matemática.

Luiz Carlos: Ontem o Ministro da Educação (Janine⁴⁵³ né?) assumiu a nova pasta e ele disse que tem quatro linhas principais de atuação daqui para frente. Incorporar novas tecnologias na escola, melhorar a questão da metodologia do ensino e outras duas. Se olharmos só para essas duas, será que o Ministério vai ter condições de fazer isso? A importância política da SBEM

⁴⁵² Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

⁴⁵³ Renato Janine Ribeiro.

está em penetrar nas massas, porque ela tem uma quantidade de sócios maior do que a SBM que tem um número irrisório de sócios e recebe muito mais verbas do que a SBEM, porque a capilaridade da Sociedade é muito maior, mas a força política é fraca. Dizem que a aprovação da OBMEP, foi uma questão pessoal do Lula⁴⁵⁴ (que ele quer as olimpíadas) e a Dilma não vai alterar. Então, a sua importância estaria no resgate dessa capilaridade, porque ela está em todos os estados brasileiros e se tiver que acontecer alguma coisa na escola com o professor de Matemática, a SBEM tem um papel muito importante, não é o estado e nem é o município, no sentido de melhorar o ensino da Matemática.

José Luiz: Sim, na implementação dessas políticas, não é?

Luiz Carlos: É, quer dizer, mudar a metodologia, melhorar e incorporar o computador na sala de aula, diversificar a formação dos problemas atuais e isso tem que ser através do professor e para chegar neles a SBEM tem um papel importante. Eu acho que é até mais importante do que as universidades, porque eu questiono se a universidade tem competência para formar professor e isso é inquietante, e essa indagação não sou eu quem faço, ela existe por aí. A Sociedade tem essa capacidade de entrar nas comunidades e de mexer com o professor o fazendo sentir que pertencente a uma sociedade (à SBEM) e que tem uma identidade: eu sou sócio da SBEM. Essa questão de pertença é importante e o sentimento criado por estar em um grupo que tem uma proposta também é. Eu até me questiono: Será que a SBEM melhorou o ensino na sala de aula? Eu não sei o quanto que isso melhorou, não consigo medir. Então eu acho que a importância está no subsídio das políticas públicas também.

José Luiz: Mas aproveitando esse gancho, eu acho que já tem alguns programas do MEC⁴⁵⁵ que ela tem uma presença um pouco maior, por exemplo, o PNLD⁴⁵⁶. A presença da SBEM na política é forte. O projeto PNAIC⁴⁵⁷ (do qual eu participei) que é um pacto de alfabetização na idade certa e é basicamente Língua Portuguesa e Matemática e foi um trabalho assim monstruoso. Você vai ver que quem elaborou os cadernos de Matemática, maciçamente, foi o

⁴⁵⁴ Luiz Inácio Lula da Silva.

⁴⁵⁵ Ministério da Educação.

⁴⁵⁶ Programa Nacional do Livro Didático.

⁴⁵⁷ Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa.

peçoal da SBEM, como o Bigode, todo mundo e na execuão também, tanto que a Nilza⁴⁵⁸ também estava participando, eu estive com ela lá no seminário do PNAIC em Caldas Novas-MG, realizado agora recentemente.

Luiz Carlos: Então eu acho que a importância está no subsídio das políticas públicas também.

José Luiz: É o que você falou, ela teria que assumir que tem mais força do que nós pensamos que aparenta ter. Na verdade, eu fico com aquela impressão que o pessoal fica meio tímido e não assume o que poderia assumir e esse papel, principalmente, na execução, tinha que penetrar mesmo e fazer movimento de massa. Eu acho que a própria SBM percebeu a força da SBEM antes de nós mesmos, tanto que a SBM quer realizar publicações em conjunto, parece que já perceberam que estão olhando só para o conteúdo, estão vendo que isolados não conseguem. Quer dizer, no PROFMAT de certo modo está encontrando muitas dificuldades, as Olimpíadas também estão aí patinando, não avançam mais, então talvez eles estejam pensando: Se a gente não se aliar com eles não vamos muito longe não. E a SBEM parece que não está aceitando, talvez porque estão um pouco desconfiados, quando a esmola é demais... Eu tentei conversar com o presidente da SBEM-MS e ele disse que isso estava um pouco confuso e que não sabia direito. Então, podem estar perdendo uma oportunidade de atuarem mais intensamente. Será que não é o momento de fazer parceria? Sabe? Mas é preciso deixar claro até aonde a gente pode ir. Não sei, mas aí...

Luiz Carlos: Bom, a importância da SBEM para mim hoje é essa, mas vejo que, infelizmente, nós não temos uma Educação Matemática para todos, pois haverá diferentes Educações Matemática para vários tipos de classe social e essa variação das classes sociais não é só na Educação Matemática, atinge todas as áreas. Eu não sei, acho que essa diversidade a SBEM contempla, assim, eu não posso falar de uma Educação Matemática para o povão e para as elites, não é isso. Mas assim, você vê o ENEM⁴⁵⁹ hoje, porque ali é cientificamente feita aquela prova, só a elite que tira nota acima de oito, porque tem que ler obras literárias, tem que ler e entender os romances com muita rapidez, tem que entender bem o inglês para tirar oito, oito e

⁴⁵⁸ Nilza Eigenheer Bertoni. Professora atuante na área de Educação Matemática.

⁴⁵⁹ Exame Nacional do Ensino Médio.

meio. Mas se você está lá querendo um Fies⁴⁶⁰, dá para tirar um quatro, quatro e meio, porque têm muitas questões das séries iniciais. Quem não tirar quatro no ENEM, é assustador.

José Luiz: Não merece nem a bolsa do FIES. Aliás, esse foi o problema, eles estavam dando a bolsa do FIES para qualquer um.

Luiz Carlos: Confesso que sou meio lerdo, porque o tempo é curto para fazer a prova. É pouco tempo para você fazer noventa questões. Discutindo essa prova com meu filho (esse que formou em eletro), disse que faz a prova de trás para frente e não lê a questão inteira. Está se criando mutreta para resolver a prova do ENEM, porque ele tem uma lógica rápida!

José Luiz: Que é impossível.

Luiz Carlos: Em um minuto, você não vai entender aquilo. Então essa molecada mais esperta está fazendo as coisas de trás para frente, o que eu acho errado, você entendeu? Não dá tempo de ler e entender! Ou seja, existe hoje Educação para diferentes classes sociais. Então eu acho que a SBEM está com esse pepino na mão, de fazer a Educação Matemática diferenciada. Essa ideia do PNAIC, do PNLD de fazer um livro bom, para todo mundo, é um pouco forçada, o país é diferente, existem escolas para rico, para pobre, para miserável, existe escola coberta com lona... Existe escola hoje feito de eternite, no Mato Grosso do Sul, cimento e granito. Como pode escola pública feita com placa de cimento? Está sendo questionado o material. Então quer dizer, na minha infância (lá na década de 1960) tinha os grupos de lata e metal. Eu morria de medo de ir no grupo de lata, porque era vergonhoso estudar no grupo de latas no interior de Minas, era feito pela Companhia Siderúrgica Nacional. Hoje, cinquenta anos depois, os grupos são feitos de placa de cimento em Mato Grosso do Sul. Tem horas que eu me revolto comigo mesmo, porque não é possível fazer escola, hoje, com placa de cimento em Mato Grosso do Sul. Você tendo a escola bonitinha, pintada, com telhado e aí depois chama um professor incompetente para dar aula... É isso que eu estou falando, o desafio da SBEM hoje é enxergar essa diferença que está aí e fazer uma Educação Matemática... Uma só para todo mundo não vai ter jeito não.

⁴⁶⁰ Fundo de Financiamento Estudantil.

José Luiz: Só dando um exemplo, de modo geral os livros considerados bons, excelentes, pelos avaliadores do PNLD, são fracasso total de mercado. Então é bom para quem? Isso o Imenes já tinha falado que quando publicaram aquela coleção (Matemática Aplicada) para o Ensino Médio, foi um sucesso de crítica, mas um fracasso total de vendas. É excelente, mas excelente para quem?

Luiz Carlos: O professor não quer um livro bom. O que é bom para nós, Eron, não é bom para todo mundo.

José Luiz: De modo geral, os professores não possuem uma formação que os habilitem para articular a matemática com outros contextos, trabalhar com a diversidade, de recursos, de problemas, essas coisas que os PCN⁴⁶¹ estão propondo. Eles teriam que ter primeiro uma formação inicial mais adequada e depois terem tempo e condições para estudar e realizar sua formação continuada, etc., coisas e tal. Mas essa história de elaborar bons materiais, depois desenvolver boas políticas... Não adianta ter boas políticas sem execução. Esse é um desafio também, por exemplo, de quando produz material tipo do PNAIC, os bons livros didáticos, etc, quem vai implementar aquelas ideias?

Eronides Bíscola: E por que esse material foi elaborado sem a participação de quem realmente vai trabalhar?

José Luiz: Os livros didáticos são as editoras que preparam.

Eronides Bíscola: Então, veja como o fim dela é apenas o comercial, como é que ela se perdeu aí.

José Luiz: Mas o que elas têm feito, são poucos os que se arriscam... Hoje a maioria das editoras tem um olho no que o MEC está pedindo e o outro no que os professores tem condições de fazer. Então eles jogam assim: um olho no peixe, outro olho no gato.

Luiz Carlos: A ilusão de que com a tecnologia, tudo é bom. Pega um livro ruim (para nós) e coloca tecnologia nele: coloca colorido, fotografias, flechas, essas coisas, mesmo a concepção dele sendo arcaica, Eron, aquilo passa como moderno e consegue ludibriar.

⁴⁶¹ Parâmetros Curriculares Nacionais.

José Luiz: É e tem mais outros detalhes como, por exemplo, esses livros bem avaliados, na mão de professor despreparado, podem ter um efeito desastroso. Então, olha, o desafio é grande: melhorar a formação geral dos professores, para eles poderem ter condições de trabalhar com livros melhores, com outros materiais... Não só a formação, mas as condições de trabalhos deles também, porque se eles dão quarenta aulas por semana (ou mais), corre de uma escola para outra para sobreviver. Aqui no Mato Grosso do Sul, se formos ver, as condições estão um pouco melhores do que a maioria dos outros estados, inclusive do que o estado de São Paulo, porque lá paga menos e aqui ainda tem plano de cargo de salário melhor e as condições de trabalho também parecem melhores, por exemplo, os professores da rede municipal de Campo Grande têm um terço da carga horária fora de sala de aula para estudos e preparação de aulas.

Eronides Bíscola: Imagina...

Luiz Carlos: É um desafio né.

José Luiz: E aí ter esse professor né. É um desafio que a SBEM tem: como ela vai trabalhar com ações, junto com as políticas, para estar, digamos, atuando junto a esses professores e trabalhando para que esses bons remédios que estão sendo produzidos aí por meio de estudos e pesquisas cheguem até eles?

Luiz Carlos: Das diretorias regionais da SBEM, quais que existem hoje aqui? Existe uma diretoria regional em Dourados, outra em Corumbá⁴⁶²?

José Luiz: Isso parece que ficou no plano das intenções, porque essas propostas não conseguiram vingar (pelo menos até onde eu acompanhei). Alguns estados, como Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, por exemplo, algumas regionais internas parece que vingaram. Mas aqui discutiu-se a ideia de montar alguns núcleos nas cidades de Dourados, em Ponta Porã, Corumbá, por exemplo, entre outras, mas não é fácil não.

Luiz Carlos: Agora a importância para criar uma regional aqui em Mato Grosso do Sul, outra no Pará, outra no Amapá, em Roraima é política, porque ela é representativa do Brasil e tem milhares de filiados dando forma para a instituição. Qualquer projeto de reivindicação junto ao governo, ela tem uma abrangência maior, uma capilaridade.

⁴⁶² Distante 427,7 km da capital Campo Grande - MS.

José Luiz: Se eles virem que tem massa crítica envolvida aí vão atrás. No caso da SBM, acho que eles conseguiram mostrar para o governo que eles sabem Matemática, principalmente o pessoal do IMPA (tanto que um de seus formados ganhou a Medalha Fields) e têm um lastro muito forte nos órgãos governamentais. Talvez por isso que as verbas estão indo mais para a SBM do que para os projetos da SBEM. Agora para os profissionais e pesquisadores envolvidos com ações de formação em Educação Matemática, por exemplo, os ENEMs têm crescido tanto que as diretorias regionais da SBEM ficaram com medo de sediar esse próximo, porque o de Curitiba (o último realizado) passou de cinco mil participantes, sendo que um mês antes do evento, os organizadores encerraram as inscrições, porque não tinham condições para fazer um evento com mais de cinco mil pessoas e aqueles que deixaram para última hora, ficaram de fora.

Luiz Carlos: Isso fortalece a instituição.

José Luiz: E aí ficou mais complicado ainda, porque é difícil encontrar infraestrutura adequada para realizar um evento se vier esse mesmo tanto de gente, ou mais.

Eronides Bíscola: E qual é o motivo dessa grande procura? O que está acontecendo?

José Luiz: Então, primeiro é toda essa crise do ensino, mas tiveram vários programas do MEC⁴⁶³ que estimularam a pesquisa (eu não fiz essa análise toda), mas, por exemplo, teve muitos trabalhos do PIBID⁴⁶⁴ desenvolvidos nas universidades públicas, os quais desenvolvem trabalhos e querem apresentá-los, bem como relatar experimentações que fizeram. Então, o ENEM é um espaço para relato de experiências e aí eles querem participar e há outros fatores também, como os programas de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática que estão crescendo. Parece que é a regional da SBEM de São Paulo que vai sediar o próximo ENEM, com o apoio de uma instituição particular de ensino. Porque nas públicas...

Luiz Carlos: Na Universidade Cruzeiro do Sul né.

José Luiz: É a Cruzeiro do Sul parece que decidiu assumir, porque é uma universidade grande lá e tem uma boa infraestrutura e aí o reitor tem que se comprometer a fechar a instituição para isso, porque vai ocupar todas as salas e mais ainda anfiteatros, ginásios de esporte...

⁴⁶³ Ministério da Educação.

⁴⁶⁴ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Eronides Bíscola: Pela quantidade de participantes.

José Luiz: Então. Por exemplo, as assembleias gerais, a abertura (essas coisas) têm que ser tipo em um estádio ou ginásio de esportes, sabe?

Eronides Bíscola: Porque é em um único momento.

Luiz Carlos: A educação está altamente desafiante, né Eron. Cada vez, os desafios são outros, um deles que hoje estão falando é acabar com as disciplinas, por exemplo. Acabar com a Matemática, acabar com o Português e passar a ter uma outra coisa. É... outro dia passou uma reportagem...

Eronides Bíscola: E esse movimento é nacional?

Luiz Carlos: É mundial! A Finlândia, por exemplo, já aderiu.

Eronides Bíscola: Então já tem locais que tem a experiência desenvolvida?

José Luiz: Sim, sim! São os que estão no topo na avaliação.

Luiz Carlos: Para fazer uma coisa nova, não acabe somente ao professor de Matemática, ele vai ter que conversar com outras pessoas para fazer... Vai ser uma aula só, que não vai ter um assunto específico como equação, ou célula, ou montanha... vai ser uma aula de questões, de problemas, por exemplo (vou chutar alguma coisa), a pecuária de Mato Grosso do Sul. Está lá uma aula desse assunto e aí o professor de Matemática vai ter que discutir o conteúdo com base nesse assunto. E na SBEM tem gente mexendo com isso, com coisas novas... Têm umas ideias aí que eu vejo os jovens discutirem que para a minha cabeça é difícil acompanhar, porque eu sou da época da disciplina. Então, eles estão preparando para o mundo e a SBEM tem feito essas experiências, essas coisas inovadoras, de maneira geral. Se houver mudança no Brasil, nesse sentido, essas sociedades vão ter uma importância muito grande. Aonde é que eu vou aprender a fazer isso? Na universidade não é, porque lá é o lugar da cátedra, né, um fala e os outros calam a boca. Geralmente é. Agora, imagina só aqui no Brasil, se eles entendem que podem acabar com a Matemática, acabar com o Português, Geografia... e não ter nada no lugar, fica uma aula de conversação, cada um dá um palpite.

José Luiz: Não! A coisa mais fácil é instalar o caos né?

Luiz Carlos: Mas não é isso que está acontecendo na Finlândia.

Eronides Bíscola: Então, isso é interessante saber: como eles estão fazendo a coisa certinha lá não é mesmo?

José Luiz: Mas só que tem um detalhe: o Brasil já está mandando gente lá para a Finlândia para observar essa nova proposta. E o que se observou lá e que não teria condição nenhuma de implantar aquilo lá, aqui. É como lá na França, eles podem votar por procuração e a procuração não é nem lavrada cartório não, eles levam uma autorização manuscrita, junto com o título, e podem votar para o outro, sabe? Vai fazer isso aqui no Brasil, para ver o que acontece!

Luiz Carlos: É, a realidade é diferente né? Nem melhor, nem pior. Então, a importância da SBEM é que ela é fundamental se tivermos que fazer alguma coisa inovadora, porque não é a universidade que tem competência para fazer essas reformas, porque ela é muito mais conservadora. Muito mais regras... Então eu acho que... A importância, voltando um pouco na questão anterior...

José Luiz: É, e lembrando um pouco da música do Paulinho da Viola: “está legal, eu aceito o argumento, mas não altere o samba tanto assim...” [risos] Não dá para fazer essas mudanças e de uma hora para outra, isso teria que ser um processo... O que é viável realmente, realizar estudos e pesquisas para implantar políticas adequadas, esse é um problema do país.

Luiz Carlos: Mas o que eu vejo dentro da SBEM é que se você olhar o movimento como um todo, ela tem muita coisa sendo feita, muita coisa que é diferente do que eu faço e isso é muito bom! Tem muita Educação Matemática diferente, tem até um grupo dentro da SBEM ou grupos que trabalham com Educação Matemática e não tem quase nenhuma Matemática, isso tem. Eu tenho que falar das coisas novas e que, às vezes, tem que conversar. Por exemplo, eu sempre estou falando nas minhas aulas essas provocações. Nas nossas primeiras conversas aqui, nós partimos do conteúdo, por isso que os nossos oponentes tinham esses conteúdos matemáticos. Não sabiam explicar o algoritmo um por dois, mas eles tinham respeito pelo conteúdo, entendeu? Então, diante da diversidade de hoje, tem até educador que chuta os conteúdos... Tem que analisar essas coisas né? Assim como alguém que vai fazer o ENEM e não sabe nada de Matemática e tira lá seu quatro. Não precisa saber. Essa diferença no país me angustia Zé, parece que tem espaço para quase tudo, desde para aquele que é quase gênio e para quem não sabe nada e vai tirar um, dois, três no exame... Fica difícil entender como que é lá no interior

do Amazonas, é uma realidade que não dá nem para comparar com nada do Mato Grosso do Sul. Eu tive lá em Humaitá e vi, é diferente! Então qualquer Educação Matemática lá tem que respeitar o professor amazonense. Tem que chamar ele para ver o que é viável no Amazonas.

APÊNDICE F: TEXTUALIZAÇÃO EM GRUPO – 2ª PARTE

TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA EM GRUPO – 2ª parte⁴⁶⁵

Antes de começar, gostaria de esclarecer algumas coisas da última entrevista⁴⁶⁶. Gostaria que comentassem sobre o fato do nome de algum de vocês aparecerem nas diretorias e não ter uma participação efetiva.

Luiz Carlos: Com relação à participação nas diretorias, o meu nome aparece uma vez: fui primeiro secretário da diretoria em 2001. A Marilena⁴⁶⁷ era diretora, a vice-diretora a Ivanilde⁴⁶⁸ (que está hoje em Ponta Porã parece), a Heloísa⁴⁶⁹ segunda secretária, o tesoureiro era o Sales⁴⁷⁰, o Waldemar⁴⁷¹ era o segundo tesoureiro, o Roberto⁴⁷², a Polônia⁴⁷³ era primeira suplente, o Celso Cardoso⁴⁷⁴. Acontece o seguinte, nessa época aqui, eu também estava com um cargo nacional, era diretor do GT⁴⁷⁵ de Educação Matemática da ANPED⁴⁷⁶ de 2001 a 2003. Esse cargo de diretor era muito importante (nós fundamos esse GT lá) e eu viajava sempre para o Rio de Janeiro, para São Paulo, para preparar as reuniões regionais, então a minha participação na SBEM-MS foi pouca e a Heloísa é quem deve ter me substituído aqui. Chamou-me atenção à questão do incentivo por parte da SBEM para o desenvolvimento de grupos e da área no estado, pois, nessa época, a SBEM foi importante para mim, mas, modéstia à parte, a ocupação do cargo de diretor do GT da ANPED nos colocou em projeção nacional, ou seja, passamos a

⁴⁶⁵ Entrevista realizada dia 11 de abril de 2015.

⁴⁶⁶ Realizada dia 07 de Abril de 2015.

⁴⁶⁷ Marilena Bittar. Professora do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴⁶⁸ Ivanilde Herrero Fernandes Saad. Professora na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

⁴⁶⁹ Heloísa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴⁷⁰ Antônio Sales. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

⁴⁷¹ Waldemar Gonçalves Barbosa.

⁴⁷² Roberto Winters Steil.

⁴⁷³ Polônia Albino Maia.

⁴⁷⁴ Celso Cardoso. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴⁷⁵ Grupo de Trabalho.

⁴⁷⁶ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

ser reconhecidos como sendo de Mato Grosso do Sul. Você lembra Zé⁴⁷⁷ que eu entrei em uma situação, porque havia uma disputa ferrenha por esse cargo que dirigia o GT que coordenava todos os grupos do Brasil entre a PUC⁴⁷⁸ de São Paulo e a UNESP⁴⁷⁹ de Rio Claro⁴⁸⁰. Nessa polêmica, inviabilizaram a candidatura da PUC de São Paulo e da UNESP de Rio Claro e então, na noite anterior, me chamaram para candidatar a esse cargo e nós não tínhamos condições, eu senti isso, mas o Zé e a Marilena me apoiaram e assumi esse cargo. Então, quer dizer, a SBEM daqui apoiou. Você já estava aqui no Brasil Zé? Quando você chegou?

José Luiz: Eu cheguei em 2004⁴⁸¹, no final da sua gestão.

Luiz Carlos: Então, a Marilena pediu esse apoio da SBEM e foi importante para eu fazer esse trabalho, ao ceder a passagem aérea para ir a uma reunião, porque, às vezes, nem sempre tinha dinheiro. Eu lembro que fui ao Rio, fui à Caxambu⁴⁸², fui a Poços de Caldas⁴⁸³, fui a São Paulo com recurso da SBEM, quer dizer, esse apoio é importante, não só o hotel, o transporte, é mais do que isso. Você lembra que também estive nesses lugares, Zé? Quando você foi discutir as diretrizes? Você tinha voltado da França?

José Luiz: Não. Para discutir também a criação do GT de Ensino de Ciências e Matemática.

Luiz Carlos: Estou lembrando-me de uma época que você, Zé, e a Marilena foram a Caxambu (se não me falha a memória) onde havia uma grande discussão nacional para a implantação das diretrizes para a formação de professores de matemática. O Zé tinha participado na Bahia, antes ou depois (não sei a ordem) e vocês foram como membros da SBEM daqui e eu lá dirigindo. Então a SBEM ajudou! Porque tinha um suporte aqui da discussão, das propostas.

José Luiz: Tinha bastante fórum e nós estávamos na frente das discussões.

Luiz Carlos: Agora, as propostas daqui para as diretrizes nacional eram provocadoras, eram calorosas. Então, a colaboração era nesse nível que eu estou falando: passagem aérea, um hotel e o apoio dos colegas! Fiquei nessa coordenação acho que uns três anos e depois fiz outro

⁴⁷⁷ Referindo-se ao professor José Luiz Magalhães de Freitas.

⁴⁷⁸ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁴⁷⁹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

⁴⁸⁰ Município de São Paulo.

⁴⁸¹ Referindo-se ao período que estava na França fazendo o doutorado.

⁴⁸² Município de Minas Gerais.

⁴⁸³ Município de Minas Gerais.

encontro em Poços de Caldas (que eu participei e coordenei), em que foi o Ubiratan D'Ambrósio, o Miguel⁴⁸⁴, o Garnica⁴⁸⁵. Então essa contribuição da SBEM Regional para a participação na área, eu acho que se deu por esses exemplos que eu cite e, então, justifica, parcialmente, o porquê eu não apareço com tanta evidência nas ações da SBEM-MS e fico um pouco na retaguarda.

José Luiz: Outra questão é que nossa regional nunca teve muitos associados e eles também participavam mais quando havia um encontro, por exemplo, um encontro estadual, mas sempre foi difícil angariar sócios. Quase todo mundo que estava envolvido participava mais nas reuniões nacionais. Essa coisa de base, realmente, era difícil.

Luiz Carlos: E ademais também, a sociedade não tinha emplacado, tinha muita dificuldade, se arrastava não é Zé? Ninguém queria assumir esse cargo de diretoria e a gente não podia estar sempre envolvido. Eu, por exemplo, estava carregado de aula, porque quando eu voltei do doutorado, fui “punido” com excesso de carga horária, [risos], muita aula na graduação, assumi muitos compromissos no Mestrado em Educação⁴⁸⁶, tinha esse cargo nacional na ANPED, tinha as viagens que a gente fazia para o interior e também na SBEM, então não tinha muito tempo para fazer tudo isso.

José Luiz: É, para falar a verdade, tinha que pegar meio a laço para formar diretoria, [risos], pois tinha que participar de tudo. Sem contar que não era fácil conseguir realizar as reuniões, às vezes, tinha conflito com as Secretarias de Educação e em uma dessas reuniões (que eu nem me lembro direito), tivemos que escrever documentos, porque não concordávamos com ela. Por exemplo, não sei se vocês sabem, mas no último concurso para professores da rede estadual houve questões que deveriam ser anuladas, porque estavam erradas e mantiveram gabaritos incorretos. Eu tive que publicar no jornal daqui (o título do artigo que eu publiquei era: “*Erro inaceitável!*”) e fiz um abaixo-assinado com o aval de todos os professores do Instituto de

⁴⁸⁴ Antônio Miguel.

⁴⁸⁵ Antônio Vicente Marafioti Garnica. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - campus de Bauru.

⁴⁸⁶ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Matemática, por exemplo, a Bete⁴⁸⁷, o Jair⁴⁸⁸ (até que já saiu), a Janete⁴⁸⁹, a Marilena, o Márcio⁴⁹⁰, Wânia⁴⁹¹, todos doutores de várias instituições renomadas como IMPA⁴⁹², UNICAMP⁴⁹³, PUC, USP⁴⁹⁴. Muitos professores foram aprovados em cima daqueles erros e o pior é que muitos outros ficaram de fora, sendo que acertaram as questões. Então, esse tipo de briga sempre teve. Só que somos poucos e, digamos assim, a força e a voz da SBEM não é tão grande ao ponto de pesar na decisão, tanto é que a diretoria da SBEM-MS também apoiou o documento e todos os órgãos governamentais, envolvidos com a aplicação do concurso, se fingiram de mortos e ficou assim. Encaminhei o documento para o Ministério Público, mas decidiram arquivar o processo.

Eronídes Bíscola: Nada?

José Luiz: Então, todos apoiaram, é uma vergonha! O que aconteceu foi que uma aluna me pediu para resolver uma questão que ela estava em dúvida e então fiz um gabarito com a resolução correta e ela encaminhou um recurso para a comissão do concurso que foi indeferido.

Eronídes Bíscola: Teve recursos? Mas tiveram outros alunos que entraram também?

José Luiz: Muitos, só foi indeferida e sem justificativa! De tanto insistir com a Secretária por telefone sem resultado, mandei uma carta para ela *esculhambando* a organização do concurso dizendo que essa situação era um absurdo. Ela me respondeu dizendo que foi uma comissão quem elaborou a prova e perguntei se ela poderia me mandar a resposta da questão que eu estava insistindo. Quando chegou a resolução dessa questão e comecei a olhar, observei que a resolução continha equívocos e argumentos absurdos! Parece surreal, mas os elaboradores do concurso cometeram erros grosseiros de matemática.

Eronídes Bíscola: E você chegou saber quem é que elaborou?

⁴⁸⁷ Elisabete Sousa Freitas. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴⁸⁸ Jair da Silva. Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁴⁸⁹ Janete de Paula Ferrareze Silva. Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁴⁹⁰ Márcio Antônio da Silva. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴⁹¹ Wania Cristina de Lucca. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁴⁹² Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada.

⁴⁹³ Universidade Estadual de Campinas.

⁴⁹⁴ Universidade de São Paulo.

José Luiz: Não contaram, só falaram que tinham feito Mestrado, que eram pessoas que eles consideravam competentes e insistiam que aquele gabarito estava certo. Até cheguei a ligar para a Secretaria, mas depois ninguém me atendia mais, enfim, não queriam nem conversa.

[risos]

José Luiz: Pessoas ingratas, por quê? Então, contra a força não há argumentos, mas é assim. Se a gente fosse mais...

Luiz Carlos: Fortes, não é Zé? As instituições, não as pessoas. A própria universidade poderia se posicionar como instituição. Nesse caso, entra uma disputa física: é o Zé Luiz, não é a instituição, porque infelizmente é isso.

José Luiz: As instituições, exatamente. Eu me lembro de que o Henrique Mongelli era pró-reitor e participava do Conselho Estadual de Educação. Eu até enviei o documento para ele e pedi para se posicionar lá no conselho, mas eles optaram por não levar para frente.

Luiz Carlos: Mas Eron, você tem que ponderar que a Universidade Federal fazia concurso para várias empresas, não só vestibulares (que era a COPEVE⁴⁹⁵ que fazia). Então tem que colocar a cabeça para funcionar: Quem fez essa prova? Porque na Secretaria a Maria⁴⁹⁶ é assessora da atual secretária, Cecília⁴⁹⁷, e lá tem uma equipe (hoje de quatro professores de Matemática) que no fundo são os assessores de Matemática da equipe Secretaria de Educação, mas são pessoas que estão lá há muitos anos e que não se importam tanto assim, não tendo muitas condições de fazer uma prova. Certamente a Secretaria comprou essa prova de uma empresa! É usual isso. Não sei se você viu outro dia (a mesma coisa), teve um concurso para enfermeiro no Nordeste que compraram a prova aqui em Campo Grande (na COPEVE) e teve erro inaceitável, eles entraram na justiça e aconteceu a mesmíssima coisa: não corrigiu a questão. Não estou falando, Zé, nada que esse caso está ligado com a UFMS. Geralmente, quem faz essas provas hoje (que envolve alguns bilhões de reais), não é uma pessoa física e sim uma empresa. Eu trabalhei na feitura das provas de vestibular aqui, na época que o Odonias⁴⁹⁸ era chefe. Bom, em suma, foi

⁴⁹⁵ Comissão Permanente de Vestibular.

⁴⁹⁶ Maria Massae Sakate.

⁴⁹⁷ Maria Cecília Amendola da Motta, Secretária de Estado de Educação.

⁴⁹⁸ Odonias Silva. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

feito um trabalho seríssimo e não me lembro de nada que tenha ocorrido aqui (na COPEVE), porque ele era muito exigente e tinha muita cobrança (ficava lá da meia noite às seis da manhã), desde a parte de criar a prova até imprimir. Porque antes, a universidade comprava a prova de Santa Catarina, não sei se você lembra Eron.

José Luiz: Foi na época que o João Batista⁴⁹⁹ estava na pró-reitoria de ensino da UFMS que começaram a pensar em fazer as provas.

Eronides Bíscola: Eu era pró-reitor e nós comprávamos a prova de Santa Catarina, mas aí começamos a questionar a possibilidade de nós fazermos a prova. Mas a grande dificuldade que tínhamos era fazer uma prova sem que ela vazasse. Não é fácil isso, nossa! Quem está por trás da confecção das provas não dorme enquanto não sair o vestibular, terrível! Não sei nem se vale apenas fazer.

Luiz Carlos: Porque o contrato que é assinado, você não podia nem viajar!

José Luiz: O Mauro Rabelo foi quem coordenou, lá de Brasília os concursos promovidos pela CESPE⁵⁰⁰ e ele chegou a ser preso, porque teve um funcionário que deixou vaziar as provas.

Eronides Bíscola: Você está com uma equipe de trinta professores, como é que você vai controlar tudo?

José Luiz: Mas tudo bem, acho que isso de vaziar é grave, mas é um erro diferente que manter gabarito incorreto. Eles falaram que iam fazer uns cálculos e quando eu fui conversar com o coordenador do concurso, ele se recusou a admitir que o erro da comissão.

Eronides Bíscola: É como você está colocando, uma vez detectado o erro a posição mais correta é corrigir!

Luiz Carlos: Não é possível. Sem prejudicar ninguém. Mas esse concurso do estado foi feito pelo estado? Eles que elaboraram a prova?

José Luiz: Não foi e nem quiseram me falar quem elaborou também, mas ele quem coordenou. Mas também não insisti para saber quem foi que elaborou a prova, porque eu só queria que corrigissem o erro. E o interessante é que a pessoa responsável pelo concurso não se mostrou preocupada se o gabarito estava certo ou errado e sim (segundo a minha percepção) porque já

⁴⁹⁹ João Batista Garcia. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵⁰⁰ Centro de Seleção e de Promoção de Eventos.

havam empossado os candidatos, mesmo com os recursos em andamento e, se anulassem a questão, eles iam ter que tirar pessoas do cargo e colocar os novos aprovados. Depois que eu publiquei no jornal estadual, recebi e-mails do interior do estado dizendo que não tinham sido aprovadas por causa dessa questão. A classificação deste concurso era interessante, porque o candidato tinha que ir bem em todas as outras matérias do concurso e acertar pelo menos 50% da prova de Matemática (que era eliminatória), então se anulassem esta questão mudaria toda a classificação do concurso. Eles erraram em ter empossado as pessoas precipitadamente, sem analisar direito os recursos.

Eronídes Bíscola: Por isso é que tem que ter um período para recurso para depois empossar.

José Luiz: Mas foi um período muito curto, porque essas pessoas entraram com recurso e foi negado. Na época eu não quis levar para uma discussão em nível nacional, mas comentei com o Paulo Figueiredo (que trabalhava na coordenação do PNLD⁵⁰¹) e ele achou um absurdo e me disse que eu tinha uma bomba na mão. Mas isso foge, vamos voltar aqui...

[risos]

Eronídes Bíscola: Mas é interessante, porque estou por fora disso e sentir a força que esses órgãos têm. Você imagina, mesmo tendo uma SBEM (com representantes e pessoas sérias) já acontece esse tipo de coisa, imagina se não tivesse essas instituições, o que poderia estar acontecendo com tudo isso? Eu vou pegar um ponto: Quem é que nos garante que, um povo que tem esse tipo de comportamento, não esteja até classificando pessoas que não foram aprovadas?

Luiz Carlos: Sim, foi levantada suspeita disso também Eron.

Eronídes Bíscola: É, eu praticamente não participei da SBEM-MS. Veja, nessa época, eu era até presidente da Associação dos Professores da Universidade Federal⁵⁰² e estava engajado com um monte de outras coisas sobre a universidade. Minha posição sempre foi bastante política, então a minha participação na SBEM-MS foi muito, mais muito pequena e mesmo com esse tipo de participação, autorizei meu nome na composição da diretoria provisória. Vou contar

⁵⁰¹ Programa Nacional do Livro Didático.

⁵⁰² Atual ADUFMS (Associação dos Docentes da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

coisas mais sérias. Uma vez, quando se criou Centro Universitário de Rondonópolis⁵⁰³, fui consultado a respeito de assinar como professor desse centro, foi a única vez que me recusei e vim arrependê-lo agora esses dias. Eu assinei depois para um monte de locais (sem nem conhecer), como professor daquela instituição, para poder criar aquele curso, porque senão não criaria, não têm professores naquele local e por que não assinei esse e depois assinei um monte de outros? Porque em 1973 ou 1974 (mais ou menos), nós deixamos de criar o curso de Matemática (Licenciatura Plena⁵⁰⁴, que era o que a gente queria), mas tinha as Licenciaturas Curtas⁵⁰⁵ e as parceladas⁵⁰⁶. Aqui em Mato Grosso do Sul tinha Centros Universitários nas cidades de Campo Grande, Aquidauana⁵⁰⁷, Corumbá⁵⁰⁸, Dourados⁵⁰⁹ e Três Lagoas⁵¹⁰ e eles se fecharam para criar a Licenciatura Curta, mas nós, de Campo Grande, éramos favoráveis à criação do curso desde que se fossem Plenas. Na época, não tinha como criar a Plena, mas nós víamos que a única maneira de criá-la seria testando e brigando contra as Curtas. Então Campo Grande preferiu ficar de fora e os Centros Universitários (como estavam unidos) criaram as Licenciaturas Curtas para as universidades do interior. Então, veja bem, eu vinha com a ideia de não autorizar criar essas coisas que não tinham condições, depois começou a passar pela minha cabeça o seguinte: se nós formos esperar ter gente preparado para criar algum curso aqui, nós não vamos criar nunca! Então vamos começar! Aí pronto! Você abre as porteiras e solta a boiada. Passamos a aprovar tudo o que era possível e assim começaram a surgir os cursos daqui.

⁵⁰³ Município de Mato Grosso.

⁵⁰⁴ É ofertada por universidades, que objetiva a formação de professores para o Ensino Fundamental e Médio.

⁵⁰⁵ As Licenciaturas Curtas habilitavam os professores a ministrarem aulas no Ensino Infantil e Fundamental, tendo a carga horária reduzida ao comparada com a Licenciatura Plena. A Licenciatura Curta surgiu no Brasil, em 1971, com a Lei n. 5.692/71, em uma época que havia poucos professores atuantes. Como uma medida emergencial, criou-se essa modalidade para formação rápida desses professores, para suprir tal carência. Em 1986, o Conselho Federal de Educação, extinguiu esses cursos, passando a ter somente as Licenciaturas Plenas.

⁵⁰⁶ As Licenciaturas Parceladas tinham o objetivo de formar professores (tanto pela Licenciatura Parcelada Curta ou pela Licenciatura Parcelada Plena) devido à carência de profissionais e, também, para minimizar o índice de professores que não eram habilitados e estavam em sala de aula. As aulas eram concentradas principalmente durante o período de férias escolares (manhã e tarde) e no restante do ano eram desenvolvidos estudos e atividades relacionadas aos estágios de docência.

⁵⁰⁷ Distante 140,1 km da capital Campo Grande - MS.

⁵⁰⁸ Distante 427,7 km da capital Campo Grande - MS.

⁵⁰⁹ Distante 226,9 km da capital Campo Grande - MS.

⁵¹⁰ Distante 325,6 km da capital Campo Grande - MS.

Luiz Carlos: Aí foi fundado o Centro de Paranaíba⁵¹¹.

Eronídes Bíscola: Olha aí, o Luiz participou dessa realidade. Agora uma coisa interessante para gente colocar é que foram os cursos que nós começamos a fazer de extensão, de atualização, as olimpíadas que foi criando certa consciência dos professores de que eles precisavam participar mais, tendo a ver, talvez, com a criação da SBEM. Por que seria interessante criar uma diretoria aqui? Porque tinha gente achando que faltava alguma coisa e isso dependia de quem tivesse força que poderia ser essa diretoria que não existia. Você pode até ter o órgão, mas e a força dele? Não é tão simples isso.

Luiz Carlos: Olha Eron, permita-me fazer uma observação, você é muito modesto. O seu nome na diretoria dá uma força importante para esse grupo. Ele tinha uma personalidade, uma presença na universidade política ilibada, o nome do Eron é um lastro, na reunião, ele é o último a falar, mas o que ele falar também, todo mundo fica quieto e é isso. O Renato⁵¹² não, ele era um jovem professor, você não vai falar isso... [risos]. Quer dizer, colocaram-no como segundo tesoureiro, mas não para trabalhar efetivamente, mas para avalizar esse grupo aqui. No fundo, eu estou do lado de fora e respondendo, não respondendo por ele, não! Eu vejo assim, desculpe-me falar isso.

José Luiz: Na verdade, até falaram que ele não precisaria participar, mas se eventualmente precisasse, eles o chamariam.

[risos]

Eronídes Bíscola: Mas é interessante o que o Luiz está colocando, porque nessa época aqui, eu estava quase saindo da presidência da Associação dos Professores e já estava meio chateado, porque quando você participa muito de algumas coisas e vê que as coisas não acontecem, a tendência é se distanciar um pouco. Então eu estava quase em um período depressivo nesse sentido e eu não queria participar de mais nada. Aí veio a “*Revitalização da Universidade*” e eu disse que não ia participar! Bom, eu estava engajado, ainda, nesses cursos de extensão para a pré-escola no interior e tinha um curso em Três Lagoas no mesmo dia do início desse evento na universidade. Estou salvo, estou salvo! Mas três dias antes de ir para Três Lagoas, o Centro

⁵¹¹ Distante 407 km da capital Campo Grande - MS.

⁵¹² Renato Gomes Nogueira. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

estava em cima, dizendo que eu tinha que participar e eu falando que não era possível. Olha só o que o destino fez. Liguei para Três Lagoas e alguém tinha ido me substituir nesse curso (se não foi o Luiz, foi Zé ou não teve). Então, fiquei e falei que não iria participar e iria ficar quieto, mas não aguentei. No primeiro dia, falei umas coisinhas, no segundo dia já estava coordenando o grupo, olha só. Eu não sabia nada daquilo, nada! Eu me arrepio só de pensar! Terceiro dia, fomos para o Glaucê Rocha⁵¹³ e eu estava quietinho no meu canto (já tinha sido coordenador no dia anterior) e tinha que escolher um presidente para aquela assembleia e lançaram o nome do João Pereira Lopes que foi ex-reitor da universidade. Eu pensei que estava ótimo e que ele ia ser eleito, estava escolhido. Levanta um dos alunos e fala que gostaria de indicar um nome: o meu! E quem estava por trás de tudo isso aí? O Renato e esse povo todo e eu não estava sabendo disso. Eles eram alunos, mas tinham ramificações com os professores. Na hora eu pensei: Estou morto! Eu não sabia nada daquilo, pois participei só dois dias. Colocaram em votação e eu fui escolhido. Do lugar que eu estava até chegar à mesa, fui conversando com os meus guias espirituais (que sabiam de tudo aquilo ali, porque não me colocaria a toa naquela reunião) pensando que eles teriam que comandar a reunião junto comigo, porque eu não conhecia as normas e lá fui eu como presidente. Então, como o Luiz está colocando tinha um lastro por trás de tudo isso aí. Até porque, eu acho, que eles pensavam que eu fosse uma coisa que eu não era, então iam me colocando como representante de tudo.

José Luiz: Tipo um mito, não é Luiz?

Luiz Carlos: É... [risos].

Eronides Bíscola: Nessa época, nós tínhamos uma associação aqui de professores da Universidade Federal que não tinha representante para assumir a presidência (tinha gente fazendo movimento para acabar com essa associação) e, por isso, me candidatei.

Luiz Carlos: O Eron, a sua participação e apoio foram importantes para a eleição do Pierezan⁵¹⁴ (indicado pelo presidente⁵¹⁵) e foi o mais votado. O Albino Coimbra ficou em segundo lugar.

Eronides Bíscola: Foi, esse eu reconheço.

⁵¹³ Teatro Glaucê Rocha, localizado no interior da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁵¹⁴ Celso Vitorio Pierezan. Foi reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵¹⁵ Presidente da República.

Luiz Carlos: Lembro-me de uma reunião que teve na campanha e o Jair Madureira (que era o ex-reitor) também participou. Infelizmente, o Jair faleceu esses dias e eu fiquei sentido, porque quando eu cheguei aqui, ele quem era o reitor. Na campanha do Pierezan, tinha que descosturar o que a oposição falava (que era um político de nome) e tinha uma questão de um prédio que a universidade alugou para funcionar o serviço de engenharia e que o aluguel era um absurdo. Nós, naquela época, [risos], levantamos essa questão, porque não tínhamos dinheiro para pagar esse aluguel e lembro-me que você estava nessa reunião, Eron, e nós socamos o Madureira para ele descosturar essa ideia na campanha do Pierezan. Quer dizer, a sua fala é muito importante e você tem um raciocínio brilhante. Eu não tenho essa sensibilidade política, contribui na coordenação de curso, mas eu sou um elefante para cuidar dessas coisas. Nós íamos de sala em sala fazendo campanha (o Chacha⁵¹⁶, que depois foi reitor, também era do nosso grupo), falando que tinham que votar no Pierezan por isso e isso e que o outro candidato era isso e isso [risos]. Você participou de todos esses momentos Eron (também deu um apoio importante para ele marcar aquele período da universidade): foi presidente da ADUFMS, foi pró-reitor, participou de diversas comissões e o fato dele estar atrás dessa diretoria (em último lugar) é por causa desse lastro.

José Luiz: Lembro que, logo quando cheguei, o Eron era tão organizado que ele tinha um caderninho e se a pessoa tinha falado tal coisa em tal dia, ele ia lá e olhava para ver se era a mesma coisa.

Luiz Carlos: Isso era infernal...

José Luiz: Ele tinha uma análise infalível. Quando ele batia, matava! Porque não tinha mais argumento.

Eronídes Bíscola: Esse era um problema sério.

[risos]

Luiz Carlos: Essa politização perdeu-se. Lembro-me das nossas reuniões com quarenta pessoas, não sei quem (se foi você ou outros) que tinha até estratégia: um senta aqui, o outro senta aqui e o outro senta lá, porque na hora que for bater, não pode vim os tiros para o mesmo

⁵¹⁶ Jorge João Chacha. Foi reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

lugar. Então quer dizer, até nos debates havia um envolvimento político (em um bom sentido), todos nós queríamos construir uma universidade e esse ideal que era bonito. Não que os outros não tivessem, mas nós tínhamos um projeto de universidade. Eu lembro de que quando cheguei aqui em Campo Grande (sete anos depois de fundar o estado), o Eron já estava aqui muito antes disso e assisti os conflitos dos últimos momentos da decadência do estado e o florescimento de um novo que foi a criação do estado de Mato Grosso do Sul.

José Luiz: E a criação da nova universidade também, que era estadual não é?

Luiz Carlos: Sim, justamente, com a Federalização. Então, a participação política dele é importante nesse sentido e aqui na SBEM-MS também tem um pouquinho disso. Seu nome na diretoria tem um peso nacional, dá uma respeitabilidade aos jovens que estão aqui na frente.

Eronídes Bíscola: É interessante falar desses garotos, porque eu, particularmente, não tenho parado para pensar sobre eles, mas na época eles eram uma força muito grande. Muitas coisas acabaram acontecendo e eu acredito que foi por conta dessa meninada que estava fazendo a graduação, que estava com aquela motivação de fazer algo diferente, de criar coisa que nós, talvez, não tivéssemos ou pensando ou em condições de fazer. Dentro do próprio Departamento de Matemática, nós tivemos problemas sérios quando começamos a pensar nessa formação de professores com um olhar voltado para o professor do nosso estado, porque nós, até então, pensávamos somente para onde iríamos encaminhar os nossos alunos: para fazer Mestrado e depois doutorado, em outro país ou no IMPA ou na UnB⁵¹⁷ e assim por diante. E assim começamos a olhar para dentro do nosso estado e isso, de certa forma, criou um problema (até pessoal dentro do Departamento) com os afastamentos de algumas pessoas e aquela guerrilha ali dentro, aquela briguinha, aquelas coisas todas. Não foi uma época muito simples, porque trabalhar com o nome da Educação Matemática, na época que nós começamos, era até pejorativo, as pessoas que escolhiam ir para essa área eram vistas como aqueles que não tinham condições de estar na Matemática Pura, mas acredito que esse tipo de coisa estivesse acontecendo também em outros lugares do Brasil.

Luiz Carlos: Havia um preconceito muito grande!

⁵¹⁷ Universidade de Brasília.

Eronídes Bíscola: Muito grande e aí entram algumas coisas interessantes, como o amor pelo que se faz. Por exemplo, quando eu coloquei meu nome para dar aula de Prática de Ensino, deparei-me com esse problema de que seria visto diferente dali para frente, mas tinha que assumir aquilo, porque eu havia chegado primeiro que todo mundo, trabalhado *barbaridade* para criar esse estudo e na hora “h” de assumir esse *pepino* não vou assumir? Tem que assumir! Então, alguém tinha que ministrar essa disciplina e, felizmente, nós encontramos pessoas como o Luiz Carlos e o Zé Luiz que se juntaram a ideia e aí pronto. Na verdade, quem carregou tudo isso aí (estou observando pelas conversas) foram eles, eu, simplesmente, entrei na frente depois, mas foram eles que comandaram isso.

Luiz Carlos: Um projeto não se faz só, tem que ter apoio.

Eronídes Bíscola: Mas que tivemos problemas, tivemos, dentro do Departamento, por exemplo.

Luiz Carlos: Nossa tanto! Eu tentei até esquecer... quase tudo. [risos]. Não resta mais nenhuma mágoa.

Eronídes Bíscola: De nós três, o que mais retinha essas brigas era o Luiz, ele era quem sofria mais.

Luiz Carlos: É... por causa da questão psicológica.

Eronídes Bíscola: Sofria mais. O Zé, eu não sei como ele era. Não dava para gente conhecer o Zé.

Luiz Carlos: O Zé é baiano, sempre rindo, divertindo, aquele negócio todo. Você não sabe como que é o Zé por dentro. Mas eu, emocionalmente, sou mais nervoso, mais agitado, então paguei um preço mais caro pelo fato de eu ter ido para a Educação. Mas assim, não restou nenhuma mágoa, há quinze anos também. Eu fiz uma reflexão, hoje, lá do passado e foram coisas daquele momento e nenhuma pessoa daquela época pensa da mesma forma.

Voltando a falar dos cursos de formação continuada que vocês ministravam no interior do estado, quais as referências que vocês possuíam/buscavam para implementar essa propostas?

Eronídes Bíscola: Eu acho que você e o Zé têm mais condições de falar sobre isso daí, mas eu vou falar só uma coisinha: quando nós começamos a mexer com isso eu tinha muitas dúvidas (depois criamos um problema sério em cima disso em São Paulo), por exemplo, quando você

coloca “dois vezes três”. O que vem a ser “dois vezes três”? Se é “três mais três” ou “dois mais dois mais dois”. Essas são questões simples e o resultado é seis e não precisamos ficar preocupados com isso, mas para quem você está ensinando, isso é complicado e o ensinar envolve um monte de coisa, até se preparar para ser aquela criança, então isso não é fácil. Eu já não sinto tanta dificuldade, porque trabalhei muito tempo com isso e esforcei-me para entrar nesse mundo, mas eu vejo outras pessoas, por exemplo, os pais que não conseguem entrar no mundo dos filhinhos para ajuda-los. Nós chegamos a ter uma aluna nossa que fez uma especialização aqui e ela foi (eu não sei se foi no ENEM⁵¹⁸ ou se foi em outro evento, mas acho que foi no ENEM) apresentar o trabalho e, naquela época, eu já tinha uma resposta (para mim) com relação a “dois vezes três”. Eu devia ter ficado calado, mas quando ela colocou, por exemplo, “duas vezes três” como sendo “dois mais dois mais dois”, eu não aguentei e coloquei que deveria ser mais “três mais três” do que “dois mais dois mais dois”. E agora? O porquê isso daí? Então você tem que explicar esse negócio todo e isso daí também criou uma polêmica, porque lá não seria nada (ao menos a vergonha da pessoa que está expondo), mas a pessoa é daqui, então o problema se volta para cá e aí é hora de se juntar com os amigos para pensar nisso. Mas isso é só um exemplo para sentir o quanto de dúvida que deveria existir nos professores, porque nós que estávamos dentro do Departamento de Matemática (com o Mestrado e tudo mais), tínhamos esse tipo de dúvida. Aí nós começamos olhar para o zero que é um problema sério: um número elevado à zero, dividir por zero... Aí começou um grupo a trabalhar nisso e, nessa época, felizmente, tinha uma Revista do Professor de Matemática (RPM) da Sociedade Brasileira de Matemática que eles, de certa forma, clareavam um pouco dessas questões.

Luiz Carlos: Eron, só um detalhe: na fotografia que eu tenho de nós três, a revista RPM está visível na mesa e ela é um documento, [risos], porque é memória. Sabe que eu tinha até esquecido, mas é assim que funciona.

Eronides Bíscola: Essa revistinha ajudou barbaridade!

[risos]

⁵¹⁸ Encontro Nacional de Educação Matemática.

Eronídes Bíscola: E aí nós começamos. Os professores daqui do estado queriam saber, por exemplo, por que era metro ao quadrado e nós também.

Luiz Carlos: Era raiz quadrada, regra de três...

Eronídes Bíscola: E raiz quadrada de quatro? Por que não é “mais dois e menos dois”? Ao sair daquele mundo que a gente achava que conhecia muita coisa para discutir esses detalhes é muito mais complicado. Hoje (eu já reconheci isso há muito tempo) eu digo que quem deveria ser doutor é quem dá aula na pré-escola! Porque a coisa ali não é simples, é mais por imposição e você não prende um aluno em uma sala de aula pela importância do conhecimento, não! Então é muito complicado trabalhar ali. Naquela época, tinha uma revista⁵¹⁹ não sei o que da ciência...

Luiz Carlos: FUNBEC⁵²⁰.

Eronídes Bíscola: Um professor (acho que do Paraná) de química foi dar uma aula na pré-escola e não conseguiu. Não porque não soubesse o assunto, mas porque não conseguia entrar no aluno e achei interessante a coragem dele (veja o momento que nós vivemos naquela época) de apresentar que não tinha condições de dar uma aula prática para aqueles alunos. Ele era doutor, certo? Um negócio interessante de pontuar que nós estamos conversando é a especialização. Nós três, pelo menos, já tínhamos tirado um monte de máscaras, porque a gente vive muito cheia delas e uma delas foi da...

Luiz Carlos: Dar aula bem preparada, bem organizada não é Eron?

Eronídes Bíscola: Isso e tinha outras... Dar uma aula os três juntos? De forma alguma, porque ninguém quer dar aula com a presença de outro professor e isso acontece porque eu não estou bem. Seu tivesse bem podia estar lá quantos quisessem. Pois bem, nessa época, nós só apresentávamos para os alunos os problemas que nós sabíamos fazer e, então, passamos a ter coragem e apresentar os problemas que nós não conseguíamos resolver também, e isso foi difícilíssimo (pelo menos para mim). Teve um dia em que levei um problema para tentar resolver em sala de aula e ver o que ia dar, meu Deus, o problema não saiu, eu suava... Pedia para Deus terminar aquela aula o mais depressa possível, pois não conseguia resolver. Conteí essa experiência no ENEM e perguntava: Que tipo de professor que nos éramos? Nós tínhamos medo

⁵¹⁹ Revista de Ensino de Ciências.

⁵²⁰ Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências.

de expor o que não sabíamos e tivemos sorte, porque quando nós participamos daquelas reuniões no interior do estado, tinha professor de História, de Geografia, de Ciências, era uma mistureira. Minha aula era um quadro lindo maravilhoso, depois eu baguncei tudo aquilo, porque eu achei que o mais certo não era aquela organização. O que a gente faz em sala de aula? Ficamos duas ou três horas antes preparando tudo, organizamos uma sequência limpinha e arrumadinha, vamos e expomos aquilo tudo. Será que para o aluno é aquilo mesmo? Eu, professor, precisei de três horas para colocar aquilo daquele jeitinho, quantas horas que um aluno vai precisar para arrumar aquilo na cabeça dele? Foi de onde nós partimos. Eu, em particular, na sala de aula bagunço tudo na cabeça do aluno, para que depois ele pense sobre aquelas coisas. Nossos ex-alunos criaram um mural com o nome de “*Pensar*” e eles começaram a colocar assuntos para pensar ou problemas que eles criavam.

José Luiz: É porque havia aquela ideia do LEMA⁵²¹ ser um laboratório de ideias, problemas e reflexões, os alunos encamparam aquilo.

Eronídes Bíscola: Esse LEMA foi uma coisa muito interessante. A disposição para eles se reunirem, conversarem, discutirem as propostas.

Luiz Carlos: Vou falar um pouco sobre as referências dos livros que nós estudávamos para ministrar os cursos de formação continuada no interior do estado. Você mesmo, Eron, tinha uns livros didáticos que gostava muito, por exemplo, do Trotta⁵²², do Imenes⁵²³, do Scipione⁵²⁴, os livros antigos do Castrucci⁵²⁵. Também estudávamos o Caraça⁵²⁶, Rey Pastor⁵²⁷, Toranzos⁵²⁸ (autor do livro “*Matemática Experimental*”), Vicente Zala, a Revista Brasileira de Ensino de Ciências da FUNBEC (Fundação de Ensino em Ciências), tinha o material da CENP⁵²⁹ que o Zé trouxe, Didática do Hanszaibris, a psicologia do Lauro de Oliveira Lima. Você poderia falar

⁵²¹ Laboratório de Ensino de Matemática.

⁵²² Fernando Trotta.

⁵²³ Luiz Márcio Imenes.

⁵²⁴ **Scipione Di Piero Netto.**

⁵²⁵ Benedicto Castrucci.

⁵²⁶ Bento de Jesus Caraça.

⁵²⁷ Julio Rey Pastor.

⁵²⁸ Fausto Toranzos.

⁵²⁹ Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas.

da CENP Zé? Explica um pouquinho onde é que nós estudávamos, porque o Zé, quando eu o conheci em 1984, tinha o problema da capelinha⁵³⁰ e foi ele quem o levou para estado de São Paulo. Eu descobri agora que esse problema está há mais de quinhentos anos na história da cultura da Educação Matemática, quer dizer, na Europa e chega de alguma forma aqui no Brasil e suponho que deveria ter no material da CENP e isso se esparrama pelo estado de São Paulo. Alguém conta isso na infância, adolescência do Zé e ele trás para nós esse probleminha, mas igual a esse tinha muitos outros que no fundo são probleminhas históricos. Então, quer dizer, aonde que essas referências davam? Tinha esse material e também tinha uns livros didáticos que o Eronídes gostava muito de estudar (não sei se você se lembra) que era um material didático concreto que veio da Alemanha que tinha os modelos de acrílico, não se lembra disso? A gente não entendia nada, só via as figurinhas [risos].

José Luiz: Entre as referências, tinha o Pólya⁵³¹ também. Sempre tinha outro que aparecia. Lembro-me que o Imenes veio aqui dar alguma coisa, também veio o professor Luiz Alberto Santos Brasil, um velhinho, cheio de energia.

Luiz Carlos: Tem um documento brasileiro que é o Dicionário Brasileiro de Educadores e o professor Luiz Alberto Brasil está como um dos educadores do Brasil. Ele chegou vir aqui?

José Luiz: Sim.

Eronídes Bíscola: E não foi pelo Departamento de Matemática, foi para uma reunião com a Secretaria e foi lá que tomamos conhecimento.

José Luiz: É! Nossa! Nós ficamos conversando um tempão, trocamos um monte de ideias e íamos trazer ele de volta, mas ele acabou falecendo. Ele veio antes de você chegar Luiz.

Luiz Carlos: Ah... Está certo.

[risos].

⁵³⁰“Um homem andava por uma estrada que tinha três capelas. Ao chegar à primeira delas, fez a seguinte promessa: ‘se tivesse o dinheiro do seu bolso duplicado, daria ao santo, 20 tostões de esmola’. Ele foi atendido em seu pedido e cumpriu o que prometera. Ao chegar à segunda capela, repetiu a promessa, sendo também atendido, dando 20 tostões para o santo e continuou. Chegando à terceira capela, fez de novo a mesma promessa e foi atendido. Mas ao dar os 20 tostões, notou que não lhe restara nada. Quantos tostões o homem tinha ao chegar à primeira capela?”

⁵³¹ George Pólya.

Luiz Carlos: O Luiz Alberto dos Santos Brasil foi, inclusive, professor do Elon⁵³², se não me engano. Eu me lembro que nós chegamos a ligar para ele e sua esposa disse que ele estava caminhando na praia. [risos] E depois era difícil para ele vim porque tinha que fazer muitas escalas de Fortaleza até chegar aqui em Campo Grande e depois ele acabou ficando doente.

José Luiz: Voltando um pouco no material da CENP, eu me lembro que quando Montoro⁵³³ ganhou a eleição, ele quis fazer uma reforma no ensino da Matemática, mas ainda estava com um pouco da Matemática Moderna (por mais que ela tivesse passado) e tinha gente querendo fazer coisas em termos de resolução de problema, por exemplo. Quem estava lá na CENP, era a Ana Frank, a Maria do Carmo Domite⁵³⁴ e várias outras pessoas que eu não lembro o nome (algumas já morreram). Eles fizeram um material (Atividades Matemáticas) para estimular as ações e valorizar as participações dos alunos, o trabalho em grupo, etc., e esse material era até o quarto ano primário e depois que o Montoro saiu, não houve mais reuniões, mas o material estava muito bom. Lembro-me que quando eu e o Eron fomos trabalhar com a pré-escola, pegamos muitas daquelas atividades como, por exemplo, “onde tem mais? O que tem mais? Quanto a mais?”, que estimulavam a contagem, também tinha o Tangram⁵³⁵, essas coisinhas tinha tudo no material da CENP e nós pegamos e, de certa forma, fomos abrindo.

Luiz Carlos: Como é que o Geoplano⁵³⁶ chegou aqui, Zé?

José Luiz: O Geoplano foi naquele encontro de Ensino de Ciências, Luiz, que nós fomos. Eu me lembro de que vi a Gelsa⁵³⁷ trabalhando com aquilo e ela passou um monte de probleminhas, daí eu falei que era muito legal aquele material e, inclusive, ela tinha ido dar um curso em Cuba sobre o Geoplano. Ela publicou um livro sobre Geoplano.

Eronides Bíscola: Acho que eles tinham um laboratório bom de Matemática.

⁵³² Elon Lages Lima.

⁵³³ [André Franco Montoro](#).

⁵³⁴ Maria do Carmo Santos Domite.

⁵³⁵ Quebra-cabeça chinês formado por cinco triângulos de tamanhos diferentes, um quadrado e um paralelogramo.

⁵³⁶ É constituído por uma placa quadrada de madeira em que são cravados pregos, formando uma malha composta por linhas e colunas com o mesmo espaçamento, sendo de grande auxílio para o ensino de geometria plana.

⁵³⁷ [Gelsa Knijnik](#).

José Luiz: Era um grupinho lá que, de certa forma, era descendente do GEEMPA⁵³⁸, que era da Esther Pillar Grossi (aquela piagetiana). Bom, mas a Gelsa estava na frente e ela era da área de álgebra, sabia muita matemática e gostava dessas coisas de ensino e que depois começou a trabalhar com o Ubiratan⁵³⁹, etnomatemática. Conversamos bastante e falei que as atividades com o Geoplano eram muito interessantes e ela perguntou se eu queria os materiais e o curso que deu em Cuba. Na época Luiz, juntamos uns probleminhas e aí a gente foi incrementando o Tangran, o Geoplano, o Mecano e montando listas de problemas interessantes. E depois você encontrou o livro antigo que tinha tudo isso, não é Luiz? É uma coisa interessante, porque isso já existia há tanto tempo e que você trouxe com o livro do Calkins⁵⁴⁰ que o Rui Barbosa⁵⁴¹ traduziu, não é?

Luiz Carlos: É do Calkins. É uma coisa fantástica, ele é um pedagogo norte-americano que escreveu *“Como ensinar Matemática Intuitivamente”*, falando do valor da intuição na aprendizagem Matemática, no final do século XIX, em 1980 mais ou menos, na França. O método intuitivo é um pouco antes do construtivismo e chamava também *“Lição das coisas”*, as coisas ensinam: cadeira ensina... Chama-se Taquimetria⁵⁴² (geometria de alguns objetos sólidos), aquele negócio de manipular pecinhas para encontrar a relação, por exemplo, de “a mais b ao cubo”, enfim, tudo são as coisas que ensinam e a abstração vem depois. Rui Barbosa, no final do Império, achou que isso era o máximo e que poderia ajudar o ensino no Brasil e tentou traduzir essa obra do Calkins do inglês para o português e publicou (em português) um livro de quinhentas e poucas páginas. [risos].

José Luiz: Mais um detalhe: o livro não é de Matemática.

Luiz Carlos: Mais da metade (250 páginas) é sobre o ensino da Matemática e esse livro existe na biblioteca do Senado, está digitalizado. Então, as nossas referências não são essas, porque são de 1800 e pouco.

⁵³⁸ Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação.

⁵³⁹ Ubiratan D’Ambrósio.

⁵⁴⁰ Norman Alison Calkins autor do livro *Primeira Lições de Coisas*.

⁵⁴¹ Rui Barbosa de Oliveira, político, tradutor, filólogo e escritor.

⁵⁴² No final do século XIX e início do século XX, no Brasil, foi adotado o método taquimétrico de ensino da geometria, que era uma forma para aprender geometria rápido, em poucas lições. Sendo considerado o extremo oposto do método euclidiano que é lógico-dedutivo e um tema totalmente inexplorado do ponto de vista histórico.

[risos]

José Luiz: E também porque nós viemos descobrir isso agora, praticamente reinventamos a roda. Eu me lembro que o Eron perguntava quais eram os bons problemas que dava para gente trabalhar bastantes com eles... Alguns levavam uma aula inteira.

Luiz Carlos: Ladrilhamento é um deles.

José Luiz: Então, a gente escolhia um conteúdo, por exemplo, ângulo e trabalhávamos em cima de problemas envolvendo isso. Na verdade, eu me lembro de quando eu estava dando aula no estado de São Paulo, eu apresentava alguns problemas folclóricos que, aliás, alguns deles podem ser caracterizados como “*problemas para recuperar o folclore*” e, quando eu estava dando aula em classes com alunos mais complicados, então eu negociava com eles e propus que os dez minutos finais da última aula (quando eles já estavam cansados) seriam para discutir problemas que eles achavam que tinha matemática ou, até mesmo, problemas que os pais de eles não conseguiu resolver. Então se eles não trouxessem, eu traria, mas era só na última aula da noite, nos dez minutos finais e eles vinham com probleminhas interessantes. Eu não me comprometia em resolver todos, mas que pelo menos ia pensar neles. E aí vieram vários e um deles era esse da capelinha. Eu me lembro de que resolvi, em particular com um aluno, era considerado um problema difícil e esse aluno ficou admirado ao ver a resolução e começou a se interessar pela álgebra naquele momento. Os alunos vinham com soluções puramente de aritméticas que tinha que pensar até mais para resolver e eu dava um pontinho para quem conseguisse pelo menos explicar a resolução, mesmo se não fosse ele quem fez. Teve um problema que foi proposto a um aluno por um colega de trabalho e que havia prometido que se ele conseguisse resolver, iria ganhar o salário inteiro dessa pessoa que o desafiou. E era aquele problema de encontrar cinco números ímpares que a soma fosse igual a vinte.

Luiz Carlos: Mas isso é sacanagem.

José Luiz: Então perguntei para ele se já havia tentado e o menino respondeu que já tinha gastado dois cadernos fazendo contas...

[risos]

José Luiz: Perguntei-me por que ele tinha gasto tanto, porque era para desconfiar que o problema não tinha solução. Além disso, eles não são ricos ao ponto da pessoa dar o salário

inteiro e depois de ter gasto dois cadernos fazendo conta, era para desconfiar. Igual o Galois⁵⁴³, fez conta para mostrar porque que ele não tem solução. Então, tinha vários problemas como esse do ladrilhamento e aí eu lembro que a gente ficou...

Luiz Carlos: Tinha uma lista, não é Zé?

José Luiz: Uma lista, mas não passava de trinta problemas que eram ricos e nunca dava tempo de cumprir aquela lista. A gente até pegava e procurava pelo menos um de cada áreas.

Luiz Carlos: E ali colocava história, colocava brincadeira, colocava o material concreto... Nós tínhamos metodologia também.

José Luiz: O que chamam hoje de interdisciplinar, de articulação, tudo isso, de certa forma, a gente fazia com materiais, com problemas e com perguntas, sem dar a respostas e gerenciando, trabalhando em grupo.

Vocês participavam de congressos e eventos para fundamentar essas práticas nas formações continuadas?

José Luiz: Participamos do Simpósio Sul-Brasileiro de Ensino de Ciências e Matemática no Sul e foi lá, por exemplo, que eu peguei o Geoplano. Teve vários antes da SBEM também.

Luiz Carlos: O nome certo é Simpósio Sul-Brasileiro de Ensino em Ciências e Matemática. Tiveram vários, acho que até o décimo segundo e nós fomos no quarto ou quinto.

Eronídes Bíscola: Foi em Santa Cruz⁵⁴⁴ que nós fomos? Nós três?

José Luiz: É, o primeiro foi lá, eu sempre ia pelo menos.

Luiz Carlos: Não era tão fácil ir a congresso não. Por exemplo, nós fomos daqui a Santa Cruz de ônibus (não era avião), era difícil e acabei encontrando o Eron lá, ficamos na casa de uma senhora, porque era um congresso muito grande e não tinha hotel em número suficiente.

Eronídes Bíscola: O interessante é o espírito do povo de cederem às casas, às vezes, para gente de fora (que nunca viu) para dormir ali.

José Luiz: Valorizando também essa importância da ciência e a cidade não tinha hotel suficiente para todo mundo, então conclamaram a população a ceder às casas para os que iam participar.

⁵⁴³ Évariste Galois.

⁵⁴⁴ Santa Cruz do Sul, município do Rio Grande do Sul, distante 1.343,7 km de Campo Grande – MS.

Luiz Carlos: E também não tinha muito congresso não. Eu lembro que cheguei aqui em 1984 (mais ou menos), um pouco antes de 1979, eu participei de um congresso em Belém⁵⁴⁵ que foi o Ubiratan D’Ambrósio, o Luiz Roberto Dante, aquele francês, o Pierre Lucie⁵⁴⁶, mas era um seminário de ensino de Matemática. Mas pouco depois, fiz meu Mestrado em Matemática de 1981 a 1983 no Rio e lá eu cheguei a participar do Congresso Internacional de Ensino de Matemática, que veio inclusive o Halmos⁵⁴⁷ e o Nachbin⁵⁴⁸.

José Luiz: Mas esse era de Matemática ou de Ensino de Matemática?

Luiz Carlos: Disse Matemática. [risos]

José Luiz: [risos] Eu perguntei, porque o Halmos, ele é da álgebra.

Luiz Carlos: Exatamente. Mas acontece que acho que coincidiu, porque o Halmos é um grande matemático algebrista.

Eronídes Bíscola: Mas é interessante que qualquer pessoa, depois de certa idade, começa a pensar em problemas do ensino e da educação, talvez até nessa idade que eu me encontro ou um pouquinho para trás, quando ele se torna avô e começa a ver as coisas diferentes. O Halmos chegou a escrever um artigo sobre uma aula dele em cima de problemas.

José Luiz: Eu não tenho esse artigo, já procurei e não o achei mais. Foi o melhor curso de álgebra linear que ele deu.

Eronídes Bíscola: Eu arrumo para você, mas só prometo, vamos ver. Eu prometi para uma menina que está fazendo o Mestrado também (acho que é sobre a História da Matemática ou a criação do Departamento de Matemática ou da Licenciatura no estado, coisa desse tipo) e queria me entrevistar e lá fui eu com essa minha memória enfraquecida. Na época, a nossa Pró-reitoria de Pesquisa de Pós-Graduação havia sido extinta, por conta de pessoas que estavam gerindo e nós batíamos em cima disso. Eu participei de todos esses conselhos que tiveram na universidade e dificilmente você encontra um ano que eu não estive presente no conselho como membro. Convidaram-me para ser coordenador de pesquisa e pós-graduação da universidade de uma pró-

⁵⁴⁵ Município do Pará, distante 2.831,1 km de Campo Grande – MS.

⁵⁴⁶ Matemático e filósofo francês.

⁵⁴⁷ Paul R. Halmos.

⁵⁴⁸ Leopoldo Nachbin.

reitoria que havia sido extinta. Eu, naquele cargo, falei que era hora de mexer naquela licenciatura e, naqueles encontros todos de Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, vi uma pessoa que deu uma conferência e pensei que ele poderia me ajudar e fui conversar com ele. Ele me indicou outro, um desses conselheiros do Ministério da Educação, na época. Conteí a história e ele falou que não poderia permitir que eu fizesse alguma coisa daquele sentido, mas que poderia dar um documento dizendo que nada impediria e era exatamente disso que eu precisava, nada mais! Prometi para essa menina (que estava me entrevistando) que eu tinha esse documento e fui embora para casa procura-lo. Revirei e nada, não achava o documento! Na minha cabeça, ele estava em algum lugar lá em casa e um tempinho que me sobrava, fuçava e jogava coisa fora e fuçava... E achei esse documento! Liguei para ela avisando que havia encontrado e vou encontrar do Halmos também.

Luiz Carlos: Essa referência do Halmos é uma coisa que está um pouco mais distante.

Eronídes Bíscola: Um pouco na minha cabeça.

[risos]

Luiz Carlos: Eu nem lembrava isso, mas têm essas partes matemáticas aí que citei. O Leopoldo Nachbin foi um matemático brasileiro de nome internacional, foi editor da *Springer*, aquela editora alemã. Eu fui aluno dele de análise funcional. São, assim, referências distantes, porque naquele tempo, a xerox era difícil e você telefonava pedindo uma cópia, levava de três a quatro meses para vim, não tinha internet também.

[risos]

Luiz Carlos: Não tinha *google*⁵⁴⁹. Na minha turminha, a gente escrevia apostilas, listas e fazia esse exercício para poder ter material. Mas lembramos de alguma coisa, deve ter escapado algumas coisas que nós lemos e não lembramos.

Eronídes Bíscola: Esse fato até de nós não lembrarmos muita coisa, registra que também não existia muita coisa a nossa disposição. Não é? Era garimpado mesmo!

[risos]

Luiz Carlos: Não tinha no Brasil. Não existia.

⁵⁴⁹ Site de pesquisa da internet.

José Luiz: Eu me lembro de que quando eu fui ministrar a disciplina de História da Matemática, praticamente, só havia o livro do Boyer⁵⁵⁰ em português e só tinha um exemplar na biblioteca e para comprar era difícil. Você tinha que ficar garimpando mesmo, pegando uma coisa aqui, outra coisa ali.

Luiz Carlos: Hoje o problema é inverso: têm demais! É difícil você escolher o melhor, porque tem muita coisa boa não é? Hoje, não sei se eu tenho no meu acervo, mas muita coisa do Hans Aelbli foi uma tentativa de traduzir o pensamento de Piaget para a aula, porque ele não tinha preocupação com o ensino (era um psicólogo clínico), então ele não olhava a escola em si.

José Luiz: O Hans Aelbli tinha um pouco daquele Gestalt⁵⁵¹.

Luiz Carlos: Começamos com essas referências. Agora, uma coisa que tem que ser dita é o seguinte: quando cheguei aqui a minha primeira impressão, Eron, era que as pessoas sabiam Matemática e isso dava certa vaidade. Por exemplo, essas questões conceituais da aritmética ou da álgebra, tinha gente competente aqui, então o ambiente já era propício a uma boa formação matemática! Quando eu cheguei, contei dezoito professores no Departamento, sendo doze formados em Brasília (com Mestrado) e sabiam muito de Matemática. Eu era mineiro, o Zé era paulista e não somos descendentes da UnB, mas tinha um lastro, assim, eu senti isso. Então, essa parte da Matemática não era capenga, não era fraca, não era raquítica, porque, até hoje, você tem essa realidade. Você têm alguns cursos que o quadro de docentes é formado por um aposentado, outro que tem uma formação não muito boa. Então, quer dizer, o corpo docente é fraco, não é Eron? Aqui não, quando eu cheguei em 1984, eu senti que era um grupo muito forte, não é uma referência bibliográfica, mas eles tinham lastros. Eu vejo a Elizabete, o Sérgio⁵⁵², o Cápua⁵⁵³, todos eles tinham uma boa formação Matemática.

José Luiz: Acho que o Cápua tinha vindo da UNICAMP.

Luiz Carlos: De outra linha.

⁵⁵⁰ Carl Benjamin Boyer.

⁵⁵¹ É uma teoria que estuda como os objetos são perceptíveis aos seres humanos, focando os princípios que estão relacionados à maneira como é dada essa percepção.

⁵⁵² Sérgio Roberto de Freitas. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵⁵³ Luiz Antônio Cápua. Foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

José Luiz: Eu da USP, o Celso Cardoso da UFRJ⁵⁵⁴. Nós não somos da UnB, mas predominava da UnB.

Luiz Carlos: Belém tinha uma tradição histórica importante, porque desde a década de cinquenta, as pessoas de lá eram muito fortes em conhecimento matemático e hoje tem Doutorado em Matemática. Meus professores começaram a morrer tudo esse ano, fiquei chateado com a notícia que eles estão falecendo. Em 2010, fui a Belém e encontrei todos eles lá em um grande congresso, o Artibano Micali estava lá, aquele professor historiador do Paraná...

José Luiz: O Clóvis⁵⁵⁵.

Luiz Carlos: Clóvis. Foi no avião: eu, o Artibano e o Clóvis. O Artibano com 80, o Clóvis com 78 e eu caminhando...

[risos]

Eronides Bíscola: Foi através dele que se abriu uma porta para França e tudo isso é muito interessante. Mas ele citou Brasília e isso é muito importante. Eu estava já com minha vaga garantida para ir para lá, mas estava vivendo um momento político aqui complicadíssimo, em 1976, porque era difícil sair para fazer pós-graduação que não tinha tamanho e como eu era o mais briguento, pensei que se eu fosse fazer o Mestrado, não ficaria ninguém brigando aqui pela pós-graduação. Se alguém pesquisar aí para trás, vai encontrar meu nome nas presidências desses programas de pós-graduação, porque eu dava valor a isso e o meu negócio era criar as coisas aqui que pudesse, um dia, gerar esse pessoal que hoje, felizmente, está acontecendo. Então o Celso foi até porque ele estava mais preparado (matematicamente falando). Tinha uma cláusula que era terrível! E quando assumi a coordenadoria pós-graduação, a primeira coisa era mexer no contrato⁵⁵⁶ e acabar com ele e acabei, graças a Deus. Arrumamos a situação todinha, o Celso estava terminando o primeiro ano dele e eu fui começar o meu primeiro ano. Ele já tinha feito um monte de boas amizades, por conta do quanto ele era brilhante em Matemática,

⁵⁵⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁵⁵⁵ Clóvis Pereira da Silva.

⁵⁵⁶ Referindo-se ao contrato de afastamento da UFMS assinado pelo professor para realizar o curso de Pós-Graduação.

então muita gente já enxergava o Celso e onde ele estava era um bom lugar para estar. Em seguida eu cheguei, não com esse brilhantismo, mas jogava uma bola que o Celso não jogava. Eu era representante do conselho departamental da pós-graduação, então uma nova frente, diferente.

Luiz Carlos: Eronídes desculpe perguntar, mas a repressão política não estava forte nessa época?

Eronídes Bíscola: Plena ditadura! Nossa senhora. Aquela UnB, pelo amor de Deus, eu participei de umas coisas lá, que eu falei que nunca mais volto. E ia entrando por aqueles negócios por baixo da UnB, aonde não tinha mais lugar para entrar, era lá que nós nos reuníamos. Falei que quem quisesse pegar a gente, pegava mesmo, porque...

[risos]

José Luiz: Não tem nem saída.

Eronídes Bíscola: Plena ditadura! Nossa senhora. Aquela UnB, pelo amor de Deus, eu participei de umas coisas lá que nunca mais volto. E ia entrando por aqueles negócios por baixo da UnB, aonde não tinha mais lugar para entrar, era lá que nós nos reuníamos. Falava que quem quisesse nos pegar, pegava mesmo, porque não tinha por onde sair, [risos]. Com tanto lugar para fazer reunião, em um lugar aberto que a gente pode correr pelo menos, morrer livre. Mas não, tudo bem. Nós fizemos um monte de contatos ali. Bom, quando nós voltamos, resolvemos fazer os concursos aqui, só entrava professor concursado, com Mestrado e depois tinha que ter doutorado. E assim começou, aqueles que nos conheciam começaram a se interessar por esse lugar e aí veio essa turma de Brasília, depois essas pessoas conheciam outros... Mas é interessante que cada um desse pessoal que chegou aqui, veio com um tipo de mentalidade e aí você tem que aprender a conviver com aquele grupo para você encontrar o seu espaço, para ver como que vai somar. Se não soma, divide... A coisa é complicada, [risos]. Foi muito bom tudo isso.

Luiz Carlos: Bom, as referências são mais ou menos essas.

Eronídes Bíscola: Mas também não tinham muitas mesmo. Agora três coisas que a gente não pode deixar de esquecer é: as coisas que o Luiz Carlos mencionou sobre o material que o José trouxe de São Paulo, essa revista da SBM⁵⁵⁷...

Luiz Carlos e José: RPM⁵⁵⁸.

Eronídes Bíscola: Essa revistinha e o Caraça também, pelo menos em particular, o Caraça me ajudou barbaridade a enxergar um monte de coisas.

Tinha algum diálogo entre vocês que participavam nessa questão de formação de professores com esse outro grupo que trouxe a SBEM para o estado?

Luiz Carlos: Ao me lembrar desse pessoal que compôs as primeiras diretorias da SBEM-MS, no fundo, o Renato, o Denizalde⁵⁵⁹, eles eram nossos alunos, mais do que alunos, eles eram amigos. Por exemplo, o Renato (que foi presidente), ficou na minha casa para ela não ficar sozinha quando eu precisei viajar. Então havia muito diálogo entre nós e havia um profundo respeito mútuo por eles, eu vejo assim. Havia muita conversa! Eu me lembro de que eu era muito amigo do Denizalde, a esposa do Renato conversava bastante com a Maria (minha esposa). A Iara⁵⁶⁰ eu não tinha muito contato com ela, acho que...

José Luiz: A Iara era da Secretaria da Educação.

Luiz Carlos: A Ângela⁵⁶¹ foi a minha primeira orientanda do Mestrado, o Felice⁵⁶² foi meu orientando no doutorado. Esse grupo não era separado, não tinha um grupo da SBEM separado de nós.

José Luiz: Quando iam fazer os encontros, nós sempre participávamos mesmo não estando nas diretorias, nos encontros estaduais, por exemplo.

Luiz Carlos: Isso era um grupo de amigos todo embolado e não dá para separar, eu vejo assim. A única divisão que eu faria aqui era com o pessoal do interior, por exemplo, Felice de Nova

⁵⁵⁷ Sociedade Brasileira de Matemática.

⁵⁵⁸ Revista do Professor de Matemática.

⁵⁵⁹ Denizalde Jesiél Rodrigues Pereira. Professor no Departamento de Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso.

⁵⁶⁰ Iara Augusta da Silva. Professora aposentada da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul.

⁵⁶¹ Ângela Cecília Quarentei Gardiman. Professora no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

⁵⁶² José Felice. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

Andradina⁵⁶³ e a Denize⁵⁶⁴ de Ponta Porã⁵⁶⁵ (eu não tinha muito contato, a conhecemos através desses cursos que íamos dar lá). Eu me lembro de um professor que era muito engajado na região sul do estado (era líder dali), tinha a Maria da Graça⁵⁶⁶, a Ana Paula⁵⁶⁷ já era aluna nossa da graduação, o Sales é meu companheiro de muitos anos, fez especialização, Mestrado e Doutorado tudo comigo. Na realidade, se puder categorizar isso (matemático tem que categorizar, classificar, não é) seria: os professores daqui do Departamento, o grupo dos alunos que aparecem aqui da graduação e o grupo do interior. Três grupos, mas eram todos amigos. *Então, eles tinham o apoio de vocês para a estruturação da SBEM-MS.*

José Luiz: Nós os apoiávamos não só nas ações promovidas pela SBEM-MS, mas tentando oferecer também, por exemplo, cursos (o que pudesse), parcerias com a Secretaria de Educação (que nunca foi muito grande).

Luiz Carlos: Na realidade, apoiávamos esses garotos, porque nós tínhamos um embate com o departamento e aí, na triangulação, o departamento (a parte que não gostava tanto de Educação Matemática), os acadêmicos e nós (cria um triângulo), os alunos jogavam do nosso lado, nos davam o apoio.

Eronídes Bíscola: E aí acontecia uma coisa interessante, porque nós tínhamos esse grupo mais voltado à Matemática em si (que queriam mais preparar pessoas para fazer o Mestrado, coisa desse tipo) e quando eles iam para uma sala de aula onde tinha esses líderes (que são esses alunos que nós estamos colocando) que estava com outro enfoque e eles levantavam certas situações (que eram corretas) de Matemática falando que o curso não estava, de certa forma, atendendo os anseios deles, então eles viam em nós possíveis defensores daquelas ideias. Então, a coisa (em termos de reunião do departamento em geral) pegava fogo!

Luiz Carlos: Esquentava.

⁵⁶³ Distante 296,8 km da capital Campo Grande - MS.

⁵⁶⁴ Denize Silva Oliveira. Secretária de Educação de Ponta Porã.

⁵⁶⁵ Distante 342,7 km da capital Campo Grande - MS.

⁵⁶⁶ Maria das Graças Bruno Marietto. Professora da Universidade Federal do ABC.

⁵⁶⁷ Ana Paula Stockler Bojikian Hernandez da Rosa. Professora do Centro de Ensino Interação, Campo Grande - MS.

Eronídes Bíscola: Porque nós tínhamos depoimentos e tínhamos um costume de fazer enquetes para os alunos, como coordenador de curso que eu fui (outros também fizeram isso) e os professores (em particular) também faziam, perguntando as coisas com relação às disciplinas e o curso em si. Juntava as respostas deste questionário que tinha em mãos e você tentava arrumar tudo aquilo e levar para as reuniões dos departamentos. Ali a coisa, volta e meia, esquentava bastante, mas hoje vejo como tudo sendo normal.

Luiz Carlos: Não compete a nós, julgarmos isso jamais! São os obstáculos da história natural de qualquer projeto. Então eu vejo assim Eron, não tenho nenhuma mágoa, nada! São os percalços da história e nenhum projeto nasce sem essas dificuldades. Agora, essa triangulação é importante, nós estávamos juntos com eles e eu acho que até tinha alguns matemáticos que nos davam apoio. Não sei, ficavam um pouco em um território neutro, não é? E que não atrapalhava.

José Luiz: Sim.

Luiz Carlos: Não atrapalhava. Mas, eu lembro de que uma vez, Eron, acho que são coisas que a gente não deve nem lembrar, mas é só por uma questão pedagógica. Acusaram-nos de estarmos tramando um golpe para dar no departamento para conquistar, ao mesmo tempo, um candidato marcado para ser o chefe do departamento, outro para coordenação do curso, outro para direção do centro.

Eronídes Bíscola: E tudo isso é muito complicado, porque os adversários aproveitam qualquer coisa.

José Luiz: E eu me lembro de que a gente conversava muito, então a gente estava bastante entusiasmado e estava sempre junto, mas era por causa dessas atividades com problemas da Educação Matemática que, de certa forma, eram novos para todos nós e sempre tínhamos que estudar e muitos pensavam que aquelas conversas nossa era tudo tramoia política para derrubar alguém ou por alguém que nós estávamos querendo colocar na chefia.

Luiz Carlos: Perguntava o que nós estávamos conversando no LEMA, o que estávamos fazendo, se era algum golpe. Mas assim, não havia nenhuma inocência da nossa parte, quer dizer, é lógico que a gente não queria dar golpe político nenhum. Até cheguei a teorizar um pouco sobre a formação do professor de matemática e ela tinha sete dimensões e uma delas era

aliança política, tem outra que era científica – lógico que Matemática é fundamental, é essencial! Isso é condição necessária (pode não ser suficiente, mas é necessária!), porque sem Matemática não existe professor –, mas nessa ligação política (em um bom sentido), não é política partidária e sim com o envolvimento na instituição, a participação e esses rapazes aqui todos tinham compromisso político com a universidade. Tanto que foram presidentes do DCE⁵⁶⁸, lutando para melhorar o bandeirão...

José Luiz: Eles estão em todas.

Luiz Carlos: Então quer, isso causava certo incomodo em quem não tinha muita competência política e eu senti que a gente estava formando os jovens e nunca tentamos direcioná-lo, dirigí-los, porque eles eram meio rebeldezinhos.

[risos]

Luiz Carlos: Nós somos do Mestrado e durante muito tempo, levei os alunos do Mestrado, dentro de ônibus, para o Rio Grande do Sul, para Belo Horizonte⁵⁶⁹ e o pessoal nos congressos falavam que os meninos de Mato Grosso do Sul chegavam a ser até meio petulantezinho para falar de certo assunto, porque falavam com firmeza. Eu respondia falando que lá em Campo Grande, a gente dava veneninho de cobra para eles, em doses homeopáticas...

[risos]

Luiz Carlos: Eu falava que dava veneninho de cobras para os alunos da pós-graduação para eles aprenderem a sair pelos congressos. Nos meus alunos, pode descer o *cacete*! Pode criticar! Tanto é que o Tarcísio⁵⁷⁰ de Rio Claro quando ele foi apresentar o trabalho, perguntavam sobre o referencial e eu falava que não iria o defender! [risos]. Quer dizer, me dá orgulho em saber que é um profissional autônomo e que não depende de mim e esses meninos da diretoria também não dependiam. Eram todos jovens que começaram a caminhar com as suas próprias pernas, eram pequenos intelectuais, autônomos, que começaram a viver e responder por seus atos.

⁵⁶⁸ Diretório Central dos Estudantes.

⁵⁶⁹ Município de Minas Gerais, distante 1.298,8 km de Campo Grande - MS.

⁵⁷⁰ Tarcísio Luiz Leão e Souza. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas – campus São Gabriel da Cachoeira.

Então, quer dizer, esse grupo não era manipulado por nós, não havia a mínima chance. Eles se constituíram e fizeram uma época na universidade.

Eronídes Bíscola: E nunca tivemos a intenção.

Luiz Carlos: Jamais! Isso seria não formar o sujeito, seria contra a formação. Quando eu falo que uma das dimensões da formação de professor matemática é a questão política, refiro-me em discutir o que está acontecendo hoje no Brasil, a questão das dormências, por exemplo. Tem que ter certa posição, certa clareza. Então eu acho que esse grupo de acadêmicos que participaram aqui era gente jovem e competente.

Que interesses tinha esse grupo que criou a SBEM? Falar da SBEM era sinônimo do que na época?

Luiz Carlos: O meu sonho ao participar da SBEM-MS era colocar o meu nome no cenário nacional, porque eu era presunçoso [risos]. Quando eu me doutorei (eu sou um dos primeiros vinte doutores nesse assunto, pequena vaidade não é Eron?), depois o Zé, a Marilena, a história da SBEM entra por outro caminho. Acho que nesse momento aqui, a gente era mais pé no chão talvez (eu não sei o adjetivo correto), mas depois que eu vou para França pesa muito mais a questão da teoria, a nossas referências teóricas, do que se eu estou vinculado com as massas. Quando eu voltei, em 1991, o que eu queria com esse grupo era realmente participar do cenário nacional, eu não estava muito preocupado com o interior (já tinha estado de 1985 a 1987) e um dos meus raciocínios era o seguinte: como enfrentei sérias resistências aqui (até que sai do departamento), achava que se eu fosse por fora, ou seja, não contando muito com a universidade, conseguiria essa projeção nacional, quer dizer, quando falassem de Campo Grande, lembrasse-se de mim, do Eron, do Zé Luiz, isso que nós queríamos. Então o que eu queria fazer era participar das discussões brasileiras de um novo tempo da área e quando nós visualizamos a possibilidade de multiplicar as universidades pelo interior do estado (pelo visto, no Brasil inteiro estava acontecendo) e que toda cidade de porte médio começou a ter universidade, nós já percebemos que precisaria ter muitos mestres e doutores para ocupar esses espaços de Matemática, mas nós não íamos formar matemáticos, nós íamos formar educadores matemáticos. Então, surgiu outra intenção e o apoio da SBEM era importante para dar esses cursos no interior, mas muitas vezes voltados para preparar para uma pós-graduação do que

para a sala de aula. Essa divisão eu reconheço hoje e se cometemos algum erro no passado foi ter deixado predominar um pouco mais a vaidade e que também não é tão mal, porque eu formei vinte e cinco mestres, quase todos são professores universitários e estão formando gente no interior.

Professore José: Eu participei da banca da Aparecida Chiari⁵⁷¹ em Rio Claro. Aliás ela já está contratada como professora do nosso Instituto de Matemática é brilhante, simplesmente brilhante! Creio que ela sabe mais matemática do que doutores em Matemática. Pra vir fazer o nosso mestrado, ela também teve que brigar com o pessoal da USP, porque lá ela fez graduação (bacharelado e licenciatura com bolsa da FAPESP⁵⁷²). Eles tinham a expectativa de, que quando ela terminasse o curso de graduação, fosse fazer Mestrado em Matemática Pura, aliás lá tinha gente disputando para orientá-la em Matemática Pura. Só que ela quis vir para o nosso estado (também porque o namorado veio para trabalhar aqui em nosso estado) e ela gostava de Educação Matemática e veio procurar para orientá-la. Agora eu participei da banca de qualificação *de doutorado* dela e o Marcelo Borba, bem como todos os membros da banca, só teceram elogios a ela e ao seu trabalho.

Luiz Carlos: Faço meia culpa se eu não pude colaborar tanto com as práticas dos professores em sala de aula no interior, mas nós formamos bastantes mestres e, talvez, hoje o estado esteja em outro momento. O Zé, quantos mestres e doutores nós formamos dentro de Mato Grosso do Sul? São muitos e se você pensar nós já demos uma contribuição e hoje eles são professores universitários que estão formando professores.

José Luiz: A Marilena tem um levantamento e no próximo ano nós devemos completar uma centena de dissertações defendidas, ou seja, uma centena de mestres. E destes que nós formamos, quantos mestres já estão cursando ou já concluíram o doutorado?

Luiz Carlos: Quantos doutores existem em Mato Grosso do Sul hoje? Quando nós chegamos aqui, não tinha ninguém com doutorado na área.

José Luiz: Sim, era muito pouco. Você contou que no Brasil, na área de Educação Matemática, havia cerca de vinte, não é? E aqui no estado?

⁵⁷¹ Aparecida Santana Chiari. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵⁷² Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Luiz Carlos: Era vinte e poucos.

José Luiz: Já tinha vinte e poucos no Brasil e hoje, só aqui no nosso estado, já deve estar passando de quarenta, com certeza.

Luiz Carlos: No Mato Grosso do Sul, falando de doutores de Educação Matemática. Então, quer dizer, não deixa de ser uma contribuição, nem tanto como nós sonhamos, mas o pecado nosso foi não ter conseguido entrar com essa teoria dentro da sala de aula. Mas isso, no Brasil inteiro não foi possível.

José Luiz: Exatamente, tem que fazer o que é possível, porque é claro que o nosso sonho é que essas coisas vão para as salas de aulas com os professores, mas enquanto não dava, o que a gente consegue fazer? Porque também não depende só da gente, têm as políticas que valorizam (ou não) a capacitação, por exemplo, a formação da SEMED⁵⁷³ que tem uma equipe de capacitação e todos os membros dessa equipe fizeram (ou fazem) Mestrado com a gente. Aqueles que estão nas universidades (que estão atuando) é porque eles batalharam para conseguir espaço.

Eronídes Bíscola: Mas um dia essas pessoas vão estar nessas cadeiras que, hoje, certos os políticos ocupam e eles vão estar com essas ideias ainda na cabeça para serem colocadas e um dia chega até as salas de aula! O ideal seria que isso acontecesse. Isso é certeza, que é como o Zé colocou tem que pensar sempre em fazer o que é possível. Veja, falei que em 1973-1974 eu nem sabia com quem eu estava debatendo, com relação às Licenciaturas Curtas, e era com o falecido Ramez Tebet, porque eu estava ligado que aquele negócio não era bom para o estado, só depois que eu fiquei sabendo, daí pensei que já estava vencido (porque era certeza que o Ramez ia vencer).

José Luiz: O Antônio Magalhães⁵⁷⁴ não conseguiu competir com ele, não é?

Eronídes Bíscola: Você vê? Então, quando ele entrou para aquela reunião do conselho de ensino e pesquisa, ele já entrou com os *conchados* todos feitos, mas a gente não enxergava esse tipo de coisa e a gente lutou, foi brigando, brigando, brigando... Aconteceram os cursos e já temos os mestres, já temos os doutores, então um dia isso chega à sala de aula. Mas o que era

⁵⁷³ Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande.

⁵⁷⁴ Senador Antônio Carlos Magalhães.

possível fazer? Era aquilo mesmo e tem uma coisa, ninguém faz nada diferente do que realmente é possível. Com relação à SBEM, são esses dois rapazes aqui que tem mais coisas para falar.

José Luiz: O Luiz coloca uma situação, porque nós procuramos não perder o que acontecia em nível de Brasil, tanto que o Bigode (quando veio aqui uma vez dar um curso) falou para os professores que eles tinham um grande privilégio aqui em Mato Grosso do Sul de terem mestres e doutores em Educação Matemática e que tinha muito que aprender conosco (somos parceiros há muito tempo) e que os professores estavam em boas mãos, você lembra Luiz? E também, às vezes, a Secretaria de Educação do Estado já chegou a convidar gente de fora para dar curso, e já ocorreu desses convidados utilizarem o nosso material, que preparávamos. Mas tudo bem, isso daí a gente releva, porque também tem aquela história de que santo de casa, às vezes, não faz muito milagre. Mas é aquilo que o Eron falou, deixa o tempo vai se encarregar e reconhecer tudo isso.

Eronídes Bíscola: E tem uma série de coisas que a gente não domina até porque a gente não participa disso daí. Depois que eu participei um pouco na administração, eu vi que a coisa não é tão simples e já dei um exemplo de que, dentro da minha pureza, acabei não assinando para Rondonópolis, mas depois a gente vai perdendo muitas coisas.

Luiz Carlos: Eu me formei no curso Licenciatura Curta em Ciências em Belém e depois fiz Matemática.

Eronídes Bíscola: Então, você está vendo, tudo tem seu valor e aí você vai aprendendo e chega a ver que, em certos momentos, você tem que concordar com uma coisa que você não faria, porque se não acontecer aquilo com a tua concordância, aquilo também não vai sair e não vai beneficiar um monte de pessoas. Político, por exemplo, estou vendo hoje aí o que está acontecendo em termo de petróleo, só funciona em cima de 10%, 20%, 30%, 50%... Então, todo dinheiro que vinha, na nossa época, para a universidade tinha o carimbo desses políticos e se você não concordasse com certas coisas, o dinheiro que estava aprovado não chegava até aqui. Isso não quer dizer que você concorde ou usufrua dessa prática, mas para que outros possam ser beneficiados, você tem que concordar. Então que venha desse jeito aí, se essa é a única maneira dela chegar até aqui, que chegue! Eu só estou citando isso para colocar dentro do

assunto aqui, por que certas vezes é preferível trazer um grupo de fora? Porque com esse grupo de fora, você pode faturar alguma coisa (financeiramente) dentro da Secretaria. Você pode colocar ali que no lugar de ter vindo cem, veio duzentos ou quinhentos e eles assinarem. Olha, têm coisas esquisitas aos montes disso daí, que não é nem bom se colocar muito. É complicado. [risos]

José Luiz: Mas, por exemplo, minha esposa está trabalhando com a implantação dos Laboratórios de Matemática na rede de ensino municipal, nossa... Ela teve que adaptar aqueles materiais, porque eles resolveram fazer uns negócios mirabolantes com a compra dos materiais e a maior parte dele é de difícil utilização e os formadores têm que se virar para fazer alguma coisa, mas tudo bem. Então, apesar das negociações nebulosas envolvendo as compras desses materiais, eles vão fazendo um trabalho do jeito que dá, dentro daquilo que é possível fazer, apesar dessas coisas que o Eron estava comentando, que escapa do nosso controle e que nós não aceitaríamos fazer.

Eronides Bíscola: Isso.

Vocês poderiam falar sobre os objetivos que esse primeiro grupo teve quando criou a SBEM? Qual que seria o interesse deles em criar a SBEM aqui no estado?

Luiz Carlos: Eu vejo, por exemplo, que essa liderança tinha muito a questão de melhorar para o ensino e eles eram muito engajados com a realidade, com a questão do interior. Então, eu acho que da parte do Renato, do Denizalde, eles tinham objetivos bem mais aguerridos com a realidade, eu não consigo separar isso. Nós fomos a um congresso organizado pelo Renato em Corumbá, eu e você, Eron.

José Luiz: Eu também fui nesse congresso.

Luiz Carlos: Então, eu acho que o objetivo deles era, realmente, estar bem mais próximo dos professores do que nós e acho que há um pouco dessa diferença de objetivo.

José Luiz: Aqueles ideais da SBEM de contribuir com ações para a melhoria de ensino de Matemática em todos os níveis sejam para formar grupos de estudos, de pesquisas, de disseminação, dos congressos e materiais, ou seja, contribuir com a melhoria do ensino de

Matemática. O Chatô⁵⁷⁵ quando assumiu a candidatura à presidência da SBEM, falou que era muito importante essa aproximação e uma de suas metas era articular mesmo essa instituição com as Secretarias de Educação e fazer políticas, já tentamos conseguir alguém da Secretaria de Educação para participar da diretoria da SBEM-MS, mas é aquela história, dentro do possível.

Luiz Carlos: Em 1988, eu e o Zé estávamos em Maringá quando foi fundada a SBEM Nacional. Acho que o Eron não estava.

Eronídes Bíscola: Não.

Luiz Carlos: Oficialmente em cartório, no ano de 1988, em Maringá e a briga lá foi tão calorosa de quase houve agressão física. Lembro-me do Baldino⁵⁷⁶ defendendo a criação e tinha gente defendendo contra, dizendo que era bobagem alegando a questão da existência da Matemática Pura, mas nós não tínhamos espaço, então achávamos que criando a sociedade aumentaria nosso espaço nos departamentos e nas secretarias, para fazer o nosso trabalho de pesquisa sobre ensino da Matemática. A criação da SBEM não foi um processo evidente, foi muita briga e muito debate.

José Luiz: Falavam que não era o momento.

Luiz Carlos: Não foi fácil conduzir o processo, pois já estávamos discutindo sobre a criação há mais de um ano e que foi votado lá. O nosso grande medo era que na hora de votar na assembleia final, prevalecesse os votos pela não criação.

José Luiz: Eu me lembro que foi um momento de grande emoção.

Luiz Carlos: Foi uma grande emoção, uma grande briga que se arrastou por alguns dias e também era uma questão política de criar um espaço, pois na sociedade nós podíamos falar a mesma linguagem, estando junto com os nossos semelhantes. A gente não se sentia bem dentro do ambiente dos matemáticos, porque a nossa proposta não era fazer Matemática Pura e o nosso objetivo tinha também essa extensão política de organizar uma instituição a nível nacional. Agora desse grupo, mais precisamente, havia esse engajamento político e a proximidade com as massas, eu vejo isso (não sei se eu estou equivocado com a minha leitura). Foi muito

⁵⁷⁵ Chateaubriand Nunes Amâncio. Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁵⁷⁶ Roberto Ribeiro Baldino.

importante a criação da SBEM, naquele momento, foi uma vitória, mas não sei se com o tempo essa vitória (ou essa importância) se declinou ou se aumentou. Eu participei quinze anos depois de uma avaliação, feita em 2003 em Poços de Caldas, que foi apresentado um balanço de quinze anos da SBEM: O que teve bom ou o que teve ruim? Quais foram os equívocos cometidos?

José Luiz: E agora está completando quantos?

Luiz Carlos: Daqui dois anos, vai ser trinta anos. Em 2003, em Poços de Caldas, eu coordenava o GT de Educação Matemática (aí que volta aquela fase de 2001-2004) dentro da ANPED que é outro organismo.

José Luiz: E foi uma briga para criar o GT de Educação Matemática na ANPED.

Luiz Carlos: Uma briga, porque a ANPED é um grupo de pesquisadores de Educação do Brasil, então têm os sociólogos da Educação, têm os filósofos, têm os historiadores, enfim, têm várias áreas (mais de trinta grupos desses) e eles não querem saber de Educação Matemática. Com muita luta, nós criamos um grupo dentro da ANPED e ficamos juntos com os marginalizados que é o grupo da Educação Indígena, Educação dos excluídos, Educação para o trabalho... Todos os GTs, assim, meio do pé quebrado.

Eronídes Bíscola: Isso foi em 2003?

Luiz Carlos: Em 2003 já estava criado. Eu fui o terceiro diretor Zé?

José Luiz: Eu acho que você foi o terceiro, nem me lembro mais, porque eu não participei muito desses GTs, fui umas duas vezes só.

Luiz Carlos: Porque eu fui o terceiro? A primeira diretora do GT da ANPED foi da PUC, a segunda da PUC, a terceira o pessoal de Rio Claro não queria que fosse novamente de lá, [risos], e disseram que assumiriam, mas o pessoal da PUC não estava aceitando. Então, escolheram-me, aqui de Mato Grosso do Sul. Nem de Rio Claro, nem da PUC. Hoje está o Saddo⁵⁷⁷, um grande educador matemático em nível nacional, pioneiro em vários cursos de doutorado e Mestrado. Mas voltando a questão, eu via esses objetivos daquele grupo. Ao criar uma sociedade, você cria um sentimento de pertencer a um grupo que é muito importante, por exemplo, eu pertencço ao sindicato, à sociedade, à igreja.

⁵⁷⁷ Saddo Ag Almouloud.

José Luiz: Existia um movimento nacional e a gente não podia ficar à margem. Então a gente precisava fortalecer esse grupo maior nacionalmente, para conseguirmos nos fortalecer também.

Luiz Carlos: Nós fomos pioneiros, aqui, em criar a SBEM-MS. O Eron foi para a parte de administração (na parte final da sua carreira aqui) e não tinha como estar tão presente, porque o envolvimento na parte administrativa consome muito e nós não podíamos ficar fora desse movimento. Então, naquele momento, era participar e criar esse grupo de pessoas que falavam, mais ou menos, a nossa língua. Eu vejo assim.

Qual seria a importância da SBEM aqui no estado?

Eronides Bíscola: É interessante saber hoje como a SBEM-MS está atuando. O que ela está fazendo de bom para a Educação, de um modo geral, na sala de aula? Ou se ela ainda está um pouco distante de tudo disso aí. Porque isso leva tempo, mas é muito importante que ela passou a existir e a defender um monte de ideias e de pessoas.

Luiz Carlos: Se você observar, Eron, eu me afastei um pouco (eu nem sou sócio da SBEM), mas não tenho nada contra ela, nada! Participei do começo e do meio, que foi quando fizemos um balanço da fundação da área da SBEM dentro da ANPED, eu era diretor do grupo e foi encomendado esse trabalho para apresentar no dia do evento em que contratamos três pesquisadores: o Ubiratan D'Ambrósio, o Antônio Miguel (da UNICAMP) e o Vicente Garnica para eles investigarem sobre esse assunto e apresentarem os resultados e que gerou um documento público hoje. A síntese dessa ideia é que ficou claro que, naquele momento, como já havia acontecido em vários outros países, ocorreu à diversificação da sociedade com a criação de várias outras sociedades diferentes. O Ubiratan acha, por exemplo, que uma sociedade apenas é muito ruim e que naturalmente ela se bifurcava em várias outras e que quanto mais tivesse, era melhor, mesmo que elas fossem um pouco antagônicas. Só que dentro da SBEM isso se resolveu parcialmente com a fundação de grupos de trabalhos.

José Luiz: Mas está uma briga.

Luiz Carlos: Está uma briga tremenda. É como se estivesse para explodir dentro de uma caixa, até mesmo esse grupo bem radical que só vê conteúdo (que é o grupo do PROFMAT⁵⁷⁸), para mim, também é um grupo da Educação Matemática, só que não tem espaço dentro da SBEM e nem vice-versa. Hoje nós já temos gente da área dentro dos órgãos das comissões que aprovam projetos de pesquisa, financiamento, abertura de Mestrado, abertura de doutorado... Tem gente de mil lugares.

José Luiz: Nós brigamos para criar o nosso comitê na CAPES⁵⁷⁹.

Luiz Carlos: Ciências Matemática, mas era da área da Educação, não é Zé? Porque tinha um comitê da Educação.

José Luiz: Na verdade, o que acontecia? A gente mandava os projetos para área de Educação e eles diziam que tinha muita matemática. Aí mandava para a Matemática e falavam que tinha muita Educação. Ou seja, o projeto apanhava dos dois lados e acabava, muitas vezes, não sendo aprovado. Até a criação de programa de Mestrado, só deslanchou mesmo depois que foi criado um comitê específico.

Luiz Carlos: A CAPES têm vários comitês: comitês de Medicina, comitê de Ciências, comitê de Matemática, comitê de Educação e foi criado um comitê de Ensino de Ciências Matemática, que não é nem Matemática e nem Educação: é um comitê de Ensino de Matemática.

José Luiz: Agora esse comitê foi dissolvido.

Luiz Carlos: Mudou... Agora mudou.

José Luiz: Dissolvido e criaram outro que é de Ensino de várias áreas, inclusive a área médica. O primeiro coordenador (eu fui até em um debate) era da Ciências, o irmão do Pavão⁵⁸⁰. Nossa, o que ele ouvia... As pessoas falavam mal porque achavam que ele era *mandado* e ele tentava argumentar, mas não aguentou muito tempo e logo saiu. Bom, a Marilena poderia falar melhor sobre isso, porque ela é obrigada a participar das reuniões, porque ela é coordenadora do programa. Eu sei, porque uma vez fui representá-la e nossa senhora! Você não sabe nem da onde que vinha tiro, de tanto que a coisa era brava. Pelo menos não é mais nem um comitê da

⁵⁷⁸ Pós-graduação *stricto sensu* para aprimoramento da formação profissional de professores da educação básica.

⁵⁷⁹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁵⁸⁰ Hamilton Germano Pavão. Professor do Instituto de Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Matemática Pura e nem o de Educação (específico da área de Educação), ele é de Ensino, mas tem ensino de tudo, até da área Médica.

Eronídes Bíscola: De certa forma, enfraqueceu não é?

Eronídes Bíscola: Politicamente, acho que a ideia também poderia ser essa.

Luiz Carlos: Mas a SBEM como está hoje tenho algumas restrições, porque o país é muito desigual, há uma Educação Matemática de tipos diferentes e você compra a melhor que quiser. É como que se fosse uma mesa posta com várias comidas e cada um se serve como pode ou como quiser, eu vejo isso como um panorama geral da Educação Matemática. Por exemplo, os paraenses eles querem fundar uma Sociedade Paraense de Educação Matemática [risos]. Isso é resquício da cabanagem⁵⁸¹, eles são rebeldes [risos]. Mas por quê? Eu vejo que o movimento não cabe mais dentro da SBEM e nós não somos muito diferentes, por exemplo, o grupo de historiadores não bica muito bem o resto dos outros e então eu acho que, naturalmente, vai criar a sociedade dos pesquisadores da História da Educação Matemática.

José Luiz: Não, mas isso já tem.

Luiz Carlos: É já tem, mas talvez crie outra sociedade dos algebristas, por exemplo, ou ensino da Álgebra.

[risos]

Luiz Carlos: Mas é interessante falar, ela é irreversível, pelo menos eu acho. Muda a época e as sociedades e as instituições também mudam, até a Igreja Católica muda! [risos]. Quer dizer, muda mais devagar que outras instituições e nós não teríamos uma visão panorâmica do que é hoje, mas eu vejo que não tem mais tanta paixão, como tinha há trinta anos para participar. Agora, estou cuidando das coisas da minha vida também, então não estou com essa força toda para ir de ônibus em congressos, como fui a Santa Cruz do Sul, Passo Fundo, anos atrás. Naquele tempo tinha uma paixão muito forte, mas aquele momento foi um e hoje já é outro e nem estou fazendo análise de hoje, porque não poso fazer. Essa diversificação é boa, é saudável e irreversível. Sobre a questão da especialidade, Eron, Deus me livre e guarde, se nós tivermos um infarto, vamos procurar o melhor médico de Campo Grande para tentar se salvar.

⁵⁸¹ Revolta popular ocorrida entre 1845 a 1840, no norte do Brasil, atual estado do Pará. O nome é derivado da situação precária que viviam os revoltosos que moravam em cabanas.

Eronídes Bíscola: É verdade.

Luiz Carlos: Ou melhor! Porque na hora que a dor bate, você procura o melhor. Entretanto, esse cara que é especialista em uma coisa só, pode ser muito bom naquilo, ele vai resolver esse problema (ou ele vai te criar outros). Eu fiz uma palestra outro dia e comentei que se você quebrar o joelho direito e for a um ortopedista que só mexe com o joelho esquerdo, vai ter que procurar outro médico. [risos]

José Luiz: O médico que operou o pé da minha sogra, só mexe em uma naquela região da perna.

Luiz Carlos: Mas eu estou fazendo piada José! É uma crítica à especificidade, porque, hoje, as pessoas sabem muito mais de menos coisas, então se perde muito. Então eu acho que vão acontecer essas fragmentações nas especialidades, Zé, como aconteceu com a própria Matemática. Dentro da Matemática, teoricamente, é estimado que se tenha milhares de áreas e que certos matemáticos não conseguem conversar entre si, porque a Matemática de um é completamente diferente da matemática do outro. O Artibano mexia com Álgebras Genéticas, talvez, ele teria pouca coisa para conversar com a Elizabete que é algebrista, porque são álgebras diferentes.

José Luiz: É verdade, cada um vai se especializando, buscando saber cada vez mais sobre menos.

Luiz Carlos: A ponto de não conseguir conversar. Então quando eu consigo conversar com o Zé é porque a gente ainda se entende!

Eronídes Bíscola: Isso, vamos aproveitar que ainda estamos nos entendendo.

[risos]

José Luiz: Mas nós estamos com monte de desafios de dar aula juntos de novo, que nem a gente fazia antes e saíamos da aula pensando em escrever outras coisas sobre aquelas que já escrevemos.

Eronídes Bíscola: Só um parêntese: hoje seria muito melhor, porque com a experiência que cada um tem, hoje seria uma delícia e uma diversão.

[risos]

Luiz Carlos: É legal isso. É uma experiência fantástica de compartilhar o mesmo espaço, eu e o Zé, e estou honrado com sua presença lá, porque faz tempo que eu não dou o curso de Didática da Matemática.

José Luiz: Que é isso Luiz?

Luiz Carlos: Bom, mas voltando um pouco sobre essa diversificação, eu acho que hoje não saberia se todos querem olhar a mesma coisa ou se todos estão com a mesma preocupação, eu acho que não. Tem muito interesse dentro da SBEM.

José Luiz: O Antônio Miguel, quando ouvi aquela fala dele, falei que ele era muito corajoso.

Luiz Carlos: Corajoso e um grande intelectual, foi em um Encontro em Bauru. Ele quer desconstruir tudo e quer ridicularizar a escola, mas que não estava desconstruindo muita coisa, porque também não saberia construir diferente.

[risos]

Eronides Bíscola: O que eu vou por no lugar?

Luiz Carlos: Aquela Educação Matemática que ele está propondo, eu não estou a fim de conversar, porque ele disse que está desconstruindo e depois fomos conversar e eu disse que com essa desconstrução toda ele vai acabar destruindo a nós mesmos! Mas ele comentou que eu não estava entendendo o que ele quis falar, que essa desconstrução não está no sentido de detonar. O Antônio Miguel é de Campinas e foi assessor (e isso que é o problema) da Secretaria de Educação de lá para reformular o currículo de hoje. Eles passaram uns probleminhas de Matemática para as crianças resolverem e veio com um resultado, assim, ridicularizando o professor. Uma das questões, para a quarta série, tinha um quadro de pintura (uma obra de arte), tinha o autor da obra, a data de 1897 (não sei exatamente qual era) e outra informação e pedia algumas coisas para as crianças. O que as crianças faziam? Pegavam e somavam o ano com outro número que estava ali. Esse tipo de crítica está velho, é coisa de trinta anos atrás. Na França, tinha um problema parecido: “*Dentro de um barco tinha trinta carneiros...*”.

José Luiz: Dezoito cabras e aí pergunta qual é a idade do comandante.

Luiz Carlos: É. “*Tinha trinta carneiros, dezoito cabras e qual é a idade do barqueiro?*” As crianças somavam o trinta com os dezoito que dá quarenta e oito. Se eu tenho dois números, é para somar!

[risos]

José Luiz: O aluno pensa que se tem uma pergunta ele deve responder com os dados que estão ali. É uma regra.

Luiz Carlos: É! E se não responder, a criança está lascada. É lógico que a idade da pessoa com a quantidade de cabras e carneiros tem pouco a ver, mas as crianças têm que dar uma resposta, porque se ela não responder é ridicularizada. O Antônio Miguel está retomando esse tipo de coisa e ele é um grande intelectual hoje e está dentro da SBEM. Esse tipo de Educação Matemática não estou muito interessado, quer dizer, eu estaria mais interessado em estar com a pedagoga, na sala de aula, para ver os problemas efetivos que ela tem e partir da dessa produção (por mais feia que eu ache, pela aula mais horrorosa que eu acho que ela dê) partir para uma possibilidade de mudança e não a criticar a partir de uma coisa que eu sonhei ou que estudei na França. Então, esse tipo de crítica ou denuncia que mais ridiculariza as crianças e os professores, eu estou fora e não me interessa mais e dentro da SBEM você vê esse tipo de comportamento de grandes líderes brasileiros. Eu não sei como fazer, mas talvez se a gente invertesse e pegasse pessoas competentes e desse um bom salário, principalmente para os anos iniciais que mais demanda. Aquela brincadeira de dividir um por dois, a professora fala que não dá! Então, coloca o zero que dá! Mas tem que colocar outro zero aqui com vírgula, dividir dez por dois, agora dá. Então esse negócio de dar ou não dar, coloca zero, põe para cá, para lá... Será que os professores dela (de Matemática) ensinaram isso? Não. Também não sabe o que significa. Eu posso colocar o zero na frente do número? Quer dizer, a professora dos anos iniciais não ensina o que ela não sabe, porque ela não aprendeu no ginásio nem no Ensino Médio e os professores dela não souberam explicar. Tem que saber pesquisar, olhar, estudar classes de equivalência, aquelas regrinhas de divisibilidade, por que funcionam essas regras? Aí vem a explicação de uma Álgebra poderosíssima que foge da minha capacidade. Quer dizer, não há espaço até hoje para discussão dessas questões simples, então eu não vou criticar esses professores que estão fazendo isso e eu acho que ainda exista uma postura de certa arrogância intelectual querendo criticar, ridicularizar... Não é tão bom mesmo, lógico que não, mas nós sabemos que criticar, analisar as mazelas que estão aí já não resolve mais. Isso nós já fizemos

(tentamos uma vez) e não apoio mais isso, pesquisas para encontrar os deslizes do professor, pelo amor de Deus! Isso é falta de respeito.

Eronídes Bíscola: E eu acredito que com certa cultura universitária ou até menos, não deva existir alguém que tem prazer em errar. Faz errado, porque ele não sabe fazer, não é verdade? Eu dei um exemplo de coisas que eu não dominava como quando nós começamos a mexer com a pré-escola, coisinhas da primeira série, da segunda série, dúvidas que os professores têm quando eles perguntam o resultado de raiz de quatro. Tem gente que não sabe por que dá isso daí, como explicar? Como justificar a questão do zero? E você acha que eles não se angustiavam com aquelas dúvidas quando iam para sala de aula? Nós tínhamos dúvidas e, na conversa com os professores, quantas dúvidas eles apresentavam? Aquela preocupação de um aluno perguntar e ele não souber a resposta. Então, eu concordo com o que o Luiz está colocando, mas se você também não trabalhar com o amor em cima disso daí... Ridicularizar não é amar não! Eu assisti a uma palestra esses dias que o rapaz estava contando a história de um casal que queria se separar, mas estavam jovens ainda (trinta e poucos anos, ainda dava para ter filhos à vontade) e eles não se amavam mais. Aí a pessoa que estava orientando disse para o homem falar que amava a esposa e o rapaz respondeu que não a amava mais. O rapaz disse para mentir então, porque uma mentira repetida muitas vezes se torna uma verdade. Minta que um dia você vai amar! A orientação dele foi que através do amor, ele ia deixar aquelas pessoas juntas, uma ia compreender melhor a outra. Então, se a gente não entrar em um campo de solidariedade e de ajuda, não tem solução!

Luiz Carlos: Para prejudicar é fácil.

Eronídes Bíscola: Nossa! Para atacar pedra é a coisa mais simples que tem.

Luiz Carlos: Eu acho que o momento hoje é mais polêmico mesmo, mas o mérito foi a sociedade ter entrado em todos os estados brasileiros e o número de sócios disparar. É uma grande sociedade hoje, mas os problemas são igualmente grandes.

Eronídes Bíscola: E deve ter gerado uma consciência mais crítica sobre esse ensino que está aí e isso já é um primeiro passo. Primeiro você tem que realmente enxergar que aquilo não está bom e que precisa melhorar (mesmo que você não saiba qual é a solução) e depois trabalhar para ver onde que você vai dirigir seus passos. Agora não é fácil, uma hora o Luiz falou que

uma possível solução seria pagar melhor o professor, mas só o dinheiro vai resolver? O que ele tem na cabeça vai mudar, ganhando um salário, dois ou três? Não vai. Você tem que dar condições para esse professor e aí o Luiz coloca outra situação que é baixo salário do professor se comparado com o salário de um médico ou um engenheiro (que ganham muito melhor). Tudo bem, então ele não quer ser médico, nem engenheiro, ele quer ser professor, mas ele vai ser professor daqui a quantos anos? Essas soluções que nós estamos imaginando agora podem até acontecer, mas vai demorar um bom tempo e sem se esquecer de uma coisa que a gente conversou: há interesse em nível de poderes que isso diminua? Veja, Rui Barbosa traduziu um texto muito importante, foi para frente? Não foi! Há interesse em coisa dessa natureza? Na década de sessenta houve um movimento muito grande de livro-textos interessante, aquilo foi para frente? Não foi. Então, as coisas não melhoraram, mas não foi por falta de pessoas que pensaram e tinham um ideal firme em cima daquilo ali, mas porque tem outro poder maior que também impede. Mas não é por conta desse poder que a gente deixa de brigar, não é? Vamos brigar! Vamos lutar!

Luiz Carlos: Vamos viver aquele momento, enfrentar as dificuldades e quando você passar, no final, você vai poder falar que participou. Agora, terão outros momentos, com outras lutas... É o ciclo da vida.

Eronídes Bíscola: Aqui é o seguinte, nós temos três pessoas (nós não chegamos ainda a descobrir como o Zé está): o Luiz já está meio afastando da SBEM e eu afastei há vinte anos [risos]. Isso é natural na vida das pessoas, pegarem rumos diferentes e os rumos que nós pegamos, de certa forma, ajudaram a dar uma contribuição. Hoje, são os rumos que os jovens estão tomando é que vai dar a contribuição para que essas coisas, realmente, um dia cheguem onde muitas pessoas, lá trás, sonharam.

Luiz Carlos: A Educação, Eron, é muito desafiante, porque o seu aluno vai se tornar um cidadão atuante daqui dez ou quinze anos, então você não vê resultados de imediato. Não estou falando que se deve ensinar para o futuro, porque você não consegue. Há trinta anos, não tinha a internet, não tinha o computador que tem hoje, não tinha o *google*... Eu fiz tese de doutorado, há vinte e poucos anos, daqui a vinte ou trinta anos, o que será que vai ter? Esse desafio das

dificuldades do momento e para o futuro (você está aí se colocando hoje formando gente para o futuro) é muito desafiante!

Eronídes Bíscola: Muito bem! Só um parêntese aqui. Essa criança (de oito, dez anos que está aí), ela quer mesmo pegar um livro desses que nós temos (tradicional) e resolver um exercício? Ou ela quer o computador e buscar as coisas que ela acha que seria interessante? Temos professor para acompanhar isso? Temos pais para acompanhar isso? Olha que coisa complicada que está aí hoje.

Luiz Carlos: É um momento...

José Luiz: Têm propostas malucas aí, parece que há quem queira importar o modelo da Finlândia, por exemplo.

Luiz Carlos: Acabar com as disciplinas. Mas é outro desafio nesse momento, com certeza.

José Luiz: Porque a Finlândia está indo bem no PISA⁵⁸², lá estão tentando reduzir ao máximo a abordagem na forma de disciplina (isolada), mas também não se muda muito de uma hora para outra. Teve gente que já foi lá como observador e considera que aqui no Brasil esse modelo poderia ser um desastre, que tentar implantar isso aqui no Brasil, não funcionaria de jeito nenhum. Por exemplo, na França eles podem votar por procuração, a pessoa só escreve um manuscrito em papel autorizando e pronto (não precisa nem de cartório) e isso é impensável aqui no Brasil.

Luiz Carlos: Em fiz um balanço aqui e o Zé Luiz, dentro desse canal de comunicação da SBEM, do Mato Grosso do Sul para o cenário nacional, contribuiu muito mais do que eu. Ele participou (e participa) de projetos nacionais, vou citar alguns (você pode desmentir se eu estiver errado Zé): formulação das Diretrizes Nacionais para a formação de professores de Matemática, participou da relação dos PCN⁵⁸³, dos vários PNLD, do PNAIC⁵⁸⁴ e outros que, sinceramente, eu estou esquecendo.

José Luiz: Avaliação de cursos.

⁵⁸² Programa Internacional de Avaliação de Estudantes.

⁵⁸³ Parâmetros Curriculares Nacionais.

⁵⁸⁴ Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa.

Luiz Carlos: Avaliação de cursos de Matemática, em nível nacional. Então, de certo modo, o diálogo começou, porque para ele ir lá ao interior de Goiás avaliar o curso de Matemática, não é gratuito e ele foi lá, porque tem um nome nacional que possivelmente foi projetado via SBEM (além do seu próprio esforço), porque outra pessoa mesmo sendo doutor, capacitado e competente, poderia não ser chamado para nenhuma dessas coisas. Não sei se você participou da elaboração da LDB⁵⁸⁵, em 2003? Foi em Brasília e eu participei na plenária de preparação da Lei das Diretrizes Básicas Nacional.

José Luiz: Não, eu tinha saído do país para fazer o pós-doutorado.

Luiz Carlos: E foi a lei que redirecionou a formação de professores dentro do Brasil. Então, essa contribuição também fluiu no cenário nacional através da organização política da SBEM e o pessoal que coordenava isso. Ao falar de Mato Grosso do Sul, lembravam-se do Zé Luiz, da Marilena... Eu dei a minha contribuição em algum momento, mas não foi tão forte como o Zé Luiz e a Marilena que hoje é outro panorama. Ela participou da diretoria nacional.

José Luiz: E participa da coordenação do PNLD.

Luiz Carlos: Então, é outro momento em que ela atua na cabeça dessas coisas a nível nacional. Por exemplo, os PCN que hoje nós, talvez, não aprovaríamos (pois é outro momento), nós fizemos várias reuniões para ser discutido aqui em Mato Grosso do Sul (em Campo Grande), para levar para Brasília uma proposta de participação. Naquele momento, nós demos o corpo e a alma nesse negócio aí e hoje, passado tantos anos, a gente não perde a dimensão da importância disso, porque são políticas públicas. Esse foi um momento, acho que o José participou muito mais do que eu e ele tem um jeitão de baiano (ele não é baiano), porque ele é calmo, deita no fogo e está tranquilo... Eu não, sou mais explosivo e posso passar mal em uma reunião, mas o José foi a muitas reuniões desse tipo do Ministério. Deu uma contribuição fundamental e isso não era um projeto exclusivo da SBEM, mas se tornou possível a participação através da SBEM e de outras instituições associadas.

José Luiz: Quando você vê o corpo de pessoas que estão na execução dessas políticas, por exemplo, o PNAIC (eu não participei na elaboração) ou o PNLD, quando você olha as pessoas

⁵⁸⁵ *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.*

que estão lá e que você conhece, sabe o que elas estão fazendo ou você olha o corpo de parecerista e quem são?

Luiz Carlos: Participantes da SBEM.

José Luiz: De modo geral, os que estão lá avaliando, queira ou não, estão ou estiveram ligados de alguma forma à SBEM.

Luiz Carlos: Você vê que da SBEM pularam para as políticas públicas que é outra questão. O Programa Nacional do Livro Didático é um programa das políticas públicas que eu já participei, o Paulo Figueiredo⁵⁸⁶ (foi diretor), o Pitombeira⁵⁸⁷ (que é um pouco mais da SBM), que têm ligação também.

José Luiz: O Pitombeira atua no nosso programa de Educação Matemática como professor visitante.

Eronides Bíscola: É, o João Bosco Pitombeira, desde a época da SBM, já tinha tendência para a área, porque naqueles encontros, ele apresentava palestras em cima do Ensino da Matemática, essas coisas.

Luiz Carlos: E hoje, as aulas de Matemática são essas: voltada para compreensão da Matemática e para o professor. Ele não está dando aula de Matemática para o matemático e sim para o professor. Acho que é legal isso daí, é uma visão importantíssima.

Havia outro tipo de ação ou atividades, sem ser o Encontro Regional (ESEM⁵⁸⁸), que eram promovidos pela SBEM-MS?

Luiz Carlos: Eu não lembro de outras a não ser os Encontros Regionais (ESEM⁵⁸⁹). Outros eventos regulares, acho que não tinha.

José Luiz: Regulares não. A gente participava, assim, quando tinha um evento, consultava a SBEM e ela se reunia e dava um auxílio.

⁵⁸⁶ Paulo Figueiredo Lima.

⁵⁸⁷ João Bosco Pitombeira.

⁵⁸⁸ Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática.

⁵⁸⁹ Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática.

Luiz Carlos: Uma palestra esporádica ou outra quando o programa convidava alguém para a banca do Mestrado e aproveitava para dar uma palestra. Lembro-me de que o Sado que veio aqui (que é da PUC), o Geraldo Perez (de Rio Claro), a Maria Aparecida Bicudo⁵⁹⁰. Mas assim não era uma atividade regular que a SBEM.

José Luiz: Regular era mais os encontros mesmo. Até porque não tinha gente para trabalhar e é muito difícil preparar um encontro.

Luiz Carlos: E não tinha dinheiro também, tínhamos que pagar do nosso bolso, era uma fraqueza o caixa da SBEM-MS, não é Zé? [risos]

José Luiz: Na verdade, se pensar nos sócios que realmente contribuíram eram poucos (o que acabava refletindo no dinheiro arrecadado para a regional) e esses desapareciam e você não conseguia fazer com que eles permanecessem.

Luiz Carlos: Em uma época, no estado inteiro, chegou a ter, mais ou menos, cinquenta e poucos sócios.

José Luiz: Já chegou a passar um pouco de cem, mas perdíamos o controle, porque não era a gente que controlava os recursos. Quem recebia era a nacional e eles devolviam uma parte do total arrecadado e a outra parte ficava com eles e essa parte que recebíamos, às vezes, era usada para comprar as passagens para ir a algum congresso ou de alguma reunião da SBEM nacional, por exemplo.

Luiz Carlos: Nós nunca conseguimos coloca-la em todos os municípios. Jamais. Hoje tem 77, mas naquela época tinha menos municípios, mas tinha gente das principais cidades do estado como Ponta Porã, Dourados, Três Lagoas.

José Luiz: Onde tinha os *campi* da universidade havia uma representação da Sociedade, mas naquelas cidadezinhas pequenas, dificilmente, não conseguia chegar. Era difícil trazer algum professor do interior para participar dos eventos aqui para eles se inteirarem sobre o que estava acontecendo.

Vocês se recordam do valor do repasse? Ou valor da porcentagem ou uma estimativa?

⁵⁹⁰ Maria Aparecida Viggiani Bicudo.

José Luiz: Não me lembro direito do valor do repasse, mas acho que era em torno de 30% e como era pouco, não dava para nada mesmo, então nem fazíamos conta se eram 30 ou 40%.

Luiz Carlos: Em termos de valor era difícil.

Eronídes Bíscola: Não há um estatuto da SBEM? Será que lá não reza como que são distribuídas essas verbas? Essas arrecadações?

José Luiz: Tem o Estatuto da SBEM Nacional e lá tem. Chegou um ponto que a SBEM-MS até tinha dinheiro em caixa, mas não conseguíamos movimentar, porque deu um problema com relação à troca de diretoria anterior e esse uso estava difícil, porque o Sales (tesoureiro da SBEM) não podia mais movimentar (mesmo a conta estando no nome dele), aí o dinheiro ficou parado e não podia nem mudar o sistema da conta. Eu conversava com o Sales sobre isso e ele já não sabia mais o que fazer, porque ninguém conseguia mexer na conta. O dinheiro que tínhamos era o valor arrecadado com as inscrições de evento e, assim, comprávamos a passagem de alguém (porque você não conseguia trazer todo mundo pela universidade), hospedagem em um hotel e conseguíamos viabilizar a vinda de palestrantes ao encontro, mas sempre se gasta mais do que arrecada, não é? E mesmo assim, às vezes, as pessoas vinham com dificuldades e aí dava um jeito de ajudá-las um pouco para participar dos encontros, por exemplo. Essa arrecadação vinda da Nacional era mínima, em geral, a gente tentava se manter com o dinheiro da universidade, porque com o dinheiro da SBEM não dava para financiar muita coisa. Hoje, nem a universidade está ajudando muito.

Eronídes Bíscola: Está sim? Para você ter uma ideia, piorou muito.

José Luiz: Está e eu mesmo, várias vezes, vou com o meu dinheiro, porque se você tem um projeto que prevê verba é muita burocracia para iniciar. Eu, como já estou quase me aposentando, não faço mais projeto com verba, porque para prestar as contas vou ter uma dor de cabeça e já não levo muito jeito para a parte burocrática. Toda vez que eu coordenei esses projetos maiores que tinha muita conta, eu me embaralhava e tinha que ficar refazendo tudo e chegava a perder o sono. É muito detalhe burocrático. É interessante isso também, o tempo que você perde para mexer com essas burocracias é tanto, que agora prefiro ficar estudando e fazendo as minhas coisas, porque para o que eu faço, não precisa de tanta verba assim, compro uma ou outra passagem, [risos].

Eronídes Bíscola: A prestação de conta é a parte mais complicada que tem nisso daí, porque tudo tem que bater e a gente não acha importante esses detalhezinhos que têm, podia passar por cima de tudo isso daí.

José Luiz: Eu lembro de que uma vez eu coordenei um encontro estadual da SBEM e aí a Secretaria de Educação tinha prometido colaborar, na época (nunca vou esquecer isso), com R\$700,00 e eu cobrava essa ajuda e nada, até que chegou o dia do encontro e eu já tinha considerado que ela não ia mais dar. Aí depois de um tempo, com o relatório do evento pronto (já estava mandando), eles me ligam falando que tinha chegado o dinheiro, nem acreditei, falei que não queria mais e que podia devolver, porque tinha acabado de fechar o relatório. Aí o rapaz da pró-reitoria me implorou para que eu pegasse esse dinheiro, porque ia ser muito complicado devolvê-lo.

Eronídes Bíscola: [risos]. Que é a outra parte burocrática. Como eu faço para devolver?

José Luiz: Para devolver esse dinheiro ia dar muito trabalho. Perguntaram se não tinha jeito de gastar com material ou qualquer outra coisa e acabamos gastando com a impressão de um caderninho (que tem até hoje) do João Lucas⁵⁹¹, sobre a palestra que ele havia feito durante o Encontro. Não tínhamos nem pensado em imprimir tudo aquilo, mas fizemos para gastar aqueles R\$700,00. Então, eu evitava essas verbas que vinha da SBEM, porque ela não cobria as despesas que a gente teria. O caixa da SBEM-MS começou a ter um pouco mais de dinheiro quando a gente não conseguia mexer na conta e me lembro até do encontro estadual na UNIDERP, em que o Sales apresentou um balanço financeiro. Agora, francamente, essa questão financeira da SBEM é muito complicada, uma coisa de pobre, porque o dinheiro que chegava dos sócios aqui não era muito e era quase como se não arrecadasse nada, vamos dizer assim. Não é que a gente precise, porque não era com esse dinheiro que a gente tocava a SBEM, por exemplo, para realizar os encontros, pedíamos ajuda das passagens para a universidade, mas, como não tinha verba para ir bastante gente, então tentávamos, pelo menos, um ir, ou o presidente ou o vice (um ou dois tinha que ter disponibilidade de estar representando e, às vezes, ninguém nem podia ir, por estar sobrecarregado de trabalho).

⁵⁹¹ João Lucas Marques Barbosa. Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Eronídes Bíscola: Até porque são atividades em que a pessoa tem que participar.

José Luiz: Você tem que ir e não pode ser como figurante: tem que apresentar relatório, participar das reuniões que têm como, por exemplo, na reunião de diretoria da SBEM, tem que estar defendendo uma posição, argumentando e as reuniões da diretoria não eram muito tranquilas, não. Você chegou a participar Luiz?

Luiz Carlos: Não, eu nunca participei.

José Luiz: Nossa, eram tensas.

Eronídes Bíscola: Mas a SBEM com relação às olimpíadas, ela teve alguma participação?

José Luiz: Não, dessas olimpíadas quem participa é a SBM.

Eronídes Bíscola: Eu achei que ela divulgou muito o departamento de Matemática e a necessidade de se conhecer melhor a própria Matemática que se trabalhava em sala de aula. Porque, com certeza, se eu fosse resolver os problemas que nós colocávamos ali, talvez, dentro de uma semana não resolveria todos eles, porque eram problemas complicadíssimos, mas muito interessantes. Isso acabava provocando tanto o aluno, porque ele não ia conseguir resolver todos eles, quanto os professores que tem a responsabilidade de saber resolver aqueles problemas, porque é uma olimpíada para alunos. Então, isso gerava certa preocupação e acabava fazendo com que os professores se interessassem em conhecer melhor alguma coisa e onde estava essa possibilidade? Na Universidade. E quem estava se dispondo a fazer isso? Era esse grupinho que nós estávamos mexendo e aí que a coisa foi.

Luiz Carlos: Aqui foi a Sônia Di Giacomo⁵⁹² quem coordenou, mas se aposentou o ano passado. Não sei agora se vai continuar com outro.

José Luiz: Vai continuar e já tem outro, acho que é a Karina⁵⁹³ que está coordenando.

Eronídes Bíscola: Aconteceram até olimpíadas em nível de estado (envolvendo os Centros Universitários), depois acabamos fazendo algumas só em nível de Campo Grande, mas hoje não sei como é que está.

⁵⁹² [Sônia Regina Di Giacomo](#). Foi professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵⁹³ Karina Miranda D'Ippolito Leite. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Luiz Carlos: O Eron, um trabalho que nós fazíamos era ir a alguns cursinhos divulgar o curso de Matemática (não sei se está na hora de falar, vai ficar um pouco deslocado talvez). Falávamos para os alunos fazerem Matemática, porque é importante. [risos]

Eronídes Bíscola: Você vê o quanto que, naquela época, o pensamento que as pessoas tinham com relação à Matemática era que ela metia um medo, tinha uma preocupação, porque perguntavam por que a gente estava reunido, o que estávamos tramando, se queríamos tomar as coisas para chegar ao poder... Porque era tamanha a participação da Matemática em tudo o que acontecia dentro da Universidade que acabava, realmente, suscitando esse tipo de preocupação. Eu tenho um ofício para o Departamento de Matemática participar do cursinho da... Para ir divulgar.

Luiz Carlos: Na MACE⁵⁹⁴. Para falar do curso e o que é ser professor de Matemática. Lembra-se daquele cursinho? Daquele professor japonês que era do Dom Bosco⁵⁹⁵ e que depois fundou um cursinho para ele, um colégio? Íamos com ele e divulgávamos o curso para os garotos do terceiro ano do Ensino Médio e mostrar que entre as opções do vestibular também podia fazer para Matemática.

Eronídes Bíscola: Isso, para mostrar o quanto que, na época, a Matemática estava engajada em tudo. Veja, esse era o cursinho da MACE, mas por trás da MACE, tinha o CESUP⁵⁹⁶ (hoje a UNIDERP), então eles não tinham o menor interesse de ter alunos deles disputando um vestibular de Matemática, o interesse era o que? Era a Medicina, era a Engenharia, a Odontologia, porque são esses cursos que dão IBOPE⁵⁹⁷. Você já viu em algum lugar na rua, um *outdoor* escrito assim: “*O primeiro aluno do colégio tal passou em Matemática*”? Acho que não tem isso no Brasil, porque não tem interesse em conhecer algo desse tipo.

Luiz Carlos: Não rende muito para o cursinho, não. [risos]

⁵⁹⁴ Colégio MACE.

⁵⁹⁵ Colégio Salesiano Dom Bosco.

⁵⁹⁶ Centro de Ensino Superior “Prof. Plínio Mendes dos Santos”.

⁵⁹⁷ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

Eronídes Bíscola: Então, convidar alguém da Matemática para ir lá falar e divulgar o curso deles é porque a Matemática estava com muita evidência. Foi só por isso também que aconteceu.

Vocês viam alguma relação nas atividades realizadas pela SBEM-MS e o professor do ensino básico?

Luiz Carlos: Nós chegamos a comprar tábuas, fabricar muitos Geoplanos, aqueles joguinhos do Teorema de Pitágoras, aquelas plaquinhas, os tangrans... [risos], e vários professores do interior começaram a utiliza-los em sala de aula. Não sei se isso deu muito certo, mas nós divulgamos esse tipo de coisa e algum resultado teve nesse sentido de usar. Estou dando esse exemplo de material concreto, porque sempre animava muito os professores com aqueles joguinhos do Teorema de Pitágoras, o Geoplano (lembro-me até que o pessoal de Nova Andradina o fez), com o Tangran. Eu cheguei a Rio Verde⁵⁹⁸, Coxim⁵⁹⁹, e tinha professor do estado mexendo com esse material, então eles aprendiam nesses cursos que fazíamos, nos minicursos que dávamos sempre nos ESEMs e acho que alguma influência, nesse nível, houve.

José Luiz: Quando a Iraci coordenou aquele Pró-ciências⁶⁰⁰, você também participou não foi Luiz?

Luiz Carlos: Como palestrante.

José Luiz: E eu também participei viajando.

Luiz Carlos: Pró-ciências.

José Luiz: Eu também participei, mas viajando. A Educação Matemática montou uma grande equipe e foi acompanhar o desenvolvimento do projeto nas cidades do interior e os professores também vinham para cá e muitas ideias foram ali divulgadas, por exemplo, no programa pró-ciências tinha a ideia de trabalhar com problemas, ou seja, usar a perspectiva interdisciplinar trabalhando com problemas, que era o que a gente, de certo modo, já fazia.

⁵⁹⁸ Município do estado de Goiás.

⁵⁹⁹ Distante 254,4 km da capital Campo Grande - MS.

⁶⁰⁰ Programa governamental que objetiva a melhoria do Ensino Médio nas disciplinas de Matemática, Química, Física e Biologia.

Eronídes Bíscola: E um parêntese interessante aí é o seguinte: por que nós que acabamos participando? E por que nós conseguíamos nos infiltrar e participar nisso aí? Eu estava pensando esses dias e lembro-me de que tínhamos o pessoal das Secretarias (formada em Matemática) fazendo os nossos cursos aqui de reciclagem (dentro da universidade) e esse pessoal é que acabou divulgando, provavelmente, o Departamento de Matemática lá dentro, a ponto de ele ser convidado a participar e que, para nós, foi muito interessante.

José Luiz: Era um trabalho já feito. Por exemplo, agora no PNAIC eu fui o coordenador adjunto da área de Matemática e quando pediram para indicar algumas pessoas, eu propus aquelas do Mestrado de Educação Matemática que entendem bastante disso e aí se for ver, lá tinha uns dez do nosso programa, que participaram ativamente, tanto que os próprios pedagogos ficaram assustados, porque eles acharam que a Matemática ia ser uma coisa figurativa. No final, todo mundo falou que da segunda etapa o que mais valeu foi a Matemática, porque eles pensavam que era uma coisa e era outra e que antes só tinha o cantinho de leitura, mas agora eu posso fazer também o cantinho da matemática. Não pensavam que era tão interessante trabalhar com materiais, com problemas... Porque a proposta era interessante, mas tinha que ter gente que entendesse aquilo e que desse vida e nós discutimos muito. Foi muito interessante.

Luiz Carlos: Talvez a grande dificuldade seja isolar a SBEM das outras coisas, porque o grupo era pequeno, só nós mesmos e, também, tinha o pessoal que estavam naquelas parceladas, então as mesmas pessoas que faziam o curso estavam na SBEM, nos encontros regionais, alguns vieram do Mestrado que também faziam parte da sociedade. Então no fundo, como nós éramos poucos, eram sempre as mesmas pessoas. Então não tinha um projeto exclusivo da SBEM, havia um entrelaçamento com várias coisas e estou me lembrando dos cursos das parceladas, por exemplo, em que nós fomos a várias cidades para dar capacitação para os professores do interior da Secretaria de Educação. Isso não era da SBEM, mas quando chega lá...

José Luiz: Mas na realidade, a gente no fundo era membro da SBEM também.

Luiz Carlos: Eu lembro de que eu e o Zé fomos em mais de quinze cidades, para dar cursos para a Secretaria de Educação e não era um projeto exclusivo da Sociedade, mas estava lá o pessoal da SBEM, então os projetos se entrelaçavam, mas assim, acho que não se pode analisar isoladamente a SBEM. Eu me lembro de um professor de Ponta Porã que não tinha diploma de

professor de Matemática, mas ministrava aulas há quase trinta anos e se habilitou no final da carreira (ele fazia parte de todas as reuniões lá, mas eu não me lembro mais do nome dele). Ou seja, esses projetos que eram desenvolvidos na época como o curso das parceladas, a capacitação financiada pela Secretaria de Educação para atender, o Mestrado, entre outros, tinham a colaboração de pessoas da SBEM, mas não era uma ação exclusiva dela, até porque ela não tinha porte para isso. Então nós formamos uma rede composta por poucas pessoas e nos entrelaçávamos de modo a participar de todos esses projetos. Lembra-se do SESI⁶⁰¹ que nós participamos Zé?

José Luiz: Sim.

Luiz Carlos: Um colégio alto, acho que era o Colégio Osvaldo Cruz, que ficava ao lado do Mercado Municipal. Não era da prefeitura aqueles cursos, eram vários sábados e funcionava em um prédio particular.

José Luiz: Não. Aquilo lá era para professores da rede, viu Luiz? Cederam aquele prédio por questão de localização estratégica.

Luiz Carlos: Aplicamos cursos tanto para a prefeitura de Campo Grande e para o estado, para o Mestrado, para a licenciatura (com esses projetos), no curso normal e a SBEM. Então no fundo era uma série de projetos entrelaçados que não era assim: esse projeto é da SBEM e esse não é, mas tinha gente da SBEM unido. Eu acho que é uma maneira de olhar e não falar que é uma coisa isolada.

José Luiz: É! Ela vai somar com ações que já tem, por exemplo, esse PNAIC é um projeto do MEC⁶⁰² e é o pessoal que atua na Educação Matemática que estava envolvido, não pode dizer que é a sociedade em si que foi lá, mas eles são da sociedade e tem o interesse. Mas você vê que isso tudo aqui é gente da SBEM.

Luiz Carlos: Mas nesse olhar vale tudo, nas Diretrizes Nacionais, por exemplo. É isso que eu estou falando, não era um projeto da SBEM, mas tinha gente da SBEM (do grupo) envolvido em um projeto nacional.

⁶⁰¹ Serviço Social da Indústria.

⁶⁰² Ministério da Educação.

José Luiz: Ela não estava oficialmente, mas estava, assim como está no PNLD, por exemplo. Não é que o MEC vai à SBEM e pede para indicar tais pessoas, essas pessoas que vão lá participar estão nesse grupo.

Luiz Carlos: Até que ponto a gente tem interesse em dizer que não é da SBEM? Não é um projeto formal da SBEM, mas as ideias estão por trás fomentando e aqui nós funcionamos assim. Não sei se você chegou a mencionar, Zé, o primeiro curso de especialização em Educação Matemática que houve no departamento e se você foi professor desse curso, antes do Mestrado...

José Luiz: Que a Marilena também participou.

Eronídes Bíscola: Eu estive neste curso. A Denize (de Ponta Porã) fez esse curso, o Adaim⁶⁰³, o Sales...

Luiz Carlos: O Felice também e aquela menina que se doutorou na PUC depois, acho que é Auriluci⁶⁰⁴ (que virou militar).

José Luiz: E depois ela fez doutorado na PUC-SP, trabalhando com Ensino de Álgebra.

Luiz Carlos: Agora não vou dizer que é um projeto da SBEM, que há uma barreira entre o que é e o que não é. Então, não é um projeto criado pela SBEM, mas as pessoas (em São Paulo, no Rio eu não sei como funcionava) que trabalhavam aqui eram poucas, porque é um estado pequeno e não tinha condição de separar. Então são vários projetos que citamos e que estão envolta da SBEM como: iniciação, a licenciatura, as parceladas, o treinamento da rede da SEMED, da SED⁶⁰⁵, os eventos particulares, o Mestrado em Educação, o Doutorado em Educação... O Doutorado em Educação que o Sales fez, o Tarcísio, a Vera Matos (acho que ela não é da Matemática) e outros.

José Luiz: O Felice, a Marilena e o Dejahyr⁶⁰⁶ também fizeram.

Luiz Carlos: Doutorado e o Mestrado em Educação, a especialização em Educação Matemática no departamento, chegou até aqui esse curso de Matemática no Mato Grosso do Sul e que depois

⁶⁰³ Sem mais referências.

⁶⁰⁴ Auriluci de Carvalho Figueiredo.

⁶⁰⁵ Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul.

⁶⁰⁶ Dejahyr Lopes Junior.

retrocedeu, porque criaram tantos. Até que ponto você vai dizer que esses cursos não são da SBEM? Não é que ela criou esses cursos, não é isso que eu estou dizendo, mas que ela penetrou nesses cursos.

José Luiz: Na Semana da Matemática, por exemplo, a gente fala isso.

Luiz Carlos: Os minicursos de Matemática de Nova Andradina foi o Sales quem fundou e que antes estava o Felice e, como faziam parte da SBEM, eles levaram essa mensagem para sala de aula dos cursos de licenciatura também. Então, é mais importante ver as relações entre essas instituições do que projetos isolados da SBEM. Não sei, porque se olhar isoladamente tem pouca coisa ou quase nada, fora esses encontros regionais. Eu acho que havia essa relação das atividades com o professor do Ensino Básico, através desses canais: capacitando-os para receber o diploma do curso de Matemática ou a licenciatura ou fazendo especialização e pegava também a revista da SBEM e trabalhava esses artigos! Então, eu acho que havia uma inserção. É difícil avaliar, assim, a qualidade do resultado final, mas com certeza as mensagens que vinha pela SBEM das revistas, das publicações, acabavam permeando não é Zé?

José Luiz: É. No começo era só revista, depois começaram a aparecer outras publicações.

Vocês percebem alguma relação entre a criação da SBEM e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos daqui do estado?

José Luiz: Olhando agora para a relação entre a SBEM e o fortalecimento de um grupo de educadores matemáticos daqui do estado, eu acho que foi justamente a criação do grupo de educadores que surgiu, que permitiu a criação da SBEM, porque ela não teria nascido aqui se não tivesse esse grupo já formado, até porque o desafio da SBEM ainda é penetrar nas massas de professores. De Norte a Sul do Brasil, de modo geral, quem participa mesmo da diretoria são todos de uma elite de pesquisadores e essa participação ativa dos professores ainda está por acontecer, quer dizer, é uma meta que se espera atingir na medida em que criamos mais massa crítica, mas se não tivesse essa comunidade de pessoas interessadas em estudar essas questões, investigar, criar grupo de estudo (que tinha até tempo, interesse e condições) a SBEM não teria nascido, não! Esperar os professores se organizarem para criá-la? Aí não ia! Até porque, digamos, para participar em nível nacional dessas políticas, eles acabariam tendo dificuldade, não é? Quem que ia participar dessas discussões mais amplas?

Luiz Carlos: Eu até vejo isso com um pouco de clareza e acho que não pode ser muito modesto, pelo seguinte, ela foi fundada em 1987 e nós participamos desse movimento nacional. Voltamos do congresso em Maringá para Mato Grosso do Sul e, no segundo semestre, tentamos fundar as primeiras organizações da SBEM-MS.

José Luiz: Antes de sair para o doutorado, você já queria deixar tudo pronto.

Luiz Carlos: Eu queria sair no ano seguinte para a França e sai um ano depois, em junho de 1988. No primeiro semestre, organizamos tudo e, nesse momento, eu fui para a França. Mas assim, não foi nenhuma glória minha, porque estava lá o Eron dando apoio para eles, o Zé no departamento...

José Luiz: Tem o teu mérito sim, porque você teve a coragem Luiz e você não sabia o que ia encontrar na França.

Luiz Carlos: É como estivéssemos em uma guerrilha, eu fui na frente para ver como que era.

José Luiz: Eu falei: - Vai e depois você me dá notícias... [risos].

Luiz Carlos: Então, foi o início de um grupo de pesquisadores que foi outro momento, não é Eron? Você estava militando na administração, da política universitária e eu fui para França.

José Luiz: O Luiz se preparou tanto que levou até um papel que tinha anotado como lavar roupa e um monte de coisa.

[risos]

Luiz Carlos: Naquele tempo, mandei um telegrama lá do interior para Brasília pedindo a bolsa, passaram uns seis meses e chegou a resposta falando que eu não estava excluído [risos]. Depois mais três meses, chega outro telegrama falando que eu havia passado para a próxima etapa e que era para eu levar os documentos. Neste tempo de espera, eu fui estudando francês, porque tinha que prestar a prova da qualificação. Até chegar o momento deles falarem que eu tinha trinta dias para apresentar o documento da proficiência em francês e aquilo me deu um desespero [risos].

José Luiz: O Luiz foi e comprou uma revistinha “*Aprenda francês em trinta dias*”.

Luiz Carlos: Pelo amor de Deus, eu estudei francês na Madame Francisca (é uma dona francesa) e tinha aula todo dia e falando francês com ela e fiz as provas teóricas, (verbos, dicção, leitura, etc.) e fui aprovado para começar o curso. Mas isso não foi suficiente, porque me deu

um desespero de não conseguir falar, a linguagem dá um trabalhinho e fiquei com medo de voltar [risos]. Aí eu corri na banca de revista e comprei “*Aprenda francês em trinta dias*” e nele tinha algumas frases prontas, por exemplo, tinha escrito “*eu sou brasileiro*”, aí tinha escrito em francês “*Je suis Brésilien*”⁶⁰⁷, embaixo a pronuncia. Tinha três frases e eu só olhava a debaixo.

[risos]

Luiz Carlos: Muito engraçado. E aí têm as questões pessoais, faltavam trinta dias para embarcar para França e a Maria descobriu que estava grávida e não podia ir e aí foi outro desafio. Por exemplo, aquele problema que aconteceu com a vinda de Brasília, é outro momento, porque eu tinha minha costa larga aqui com o Eron, o Zé, a Marilena que me deram força para aguentar. Então eu acho que nasce um novo momento da área de pesquisa. Que ano você foi para França Zé?

José Luiz: Eu fui para a França em 1989 e lembro-me de que a universidade estava em festa, comemorando setecentos anos de existência.

Luiz Carlos: Então, eu acho que a SBEM contribuiu para isso. Quando eu estava participando lá em Maringá da criação nacional, todo mundo já sabia que eu ia para França naquela época. Foi muito bom, porque marcou um período. Lembro-me de que quando ficamos sabendo que o Collor⁶⁰⁸ foi eleito e que tinha confiscado a poupança, nossa... Fiquei desesperado querendo saber o que estava acontecendo aqui no Brasil e ficava tentando entender o que estava passando... Muito caipira. Eu fui sem conhecer nada e pensava que ia ficar sozinho no primeiro ano. Minha filha está indo com um grupo de quatorze alunos para a Austrália daqui uns dias, vão parar no Chile (para curtir quatro dias) e de lá vão pegar o avião para a Austrália. No meu tempo? Pelo amor de Deus, eu peguei o avião aqui, Zé, e não sabia como eu ia para o hotel, só sabia que eu ia descer em Montpellier⁶⁰⁹.

José Luiz: O Micali não morava em Montpellier, morava em outra cidade próxima, que chamava Perols.

⁶⁰⁷ Eu sou brasileiro.

⁶⁰⁸ Fernando Affonso Collor de Mello.

⁶⁰⁹ Cidade francesa.

Luiz Carlos: Mas ele não estava lá nessa época, esse era o problema, porque se ele estivesse lá, ele ia me receber no aeroporto. Mas antes de ir, fui a São Paulo atrás dele e ele falou para procurar um rapaz que trabalhasse no aeroporto para me explicar como funcionaria, porque eu tinha que trocar de aeroporto (você chega a Paris, vai para o aeroporto de Orly e de lá pega o avião para Montpellier), mas só essa operação era muito difícil para mim, porque não falava francês direito. Aí cheguei ao rapaz que presta informação e você tem que perguntar em francês: “De qual porta parte o ônibus para o outro aeroporto?” [risos]. Aí o rapaz disse para eu falar em português! Ele era português.

[risos]

Luiz Carlos: Pelo amor de Deus! E aí, quer dizer, apesar de todas as dificuldades (que não dá para descrever aqui), fico pensando que, naquele momento, nasce uma nova época, não é Zé? Uma nova época de pesquisa, de desenvolvimento e então eu acho que para a constituição de um grupo de pesquisa, de área de pesquisa, de desenvolvimento, a SBEM foi importante, sobretudo no momento de euforia da criação. Hoje eu tenho consciência de que a área não nasceu ali (ela foi batizada), mas nasceu muito antes. Então, eu não posso dizer que a SBEM nasceu em 1987, de jeito nenhum! Nasceu no cartório, mas você tem que levar em conta todos os movimentos que houve na década de sessenta (mesmo na década de cinquenta e seis), os Congressos Brasileiros de Ensino de Matemática (que são quatro). Hoje a gente entende, com muita clareza, que é muita petulância você falar que a SBEM foi criada em oitenta e oito, não é isso! Isso é uma ilusão, é uma questão burocrática, porque, naquele momento, foi possível registrar, em cartório e convergiram as forças. Naquela época, eu não tinha essa visão que eu tenho hoje, pensava que estamos criando uma revolução no país e então quando nós criamos a SBEM no Mato Grosso do Sul, eu acho que nasce uma comunidade de pesquisadores formalizados, uma grife – Educação Matemática – com esse nome, com esse rótulo e aí nós somos educadores matemáticos que pesquisamos e projetamos nessa área, passa a surgir o Mestrado, a especialização nessa área, bate tanto nessa palavra e então nasce a área. Eu acho que não tinha muito apoio, mas era mais um apoio emocional. Não sei se eu falei bobagem Eron.

Eronídes Bíscola: Não...

Luiz Carlos: Você tinha uma visão politizada e surge a possibilidade de você começar a fazer as coisas, porque você tinha um olhar mais panorâmico da universidade, nós estamos mais na Educação Matemática.

Eronídes Bíscola: Mas eu acho que a linha do Luiz está correta com o momento que nós vivemos. Muitas coisas estavam acontecendo que ajudaram (como ele colocou) a nível nacional, porque tinha muitas preocupações e, talvez, esse movimento não era só aqui e estivesse esparramado pelo Brasil inteiro e que culminou que nesse ano, de 1988, foi possível a criação.

José Luiz: Agora, podia ter passado por esse movimento e não ter ido ninguém daqui, não é?

Eronídes Bíscola: Será?

José Luiz: A porta abriu e o Luiz falou que ia.

Luiz Carlos: Olha, Zé e Eron, sabe de onde que saiu o dinheiro da minha bolsa da CAPES? Saiu daquele PREMEN⁶¹⁰ lá atrás que você, Eron, coordenou parte do projeto. Eu acabei vendo uns documentos aqui (que eu tenho até hoje) que a minha bolsa, lá de Brasília, quando foi concedida era com verbas desse Projeto Nacional de Melhoria do Ensino de Ciências Matemática do Brasil, então você vê em termos de políticas públicas (uma coisa que eu não tinha visão) e outra coisa, quando eu voltei, tinha vinte doutores no Brasil com esse nome, na França tinha quatro: o Tadeu⁶¹¹, o Mércles⁶¹² e a Ana Paula Jam que era a mais nova. Mas eu cheguei a contar quatro que eram da Educação Matemática.

José Luiz: Tinha o Raul⁶¹³, mas ele era da história. E o Tarcísio Falcão Jorge?

Luiz Carlos: Ah sim! De Recife, ele é realmente um cara brilhante. Você o conhece? Ele é um cara que mais conhece (eu falo isso) psicologia da Educação Matemática no Brasil e tem uma cultura, assim, invejável. Ele é meu contemporâneo, ele fez em Paris e eu em Montpellier. Há uma grande diferença, porque de Paris à Montpellier tem 900 km ou 800 km e Montpellier fica ao lado (pertinho) dos espanhóis e dos italianos. Então, quer dizer, Montpellier é latino, não

⁶¹⁰ Programa de Expansão e Melhoria do Ensino.

⁶¹¹ Tadeu Oliver Gonçalves. Professor do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁶¹² Mércles Thadeu Moretti.

⁶¹³ Sem mais referências.

tem nada a ver com o Norte. O meu orientador, Gérald⁶¹⁴, cantava, tocava piano, dançava... Francês do Norte não fazia isso, eles são muito recatados. Não tem nada a ver.

José Luiz: Na França há um certo preconceito com os habitantes da região Sul do país, é como se fosse o nosso Nordeste, porque é quente, gostam de festa, são mais devagar...

Luiz Carlos: Eu tive muita sorte, porque se eu fosse para a região Norte da França, Lille ou mesmo Paris, talvez eu não tivesse resistido.

José Luiz: São mais frios, em todos os sentidos.

Luiz Carlos: Muito frios. O índice de depressão é muito maior e o Tarcísio que fez lá em Paris. Então, quer dizer, o dinheiro saiu do PREMEN (e não pela SBEM) e eu fui na euforia da criação da Sociedade e envolvido no clima do nascimento de uma área no estado. Já registrei a questão de que quando o Zé estava lá na França, fazendo o doutorado, alguém daqui estava votando para cancelarem a liberação dele e ele voltar para o Brasil?

José Luiz: Isso eu não sabia. Você falou, mas eu achei que era brincadeira.

Luiz Carlos: Eu era coordenador do curso de Matemática, alguém não estava contente pelo fato de você ter saído para Educação Matemática e propôs no Conselho de Centro que votasse no seu descredenciamento (para voltar da França) para fazer doutorado em Matemática, porque você tinha competência e não podia perder tempo com essa porcaria de Educação Matemática.

José Luiz: Depois que eu já estava lá?

Luiz Carlos: Já estava lá! Você nem ficou sabendo disso na hora, mas depois eu te contei. Foi o maior problema, porque vai que no conselho de Centro isso passa? E eu era coordenador da Matemática, então eu me matei nos bastidores...

José Luiz: Aconteceu isso mesmo Luiz? Achei que era brincadeira ou gozação.

Eronídes Bíscola: Isso foi em que ano?

José Luiz: Em 1991.

Luiz Carlos: Quando você voltou, essa pessoa não estava mais no Departamento e não vale a pena...

José Luiz: Até imagino quem seja.

⁶¹⁴ Gérald Audibert.

Luiz Carlos: Mas deixa para lá! Está perdoado.

[risos]

Luiz Carlos: Mas assim Zé, eu acho que era mais uma bravata e uma irresponsabilidade, porque você gasta dinheiro para se instalar, paga tudo e depois eles propõem para cancelar sua liberação? É uma bravata irresponsável, mas vai que passa uma loucura dessas?

José Luiz: Ainda bem que você nem me contou quando eu estava lá.

Luiz Carlos: Mas está bom. Acho que contei mais do que precisava.

[risos]

José Luiz: Mas são detalhes que são importantes.

Luiz Carlos: É. Faz parte da história.

José Luiz: Só um parêntese, o Eron falou que saiu faz tempo da SBEM e o Luiz também, mas eu continuo na SBEM, mas não tenho mais a mínima pretensão de ocupar qualquer cargo, qualquer coisa. Participo mais porque era sócio e gosto, acho que deve ter uma sociedade defendendo, converso, por exemplo, se precisar dar orientação, documentos, essas coisas. Acho que a SBEM, por enquanto, é uma maneira da gente estar organizado.

Luiz Carlos: Não tenho nada contra a SBEM.

[risos]

Eronídes Bíscola: Mas é importante. Eu queria saber mais ou menos como está a luta, porque isso acontece naturalmente com todo mundo e chega um momento que a gente acha que já contribuiu e que é o momento de parar e outros devem dar continuidade.

José Luiz: Olha, converso sempre com o Viola⁶¹⁵ e tento, na medida do possível, ajudar em tudo que puder. Sinto ele gostaria de ver a SBEM popular, a SBEM atuando em projetos junto com as Secretarias de Educação e atuando em projetos de formação continuada para professores, ou seja, envolver os alunos e ex-alunos de Educação Matemática, enfim, mostrar a nossa cara por aí. Não só nas pesquisas, mas nas ações práticas e que, de certa forma, tem feito algumas coisas como as jornadas, por exemplo. É uma maneira de unir teoria e prática, não adianta a gente ficar só produzindo remédios e não dar para os doentes, acho que é um

⁶¹⁵ João Ricardo Viola dos Santos. Professor do Instituto de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

desafio grande, porque no Brasil, digamos, 99% das SBEMs não conseguem fazer essas coisas e acredito que é um passo largo a ser dado para alcançar a popularização.

Luiz Carlos: Acho que cada um contribuiu com a sua competência: o Eron, com sua competência matemática, com aquela coisa política, de saber falar e orientar; o Zé, com essa calma, acho que contribuiu demais; e eu também contribui da minha maneira e cada um com suas competências, não é Eron, que bom que somos diferentes!

Eronides Bíscola: É uma palavrinha interessante que o Zé colocou em termos da coragem do Luiz é que, naquela época, não era muito fácil se afastar de tudo para fazer um Mestrado dentro do Brasil, imagina você se afastar para fora do país? Porque você tem que deixar a família e os afazeres todos. Olha, não é uma coisa simples não e tem que ter muita coragem.

Luiz Carlos: Com certeza. No meio do meu doutorado eu fiquei sabendo que minha mãe estava com câncer e ela acabou falecendo.

José Luiz: A minha também. Na verdade, quando conseguiram falar comigo, ela já tinha sido enterrada e eu estava com a passagem comprada para vir ao Brasil. Mas você ainda conseguiu ver a sua mãe.

Luiz Carlos: Eu estava na França e minha irmã me telefonou falando que minha mãe estava com câncer, que já tinha operado do estômago e que o estado dela era grave. Eu não podia ir naquele momento, porque para eu sair da França tinha que pedir autorização do Ministério da Educação e ia levar uns trinta dias para eles me responderem. Neste tempo, no meio dessas questões todas, minha irmã me telefona e fala para eu ir o mais depressa possível, porque ela ia para o hospital. Então, a minha cabeça entrou em paranoia, porque eu sempre fui, Eron, de acatar as instituições, acerto, assino, procuro cumprir as obrigações... Mas eu sempre tive claro o seguinte: em certos momentos, você tem que tomar uma decisão e responder por elas, então, nessa situação, eu só tinha duas opções: ou eu acatava a legislação, pedia autorização do MEC e esperava trinta ou quarenta dias para poder viajar ou eu viajava a reueria. Então, eu optei naquela que eu vou a reueria (sem avisar o MEC), mas ficava constatado que eu estava em Montpellier e nem avisaria a universidade que eu ia viajar. Comprei a passagem, peguei o avião, desci aqui e daqui peguei um ônibus para Minas Gerais. Mas na noite que eu fiquei aqui (para pegar o ônibus no outro dia), fui ao mercado fazer compra e lá encontro com o coordenador de

pesquisa da universidade que me perguntou se eu não estava na França, falei que estava na França e aqui.

[risos]

Luiz Carlos: Naquele momento, eu não tive essa clareza de falar que a minha mãe estava com câncer e peguei um avião em Montpellier sem autorização. Eu não consegui, fiquei bloqueado naquele segundo e falei que ia dar problema, mas se eu fosse ele, eu faria mesma coisa. Ele chegou à universidade, na hora, pediu um relatório para o pró-reitor para provar que eu estava estudando e se não estava fazendo alguma coisa errada. Mas tudo bem, naquele momento, isso não me abalou e eu fui fiquei com minha mãe quarenta dias e ela faleceu nos meus braços. Eu fiquei quarenta dias fora da França (trinta dias com ela) e nunca me arrependi! Nunca! Só que nesses trinta dias, estava rolando um processo, mas eu nem liguei, só depois que a enterrei, peguei um avião e voltei para a França, já transtornado e chegando lá, o Gérald (meu orientador, um pouco mais velho do que eu) falou que havia perdido o pai e ele me consolou. Retomei o trabalho e fui responder por essa coisa errada que fiz, mas provei que não tinha má intenção naquela coisa. Mas eu nunca me arrependo, porque a decisão era um caso extremo, de ver e estar com a sua mãe nos últimos momentos e nunca me arrependi disso e aí Zé, o que aconteceu? Aconteceu um fenômeno, porque eu fiz duas viagens: essa e no nascimento do meu filho, Luisinho, e depois a Maria foi com ele para lá.

José Luiz: Eu me lembro de que cheguei a ir com a Maria ao médico, ela morava sozinha no apartamento.

Luiz Carlos: Com isso, eu fiquei desesperado na França e estudava igual um louco.

José Luiz: Já estuda igual um louco e ele tinha uma pilha de papel enorme. [risos].

Luiz Carlos: O Zé fez em quatro anos, normal, mas eu fiz em três. Eu fiquei em um estado tão estressante com esses eventos que eu enfiava a cara na tese e tive muita sorte de ir caminhando. O Gérald é um cara fantástico! Um francês diferenciado em termos de como ele me recebeu na Europa. Então, quer dizer, são momentos de dificuldades. Foi bom. Foi excelente. Obrigado por registrar isso.